

TORMENTO
DE
AMOR

CHRISTINE MONSON



Tormento de Amor

Copyright 1984© por Christine Monson

Copyright 2019© MR

Christine Monson

STORMFIRE

Edição Digital

Romance de Época

Tormento de Amor © Copyright 2019 — MR

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é total e simplesmente uma coincidência.

Tradução: E. Santos

Revisão: Dee Silva

Capa: MR

Epub: Dee Silva

Índice

SINOPSE

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

NOTAS

GELO E FOGO

— Agora, Catherine. Ataque agora, ou ceda.

Ela empurrou a faca para a frente, mas no último momento olhou nos olhos que refletiam a tempestade. Esse homem estranho e pensativo se tornara parte dela. Assustadoramente, ele precisava dela, embora ela negasse com raiva e orgulho pelo que tinha feito.

Quando a faca caiu no convés, uma mancha de carmesim sobre o coração do irlandês espalhou-se contra o peito dela enquanto ele a abraçava e esmagava a boca nos seus lábios frios, beijando-a como se a tempestade que se abateu sobre eles estivesse centrada em seu peito e sua alma. A paixão subiu em ondas de fogo, derramando-se sobre a borda do mundo, uma descida ao inferno, corpos trancados em uma fusão de desejo fundido...

SINOPSE

Raptada em seu caminho para o colégio interno, uma aterrorizada Catherine Enderly foi trazida da Inglaterra para a costa da Irlanda, ela era prisioneira de um jovem raivoso e poderoso chamado Sean Culhane - um homem que jurou vingança contra sua família.

Assustada, mas desafiadora, a jovem condessa demonstrou a seu captor uma força que desmentia sua frágil beleza. Mas mesmo quando Sean prometeu se vingar de Catherine, a cada encontro ele se sentia mais atraído por ela. Sua ardente inocência era uma sedução que atraía as paixões de longa hostilidade para um ardente inferno de desejo.

Preso em um duelo de amor e ódio, ele não suspeitava que a beleza cativa que lutava contra ele com tanta tenacidade, lutava desesperadamente contra seus próprios desejos despertados, e que seu toque se tornara o lembrete ardente de que o ódio feroz que ela sentia por ele se tornara um amor que tudo consome.

CAPÍTULO 1

PENAS DE AÇO

Toc, toc, toc. Alice mudou sua arma inusitada e seu peso considerável ao mesmo tempo. Toc, toc, toc, o pé largo da babá estava batendo no chão. Ela olhou furiosa para a jovem criatura angelicalmente serena que tinha a cabeça enfiada sob travesseiros de ponto de cetim. A pequena Catherine, não era nenhum anjo!

Catherine era uma atrevida. Com ossos pequenos, graça grotesca e uma indisciplinada confusão de cabelos negros tão finos que parecia se tornar azul, ela geralmente se parecia com um moleque de má reputação por causa de sua indiferença em se vestir. Seus olhos notáveis, amendoados, fortemente arredondados, eram de um azul iridescente tão inquieto na sombra quanto opalas. Eles nunca tinham sido os olhos de uma criança, a menos que a criança fosse o próprio Urano.

Alice esperara que no ano passado em Bath veria Catherine evoluir para uma jovem lady da moda, mas quando Catherine chegou em casa para as férias de Natal, ela parecia pouco diferente da moça espreitada que se misturava inconscientemente com os filhos dos servos. Não era incomum em Windemere ver cozinheiros novatos e duques puxarem a mesma corda em Cabo de Guerra enquanto uma Catherine enlameada gritava encorajamento e se arrastava com eles. O rosto de Alice ficou melancólico.

Catherine, filha de John Enderly, visconde de Windemere e condessa por sua própria conta, fora enviada à Academia de Damas em Bath depois da morte de sua mãe, cinco anos antes. Cartas sobre Catherine vindas daquele estabelecimento eram desaprovadoras. Na opinião das diretoras da escola, a condessa tinha feito demais e, graças a seu pai diplomata, vira muito do mundo para uma garota que ainda não tinha dezessete anos. A moça poderia ser versátil em quatro línguas, mas podia ser pega sendo insolente em qualquer uma delas. Suas colegas de escola invariavelmente seguiam seu exemplo, seja lendo discursos sobre a igualdade feminina de uma certa mulher italiana, Gaetana Agnesi, ou esgueirando-se em roupas masculinas para entretenimentos inadequados. O visconde achava divertido, mas Alice, ciente das dificuldades da adaptação de Catherine à escola, sentia pena dela.

A posição de Catherine languidamente mudou, e a simpatia de sua velha

ama de leite evaporou enquanto franzia o cenho para a ofensiva ilícita da anatomia. Alice poderia ser iletrada, mas ela sabia o que significava — Vamos. — Ela deveria prever problemas a uma semana da véspera de Natal, quando contou a Catherine sobre o guarda-roupa parisiense que o visconde comprara para ela. Ela deveria ter sabido que Catherine deduziria que o novo guarda-roupa trazia um cheiro de pretendentes junto com lavanda inocente. Um olhar de bruxa tinha cintilado através dos olhos extraordinários de Catherine, e para o desalento de Alice, ela escolheu usar o mais ousado dos novos vestidos para cumprimentar os convidados para o jantar de Natal. A seda carmesim do sári, com cores iridescentes e flamejantes, envolvia seu jovem corpo como magia, e Alice agora tinha certeza de que o problema que se formou naquela noite havia transbordado. Só de pensar nisso fez seu temperamento ferver. Seu pé, interrompendo suas batidas impacientes no chão, desceu com uma rachadura peremptória.

Os travesseiros explodiram e Catherine subiu os escombros da seda. Ela piscou fracamente, surpresa ao ver Alice com sua touca de dormir sobre a cama e um florete em seu punho cerrado.

— O que na terra... Alice, o que você está fazendo? Você perdeu a cabeça?

A mulher mais velha deu uma gargalhada: — Nua, eu vejo. Onde está sua camisola?

Os olhos de Catherine clarearam, depois assumiram a indiferença estudada de um gato.

— Na cômoda, — ela respondeu friamente. Alice era um amor, mas também uma tirana. Além disso, ela tinha uma ideia de onde esta discussão estava prestes a levar. — Desde quando você se preocupa com o que eu uso para dormir?

— Desde que aquele fanfarrão insolente com um brilho nos olhos e um sotaque francês saiu do seu quarto na hora da coruja e enfiou a espada na minha mão. Ele disse: “Não deixe mais como eu passe por aqui.” E lá se foi ele assobiando como um galo bêbado que esteve no galinheiro inteiro. — As grandes mãos de Alice soldaram em seus quadris e seus olhos brilharam. — Agora, você me dirá, senhorita, o que aconteceu aqui ontem à noite!

Catherine a olhou por um longo momento, perguntando-se se deveria admitir o quanto a sua tentativa de uma semana de parecer mais intrigante do que uma pilha de notas bancárias germináveis e maleáveis havia desaparecido. O galo em questão era o Coronel Raoul Louis d'Amauri, ex-barão d'Amauri, do Grand Armee. O belo francês era o mais atraente dos hóspedes solteiros, possivelmente porque seus olhos castanhos provocantes instantaneamente viam seu baile de máscaras. Apesar de seu uniforme azul e escarlate, ele parecia pouco

mais velho que ela.

Muito menos atraente era o conde Ramón Diego de Valera, de Sevilha, cujos olhos negros brilhavam com uma insinuante intimidade que pairava em um rosto frio e de faces encovadas. Ele a perseguira como um abutre e insinuara que seu pai preferia seu termo. Ela deixou claro que o achava revoltante, e que estava no seu limite. O Tratado de Ildefonso no ano anterior havia resolvido as diferenças da Espanha com a França e unia as potências oceânicas rivais a um formidável rolo compressor. Será que o pai dela estava negociando com Valera uma maneira de manter a superioridade naval da Inglaterra? Ela era de alguma forma o preço por seus serviços?

Quando ela tocou no assunto com seu pai, ele descartou categoricamente.

— Eu não tenho intenção de casá-lo com você. Você tem possibilidades, Catherine, nós ainda temos que desenvolver isso. — Como se viu, o conde espanhol tinha suas próprias ideias desagradáveis para o desenvolvimento dela.

Felizmente, sua companhia frequente com Amauri manteve Valera aborrecido por algum tempo, e seu interesse pelo francês tornou-se gradualmente mais do que meramente educado quando seu charme a atraiu. Com cabelos castanhos e olhos de canela, ele irradiava uma vitalidade ensolarada que envolvia a todos, mas sua mandíbula e boca tinham uma resolução inconfundível que desmentia seus olhos inocentes. Ele a manobrou em seu primeiro beijo, experimentado por sua parte e intrigante para ela. Como evitar que ele completasse sua sedução se tornara mais uma disputa do que ela esperava.

Só então, ela decidiu como lidar com Alice. Completamente desavergonhada, Catherine girou as pernas esbeltas para fora da cama e caminhou até a cômoda. À toa, ela pegou uma escova de cabelo com iniciais de diamante e começou a dar longos golpes no cabelo.

— Você realmente quer dizer, Alice, que não dormiu apesar de tudo? Notável. É claro que o exército e os canhões de Napoleão não poderiam acordá-la em sua cama, então como poderia uma pequena escaramuça entre a França e a Espanha sobre a pequena Inglaterra ter algum efeito?

Totalmente confusa agora, a serva franziu a testa, e de repente balançou a espada para as manchas escuras no cobertor.

— Sangue! Você fez isso! Sua mãe e sua avó teriam vergonha de você!

— Por quê? Nenhuma delas era totalmente fiel a um homem. Como você sempre me disse, a maioria das bugigangas que eu tenho usado são presentes de vovó, e ela fez mais do que covinha para eles. — Quando o cabelo dela desabrochava como uma flor escura, Catherine deixou cair a escova na cômoda. Eu pareço pálida e cansada, ela pensou enquanto olhava para o

espelho. Tenho círculos sob meus olhos, uma dor de cabeça e a disposição de um estivador. No entanto, esse francês fanfarrão insiste que eu tenho o poder de enlouquecer os homens. Apesar de si mesma, começou a sorrir para o espelho.

Com isso, Alice ficou furiosa.

— Não se atreva a ficar aí olhando como um gato em um pote creme! Como você sabe que a barriga não vai esticar na primavera?

— Onde está meu *peignoir*, Alice? Eu quero um banho. *Mignon* deve ter água quente, espero.

Pegando um *peignoir* e chinelos, Alice correu furiosamente atrás de sua ama enquanto Catherine se dirigia para o banho.

— Pensei que você fosse inteligente depois de ter feito isso uma vez, acha que ninguém pode dizer nada a você. Deixe-me dizer-lhe, não há garantia de que você não está grávida, senhorita!

— Ah, sim, sim, — disse Catherine, enquanto testava a água do banho em espera com o dedo do pé. — E eu disse França e Espanha, Alice. Acredito que mencionei ontem à noite que dois senhores estavam seriamente inclinados a se deitarem comigo, não é?

O queixo de Alice caiu.

— Você é uma vigarista gulosa! Eu deveria levar este chinelo até seu traseiro... — Ela avançou com um brilho nos olhos.

Sua presa se escorregou para o banho dourado e jogou uma bolha nela.

— Acalme-se, Alice. Você vai ter uma apoplexia. Como você gosta de dizer: “Não faz sentido fechar a porta do celeiro depois que o cavalo fugiu.” Você não acha que deveria ter me dado conselhos sólidos ontem à noite ao invés de rindo sobre o meu sofrimento? Embora seja verdade que dois homens não convidados estavam no meu quarto e ambos tinham minha virtude contra a parede, também é verdade que o sangue na cama não é meu, eu fui apalpada, não estuprada.

Alice caiu em um banquinho.

— Por que, pelo amor de Deus, você não me chamou?

— O espanhol ameaçou matá-lo.

— Ah, e você, pobre cordeira! Que sério, era ele?

— Isso é sério, — Catherine respondeu secamente. — O francês me resgatou no momento certo. — Tão perto de um diabo, ela pensou em particular, ele deve ter estado pronto para entrar no meu quarto e sozinho.

— Pelo amor de Deus, — Alice disse de novo, — eu pensei que eles estavam apenas pensando.

— Assim também pensava papai. Ele acha que eu deveria estar calma sobre essas coisas.

— Bem, o que você quer fazer?

— Tomei o seu conselho, naturalmente. Eu não tomo sempre?

Uma semana depois, John, o mordomo, colocou Catherine na carruagem da escola para Bath, depois guardou as poucas peças da bagagem. Ela decidiu não levar o novo guarda-roupa à academia, e Alice, castigada, não insistiu. Vestida com uma blusa de seda branca de gola alta, jaqueta de veludo verde-floresta, gorro cinza prateado e manto, Catherine era a figura de uma estudante bem-educada.

Ela acenou para Alice e para o pequeno grupo de servos que se reuniram para vê-la, então enfiou as mãos no felpudo regalo de pele de raposa prateada enquanto a carruagem rolava para longe. Rapidamente, a graciosa mansão palaciana recuou para as árvores do parque circundante. Deixando as cortinas laterais abertas, Catherine desafiou o frio para ver a paisagem, que estava entre as mais bonitas da Inglaterra. Os lagos estavam gelados, suas margens se misturando as florestas ondulantes cujas redes de galhos semelhantes a teias cortavam os frisos abstratos e frágeis contra o céu cinzento. Embora a região do lago estivesse envolta em silêncio solitário, ela adorava a sua reclusão.

Hoje ela não via nada disso, sua mente preocupada com a triste perspectiva de voltar a Bath. Eu devo isso ao pai, ela refletiu com desânimo. Ele nunca me pediu nada a não ser obediência sobre essa escola. Além disso, a revolta nada promete além de adicionar monotonia. A escola era tola, mas era preferível a um convento ou, pior ainda, a um casamento; mais um ano e essa perspectiva sombria deveria ser enfrentada. Muitas meninas da categoria sênior já tinham anunciado noivado.

O casamento da mãe de Catherine fora arranjado. A filha de um dos homens mais ricos da França, Elise Enderly, como condessa de Vigny, trouxera para o casamento um considerável dote, e garantia de uma grande fortuna com a morte do velho conde e direitos de sucessão em caso da morte dos dois irmãos. Infelizmente, quando Catherine estava com seis anos, o levante da Revolução Frelich havia engolido toda a família e suas propriedades. Seu dote já gasto em reformas para Windemere, Elise foi reduzida à posição de um mau negócio.

Ao todo, Catherine não sofrera com o casamento. Elise era uma mulher vivaz, mais parecida com uma irmã do que com uma mãe, e se John Enderly estava desanimado por estar sobrecarregado com uma esposa sem um tostão, ele nunca demonstrou isso. Como um pai indulgente, ele encorajou a mente rápida de Catherine e, por sua vez, ela o idolatrava. Embora ele não fosse fisicamente demonstrativo, ela frequentemente achava que ele desejava ser um pai mais simpático do que sua natureza permitia. Após a morte súbita de sua mãe, ela

ficou desanimada em ser banida para a escola quando eles precisavam mais um do outro.

Seus primeiros meses na academia foram atormentados por pesadelos. Ela se tornou desleixada, um hábito que ela ainda tinha que lutar para superar. Ela se sentia abandonada, mal-amada e culpada de algum crime obscuro e terrível. Por fim, o tédio absoluto da escola a acalmou e, por fora, ela se adaptara. Ela desistiu de implorar para ficar em casa porque isso perturbava Enderly, mas ele nunca a atacou com raiva. Ele a lembrava dos meses após o acidente da mãe, quando ela ficou desorientada com a histeria e teve que ser contida e confinada. Ela não voltaria a Windemere com suas lembranças perturbadoras. Sua rejeição em um momento tão sensível surpreendeu Catherine.

Quanto ao casamento por amor, ela não tinha a ilusão de que seu pai lhe concederia uma indulgência que ele mesmo recusava, e ainda menos ilusão sobre mulheres solteiras sem proteção familiar e apoio financeiro. Ela não tinha um centavo de si mesma.

Ame. Alice dissera uma vez que Elise Enderly amara e fora amada como poucas mulheres eram. Houve outro, em algum momento, cuja memória lhe trouxera tristeza e alegria para a mãe. Elise nunca havia falado dele, mas sua existência obscureceu John Enderly e instigou eventuais brigas amargas. Catherine sabia que era inútil questionar Alice. Os dois tinham decidido há muito tempo deixar o segredo de Elise morrer com ela.

— Está tudo bem, Alice, — Catherine lembrou-se de responder suavemente. — Eu não serei como mamãe. Ela viveu e morreu amando o homem errado. Eu tomarei cuidado para evitar isso.

No entanto, quando Raoul deixara Windemere, ela sentira a falta dele. Ela passara o resto da rotina de sua visita diária, sem problemas, discutindo consigo mesma que a paixão não era amor.

Catherine pegou o colarinho da capa contra o barlavento e suspirou ironicamente. Por que pensar nisso? Um casamento imediato e eficiente surgia à frente como uma guilhotina bem azeitada.

À medida que o sol da tarde caía em direção ao horizonte, as árvores se estendiam sobre a neve. Relutantemente, ela fechou as cortinas laterais contra o frio cada vez mais amargo, pensando que Carson, o novo cocheiro, devia estar com frio. Ela se enfiou mais no canto para se apoiar contra o balanço da carruagem e adormeceu.

Algum tempo depois, Catherine acordou, vagamente consciente de que algo a havia perturbado. Certamente ela não poderia ter dormido até a estalagem. Ela piscou sonolenta na escuridão da carruagem e mudou de posição ligeiramente,

sentindo-se apertada, mas não muito desconfortável. O ritmo da carruagem parecia mais rápido e as rodas passavam por sulcos e pedras com sacudidas bruscas. Talvez fosse isso. Um segundo depois, ela estava bem acordada. Cavalos demais. O tamborilar constante do ritmo do cocheiro tinha sido acompanhado por outros cascos, que se moviam ao mesmo ritmo implacável. Seu pai convocou uma escolta por causa de alguma ameaça, talvez de Valera?

Com a ponta do dedo, ela puxou a cortina lateral. Um cavaleiro ladeava a carruagem. Sua garganta se apertou quando uma investigação furtiva revelou dois cavaleiros do lado oposto. Mesmo sob a oscilante luz da carruagem, seus rostos podiam ser vistos com clareza suficiente. Estes não eram homens de seu pai! Eram os mercenários do espanhol? Carson não fizera nenhum protesto quando se juntaram a carruagem, então ele os conhecia ou foi coagido a continuar conduzindo sem interrupção.

Catherine sentiu no bolso a pequena faca que decidira levar para desencorajar os futuros avanços de Valeras. Preparando-se contra o movimento da carruagem, ela cautelosamente se levantou e tentou o trinco da escotilha do teto. O repentino peso da porta avisava que a bagagem estava presa nela. Apoiando o peso contra um ombro, Catherine levantou a porta o mais longe possível, depois passou a mão pela abertura e cortou desajeitadamente as amarrações de bagagem. Ela estava quase desequilibrada pela corrida da carruagem, mas finalmente a alça se abriu.

Com a porta ainda presa no ombro, ela abaixou por frações, enquanto apoiava a bagagem descendente com a outra mão. Ela baixou o pequeno baú até o piso e se endireitou. Esfregou as costas com a mão e se agarrou ao trinco com a outra, refletindo que se seus futuros noivos eram muito grotescos, poderia se tornar uma contorcionista profissional. Ela descartou o chapéu, depois se apoiou no assento almofadado e cautelosamente levantou a cabeça pela abertura. Uma muralha de bagagem cercava a escotilha. Rapidamente, uma valise seguiu a mala até a carroceria, o que deixou espaço suficiente para o corpo dela no teto.

Catherine enfiou os cotovelos de cada lado da escotilha e se empurrou do assento para cima. Por um momento horrível, ela ficou pendurada no espaço, com as pernas flutuando, depois subiu. Mantendo-se abaixada, com uma careta ante a pressão no umbigo, ela se contorceu para cima até que seu quadril descansou através da borda da escotilha. Agarrando as correias de bagagem restantes com as duas mãos, ela ofegou, agradecida pela escuridão e barulho da carruagem.

Uma vez que Catherine se ajustou ao espaço apertado e fechou a escotilha,

um novo problema se apresentou: o frio era penetrante e, embora a bagagem quebrasse a rajada de assobio do vento, ela logo ficaria entorpecida demais para escapar. Entre os dentes batendo, ela silenciosamente amaldiçoou suas luvas e meias finas.

Ela estremeceu violentamente, imaginando quando a carruagem chegaria ao seu misterioso destino. Com a neve soprando não podia obliterar o mar no ar, então eles não estavam indo na direção de Bath; mais provável, esta era a estrada de Liverpool. Graças a correntes de ar e à neve que se acumulava nas suas dobras, o nariz começou a escorrer. Com uma faísca de alegria maliciosa, ela limpou—o com uma luva quase inútil e imaginou o rosto de Valera quando ele recebeu uma moça de nariz vermelho e rosto azulado. Oh, que o seu ardor pudesse ficar tão congelado quanto os pés dela!

Apenas quando ela começou a contemplar um perigoso salto do teto da carruagem e voar pela floresta, o vagão diminuiu de velocidade e entrou nos arredores de uma cidade. Barulhos de portos distantes soaram acima do barulho do veículo sobre as pedras: rangendo madeira e batendo nas adriças; um ocasional grito oco sobre a água; risadas fracas das pousadas à beira-mar. Isso poderia ser Chester ou outro dos portos modestos que cercavam o canal para Liverpool. Alguém deveria querer levá-la pelo mar rapidamente. Não sentiriam falta dela na escola até amanhã à noite; certamente tarde demais para impedir o embarque da Inglaterra, mas logo as autoridades deviam pegar a pista se a carruagem tivesse sido visto na estrada. Mesmo na Espanha, com Valera não estaria segura... a menos que ele a jogasse ao mar antes que as autoridades o alcançassem.

Gradualmente, a carruagem foi cercada por sons estridentes de estalagens portuárias. Seus ouvidos espreitando. Onde havia pousadas, havia pessoas: rufiões em abundância também, mas uma vez que ela começasse a gritar, poucos seriam imprudentes o suficiente para contribuir para o rapto da filha de um visconde. A carruagem estava rolando devagar agora... lenta o suficiente... muito lenta. Estava parando!

Mesmo quando um dos cavaleiros desmontou e se aproximou da porta da carruagem, Catherine deu um último golpe decisivo na amarração quase a cortando e as malas caíram no chão. Em um flash, ela se atirou para o lado oposto da carruagem. Ignorando as saias compridas que revelavam uma confusão de anágua e pantalette[1][2]

[2] Usando todo seu peso, Catherine bateu contra uma pesada taberna e a abriu. Homens estavam por toda parte: no bar, mesas, escadas. A sala, cheia de fumaça amarelada, fedia a carne suja e lamparinas de óleo. As poucas mulheres, montadas em colos, gritavam de tanto riso quando bebiam rum, com os queixos

e os seios brilhando com a bebida derramada.

Pendurada na porta, Catherine gritou: — Me ajude! Estou sendo sequestrada!

Várias pessoas se viraram e olharam, mas os rostos não registraram nada. Frenética agora, ela gritou: — Ouça-me! Vocês devem detê-los. Eu sou... — Uma mão firme bateu em sua boca enquanto a outra girava-a em torno de um corpo duro, de modo que ela estava de costas para a multidão.

— Uma nova noiva, — a voz de um estranho terminou para ela.

Ela sentiu, ao invés de ver, que a suas costas tinha a atenção de todos no salão agora. Olhando para cima, ela captou um lampejo de brilhantes olhos azuis quase tão zangados quanto os seus próprios e brilhantes cabelos loiros, antes que a boca do homem descesse sobre a dela para efetivamente sufocá-la. Ela se torceu; seus braços se apertaram. Ela tentou bater com os pés, mas ele simplesmente a levantou. Apertando novamente a mão sobre a boca antes que ela pudesse emitir mais do que um grito de indignação, ele comentou cordialmente à multidão: — Se o convento tivesse criado um outro tipo de espírito... Ai! — Um pé furioso se chutou sua canela.

A multidão estava rindo agora e, queimando de frustração, Catherine abriu a boca para gritar novamente. Instantaneamente, o loiro esmagou seu rosto contra o peito dele para abafar suas tentativas. Fazendo uma pequena dança para fugir de seus pés, ele deu um sorriso envergonhado para o público.

— Minha esposa e eu pedimos desculpas pelo distúrbio. Se vocês me derem licença, é... ah, foi um noivado bastante longo.

Um grito particularmente indignado foi ouvido na região de seu peito e a multidão rugiu. Gritos e assobios enchiam o local. Um marinheiro alto se levantou abruptamente, se balançando levemente, depois varreu as garrafas de uma longa mesa de tábuas para o chão. Uivos surgiram como bebida respingada e roupas. Inclinando-se sobre a mesa, ele gritou: — Traga-a aqui, Johnny Gentleman, e vamos mostrar como é feito.

Catherine congelou e o sequestrador ficou rígido. A figura mais alta e escondida atrás deles na porta se moveu para frente. Ela não podia ver o rosto dele, mas concluiu que devia ser terrivelmente impressionante, pois a multidão ficou em silêncio intratável. A segunda figura avançou e, deixando-os para proteger sua retirada, o loiro recuou rapidamente para a rua, onde abruptamente ergueu a presa por cima do ombro, girando em seus joelhos se dirigiu para a carruagem com o cabelo solto, devido o gesto brusco.

Com seus braços livres, Catherine apertou as mãos com um punho fechado e bateu na parte inferior de suas costas com toda a força. O retumbar de quem cambaleia foram satisfatórios, mas ela não foi descartada. Quando ela levantou

os punhos novamente para um segundo golpe, o sequestrador rosnou por cima do ombro: — Tente esse truque encantador novamente e você vai se encontrar sendo servida àquela tripulação do escorbuto lá dentro.

Os punhos pairaram.

— Você acha que seu mestre gostaria disso? —Ele errou um passo e Catherine sabia que ela tinha acertado.

— Eu não tenho mestre, então não me provoque, condessa!

Ao uso do seu título, ela deu um suspiro sarcástico como a posição sufocante permitiria.

— Bem, é um alívio saber que você tem a vítima correta. Eu deveria odiar pensar que você cometeu um erro!

Atrás deles, os sombrios cúmplices saíam da taverna com espadas desembainhadas. Aparentemente, os cachorros estavam começando a uivar novamente. Embora seu estômago parecesse estar sendo enterrado em sua espinha dorsal, Catherine tentou assumir um tom profissional.

— Eu vou dobrar tudo o que lhe foi oferecido para este caso. Você não precisa dizer aos seus... capangas. — Ela queria chutá-lo novamente, pois sentiu que ele estava se divertindo. — Eu certamente não estou familiarizada com os cantos dos ladrões, mas qualquer que seja a fraseologia, é dinheiro por dinheiro, e você seria um tolo em não aceitar esse. Seu... ugh... patrão da guarda negra provavelmente atirárá em você ao invés de pagar. Eu vou cumprir os seus termos quando e onde você nomear, mas se não concordar rapidamente, a oferta será feita aos seus amigos. — Ela olhou a distância entre eles e os dois atrás.

Mais três homens, agitando os punhos e murmurando ameaças e obscenidades, emergiram da taverna; outros se juntaram a eles. Ironicamente, eles só a tinham visto vagamente por alguns instantes, e empacotada em um manto disforme, então nenhuma luxúria pessoal estava envolvida, apenas o arrebatamento da matilha para rasgar algo do qual eles achavam impotente.

De agora em diante eu nunca ficarei sem uma faca, jurou Catherine, se houver uma— um agora em diante. —Infelizmente, a arma já havia sido jogada para a neve.

— Bem? —ela cutucou com urgência. — Qual é a sua resposta? Você quer triplicar sua taxa ou nada?

— O que está acontecendo no Hound's Head? —Ele soprou, como se não tivesse ouvido.

Observando que uma placa de madeira com uma silhueta canina pintada rangeu ao vento sobre a pousada, ela contou as cabeças.

— Seis homens com punhais e sabres estão nos seguindo. Seus amigos estão

nos nossos calcanhares. Se você vai me dar uma resposta, é melhor fazer isso agora!

O sequestrador não respondeu, mas puxou a presilha de seu manto, então rapidamente deslizou sua cativa sobre a frente de seu ombro e, apesar de uma onda de chutes e arranhões, envolveu-a na roupa: cabeça, ombros, braços e tudo. Levantando seu fardo novamente, desta vez em seus braços, ele começou a correr pesadamente através da neve.

Ele nunca vai conseguir, pensou Catherine freneticamente. Ele vai escorregar e todos seremos pegos! Uma visão de estar estendida na mesa gordurosa da estalagem enquanto seus antigos sequestradores jaziam na neve pisoteada e avermelhada da rua foi intensificada por gritos abafados e pés correndo. O homem de cabelos louros não parecia estar indo para a carruagem abandonada; em vez disso, ele balançava e se agitava como se estivesse passando por becos. Uma vez, ele escorregou e caiu bruscamente contra uma parede de tijolos, mas se conteve com um ombro. Ele lutou por equilíbrio, então foi embora novamente, correndo de um lado para o outro, até que ela perdeu todo o senso de direção. De repente, tábuas soaram ocas sob seus pés e seu peso caiu, contra seu peito, como se estivesse subindo uma colina. Ela foi sacudida e esbarrou, tanto nas botas como na cabeça, pelos lados estreitos de uma porta baixa, depois jogada em uma pilha de roupas.

Assim que as mãos dele a deixaram, Catherine testou o aperto de seu manto. Infelizmente, o loiro não tinha nenhuma intenção de permitir mais opções de fuga. Ele golpeou com um pedaço de corda ao redor dos tornozelos dela, depois enrolou e amarrou o corpo dela e segurou seus braços. Ela jurou, depois pensou melhor, para o caso dele ser encorajado a usar uma mordaca, uma tática que provocaria uma asfixia iminente. Um tapinha reconfortante desceu na vizinhança de seu ombro.

— Agora, seja uma boa menina; caso contrário, nosso capitão pode estar inclinado a ver o quão bem você consegue nadar. Eu prometo que ele despachará a evidência antes de ser pego com ela. —Depois daquele conselho alegre, ele foi embora. Vozes abafadas eram audíveis no convés.

Quase em uma aparência de calma por um movimento de balanço, ela já havia adivinhado que eles estavam a bordo de um barco. O barulho oco anterior deve ter sido uma tábua. Ordens foram dadas e cordas assobiaram através de cordame. O navio foi empurrado para longe do cais e as ondas batiam contra o casco.

Seu coração afundou como uma pedra. Valera me pegou agora, amarrada como um ganso de Natal. Então seus olhos se estreitaram. Dê-me meia chance, e vou espetá-lo com sua própria espada, o rato oleoso, junto com aquele vilão

que usa para seus esquemas sujos!

As ondas batiam com mais força quando o navio se aproximava da foz do porto e começou a recolher as primeiras lufadas de vento do mar. As luzes da cidade que se afastavam entorpeciam a crescente tempestade de neve, cujos flocos giravam e se estendiam como se fossem espuma de sabão na maré cheia, empoeirada, e depois se derretiam em água negra e brilhante. Desconhecido para Catherine, o vilão garanhão estava no convés, encostado no corrimão e pensando o quanto o mar a noite parecia com o cabelo dela.

Com as mãos enluvadas debaixo das axilas, Liam Culhane ficou pensativo. Ele havia cruzado um longo caminho para sequestrar mulheres indefesas. Bem, não tão desamparada. Ele se contorceu para aliviar sua dor nas costas. A condessa buscou uma influência mediana. Ele não conseguia superar a aparente falta de medo ao ser levada como um leitão acorrentado ao mercado, e com um bando de bandidos uivando em seus calcanhares. Ele teria sido morto no local, mas seu destino teria sido pior. Talvez ela não tivesse o bom senso de reconhecê-lo, embora parecesse saber bem o suficiente para onde apontar quando era avessa a ser beijada.

Era a única filha de Enderly. O que Sean queria com ela? Possibilidades feias incomodavam-no. Não havia como saber o que estava na mente de Sean, especialmente aquela parte enegrecida pelo ódio. Embora seus olhos pudessem ser sulfurosos com a lembrança disso, em todos os anos de sua crescente masculinidade, Sean nunca tinha falado de Kenlo e do massacre que o trouxera para morar em Shelan e ser criado como filho de Brendan Culhane e irmão de Liam.

Esse dia ficou marcado no cérebro de Liam. Ele, seu pai e Flannery tinham acabado de desembarcar na praia de Curragh, baixo de Shelan quando de repente, através da rocha resplandecente de sol, viram uma pequena figura selvagem em uma batina suja e despedaçada. Com uma espada brandia alto, a lâmina cintilando, carregada de um uivo. — Por Megan e a Irlanda! — Cinco passos depois, estava com o rosto no chão, sem sentidos. Brendan virou o corpo, depois praguejou suavemente ao ver o rosto do menino e um curativo ensopado de sangue na coxa. O punho da espada, com uma gravura de um dragão, repousava sobre os dedos abertos e inconscientes.

— Os santos nos preservem, é a espada de Owen Roe, — disse Flannery, um ruído tão alto que bloqueou a maior parte do sol no menino e do homem enquanto se erguia sobre eles.

Brendan limpou a sujeira da bochecha machucada do menino, examinando

minuciosamente suas feições como um estudioso descobrindo um tesouro extraordinário, mas possivelmente perigoso. Liam não precisava perguntar quem era o estranho. Ele tinha apenas dois anos quando sua mãe, Megan Culhane, o abandonou e ao seu pai. Uma miniatura pintada dela em seu quarto disselhe sem rodeios que ele estava olhando para seu irmão. O moleque tinha o nariz fino e reto de Megan. Os olhos, como os dela, eram verdes; eles haviam aberto um longo caminho pela praia, e Brendan tinha desembainhado a espada, embora a aparição ridícula fosse obviamente uma criança. Os cílios sujos de Megan passaram pelo rosto escuro do menino.

Pela expressão no rosto de Brendan enquanto ele alisava o cabelo do menino, Liam soube instantaneamente uma verdade que ele teria dado a vida para não saber: uma verdade que Brendan teria dado a própria vida para impedi-lo de ver. A dor quente subiu nele. Seu pai achava que ele era um sonhador acadêmico, mais adequado ao sacerdócio. E Culhane não precisava de um padre para um filho. A carga imprudente desse moleque de cabelo preto havia lhe garantido a proteção e o amor de um dos homens mais influentes do Ulster.

Com o tempo, Liam aprendeu a aceitar o que não podia mudar. Os dois garotos estavam unidos pela solidão, e Sean tolerava a companhia de Liam se o buscasse. Além disso, Sean não estava perto de ninguém. Enquanto Liam prontamente fazia amigos casuais com as crianças na propriedade, Sean era frio, brusco e impopular. Ainda assim, à medida que os meninos da casa cresciam, foi a Sean que eles tornaram líder. E a Sean as garotas começaram a olhar.

Até mesmo sua posição com Brendan estava distante, apesar do amor do seu senhor. Enquanto Sean tratava Brendan com respeito, ele não deu outra emoção e a todos os momentos corretos, o afeto nunca esteve evidente em seu comportamento.

Sua relação com Flannery, de quem ele aprendeu a ser um espadachim, montar e atirar, era friamente profissional. Como Flannery disse: — Ele está treinando para ser um assassino e eu sou o melhor assassino que ele conhece.

*

Agora, dez anos depois, Brendan estava morto e Liam, o portador de seu título; mas Liam se sentia como um ajudante entre os generais. Flannery ainda lhe dava ordens. Ele olhava para a popa. Ao leme do Yole de pesca, com sua grande cicatriz de meia lua no rosto e barba de fogo refletida no brilho do lampião, o gigante parecia o mesmo de sempre, exceto por algumas mechas acinzentadas.

Liam estremeceu ligeiramente e pensou na garota. Ele decidiu deixá-la no

convés por um tempo. O ar fresco poderia limpar a cabeça da moça. Imaginou-a falando como se conhecesse Sean - embora fosse possível. Sean nunca discutiu seus planos ou mulheres com ninguém.

Quando ele puxou o manto do rosto da cativa, ela estava tão pálida que ele pensou que havia sufocado. Temendo que ele pudesse ter cometido um assassinato, ele puxou o resto do pano. Seus olhos se abriram e, com incrível energia, ela tentou se desvencilhar. Ele se apressou em acalmá-la.

— Eu não vou machucar você... Ooh! — Um joelho pegou sua coxa em um beijo desagradável. Exasperado, ele se esparramou em cima da trouxa de lã e prendeu-a. — Pelo amor de Deus, senhorita, eu pensei que você tivesse sufocado! Eu estava tentando libertá-la.

A prisioneira olhou para ele com uma expressão maligna.

— Eu estava dormindo. Se eu fosse me sufocar, já tinha feito isso há muito tempo. Na verdade, eu deveria estar bastante negra. Talvez você devesse ter escolhido uma profissão menos exigente de sua inteligência. E é condessa para você, entendeu?—Ela alternava suavemente entre raiva e impertinência que ele podia simplesmente sentar-se em cima dela e encará-la. Suas sobrancelhas escuras quase se encontraram. — Saia, seu idiota! A menos que você prefira esmagar suas vítimas ao invés de sufocá-las!

Liam se ajoelhou e enfiou o nariz no dela.

— Eu sugiro que você não insista no uso de seus títulos para aonde está indo presa, senhorita! E você tem sorte em lhe conceder a cortesia desse termo! Se você puder manter uma língua civilizada em sua cabeça, poderá andar pelo convés.

— Não é a prancha? —a cativa reagiu com malícia. — Que galante. —Com o cenho franzido, Catherine ficou em silêncio sarcástico enquanto ele desamarrava as cordas. Com um suspiro, ela se sentou e lentamente esticou os membros dormentes. Liam ficou surpreso com a graça inconsciente da garota. Tanto Sean quanto Brendan tinham aquela mesma maneira orgulhosa de cabeça, que poderia ter sido rígida sem a facilidade que a acompanhava. Ela era bem proporcionada, tanto quanto ele podia dizer sob o manto, embora muito magra e ainda um pouco desengonçada. O rosto pequeno, com as maçãs do rosto salientes e olhos magníficos, prometia ser uma beleza, e a boca era decididamente atraente; ele se lembrava do modo como se sentira na taverna. Estranhamente, ele pensou que poderia tê-la visto antes.

Catherine sentiu-o observando enquanto suas saias balançavam, e ela andava de um lado para o outro no espaço limitado. Ele era jovem. Certamente ele

ainda era capaz de ser facilmente envergonhado: isso o tornava suscetível, mas a quê? Seu olhar apreciativo carecia da intenção de avaliação do espanhol, mesmo de Raoul d'Amauri; além disso, ela aprendera a tomar cuidado ao manipular um homem, até inocentemente. Ele era educado, pelo menos até certo ponto, com gramática aceitável e um toque de sotaque. Irlandês. Os irlandeses, ao que parecia, havia rumores de serem idealistas sobre mães, irmãs e virgens. A imagem dela como uma moça abandonada e indefesa já estava descartada, a julgar pelo estremecimento de dor do sequestrador, enquanto ele se abaixava através da escotilha e a escoltava até o convés; no entanto, muitas vezes as irmãs infligiram tais danos aos irmãos e teve um séquito de irmãos substitutos durante a infância, ela se sentia em terreno bastante firme quando se tratava da gerência deles.

Uma vez no convés escorregadio, Catherine respirou fundo. A neve entrou nos baluartes e girou devagar em torno da única figura maciça ao leme. Vestia impermeáveis, chapéu e parecia estranhamente com o lendário Flying Dutchman, mas provavelmente era irlandês também, com aquele cabelo flamejante. Ela não conseguia imaginar por que o espanhol empregara irlandeses em seu trabalho sujo, a menos que fossem aliados do ódio comum aos ingleses.

Vigorosamente esfregando as mãos, Catherine desejou seu regalo. O vento a atingiu diretamente no rosto enquanto ela puxava o capuz e encarava o corrimão. Por causa da baixa neblina, nenhuma estrela era visível, então a direção era um mistério. Se os irlandeses estivessem indo para o mar, eles deveriam esperar ser recebidos por outro navio; Valera poderia facilmente estar ancorado em um dos braços costeiros, esperando para ter prazer em seu lazer, depois despejando seu corpo em um pântano.

Desespero a incitou a ação. Sabendo que o loiro estava imediatamente atrás dela, Catherine deliberadamente escorregou na tábua molhada. Ela conseguiu se contorcer um pouco para que, quando ele a pegasse, pudesse facilmente tocar seu peito. Tudo aconteceu exatamente como planejado, sob o olhar sarcástico de Flannery.

Liam sentiu a garota tremer sob o manto. Pobre diabinha, ele pensou; ela está com medo de sua inteligência. Ela deve estar se mantendo em pé por pura bravura.

— Você está bem? — ele murmurou próximo ao seu cabelo que cheirava a neve onde o capuz tinha caído.

Uma pequena mão descansou contra o peito dele.

— Sim... sim, eu acho que sim. Eu sou desajeitada. Eu não estava pensando. — Sua cativa olhou para ele com gratidão, seus olhos grandes poças sombreadas. Neles, ele viu o desespero e a determinação de não deixar

transparecer, mas, além disso, uma beleza misteriosa que atraiu seu coração. Na boca do estômago, Liam tinha um pavor crescente do destino que aguardava a garota na Irlanda.

Ela se agarrou a ele por uma fração de segundo, depois soltou-o e se virou. Os dois se encostaram no corrimão e ela reassentou o capuz na cabeça. Liam ficou um pouco desapontado; ele estava observando o vento elevar seus cabelos. Ainda sem olhar para ele, ela murmurou: — Você não parece um criminoso.

Liam se virou de costas para Flannery e respondeu com uma pontada de desconforto: — Eu não sou, normalmente.

Catherine notou seu movimento para esconder a conversa. Achatando uma palma, ela virou para cima para pegar os flocos de neve à deriva.

— Você sabe o que seu... empregador planeja fazer comigo?

— Não, — Liam respondeu honestamente. Ele não sabia, mas tinha uma ideia justa.

— Não é do tipo confiante, é?

— Ele não é.

— E você não é um homem que pressiona.

Ele começou a ficar com raiva novamente.

— Por que eu deveria?

— Se eu te dissesse que ele pretende estuprar e possivelmente me matar, isso faria diferença?

— Eu não sei disso e você também não. — Por baixo de sua refutação de alto nível, ele ficou surpreso com a avaliação rude dela.

As mãos de Catherine apertaram o corrimão quando ela se virou para ele.

— Eu sei! Você vai ser tão culpado quanto o monstro a quem serve. Você pode parar agora. Você não vai aceitar dinheiro para enganá-lo, então deve ter algum senso de decência. Se ajudá-lo, será o seu fim.

Liam estava inclinado a concordar. Ele estava acostumado a seguir aonde Sean liderava e, apesar de ter se esquivado de alguns desses caminhos, ele respeitava o julgamento do irmão. Ainda assim, a vingança estava no cerne do ódio que supunha que Sean suportara dos assassinos de sua mãe e, naquele ódio, Liam não sabia se seu irmão era inteiramente lúcido. E se Sean matasse a garota? Ele poderia ser frio ao ponto de assassinar?

Lendo a indecisão em seus olhos, Catherine jogou sua última carta.

— Se você me ajudar a escapar, meu pai vai te recompensar com qualquer coisa que pedir, ajudá-lo a fazer um novo começo em qualquer lugar que quiser. Você poderia fazer um nome respeitável para si mesmo...

A voz de Liam ficou dura.

— Então... A lady inglesa gentilmente me daria o que já é meu, o que você e seus compatriotas teriam roubado há muito tempo se pudesse derrubar a resistência final de homens como o meu 'empregador'! Você acha que pode adular concessões de pessoas que pisou sob seus pés? Desça do seu pedestal, milady, e dê uma boa olhada na fonte de sua própria riqueza, uma quantia da qual você se digna a compartilhar comigo se eu lamber seus pés como um irlandês adequado deveria. Seu pai banha-se em dinheiro que tomou de cadáveres que ele espalhou por toda a minha terra natal. Suas vidas pagaram as roupas nas suas costas! E por tudo que é sagrado, se o meu 'empregador', como você o chama, não te estrangular, eu posso ser tentado a fazer isso sozinho, *in memoriam*! — Com isso, ele tirou sua prisioneira do corrimão e a empurrou de volta para a pequena cabine.

Catherine se endureceu, pairando entre a raiva fria e a certeza mais fria de que estava na companhia de um louco fanático. Por um momento selvagem e fugaz, ela pensou em pular para o lado, mas a morte certa teve pouco apelo. Pouco antes de ser empurrada para a cabine, ela viu o terceiro cúmplice. Ele se agachou perto da popa, onde reclamou um pequeno bote. O bote! A grande embarcação seria impossível de gerir, mas o bote!

O loiro empurrou-a para a frente na cabine, depois inclinou-se para passar sua altura pela porta. Catherine girou abruptamente, elevou as palmas das mãos para cima e bateu contra seu queixo e estalou sua cabeça contra o lintel. Quando ele cambaleou e pegou automaticamente em sua cabeça, ela mergulhou em sua barriga, pegou sua pistola, levantou e nivelou sem um tremor.

— Saia, Sir Patriota, com as mãos cruzadas na nuca. E não suponha que eu seja uma pobre atiradora. Você é um perdiz considerável a essa distância e me diga exatamente onde estamos e então mexa-se!

Com as bochechas ardendo e latejando, Liam se moveu. Ele nunca ouviria o último, mas o orgulho ferido não o provocou a tentar qualquer coisa estúpida. O brilho frio daqueles olhos de safira, tão quentes e suplicantes um momento atrás, garantiu a ele que a garota não estava com humor para comportamento precipitado. Ele quase podia sentir Flannery balançando a cabeça com desdém quando ele recuou cuidadosamente pela soleira.

A condessa fez um gesto a um ponto a vários metros de Flannery e balançou a arma brevemente na barriga do grande homem.

— Largue sua arma, senhor; chame seu companheiro e tire sua jaqueta e botas. Este homem será morto se você demorar.

Flannery calmamente desatrelou seu cinto e tirou o casaco quando ele disse brevemente: — Venha para a frente, Reagan. Estamos na companhia da lady agora. — Ele soltou o leme pelo tempo suficiente para

remover suas botas.

— Largue isto. E você, Cabelo Loiro, tire suas roupas.

Liam franziu a testa.

— Você quer dizer que vamos congelar até a morte?

— Deixá-los virarem gelo seria uma maneira admirável de preservar munição. — Ela olhou para o terceiro homem indo na frente. — Mas eu deixo essas táticas para você irlandês... a menos que você continue a vomitar mentiras sobre meu pai. Depressa!

Liam, mal-humorado, puxou sua jaqueta enquanto o terceiro homem se juntava a ele e foi levado a descartar suas roupas e armas com os outros. Catherine sentiu um crescente desconforto. Eles estavam muito calmos, muito aquiescentes. Os vilões experientes não poderiam ser impressionados tão facilmente, a menos que... um quarto homem estivesse a bordo. Ela nivelou a pistola com as duas mãos na barriga do grande homem.

— Chame o outro.

As sobranceiras grossas de Flannery subiram ligeiramente.

— Que outro? Você está olhando para todos nós, pequena lady.

— Diga a ele para vir, ou você estará deitado no meio deck servindo de jantar para as gaivotas. Eu quero que o bote seja lançado rapidamente; esses homens podem lidar com isso muito bem sem você. Eu contarei até três. Um... dois...

Flannery interrompeu, ainda com o mesmo olhar ligeiramente divertido.

— Tudo bem, menino Jimmy, a dança acabou. Apresente-se.

Abruptamente, um peso esmagador caiu sobre os ombros de Catherine por trás e a achatou no convés. A pistola foi arrancada rapidamente de seus dedos, enquanto uma voz de tenor assobiava em seu ouvido: — Como vai, senhora. Desculpe vê-la assim. — Sóis vermelhos pareciam explodir em seu crânio e seus ouvidos golpeavam enquanto Catherine observava as grandes botas do ruivo vindo loucamente em direção a ela do outro lado do piso de madeira. Ele vai me chutar na cabeça, ela pensou. Ela tentou empurrar as botas, mas seus dedos não obedeceram. O barulho desapareceu na escuridão.

Flannery ficou olhando para a menina inconsciente e cutucou a perna de Jimmy com o pé.

— Pare, rapaz, ou você vai matá-la. Ela não tem a espinha dorsal de um cavalo de cavalaria.

O sardento e ruivo Jim Cochrane sorriu quando tirou os duzentos quilos de cima da cativa que estava com o cabelo preto esparramado no convés molhado.

— Ela teve tempo o suficiente para colocar um buraco fatal no intestino de um homem. — Ele lançou um olhar astuto para a barriga de Flannery. — Pensei

que as amantes extravagantes só sabiam como enfiar os dedos delicados nas alças da xícara de chá... e tocar nos narizes dos homens. —Agora, ele abertamente sorriu para Liam.

Liam franziu o cenho, mas Flannery riu.

— Sim, a pequena franga tem penas de aço. Deve tê-las herdado da sua mãe. Elas serão arrancadas logo. —Ele retomou sua postura ao leme. — Leve a menina para baixo, Liam. Amarre-a e não demore. Eu quero que você me substitua ao leme.

Liam pegou a prisioneira frouxa em seus braços e a despachou para baixo, olhando ressentido para o seu rosto imóvel enquanto amarrava nós eficientes. Como poderia uma mulher ser vulnerável em um minuto e ser considerada mortal no próximo? A bruxa provavelmente merecia qualquer coisa que lhe acontecesse.

Quando Liam voltou e assumiu o controle, Flannery puxou um charuto do bolso. Enfiando no lampião, ele soprou até ser aceso.

— Diga-me uma coisa, rapaz. Não estamos a dez milhas de Antrim. Se ela tivesse chegado em terra para tagarelar às autoridades, os ingleses estariam em cima de nós como cães de caça. Por outro lado, talvez ela só tivesse atirado em um de nós. Eu não gosto de ter um buraco no peito, Liam, mas Sean tem que saber que você estava amolecendo. Não podemos pagar por pontos fracos.

Os olhos azuis de Liam brilharam.

— Eu não queria esse emprego. E você não pode alegar que estamos fazendo isso por causa do lar e do país. Estamos fazendo isso pelo ódio doentio de Sean. Se ele quer acabar com Enderly, por que não apontar para o próprio homem? Aquela garota mal tem dezessete anos. Eu diria que ela não sabe nada sobre as atividades de seu pai.

Flannery encostou-se no binnacle, cujos instrumentos de navegação estavam visíveis para o timoneiro, e bateu brevemente a ponta charuto que brilhava como um olho vermelho quente.

— A pequena Miss Enderly fez um bom trabalho em um espaço de dez minutos, não foi?

— Pelo amor de Deus, ela não colocou essas palavras em minha boca. Pensei em tudo isso antes de partirmos de Donegal.

— Você pensou agora? Bem, pense de novo. Mulheres e crianças irlandesas foram transformadas em haxixe apropriado pelos ingleses, embora você nunca tenha visto muito disso. De agora em diante, você verá, se a terrível ocasião surgir. Não viu mulheres grávidas estupradas, baionetizadas e bebês esmagados contra as paredes. Garotas jovens e rapazes de menos de cinco anos foram abusados e estrangulados. — Ele mordeu um pedaço de seu charuto e cuspiu

violentamente a favor do vento. — Então você verá que a garota Enderiy não é diferente deles, que não sente pena. Ela é a inimiga. Você acha que sua mãe morreu com a conversa educada dos ingleses?

Os lábios de Liam se apertaram.

— Megan era uma espiã.

— Sim, então você ouviu isso, não? Bem, então ela era, e uma das boas também. Mas as outras quarenta pessoas naquela aldeia não eram espias; elas eram pobres idiotas e pescadores que receberam o mesmo que ela. —Ele mastigou o charuto, girando-o pensativamente. — Seu pai perdoou-a por deixá-lo. E mesmo assim, rapaz, você não conseguiu?

— Ela não era nada para mim. Eu mal me lembro dela. —O perfil de Liam era de pedra enquanto ele verificava a agulha da bússola.

— Não, eu suponho que é o que você não lembra que o deixa queixoso. — Flannery bocejou novamente. — Tem sido uma longa noite e esse frio está me mordendo os ossos. Mantenha-a firme até a vista de South Rock Beacon, então pegue cinco pontos ao Norte e deixe o Jimmy. —Ele apagou o charuto. — Eu vou para baixo para dormir. Pense no que eu disse. Ela é a inimiga. No dia em que você esquecer de novo será uma pena para todos nós.

Dura e fria, Catherine acordou de madrugada. A luz cinza da prisão oscilou sobre as cortinas ásperas. Envolto em cobertores, o grande ruivo roncava alto em sua rede. Liam, um pacote inerte, estava deitado com uma pilha de velas aos seus pés. Seu estômago roncou quando ela mudou de posição para renovar a circulação. Enquanto ela se enterrava desajeitadamente em sua cobertura, Jimmy desceu para despertar Flannery. Sem dar uma olhada, eles deixaram Liam dormindo. Depois de algum tempo, ela se virou.

O padrão regular de homens trocando de lugar e revezando-se nas velas continuou pelo resto da viagem. No final do dia, ela foi alimentada com biscoito e café pelo sorridente Jimmy, que soltou seus grilhões, mas deixou seus pés presos. Algum tempo depois disso, ela dormiu novamente.

O dia seguinte parecia um cochilo intermitente, novamente interrompido por uma única refeição. Catherine estava acordada após o anoitecer, quando alguém a envolveu com força na capa novamente, cabeça e tudo. Ela foi levantada e carregada, depois abaixada em outros braços no qual deve ter sido levada ao bote de lançamento. Uma sensação gelada na boca do estômago avisou que haviam chegado ao destino. A onda bateu no casco e o bote se elevou e rolou para a frente enquanto os remos manobravam, controlando o caminho da embarcação até uma costa coberta de pedregulhos com um tremor estridente. Os homens da proa foram para o lado e arrastaram o barco até a

praia.

Ela foi levantada novamente e passou por cima da beira do barco. Então parecia que eles andavam e subiam, mudando de braços de homem para homem de vez em quando. Ouvindo periodicamente a água pingando, ela imaginou uma caverna ou calabouço e mordeu a capa para acalmar seus dentes. Saltos soaram na pedra, depois no chão que tinha se acabado. Ela foi tirada de um ombro e jogada no chão. Assustada como estava, sentiu uma onda de raiva pela aspereza de seus captores. Bem, deixe Valera apreciá-la, se ele pudesse! Ela estava suja, fedorenta, louca como uma vespa e rígida como uma tábua.

Ela ouviu a voz de Flannery em uma língua estranha, depois a de Liam; finalmente, uma última, profunda e desconhecida, num tom de despedida. A porta se fechou e o silêncio caiu.

CAPÍTULO 2

ANJO EM CHAMAS

Catherine rolou quando a capa foi arrancada com um puxão abrupto e caiu perto de seus pés. Por um momento, ela ficou rígida de apreensão, depois abriu cautelosamente os olhos para ver um par polido de botas cruzadas descuidadamente próximo do seu nariz. Seus olhos seguiram as botas até as longas pernas envoltas em calções pretos até um peito de camisa branca. Enquanto a cabeça e os ombros estavam quase escondidos na sombra, o homem sentado diante dela era alto demais para ser Valera. Rapidamente examinou os cantos escuros da sala procurando pelo espanhol, depois percebeu que não havia mais ninguém lá. Desnorteada, ela se perguntou o que estava acontecendo. Quem havia a sequestrado, e por quê? Sua atenção voltou para o estranho. Ele se inclinou para a frente e um rosto moreno tomou forma das sombras, uma forma tão bela quanto o Pecado Original deve ter parecido a Eva, com toda a sua atração e sua dor. Como os olhos verde esfumado das profundezas dos mares tempestuosos, uma frase do Paraíso perdido de Milton sussurrava em sua mente:

Sua forma ainda tinha a aparência perdida Todo o seu brilho original, nem apareceu Menos que o Arcanjo arruinado...

Ele pode ser Lúcifer, ela pensou. Que triste ele é.

Sean estava igualmente despreparado para ela. Enquanto a escura torrente de cabelos caía de seu rosto pálido, seu medo controlado e ofegante era tão tangível na sala iluminada quanto um pequeno punho em sua barriga. Deus, ela era jovem. Ele havia imaginado alguma cadela loura e sorridente, atribuindo inconscientemente às características da filha de John Enderly o que detestava nas inglesas. Ele nunca imaginou uma criatura da floresta escura, essa Ondine2 infantil. Ela tem olhos fora da lenda, ele pensou. Mas as lendas lembraram-no de Megan e dos contos que lhe contara na infância; o impulso fugaz de libertar a garota inglesa o deixou.

Parecendo não ter medo agora, a garota o observava como se ele fosse algum animal mítico preso em sua armadilha virginal. Ainda assim, ela

empalideceu e recuou quando ele se levantou e foi para ela com a faca desembainhada. Ele cortou suas cordas com dois movimentos rápidos, então caminhou até a lareira e cutucou o fogo até que ele levantasse. Ele se virou e se agachou para observá-la massagear seus pulsos; Eles estavam púrpuras sob a leve espuma de renda, mas ela não fez nenhum murmúrio e começou a esfregar sistematicamente seus tornozelos. O silêncio era quase total.

Na luz do fogo aumentada, ele viu parte da razão pela qual seus olhos eram tão atraentes. Veladas por cílios pesados, elas eram ligeiramente oblíquas, com cristas como as asas de uma cotovia. Acima do alto, maçãs do rosto oblíquas, suas feições eram finamente esculpidas, mas colocadas sobre um rosto muito magro; ela parecia um ano mais nova do que realmente era. A boca estava finamente desenhada, com uma sobrancelha tenra e cheia. O desalinho aumentava sua aparência de vulnerabilidade, mas agora que ele viu sua prisioneira com mais clareza, ele também notou o orgulhoso, quase arrogante conjunto de cabeça e a mandíbula determinada.

Consciente de sua avaliação atenta, Catherine também viu que, sutilmente, tomara uma atitude hostil. Ela retirou sua atenção de seus tornozelos e encontrou seu olhar. Ela tinha visto o mesmo conjunto de dureza entre os mouros do Sul da Espanha, e seu cabelo preto bem curto sugeria simpatias jacobinas.

— Você passou por um grande problema para me trazer aqui. Posso perguntar por quê? — Sua voz era suave, quase rouca, mas tão cortante quanto um oficial prussiano. Sean poderia ter sorrido para sua frieza se a situação tivesse deixado algum espaço para diversão.

— Seu pai me deve uma dívida.

Ela olhou para a sala muito bem decorada, a enorme pintura de leopardos Couchants³ sobre a mesa, os artefatos celtas brilhantes montados em uma parede. — Não teria sido mais civilizado enviar um advogado?

— Possivelmente. Se a dívida fosse meramente monetária.

Seu tom indulgente a irritou.

— Você deve odiá-lo muito para arriscar a vida de outros homens para roubar sua única filha.

— Poucos homens têm motivos para odiá-lo mais, mas sou apenas um entre seus críticos, — ele respondeu secamente. — E pouco risco estava envolvido. Roubar você era bastante simples.

— E não tendo estado presente, você tem certeza disso?

— Se você conseguiu, de alguma maneira, incomodar meus homens e

escapar com algumas contusões, não pressione a sua sorte. Você chegou intacta por meu pedido. Pessoalmente, eu não gostaria de nada melhor que uma desculpa para machucar você.

Seu queixo se levantou.

— Você pretende me matar?

As sobancelhas de Culhane se curvaram.

— Não, no momento. — Ele se levantou e foi até ela. Sua garganta branca e fina estava arqueada, a cabeça com o cabelo espesso e emaranhado jogado para trás enquanto ela olhava para ele, seus olhos firmes. Ainda assim, ele ouviu um leve suspiro quando a puxou para si. Ela não fez nenhum esforço para se afastar, provavelmente percebendo que cairia se tentasse resistir a ele. Apoiando-a, ele a forçou a dar alguns passos. Junto com a oscilação dos membros apertados, ele sentiu sua tensão, embora seus olhos não mostrassem nada além de desprezo desafiador. — Se você está olhando para a minha alma, eu posso te dizer agora é negra como o Inferno, — ele falou.

— Se intimidar mulheres indefesas é o menor dos seus pecados, eu devo concordar com você.

— Surpreende-me a rapidez com que você floresceu de criança para mulher. — Sua melodia havia se tornado zombeteiro. — Momentos atrás, eu poderia jurar que você estava apenas fora do seu juízo.

— Um curto período de tempo em sua companhia foi suficiente para envelhecer-me.

— Bem... — Ele olhou para os passos vacilantes dela. — Se você espera voltar para casa um dia, é melhor se importar com boas maneiras.

Seus olhos brilharam.

— O que você fará se eu não fizer isso? Me ameaçar até a morte? — Ela tentou se desvencilhar do aperto dele, mas ele a puxou de modo que os dedos dos pés mal alcançaram o chão.

— É hora de você entender seu status aqui. O tempo que pretendo ficar com você, será minha para fazer o que eu quiser. Você está na Irlanda, garota, para ver como os irlandeses vivem, e como eles morrem, e estou inclinado a estender sua educação até aqui. Aqui, minha palavra é lei, enquanto você classifica que o irlandês é menos que um porco.

Com uma fúria cega, o cuspiu. O cuspe o acertou na bochecha e seus olhos verdes ficaram enormes. Uma mão deixou seu hematoma no braço, e ele a esmurrou no rosto. Catherine pensou que seu pescoço iria quebrar. A luz explodiu em sua cabeça quando uma umidade quente fluiu em seu nariz e boca. O fogo na lareira diminuiu.

Ele rapidamente a pegou e caminhou através da porta por um foyer

escuro. Apenas a dor latejante na cabeça e no pescoço lhe dizia que ela não desmaiara. Ele a levou por um longo lance de escadas, depois por um corredor. Parando quase no meio do caminho, ele abriu uma porta com os ombros, entrou em um quarto e, sem a menor cerimônia, deixou-a cair em uma cadeira de espaldar reto. Quando ela imediatamente tentou se levantar, ele a empurrou com força, molhou uma toalha em uma bacia de água no banheiro adjacente e, puxando sua cabeça para trás pelos cabelos, colocou a toalha fria molhada em seu rosto. Ela soltou um guincho de choque e indignação enquanto a água gelada escorria pelo queixo e garganta e escorria fria entre os seios. Quando ela agarrou a toalha, ele afastou as mãos dela.

— Fique quieta! Seu nariz está sangrando um rio. E mantenha sua cabeça para trás!

Embora furiosa, ela percebeu a praticidade de sua ordem e obedeceu, até que ele apertou as narinas dela. Com um estremecimento frenético de ser sufocada, ela arrastou a toalha sobre a boca. Ele murmurou um juramento e, levantando a toalha, limpou o lábio partido com um canto do pano, enquanto ela engolia ar. Gradualmente, o sangramento parou quando ele limpou o rosto dela. Ela parecia mais macilenta do lado do rosto do que nunca quando ele terminou, mas seus olhos ainda estavam amortecidos. Tensa, ela viu quando ele torceu a toalha na bacia, suas mãos fortes facilmente torcendo o pano pesado. Com um leve arrepio, ela se lembrou do comentário dele sobre estrangulá-la.

Ele rapidamente dobrou a toalha, depois a deixou cair no vaso com tampo de mármore. Usando um olhar determinado que mal se movia, ele cruzou o ousado tapete mouro para uma cama magnificamente esculpida em veludo de ostra. Sentado no final, ele se apoiou nos cotovelos, abriu as pernas e disse: — Venha aqui.

Sua boca ficou seca, mas ela não se mexeu.

— Você precisa de outro castigo para limpar seus ouvidos, garota?

Catherine debateu uma réplica, mas mordeu o lábio e ficou de pé fora do seu alcance. Dar-lhe uma desculpa para espancá-la novamente era inútil. Ela pouco podia fazer para impedi-lo de fazer o que quisesse, mas, mais cedo ou mais tarde, ele baixaria a guarda.

Ele empurrou uma bota.

— Tire-as. — Ela olhou para ele, uma mistura cômica de alívio e indignação brigando por um momento em seu rosto. Então, com um olhar de completo desdém, ela virou as costas para ele, levantou as saias ligeiramente, e com a bota entre os joelhos começou a puxar, apenas para se endireitar com um sopro quando ele plantou o outro pé em seu traseiro e se preparou para retirar ele

mesmo. — Você fará bem em manter a cabeça erguida ou começará o sangramento do nariz de novo.

Catherine largou a primeira bota com um estrondo deliberado e começou a trabalhar na outra, pensando com que alegria perversa ela o acertaria assim que pusesse as mãos no candelabro da pia. Quando a outra bota bateu no chão, ela se esgueirou por entre os joelhos, esperando que ele fosse por elas, mas ele simplesmente deitou na cama e colocou as mãos atrás da cabeça. Com um bom chute eu poderia arruinar o bastardo presunçoso, ela pensou severamente quando se virou para encará-lo.

Sean tinha acabado de começar a pensar que ela poderia ser tratável, afinal, quando ele percebeu o brilho nos olhos dela.

— Tente. — Sua voz era baixa, mas seus olhos brilhavam como cacos de vidro verde.

— Senhoras que não apresentam surpresas são bastante tediosas, não acha? —ela respondeu maliciosamente.

— Você tem noções de uma lady, mas então, não poderia parecer menos como uma agora, e eu raramente encontrei alguém capaz de me surpreender. Há água limpa no jarro. Lave seu rosto. Você pode pendurar a sua jaqueta na cadeira.

Catherine virou-se e foi até a poltrona, pendurou a jaqueta conforme as instruções, depois levou a bacia de água cor-de-rosa escura até o banheiro. Ela esvaziou com um respingo pesado e encheu de novo. Olhando de relance no espelho enquanto enchia, viu suas feições já inchadas em uma meia lua cercada de sujeira e hematomas. Seu nariz, pescoço e mandíbula doíam; seu corte nos lábios ainda estava sangrando. Que milagre meu nariz não está quebrado, ela pensou com raiva, encolhendo-se ao lavar o rosto. Sua voz veio sobre seu ombro.

— Você pode tirar o vestido. Seu pescoço sujo está aparecendo e você não vai poder tomar outro banho por algum tempo.

Ela manteve o pano acolchoado preso ao nariz e retorquiou nasalmente: — Você disse que eu não o classifico melhor do que um porco irlandês; dificilmente você pode se opor a que faça parte.

Ela sentiu falta do sorriso fraco dele.

— Se você acha que uma aparência suja desencorajará meus homens, é melhor você saber que eles não são nem um pouco específicos, mas eu sou. Tire o vestido. Eu vou tirá-lo em breve, de qualquer jeito.

Com o cabelo úmido grudado no rosto, ela pegou o candelabro com as duas mãos e girou.

— Se você me tocar, eu vou te matar! — Sua voz era baixa, mas totalmente

determinada.

Sean Culhane escorregou da cama em um movimento fluido e, tardiamente, Catherine percebeu que ela não contava com seus reflexos. Ela tomou uma postura defensiva cautelosa, os braços esticando com o peso do candelabro. Ignorando-a, ele desabotoou a camisa, tirou-a, dobrou-a e colocou-a em um baú esculpido. Ombros largos e um peito de pelo negro afilado até uma barriga lisa e quadris esbeltos. Vestindo apenas calções justos, virou-se para ficar de pé com o quadril para fora, as mãos soltas.

— Essa coisa não vai me impedir, — ele disse quase cansado. Antes que as palavras saíssem de sua boca, ele estava quase em cima dela. Ela balançou o candelabro em um arco largo e letal que ele se desviou com um passo lateral rápido e retorcido. Ele se aproximou dela, pegou seus pulsos no balanço de trás e esmagou seus tendões até que, com um grito, ela foi forçada a soltar a arma pesada. Então ele empurrou-a para trás, torcendo seus braços dolorosamente contra suas costas. Com a mesma rapidez, ele soltou os braços dela; mas quando ela se soltou, seus dedos se engancharam no vestido e, com um puxão, rasgou-o pelas costas. Ele já estava a despindo quando ela girou, tropeçando nas saias que haviam caído em um emaranhado em torno de seus pés. De olhos arregalados, cuspiendo ódio, ela arranhou a bochecha dele e raspou seu peito enquanto ele a arrastava e a levava para a cama. Uma alça de sua camisa estava rasgada e pendurada, a outra escorregando pelo braço. Seu cabelo rodou como um turbilhão de seda quando ele a pegou e a jogou na cama.

Então; quando ele ficou em pé sobre ela, sua bochecha arranhada e seu peito listrado de escarlate, a figura iminente abruptamente fundiu-se em uma névoa de pesadelo de sangue em sua mente. Bloqueando a realidade, afastou-a para outro lugar, outro horror de uma fonte mais profunda que a ameaça de um estupro iminente.

Quando Sean tirou as calças, ele sabia que ela já tinha visto um homem nu antes. Seus olhos estavam arregalados, mas não com a inocência assustada. Ele deveria ter adivinhado que uma cadela de Enderly não seria virgem. Ela se afastou dele como um animal encurralado, seus olhos eram grandes piscinas desesperadas fixadas em seu peito ensanguentado. A pele cremosa brilhava nas sombras da cama quando a anágua rasgada escorregou, revelando longas e finas pernas; mas não era o desejo que o levava agora.

Ele subiu em cima dela, pegou suas mãos e prendeu-as acima da cabeça, em seguida, jogou-lhe uma perna sobre a parte inferior do seu corpo. Quando ela sentiu a pressão do seu sexo contra sua coxa nua, de repente ficou furiosa e

lutou com ele em um terror mudo e sufocante. Apertando os pulsos dela com uma mão, ele metodicamente arrancou a camisa e a anágua do corpo dela, então deitou-se completamente sobre ela, forçando-a a se submeter à sua nudez até que ela se deitou exausta, o coração batendo contra suas costelas. Sentindo o gatilho de seu medo, ele deliberadamente manchou seus seios com seu sangue, de modo que seu corpo estava escorregadio sob ele. Com os olhos dilatados até ficarem quase negros, ela ficou paralisada pelo terror, os lábios se movendo num sussurro implorativo: — Não, não... não, — como uma ladainha, como se dissesse para si mesma. Os olhos de Sean, entediados, olharam para o vazio da meia-noite. Implacavelmente, ele a perseguiu no vazio.

Levantando-se para uma posição ajoelhada, em seguida, segurando-a sob os joelhos, ele recuou da cama, puxando-a com ele até que ficou de pé no chão com ela indefesa e aberta para ele, os joelhos em ambos os lados de suas coxas e pés balançando. Ele abriu suas coxas largamente. Como se desse um golpe mortal em um inimigo, Sean penetrou no corpo dela com todo o ódio nele contido, sentiu uma frágil membrana se rasgar e ouviu-a gritar em agonia. Ele empurrou asperamente, rasgando-a, seus dedos apertando sua carne quando ela se contorceu como se quisesse escapar de uma faca que apunhalava seus órgãos vitais. Seu ódio explodiu dentro dela em uma inundação.

Quando terminou, Culhane ficou como um animal exausto, imóvel, a não ser pela ascensão e queda de seu peito. Catherine estava empalada, amolecida, o rosto desviado e sombreado pelos cabelos. Ele se retirou, depois soltou-a para se deitar esparramada e quebrada, como as mulheres que os soldados haviam deixado nas ruínas de Kenlo.

Ele coletou os fragmentos de suas roupas de baixo e a enxugou com a mistura de seu sangue e de sua semente. Ele foi até a escrivaninha, embolou a roupa e começou a envolvê-la no papel.

Catherine o olhou fixamente como se estivesse em transe, mas quando a percepção de sua intenção finalmente penetrou em sua mente, ela gritou e se atirou pela sala, quase tropeçando enquanto a dor se esticava em seu abdômen. Desesperadamente, ela tentou pegar o pacote.

— Não! Você não vai envergonhar meu pai, então me dê isso!

Sean escapou dela como teria feito com um bêbado gesticulando.

— Tem vergonha? Ele tem sangue suficiente nas mãos para manchar o Mar do Norte. Nenhum irlandês nascido vai ficar triste por seu indigno pai ir para o inferno, uma jornada precipitada que ele vai tomar mais cedo do que sabe.

— Você é um mentiroso! Ele é um dos estadistas mais respeitados da Inglaterra! Ele nunca machucou ninguém! — Tropeçando, ela fez outra tentativa fútil. — Você não está apto a lambar suas botas, seu safado imundo! Você está

fazendo pelas costas dele porque não tem coragem de enfrentá-lo!

Inclinando-se sobre a mesa com um desdém em seu rosto moreno, Culhane interrompeu seu discurso.

— Ele não é respeitável, sua idiota, não é respeitado! Oh, ele é impecável o suficiente para seus olhos. Ele comete assassinatos com um golpe de uma pluma. Eu aposto que ele nunca sequer chicoteou um cavalo. Como você acha que ele conseguiu subir dois degraus na nobreza? Bem, eu vou lhe dizer. Ele é um açougueiro eficiente, bem como um ladrão realizado e traidor. E quanto a minha relutância covarde para desafiá-lo de forma cavalheiresca, face-a-face, é bom demais para ele. Quando eu terminar com o bastardo, ele vai pensar que o inferno é férias!

— Você, seu miserável, está mentindo...! — Ela fisgou seus olhos e desviou a atenção dele enquanto a outra mão serpenteava em direção ao pacote e o tirava com sucesso de seu alcance. Ela recuou em direção à lareira.

Culhane tirou uma pistola de uma gaveta da escrivaninha, inclinou-se e engatilhou.

— Largue o pacote, moça. O orgulho do seu pai não vale a sua morte. — Quando ela não se moveu, ele murmurou baixinho, — Então, você não morreria por si mesma, mas jogaria tudo fora em um instante pelo papai. Você tem uma noção desleixada do jeito que o mundo gira, garota, trocar a sua vida por um pouco de roupa suja. Para macular, é outra coisa, como você logo descobrirá.

Com os olhos ardendo de desprezo, Catherine girou e jogou com precisão o embrulho no fogo. Quando o pacote começou a flamejar, ela prendeu a respiração tensa, esperando pela explosão da pistola que a faria cair no esquecimento.

A escuridão obscureceu Sean, o pacote conjurando a imagem do cadáver encharcado de óleo de Megan. Imperceptivelmente, seu dedo apertou o gatilho. A garota era o sangue de John Enderly, ela era Enderly; mas uma parte de sua mente, muito familiarizada com o terrível ritual da morte, guerreou com seu impulso de matar. Ele sabia o quão pequena ela seria na morte. A bala explodiria aquela retaguarda reta e orgulhosa para a deitar no tapete como um gatinho mutilado.

Catherine, ouvindo seus passos, correu a distância entre eles, investiu para bloquear o caminho até o fogo. Culhane a derrubou de lado. Ela caiu no carpete, depois voou para as costas dele puxando o cabelo dele enquanto ele se ajoelhava para cavar cuidadosamente nas brasas. Retirando o pacote de sua cama

brilhante, ele rosnou e empurrou-o, em seguida, virou a arma quando ela veio para ele novamente. Quando o cano frio tocou entre seus seios, ela congelou agachada, ofegando de fúria, o cabelo da meia-noite fumegando em seu rosto e ombros, os olhos opacos-assustadores. Sem aviso, o corpo de Sean ardia em um desejo tão intenso que ele prendeu a respiração. Com uma luxúria que nunca conhecera antes, ele queria tomá-la. Sentir seu hálito sobre seu corpo, despertar nela uma reação tão feroz quanto sua repentina beleza selvagem. Serpentes de luz corriam através de seus corpos tensos enquanto a ponta fria da arma se arrastava lentamente para cima, entre os seios macios, até que ele a descansou no oco de sua garganta. Ele sentiu o suor escorrer pelo seu corpo ajoelhado, pelas fendas onde suas coxas se encontravam com sua virilha. Lutando pelo controle, ele rangeu com voz rouca: — Volte. — Enquanto Catherine lhe obedecia cautelosamente, sua voz estava cheia de esforço para conter-se. — Eu sugiro que você se vista... agora. — Ele indicou a direção de sua roupa com a pistola. Sem tirar os olhos dele, levantou-se e encontrou suas roupas.

Seu pulso desacelerou quando ela rapidamente cobriu sua nudez, mas não onde o vestido rasgado se encontrava com o casaco, a fenda de seus seios era uma sombra sedutora. Não mais apontando a arma sobre ela, mas ainda vigilante, ele enfiou o pacote debaixo do braço e se moveu na direção da cabeceira da cama, onde deu um puxão na corda do sino. Logo, quando ele deu de ombros e vestiu um roupão, um som soou na porta.

— Entre, Peg.

A mulher, com cabelos louros grisalhos frouxamente enfiados sob uma touca de dormir e um corpo rechonchudo contido com igual descuido em um manto volumoso de cor indeterminada, parecia imperturbável ao ver uma jovem de cabelos selvagens, com roupas rasgadas e com olhos como hematomas no quarto do seu mestre. Silenciosamente, ela esperou.

— Leve-a para baixo e mostre-lhe onde ela deve dormir, — ordenou Culhane. — Ela começará suas tarefas amanhã. Quanto mais devagar ela aprender, menos ela comerá. Se ela der qualquer problema, lide com ela como eu faria. Boa noite.

A mulher acenou para Catherine, indicando que ela deveria precedê-la. Quando a porta mal se fechava, Catherine viu seu estuprador olhando fixamente para o fogo.

Antes que elas comessem a descer a escada, a mulher aconselhou vivamente: — No caso de você ter qualquer noção de fazer uma fuga, este lugar é bem guardado e está tão longe de ser ajudada quanto a lua. Eu tenho braços como um pugilista peludo e idiota para combinar, assim como levanto cinco pedras como você. Então siga em frente. Nós duas precisamos de nosso sono

para amanhã.

Catherine, grata pela proteção da escuridão, estava deprimida demais para falar. Sentindo-se rasgada e degradada, ela se agarrou ao corrimão enquanto desciam.

Finalmente, nas entranhas da casa, quando ela beirava ao colapso, a mulher a cutucou para parar. Escolhendo uma chave de uma argola enrolado em seu braço, a irlandesa destrancou a pesada porta e, levantando a vela, fez sinal para que Catherine entrasse.

— Não é muito, — ela aconselhou com seu amplo sotaque, — mas você ficará feliz o suficiente por ter isso no final do dia. —A vela bruxuleante revelava paredes de pedra e uma janela alta, estreita demais para que até uma criança pudesse passar, mas perversamente generosa o suficiente para emitir um vento gelado. A cama, um catre de palha e madeira, tinha apenas uma única colcha esfarrapada. Em casa, o próprio Chippendale decorara seu quarto de dormir, seu pequeno salão e seu banheiro.

A mulher já estava indo para a porta.

— Eu vou trazer algo adequado para vestir pela manhã.

— Obrigada, Margaret. Posso chamá-la de Margaret?

A mulher fez uma pausa.

— Não há necessidade de me agradecer. Eu sou uma mulher simples e o Peg vai funcionar. —Ela fechou a porta atrás dela e a trancou.

Catherine se deixou cair. Ela estava encolhida no catre espinhoso e soluçou até secar. Exausta demais até para puxar a coberta, ela caiu em um sono mortal.

Uma hora depois, um grito rasgou o silêncio. Imediatamente acordado, Sean desembainhou uma adaga escondida entre as cortinas da cama ao lado de sua cabeça. Um grito soluçante brotou das profundezas da casa. Ele saiu da cama, encontrou suas calças e as vestiu. Barefoot e Indian⁴ estavam quietos, ele seguiu para o corredor e desceu as escadas rapidamente. No fundo, ele ouviu o choro atormentado de novo, um som de lamento e sinistro como o lamento de uma banshee⁵. Sua respiração ficou presa. Era a garota. De alguma forma, ele sabia que era a garota. Pensando que ela poderia ter tentado o suicídio, ele saltou os lances de escada para os níveis abaixo do piso principal. Uma vela brilhava na porta aberta da cela onde Peg estava em seu vestido amarrotado e sem touca, olhando para o quarto. Agarrando seu ombro, ele furiosamente empurrou-a para o lado.

— Maldição, Peg, eu lhe disse para ter certeza...

Catherine estava deitada na cama, o rosto virado para a parede e protegida

por um braço. Peg agarrou seu braço como aviso enquanto se movia para passar por ela.

— Ela está dormindo.

Ele olhou para ela duvidosamente.

— Oh, sim. Era ela. Dorme como se os demônios estivessem com ela e murmurando alguma algaravia pagã. Mas duvido que ela saiba alguma coisa sobre isso.

Ele cruzou para o catre. Catherine, parecendo sentir sua presença, gemeu e lançou um braço para fora como se quisesse afastá-lo. Seus olhos eram hematomas azuis sob as pálpebras. Perguntando-se que horrores eles estavam vendo, ele assistiu eles piscarem. Seu nariz estava inchado, obscurecendo a definição de suas feições. A jaqueta dividida quase expondo seus seios, e, sem pensar, ele puxou o cobertor esfarrapado sobre ela.

Peg, observando-o com uma expressão especulativa, anunciou bastante alto: — Estou pensando que ela poderia ter um cobertor extra.

Ele olhou para cima, olhos verdes ilegíveis, depois olhou para a janela e encolheu os ombros.

— Como você gostar. Ela não deve durar uma quinzena sem ele. — Enfiando a faca na bainha do calção, voltou pelo caminho por onde viera.

Catherine ficou inerte, tentando pensar em que parte miserável de si mesma não queria se mover primeiro.

— Há uma criatura horrível na minha cabeça com um martelo, — ela murmurou.

— É um leprechaun⁶, sem dúvida, — disse Peg, rapidamente tirando o cobertor até o pé da cama. Como a prisioneira estava entorpecida de frio, o cobertor adicional teve pouco efeito.

— Leprechaun? — Catherine murmurou sombriamente.

— Sim. Homens pequenos e travessos. Algumas pessoas os chamam de elfos. Eles causam todo tipo de problema, a menos que você ponha leite para eles.

— Leite? — Os olhos de Catherine se arregalaram com esperança.

— Sim. Mas vai demorar horas até você tomar o café da manhã, — disse Peg, batendo numa pequena pilha de roupa na cama. — Quase metade da manhã se foi e você tem muito o que fazer, então é melhor começar a se mover.

Catherine olhou para o escuro.

— Você está confusa, — ela disse categoricamente. — Ainda é noite.

— Noite, na casa da mamãe. — Peg fungou. — Os pássaros estão catando. Fora da cama, menina.

Enquanto Catherine lutava contra os cotovelos, uma dor aguda atravessou seu pescoço e sua espinha. Sufocando um gemido, ela levantou seu corpo reclamante para fora da cama. Quando alcançou uma posição de pé mais ou menos estável, Peg jogou-lhe uma camisa gasta e sem cor para ela da pilha de linho sobre a cama. Catherine olhou para ela.

— Você está brincando. — Quando Peg nem sequer piscou, ela suspirou. Todos os músculos gritaram, Catherine tirou a jaqueta e depois a camisa. Uma das camisas de Peg, caiu diretamente sobre sua cabeça até a cintura, ignorando os ombros no caminho.

— Um pouco grande, — observou Peg. — Puxe-a para cima e puxe o cordão para o pescoço... Mais forte. Não quero bons irlandeses sendo tentados a pecar. É isso. Rasgue uma tira ao redor da barra e amarre-a na cintura. — Peg recuou e examinou o efeito. — Bem... você não será deslumbrante para o Príncipe de Gales, mas parece melhor do que deveria.

Catherine tentou vestir a jaqueta, mas as mangas estreitas recusaram-se a passar por cima da camisa, por isso, com um suspiro, ela arrancou firmemente as mangas da peça outrora fina e fez um colete aceitável. Ela havia dormido com suas botas, então pelo menos seria poupada da necessidade de se inclinar para colocá-las; ela pensou que poderia entrar em colapso se o fizesse.

— Venha junto comigo. — Peg liderou o caminho através de uma série de corredores, subiu um lance estreito de degraus e depois abriu uma porta.

A cozinha caiada era enorme. As janelas, que se alinhavam na parede oposta, tinham persianas pesadas com fendas para mosquete; poços de batentes profundos indicaram paredes de pedra de fundação de três pés de espessura. O lugar poderia ser facilmente transformado em fortaleza. Pilares maciços abrigavam enormes lareiras na parede próxima. No centro da sala havia uma longa fileira de mesas de carvalho, onde várias mulheres estavam até os cotovelos com massa de pão ou fazendo xícaras de mingau e cortando fatias de bacon. Quando o nariz de Catherine se contraiu, seu estômago soltou um rugido soturno. Dois meninos no início da adolescência estavam empilhando lenha na lareira próxima; ninguém deu a ela um sorriso tímido e furtivo. Quando ela sorriu para um deles, seu companheiro deu-lhe um baque de aviso no ombro.

— De volta ao seu trabalho, Danny! — Ele voltou para sua tarefa. As mulheres eram menos tímidas. Uma por uma, quando perceberam sua presença, ficaram olhando-a. Uma onda de hostilidade se dirigiu a ela. Endireitando sua dor nas costas, ela as olhou tão friamente como se Peg a acompanhasse em turnê.

— Sabe alguma coisa sobre cozinhar? — Peg perguntou.

— Não muita coisa, — foi a resposta nítida. — E eu não tenho intenção de

aprender.

Peg olhou para ela.

— Você seria sábia, menina, em não discutir ninharias.

Catherine começou a responder, depois percebeu que a mulher estava certa. Era melhor se conter até que ela explorasse sua situação. Encolheu os ombros.

— Muito bem, mas não me culpe se eu incendiar o lugar.

Peg levou-a até uma mesa onde uma jovem loura de bochechas rosadas e os olhos azuis de Peg amassava a massa. Com um olhar de soslaio para Catherine, a loira continuou amassando.

— Agora, — disse Peg, — observe Moora aqui e faça o que ela faz.

Catherine se perguntou se a massa de pão era comestível. Parecia comestível. Ela observou as mãos de Moora trabalhando e soprando. Catherine encheu as mãos com farinha. Ninguém tinha lhe perguntado se elas estavam limpas. Elas não estavam. Moora colocou um pedaço de um material cremoso em uma tábua na frente dela. Catherine enfiou os dedos nela, depois tentou alguns puxões experimentais. Era pegajoso e emborrachado, mas divertido de manipular. Melhor ainda, estava ficando cinza claro. Ela adorava a ideia de alimentar com pão sujo o inimigo, mas estava faminta e o monte de massa era o único alimento ao alcance. Casualmente, ela enfiou a mão na tigela de madeira que segurava a massa fresca. Moora disse sem olhar para cima: — Não coma isso.

— Eu só comi alguns bocados de comida nos últimos dias, — argumentou Catherine. — Eu não vou ser muito útil se eu desmaiar.

O conjunto de mandíbula de Moora se apertou.

— É uma regra. Se você comer qualquer coisa além das refeições regulares, está roubando. Maude, lida com ladrões.

Catherine olhou para o corpo corpulento de Maude e para as mãos de tamanho da de um homem que empunhava um pedaço de bacon como uma colher de leite. Ela continuou amassando.

Depois de um tempo, Moora recheou sua própria porção com gordas salsicha, depois enrolou-a em um longo nó. Catherine começou a copiar o padrão.

— Não. Um punhado de farinha ou mais para a sua massa, em seguida, enfarinhe suas mãos novamente antes de rolar.

Nas próximas horas, Catherine dobrou a massa, desejando encostar a cabeça na massa macia para dormir para sempre. Finalmente, um sino soou na lareira mais próxima da porta e seu estômago deu um gorgolejo de alegria. Café da manhã! Todo mundo começou a se apressar, limpar mesas e colocá-las com

tigelas, canecas e colheres. Moora, sem uma palavra para sua aprendiz indesejada, juntou-se aos outros. Catherine ficou observando por um momento, imaginando se era esperado que ela ajudasse, até que Peg balançou um dedo imperativo e apontou para uma das várias bandejas de prata carregadas de pratos cobertos com monogramas de inicial C. O próprio café da fera, sem dúvida.

— Tome isso e siga-me, — disse Peg. Moora e quatro garotas pegaram as outras bandejas.

— Mas, e sobre...?

— Seu café da manhã? — Moora terminou ironicamente para ela.

— Mais tarde, — Peg entouou. Com um suspiro, Catherine pegou a pesada bandeja. Quando chegaram ao final do longo corredor até a sala de jantar, ela pensou que seus pulsos iriam se partir.

O primeiro rosto que ela reconheceu foi o de Liam no final da mesa. Brincando abstratamente com um copo de água, ele olhou para cima quando Peg entrou com as criadas na sala. Seu olhar assustado disse a Catherine que os hematomas no rosto deviam ter aumentado. Com um sopro, ele se concentrou em seu prato vazio. Ela esperava que sua consciência o assasse!

Enquanto seguia Peg e Moora passando pelas cadeiras em direção a ele, ela viu apenas homens estranhos até que a barba flamejante de Flannery apareceu. Possivelmente acostumado à brutalidade de seu mestre, ele ficou menos surpreso que Liam. As bandejas ficaram em um enorme aparador de mogno. A sala era georgiana com paredes verde-escuro, belos lambris brancos e um carpete com um campo escarlate cercado de verde e dourado. Uma pintura com cavaleiros de George Stubbs e cães brancos manchados pendia de uma moldura dourada sobre o aparador. Do outro lado da sala, janelas compridas admitiam o brilho nebuloso da madrugada e enquadravam uma paisagem desolada como um mar drenado à deriva com restos de névoa. Algumas árvores se agrupavam perto da casa, mas além delas, nada conseguia aliviar o vento fustigando as rochas cobertas de urzes. Uma lareira de mármore com veios de pêssego continha um fogo crepitante que dissipou o frio da manhã. Devido à luz fraca do inverno, velas em suportes de parede de latão haviam sido acesas na mesa.

Quando os pratos foram descobertos, Catherine despertou a atenção de um cachorro faminto. O bacon torrado levou um odor celestial às suas narinas. Ovos pochê com lindas gemas amarelas espreitavam do prato fundo. Salmão, batatas cottage douradas. E luxo do luxo, café jamaicano preto.

— Agora, você deve servir a cada cavalheiro seu prato da esquerda, — disse Peg depois de dispensar o resto das criadas, exceto Moora. — Se ele quiser um pouco, você dá uma colherada a ele. Se ele continuar olhando para você, dê-lhe

mais. Não tropece nas suas saias, e amanhã, amarre o cabelo para trás. Comece com a cadeira grande em cada extremidade, dependendo se Moora ou alguém já estiver lá. Eu sei que não é usual, mas é assim que fazemos em Shelan.

Shelan. Até agora, ninguém mencionara nomes de nada nem ninguém.

— Quando você terminar, volte para este ponto. Se alguém quiser algo extra, ele vai entortar seu dedo; você vai correr e ver o que ele quer.

Você quer dizer que eles não assobiam e esperam que eu abane meu rabo? Catherine pensou irritada. Eu estou tão ansiosa para me aliviar no pé de um cavalheiro irlandês.

Felizmente, Peg e Moora dirigiram-se para a cadeira mais distante, aquela em que deveria descansar, o seu vilão posterior. Catherine evitou olhar naquela direção e voltou sua atenção para o garanhão malvado. Ela colocou bacon no prato de Liam com movimentos precisos. Seu pescoço estava rosado, seu embaraço era tangível enquanto ele murmurava: Obrigado.

Catherine inclinou-se abruptamente e gemeu em perfeita sintonia, só ele podia ouvir: — Oh, não pense nada disso, pato! — Ignorando seu estrangulamento, ela foi até o próximo homem.

Então ela ouviu a melodia odiosa e melodiosa da Besta de Olhos Verdes na mesma língua estranha da noite anterior e enviou um olhar para ele sob seus cílios. Suavemente à vontade, ele estava recostado, pernas compridas estendidas sob a mesa, uma camisa de linho branqueada aberta em sua garganta bronzeada, seus olhos em Flannery. Avaliando criticamente o perfil limpo gravado contra a luz cinzenta e dura da janela, ela relutantemente teve que admitir que ele era um homem que qualquer mulher olharia. Como seu pai, ele não usava gestos enquanto falava: Ela notou com satisfação os arranhões em sua bochecha.

Dos dois homens conversando com os Olhos Verdes, um estava com cinquenta e poucos anos, com olhos azuis estreitos e enrugados e um espesso cabelo grisalho. Ele era o único homem com um casaco adequado na mesa e era o mais velho. A atenção de Olhos Verdes aos seus comentários sugeria respeito. O outro era um jovem de cabelos vermelhos e sem corte, completamente fora de lugar em uma sala educada. Exceto por uma boca grossa, ele lembrava Flannery, mas faltava-lhe o ar de humor irônico de Flannery. Ele parecia estar argumentando e se irritando com a discordância tolerante dos outros. O resto dos homens ouviu enquanto terminavam a comida.

— Pegue as travessas, — Peg calmamente dirigiu finalmente. — Certifique-se de que a prata esteja inclinada sobre o prato para que ele não caia. Rouge, o jovem ruivo de lá, não se incomoda com as boas maneiras, então observe seu prato. . . e as mãos dele também. Pegue a partir da direita e seja rápido. Moora foi buscar o bolo de frutas que ainda vamos servir.

Catherine deu um gemido silencioso. Oh, seu estômago esquecido por Deus. Mas pelo menos ela não precisava se aproximar dos Olhos Verdes enquanto se afastava. Moora trouxe o bolo e, com Peg, serviu a parte superior e média da mesa. A boca de Catherine se encheu de água quando o creme de maçã recheado foi colocado diante dos homens. Olhos Verdes acenou para o último prato, mas queria também café. Para seu desalento, Peg fez sinal para ela pegá-lo.

— Da esquerda, lembre-se, — disse ela, entregando-lhe uma xícara e pires com a cafeteira de prata.

Oraria para xícara não ir chocalhando, Catherine atravessou a sala com o pote pesado. Se ele tentasse um tapinha familiar, ela jurou silenciosamente, não importava o que eles fizessem com ela, ela esvaziaria toda a panela fumegante sobre a cabeça dele. Ela colocou a xícara e o pires para baixo sem um tilintar. Embora ele devesse saber quem o estava servindo, não lhe deu atenção. Ela derramou. Ele ignorou. Ela recuou com o pote, mais furiosa do que se ele a tivesse beliscado. Então, ela era apenas mais uma virgem que ele havia usado brutalmente e dado com a ponta de sua bota! No momento em que ela devolveu a cafeteira ao aparador, ela estava tão quente quanto o café. E quase tonta de fome. Mentalmente, ela o chamava de todo nome sujo que já ouvira e de alguns que inventava no ato. Peg a cutucou.

— Ele quer o bolo de frutas agora.

Oh, agora ele quer, não é? Agarrando a jarra de creme e colocando um pires debaixo do braço, ela pegou o restante do bolo de frutas e marchou até a cadeira dele. Moora se moveu para interrompê-la, mas Peg parou a filha com uma sacudida silenciosa da cabeça. Catherine largou a jarra na mesa, depois retirou o pires com um floreio sob a axila, colocou-o com uma pancada aguda no prato de serviço e serviu o cobiçoso bolo de frutas com colheres de creme. Olhos Verdes se recostou na cadeira e a observou. Os outros ficaram olhando fascinados quando uma grande camada de creme escorria pela borda do prato. Ela derramou o creme em uma corrente brilhante na montanha em miniatura até que, para seu pesar, ele acabou antes de vazar da mesa para seu colo.

Silenciosamente, como se tratando de uma criança rabugenta, ele disse: — Porque você não se preocupa com a nossa comida, ficará sem a sua parte hoje. Volte para o seu lugar.

Liam estremeceu.

As maçãs do rosto estavam brancas de raiva, Catherine voltou para o aparador. Eu não me arrependo. Não me arrependo de nada, ela disse a si mesma furiosamente.

Moora se afastou. Peg não disse nada, simplesmente removeu a bagunça

ofensiva da mesa, depois retomou seu lugar. A maioria dos homens se desculpou, olhando para Catherine maravilhados quando saíram da sala. Flannery, Liam e o homem de cabelos grisalhos permaneceram com Olhos Verdes.

O Fantasma do Grande César, embora Catherine estivesse irritada, eles devem estar contando a história do Império Romano! Eu devo ter algo para comer! Uma onda de tontura tomou conta dela. No momento seguinte, ela caiu no chão.

Os homens olhavam para o pequeno monte no tapete. O homem grisalho imediatamente empurrou a cadeira para trás, mas Sean acenou para que ele continuasse onde estava.

— Não se incomode, doutor, — ele disse em inglês recortado. — Quando você a alimentou pela última vez, Liam?

— Jimmy deu a ela um pão duro ontem ao meio-dia, — veio a resposta confusa, — mas ela perdeu duas refeições ontem e duas no dia anterior.

— Hm. Eu imagino que ela esteja com um pouco de fome. — Sean avaliou a pilha. — Piedade. Ela vai se arrepender de dormir e perder as refeições da manhã também.

Um gemido deplorável saiu imediatamente da pilha quando começou a levantar-se debilmente para uma posição meio sentada.

— Qu... o que aconteceu?

— Você pareceu desmaiar, — veio a resposta sem expressão.

— Oh, — disse Catherine vagamente. Ela levantou a mão até a testa e deu uma espiada nele sob as pestanas fuliginosas. Olhos Verdes os estreitou, inclinando para ela através de cílios grossos como os dela própria.

Ele sorriu sombriamente.

— Estamos todos satisfeitos pela sua rápida recuperação.

Olhos safira brilhavam para ele por trás de sua mão.

— Eu me sinto melhor agora.

— Oh, bom. Eu estava com medo de que você não estivesse bem para a terceira refeição.

Em um instante, ela se levantou, apesar de uma leve instabilidade.

— Se você quer me matar de fome, não vejo razão para trabalhar. — Ela olhou para ele desafiadoramente. — E eu não vou fazê-lo até que eu receba uma refeição decente.

Impressionado, Sean tomou um gole de café.

— Como você quiser. Peg... — Ele apontou a cabeça para a porta do corredor da cozinha. — Leve-a de volta a seu quarto. Ela ficará lá até que concorde em completar seus deveres. As horas que ela gastar estando lá serão

deduzidas de seu tempo livre no futuro.

Catherine não disse nada, mas se seus olhos fossem facas, Culhane teria sido reduzido a um bife. Peg e Moora a ladeavam enquanto ela saía do salão, esbelta como uma tábua. Quando os passos das mulheres desapareceram, o doutor Flynn se apoiou nos cotovelos.

— Sean, ela não tem peso a perder. Se ela resistir...

— Ela não vai.

— Aquela garota é mais teimosa do que você imagina — interrompeu Liam. — Ela poderia ter escapado de nós em Runcorn se não tivesse escolhido o pior esconderijo nas docas para refúgio. E a bordo...

Agora Flannery falou.

— Ela colocou os olhos de ovelha em Galahad aqui e aliviou-o de sua pistola. Ela era toda capitã para comandar o bote e tomar suas chances de fuga em uma tempestade de neve.

Sean zombou:

— A bruxinha teria uma vida curta congelada nos remos.

Flannery levantou uma sobrancelha.

— Tempo suficiente para talvez levantar Antrim.

— Ela não vai durar naquele buraco lá embaixo sem nada para comer! —

Liam protestou novamente.

— Será que seus olhos de ovelha derreteram mais do que o seu cérebro? — Sean cortou bruscamente. — Você poderia ter perdido a vida de sua tripulação, para não mencionar a sua própria, o barco, e aquela bagagem de cabelo preto que pode nos enforcar. — Ele se levantou e se inclinou sobre a mesa, os dedos esticados sobre o linho. — Agora, coloque isso na sua cabeça. Ela é minha prisioneira. Se eu por capricho quiser esfolá-la em Dublin Commons, isso não lhe interessa.

Um silêncio constrangedor caiu. Liam estava sentado rígido, os nós dos dedos brancos nos braços da cadeira. Sean chutou a cadeira para trás.

— Eu sugiro que continuemos com os negócios do dia.

Flannery e Flynn se levantaram, mas Liam permaneceu onde estava.

— Eu gostaria de uma palavra com meu irmão em particular, — ele disse secamente. Flannery e Flynn trocaram olhares e se retiraram.

Com um suspiro curto de exasperação, Sean caiu em sua cadeira.

— O que é isso?

— Sean, eu posso ser uma figura de proa aqui, mas eu exijo respeito.

Sean levantou uma sobrancelha.

— Exige?

— Eu lhe concedo respeito...

— Eu ganho isto.

— E eu não sei? É por isso que você enfraquece minha posição? Você espera que eu aceite críticas públicas?

— Você mereceu as críticas?

— Sim, eu não nego isso.

— Então você deve aceitá-la. Você aceitou uma missão que você quase abortou. Se você tivesse me dado uma responsabilidade que eu não cumprisse, estaria sujeito à sua reprimenda. Se este fosse um exército formal, eu seria passível de tribunal marcial.

— Isso não é época de guerra e esse foi o seu esquema privado.

— Que você concordou em participar.

Liam olhou para longe em frustração, depois de volta.

— Muito bem. — Sua voz era sem tom. — Eu entendo o seu ponto.

— Bom. Agora que chegamos a esta fase, reconheço o seu ponto. Eu deveria ter falado com você em particular. Perdi o controle. — Ele estendeu a mão. — Estamos no topo da manhã, irmão. Vamos continuar com o trabalho do dia?

Liam hesitou.

— Com uma condição. Não mate de fome aquela menina.

Os olhos verdes de Sean se estreitaram.

— Eu não vou negociar, Liam. — Ele fez uma pausa. — Quando ela entender pela primeira vez em sua vida mimada o que significa fome, eu vou alimentá-la. Não antes. — Ele levantou Liam facilmente a seus pés e deu um tapa no ombro dele. — Não se preocupe, Galahad. Eu não tenho nenhuma intenção de fazê-la mais magra do que está. Ontem à noite era como se fosse um saco de ossos de coelho. — Ele se virou antes que Liam pudesse dizer que ele estava mentindo.

CAPÍTULO 3

A OSCILAÇÃO DA ESTRELA

Quando Catherine, que instantaneamente adormeceu em sua cela, abriu os olhos, o crepúsculo revelou uma caneca de água no chão ao lado da cama. Resistindo ao desejo de derrubá-la, bebeu apenas o suficiente para acalmar a fome, depois dormiu metade do tempo até o final da manhã do dia seguinte. Em um estupor, ela procurou a caneca e, apesar de sua restrição, derrubou a maior parte antes que a dor de estômago entorpecesse. Ela se perguntou quanto tempo poderia aguentar; se o irlandês era capaz de sequestrar e estuprar, ele seria capaz de deixá-la morrer de fome. Ele vai ser enforcado, ela jurou vingativa, e eu dançarei um jig sobre a forca. Mas estranhamente, enquanto voltava para o sono febril, sua mente evitava o ponto em que o laço estrangulava a vida do magnífico animal que a atacara e o colocava numa espécie de tormento igual ao dela.

Seus sonhos giravam e torciam como vapores sobre um pântano. De alguma forma, o velho e recorrente pesadelo de ser uma criança de novo, de correr por uma floresta escura fugindo de algum terrível animal invisível, se alterou. O calor era tão opressivo quanto o de uma selva e ela agora era uma mulher jovem, mas ainda usando a camisola de uma criança e chorando por sua mãe. Como sempre, Elise apareceu vestida para cavalgar. Ela silenciosamente pegou a mão dela e levou-a da floresta para um prado enevoado dividido por uma parede de pedra em ruínas. Geralmente o sonho desaparecia nesse ponto; mas agora, um carrasco de capuz preto esperava junto à parede, o peito nu coberto de cortes carmesim. Entre os cortes, havia feridas mortais; doente de medo, ela tentou fugir, mas não importava onde ela tropeçasse, sua mãe bloqueava sua fuga. O carrasco agarrou-a, jogou-a na parede e arrancou sua camisola. Ela gritou inutilmente por Elise. Então, parecia que seu corpo estava sendo dilacerado, como se estivesse sendo esfaqueado por lâminas curvas e, em sua agonia, viu os olhos brilharem com um raio verde através das fendas da máscara do carrasco. Suplicando, ela percebeu e agarrou o manto de sua mãe, mas o manto estava coberto de sangue, e o belo rosto de Elise estava frio.

— Agora, é a sua vez. Mas você não pode morrer. Você nunca vai escapar de mim. Eu vou segui-la sempre... sempre...

O gelo tocou suas bochechas e testa enquanto alguém a segurava. Ela tentou

lutar para se libertar.

— Não, não. Deite em silêncio. Você está começando a se sentir melhor, não está? —A voz era reconfortante. Ela começou a relaxar até que o aroma de caldo de galinha quente provocasse suas narinas. Seus olhos se abriram para ver o homem grisalho da sala de jantar acenar com uma colher na frente de seu nariz.

Seus olhos azuis se enrugaram.

— Ah, eu sabia que a sopa de Peg traria resultados. Não muito rapidamente agora; está quente.

Obedientemente, ela tomou um gole. Depois de vários bocados, ela levantou a atenção da colher para examiná-lo.

— Sou o doutor Flynn. Nos conhecemos no café da manhã no outro dia.

Flynn era vigoroso, mas ela sentiu que ele era gentil. Parecia que ela pegara um calafrio e passara um dia e noite violentos. Ela tomou um gole quando ele ofereceu a colher novamente, então perguntou ironicamente: — O mestre de Shelan não vai desaprovar meu jantar sem que eu tenha feito um dia de trabalho?

— Eu acho que não. Liam não tolerou seu confinamento sem comida.

— Liam? —Agora era sua vez de se assustar. — Liam é mestre aqui?

Ele adivinhou a fonte do erro dela.

— Lorde Liam Culhane é o décimo segundo Culhane de Shelan. O homem com quem você... discordou é seu irmão mais novo, Sean. —Para evitar mais perguntas, ele pousou os cobertores sobre os ombros dela. — Você deve dormir agora.

— Isso é tudo que eu tenho feito por... quantas horas agora? —Apesar de seu tom leve, sombras se infiltraram em seus olhos.

— O café da manhã foi há três dias. É sexta-feira, perto do anoitecer.

Deslizando os dedos sobre o pulso dela, ele tomou seu pulso.

— Você não quer dormir?

— Não particularmente. —Seus cílios se fecharam. — Às vezes tenho sonhos ruins; felizmente, nunca me lembro deles.

Ele olhou para ela por um longo momento, soltou seu pulso, depois deslizou o travesseiro por trás dela e colocou sua cabeça nele. Mal tinha percebido que estava usando uma das camisolas de dormir de Peg.

— Eu não acredito que você terá mais sonhos ruins hoje à noite. Pense em ter um café da manhã sólido pela manhã.

Resumidamente, Flynn relatou a recuperação de Catherine para Sean Culhane. Com os cotovelos apoiados na mesa, Culhane passou uma pena nos dedos.

— Quando ela vai estar acordada?

— Amanhã de manhã, se ela não se sobrecarregar. Naturalmente, ela tem que comer para recuperar a força.

— Naturalmente. — O tom de Culhane estava seco. — Então não haverá complicações?

— Ela é resiliente e determinada.

Um sorriso de lobo zombou dele.

— Você admira os nervos da garotinha por suportar o ogro em seu covil, não é? — O sorriso ficou sombrio. — Ela é uma criança mimada que nunca foi frustrada em sua vida. Suas escovas de cabelo cravejadas de diamantes alimentariam uma família irlandesa por toda a vida. Sua avó francesa era uma prostituta real; sua mãe, uma boneca de cabeça vazia que desperdiçou sua porção de uma das maiores fortunas da França. E, como o resto de sua sorte, a Srta. Enderly aprendeu a vender sua antiga virtude por um preço sólido.

— Não é possível que o seu ódio por Enderly tenha distorcido seu julgamento?

O homem mais jovem sorriu sem alegria.

— Sou um verdadeiro canalha, doutor.

Flynn conhecia aquele sorriso. Com uma pontada de pena pela menina Enderly, ele se despediu.

Catherine devorou o café da manhã. Por fim, ela se recostou com um sorriso pequeno e guloso de satisfação para Peg, que estava sentada no parapeito oposto, observando-a. Elas estavam na cozinha. Ela se esticou, os olhos estreitados contra a luz da manhã. — Você é uma boa cozinheira, Peg! Isso foi esplêndido.

— Oh, eu faço bem o suficiente, — Peg respondeu, não mencionando que sua culinária foi reconhecida como a melhor do país. — Claro, a fome é um bom aperitivo.

Catherine inclinou a cabeça, ainda semicerrando os olhos.

— Liam Culhane ordenou a seu irmão que me deixasse ter tudo isso?

Peg soprou.

— Liam não ordena que Sean faça nada!

— Mas ele é o senhor aqui, não é?

Peg deu-lhe um olhar penetrante.

— Doutor Flynn disse a você o que eu estou supondo... Bem, é verdade em certo sentido, mas cada alma neste lugar recebe ordens de Sean. Liam é um bom rapaz, e ele pinta quadros bonitos, mas ele não pode lidar com um rebanho de ovelhas. Eu não estaria lhe dizendo isso, mas é melhor que você saiba. A única

maneira de você ir para casa é se Sean Culhane der a palavra.

— Hmmm. Suponho que seja impossível então. — Catherine se espreguiçou sob a luz quente do sol e colocou as mãos atrás da cabeça. Ela ouviu outro sopro do peitoril e abriu um olho.

— Hmm. Você não me engana. Eu sei o que é um ronronar quando o ouço, e sempre causa problemas para um homem. Se é o sedutor Sean que você está pensando, ele é um homem duro, amargo, não um cordeiro. Ele já teria sido espancado até a morte com os cílios batucando se ele desse importância a uma mulher em sua vida neste mundo.

Catherine sorriu impudentemente.

— Obrigada pelo conselho, mas eu prefiro persuadi-lo com um chicote.

Peg fungou.

— Ouso dizer que sim, mas não iria consertar sua virgindade... ah, eu sei. Vi os lençóis. — Catherine não se moveu, mas um rubor tocou suas bochechas. — Eu suponho que não goste de mim dizendo isso, mas você é muito parecida a ele, você e ele são iguais. Sim, é verdade. Como agora, com esse sorriso, olhos arregalados e seu relaxamento, você me lembra um par de gatos: ele lhe rasgou e você meio que floresceu com isso. Você se move muito, e eu aposto que os dois têm os mesmos temperamentos!

O rubor de Catherine ficou mais quente, embora a voz dela estivesse quieta.

— Você imagina tudo isso, Peg. Somos pessoas diferentes que vêm de mundos diferentes. Eu mal posso esperar para voltar para o meu próprio mundo.

Um brilho apareceu no olhar de Peg quando a encarou, depois desapareceu tão rapidamente quanto veio, e ela deslizou seu corpo para fora do peitoril.

— Bem, no momento você terá que lidar com isso. Ajude-me a limpar esses pratos e eu vou mostrar a você o que deve fazer.

Os deveres pareciam intermináveis. Catherine preparava o mingau de manhã e ajudava Moora a assar pão. Ela não deveria ajudar no serviço da mesa de Culhane até o futuro e tampouco ela deveria servir as mesas com cerca de cem homens ásperos que tomavam o café da manhã em turnos na cozinha. Enquanto comiam, com muitos olhares, arrotos e chocalhos de talheres, Catherine trabalhava na mesa de massa. Quando eles saíam, ela era autorizada a comer. Nenhuma das mulheres, exceto Peg, sentaria perto dela; elas deixaram claro que estar na mesma mesa com uma inglesa estragava seus apetites.

Depois do café da manhã, ela e duas outras mulheres esfregavam uma montanha de pratos. Então ela foi designada para o trabalho doméstico, sempre que alguém pudesse observá-la. Ela foi autorizada a voltar para a cozinha para o

almoço depois que os homens terminassem, deixando mais uma montanha de pratos. Depois disso, de volta para a limpeza. Ela sempre soubera que a manutenção de uma grande casa era infinita; fazer o trabalho deu-lhe uma apreciação amarga da sua verdadeira magnitude.

O jantar era servido, primeiro para os Culhanes e um pequeno grupo na sala de jantar da família, depois para a massa dos homens em um salão que percorria toda a extensão da casa central. Embora nunca estivesse em nenhum dos quartos na hora das refeições, ela precisava arrumar as mesas. No momento em que a cozinha era colocada em ordem depois do jantar, ela estava entorpecida pelo cansaço e contente de ser levada até sua cela.

Durante três semanas, Catherine não viu praticamente nada de Sean Culhane e Flannery, e pouco mais de Liam, que passava a maior parte do tempo a cavalo, perambulando pelas charnecas com blocos de rascunho. Doutor Flynn, ela não viu nada, exceto por um breve exame pós-doença. Sentia falta da gentileza de Flynn, pois, embora tenha tido o cuidado de não dar sinal, sentia o ostracismo bruscamente. Para essas pessoas, ela era uma cifra que representava a opressão. Peg não tinha tempo para conversar, e Moora, desconfiada de todos os seus movimentos, relatava tudo o que fazia a Peg. A informação provavelmente passava para Sean Culhane.

A princípio, ela teve medo de que Culhane a chamasse para a cama dele, mas ele não o fez. Como o novo brinquedo de uma criança mimada, ela havia sido descartada depois que ele a sujou. Ou cansado dela. Essa possibilidade perversamente despertou sua vaidade. Talvez, uma vez que ele tivesse tomado sua virgindade, sua inexperiência fosse desagradável. Ele provavelmente tinha amantes em todo o campo.

Mas o sentimento era pequeno em comparação com o alívio de ser deixada sozinha. Todas as noites em sua cela, ela proferia uma fervorosa oração para que Sean Culhane ficasse surdo, cego e impotente. Sua aparência surrada, com hematomas e encardida, juntamente com a inevitável presença de Moora, desencorajara efetivamente os avanços dos muitos homens que constantemente entravam e saíam da casa; mas agora que as contusões haviam desaparecido e seu nariz voltava ao normal, começaram a avaliá-la apesar de suas roupas surradas. Quando, em sua ignorância, tentou lavar seu vestido de veludo — em água fria e sem sabão — os resultados foram desastrosos. A bainha do casaco estava rasgada, as frágeis botas se partiram. Com o descuido da aparência atual, ela tornou-se obcecada com a manutenção de uma aparência e asseio anterior.

Escapar era sua verdadeira obsessão. A que distância a propriedade ficava de uma cidade com uma guarnição britânica, ela não conseguia descobrir. Praticamente ninguém falava com ela, exceto Peg e Moora; Moora era cautelosa

e Peg soltava apenas o que ela queria, dando a Catherine a impressão de que ela estava esperando por algo. A conversa dos servos geralmente parava em sua presença.

A casa principal, embora desprotegida, raramente carecia de empregados perto de sua entrada, e os homens que ela supunha serem inquilinos da propriedade sempre estavam em seus terrenos. Uma mansão de pedra restaurada com uma entrada em terraços, enfrentava um gracioso corte semicircular emparedada; um terraço com portas francesas corria o comprimento do edifício do lado do mar. Embora a mobília e as cortinas da mansão estivessem bem gastas, sua qualidade era boa e os aposentos continham o resgate de um rei em obras de arte. Pinturas de Verrocchio e Velasquez e um pequeno bronze de Cellini estavam entre as obras-primas espalhadas pelos quartos particulares da família, como as gravuras de Goya e Rembrandt no quarto de Sean Culhane.

As janelas do andar térreo ofereciam apenas uma vista desanimadora de pântanos desolados e lindos, enquanto os andares superiores davam uma vista magnífica e íngreme do Atlântico. Urze e a grama do mar margeavam um penhasco onde um gramado suave descia abruptamente para o mar. Ao Norte da casa havia uma ruína caída. Apenas parte de uma enorme torre permaneceu, abrindo bruscamente por cima de paredes adjacentes desmoronadas, cujas muralhas quebradas apoiavam o mar e o Norte do campo; as paredes do interior eram baixas linhas de entulho. Além das dependências espalhadas, vários prédios de pedra em forma de caverna se agrupavam em um barranco e eram quase invisíveis da terra ou do mar.

Ela supôs que os edifícios do barranco fossem quartos de empregados até a manhã em que ela viu — inquilinos — que ela reconheceu da cozinha segurando mosquetes improvisados de ancinhos e vassouras. Enquanto marchavam de um lado para outro em uma massa irregular ao lado do celeiro de pedra, seu primeiro impulso foi rir, particularmente quando os viu se espalharem como um punhado de ervilhas e se jogarem atrás de valas e muros, depois apontarem suas armas ridículas uns para os outros enquanto Sean Culhane e Flannery gritavam imprecções para eles.

Em menos de uma semana, as palhaçadas dos irlandeses não a divertiam mais. Linhas de treinamento foram medidas, os homens menos desajeitados em seus exercícios. Ela lembrou que os colonos americanos haviam derrotado soldados britânicos se escondendo na floresta e no campo e atirando de emboscada. Depois que os mosquetes substituíram os equipamentos improvisados, Catherine começou a levar a força insignificante de Culhane a sério. Enquanto eles faziam disparos sombrios e pareciam ter apenas algumas armas, sua pontaria, como seus treinos, iriam melhorar. A implacável disciplina

de Culhane resolveu quaisquer dúvidas.

Certa vez, enquanto polia móveis, olhou pela janela de um quarto ao notar que Culhane estava acalorado com um de seus tenentes. O subordinado indignado puxou uma faca e deu um grito no alto irlandês. O pé de Culhane enganchou o tornozelo do homem e seu dono pousou em uma expansão desajeitada. Quando ele tentou se levantar, teve a mão da faca presa sob o pé de seu oponente. Catherine viu sua boca abrir um grito quando o salto da bota esmagou seus dedos. Sean Culhane chutou a faca para longe e, em seguida, para o terror de Catherine, chutou friamente o atacante na lateral, deliberadamente quebrando várias costelas. Com um movimento rápido e curto, ele convocou dois homens para levar o homem embora. Claramente, Catherine percebeu, que o irlandês não teria resistência a sua autoridade. Ela deveria se afastar do monstro e rapidamente.

Ocasionalmente, os navios no mar estavam tão tortuosamente perto que Catherine podia ver suas insígnias em dias claros. Uma tarde, ela se inclinou de uma janela e arrastou a roupa de cama, ostensivamente arejando-a, até que Moora arrancou-a de suas mãos e a jogou no chão úmido. Ela teve que esfregar por horas para remover suas manchas de grama e, como punição, lavar as janelas do salão de baile e varrer o hall de entrada de mármore.

Sob a guarda sempre presente de Moora, Catherine ainda estava esfregando o foyer muito tempo depois que ela normalmente teria ficado confinada em sua cela durante a noite. Com as costas doendo, ela fez uma pausa para limpar o cabelo do rosto; a tira de pano, que o segurava no alto da cabeça, tinha uma tendência irritante para escorregar. Quando ela amarrou de novo, a porta da frente se abriu e, um por um, sete pares de botas enlameadas seguiram pelo chão limpo. Sua cabeça se levantou e ela olhou furiosa sem palavras. Sean Culhane olhou para ela com uma satisfação preguiçosa. Liam e os outros, um pouco envergonhados, ficaram atrás dele enquanto Rouge Flannery sorria, olhando sua camisa úmida e pegajosa.

— Boa noite, senhorita Enderly, — Culhane murmurou com polidez zombeteira.

Os olhos de Catherine dispararam faíscas. Louca como uma gata chameuscada, levantou-se lentamente, as finas sobranceiras quase se encontrando em seu rosto manchado. De repente ela lançou-lhes um sorriso de tirar o fôlego, depois fez uma profunda reverência que teria servido a uma apresentação na corte. Enganchando seus dedos ao redor da alça do balde, ela se endireitou e deixou voar uma torrente de água suja em todo o deles.

— Boa noite para vocês, senhores, — ela ronronou docemente.

Embora os homens da retaguarda recebessem apenas o jato, as fileiras da frente receberam o peso. Flannery cuspiu, batendo na barba. Ele rosnou e avançou para alcançá-la, mas foi interrompido por um longo braço que saiu para barrar o caminho. Não olhando para Rouge, Culhane disse facilmente: — Você foi negligenciada, Srta. Enderly, em detrimento de sua disposição febril.

Ela observou-o com cautela. Embora os reflexos rápidos o tivessem salvado do pior, o cabelo de Culhane pingava nas pontas de algumas mechas e no rosto. Seus lábios estavam se contraindo em um esforço para reprimir uma risada? Os outros estavam com raiva o suficiente.

— Talvez a companhia exclusiva de mulheres tenha se tornado tediosa para você, — ele sugeriu suavemente. Ela ficou tensa. — Moora — ele olhou para a jovem horrorizada parada na parede — veja que a Srta. Enderly se junte aos oficiais para jantar amanhã à noite. — Ele deu a sua cativa de rosto branco uma sugestão de uma reverência zombeteira. — Durma bem, milady. — Então ele acenou para os homens em direção ao refeitório. Quando a porta se fechou atrás deles, ela ouviu uma explosão quase infantil de riso que poderia ter sido atraente se não tivesse esfriado.

Sentindo os olhos de Moora perfurando a parte de trás de sua cabeça, ela desafiadoramente colocou as mãos nos quadris e a encarou. O olhar de incrédulo espanto da moça irlandesa teria dado crédito a uma coruja.

— O que você está olhando? — Catherine perguntou.

— Você tem coragem! — Moora balbuciou. — Eu me pergunto por que Culhane não bateu em você ao ponto de quase perder sua vida! Você é estúpida! — Sua voz subiu firmemente, mas com uma nota de admiração.

— Talvez sim, talvez não. Tenho um temperamento horrível. E não gosto de ser intimidada. — Catherine pegou o balde e se dirigiu para a cozinha.

Quando Catherine despejou a água da bomba da cozinha no balde, Moora, com as mãos atrás das costas, a observou quase timidamente. Ela se remexeu por um momento, depois insistiu: — Mas Sean Culhane é mestre aqui.

— Ele não é meu mestre, nem nunca será.

Os olhos de Moora se arregalaram.

— Ele não gostaria de ouvir esse tipo de conversa.

Catherine deixou cair um punhado de sabão na água.

— Eu diria que ele não vai, só se você contar a ele. — Ela olhou com ironia a garota avermelhada. — Ainda assim, uma nova nota pode aliviar a monotonia do recital diário. Pena. Eu gostaria de pensar que isso o entedie até a morte. — Ela começou a arrastar o balde de volta para cima.

Enquanto subiam a escada, Catherine ouviu um leve risinho.

— Entediado ele nunca será, não com uma garota insolente perto de afogá-

lo em sua própria porta. E ele rindo! Ele nunca ri! —Ela riu novamente. — Eles não pareciam um bando de cães molhados? Aquele Rouge, ele é o curador da matilha. Eu não me importo de ficar acordada a noite toda, apenas para vê-lo receber seu castigo. —Elas alcançaram a porta do vestíbulo e brevemente sua mão tocou o pulso de Catherine. — Rouge não vai esquecer, no entanto. Veja que você nunca se encontre sozinha com ele.

— Obrigada, Moora. Vou me lembrar disso.

Enquanto a noite avançava, Moora se abriu como uma flor em seu desejo de saber sobre a vida de Catherine na Inglaterra: os vestidos, as festas, as joias. Catherine tentou explicar que os últimos cinco anos tinham sido tão corriqueiros quanto a rotina de Shelan, mas Moora parecia tão exultante, mesmo com fragmentos de informação, que Catherine recordou tudo o que pôde, sentindo uma pontada ao ver o rosto melancólico da garota. Quão estéril a vida era para muitos; no entanto, mesmo a riqueza e a posição não tinham feito sua própria vida feliz, embora Moora nunca tivesse acreditado.

Não acostumada a horas tardias, Moora gradualmente ficou sonolenta, e quando Catherine perguntou casualmente se havia lojas elegantes nas redondezas, ela murmurou, sonolenta: — Não por vinte milhas, mas é uma pena. Donegal Town é a mais próxima.

Enquanto Moora afundava em sua cadeira, Catherine se dirigiu para a porta da biblioteca. Quando a respiração de sua jovem guarda se tornou regular, Catherine entrou na biblioteca e fechou a porta. Sabendo que não iria demorar muito para que o refeitório se esvaziasse, ela imediatamente tentou a escrivaninha de mogno inclinada; estava trancada. A mesa de Culhane também estava segura, mas ela habilmente passou os dedos sob a crista entre as seções da gaveta. Como ela esperava, um maço de lacre na extrema esquerda pressionava uma chave na madeira. Ela suspeitava que Liam, e não Sean Culhane, usaria um truque tão antigo. A chave se encaixava na trava da gaveta do meio, que por sua vez liberava as travas da gaveta lateral. Folheando os papéis para encontrar a chave da mesa do mapa, ela encontrou alguns mapas desenhados à mão em papel timbrado; um não era familiar, mas com um choque, ela percebeu que o outro, anotado com um número 14 e um ponto de interrogação, mostrava a propriedade de Windemere. Holden Woods, uma forma de três dedos, cerca de duas milhas ao Norte da casa, estava fortemente circulada. A pequena floresta de nogueira era uma das mais finas da Inglaterra e fornecia uma boa parte da renda de Windemere. Operações de madeira seletiva durante todo o ano tornariam um improvável esconderijo até mesmo para uma pequena concentração de estranhos, e certamente melhores pontos de emboscada estavam mais próximos da casa. Então por que...? De repente ela teve uma

sensação doentia que Culhane queria destruir a madeira como parte de sua trama por vingança. Ele pode já ter feito isso.

Recolocando os papéis no lugar, ela rapidamente procurou nas gavetas laterais. A chave que encontrou na de cima se encaixou na outra mesa. O estojo do mapa abriu-se sem um clique, mas os ouvidos, atentos a qualquer som traidor, ouviram a maçaneta girar lentamente na porta da biblioteca. Pegando um tinteiro de ágata, ela correu atrás da porta e se encostou na parede. Quando a porta se abriu, a fresta da abertura revelou uma figura feminina. Moora.

— Catherine? —ela sussurrou. — Onde está você?

Prendendo a respiração, Catherine içou o tinteiro. Moora se moveu mais para dentro do quarto. Quando o corpo dela abriu a porta, Catherine bateu com o quadril e, infelizmente, trouxe o tinteiro para baixo na parte de trás da cabeça da menina. Moora caiu como uma rocha. Catherine deslizou ao lado dela para ansiosamente testar seu pulso. Estava firme, um pouco rápido. Rapidamente, ela puxou para baixo a cortina de damasco, deu um nó no torno dos pulsos e tornozelos de Moora, depois enfiou na boca da garota com seu próprio gorro.

Respirando rapidamente, Catherine voltou para a mesa e examinou os mapas, dos quais pelo menos metade eram mapas náuticos. Finalmente, encontrou um que mostrava Donegal Town no fundo da barriga de uma baía no canto Noroeste da Irlanda; seu tamanho sugeria uma guarnição. Num raio de 32 quilômetros da cidade, Shelan só podia ser um dos dois lugares da costa, mas dirigir-se para o Norte ou para o Sul era a questão. Ela decidiu viajar para o Sul por cinco milhas; se ela não chegasse à baía, teria que seguir para o Norte para encontrá-lo e traçar sua curva até a cidade de Donegal.

Ela ouviu um gemido abafado de Moora quando selecionou uma adaga de bronze com uma peculiar lâmina ondulante da coleção Celtic e enfiou na cintura dela. Como uma reflexão tardia, ela puxou para baixo um machado de arremesso de aparência letal.

Ao atravessar a sala com o machado ainda na mão, Catherine viu os olhos azuis de Moora se arregalarem de terror. Embora qualquer atraso fosse arriscado, ela parou para tocar o ombro da menina.

— Eu não queria te machucar, Moora, mas Culhane quer me dar aos seus homens. Eu sei que você poderia tê-los chamado antes de vir procurar por mim. Obrigada. —Então ela foi embora.

O ar frio da noite estava intoxicado depois de semanas de confinamento. Nenhuma das habituais nuvens de chuva ameaçadoras pairava sobre o pântano clareado pela lua. Alcançando a caserna sem interceptação, ela quebrou a porta do estábulo alguns centímetros. Um único lampião na parte de

trás revelou que o lugar estava deserto. Ela entrou e fechou a porta, pegou uma rédea na parede e foi de baía em baía à procura do cavalo puro-sangue que vira Liam usar em suas excursões de pintura. Ela encontrou o castrado e viu algo melhor. Na última baía, um grande cavalo preto bateu inquieto. Quando ela se aproximou, um sorriso se espalhou de um canto a outro. Se seu garanhão, Numidian, tivesse um irmão, este era o cavalo. O sangue árabe aparecia em todas as linhas de seu enorme corpo, mas o seu tamanho indicava ser de um dos senhores de Morgan. Se assim fosse, ele teria resistência. Ela começou a sussurrar para ele em tons que teriam Numidian sentado em seu colo, embora seus olhos mostrassem crescentes brancos de ostras e ele se mexesse nervosamente enquanto ela se aproximava, ele ficou quieto, a pele lustrosa se contorcendo enquanto ela se movia para sua baía.

— Aqui, — ela acalmou. — Calma, querido... eu não vou te machucar. Você é adorável, um grande sujeito, uma beleza. Oh, querido, eu gostaria de ter uma cenoura. — Ela sussurrou enquanto acariciava com seus dedos os lábios macios. — Se você me tirar daqui, vou enchê-lo até explodir com cenouras. Qualquer coisa. Venha embora comigo. — Gentilmente, ela acariciou-o por todo o corpo, as mãos escorregando pelas pernas bem torneadas. Ela rapidamente selou-o, em seguida, pegou um cobertor de cavalo extra para envolver-se e levou-o para a porta do estábulo. Ela espiou para fora. As luzes da casa estavam próximas dela, mas sem ver ninguém, ela levou o preto para o luar. Ele se levantou, uma forma maciça e escura. Respirando profundamente, ela colocou um pé no estribo. Se ele se revoltasse agora... Ela montou e encontrou o outro estribo. Ele soprou suavemente pelas narinas. Ela o acompanhou lentamente em um pequeno círculo, tocou no flanco e deu-lhe a liderança. Ele entrou em um galope suave; então eles levemente saíram da parede da caserna e foram para o Sudeste como o vento.

Catherine estava bêbada de alegre liberação quando o vento gelado varreu a névoa de hostilidade que a rodeava, e o negro se acomodou em um passo longo e fácil que engolia os quilômetros. Com uma sensação de onipotência, ela arrancou a tira que prendia seu cabelo e atirou-a na escuridão. Seu cabelo solto chicoteava sua cabeça como uma bandeira pesada, doíam suas bochechas, trazia lágrimas aos olhos e seus lábios riam. Ela se sentiu como uma Valquíria, cavalgando as nuvens, espalhando as estrelas.

Então, pela primeira vez, um pensamento perturbador a atingiu. Quando chegasse a Donegal Town, o exército britânico cairia sobre o pescoço de Sean Culhane como uma cobra, mas e quanto aos outros? Os rebeldes de Shelan, particularmente os mercenários pagos para treinar os amadores, eram um ninho de aditivos que deveriam ser presos a qualquer custo. Mas as mulheres e

crianças? E o doutor Flynn? Todos eles seriam presos ou pior. E o que afinal de contas aconteceria a Sean Culhane? Ele poderia ser torturado por informações sobre suas atividades e outros possíveis rebeldes. Ser enforcado ele certamente merecia, mas ser quebrado e mutilado? Ela tentou lutar contra essa sua fraqueza, lembrando-se de que tinha sido tolamente embalada em sua solidariedade na mesma noite em que ele a estuprara. O que tinha sido uma corrida extasiante para a liberdade agora tinha uma promessa sombria de conclusão.

Sentindo sua mudança de humor, o negro afrouxou o passo. A paisagem enlutarada que parecia tão brilhante agora estava fria e árida enquanto ondulava como um vasto mar de pedras. As colinas se erguiam e caíam em ondas lentas, uma como a outra, monótonas e imóveis, e as estrelas da noite púrpura reluziam estridentes. Então uma única estrela balançou em um arco de pêndulo no horizonte e o ritmo se transformou em discórdia errática e ensurdecadora. Inclinando o cavalo no flanco, Catherine encaminhou-se para o Leste. Ela se inclinou sobre o pescoço dele quando seu longo passo se abriu.

— Eles estão vindo! Corra, beleza! Oh, por favor, corra! — Então uma estrela virou diretamente à frente. Catherine girou em um rasgo de seixos e grama, apenas para ver mais uma estrela valsando nas colinas do Norte. Esperando ultrapassá-los, ela decidiu tentar passar pela retaguarda no escuro. Melhor desmontar e perdê-los nas rochas costeiras do que permanecer um alvo óbvio à luz do luar. Ela se afastou das luzes, mas antes que ela tivesse ido uma milha, a pequena esperança de que eles estivessem muito longe para vê-la claramente desapareceu quando as luzes se aproximaram dela em um rápido fechamento. Tudo o que ela podia fazer agora era cavalgar tudo quanto o preto podia.

— Lá está ela! — Liam gritou para seu irmão, que galopava em um grande ruano ao lado de Liam e à frente de um punhado de cavaleiros. — Se nós não a afastarmos, os batedores vão levá-la para as rochas!

— Não em Mephisto, eles não vão. A moça pode passar por cima de sua cabeça, mas esse cavalo não é tolo o suficiente para pular para a perdição.

Exasperado pela aparente falta de preocupação de Sean, Liam começou a retrucar, mas seu irmão, aparentemente decidindo que seu precioso garanhão poderia estar em perigo afinal de contas, afastou-se e estimulou até que seus cavaleiros tiveram dificuldade de acompanhá-lo.

O próprio Sean não sabia se o perigo pela garota ou por Mephisto o instigava. Mephisto conhecia bem os penhascos, mas estimulado a sua máxima velocidade durante a noite, ele poderia não ser capaz de parar a tempo. Ele teve uma visão momentânea da garota e do cavalo caindo para as rochas

abaixo. Mephisto, ele lamentaria perder, mas a garota o confundia. Tudo o que ela representava o repelia e repugnava-o, mas ele a queria. Todas as noites, nas últimas duas semanas, ele havia navegado para a aldeia do outro lado da baía e acalmado seu desejo no corpo claro de Fiona Cassidy enquanto tentava apagar a garota inglesa de sua mente. Ele pensou que tinha conseguido, mas esta noite ela tinha franzido o cenho para ele com os olhos azuis queimando no pequeno rosto sujo e ele queria arrancar a presilha do cabelo dela e esmagar aquela boca rebelde sob a sua na frente de todos os seus homens. Melhor se ela estivesse fora de sua vida agora.

Ele estava perto o suficiente para ver as faíscas cuspidas nos cascos do negro e ouvir vagamente o mar batendo nas rochas do penhasco. De repente, inevitavelmente, Mephisto relinchou descontroladamente e torceu as coxas para trás. Levantando cavalo e amazona em silhueta contra a lua antes que a garota gritasse e caísse.

Catherine ficou de pé quando os cavaleiros se aproximaram. Eles pararam, uns vinte deles, a apenas quinze metros de distância. Quando o preto cansado e suado esfregou seu ombro, ela o acalmou, acariciando seu pescoço e o lado manchado de branco. Os homens estavam muito longe para verem as lágrimas nos olhos dela. Então ela deu-lhe um empurrão suave e murmurou baixinho: — Você deve ir, beleza. Eu não quero que você se machuque.

Um assobio soou de um cavaleiro alto e sombrio.

— Mephisto. — O cavalo obedientemente trotou para seu mestre. Com um tom mais pálido quando reconheceu a voz, Catherine tirou o machado do cinto e esperou, o cabelo chicoteando ao vento do mar. O cavaleiro alto acenou para um dos outros, que avançou alguns passos.

A voz de Liam era trazida pelo som surdo das ondas.

— Senhorita Enderly, desista. Se você entregar suas armas pacificamente, eu lhe dou minha palavra de honra, ninguém vai te machucar.

Sua resposta foi uma risada fria e irônica.

— Você não tem honra, nenhum de vocês. E você matou a paz. Agora terá que me matar, porque eu nunca mais voltarei para Shelan. — Sua voz baixou. — Vamos acabar com isso?

Os mercenários estavam abertamente divertidos. Um soltou uma risada; outro, inclinando-se zombeteiramente de sua sela, soltou um grito de guerra irlandês.

— Nunca deixe ser dito que um irlandês manteve um lady esperando, — disse o alto cavaleiro, e desmontou. Quando ele deu um passo à frente, a lua deu

aos seus olhos a translucidez de vidro pálido.

— Bem, senhorita Enderly, — disse Sean Culhane, amavelmente, — aqui estamos de novo, cara a cara. Você se lembra da conversa durante nossa última briga, quando tentou fazer questão de usar um castiçal?

Catherine não disse nada, limitou-se a observá-lo cautelosamente enquanto ele avançava lentamente.

— Eu entendo você. Agora, se não jogar essa coisa, eu vou tirar de você. Se jogar e perder o golpe, você vai pensar que a culminação do nosso último argumento foi idílica. Se você não errar, meus homens vão jogá-la para fora do penhasco depois de dar vazão à irritação deles em perder a fonte de sua renda. Então não fique nervosa, e use a sua melhor chance, Srta. Enderly, você com certeza não vai ter outra chance.

Apesar de seus esforços para sacudi-la, Catherine ainda esperava. E apesar de suas palavras fáceis, a barriga de Sean se arrepiou quando a distância entre eles se fechou e ele percebeu que ela queria deixá-lo perto o suficiente para tentar enterrar o machado em seu intestino. Com um movimento do cotovelo, ele caiu e rolou, ouvindo um assvio terrível onde estava sua barriga. Pronunciando um grito, um cavaleiro correu para o lado. A diversão de seus companheiros desapareceu. Quando Sean se agachou rapidamente, sua oponente olhou para ele com a intensidade fria de um lince encurralado, a adaga de bronze em seu punho. Seu coração começou a retomar seu ritmo normal. A garota havia manejado o machado com uma perícia surpreendente, mas ele ficou aliviado ao ver que ela não estava acostumada a uma faca. Ela segurava a lâmina no sentido horizontalmente, com a lâmina para fora. Ele levantou-se lentamente, sacou a própria faca e deixou que ela mudasse de mão em mão para reluzir o luar ao longo de sua folha. Sem piedade, ele começou a provocá-la, fechando-se o tempo todo, fingindo fugir facilmente de sua lâmina com um borrão distrativo. Observando de perto ela rapidamente passou a mão na faca e imitou seus movimentos, perseguindo-o tão furtivamente quanto um pequeno índio.

O sorriso de Culhane brilhou brevemente branco no escuro.

— Nada mal para uma iniciante, mas você tem muito a aprender... — A centímetros dela, sua lâmina de repente cortou em um arco na sombra de seu corpo. Assustada, ela recuou, quase deixando cair a guarda.

— Lição um. Matar à distância é uma coisa, eviscerar de perto é menos estético. Você já viu um porco ser massacrado, Senhorita Enderly? Não é bonito, é? Morte por faca não é nada tão refinado quanto isso, eu garanto a

você. — Sua faca sacudiu, flertou com seu corpo, forçou-a de volta. — Os momentos finais são... bagunçados, geralmente porque uma facada não é suficiente a menos que o lutador seja experiente. Você gostaria de morrer em etapas, garota... Ou tudo de uma vez? — Sua faca serpenteou em guarda e pegou sua lâmina em uma torção hábil, arrancando-a de seus dedos. Jogando um braço para afastá-lo, ela tropeçou para trás os últimos centímetros restantes para a borda do penhasco. De repente, o aperto poderoso de Culhane pegou-lhe o pulso, arrastou-a para cima, ela tentou libertar-se e ele praguejou quando a agarrou com força sob as axilas e puxou-a para ele. Por um momento terrível eles lutaram na borda da pedra até que o irlandês encontrou o equilíbrio e lutou pela segurança dos dois.

Como se não soubesse se veria o seu próximo outono, Catherine bateu no seu peito e chutou descontroladamente suas canelas e virilha. Com um grunhido, ele alcançou-lhe a nuca; ela agarrou-o com seus dentes. Ele pegou um punhado de seus cabelos, empurrou-a para que ele pudesse segurá-la pelos braços, em seguida, levou-a para a beira do precipício.

— Olhe para baixo, droga! Aquele punhal que você derrubou é insubstituível. Eu deveria te jogar atrás dele! — A respiração vindo em soluços de frustração, ela se contorcia, ainda lutando contra ele. Ele a sacudiu, deliberadamente deixando-a quase cair da beira do precipício.

— Pelo amor de Deus, Sean, — Liam gritou. — Pare com isso!

Sean ignorou-o.

— Olhe para baixo, sua pequena idiota! É a morte, real e final. Olhe para baixo!

Incapaz de se ajudar, ela olhou. Um vazio tonto bocejou a seus pés, as pedras denteadas a cem metros de profundidade se estendendo para cima como presas mortais, as ondas vítreas enganosamente suaves enquanto arremessavam paredes de água salpicadas de luar contra a face rochosa.

— Quando você desafiou meus homens a lutar até a morte, você realmente não sabia o que era a morte, sabia? Você sabia?!

Estranhamente silenciosa, ela pendia balançando de suas mãos. Ele cerrou os dentes. Ela esperava que ele a largasse, a tola. Ele arrastou-a da borda até que a visão da queda ficou atrás deles. Passivamente, ela permitiu que ele a levasse, então parou como uma sonâmbula, olhando para o peito dele. Pensando que ela ainda estava sob a influência da altura, ele apertou mais seus braços para sacudi-la quando percebeu que ela estava rígida, seus olhos vidrados e em branco.

— Catherine, — ele disse cuidadosamente. Seus olhos piscaram, depois o registraram lentamente. Sabia que ela estava ciente dele quando eles se inundaram de desespero.

— Tragam-me as cordas do ruano. — Quando um dos batedores entregou-o, Sean puxou os pulsos de Catherine para a frente e os amarrou na frente dela. Ela não resistiu quando ele a conduziu ao negro; mas quando, em vez de colocá-la na sela, amarrou-a na cauda de Mephisto, ela lutou como um animal selvagem, depois ficou de pé, com os olhos em chamas de humilhação e ódio.

— Sean, isso é intolerável, — Liam protestou com raiva. — Eu dei a Srta. Enderly minha palavra...

— Que ela não aceitou. — Sean entregou as rédeas da montaria que ele havia cavalgado a um dos homens e subiu na sela de Mephisto. — Flannery, vá para a ferraria e aqueça a forja. O resto de vocês voltem para seus postos. Liam, eu sugiro que você vá com eles. Seu temperamento pode ter um resfriamento. Eu escolto a lady para casa.

Liam deu a seu irmão um olhar de fúria, viu seu cavalo, montou e cravou suas esporas.

Culhane cutucou Mephisto em um trote constante. Catherine recuou, depois foi empurrada para a frente no mesmo trote relutante. O irlandês não olhou para trás. Ela rapidamente descobriu que só podia andar mais alguns passos, mas depois teve que dar vários outros para seguir enquanto percorriam um caminho usado ao longo do penhasco. Antes de chegarem longe, o sol florescia como uma rosa ardente sobre as charnecas. Desgraçada como estava, Catherine ficou aliviada por estar viva para ver o amanhecer brilhante. Gaivotas brancas giravam e piavam ao longo dos penhascos escarpados, depois desciam em espiral para o mar para emergirem com peixes.

Livre. Elas são livres! Catherine pensou desoladamente. De repente, cega pelas lágrimas, ela tropeçou e caiu, raspando os joelhos em pedregulhos afiados. Mas seu sequestrador continuou cavalgando. Arrastada pelas cordas de seus pulsos, ela conseguiu se levantar com as bochechas molhadas de lágrimas e começou a jurar firmemente para ele em voz baixa. Sentindo-se melhor, ela começou a xingá-lo em voz alta, com cautela, depois com todo o som de seus pulmões. Ela finalmente conseguiu parar os soluços e ele teve que parar.

Sem olhar para trás, Sean disse secamente: — Bom. Seu vocabulário limitado estava ficando tedioso. Se você vai praguejar, faça isso corretamente. Você não tem a ideia de como se faz isso. Tudo bem. Ouça-me... — O ar ressoou com profanidade, musical e grandioso.

As bochechas de Catherine flamejaram escarlata. Se seu vocabulário era limitado, o de Sean Culhane definitivamente não era. Seus juramentos tinham raios e trovões. Quando ele terminou, não se repetira uma única vez. Claro, a cadência acrescentou um certo entusiasmo.

Ela franziu a testa para a cauda de Mephisto, em seguida, repetiu sua última

frase. Ela não tinha idéia do que significava, mas gostava do ritmo disso. Uma risada baixa voltou para ela por cima do ombro do irlandês.

— Melhor. Mas não faça assim. Fique de peito para cima.

Ela respirou fundo e soltou uma rajada de palavras na cabeça dele.

— Novamente, está melhor. Agora deixe fluir suavemente, siga com o poder, acalme, depois continue firme, e assim por diante. É por isso que uma boa série de juramentos soa como música.

Catherine não podia acreditar que ela estava tendo essa conversa. Aparentemente, o bruto tinha um senso de humor perverso. Ainda assim, jurando aliviou sua angústia. Ela havia pensado em morrer, mas estava amarrada a um rabo de cavalo, admirando a paisagem e trocando palavrões com um vilão que a sequestrara, estuprara, e depois a balançava de um penhasco. Eu devo estar histérica, ela pensou. Em voz alta, ela começou a cantar ruidosamente — *The Tart of Whitemarsh*, — e terminou com um *encore* não solicitado de seleções de seu recém-aprendido repertório.

Culhane bateu gentilmente e ela fez uma mesura zombeteira na garupa de Mephisto. Um risinho divertido flutuou de volta.

— Aquela monótona *Whitemarsh* deveria ter sido murada com os faraós, mas eu ouvi as piores interpretações em salas de música. Sem dúvida você aprendeu isso discretamente na *Ye Dreary Gentle woman's Academy* ou seja, Academia “Você Está Aborrecida Gentil Dama”.

— De fato, eu estava, — ela respondeu. — Eu estava sentada na roupa de um irmão de uma amiga de escola na quinta fileira do teatro de *Drury Lane*— ela apontou para a luz brilhante vindo do mar— mas admito que a academia era extremamente sombria.

— Então por que ir? Eu acho difícil imaginar alguém convencendo uma mulher que mais parece uma mula como você a fazer qualquer coisa que não queira para si mesma.

— Outras pessoas nem sempre empregam seus métodos de persuasão.

— Você acredita que as técnicas de seu pai são menos cruas? — Seu tom era leve o suficiente, mas ela sentiu uma pontada de desconforto.

— Ele é tão diferente de você quanto o céu do inferno, — ela respondeu secamente.

Culhane deu uma risada curta e sinistra.

— Em algum lugar, o céu e o inferno se encontram: nesse ponto até você, Srta. Enderly, pode ter dificuldade em dizer a diferença.

— A mesma coisa é dita sobre amor e ódio, mas lá, senhor, você estaria perdido. Eu não posso imaginar você amando alguém, sendo gentil, até mesmo algo do tipo. Você é um pedaço de pedra, insensível...

— Particularmente sobre podridão sentimental.

— Você fala em podridão! — Seu temperamento aqueceu. — Você é um pântano de ódio... você... — Ela parou, percebendo que estava indo longe demais. Escolher uma briga com um louco em um penhasco isolado era o auge da estupidez.

— Você estava dizendo? Ou seja, antes de considerar que sua morte poderia adicionar um impulso a mais ao meu cheiro? — Sua voz era tensa, perigosa.

— Eu quero viver, sim. Mas não sem liberdade. Não morrendo de fome e espancada e ameaçada de morte a cada momento. Não cercada por aqueles que me odeiam. Eu lutarei para escapar até meu último suspiro. Você está me tratando como uma escrava, mas eu não sou uma. — Ela estava cansada agora, a onda de energia que a carregara de Shelan se dissipou. Seus pés estavam doloridos; seus pulsos estavam esfolados. Os trotes breves e reforçados estavam se tornando incertos com mais frequência.

— Senhorita Enderly, você só teve um gostinho da condição irlandesa. Por setecentos anos, as ambições britânicas trouxeram guerra a esta terra, e com ela doença, fome e morte. O que você suportou não tem sido nada. Se você pensa que um murro na cara, um colchão fino, um guarda-roupa limitado, alguns andares para esfregar, e um único homem entre suas pernas é uma vida miserável, não começou a aprender o que é miséria. Um irlandês nunca tolerará um salto inglês em seus pescoços. Vamos ver o quão bem você fica com um salto irlandês no seu? — Culhane deu um chute em Mephisto e o cavalo moveu-se para um trote.

Quando chegaram a Shelan, Catherine cambaleava e tropeçava de um lado para o outro, quase pendurada pelos pulsos. Sentia seus pulmões incinerados, seus olhos ardiam de suor e seu cabelo se agarrava à cabeça de um emaranhado úmido. Quando Mephisto parou em frente da casa, ela afundou no calçamento. Em um estupor, ela ouviu vozes e sentiu as pessoas olhando para ela, então ouviu Culhane.

— Flannery, a forja está pronta?

— Sim. — A voz de Flannery não tinha o habitual humor de blefe.

— Bom. Eu vou me juntar a você diretamente. Jimmy, pegue Mephisto. Alimente-o com aveia e esfregue-o bem. Que uma criada o limpe com um pano.

— Sim, senhor. — Jimmy também estava sem humor.

Catherine ouviu Mephisto sendo levado embora.

— Peg, você e Rafferty guardem a moça em sua cela. Alimente-a. Em seguida, esfreguem a sua boca com sabão. Ela tem o bico de um papagaio para falar mal.

Catherine olhou para cima, incoerente de raiva e exaustão, depois se

esforçou para ajoelhar-se, balbuciando: — Mas você... você... ohhh, eu odeio você... você...!

— Ainda limitado, percebo. — Os lábios de Culhane se contorceram em um sorriso que não alcançou seus olhos. — Tire-a daqui. E depois que você lavar sua boca, lave-a toda. A prostituta estará recebendo os homens hoje à noite. — Ele se virou, deixando sua prisioneira atordoad e entorpecida pelo horror. Rafferty cortou os laços de seu pulso, então ele e Peg a pegaram debaixo dos braços e a puxaram. Quando suas pernas desmoronaram, eles envolveram seus braços no pescoço e a puxaram para dentro da casa.

Peg seguiu as ordens de Culhane ao pé da letra. Com a ajuda grosseira de Moora, Catherine foi sumariamente despida, até mesmo da faca, e caiu em uma banheira de água fumegante. Ela soltou um uivo.

— Você está me fervendo! Oh, Peg, eu vou ser queimada!

— Só por seus pecados, querida. Abra!

Ela empurrou, arranhou e chutou até que suas agressoras estivessem tão molhadas quanto ela, mas Moora segurou seu cabelo enquanto Peg esfregava seus dentes bem fechados com um pedaço de sabão forte.

— Ohohhh, hurg! Pare!... Paremm! — Parou de cuspir quando Moora empurrou sua cabeça debaixo d'água com um certo prazer. Peg então derramou um balde de água sobre a cabeça dela. O banho que Catherine desejava era uma provação completa. Ela não tinha permissão para se esfregar; Peg e Moora fizeram isso em cada centímetro dela, com escovas, até ficar em carne crua. Ter os nós penteados do cabelo molhado era o mais extraordinário tormento de todos. Quando Moora terminou, Catherine tinha certeza de que estava careca. Quando o cabelo dela estava finalmente limpo, penteado e bem preso no topo da cabeça, Peg disse: — Abra. — Dando a ela um olhar negro, Catherine cerrou os dentes. — Vai garota, é um cozido.

Ela abriu instantaneamente como um passarinho. Enquanto ela mastigava, um sorriso hesitante puxou seus lábios.

— Excelente, Peg, — ela murmurou com a boca cheia de uma segunda colherada.

— É claro que é. Eu estava cozinhando enquanto você estava fugindo. Depressa, menina, nós não temos a manhã toda... bom, bom. Isso é o suficiente. Até você ir. — Peg e Moora colocaram as mãos sob suas axilas e a puxaram. Moora a apoiou enquanto Peg a envolvia em uma toalha enorme, abanando a cabeça e esfregando sua carga vigorosamente. — Eu tenho tentado engordá-la, e você corre tudo isso lá fora! — Deixando-a enrolada na toalha, elas

a ajudaram a colocá-la no catre, depois a cobriram com colchas. Ela queria falar com Moora, mas Peg arrastou a filha para fora da porta. Catherine se aninhou e dormiu antes de terminar de se esconder embaixo das colchas.

Ela foi acordada por um barulho de pancada e pela sensação de um peso frio em torno de seu tornozelo nu. Na verdade, uma perna estava gelada até o joelho. Com sono empurrando-se nos cotovelos, ficou surpresa ao ver Flannery, com o cabelo brilhando na sala cinzenta e estéril, martelando algo no chão ao pé do catre.

— O que você está fazendo? — ela murmurou. Flannery continuou batendo sem olhar para cima. Ela caiu de novo, sonolenta demais para ficar em pé; então a obscura realidade floresceu. Ela levantou-se, segurando as mantas sob o queixo, enquanto ele aplicava os golpes finais a um aro de ferro completamente presa ao redor de seu tornozelo. Anexado a ela havia uma corrente curta e uma bola de ferro de dez libras. — Oh, não... até ele... — Sua voz era um grito suave e estrangulado.

Ele finalmente olhou para seus olhos que estavam negros e brilhantes demais. Seu rosto estava sem sangue.

— Sinto muito, garota, mas há mais. Você terá que se sentar. — Catherine obedeceu em uma espécie de estupor, segurando as colchas debaixo dos braços. Quando ele tirou a coleira, seus olhos se encheram lentamente de lágrimas. Ela abaixou a cabeça como se estivesse mostrando o pescoço ao machado de um carrasco. Ao encaixar a faixa de ferro em sua garganta, Flannery viu o porte infantil de sua nuca, a estreiteza de seus ombros, quão pequena ela era, quão era desesperadamente jovem. Ele bateu o fecho. Ele a deixou olhando através da cela, a cabeça erguida de modo anormal, como se fosse quebrar seu pescoço se ela o movesse. Ela parecia uma efígie em um túmulo.

Sean olhou para cima quando Flannery encheu a porta da biblioteca.

— Bem, está feito?

— Sim. Está feito.

Ele olhou inquisitivamente para Flannery enquanto o ruivo caminhava em direção à mesa.

— Seu tom poderia afundar a frota britânica. As novas joias inglesas não combinavam com ela?

— Ela não o disse. Pessoalmente, eu diria que não combina com ela.

Sean deliberadamente entendeu mal.

— Oh? Isso significa que não se encaixou? Ou que ela te chutou?

— Oh, o colarinho ficou perfeito, — respondeu Flannery categoricamente,

— exatamente certo para uma mulher ou uma criança. — Seu tom endureceu. — Nós não tivemos escravos na Irlanda por quatrocentos anos, e tenho lutado ao lado dos Culhane por quase cinquenta anos para não trazê-los de volta. — Culhane ia interromper, mas Flannery acenou para que ele silenciasse. — Em todos esses anos, que conheço você nunca o vi fazer uma coisa estúpida, mas se desfilar com a garota a ferros, vai se arrepender. Toda vez que um homem que estava nos penhascos na noite passada a vê sobrecarregada com correntes, sua garganta vai subir. Eles não estão rindo dela agora, sabe. — Suas grandes mãos agarraram a borda da mesa. — Você tinha vinte homens montados, armados com pistolas e sabres para trazer uma garota a pé arrastada por um cavalo. Eu não vi muitos homens que poderiam enfrentar o aço frio tão bem.

— Pense, homem. Ela sabia que eu não a mataria. Ela imaginou que eu mandaria um ou dois homens atrás dela. Se ela pudesse fazer um breve show e manter sua pele inteira, teria você como está do lado dela. A pequena Srta. Nobreza Coração Valente. Funcionou lindamente. Ela até o enganou, e eu teria apostado que seu coração de rocha não poderia ser amassado com uma picareta.

Flannery sacudiu a cabeça.

— Ela estava pronta para morrer e você sabia disso. Eu acho que é por isso que você lutou com ela, para evitar que outro homem a machucasse.

Culhane chegou ao seu lado.

— Isso é o suficiente, Flannery.

— Eu estou pensando que é, mas ficar com aquela garotinha é demais. Vou continuar tomando suas ordens pelo bem de Liam, mas não me peça para colocar a mão nela novamente.

Muito depois do pôr do sol, duas bonitas prostitutas em vestidos descaradamente decotados entraram na cela de Catherine; a garota mais alta era uma morena de olhos arregalados, maçãs do rosto salientes e boca larga, a outra, uma loira com seios magníficos e uma postura confiante. Com as mãos nos quadris, a morena, vestida de carmesim, examinou o corpo da prisioneira encolhido entre as mantas.

— Faith, ela não é muito para se olhar!

A loira assentiu.

— Dê a um homem que gosta muito de comer, e ele está mais interessado na carne em seu prato do que em sua cama. Mas, Jesus, isso não tem nem o que pegar com os dentes!

A raiva devolveu aos olhos de Catherine um pouco da vida enquanto corava com a avaliação rude delas.

A loira moveu um fio solto de cabelo do seu rosto.

— Você deve ter colocado Culhane mais do que um pouco alterado. Ele agora é um tipo mal-humorado na melhor das hipóteses, mas não está ordinariamente desagradável.

Carmesim deu de ombros sonhadoramente.

— Eu não me importaria se ele estivesse em um temperamento negro o tempo todo, contanto que se mantivesse em cima de mim!

Catherine ficou incrédula.

— Você gosta de suas atenções?

A morena fechou os olhos e adquiriu um sorriso lascivo.

— Como um gato ama seu creme.

— Mas ele é...

— Violento? — a loira terminou por ela. — Às vezes. Ele é como uma tempestade quebrando, mas às vezes é lento e fácil. Nenhum anjo pode tocar uma harpa melhor do que Culhane interpretando o corpo de uma mulher.

Os olhos de Catherine passaram ceticamente sobre o par.

— Eu entendo com isso que não são forçadas a... entreter seus homens?

— Claro que não, — disse a loira, começando a procurar as roupas da prisioneira. — Você provavelmente estaria como convidada aqui, quando era uma lady.

— Eu ainda sou uma lady! — Catherine retrucou furiosamente.

— Agora não fique chateada, — riu carmesim, puxando firmemente as colchas. — Irene não leva nada para o pessoal.

Catherine agarrou sua última proteção com a tenacidade de um caranguejo preocupada.

— Pessoal! Culhane está me transformando em uma... ele não é melhor que um... oh! Dê-me isso de volta! Pare com isso! — Ela se coçou e se agitou, mas as duas a colocaram em sua saia e blusa. Depois de uma breve inspeção, Irene sacudiu a cabeça. A dupla trocou olhares, depois puxou o decote de Catherine. Ela ofegou e agarrou, mas o cordão deslizou para um nó impenetrável pouco antes de deixar a peça escapar de seus ombros.

Ambas as mulheres assentiram simultaneamente.

— Isso é melhor. Freiras são capazes de estragar o apetite dos rapazes.

Catherine olhou para baixo.

— Eu não farei isso!

Elas a ignoraram.

— Deixamos o cabelo solto, que acha, Milly?

— Sim, ela vai se sair bem.

Milly pegou a bola de ferro. Em seguida, cada uma delas colocou um braço

ao redor dela e, ao levantar a prisioneira que estava chutando o chão, as duas passaram pelos corredores em um instante. Elas a colocaram na frente das portas do refeitório comum.

Os joelhos de Catherine ficaram fracos. Ela seria estuprada novamente, não uma vez, mas muitas vezes e por muitos homens. A dor lembrada de sua única experiência bateu em sua mente como um martelo, e a cor escorreu de suas bochechas. Ela deu um passo tremendo para trás.

Carmesim seguramente a parou.

— Vai copular agora, querida.

Irene sussurrou uma última confirmação.

— E não se preocupe com os ferros. Alguns homens gostam deles! — Elas abriram as portas, então a empurraram. Ela tropeçou quando o peso morto empurrou seu tornozelo. No meio de um ruído desconcertante e de velas esfumaçadas, ela endireitou-se entorpecida, o coração batendo forte. Um silêncio repentino a envolveu, depois uma parede de olhares.

Liam, na cabeceira de sua mesa, virou-se com os outros quando o silêncio premente chamou sua atenção para a porta. Sean, olhando para a direção do assento à direita do irmão, observou impassivelmente a entrada da prisioneira, enquanto a mandíbula de Liam se apertava. Os olhos da garota lembraram-no de um cerdo preso. Seus pés estavam descalços e os cabelos empilhados sobre a cabeça escapavam em tentáculos, por suas bochechas e garganta. Em volta do pescoço, como uma obscenidade, havia uma estreita faixa de ferro; uma faixa mais pesada estava trancada em torno de um dos seus tornozelos. Quando Liam ouviu o barulho do peso, algo explodiu em sua mente. Sem olhar para o irmão, ele se levantou e caminhou o comprimento da sala para encontrá-la. A garota olhou para ele perplexa; então, quando ele parou para pegar a feia bola de ferro, seus olhos se encheram de gratidão atordoada. Perto dela, Liam podia ver a textura aveludada de sua pele, acentuada pelo material áspero da blusa. Por um instante ele desejou que ela fosse uma prostituta que pudesse levar para a escuridão. Ele corou, envergonhado de seus pensamentos.

— Eu não posso pedir seu perdão por trazê-la aqui; o que eu fiz é imperdoável. Sinto muito com todo meu coração... milady. — Ele ofereceu-lhe o braço.

Ela hesitou, depois pousou a mão e murmurou: — Obrigada, lorde Culhane.

Do outro lado da sala, Sean sentiu o calor do olhar radiante que Catherine deu ao irmão com uma torção no estômago. Quando Liam se virou para acompanhá-la no salão, Sean levantou-se. Sua voz soou: — Seria rude, irmão,

roubar a moça antes que ela seja apresentada. Com certeza você não quer manter uma peça tão boa para si mesmo.

Fulminando-o com raiva, Liam parou em sua trilha. Sentindo os dedos de Catherine se apertarem convulsivamente em seu braço, enquanto alterava o curso, ele lentamente a levou até a cabeceira da mesa.

— Nós vamos ter que sermos descarados agora, — ele sussurrou. — Se não ficarmos, parecerá que você estará indo para a minha cama.

— Mas se eles acreditam que eu sou sua amante, podem me deixar em paz!

— Você, ainda, pode ir para casa de novo, milady. Agora, essas pessoas só podem adivinhar sobre o relacionamento do meu irmão com você, mas se eu fosse comprometê-la publicamente, sua reputação nunca estaria segura. — Ele cobriu a mão dela em seu braço com a sua própria. — Não se preocupe. Vou tirar você da sala o mais rápido possível.

As cabeças estavam esticadas quando o par atravessou a sala. A maioria dos espectadores estavam apenas curiosos sobre os ferros, mas, fiel à profecia de Flannery, alguns dos homens que tinham visto a coragem da prisioneira no penhasco estavam zangados, e uma onda de murmúrios se elevou em seu rastro.

Sean observou o casal com um sorriso sombrio enquanto pensava com raiva: Porra, como a moça consegue dar aos ferros o efeito da camisola de uma virgem? Metade dos homens iam se desvelar e deixá-la tropeçar em seus pés e cair sobre o traseiro!

Quando Liam começou a sentá-la à mesa, Sean levantou-se e ergueu a taça de vinho com um brinde zombeteiro.

— Senhoras e senhores, apresento-lhes Lady Catherine Denise Enderly, condessa de Vigny. Vocês podem ter ouvido falar de seu pai, o general John Richmond Enderly. Como ajudante do governador geral há alguns anos, ele fez muito para aliviar a Irlanda da população em excesso. Para a sua boa saúde, milady — Ele esvaziou o copo, jogou-o no chão e o pisou sob o calcanhar. Consciente do pânico que mal se controlava, ele olhou zombeteiramente para a multidão. — Vocês deveriam se ver como estão boquiabertos. Nenhum de vocês viu um sangue azul inglês antes? Bem, então, terão um olhar mais eloquente! — Seu braço varreu a mesa e Catherine encolheu-se, pensando que ele estava prestes a rasgar suas roupas, mas sua mão pousou em torno de uma jarra de vinho e empurrou para ela. — Tome seus deveres, condessa. Eles querem dar uma olhada em você.

— Lady Enderly não tem deveres, — disse Liam com firmeza. — Eu prometi a ela minha proteção.

— Você perdeu o seu juízo, irmão.

Liam embranqueceu. Sua mão se contraiu, depois se moveu para sua adaga.

Desarmado, Sean ficou tenso, pronto para arremessar o jarro no rosto de Liam e aliviá-lo de sua arma. Sentindo o movimento convulsivo de Liam, Catherine apertou ainda mais.

— Não, por favor! Você não deve, meu lorde. — Sua voz se elevou com desafio. — Como seu irmão disse, muito sangue foi derramado na Irlanda, embora ele calunie meu pai como sendo a causa. Ele não terá desculpa para difamar a honra Enderly ainda mais.

Enfiando a bola debaixo de um braço, ela puxou o jarro do aperto de Sean com força surpreendente e inspecionou com zombaria sacarina os homens sentados que não se levantaram em sua presença.

— Por favor, não se incomodem, cavalheiros. — Alguns dos mais jovens tiveram a graça de se ruborizar quando ela se afastou. Liam se jogou na cadeira com um olhar furioso para o irmão, que devolveu sem pensar.

Quando Catherine encheu os canecos dos homens silenciosos e inquietos à mesa mais próxima, Irene e Milly rapidamente assumiram sua liderança e começaram a brincar com seus clientes. Quando Catherine reencheu a jarra mais algumas vezes dos grandes barris de vinho e cerveja espalhados pela sala, a algazarra retomou seu nível normal, em grande parte causada pela discussão animada do antagonismo aberto entre os Culhanes.

Por fim, embora os homens estivessem se tornando bêbados e tempestuosos e suas mulheres aquiescentes, ela não ousou entrar novamente na atmosfera de barril de pólvora da mesa Culhane. Os homens subjugaram sua linguagem grosseira em sua presença, mas suas mulheres, que pareciam ressentidas, ficaram mais ofensivas. A princípio, os homens ficaram levemente envergonhados, mas, à medida que a bebida e a proximidade da carne os inflamavam, suas mãos tateavam furtivamente seus quadris enquanto ela passava com a jarra de vinho.

Finalmente, quando uma mão passou entre suas coxas, ela explodiu. Balançando o jarro em uma grande faixa, ela bateu em cada cabeça ao alcance e encharcou vários espectadores inocentes. Abruptamente, uma mão se trancou através de sua gola de ferro, em seguida, empurrou-a contra o peito nu e peludo de Rouge Flannery. Sua respiração cheirava a bebida.

— Então, é a menininha mal-humorada! — Ela deixou a bola cair e empurrou para longe dele, mas ele a levantou até que o anel, cortando a parte de trás de seu pescoço, quase a levantou do chão. — Oh, não. Nós ainda não nos conhecemos! — Ele sorriu sem alegria, seus olhos cinzentos como lascas de pedra, em seguida, empurrou sua cabeça para trás com a mão livre e desceu a boca na dela. Ela se arqueou descontroladamente, sufocada e ofegante. Seus lábios estavam soltos e molhados, sua língua grossa forçando seu caminho na

sua boca. Finalmente ele se retirou, dolorosamente arqueando a cabeça para trás quando fez isso. — É isso aí... continue brigando. Continue se contorcendo... — Ele empurrou sua virilha contra ela e manipulou seus quadris com a mão. Quando ela se endureceu com repulsa, sua voz se tornou venenosa. — Se acha boa demais para ser fodida, né? Culhane disse que poderíamos dar uma olhada em você, não é? — Ele enfiou a mão no decote dela. — Eu estou tendo a minha vez agora. — Ele se abaixou e ela gritou.

Uma voz sinistramente baixa soou atrás dele.

— Eu disse que poderia olhar, Rouge. Não tocar... Nunca tocar. — Longos dedos marrons apareceram no ombro de Rouge, empurraram-no para longe da garota, depois o seguraram por uma fração de segundo antes que o gigante embriagado recebesse um punho cerrado de um braço deixando-o sobre uma mesa, quebrando louças e copos, e fazendo as mulheres gritarem. — Lembre-se, — Sean Culhane advertiu friamente, elevando-se com os dedos ensanguentados sobre o bruto atordado, — porque se você esquecer, eu vou te enforcar!

Pegou a bola pela corrente, agarrou o pulso de Catherine e arrastou-a para fora do aposento, deixando que ela arrumasse a blusa rasgada com uma das mãos. Ela teve pouco tempo para se alegrar com o resgate, pois ele foi direto para a escada.

Adivinhando sua intenção, Catherine tentou se soltar.

— Não! Deixe-me ir! — Ele se virou tão de repente no meio do caminho que ela se chocou com ele. Com uma maldição abafada, ele se curvou e, inclinando-a sobre o ombro, levou-a como um saco de ração. Ele chutou a porta do quarto e, sem a menor cerimônia, jogou-a na cama.

Instantaneamente, ela saiu. Ela pousou seus pés no carpete com uma perna nua suspensa para cima pela corrente que seu atormentador segurava, dando-lhe uma visão atraente de sua parte inferior do corpo nu. Apesar de sua garra furiosa e sua blusa escorregadia, ele vislumbrou seios suaves e de bicos rosados. Com crescente pânico, Catherine viu seus olhos ficarem quentes e nublados, e, com as bochechas coradas, ela tentou se cobrir, mas seus esforços levaram as saias quase até a cintura. Balançando levemente, ele começou a puxá-la pela corrente, e ela percebeu com horror que ele estava bêbado.

Culhane abriu sua roupa, depois se agachou e enfiou um joelho entre as coxas dela. Ele arrastou seus pulsos sobre a cabeça dela, sua voz rouca de desejo.

— Você montou meu cavalo até ele quase cair de cansaço. Agora eu vou montar você... — Ofegando em sua rápida invasão, enquanto seu corpo cobria o dela, Catherine involuntariamente se arqueou contra ele, um movimento que só atraiu seu sexo mais fundo no dela e um som sufocado de seus lábios. Começou

a golpear seu corpo esbelto e poderoso no dela com uma urgência severa, como se com sua liberação pudesse exorcizá-la, mas a carícia de sua quente e apertada vulva o atraía mais fundo. Ela era selvagem sob ele, lutando contra, mas seus seios eram macios sob seu peito e seu cabelo era um leque de seda. Seu desejo se transformou em uma tensão insuportável na base de sua virilha, depois explodiu com um calor inundado.

Lentamente, sua respiração se estabilizou e ele aliviou os cotovelos, olhando para ela com uma ponta de perplexidade em seus olhos.

Catherine, que experimentara apenas o medo e a repulsa, encontrou sua própria satisfação em uma manifestação de desprezo.

— Você não é nada além de um animal bêbado nojento! Não menos!

Seus olhos se estreitaram friamente.

— Despreze-me o quanto quiser, mas se sabe o que é bom para você, mantenha as pernas abertas e a boca fechada!

Seus olhos se dilataram em um olhar malicioso e inclinado, ela cortou seu rosto com as unhas. Ela embranqueceu quando seus dedos pegaram e cravaram cruelmente em seus pulsos, mas continuou com sua tentativa de afastá-lo.

— Sua putinha teimosal! Vou te domar mesmo que seja a última coisa a fazer! —Apertando um braço em sua garganta, ele puxou sua blusa, em seguida, rasgou a faixa que a prendia. Agarrando um punhado de ambas as roupas, ele as arrastou de seu corpo. Apenas uma pressão adicional em sua traqueia a aquietou. Ela estava deitada, os seios arfando em uma luta para respirar. De repente, seu peso a deixou, mas quando ela se agachou defensivamente, ele deslizou a corrente através de um aro de ferro preso à cama e fechou o cadeado.

Olhando para o aro, Catherine assobiou.

— Flannery teve um dia agitado! Você até me nega a privacidade do meu próprio canil!

Culhane começou a tirar a camisa.

— Eu negligenciei sua educação, — ele disse friamente. — Você é minha escrava, mulher, nada mais do que uma escrava. —Ele tirou as botas. — Quanto à privacidade, você perdeu quando tentou fugir.

— Eu nunca serei sua escrava... e nada sua! —ela cuspiu.

Ignorando-a, ele serviu-se de um conhaque de uma garrafa na mesa, depois sorriu sarcasticamente enquanto levava o copo aos lábios.

Para sua decepção, ele lentamente descartou suas calças. Com os olhos afastados da virilha, ela se concentrou no peito dele, onde notou uma cicatriz no lado esquerdo. Observando a direção de sua atenção, ele disse: — Faca. A outra de uma baioneta. —Seu olhar percorreu seu peito até que ele sorriu fracamente. — Mais abaixo.

E ali, ao lado de onde ela não queria olhar, estava a cicatriz desbotada. Ela fez uma careta.

— É uma pena que seu agressor não foi mais direto ao ponto.

O sorriso de Culhane se tornou perverso.

— Se ele tivesse sido, você hoje seria uma jovem frustrada milady. — Ele avaliou o corpo dela. Desafiadoramente, ela o olhou de volta, mas aos poucos ela se ruborizou sob sua insana inspeção.

O olhar de Sean se demorou nos seios pequenos e arrebitados, na cintura fina e na barriga lisa, nas pernas finas e compridas, depois voltou finalmente para a pele de pelos encaracolados entre as coxas de sua cativa. A garota tinha o suficiente para tentar um santo, ele considerou criticamente, mas o que havia nela que o atraía? As mulheres eram apenas uma distração costumeira, mas esta era um paradoxo: inocente, mas sedutora; atraente, mas desafiadora.

Os olhos de Catherine se arregalaram nervosamente quando ele se ajoelhou sobre ela, com as mãos nos dois lados da sua cabeça.

— Você já derramou sua luxúria podre. O que mais você quer?

— Tudo, — ele murmurou. Então, as mãos dele nunca a tocaram, a cabeça preta abaixada. Seus lábios encontraram a delicada curva de uma clavícula e moveram-se levemente ao longo de seu pescoço até a cavidade de sua garganta. Seus lábios estavam quentes, roçando sua pele levemente como as asas de uma borboleta, e as mãos de Catherine se esticaram contra seus ombros, lutando contra a estranha sensação que irradiava de sua pele. Ela já havia aprendido que ele faria e poderia fazer o que quisesse, mas o desamparo dela era irritante. Seus beijos exploraram os buracos sombreados sob seus braços e se demoraram ao longo das aureolas inchadas de seus seios, fazendo-a se contorcer em uma antecipação insuportável. Ela ofegou quando sua língua sacudiu seus mamilos. Arreliando-os em pequenos pontos, ele os lambeu em uma plenitude dolorida, depois os levou à boca, amamentou e beliscou-os suavemente. O calor pulsou em sua virilha.

— Pare com isso, — ela choramingou. — Maldito seja, pare com isso... oh, pare.

Lentamente, Culhane deixou os seios e provocativamente lambeu suas costelas, moveu-se até a barriga, depois acariciou a carne ao longo das coxas. Como ela estava fraca e inocente, sem avisar a aspereza suave de sua língua escorregou nela. Ela arqueou e gritou, lágrimas de humilhação cintilando em seus cílios.

— Oh, Deus não! — Soluçando, ela puxou o cabelo dele enquanto tentava desesperadamente escapar dos tremores de prazer que rapidamente aumentavam de intensidade. Ela gemeu, odiando o som, acreditando que iria morrer se suas

carícias torturantes não parassem, mas não queriam que parassem. Com uma risada suave, ele se levantou e puxou as mãos dela para longe. Vagamente desapontada, ela ficou lânguida. Esparramada. E aberta. Ela estremeceu fracamente quando ele entrou nela. Não havia dor agora, apenas facilidade e o ritmo poderoso de seu corpo, até que finalmente ele se enterrou no coração dela e de longe ela ouviu o gemido abafado dele. Então, depois de um momento, ela se sentiu vazia e estranhamente melancólica. Uma coberta pousou levemente sobre ela. Vagamente ela sabia que ela não queria ficar na cama de Sean Culhane, mas estava adormecendo quando ele apagou a vela.

A lua estava alta quando o irlandês acordou assustado com o choro de Catherine. Ela estava dormindo de costas com a mão para fora, a outra enrolada ao lado de sua cabeça. No sono, ela era infantil, vulnerável. Seus lábios se separaram um pouco, o lábio inferior implorando por beijos, mas quando ele ia responder ao convite, seu rosto se contorceu em agonia, com as mãos fechadas em punhos e o corpo convulsionado.

— Não, por favor. — O grito terminou em um gemido. — Não, mamãe... *je ne peux pas. Je t'en pris...*[7][8] *C'est tout Ça va ma intenani*[8][9]

[9]. Todo o tempo, ele a observou especulativamente. Então, o rabisco que Peg mencionou é francês e eu não sou o único ogro da menina, ele pensou. Talvez a chave para esses pesadelos também seja a chave para sua resistência. E se você usar a chave? Outra parte dele perguntou. O que ela será então? Nada, ele respondeu friamente. Ela não será nada para mim. Mas a estranha canção de ninar assombrou-o no sono.

CAPÍTULO 4

FERROS DE SEDA

Acordado na manhã seguinte por um aguaceiro, Culhane abriu os olhos vermelhos. Sua cabeça doía como se Mephisto a tivesse martelado. Irritado e com a boca cheia de pelos, ele amargamente olhava para os nós dos dedos. Os flexionou; eles estavam rígidos e doloridos. Bocejando, começou a se esticar, então sentiu algo quente contra suas costas. Virando-se com cuidado, encontrou Catherine aconchegada contra ele, o cabelo macio fazendo cócegas no seu ombro. Com um suspiro, ela se aproximou mais e ele fez uma careta. A pequena moça não tinha a noção de um cordeiro se aproximando de um lobo. De repente, como se estivesse ciente do perigo, seus olhos se abriram, assustando-o com sua intensidade azul e estelar. Eles se arregalaram quando a proximidade de seu corpo nu penetrou em sua consciência.

— Não se preocupe, — ele assegurou a ela severamente. — Você não daria mais que um bocado. E nada me atrai menos do que comida fria. — Não se arriscando, ela se contorceu. A suavidade de seu corpo contra o dele provocou uma reação ainda menos bem-vinda em sua virilha. Ele sentou-se abruptamente, depois grunhiu quando a ressaca foi detonada. Ele olhou-a com uma carranca. — Porra, cubra-se se você não quiser passar o dia deitada! — Apressadamente, ela pegou os lençóis. Assombrado por seus seios ainda impudentemente cutucando os lençóis, Sean xingou e saiu da cama.

Uma voz fria veio de trás dele.

— Se eu curar essa dor de cabeça, você vai me deixar em paz?

— Barganhando, prostituta? Eu pensei que você entendesse que estávamos muito, além disso. — Bruxinha insolente, ele pensou ironicamente. Quente como o fogo na noite passada; uma gota de gelo na parte da manhã. Ele sabia que ela não tinha alcançado o seu prazer total na noite anterior, mas duvidava que ela percebesse isso.

Catherine observou o irlandês cautelosamente, não gostando do sorriso calculista. Ele estava pensando em quão facilmente poderia trair qualquer acordo? Ele não era nada se não imprevisível.

Pela luz do dia, era menos difícil entender como o corpo dela se tornara

traidor. Sean Culhane era fisicamente magnífico e bem proporcionado. Enquanto andava, a simetria dos músculos rígido movendo-se sob o seu suave couro marrom sugeria uma força perigosa que seu frágil poder não havia sequer testado. Certamente ele era um amante experiente; caso contrário, ele não poderia ter despertado uma parceira involuntária—literalmente, ela pensou enojada, sem levantar um dedo. Ela deve encontrar uma maneira de segurá-lo!

— Você estaria pensando em cicuta para a dor de cabeça, atrevida?

Ela teve um rubor culpado, depois respondeu com sarcasmo: — Minha mãe tinha remédios eficazes para bêbados. Vou dar instruções para Peg, então você estará totalmente a salvo, a menos que também tenha dado a ela uma razão para envenená-lo.

— Sua língua viperina serve bem o suficiente. Que presa você deve ser no calcanhar de seu pai! —De seu suspiro de dor e raiva, ele sabia que tinha inadvertidamente marcado um sucesso.

— Ohh, gostaria de remediar essa sua dor de cabeça com uma corda! O veneno é muito rápido para você, muito decente... também...

— Quieta — ele disse ameaçadoramente, agarrando a cabeça. — Chame Peg antes que eu a jogue pela janela como a harpia que é!

Catherine atravessou a cama em busca da corda da sineta, inadvertidamente tentando o irlandês com uma visão da coxa e do quadril. Quando ela puxou a corda, ele suspirou e agarrou seu robe.

— Bem, e como estamos esta manhã? —Peg chegou minutos depois.

— Sanguinário, — rosnou Culhane, sacudindo a cabeça para Catherine.

Ela o ignorou.

— Aproxime-se, Peg. Eu tenho uma receita para você. —Quando a mulher obedeceu curiosamente, Catherine começou a sussurrar em seu ouvido.

— O que ela está dizendo a você? —questionou Sean suspeitosamente.

Peg olhou por cima do ombro.

— Se você soubesse, nunca tomaria.

Culhane lançou-lhe um olhar sombrio, mas em toda a sua vida ele nunca pareceu tão ameaçador quanto a bebida que segurava agora. A cor do leite parecia estragado, seu fedor trazia suor à testa.

— Isso tem mais a aparência de vingança do que remédio.

— Você não precisa beber, — disse Catherine docemente. — Dores de cabeça de rachar se curam... eventualmente.

— Cadela, — ele disse brevemente, e levantou a caneca.

— Beba tudo de uma vez, — ela solicitou. Fracamente verde, ele virou a

caneca e engoliu em seco. Girando o tom mais profundo do verde, o irlandês soltou o fôlego e voltou a engolir. Deu-lhe um olhar angustiado e correu para o terraço. Jogando-se pela metade da balaustrada de pedra, vomitou violentamente. Algum tempo depois, reapareceu. Embora pálido e molhado de suor e chuva, seu rosto não tinha o tom doentio.

— Maria e São Miguel, que bebida fermentada foi essa? — De repente, ele franziu a testa suspeitosamente para Catherine, então furiosamente para Peg. — Aquela aprendiz do diabo está ajudando na cozinha. Deus sabe que podridão ela está escorregando para comida com ambos os punhos encardidos.

Lembrando-se do pão sujo, Catherine não pôde reprimir um sorriso malicioso.

Ele olhou para ela enquanto enchia um copo de água.

— Sorria, vai? Eu aposto que você nunca teve uma surra bem administrada em sua vida, não é mesmo, pirralha?

Afastando a expressão, ela recuou para o outro lado da cama.

— Você prometeu que não me tocaria se eu curasse sua dor de cabeça! Bem, você não tem uma única pontada agora!

Culhane gargarejou e cuspiu em uma bacia, então engoliu o resto da água. Seu olhar sobre a borda do copo se tornou maligno.

— Oh, eu não sei? As mulheres criam mais dores de cabeça do que bebidas alcoólicas a qualquer dia, e você é a maior dor de todas!

Pousando o copo, ele avançou decididamente para a cama. Bombardeando-o com travesseiros e roupas de cama, Catherine assobiou em pânico: — Você prometeu! Trapaceiro. Vilão. Mentiroso!

Através da chuva de linho, ele ordenou: — Fora, Peg!

— Fique! — a assaltada implorou.

— Fora!

Quando Peg desapareceu, o mesmo aconteceu com a munição de Catherine. A longo alcance, Culhane a agarrou pela nuca e arrastou seu corpo agitado sobre seu colo enquanto sua mão descia com firmeza em suas nádegas.

Lágrimas de raiva e dor surgiram em seus olhos. Em toda a sua curta vida, ninguém jamais a havia espancado. Implacavelmente, sua mão desceu mais forte.

— Mentiroso! — ela gritou. Toda vez que ele batia no seu traseiro ela gritava: — Mentiroso! — até que sua voz foi sufocada e preenchida por soluços. De repente, ela foi esticada na cama, os lençóis frescos contra o traseiro dolorido. Através de suas lágrimas, ela viu olhos verde-tempestuosos de cílios grossos perto dos dela.

— Não, — ele disse roucamente, — não sou mentiroso. Eu disse que não

tocaria em você assim. —E sua boca cobriu a dela suavemente, procurando calorosamente, despertando um calor cintilante nela. Seus lábios se separaram desamparadamente e sua língua escorregou entre eles, sondando, provocando, depois com fome, ferozmente, até que ela gemeu. Então, felizmente, ele não estava mais a beijando, embora seus olhos estivessem escuros e sua respiração irregular. — Sem mais barganhas, diabinha. —Seus lábios roçaram os dela em um sussurro. — Lembre-se.

Então seu peso se foi e Catherine sentiu a mesma estranha sensação de perda da noite anterior, quando ele se retirou de seu corpo. Encoberta, observando-o sob os cílios molhados, ela ficou surpresa quando ele virou as costas e rapidamente vestiu suas calças. Como poderia o bruto extinguir seu ardor à vontade e tornar-se prudente quando ela sabia perfeitamente bem que tinha a modéstia de um selvagem? Ela se sentou empertigada e, depois de um estremecimento pela dor resultante, enxugou as bochechas úmidas.

— Você pretende me molestar ou não?

De costas para ela para proteger a protuberância em sua virilha, Culhane mergulhou o pincel em sua caneca de barbear e sorriu para o espelho.

— Desapontada?

Ruborizando, ela retrucou: — Dificilmente! Eu simplesmente gostaria de saber se posso me vestir sem medo de ter minha única roupa desfiada durante um dos seus... ajustes.

— Qualquer desgraçado seria levado a um ataque de frenesi no frio da sua arma de boas-vindas. —Ele calmamente começou a ensaboar o rosto. — Ainda assim, você faria bem em adquirir uma roupa decente para usar pela minha propriedade, embora se começar uma briga toda vez que eu resolva utilizá-la usará somente os restos dela— seus olhos a investigaram deliberadamente. — Não pode culpar ninguém além de si mesma quando terminar sem um pedaço de tecido para suas costas, um estado que sem dúvida fornecerá fascínio para meus homens, e inconveniência para si mesma. Eu não terei o escasso guarda-roupa de Peg exaurido para satisfazer suas tolices.

Catherine ficou momentaneamente estupefata, incapaz de encontrar uma observação suficientemente contundente para colocar o monstro em seu lugar.

— O que chama de tolice, eu chamo de honra, apesar de você ser muito grosseiro para reconhecê-lo. Se meus braços se abrirem para você em boas-vindas, será na sepultura.

A resposta de Culhane foi fortemente tingida de sarcasmo.

— Eu me perguntava quando daria essa resposta. Foi mansa o suficiente na noite em que tomei sua virgindade que possivelmente, teria ido a leilão, de qualquer forma. Por que agora a nobre oratória, então?

Sua segurança caiu um pouco.

— Eu... eu não me lembro daquela noite. A verdadeira...

— Ha! —O tom de Culhane era contundente, mas a observava intensamente. — Que desculpa mais frágil da história! Metade das mulheres de boa criação que perderam a virgindade tiveram lapsos de memória convenientes. —Enxugando o rosto, o irlandês se virou e seu tom tornou-se levemente ameaçador. — Meus esforços foram tão bons que não deixaram nenhuma impressão em sua mente?

Os dedos de Catherine se prenderam nos elos da corrente, seus olhos, duas poças escuras de desespero que ele se lembrava da noite em que a tomara pela primeira vez.

— Eu... você... eu não lembro! Eu não sei! —O último foi um grito defensivo.

Implacavelmente, ele incitou: — Vamos menina, você deve se lembrar. Foram arco-íris e rosas?

Com os olhos arregalados, começou a puxar histericamente o colarinho de aço.

— Tire! Está me sufocando! Não me lembro de nada!

Culhane atravessou rapidamente a sala, pegou-a pelos ombros e sacudiu-a bruscamente até que desalojou os ferros. Ela caiu longe dele, atordoada.

— Tudo bem, Catherine. Bem, deixe ai... por enquanto. Fique quieta. — Percebendo que ela já havia machucado seu pescoço, ele a soltou abruptamente e soltou a algema do painel da cama. Ela assistiu, incapaz de suprimir a esperança em seus olhos, mas rapidamente morreu quando ele não fez mais nenhum movimento para libertá-la.

— Peg lhe dará novas tarefas, menos agradáveis que as atuais, embora muitas delas estejam fora de casa.

Catherine sentiu uma leve onda de alívio e perplexidade. Nada poderia ser mais desagradável do que um confinamento monótono, mas deixá-la sair para o exterior depois de uma tentativa de fuga? Outro pensamento a atingiu.

— Eu... não tenho xale.

— Peg cuidará disso. No que diz respeito ao seu serviço pessoal para mim— ele deixou cair a corrente — você se apresentará à minha porta todas as noites. Se eu achar que é apropriado responder a sua batida, entrará e será preparada para deitar comigo. Isso significa que você estará limpa e com um temperamento civilizado. Se eu estiver ocupado com outra coisa, volte para seus próprios aposentos.

Catherine escutou com raiva.

— Se espera que eu banque a prostituta com o grande senhor, está muito

enganado! Será um dia frio no inferno antes que eu venha te atender!

Os olhos de Culhane se estreitaram.

— Atende a mim ou aos meus homens, faça a sua escolha aqui e agora. Eu não gosto de mulheres abusadas.

Ela empalideceu.

— Mas ontem à noite você ameaçou enforcar um homem se ele...

— Invadiu a minha propriedade. Fora disso, você é apenas um brinquete. Eu não vou levantar um dedo se Rouge Flannery te abraçar e te forçar. — Ele observou seus ombros e olhos esbugalhados e leu a derrota neles, sem brilho. — Qual é a sua decisão?

— Não há nada para decidir. Prostituta para um ou muitos, isso não faz nenhuma diferença real, não é? — Sua voz ficou amarga. — Eu escolho você. Melhor ter o ato repugnante feito com a maior rapidez possível. Devo ter permissão para retornar à minha cela depois de ter lavado a sua sujeira no meu corpo?

Culhane ficou branco e, pegando a corrente, encostou seu rosto no dele.

— Tenha cuidado, condessa. Se você não me agradar, a guarita fica a uma curta distância.

Seus olhos estavam negros de ódio.

— Se eu morrer, não haverá nenhuma caminhada nem para sua cama lasciva, nem para seus braços cheios de pulgas, então talvez, você me deixe uma escolha!

Seus dentes arregaçaram um centímetro do dela enquanto seus dedos capturavam dolorosamente em seu cabelo.

— Ouça-me, menina. Faça qualquer coisa tola a ponto de morrer sem minha permissão e eu terei a cabeça de seu pai dentro de um dia!

Sua resolução vacilou.

— Se... se eu te agradar, você vai poupá-lo?

Soltando o aperto da corrente, ele balançou a cabeça.

— Você pode apenas atrasar o tempo. — Seus olhos ficaram mortos. — A perspectiva pode parecer menos sombria. — Ele não gostou da virada da conversa. Sua obediência era muito parecida com a de uma donzela sacrificial se oferecendo bravamente a um troll. Seu corpo, ainda não totalmente acordado, poderia facilmente se tornar frígido. Ainda assim, importava o que ela se tornaria uma vez que ele estivesse satisfeito com ela? Por que se vingar não seria interminável? Por que ele queria apenas beijar aquela boca vulnerável e afastar seus medos e inseguranças?

Abruptamente ele pegou sua camisa e vestiu-a. Até ele se vestir completamente, não olhou para ela novamente. A luz brilhante pela chuva

banhava seu corpo nu em um brilho estranho e frio que caracterizava suas feições como as de uma Madalena da Vinci, pura e profana. Os cílios estavam fechados, o colar de ferro contra a cavidade sombria de sua garganta. Seus dedos, presos na corrente, deram pequenos puxões intermitentes. Derivando a escassa vitória de sua falta de esperança, Sean a deixou.

Quando Peg entrou no quarto, Catherine estava segurando suas roupas rasgadas na varanda. Ela não se virou nem falou, mas olhou fixamente para baixo, no terraço abaixo.

— Deve ser duas vezes um triste fim, moça. Sean dificilmente pode ter perfumado a área com seu vômito.

Catherine se virou, os olhos escuros de desespero.

— Ele quer me fazer sua puta!

Os olhos de Peg se suavizaram.

— Ah. O jovem rufião lhe disse que é ele ou os cachorros, hein? —No aceno sombrio de Catherine, a irlandesa deu um tapinha na mão dela. — A maior parte de sua raiva sombria é gasta em si mesmo. Eu realmente não acho que ele iria te machucar.

— Não é que eu tenha mais medo! Não posso suportá-lo. Não posso suportar o toque dele. Mas ele jura matar meu pai se eu...

— Você não quer morrer. Ele pode parecer terrível, mas não é Rouge Flannery. Ele é jovem, forte e limpo, para não mencionar que parece mais do que aceitável. Poderia ser pior, moça. —Peg deu um tapinha no ombro dela. — Se você pudesse encontrá-lo no meio desse caminho, quem sabe...

— Eu não serei sua prostituta!

— Então se segure forte. Não deixe que ele seja melhor que você. Vai precisar mais do que as artimanhas de uma mulher comum para domá-lo, eu lhe garanto.

— Você certamente não está sugerindo que eu aprenda a amar aquele bruto!

Peg começou a se movimentar pelo quarto pegando a roupa de cama.

— Esse é estritamente seu caso, moça. Provavelmente ele é muito duro e muito homem para uma coisa suave e delicada de lidar. Você quer um tipo administrável que nunca vomita nas peônias,⁹ que nunca queira você, que nunca rasgue suas roupas — ela olhou diretamente para a blusa rasgada de Catherine — mas que diga: por favor, antes de se dar e levantar mais do que a batinha da sua camisola?—Ela começou a arrumar a cama. — Amar Sean Culhane? —Peg olhou para Catherine avaliadoramente. — Você não pode, lass. Você nunca poderia amá-lo o suficiente. Você é muito teimosa, com o pescoço duro, talvez muito fria. — Ela colocou um travesseiro no lugar. —O coração daquele

homem tem um buraco vazio e dolorido, todo o amor que você lhe der, talvez não seja capaz de poder curar. Ele está quase como um selvagem com a dor disso, atacando qualquer um que chegue perto demais. Até mesmo Brendan...

— Brendan? — Catherine interrompeu, ansiosa por levantar qualquer assunto para esquecer o assunto desconfortável.

— O pai dele, — disse Peg brevemente, — E a mãe dele? — Catherine persistiu.

— Morreu quando ele era um menino. Megan O'Neill Culhane, seu nome. Orgulhosa como Lucifer de O'Neill, — a serva acrescentou enfaticamente.

— Como ela era? Ela deve ter sido muito bonita.

— A beleza é como ela o faz. — Peg passou pelo final da cama. — Sente-se aqui, moça, e deixe-me costurar isso. Não há necessidade de dar aos rapazes uma boa visão.

Agora genuinamente curiosa, Catherine não se desviou.

— Você quer dizer que Megan Culhane era menos do que ela deveria ter sido?

Peg espetou a agulha no pano como se fosse seu ex-amante.

— Ela levou Sean para o litoral enquanto Brendan estava na Prisão de Newgate, em Dublin. E ela nunca voltou, mesmo depois dele estar em casa.

— É por isso que Sean Culhane é tão amargo? Por causa de seus pais?

— A fenda o machucou bastante; Liam também. Mas Liam cresceu com uma casa e herança enquanto Sean não era reconhecido como filho legítimo de Brendan até que ele apareceu aqui quando tinha dez anos.

— Mas Megan era sua esposa! Como ele pôde deixar seu filho ser visto como um bastardo? — Catherine soltou, chocada. — Que homem horrível!

— Não, não era horrível. Ferido. Ele amava o rapaz mais do que a sua vida, mais do que Liam, e nisso ele estava errado. Aos seus olhos, Megan roubou o filho que ele deveria ter ao seu lado.

— Eu ainda não entendo por que ele esperou para reconhecer seu filho, a menos que... Sean Culhane não seja seu filho.

— Muitas pessoas têm essa noção, mas ninguém pode dizer nada contra Megan. Era selvagem, mas um caso aberto ela nunca teve. Se você pudesse ter visto Brendan e Sean juntos, saberia que não é provável. Eles eram da mesma altura, irlandeses morenos com um jeito fácil de se mover. Brendan não tinha a beleza pecaminosa de Sean, mas eu nunca vi outro homem que o tivesse, Sean tinha o humor de sua mãe e seus olhos. Aqueles olhos verdes são de Megan.

Peg mordeu o fio no nó e depois continuou.

— Talvez o rapaz tivesse muito mais de Megan ou talvez fosse a sua frieza, mas em todos esses anos, ele nunca foi mais do que educado com sua mãe.

Megan deliberadamente encheu a vida de Sean, não deixando espaço para ninguém. Quando ela morreu, foi como se ela tivesse rasgado o coração dele e levado para o túmulo.

— Você ainda a odeia, não é?

O queixo de Peg se levantou e ela olhou nos olhos de Catherine.

— Sim, eu a odeio. Ela é como um sonho maligno que volta noite após noite, não trazendo nada de bom nem paz. Na vida, ela não era melhor. — Peg olhou de forma abstrata para o ombro de Catherine, como se alguém estivesse ali, depois se sacudiu e olhou pela janela. No alto, o sol se erguia por trás das nuvens de chuva. — Por piedade, nós desperdiçamos a manhã inteira! Venha menina. Há trabalho a fazer.

Em pouco tempo, a condessa de Vigny encontrava-se no pátio da cozinha, até os cotovelos, em um tanque de água tão quente que avermelhava sua pele. Filetes rebeldes de cabelo estavam grudados em seu rosto suado enquanto ela remexia roupas pesadas e molhadas com uma longa pá, depois empunhava uma tábua de lavar em água cinzenta com óleo para lã. A primeira hora foi a pior; depois disso, o corpo alcançou um ritmo monótono e indefinidamente sustentável. As duas robustas lavadeiras de rosto corado não diziam nada para ela ou para outra.

Agora eu vou ser uma idiota sem cérebro e sem esperança, ela pensou. As outras mulheres, que zombavam de seus esforços para espremer grossos lençóis de lã, os colocavam em fileiras cheias de gotejamento pelo vento que os fustigou. Seus pés descalços, machucados por pedregulhos soltos e o peso do arrastado, ficaram misericordiosamente entorpecidos. A garoa da manhã diminuiu o suficiente para deixar as roupas secarem um pouco, mas Catherine estava cansada demais para agradecer e, quando o sol se pôs, ela deixou cair o cesto de roupa suja com os outros em um depósito. Seu corpo inteiro protestou quando ela se endireitou, mas ainda tinha que realizar outro dever que pesava em sua alma muito mais do que correntes.

Em um estado de esgotamento, Catherine tomou banho com um balde de água em sua cela. Sem se preocupar com o jantar, ela lentamente subiu as escadas para o quarto de Sean Culhane. A caminho do jantar, Liam a encontrou. Seu rosto se encheu de espanto quando ela ficou de lado. Ela estava branca sobre as bochechas e os lábios. O cabelo úmido grudava no rosto e a blusa manchada de licor se agarrava a sua pele quase seca.

— Catherine... Lady Enderly, você está bem?

— Sim. — Cambaleando com fadiga, ela desejou que ele se fosse.

— Eu... eu queria te dizer o quanto... Eu perdi você no meio da multidão na noite passada.

— Você não precisa se desculpar. —Ela deu outro passo pelas escadas.

Ele pegou o braço dela.

— Você vai procurar Sean?

— Sim.

Seus lábios se curvaram amargamente.

— Eu posso imaginar que tipo de escolha ele te deu.

— Você não deve interferir. Acredito que seu irmão pode machucar você se o tentar frustrá-lo.

Seus olhos se estreitaram.

— Você acha que eu perderia uma briga com ele?

— Peg me disse que você foi ensinado para criar beleza. Eu não vou vê-lo aceitando um desafio, brigando com ele por minha causa. Eu peço a sua promessa de manter a paz com ele.

— Mas o comportamento dele é desprezível!

— É tudo o que peço, — disse ela com firmeza. — Por favor, não torne minha existência aqui mais difícil.

— Muito bem, eu prometo. Até o dia em que eu puder resolver em meus próprios termos. —Ao vê-la começar a protestar, ele a interrompeu. — Isso é tudo que posso prometer. —Sua voz tinha uma nota dura e determinada que era nova.

— Muito bem, — ela respondeu suavemente. — Eu tenho que ir agora. Boa noite, Liam Culhane.

— Boa noite, minha lady. — Miseravelmente, ele assistiu ela subir a escada e desaparecer.

Catherine ficou parada diante da porta de Culhane por um longo momento, seus pensamentos sombrios. Então, repreendendo-se por rastejar, ela bateu bruscamente. Moora abriu a porta e Catherine ficou em estado de choque. A filha de Peg também era amante de Culhane? Quando a irlandesa deu um passo para trás, Catherine olhou tensamente para o quarto. A única luz além do fogo era a vela de Moora. Culhane estava longe de ser visto.

— Ele disse que você deve esperar. —A voz de Moora era fria, impessoal.

— Eu não entendo. Ele ainda está no jantar?

Moora ignorou a pergunta.

— Você vai ser algemada. Venha até a cama. —Lentamente, Catherine obedeceu, e Moora prendeu a corrente no aro, fechou um cadeado e se dirigiu para a porta.

Catherine agarrou a cabeceira da cama.

— Moora, por favor! Pelo menos me diga se ele vem esta noite.

Moora sorriu causticamente.

— Você terá que esperar sua vez. Ele está atravessando a baía.

Catherine se afundou no chão quando a porta se fechou, e ela se inclinou contra o lado da cama, onde encarou o intrincado padrão do carpete. Lentamente as lágrimas escorreram de seus olhos por suas bochechas. O fogo estava quase apagado quando ela dormiu.

Perto do amanhecer, Culhane se ajoelhou ao lado de Catherine. Ela estava pálida e fria ao toque; ele silenciosamente a amaldiçoou por teimosamente recusar sua cama. Cuidando para não acordá-la, ele a pegou. Sua cabeça escorregou de volta pelo braço dele, expondo sua garganta onde ele viu o colar ferindo sua pele delicada com vergões roxos. A pequena idiota não pensou em curá-los? Ou ela era muito orgulhosa?

Ele baixou o peso leve sobre a cama e checkou o tornozelo; estava machucado e provavelmente inflamaria se não fosse aliviado. Os pés estavam machucados e gelados enquanto suas mãos os envolviam. Levemente, ele os friccionou, depois cobriu-a antes de tirar suas próprias vestes. Ele escorregou ao lado dela e colocou seu pequeno corpo contra o seu para aquecê-la.

Muito mais tarde, ele acordou e encontrou sua cativa emaranhada embaixo dele como um gatinho adormecido no meio de uma brincadeira, os cílios de cortesã e a boca sensual incongruentes em seu rosto jovem. Seu cabelo caía do pedaço de trapo que o prendia fora do rosto. Com cuidado, afrouxou o nó e, quando baixou o cabelo, deslizou os dedos pelo peso longo e sedoso. Acariciou levemente com um dedo experimental entre os seios e a barriga. Profundamente adormecida, ela se mexeu um pouco com um leve suspiro. Ele separou suas coxas, em seguida, entrou em seu calor para encontrá-la sonolentemente cedendo. Quando seus lábios se separaram em um gemido, ele os cobriu com os seus próprios.

Confusamente ciente de um prazer pulsante, em refluxo, liquido como espuma, passando forte através de seu corpo, Catherine abriu os olhos, a testa latejante. Com um suspiro, Sean mergulhou no coração dela, e sentiu por um breve momento de doce tortura como seria se ela o quisesse, o amasse.

De repente, Catherine notou o longo corpo moreno, os músculos lisos e poderosos que se enrolavam e desenrolavam no abdômen liso e duro que se movia contra ela, olhos que ardiam como fogo de jade na escuridão. Ela arqueou-se descontroladamente contra ele, cravando as unhas nas suas costas em um esforço para destruir seu ritmo irresistível, mas não antes de uma explosão dentro dela se tornar fundida, enviando correntes de doce agonia

inundando sua alma. Lentamente, o prazer intenso se esvaiu efusivamente, deixando-a uma concha frágil e vazia.

O olhar do homem era tão curioso quanto a garota quando seus cílios se abriram e seus olhos se encontraram. Como se ela fosse uma adorável e preciosa ídolo, ele lentamente traçou o pequeno rosto de Nefertiti até os tentadores lábios, inchado de seus beijos.

— Catherine? —ele sussurrou roucamente. — Renda-se a mim. Renda-se... —Seus lábios abaixaram para selar sua rendição. Como se iludisse o balanço hipnótico de uma cobra, ela virou a cabeça e seus lábios encontraram apenas a delicada curva de sua mandíbula, logo abaixo de sua orelha.

Sean escondeu sua decepção na curva do pescoço dela. Mordiscando a carne macia, ele procurou o oco de sua garganta em seu prazer e a enlouqueceu com a excitação traidora de seu corpo, ainda indefeso esparramado sob o dele. Preguiçosamente, sua boca se movia mais baixo, provocava mamilos, os excitados botões doloridos e inchados que se esticavam para explodir. Ela choramingou, balançando a cabeça de um lado para o outro, enviando a massa lustrosa de seu cabelo derramando sobre os travesseiros como um riacho. Com uma risada suave, ele esfregou a cabeça em seus seios e barriga, forçando um gemido de fúria frustrada dela. Erguendo a cabeça, ele sorriu maliciosamente para uns olhos de safira furiosos, pegou uma mecha de seu cabelo e o enrolou sobre um mamilo impudentemente empertigado.

Enquanto ela olhava para ele em uma confusão de raiva e desejo, Sean suspirou com uma melancolia mais zombeteira do que ele sentia.

— Tu, Diana, com olhos estelares e cabelos como a tempestade da meia-noite, lançados nos céus em meio a brilhos nebulosos, você faz o sangue de um homem correr quente nele como as marés, tenta-o a alcançar a lua, uivando, enlouquecidamente. Tu deusa remota do coração, que o impele a terra no próprio pináculo de seu desejo.

Com o queixo caído, Catherine escutou, incrédula, o lirismo pouco característico do irlandês. As surpresas do vilão nunca cessariam? Ele passara por suas defesas adormecidas como um espião e renunciara ao ataque frontal.

E, sem dúvida, ele havia conquistado outro facilmente poucas horas atrás, com sua língua habilidosa e lasciva. Ela não mediu as palavras.

— Saia de perto de mim, seu cão no cio bruto! Seus uivos são mais de saciedade do que desejo. E seus dedos têm se intrometido no pote de mingau de outrem, não estiveram tateando a lua!

Culhane pareceu ligeiramente assustado, mas não culpado. Seus olhos se estreitaram.

— Acho que, como Diana Celestial, você tem os instintos de uma mulher

que vende peixe. Por favor, diga, quem está afiando sua língua?

Não querendo deixar Moora de longe, Catherine respondeu cautelosamente: — Quem esteve aguçando seus apetites, milorde? Acho que era mais que uma peixeira. Na verdade, o fedor dela ainda está sobre você.

De repente, ele tirou o peso dela.

— Agora, menina, vamos deixar as coisas claras, — ele disse friamente, balançando as pernas sobre a beira da cama e sacudindo o sino. — Eu não gosto de sua astúcia. —Esfregando sua testa, ela olhou para ele no tapete. Ele se inclinou e levantou o queixo rebelde. — Se eu estiver inclinado a dormir com seis mulheres por noite, você não vai dar um pio mesmo se estiver no final da fila.

— Você exagera em suas capacidades, Milorde Galo! E, de qualquer forma, é pouco provável que eu deva tentar atrair suas atenções pervertidas!

Ele ergueu uma sobrancelha zombeteira.

— Pervertidas?

— Se você propõe que o estupro é normal, então todo porco voador está debaixo do céu! —Apanhada em fúria, Catherine ficou de joelhos. — E esta manhã, furtivamente e ignóbil, você se aproveitou de mim!

— Estranho, sua recepção parecia tão ansiosa.

— Se você acha que esse esforço fraco disparou meu sangue, tem muito a aprender!

— E você, inocente, tem ainda mais a aprender, especialmente sobre minhas capacidades. —Ele deu um sorriso maligno. — Você vai achar minha tutela menos tediosa do que a da academia para damas. —Ele saiu da cama. — Mas sua língua rabugenta está começando a me entediar.

— Certamente você não me negará a última das minhas armas?

Seus olhos verdes a cobriam quando ele deu de ombros e ela estava mais uma vez desconfortavelmente consciente de sua nudez.

— Não é a sua última arma nem a mais perigosa, *petite*, embora você ainda não aprendeu a usá-la. Coloque sua roupa.

Quando Peg chegou em resposta à sua convocação, Culhane disse abruptamente: — Nossa Srta. Enderly demonstrou um talento especial para cheirar a peixes; portanto, ela ajudará na lagoa. Quando a captura for feita, ela voltará às lavadeiras até que a próxima frota de roupas sujas esteja limpa.

Catherine lentamente amarrou sua faixa com o coração afundando. Pescar e limpar peixe só podia ser mais desagradável do que lavar roupa, conhecendo Culhane. Severamente, ela apertou o nó, desejando que fosse sobre a garganta do irlandês.

— Você tem tempo livre? —ele perguntou casualmente.

— Sim, — ela respondeu sombriamente. Domingo seria seu primeiro dia de folga em mais de um mês; ela estava ansiosa por isso, nem que fosse para dormir.

— Você desperdiçou um dia de trabalho em uma tentativa de fuga e você deixou a limpeza do foyer inacabado, então você ainda tem que fazer isso completamente, é claro.

— Claro, — ela repetiu maldosamente.

— E as janelas do salão de baile. — Ele parecia pensativo. — Então há uma questão de importunação. Por um número indefinido de domingos você limpará os estâbulos, assumirá os deveres de ordenha e esvaziará os urinóis na maré da manhã tendo Moora como companhia. De alguma forma, eu não acho que ela lhe dará outra chance para confundir o cérebro dela.

— Eu devo ir agora? — ela perguntou com uma quietude inesperada. — Ou há mais?

Culhane examinou-a. Foi-se o combate, a imprudência despreocupada. Em seu lugar, temia a derrota monótona de longas horas de trabalho escravo.

— Ainda não, — ele continuou com igual tranquilidade. Pegando uma camisa de linho do baú, ele rasgou-a em tiras, depois se agachou ao lado dela e envolveu as tiras ao redor do seu tornozelo machucado pelo ferro. Ele se levantou, e enfiando uma faixa entre a garganta e o colarinho, amarrou-o também enquanto Catherine permanecia em silêncio. Quando seus olhos encontraram os dela, encontrou-os melancolicamente assustados, assim como naquela noite em que olhou para ele como se fosse uma ninfa de alguma piscina escura da floresta. As profundezas sombreadas daqueles lindos olhos assombrados atraíam-no, e apenas a presença de Peg impedia que ele beijasse a boca suave, apenas a uma respiração da sua. — Eu estarei ausente por vários dias, — ele murmurou. — Isso vai agradar você?

Os olhos de Catherine ficaram escuros, insondáveis como um mar escuro sob os cílios pesados.

— Eu não... — Então ocorreu a ela. O décimo quarto. Hoje era o dia 12 de fevereiro. Os olhos dela brilharam como se um raio os tivesse atingido, depois ela acusou: — Você vai para a Inglaterra, não é? Para Holden Woods!

— Então você encontrou esse mapa também! — Sua voz ficou calma e fria. — Não é uma dedução, condessa.

— O que você quer fazer?

— Eu quero queimar tudo, — ele respondeu sem rodeios.

— Essa floresta é mantida por madeireiros inofensivos e que vivem da vida selvagem, — disse ela com uma nota suave de súplica que o surpreendeu. — Muitos podem morrer se você a incendiar. Não massacre inocentes em sua

guerra. Eles são tudo o que torna a paz suave.

— Você se conta entre os inocentes no meu caminho herodiano? —ele perguntou asperamente.

— Eu não sou mais inocente, — ela murmurou sombriamente, suas palavras só para ele. — Você tirou toda a dignidade de mim, exceto uma, que mesmo agora você almeja, só para pisar na terra. —Seu queixo se elevou imperceptivelmente. — Eu não pergunto pelo quartel. Você vai queimar a madeira?

Os olhos de Culhane sustentaram os dela.

— Eu vou. —Ela se afastou dele e saiu do quarto. — Encontre sapatos para ela, Peg, — ele disse baixinho.

— Bem, com seus pés pequenos, não será tarefa fácil. —Peg esfregou o nariz. — Claro, há roupas no sótão...

— Apenas sapatos, Peg.

Ela brincou com as chaves.

— Tem algo que eu queria perguntar.

— O que é? —Sean perguntou impaciente. Seu navio, o Mary D., estava ancorado no mar e ele teria que sair dentro de uma hora para pegar o mar.

— Você pretende mandar a garota de volta viva?

— Que diabo! —Ele jogou uma camisa limpa na cama. — O que te faz perguntar isso?

— Depois que você saiu ontem de manhã, eu a encontrei na varanda, olhando para o chão abaixo de pedra.

Sua irritação instantaneamente desapareceu.

— Eu vou mandar Moora ficar com ela.

— Você não pode tê-la vigiada a cada minuto. Isso é parte do problema. A garota não tem um momento para chamar de si mesma, nem um pouco de roupas quentes. O trabalho que você dá a ela... alguns estão bem o suficiente, mas ela não é tão forte quanto aquelas mulheres na lavanderia. E as barracas de peixe são o trabalho de um homem.

— Ela fugiu, Peg. Ela deve aprender a nunca mais fugir.

— Você não toleraria uma jaula; você fugiria até que morresse. Quebre seu espírito e você a perderá.

A voz de Culhane estava cortante.

— Ela não é nada para mim, mas uma inglesa mimada! Ela é quase inútil como amante.

— Sim, os olhares sombrios que você dá à moça me dizem isso. Eu não me pergunto se ela é fria. O que fez com a pobre garota naquela noite que a trouxeram para você como um cordeiro para o abate, a espancou e tomou sua

virgindade com uma puta? Os lençóis estavam ensanguentados e ela quase desmaiou na escada!

Puxando as calças sob o roupão, Sean cortou o discurso.

— Fique fora disso, Peg. Está claro?

— Sim, claro o suficiente. E também deixou claro que a moça deve seguir nua para você, por que não deixá-la ir, ou dá-la para Liam? Ela floresceria nos braços de um homem amoroso. Por que não admite que você não tem o conhecimento de dar a uma mulher o que ela precisa?

— Droga, Peg, já chega!

— Sim, é o suficiente, está certo, — disse a governanta, imperturbável. — Você vai matá-la; mais cedo ou mais tarde, chegará a isso. — Ela calmamente balançou as chaves enquanto saía pela porta.

No final da tarde, Catherine estava com os pulsos cheios de peixe. Tendo pescado trutas em Windemere, ela não tinha o habitual horror feminino de nada que não estivesse enterrado sob salsa em um prato. A limpeza dos peixes, embora fedorenta e desagradável, era preferível à lavanderia. Alguns dos peixes eram frescos para a casa, alguns eram salgados para o inverno, enquanto o restante ia para o mercado em aldeias e cidades do interior.

Moora, pouco inclinada a falar com Catherine, retirou-se periodicamente para vomitar sobre o penhasco. Ela desprezava apaixonadamente qualquer tipo de peixe, e Culhane, como de costume, acertara na punição perfeita por sua negligência com sua prisioneira. As outras mulheres olharam de mau humor para a inglesa, mas a maior parte ignorou-a, embora os olhares de soslaio de Maude fossem particularmente venenosos.

Enquanto se arrastava de volta para a casa com os outros trabalhadores, Catherine sentia-se como um coelho observado por furões: alguns desses furões, suspeitava, ocupavam as torres que cercavam a mansão. Os homens que a rodeavam nos pântanos deviam ter sido patrulheiros; eles não poderiam ter vindo de Shelan. Sua eficiência sugeria um sistema de sinalização; certamente as torres eram pontos de sinal naturais. Ou os vigias a reconheciam do quintal e do estábulo ao luar por puro acaso ou a confundiam com um homem; a última possibilidade apresentou oportunidades. Mas uma coisa era certa. Se ela fosse pega tentando fugir novamente, Culhane certamente a mandaria para a prisão.

Seus pensamentos sombrios não foram aliviados pelo jantar, onde ela foi servida de peixe cozido. Em seu quarto aguardava um tear manual e uma pilha de fios; em suma, ela pediu um xale. E, apesar de todo o seu bando no balde, um leve odor se agarrava às mãos dela. Culhane certamente alcançou seu objetivo, embora Catherine tenha azedado. Ela nunca faria comentários

maliciosos sobre alguém compelido a pescar para ganhar a vida novamente. Ela caiu na cama e, empurrando as mãos sobre a borda do catre, tão longe de seu nariz quanto pôde alcançá-las, adormeceu.

O dia seguinte foi gasto no pátio da lavanderia sob um chuveiro lento e cinzento. Como de costume no tempo úmido, os varais eram pendurados diante das lareiras da cozinha, que dificultavam as cozinheiras e deixavam todos de mau humor. Catherine estava pendurando uma camisa quando Maude acidentalmente recuou para a roupa de baixo feita de lã e derrubou uma bandeja com codorna. Quando os pássaros caíram no chão, ela ficou furiosa.

—Você fez isso, sua vadia inglesa! Semente de Satanás! Quer terminar na lama de onde você saiu, está querendo? Deitando com os patrões, enquanto pessoas honestas estão fazendo o trabalho. Eu vou ensiná-la a não atormentar pessoas melhores que você! —Ela pegou uma faca e atacou a garota assustada.

Com habilidade de se desviar passando por baixo de um varal e pegar uma panela de ensopado quente, Catherine lançou-a no rosto da irlandesa. Maude gritou e limpou os olhos. No momento em que ela se limpou, sua presa, armada com uma vassoura, estava do outro lado da sala. O rapaz da copa, Danny, havia desaparecido.

Maude riu desarticulada, o molho ainda pingando pesado de seu rosto.

— Sim, sua vagabunda! Pegue um brinquedo! Isso é tudo que eu tinha para defender minha família. Vamos ver se você é boa nisso! —Ela atacou, cortando violentamente. Bloqueando a mulher, Catherine rapidamente se abaixou sob a lâmina e enfiou a ponta da vassoura na sua barriga, logo abaixo do esterno. Maude se dobrou em agonia, a respiração explodindo em um convulsivo choque.

Com Danny em seus calcanhares, Peg, brandindo uma pistola, correu para a cozinha enquanto Maude, gemendo, sentou-se pesadamente no chão com os braços sobre a barriga.

— O que diabos está acontecendo aqui? Senhor nos preserve, menina, você matou a mulher?

— Não, mas eu deveria. —Catherine limpou o cabelo do rosto. Os olhos se estreitaram, ela avisou sem rodeios a agressora: — Me ouça, senhora. Se você me abordar de maneira tão rude novamente, ou acenar com algo mais ameaçador do que um guardasol, vou enfiar esse cabo no céu de sua boca que não lhe faz jus. Indique que você me ouviu ou vou limpar seus ouvidos da mesma maneira! —Maude gemeu, balançou a cabeça. Catherine abaixou lentamente a vassoura, depois olhou sombriamente para Peg e a lavagem arruinada atrás dela.

— O que aconteceu? —exigiu Peg, igualmente sombria.

Resumidamente, Catherine disse a ela.

Peg chegou por trás dela e puxou Danny para frente.

— É a verdade, rapaz?

— Sim, senhora, — afirmou o garoto, tentando ignorar os olhares sinistros de seus compatriotas.

Deus te abençoe rapaz, pensou Catherine fervorosamente.

— Maude, levante-se e pare de histeria! Você teve o que merecia e que seja condenada por seu mau humor! —Peg falou ao restante. — Bem, parem de ficar de boca aberta e cuidem do trabalho! Annie, Kathleen, recolha aquela roupa suja e leve-a para o galpão. Maude vai ter uma boa hora lavando-as amanhã cedo. — Ela balançou um dedo para Catherine. — Venha, garota, você tem coisas a fazer.

Desolada, certa de que a discussão com Maude lhe custara mais trabalho, Catherine vagou com os pés arrastados atrás de Peg, que parou na porta de sua cela.

— Entre, moça. Eu vou lhe dar uma lição de tecelagem. Não há necessidade de parecer tão triste. É mais fácil do que encontrar Maude Corrigan em seu traseiro. —Peg pegou o tear, plantou seu amplo traseiro no catre de Catherine e mostrou o lugar ao lado dela. — Sente. —Catherine obedeceu com relutância. — Agora, fazer um xale é rápido. A lã já foi cardada e fiada, então você não terá problemas. —Ela sorriu fracamente. — Se Sean estivesse aqui, você teria que tosar as ovelhas, mas ele não foi específico, então nós vamos passar essa parte.

Catherine escutou com cautela, sabendo que Peg teria resistido de maneira mais cautelosa a qualquer crítica de Culhane que qualquer outro. Agora, ela não apenas insinuava desaprovação do comportamento dele, como parecia estar preparada para contornar suas ordens e oferecer uma sugestão de aliança. Catherine decidiu não desacatar.

— Peg, por que essa mulher me atacou? Eu não fiz nada para agravá-la.

Peg começou a enfiar o tear.

— Veja como eu faço, moça. Eu ainda tenho alguns deveres antes do jantar. —Seus dedos trabalharam habilmente enquanto ela falava. — A família de Maude foi morta pelos protestantes coloniais, Orangemen, no ano passado em Armagh. Para ela, os colonos são ingleses. Ela não tinha nada além de uma vassoura para combatê-los. Eles a abaionetaram e, quando ela acordou, sua filha de quatro anos de idade, dois meninos gêmeos e uma filha de doze anos estavam mortos. Os meninos foram esmagados contra a parede, a garota estuprada e estrangulada, a casa estava queimando e as chamas rugiam em seus ouvidos, arrastou-se para o quintal e encontrou o marido morto em sua própria

água. Ela não está certa da cabeça desde então.

Catherine ficou pálida.

— Oh, Peg, a pobre mulher. Se eu soubesse...

— O que você teria feito? Dado a ela um leve toque? Ela teria cortado sua garganta. — Peg deu um tapinha na mão de Catherine. — Agora veja...

Naquela noite, Catherine sonhou que estava acorrentada com crianças mortas em uma ruína em chamas. Bem acima das chamas, o riso de Sean Culhane e, estranhamente, o de sua mãe.

Peg a acordou no final da manhã. Catherine piscou para a luz, protegeu os olhos e entrou em pânico.

— Eu dormi demais! Eu deveria estar na lavanderia...

Peg deu-lhe um tapinha reconfortante no seu ombro.

— Hoje não, você não vai. Esta manhã você tem um encontro com Flannery. — Ao olhar sombrio da moça, ela apressou-se em acrescentar gentilmente: — Não, lass. Não será outro enfeite de ferro. — Ela se afastou para observar o vestido de Catherine, admirando sua esbelta graça. — Quando tiver terminado com ele, você vai trabalhar em seu xale. Maude está fazendo seus deveres hoje.

Catherine se iluminou como uma manhã de primavera e a boca de Peg se franziu nos cantos.

— Você tem a glória de um sorriso, garota. Estou feliz que você não tenha esquecido como usá-lo. — Quando terminou de se vestir, Peg foi abrindo caminho entre o estábulo e a fundição, onde Flannery, com o peito nu e um avental de couro, transpirava com o suor enquanto martelava em uma ferradura brilhante.

— Bom dia para você, Sr. Flannery, — disse Peg alegremente. — Eu trouxe a moça para a aula dela.

Flannery acenou para Catherine, depois olhou furiosamente para a governanta.

— O que é esse Sr. Flannery, garota? Eu estava beliscando seu traseiro antes que Rafferty se casasse com você, que o diabo leve sua língua oleosa.

Peg deu um tapinha no braço de Catherine.

— Não ligue para ele. A cabra velha é mais mole do que bunda hoje em dia. — Ela voltou para a cozinha, as saias levantadas para evitar a lama do pátio.

Flannery enfiou a cabeça para fora da porta e gritou: — É melhor você erguer mais a saia sob essas belas pernas e correr, moça! Estou prestes a ir atrás de você até Tipperary!

— Affe, seu velho peidão! — foi a resposta quase desaparecendo.

Catherine deu uma risadinha e logo colocou a mão sobre a boca para fingir

uma tosse.

Flannery virou-se com um sorriso.

— Ora, não faça isso, moça. O riso é a canção mais doce nos ouvidos de Deus.

A observação foi tão inesperada que ela não estava preparada para responder. Fracamente envergonhada, ela abaixou as mãos.

— Temo que tenha rido pouco ultimamente.

— Sim, desculpe-me por minha parte em seus problemas. Nunca coloquei a mão em nada que envergonhasse o manejo dos ferros. O ferro da perna está saindo um pouquinho. — Ele pegou o martelo, ajoelhou-se e soltou o parafuso. Ignorando seu espanto, ele se levantou e deu um tapinha no colarinho com o dedo indicador.

— Sean? — Ela assentiu e suas sobrancelhas se levantaram ligeiramente. — Essa é uma concessão rara. Eu não dependeria de outra. — Seu sorriso reapareceu fracamente. — Entendo que o Sr. Culhane não sabe que meu castigo diminuiu em sua ausência.

— Oh, ele saberá em breve. Haverá muitas línguas para desiludi-lo em seu retorno.

— Não é ordinariamente seu dever tomar decisões com ele?

Flannery devolveu seu olhar atento sem piscar.

— Ordinariamente. Eu tenho outras coisas para fazer. — Ele tirou o avental, depois vestiu uma camisa de um prego próximo. — Como dar a você um pouco de educação sobre como lidar com os modos de Maude Corrigan. — Ele pegou uma faca de lâmina larga com a guarda da espada em concha. — Atenção, eu estou dando isso a você, para que defenda-se e não para que use em Sean o que pode ser uma grande tentação. O que nos leva a outro ponto. Não vá desafiar a mão de um homem a menos que você tenha uma boa ideia do que ele tem para mostrar. Em cinquenta anos de soldado, eu só vi dois homens que poderiam se igualar em luta com faca, espada ou pistola com Sean; ambos eram assassinos de sangue frio contratados por Culhane como guarda pessoal, mas ele é um verdadeiro assassino. Não vá perder sua gaiola civilizada, moça; que nunca foi trancada. — Com aquele pequeno conselho, o irlandês levou-a ao pátio traseiro da fundição e começou uma árdua e brutal lição de como empunhar uma faca.

Liam estava no curral carregando esboços de desenho nos alforjes quando notou Catherine contornando a parede do piquete depois da aula.

— Bom dia, Lady Catherine!

Ela acenou alegremente.

— Bom dia para você, Liam Culhane! Você vai pintar ao longo dos

penhascos esta tarde?

— Não, eu estava pensando em ir até a baía. Estive trabalhando nas andorinhas que se juntam perto da Rocha de Quoin... — Sua voz diminuiu quando ele foi agarrado por uma grande vontade de desenhá-la. Corada da luta com Flannery, sua pele tinha um brilho rosado até o inchaço de seus seios, onde o decote escorregou para baixo. De repente, ciente de onde seus olhos haviam caído, ele rapidamente olhou para cima para encontrar Catherine abertamente divertida.

— Ah, senhor, — ela brincou, — você nunca viu uma pescadora antes?

Liam se inflamou. Ele ocasionalmente facilitava e diminuía seu celibato nos arredores, aldeias, e a lembrança terrena do que estava por baixo das vestimentas das moças locais não deixou sua compostura boa.

— Eu... fiquei surpreso ao vê-la sozinha e desprotegida. Você acabou de vir da fundição?

Imaginando seu choque se ele soubesse o verdadeiro motivo de sua visita ao ferreiro, Catherine ergueu as saias e balançou o pé para sacudir a corrente.

— O Sr. Flannery tinha ajustes para fazer no meu traje. — O jovem lorde observou atentamente a visão adicional que acabara de receber, mas, para sua decepção, a saia foi baixada novamente. — Além disso, a fuga parece impossível com essa corrente e tantos homens armados, — ela se aventurou inocentemente.

— Seria impossível para qualquer um, — ele respondeu severamente. — Os pântanos ao redor de Shelan são um labirinto de pântanos e montes Dumlin¹⁰; se você não caísse em um pântano, estaria perdida em pouco tempo. Além disso, Sean reorganizou os piquetes para que ninguém possa caminhar uma milha sendo noite ou dia, sem ser visto. Seu sistema de sinalização de lampiões e espelhos pode transmitir mensagens até a Inglaterra em questão de horas. — Vendo seu sorriso desaparecer, ele se apressou em mudar de assunto. — Você gostaria de ver alguns dos meus esboços?

Ela se esforçou para mostrar um pouco de interesse.

— Eu sempre vi você cavalgando pelas colinas e imaginando que impressões você coletaria. — Ela chegou mais perto enquanto Liam vasculhava sua bolsa. Ele puxou um grande bloco e lentamente começou a virar as folhas. Ela ficou em silêncio por tanto tempo que ele começou a sentir que não gostava dos esboços. Ele queria desesperadamente que ela aprovasse seu trabalho. Ansioso para impressioná-la, ele pegou o primeiro livro na bolsa; agora, tarde demais, ele pensou em outros que ela preferia. Página após página de estudos sobre nuvens, delicadamente girando e aparentemente sem arte, mas ainda dolorosamente difícil depois de anos de prática. Ele havia

capturado o céu em movimento em todos os seus humores, em todas as estações, em todas as luzes.

Quando chegaram ao último, ela disse pensativamente: — Seus esboços são maravilhosos! Você já os mostrou alguma vez a alguém?

Sentindo um sorriso tolo começar a deslizar em seus lábios, ele controlou-o com firmeza.

— Em Roma, onde estudei, comecei a mostrar em algumas galerias. Recebi uma comissão do príncipe Borghese para sua coleção quando fui forçado a voltar para casa.

— Que pena! O seu pai chamou você?

— Ah, não exatamente... —disse Liam. — Foi mais uma jovem lady.

— Oh, — Catherine disse simpaticamente, — duas vezes uma pena.

Ela pode não ter sido uma criança bonita, ele pensou, distraído por sua estrutura facial incomum, que era particularmente marcante na luz exterior. Sem o equilíbrio de maturidade, suas feições teriam brigado umas com as outras, possivelmente até mesmo feias. Seu nariz reto e fino parou um pouco antes de se tornar uma linha muito longa; as narinas se abriam com sombra. A linha delicada de sua mandíbula abrandava um pouco a obstinação, dando ao todo uma força subjacente que a impedia de ser apenas bonita. Seus olhos eram inesquecíveis, inundando o espectador em um mistério insondável. De repente, seus lábios se contraíram como se restringissem a alegria aberta.

— Sua inspeção é tão aguda que começo a temer que eu tenha limpadado meus dentes indevidamente, ou talvez— ela enroscou um dedo na testa — desenvolvi um olho ciclópico. Adeus, senhor! Devo voltar para minha caverna úmida, para roer os ossos dos desafortunados. Tenha um dia agradável, Liam Culhane!

Enquanto ele observava com pesar ela se apressar ao longo do caminho para a casa, Liam se lembrou de que uma vez pressionou seus lábios e corpo intimamente contra os dela por um breve momento estupidamente desperdiçado. Ele não desperdiçaria uma segunda oportunidade! Suas esperanças aumentaram. Teria sido sua imaginação ou ela realmente olhara para ele com admiração, como se o visse sob uma nova luz? Com o coração batendo forte, ele montou seu cavalo e partiu a galope em direção à baía que brilhava como uma miragem além da Cabeça de Malinbeg.

CAPÍTULO 5

NÊMESIS

Três noites depois, à meia-noite, chamas serpenteavam lentamente sobre pilhas de madeira espalhadas por Holden Woods, sibilando ao encontrar madeira úmida. Por volta de meia hora, um pequeno bando de irlandeses montando cavalos, enquanto pilhas avermelhadas jogavam faíscas para o céu, deixavam rastros de chamas que se espalhavam pelo mato. Como cavaleiros do inferno, os irlandeses sentavam-se, e olhavam as efígies brilhantes sobre a pira. A um sinal de seu líder, eles giraram e galoparam para o Sudoeste em um amplo círculo para escapar da casa, que brilhava com sua própria luz frenética durante um baile de Enderly.

A notícia do incêndio não demorou a chegar ao mestre de Windemere. De costas para o mordomo, John Enderly e um par de madeireiros machucados e sujos de fuligem, com a expressão escondida por uma bizarra máscara de pavão, observava um punhado de foliões que riam no terraço do lado de fora do escritório. Acima de suas cabeças, lampiões de papel balançavam na brisa fresca do Noroeste.

— Holden Woods foi incendiado, John.

— Veja o dano rapidamente e informe-me. Não há necessidade de alarmar os convidados.

Quando estava sozinho, Enderly foi até sua mesa e abriu uma gaveta. No seu interior empacotado estavam os restos de uma roupa de baixo manchada de sangue. Ele ricocheteou a gaveta com uma resolução mortal.

Culhane corrigiu o curso e deu o leme para Sammy, ignorando o rosto triste do outro. A Mary D. estava começando a contornar Antrim, suas velas se inchavam sob o sol do fim da tarde que se espalhava pela água. Eles tiveram sorte, refletiu enquanto caminhava até o corrimão. O vento poderia ter lhes dado dificuldade se tivesse mudado mais cedo; se segurasse esta velocidade, a Mary D. chegaria a Shelan às nove horas da noite seguinte. Apoiando-se no corrimão, ele esfregou o pescoço. Inquieto, ele havia tomado duas voltas no leme. Seu corpo ansiava por dormir, mas a mente recusava-se a permitir o descanso.

A partida tardia de Jimmy e a separação do resto do bando o preocupava

mais do que ele deixou os outros verem. Também, apesar de seus cuidados, um lenhador poderia ter descoberto uma pista de suas identidades. Ele pegou um jato de água próximo do corrimão e jogou-o no rosto. Deixar os silvicultores vivos tinha sido um erro, mas a moça tinha razão; ele não seria menos açougueiro do que Enderly se tivesse permitido que eles assassinassem. Quanto à vida selvagem, um verdadeiro tumulto espalhou-se pelos prados ao redor; os cervos provavelmente dançavam com os convidados de Enderly. Com o pensamento, um sorriso travesso apareceu em seus lábios.

Ele havia presumido que seu ódio pelos ingleses havia apagado sua ética, mas a menina, cria do homem que ele mais odiava, lembrou-o de um código de justiça que não refletia apenas os erros dele e de seu povo. Foi por isso que ela não pediu misericórdia para si mesma? Deus sabe que ele lhe mostrara pouco, e a misericórdia que ele lhe demonstrara foi arrastada a contragosto daquelas profundezas humanas que ele pensava estar morta. Foram seus momentos de beleza estranha, suave e mágica que muitas vezes o pegaram de surpresa? Às vezes, em seu cansaço, ela era quase simples, mas então aqueles olhos incríveis erguiam-se para ele em desafio quente ou maravilha muda, pegando seu coração e enviando-o batendo em seu pulsar acelerado. Olhos como esse mar de luz ardente e tão insondáveis quanto as profundezas de seus lagos. A brisa acelerada agitava seu cabelo, fazendo cócegas no rosto e nas têmporas. Ficou imaginando se ele aceitara os ventos frescos porque puseram a fumaça de Windemere para trás ou porque o levava para a garota de cabelos negros que estaria esperando em sua cama, com a luz da lua se refletindo em seus olhos.

Quando a quilha do escaler rangeu na praia de seixos de Shelan, Flannery já estava esperando, sua cabeleira vermelha se erguendo no vento da noite. Culhane deixou os homens para puxarem o barco até a praia fora do alcance da maré que se aproximava e caminhou até a figura alta e monolítica parada em silêncio.

— Alguma palavra da Inglaterra? — ele perguntou brevemente.

O ruivo relacionou as notícias do sinaleiro. Jimmy estava morto. Ele tinha sido apontado como um batedor de carteira e por uma torta que ele tinha pego em uma pousada à beira-mar. Tentara subir a bordo do Sylvie com uma patrulha marinha nos seus calcanhares e o vigia fora forçado a atirar nele.

De mau humor, Culhane foi ao seu quarto, depois mandou Moora buscar a garota inglesa. Seus olhos ardiam de falta de sono, seu cérebro cheio de receios e arrependimentos. Particularmente, ele sentiria falta do rosto sardento e brincalhão de Jimmy e do seu humor travesso. Enquanto andava diante da lareira, ele protestou contra o inimigo que havia tirado a vida do homem, o

tempo todo com um conhecimento amargo de que a morte estava em todos os seus ombros. Ele precisava do calor da garota esta noite para aliviar o frio de sua alma.

Catherine terminou outra fileira do xale, depois pôs o tear de lado com uma verdadeira sensação de paz e realização, a primeira que conhecia desde o seu rapto. Decidiu tingir a lã com uma sombra de urze para recordar o delicado tom daquela aurora, quando viu pela primeira vez as gaivotas imensas e inclinadas dos penhascos; a cor sempre a lembraria de liberdade. Quando ela se levantou para deitar na cama, um leve toque soou na porta. Sua paz fugiu. Ela congelou, o coração começando a bater. A porta se abriu e Moora colocou a cabeça.

— O mestre está em casa. Você deve procurá-lo imediatamente.

— Obrigada.

Deixando a porta aberta, Moora voltou para a cama enquanto Catherine entorpecida deixava a cama. Mesmo que isso significasse ser condenada ao quartel, ela não poderia ir para a cama de um assassino, até mesmo por causa do pai. Ela se levantou do catre e trancou a porta por dentro, depois despiu-se. Mantendo a camisa comprida para segurar o frio, ela escovou o cabelo com movimentos curtos e tensos, usando a escova que Peg lhe dera. Apesar da camisola, ela estremeceu.

A reação de Sean Culhane não demorou a chegar. Catherine estava deitada na escuridão, a fria luz da lua que entrava pela janela alta, se abria sob uma cunha estreita do catre, quando ela ouviu um pé batendo contra a porta.

— Catherine! —O grito de raiva continha uma nota de desespero.

Agarrando as cobertas, ela se levantou e levantou a voz claramente, rezando que apenas a raiva e não o tremor atravessasse a porta.

— Eu prefiro deitar com seus homens do que ter sobre mim suas mãos ensanguentadas. Encontre outra prostituta, assassino!

De repente, a porta reverberou duas vezes, depois explodiu para dentro quando o corpo de um homem lascou sua madeira. Catherine rolou para fora da cama em um movimento rápido e desesperado e se afastou da figura alta. Com a camisa desabotoada, ele ficou de pé, as pernas compridas afastadas, a respiração ofegante era o único som no silêncio depois do estrondo da porta. Nenhuma luz brilhava no corredor atrás dele e ela pensou que seus olhos realmente deviam ser de um gato, porque ele parecia vê-la claramente na cela escura, sua camisola aparecendo como a camisa dele, um branco azul fantasmagórico ao luar.

—O assassino, acha que sou eu? —Ele rosnou. — Muitos irlandeses dormiriam mais seguros hoje à noite, se fosse assim! —Chutando um banquinho para fora de seu caminho, ele avançou em direção à garota que recuava. —

Então você prefere o quartel? Talvez você precise provar um pouco deles.

Catherine cambaleou para trás e de repente sentiu uma pedra fria, áspera contra as palmas das mãos.

— Saia de perto de mim! —ela desafiou, quase sufocando com o esforço de esconder seu terror. Em um movimento duro, ele abriu as calças e se empurrou contra ela, pressionando seu corpo ainda lutando contra a parede. Ignorando as unhas que arranhavam seus ombros e costas, ele empurrou a camisola por cima dos seios dela e os prendeu contra os pelos de seu peito nu. O irlandês ergueu-a e depois inexoravelmente a moveu para baixo sobre sua ereção. Ele a invadiu, devastando o calor que procurara anteriormente como refúgio. Sua dor ofegante atormentava-o, ridicularizando sua necessidade desconcertante e irada.

Sua entrada rude no corpo despreparado de Catherine o machucou tanto quanto a ela, mas uma vez dentro dela, ele não conseguia parar, embora não a quisesse frenética de dor e medo. Olhando para o rosto dela, ele percebeu vagamente que seus dentes estavam cerrados para não gritar, os olhos brilhando de dor e ódio. Com um estremecimento, ele cegamente enterrou o rosto no lado do pescoço dela enquanto se esvaziava em uma espécie de agonia dentro dela. Terminado, ele a soltou e cambaleou para trás, o peito arfando.

Como um fantoche descartado, ela escorregou para o chão, a camisola e o cabelo caindo para proteger seu corpo abusado de seus olhos enquanto ele se atrapalhava com a roupa. Sua cabeça ficou entre os ombros, como se o pescoço estivesse quebrado.

— Catherine? —ele murmurou com voz rouca, movendo-se para tocar seu ombro.

Antes que seus dedos a alcançassem, ela ergueu o rosto coberto de lágrimas e olhou para ele com tanto ódio e desprezo que o surpreendeu. Os seus seios arfando sob a camisola fina, ela lutava para respirar. Quando ela finalmente falou, sua voz estava rouca, mas dura como um copo de diamante.

— Se você alguma vez... me tocar de novo... eu juro que vou te matar, de alguma forma, algum dia... horrivelmente.

Seu sorriso estava torcido.

— Eu me pergunto como... seu pai, é claro, é um assassino consumado. Você pode ter herdado sua inclinação, se não sua habilidade. Em seu apogeu, ele despachou massas de uma só vez. Eu ficarei curioso para ver se você pode comandar um único assassinato.

Ela pulou para ele, batendo em seu rosto e cabeça, furiosa quando ele a impediu com um antebraço protetor. Ele empurrou suas costas contra a parede com tanta força que tirou o ar de seus pulmões.

— Não será assassinato, — ela ofegou ferozmente. — Vou apenas dar um

feriado ao carrasco!

Ele olhou para ela com ironia.

— Talvez você também esteja se dando um. — Saiu do quarto, sua alta estrutura enchia a porta enquanto ele passava pelo corredor em direção ao quarto de Rafferty, deixando Catherine a pensar em suas irônicas palavras de despedida. Mas a curiosidade era fraca em comparação com o desespero esmagador. Muito tempo depois um envergonhado Rafferty veio para consertar sua porta, ela sentou-se no chão onde havia se deslizado depois que Culhane se foi.

Finalmente Rafferty ficou perturbado e foi chamar Peg. Ela entrou apressada e, cacarejando com raiva, enfiou a menina sem resistência na cama.

— Agora, moça, não há necessidade de piorar as coisas tomando um resfriado. Sean Culhane pode ter a inteligência de um percevejo no colchão de uma prostituta, mas espero não ter que dizer o mesmo de você. — Ela deu um tapinha no ombro de Catherine. — Agora, vá dormir. Se tiver que lutar com essa bola, precisará de seu descanso... e uma pequena dose de conselho. Mantenha o queixo erguido. Você venceu uma batalha hoje à noite, mesmo que o outro lado não saiba ainda.

Virando a cabeça para a parede, Catherine não disse nada.

Através das sobrelhas espessas, Rafferty ergueu o olhar severamente do banquinho para a esposa quando ela saiu da cela.

— Ela não parece estar ouvindo o seu conselho, Peg.

Peg encolheu os ombros.

— Ela está, sem dúvida, imaginando quantas vitórias sobreviverá.

Rafferty grunhiu.

— Hmph. Não muitas neste ritmo. O que você acha do seu precioso animal de estimação agora?

Abaixando a voz para que a garota não pudesse ouvir, Peg confidenciou: — Acho que ele está meio apaixonado por ela.

— O que!? — rugiu Rafferty. — Você chama paixão quebrar uma porta de carvalho e — vendo a testa de sua esposa, ele abruptamente baixou a voz para um sussurro rouco — brutalizar o amor da moça? Jesus, mulher, Deus a ajude no dia que ele se declarar!

Culhane virava um olho mal-humorado no café da manhã na manhã seguinte. À sua direita, o capitão Walter Ennis, da Mary D., notou a carranca de seu anfitrião e nervosamente pegou seus ovos, grato por sua parte no ataque ter passado sem problemas. Ter que atirar em um de seus próprios funcionários sempre foi um negócio desagradável, e a moral ficou inédita por um longo

tempo depois. O grupo no café da manhã incluía os oficiais da Mary D. Eles estavam tão alegres como se o mingau tivesse sido servido em um caixão; até Flannery não tinha nada a dizer.

Peg rondou pelo cotovelo de Sean.

— Coma alguma coisa, — ela murmurou. — Café preto funciona no estômago vazio como se curasse gripe. — Ele encostou-se na cadeira e a ignorou. — Humph. Seus problemas estão chegando aos trancos e barrancos. Tente administrar uma casa; os meus vão durar para sempre.

— Como a sua língua, — devolveu o alvo de maneira sombria.

— Cuidado com você!

— Pare com isso, Peg! Eu não estou com disposição para aborrecimentos.

— Ouso dizer. — Peg levantou uma sobrancelha sarcástica. — Um pouco de sono nos teria aliviado! — Rindo, ela saiu para o aparador para pegar mais mingau.

Flannery olhou sombriamente para o chá. Tendo sido convocado ao amanhecer para repor a porta quebrada, ele sabia exatamente o que Peg insinuava. Felizmente, Liam, que estava fugindo como uma bomba desde o retorno de seu irmão, não estava presente na mesma mesa. Flannery olhou para baixo da mesa. Liam, como Sean, estava bebendo apenas café. Sua bela coloração e finos traços, que acentuavam a tensão em seu pescoço e mandíbula, contrastavam vividamente com a boa aparência de seu irmão volúvel e sua quietude noturna. Flannery sabia o quão enganosa a atitude de Sean poderia ser, com que rapidez mortal ele poderia desencadear o poder ameaçador. Mas, observando os irmãos juntos agora, vendo os olhos encapuçados de Liam e os dedos longos e pálidos atravessarem a frágil alça de sua xícara, Flannery lembrou-se da espiral brilhante de uma serpente. Uma cobra venenosa poderia derrubar qualquer coisa debaixo do céu. Pela primeira vez, ele se perguntou se Liam não era o mais perigoso dos dois.

— Capitão Ennis, — a voz de Sean cortou o silêncio. — Fique depois do café da manhã. Tenho novas encomendas para você.

O capitão assustado limpou a garganta.

— Sim, senhor.

Sean olhou fixamente para o grupo como se estivessem desorientados.

— Peg, — ele ordenou abruptamente, — sirva o mingau.

— Agora? — ela perguntou, franzindo a testa.

— Agora.

O mingau foi servido e devorado. Cadeiras recuaram quando todos, menos Flannery, Liam e o capitão deram suas desculpas e partiram apressadamente.

— Há um pouco de contabilidade doméstica. Se você não estiver ocupado

nesta manhã, vou precisar de uma declaração sobre certas questões agora, — afirmou Peg obstinadamente após o salão ter se esvaziado.

Sean bateu a xícara no pires e, impaciente, cruzou os braços sobre o peito.

— Vomite. Você esteve vazando a manhã toda.

Estoicamente, Peg começou: — Moora está com a aparência escorregadia. Ela pede para ser liberada do peixe.

— Não.

Sem expressão, a serva continuou: — São necessários mais sessenta alqueires de ração para o estoque doméstico.

— Por quê?

— Rouge não consertou toda a argamassa no silo Norte porque alguns vazamentos foram enterrados sob os grãos. Uma boa parte da ração está podre.

Sean resmungou.

— Substitua o trigo depois que Rouge picar o silo e consertar a argamassa. O custo da ração será deduzido de seu pagamento. Flannery, informe ao seu filho idiota que mais erros como esse o derrubarão da lista.

— Eu vou dizer a ele, — disse Flannery brevemente.

— Próximo, — retrucou Sean.

— O doutor Flynn solicita três livros de medicina de Edimburgo.

— Ele os receberá. Qualquer outra coisa?

— Maude foi atrás da sua moça com uma faca de cozinha.

Liam, segurando a xícara com as duas mãos, estourou a asa frágil. O pedaço de porcelana tilintou em seu prato vazio.

Os olhos de Culhane perfuraram os olhos de Peg.

— Quando e por qual motivo?

— No dia em que você foi embora. Não há outra causa senão a antiga. Conhece a loucura de Maude.

A mente de Sean corria com uma ansiedade que só Peg imaginava estar lá; ele não viu cortes ou ataduras na garota.

— Quem parou a bruxa velha?

— Hmph. Não havia ninguém para impedi-la. Ela teria cortado a garota em tiras se a moça não tivesse colocado a ponta desencorajadora de uma vassoura no meio do seu estômago.

— Cristo, uma vassoura! —ele murmurou.

— Ela poderia ter plantado uma faca na barriga de Maude; o que seria suficiente útil.

— Então por que diabos ela não fez? —Exigiu o irlandês sombrio.

— Porque ela não é uma assassina, — disse Flannery.

Os olhos verdes de Sean se estreitaram.

— E como você sabe disso, Mestre Ferreiro?

— Eu só não acho que ela tem o talento, — disse o gigante simplesmente.

— Ha!

— Você não ficará satisfeito até que ela seja assassinada por algum cara com uma boa pontaria para resolver a questão, não é, irmão? —disse Liam, saindo de sua cadeira com um grunhido. — Você desfila com ela como um troféu de guerra. Deliberadamente faz dela um alvo, levantando os pecados de seu pai! — Ele chutou de volta a cadeira. — E se nenhuma defesa estivesse à mão, nem mesmo aquela vassoura patética? Onde você enterraria sua prisioneira, Sean? E sua alimentação podre? —Quase sufocando de fúria, ele perdeu a carranca afiada de Flannery e o olhar de interesse malicioso de Ennis. — Mas ela já estará morta, não é? Onde está a graça nisso?

— Cale-se! —rugiu Sean.

Liam caminhou friamente para ele.

— Me faça calar.

Flannery empurrou a própria cadeira de volta.

— Não seja idiota, Liam. Ele pode desmontar você.

— Não sem algum esforço.

— Bem, eu vou ser amaldiçoado, — respirou Sean, — se meu irmão mais velho não for o cavaleiro errante para o resgate da moça, do qual eu confio que você está preparado para manter sua viseira reduzida na presença da Lady; Galahad poucas mulheres tem gosto por dentes perdidos.

Seu irmão ficou pálido de raiva e recuou o punho enquanto Sean apenas olhava para ele, sorrindo sombriamente. Liam vacilou, lembrando tardiamente de sua promessa a Catherine de não iniciar a violência.

— Venha para mim, — ele convidou com voz rouca.

— Que inferno, — zombou Sean. — Você começou essa farsa.

— Maldito seja, — sussurrou Liam. — Venha para mim, bastardo!

Sean ficou tenso e por um momento os outros pensaram que a hora de Liam tinha chegado. Até mesmo Ennis sabia que sua acusação era uma possibilidade desagradável, que Megan provocara ao tomar amantes. Brendan gostara de amantes ocasionais ao longo dos anos; o retrato de uma beleza morena estava pendurada em seu quarto até ser removido depois de sua morte.

— Cavalheiros não brigam com bastardos, — Sean finalmente devolveu com sarcasmo gelado. — Você esqueceu seu código aristocrático? Pintar com mãos quebradas é isso que está tentando, garoto valentão. Coloque aço em seu punho, ou melhor, ainda, uma pistola.

— Agora, quanto aos rumores da minha linhagem questionável... —Ele mordeu cada palavra. — Eu matei por muito menos. Para todos os efeitos você

é meu irmão, mas quando me chama de bastardo, chama a nossa mãe de prostituta. Repita esse insulto e terá a sua luta.

Sabendo que devia a seu irmão um pedido de desculpas que seu orgulho ferido não permitiria, Liam disse rigidamente: — Desde que eu saiba o que sua honra exige, — e saiu rapidamente da sala.

Sabidamente decidindo que este era um momento ruim para continuar a discussão sobre Maude, Peg sacudiu a cabeça e voltou para a cozinha.

— Agora, capitão Ennis, — disse Sean friamente, relaxando novamente em sua cadeira como se nada tivesse acontecido, — Eu gostaria que você e a Mary D. assumissem as rotas marítimas de Sylvie pelos próximos meses.

— Você quer dizer, é fazer com que a Mary D. deixe as munições fora da Normandia, senhor?

— Exatamente isso.

— Quem vai estar tomando minhas rotas?

— Eu não decidi, — Sean mentiu calmamente. — Vou te dar os gráficos necessários, pontos de encontro e horários em meu escritório uma hora antes de você partir. Haverá um problema. Como um navio de registro em inglês, você tem uma cobertura legítima, mas esse registro será uma responsabilidade se um cruzador inglês o mantiver fora da costa francesa. — Ele levantou sua taça vazia em saudação simbólica. — Por sua nova cidadania, capitão. Você é agora um americano.

— O que? — desabafou o homem de Dover. Como um imigrante irlandês, ele não tinha lealdade à Inglaterra, mas como muitos europeus, ele considerava os coloniais americanos primitivos.

Culhane sorriu ironicamente.

— É improvável que os navios de Mad George detenham uma embarcação americana como contrabandista. A Grã-Bretanha não quer brigar com ela para distrair a marinha enquanto Napoleão está entalando os dentes.

— Eu não soo como um colonial; meus homens não...

— Como você acha que os americanos falam? Alguns deles soam ingleses como você e eu. — Ele deu um sorriso branco e lupino.

— Será mais perigoso do que contrabandear contrabando comum, — insistiu o capitão. — Minha tripulação deveria receber mais, e eu deveria receber uma porcentagem...

Culhane acenou com a mão negligentemente.

— Nós discutiremos isso depois que você completar uma viagem. O pagamento vai corresponder ao seu desempenho. Agora — a mão acenou em direção à porta — se você nos der licença, capitão, eu tenho assuntos a discutir com o Sr. Flannery.

Sem jeito, o preocupado capitão se despediu.

— O registro estará em escrutínio? — perguntou Flannery.

— Sim, e assim será com o nosso sindicato de Hamburgo.

Embora Flannery tivesse feito sua própria parte de contrabando, não estava familiarizado com as atuais e complexas operações comerciais dos Culhanes, de modo que Sean aproveitou a oportunidade para explicar.

— Max Lehrmann controla o banco de sindicato em Hamburgo. Seus apoiadores são, é claro, Liam e eu, e ele faz porcentagens consideráveis do comércio francês da Sylvie. Por sua vez, Lehrmann, que é suíço, assegura registro neutro, enquanto o banco fornece uma casa de câmbio de moeda estrangeira com segurança inatacável para lidar com indivíduos e governos.

Sean brincou com o garfo enquanto continuava.

— Usamos o Sylvie e o Mary D. para contrabandear moedas, objetos de arte, espões e, é claro, operar munições. Lehrmann grita, não gosta de se arriscar em problemas com seu próprio governo.

— Ainda assim, com um vento agradável, a Mary D. pode superar quase qualquer coisa à tona. Sylvie é mais esperta, mas você sabe disso. Você mesmo a capitaneou.

— Foi anos atrás, — Flannery suspirou. — Sim, ela é, claro. Nunca imaginei que os remendos negros em Marselha poderia resultar em uma beleza como essa. Nós chutamos nossos calcanhares em portarias inglesas por quase cinco anos. — Ele sorriu pela lembrança.

Nos raros momentos em que os dois homens relaxavam juntos, eles invariavelmente discutiam sobre o mar, seu amor comum. Sean recostou-se na cadeira, esticou as pernas e sorriu.

— Você não consideraria retomar o comando dela, iria?

— Eu sou muito velho para andar de galope sobre um cavalo de corrida. — Flannery deu um tapinha na sua barriga. — Tome um homem sem gordura para disparar armas. Talvez eu não tenha me resignado a terminar em um laço como costumava ser antes — Toliche, — disse Sean brevemente. — A única coisa que você teme é deixar Liam nas minhas garras.

— O que você está fazendo é o que me preocupa. Qualquer outro homem que dissesse o que ele fez esta manhã estaria agora sofrendo com os anjos. Claro que eu sei, — acrescentou o gigante astutamente. — Ultimamente, você está agindo como um garanhão com sua égua favorita sendo cheirada por um garanhão rival. Manter essa pequena potranca não será mais do que uma questão de vingança agora, seria?

Sean franziu o cenho.

— A moça não é nada para mim, mas uma irritação. Eu a trouxe aqui com um propósito e, por Deus, ela o preencherá!

— Se ela viver tanto tempo. — Flannery coçou o queixo pensativamente. — Sim, suponho que não seria bom para ela gostar. Pena. Ela poderia se tornar uma bela mulher. Me lembra uma garota que vi uma vez nos braços de Brendan em um baile em Dublin. Eles tiveram uma dança, então ela foi embora no meio da multidão. Ela era a criatura mais adorável do mundo. Espero que ela seja uma avó agora.

Culhane olhou para ele com impaciência.

— Você está ficando senil, homem, está começando a viver no passado?

— Nós vivemos em um mundo de fantasmas, você não menos que eu. Estamos condenados a esse fim por uma causa torta, talvez morrendo. Essa moça tem alma e vida: ansiosa, impaciente, curiosa! Ela não está acorrentada ao passado. A ruína em seu futuro não nos fará ganhar nada.

Sem paciência, Culhane levantou-se abruptamente.

—Se Rouge for um exemplo de sua coragem poupe-me de seu conselho paternal. — Flannery ficou branco e Sean imediatamente se arrependeu da crueldade com suas palavras desatentas. — Flannery...

— Não se incomode, — rosnou o ruivo, levantando de sua cadeira. Ele saiu da sala.

Ainda perturbado por sua rispidez com Flannery, Culhane entrou no escritório. Por fim, ele se jogou na poltrona de couro marroquino e, com um assobio sem expressão, olhou para o espaço. Então, depois de abrir uma gaveta da escrivaninha, tirou papel, mergulhou uma pena no tinteiro e começou a escrever em uma mão rápida e firme.

No final da tarde, quatro conjuntos de pedidos foram depositados em envelopes separados, com os selos estampados com o anel celta dourado da sua mão direita. O primeiro envelope continha as instruções que Ennis deveria entregar à França. Se Ennis ficasse curioso o suficiente para quebrar o selo, encontraria apenas uma série de datas, tempos e substituições incompreensíveis codificados para informações previamente transmitidas. O segundo envelope continha ordens — oficiais — para apresentação aos oficiais da alfândega, enquanto o terceiro continha suas ordens reais, porta de chamada, contatos e sinais. O último envelope era endereçado ao capitão da britânica Stag.

Culhane levantou-se da cadeira e espreguiçou-se, depois começou a andar, perdido em pensamentos. Embora estivesse à beira de pôr em marcha os planos laboriosos de uma vida inteira, não sentia nada além de um cansaço imenso.

Uma fadiga invariavelmente parecia levá-lo a pensar sobre a garota

inglesa. Apenas uma pessoa louca ousaria desobedecer suas ordens e atacá-la. Embora Maude estivesse zangada, ele não conseguiu fazê-la se comprometer com a instituição; a mulher havia sofrido o suficiente. A punição era inútil; sua mente confusa nunca aceitaria a sensação disso. A abordagem mais simples era remover a provocação de seu caminho. Maude iria continuar na lavanderia no lugar de Catherine, enquanto Catherine iria trabalhar em tempo integral na pesca e na casa.

Um último problema permanecia: Liam. Por causa da garota inglesa, Liam estava se tornando um rebelde voluntarioso e audacioso. Se a transformação tivesse abençoado seu irmão com maior autocontrole, ele teria quase recebido sua influência com grato; como foi, as explosões de Liam colocariam todos em perigo.

Um mês no mar limparia o cérebro de Liam. O Deixaria agir como primeiro oficial a bordo do Sylvie em sua viagem de comerciante para a América e ele voltaria um novo homem. Ele teria pouca escolha. Indo, e com bom comportamento a menina cumpriria melhor seu dever.

Duas semanas depois de Sylvie ter partido para os Estados Unidos com Liam dando ordens a uma tripulação entorpecida, a guarda costeira de Stag surpreendeu um navio de contrabando, a escuna Adele, enquanto descarregava contrabando em um riacho isolado a seis quilômetros de Windemere. A tripulação desapareceu na mata espessa e pantanosa que cercava a embarcação capturada. A Adele e sua valiosa carga de vinhos franceses foram confiscados e seus proprietários, a League, a Tunney e a Briskell, Ltda., notificadas. Por causa de sua reputação imaculada, os proprietários protestaram com sucesso gradual que o capitão, que convenientemente cometeu suicídio, estava introduzindo suas próprias cargas sem seu conhecimento e alterando as contas. Embora temporariamente envergonhados, eles levaram suas perdas consideráveis com sorrisos rígidos, mas resignados, tendo sido há muito tempo preparados para tal evento.

O maior perdedor foi o maior investidor privado do sindicato e o atual dono da Adele, John Enderly. O magistrado local o visitou educadamente em Windemere por causa da proximidade da propriedade ao riacho em questão. Pediu ao visconde que mantivesse a vigilância dos contrabandistas e Enderly concordou civilizadamente; por sua vez, o magistrado com tato não pediu para inspecionar seus armazéns. Quando o caso foi concluído, John Enderly havia perdido quase duas mil libras esterlinas. Os burgueses do sindicato que comprara Adele vinte anos antes haviam perdido uma porcentagem muito menor de suas fortunas pessoais, acumulados com o apoio

de longo prazo de seu mentor secreto. Eles assumiram que a descoberta do navio tinha sido um acaso, e por um tempo alteraram as rotas dos navios irmãos do Adele. O esforço era inútil, pois até mesmo sua retirada temporária do contrabando não teria incomodado o inimigo do visconde na Irlanda; ele não estava com pressa em particular, e sua frota de pesca dispersa vigiava tanto o transporte como a guarda costeira britânica.

Catherine olhou fixamente para o dossel acima de sua cabeça. Por mais de uma hora, ela observara preguiçosamente as sombras da copa se tornarem mais distintas. Enquanto a lenta subida do sol matinal iluminava gradualmente a sala, ela tentou ignorar o braço bronzeado jogado casualmente sobre seu corpo e o rosto do adormecido enterrado no oco de seu ombro nu. Suas táticas mudaram para resistência passiva. Ela silenciosamente aparecia na porta de Culhane todas as noites, despia-se com naturalidade e se submetia a suas carícias sem um pinga de reação. Apenas o ódio em seus olhos a fazia parecer viva. Invariavelmente, com um juramento de frustração, ele a deixava e navegava para os braços ansiosos da garota do outro lado da baía. Seus nervos estavam no limite, como haviam sido durante as duas semanas do exílio temporário de Liam, embora a situação dela tenha diminuído na ausência dele. Não havia mais dias na lavanderia, nenhum penico, e o melhor de tudo, nenhum obstáculo de ferro nas pernas; Sean Culhane decidira, benevolentemente, deixá-la fugir em caso de agressão.

Ainda assim, embora a proteção de Liam tivesse sido insignificante, sua presença emprestara à situação um traço de restrição civilizada. Certamente o bruto inconsciente que estava ao lado dela não tinha nenhuma. Apesar de sua irritação frustrada com sua frieza, ele continuou a tomá-la como gostava. Às vezes, quando cansado de longas horas de trabalho, tomava-a e ajustava-a casualmente para acomodar seu corpo de pernas compridas e adormecia imediatamente depois, embora não sem puxá-la para perto de si como o brinquedo favorito de uma criança. Às vezes ele a tomava como se quisesse quebrar sua resistência com força bruta. E às vezes ele era gentil, com uma habilidade lenta e segura que a deixava tremendo e sem fôlego. Ela lutou contra a resposta de seu corpo concentrando-se em sua rudeza, sua brutalidade, suas fúrias, sua infrequente e inesperada ternura... e a luta recomeçava.

Às vezes ela via um lampejo de desespero em seus olhos quando ele se virava. Ocasionalmente, quando sua batida à noite na porta não obtinha resposta, sabia que ele estava do outro lado da baía de Donegal, e seu pequeno senso de vitória parecia perversamente azedo. O pensamento dele nos braços de

outra mulher muitas vezes a mantinha acordada inquieta durante a noite.

Catherine irritadamente se virou de lado e desalojou-o, mas ele apenas suspirou sonolento e puxou seu traseiro rígido para a curva quente de seu corpo. Não ousando mover-se novamente por medo de despertá-lo, ela se irritou. Com ciúmes? Como ela poderia ter ciúmes de um detestável bruto, cujo toque a fazia ferver com rebeldia? Ela preferiria ser vaidosa e mesquinha do que remotamente atraída por um tirano que insistisse na gratificação instantânea de todos os seus caprichos. Finalmente, como se perturbado por sua inquietação, Culhane se afastou, deixando-a livre para sair da cama.

Alheia aos espelhos de parede espalhados que refletiam seu corpo nu em muitos ângulos, ela andou sem rumo pela sala. Com tristeza, ela passou um dedo pelas amarras de couro dos livros ao longo da parede. Diversões simples como a leitura eram agora luxos incríveis.

Catherine foi até a escrivaninha, deu uma olhada rápida no homem adormecido e depois abriu a gaveta do centro; continha pouco interesse, exceto um abridor de cartas de latão. Seu pulso começou a bater. De repente, terrivelmente consciente de que era sua chance de matar o irlandês, Catherine olhou para ele, paralisada. Mesmo quando ela alcançou a coisa, a possibilidade de uma armadilha deu-lhe uma advertência; mas se essa oportunidade escapasse, talvez nunca houvesse outra. Culhane tinha que ser impedido de destruir seu pai. Ela pegou o abridor de cartas da gaveta e se aproximou sorrateiramente da cama.

O homem nu estava deitado de costas, a dura beleza de seu rosto voltada para ela, seus cílios escuros curvados contra suas bochechas. Dormindo, ele parecia mais jovem. As linhas implacáveis e zombeteiras de sua boca relaxaram, ele parecia capaz de calor e risadas, até de amor.

Seus dedos trêmulos apertaram o cabo. Ela não tinha certeza da localização exata do coração; mas ela se sentia tentada, seu coração parecia ecoar em todo o seu peito. O buraco vulnerável na base da garganta oferecia o alvo mais seguro. Catherine ergueu o punhal, depois hesitou, apavorada pelos seus movimentos espasmódicos.

— Deus me perdoe, — ela sussurrou, e tropeçou para longe, enojada com autodepreciação. Ela quase chegou à mesa quando um som da cama a fez congelar.

A voz da vítima estava seca.

— Flannery estava certo; você não tem coragem de matar.

Catherine girou. Culhane descansava casualmente sobre um cotovelo, observando-a preguiçosamente.

— Você... você não estava dormindo, — ela sussurrou. — Eu sabia que era

muito fácil.

Ele ergueu uma sobranceira avaliadora.

— É por isso que você pensou melhor em me espetar com uma faca sem graça? Ou seu estômago delicado recuou?

Com os olhos estreitando-se em fendas de safira, ela lançou o abridor de cartas para ele, mas por causa da raiva e do desânimo da arma, atingiu a parede ao lado da cama e caiu inofensivamente no chão. Culhane, que nem se dera ao trabalho de se abaixar, riu rapidamente e, lançando as pernas para o lado da cama enquanto se sentava, chutou a arma com segurança para debaixo da cama. — Se você pretende imitar a louva-a-deus mortal que mata seus amantes, condessa, não vacile com sua presa.

— Vou me lembrar desse conselho! A menos que você pretenda ter um remédio terminal para o meu estômago enjoado! — Ela assobiou desafiadora, ainda com raiva demais para ter medo. Os cabelos preto emaranhados pendurados quase até a cintura e os pés separados, ela vibrava por arranhar os olhos dele.

Deitou-se nos cotovelos e sorriu fracamente.

— Tente o quanto quiser. Eu prefiro muito mais você como é agora, cuspiendo como um gato molhado, do que a idiota que vem monotonamente, ultimamente, para a minha cama. Venha aqui.

Ela olhou para ele, incrédula.

— Eu tentei matar você. Não pode me desejar agora!

Ele retirou o lençol e seus dentes brancos brilharam zombeteiramente em seu rosto escuro.

— Vê? A prova flagrante, nada é impossível sob o céu. Venha aqui, Catherine.

De dentes e punhos cerrados, ela avançou com lentidão arrastada, os pequenos fogos em seus olhos estalando. Quando ela parou rigidamente ao lado da cama, Culhane cruzou os braços sob a cabeça, um sorriso ainda brincando em seus lábios.

— Deite-se em mim, — ele disse baixinho.

— Que serviço indecente você teria agora, mestre? — Ela retrucou.

— É simples o suficiente. Deite-se. Gentilmente. — Sua voz era paciente, mas avisava que se desse uma joelhada na sua virilha iria machucá-la por mais tempo que a ele.

Rangendo os dentes, ela deitou-se sobre ele, sua pele cremosa e sedosa contra ele, seu cabelo caindo como um dossel sobre seus rostos. Irritada, mas intrigada, ela esperou. Mentalmente, ela se mexeu. Em seu humor ardente e com o bruto insuportável sob si, ela se sentia como o agressor, como se estivesse

prestes a estuprá-lo. A pele de seu peito fez cócegas em seus seios e ela se contorceu um pouco, então notou faíscas de luz tocando em seus olhos semi-fechados, faíscas que queimavam em resposta rápida ao seu movimento. Instantaneamente ela se acalmou.

— Beije-me, — ele sussurrou, e quando seus lábios relutantemente baixaram sobre os dele, sua boca estava quente, abrindo-se sob os dela, cedendo, queimando, depois inclinando-se sobre os seus com uma fome que ameaçava consumir os dois. Ela levantou a cabeça, os olhos incertos. — Agora, — ele sussurrou com voz rouca, — ajoelhe-se em meus quadris. Você vai fazer as honras.

— Não! —ela respirou, tentando se afastar.

— Faça isso, Catherine. —Sua voz era rouca, mas inflexível. Tendo aprendido que a desobediência era inútil, Catherine incerta montou seus quadris esbeltos, depois prendeu a respiração; ela nunca tocou em um órgão masculino com a mão. Ela olhou para o eixo que orgulhosamente se erguia do corpo dele. O sexo de um homem parecia o de uma flor exótica, bonita, terrível e potente. Ela estendeu os dedos. Sua masculinidade era quente, mais quente que o resto dele, e ele prendeu a respiração enquanto os dedos dela timidamente o envolveram. Ela podia sentir seu batimento cardíaco acelerado sob o suave veludo de sua carne. — Agora, Catherine, — ele sussurrou, seu corpo magro tenso e com urgência.

Metade relutante, meio fascinada, ela lentamente o levou para a entrada que ele procurava, então, mordendo o lábio, hesitantemente o enfiou dentro de seu corpo. Embora seus braços ainda estivessem debaixo da cabeça, ele ficou tenso.

— Estou machucando você? —ela perguntou indecisa.

— Não, não da maneira que você pensa. —Seus olhos estavam nebulosos como um mar varrido pela chuva. Lentamente, ele começou a se mover, arqueando seu corpo suavemente a princípio e deixando seus quadris subirem sob suas coxas relaxantes até que, esmagadoramente, ele a encheu. Ela estremeceu e sua cabeça caiu para trás, arqueando o fino tronco de sua garganta. — Como Mephisto, — Sean sussurrou. — Monte meu corpo como as costas do garanhão. Cavalgue-me, pequenina, como se você pudesse continuar para sempre... —Seu corpo se arqueava em um ritmo crescente e profundo, seus braços e mãos agora pressionados contra os lençóis umedecidos de suor.

Os cabelos pesados de Catherine caíam em um fluxo ondulante, enquanto a cabeça pendia em um quase delírio de sensações, mas ainda assim ardia uma centelha de resistência; desesperadamente, ela se concentrou nele, cavalcando-o como um contra-ataque para controlar um furioso holocausto. Quando Culhane encontrou sua própria liberação, suas unhas espetaram dolorosamente em suas

coxas.

Seu corpo estava exausto e com uma fina camada de suor, Sean viu por baixo dos cílios que a garota o havia enganado de novo. Longos e raivosos arranhões marcaram sua pele, e seus olhos, enquanto aturdidos, eram mais uma vez desafiadores e cheios de amargo triunfo. No momento em que ele deveria estar mais próximo dela, estava sozinho. Ela se afastou dele com desgosto. Quando recuperou as roupas dobradas de uma cadeira e se virou de costas para se vestir, seu olhar desdenhoso deu lugar a uma confusão.

Na hora do almoço, naquela tarde, depois que os pescadores colocaram as ferramentas e se dirigiram para a casa, Catherine subiu a lagoa para lavar as mãos. Quando ela terminou, a peixaria estava deserta. Sacudindo as mãos para espalhar as gotículas, olhou para o castelo de pedra do outro lado da lagoa. Curiosamente, imaginando como os peixes eram salgados e secos, ela levantou as saias para evitar o barranco lamacento e perambulou pela margem pedregosa. Mergulhando na escuridão da cabana, descobriu que os irlandeses tinham uma maneira única de armazenar peixes: atrás de várias fileiras de peixes incrustados de sal havia muitas fileiras de mosquetes. Subindo e descendo as fileiras, ela contou rapidamente cerca de cinquenta armas; dois pacotes úmidos embrulhados em papel contra a parede continham mais. Ela tocou um pacote, então lambeu os dedos: sal. Os mosquetes haviam chegado pelo mar, possivelmente a bordo dos barcos de pesca, que podiam buscá-los em qualquer lugar ao longo das costas europeias. A França, em particular, apreciaria a revolta na porta dos fundos da Grã-Bretanha. Deviam ser puxados para cima do penhasco à noite manualmente, ela percebeu, pois não poderia ter perdido a visão de tal atividade durante o dia. Um estojo de lingotes de chumbo descansava contra a parede traseira, mas obviamente representava apenas uma remessa ou parte de uma, certamente não o suficiente para suprir os homens de Shelan. Talvez as armas estivessem na fortaleza temporariamente, para serem armazenadas em maior quantidade e segurança em outros lugares, talvez até transportadas sob cargas de peixe por vagões para os mercados vizinhos.

Catherine sentiu frio. Se Sean Culhane estivesse enviando armas para toda a Irlanda, a rebelião nacional poderia ser iminente. Uma coincidência inquietante fortaleceu essa possibilidade. Nas últimas duas semanas, a maioria dos rostos masculinos de Shelan havia mudado. Apenas cerca de trinta homens, que pareciam ser mercenários endurecidos, pareciam familiares. E se Culhane estivesse treinando guerrilheiros rebeldes em grupos rotativos e os mandando de volta para casa para esperar um sinal de insurreição nacional? Quantos ninhos

de víboras eram secretos sobre o país?

CAPÍTULO 6

CAIXA DE PANDORA

Sean suspirou quando Fiona trabalhou a fadiga de seu pescoço e ombros com suas mãos fortes e bem formadas. Sua cadeira gasta estava confortável, o fogo baixo no coração de pedra de sua cabana em Donegal Bay, lembrando-o de longas noites pacíficas em Kenlo. Poucas milhas acima da baía, a cabana Kenlo e seus companheiros de aldeia haviam sido assentados como punhados de destroços em meio a frestas litorâneas e ravinas sombrias, onde o mar zumbia e tremeluzia com longas mechas de espuma que chegavam à costa.

De dia, ele e a mãe viviam como camponeses, mas o anoitecer trazia uma metamorfose tão secreta quanto o surgimento de uma borboleta de sua casca cinza e comum. O jantar era uma cerimônia formal, que fornecia o treinamento social de Sean e deu substância à sua herança. As conversas normalmente envolviam a política irlandesa e as famílias dominantes, ou assuntos mundiais relacionados à Irlanda. À luz de um imponente candelabro de ouro, Megan, de cabelo de bronze, ensinou seu filho a ser rei. Quando o jantar terminava e seus adereços, o candelabro, a fina porcelana e a prata, eram escondidos, a irlandesa tirava seu alaúde e se sentava diante do fogo. Enquanto pensava em marcar as cordas do alaúde, fazendo pequenos ajustes no tom, seu filho sentava impaciente de pernas cruzadas a seus pés. Quando ela olhava para ele através de seus cílios, pegava um brilho de diversão e pensava, como muitas vezes, que ela deliberadamente o provocava. Ainda assim, seus contos, as sagas do garoto herói Cu Culainn e o fantástico namoro de Etaine valeram a pena.

Enquanto se inclinava sobre o alaúde, a luz do fogo dava destaques aos cabelos ruivos de Megan O'Neill a intensidade dos vitrais. Seu nariz de ponta fina e feições bem esculpidas eram a herança da linhagem gaélica real mesclada com a linhagem hispano-mourisca. Seus olhos verdes ardentes sugeriam sensualidade igual ao seu orgulho quase satânico. Megan fora descuidadamente alheia dos aldeões, mas quando sozinha com o filho, sua gargalhada era a libertação da liberdade total. Ela era puramente mulher na época, como nunca seria se novamente assumisse seu lugar de direito no mundo além da aldeia e, com um sentimento de culpa, Sean se sentira secretamente feliz por sua obscuridade.

A voz de Megan começava baixa, então subia imperceptivelmente a um grito

agudo enquanto cantava a primeira das antigas canções gaélicas. Canções do duelo da despedaçada Roma. De segredos bloqueados e dos Antigos. De selvageria tribal e choque de armas em guerras esquecidas. De fogo e morte e luto em cânticos pagãos proibidos pela Igreja durante séculos. Então sagas de heróis ousadas em jornadas para o fim do mundo, e estabelecia o amour courtois, ricamente tempestuoso entre cavaleiros e senhoras e bestas fabulosas.

Por mais que tentasse, Sean não se lembrava de alguns dos antigos cantos. O gaélico era sua língua nativa, mas quando Megan cantava as obscuras origens da Irlanda, ela parecia ter um pacto com o passado que o excluía, talvez porque ela soubesse que era uma rainha irlandesa, enquanto ele se sentia muitas vezes como um príncipe das sombras. Ele não sabia quem ele era.

Certa vez, um valentão da aldeia o havia insensatamente chamado de bastardo. O insulto tremeu entre eles até que Sean bateu de cabeça no estômago do menino. A batalha foi um breve encontro violento. Sean também tinha o nervosismo dos O'Neill e o lado negro; antes que ele tivesse sido espancado sem sentido pelos amigos do valentão, ele mordera a orelha do menino. Ninguém o chamou de bastardo de novo; eles simplesmente o evitavam.

Finalmente, uma noite, a última vela em Kenlo tinha caído, a aldeia parou de parecer um respingo alegre de casas de bonecas iluminadas, e os Orangemen liderados pelos britânicos tinham chegado. A maioria era da milícia protestante irlandesa, membros dos recém-formados voluntários. Como a maioria das forças de ocupação britânicas havia sido levada para a América para reprimir a revolução e o exterior para enfrentar uma guerra iminente com a França, os protestantes irlandeses haviam aproveitado a oportunidade para forçar concessões do lorde tenente da Irlanda. Apesar de uma recente onda de liberalismo religioso, os protestantes mais radicais pretendiam garantir pelo terrorismo que seus irmãos católicos não deviam nutrir ideias de rebelião nas circunstâncias enfraquecidas da segurança nacional. Dos invasores de Kenlo, apenas seu principal tenente e um punhado de — conselheiros — não comissionados eram britânicos. O comandante deles, o general John Enderly, ajudante do vice-rei, sabia que massacres estavam mais propensos a causar problemas do que acabar com isso. Sean aprendeu, depois que, pretendia rebelar-se para encher seus próprios bolsos com propriedades confiscadas. Os atacantes não deviam deixar sobreviventes, nenhuma evidência de suas maquinações, mas a noite em que eles tinham chegado com suas tochas como vagalumes mortais entre as cabanas adormecidas de Kenlo, eles deixaram um vivo. Para carregar a culpa de obedecer a ordem de Megan de fugir. Lembrar. Odiar.

Sentindo a realidade dos dedos de Fiona em seus ombros, Sean abriu os

olhos, deliberadamente interrompendo as lembranças do pesadelo que sempre vinham com fadiga. E ele estava mortalmente cansado. Seus dias de trabalho tinham em média dezesseis horas, muitas vezes com apenas algumas horas de sono. A companhia de sua jovem amante briguenta lhe dava pouco descanso. Nas duas semanas desde o incidente do abridor de cartas, ele e Catherine tinham brigado mais do que tinham ficado juntos. Frustrado por sua retomada de apatia teimosa em sua cama, Sean passou a maior parte de suas noites na aldeia. Fiona deu-lhe a paz que os braços de Catherine lhe negavam, e ela era irlandesa: essas duas coisas eram tudo o que ele exigia no momento, ela e sua generosa e descomplicada ansiedade por seu corpo. Quando a cabeça dele caiu para trás, ela beijou seus lábios, o cabelo em uma cortina vermelho-dourado sobre seu rosto. Preguiçosamente ele a beijou de volta, depois se levantou quando os seios dela debaixo da camisa roçaram o ombro dele. Sua boca se moveu sobre a dele, a língua sondando até que seu sangue fervesse. Puxando-a para o colo dele, ele puxou a gola de chemise.

O silêncio envolva os amantes exaustos e frouxos enquanto eles se deitaram lado a lado na cama. Abrindo os olhos quando os lábios de Fiona roçaram sua bochecha, Sean sorriu com satisfação sonolenta e ela gentilmente colocou o travesseiro atrás da cabeça, então se aconchegou de volta em seu ombro.

— Você fala pouco e se deita com o melhor homem que qualquer mulher de Donegal gostaria, — ele observou sonolento. — Essa excelente virtude a levará longe.

Olhos cínicos de âmbar brilharam para ele.

— Oh, eu não sei nada sobre isso, fanfarrão. Eu nunca cheguei perto de sua bela casa em Shelan.

— Não é nada além de um museu empoeirado, — ele respondeu calmamente, sabendo o que ela tinha em mente depois.

— Você está lá, é muito longe! Você vem a mim quase toda noite ultimamente, cada vez mais tarde e mais cansado do que a última vez. Uma noite você mandará tudo isso ao diabo e eu serei não mais do que sua caneca de palha. Não é justo para nenhum de nós.

— Nós nos conhecemos há muito tempo. Isso não lhe diz nada?

— Sim, faz muito tempo, desde que você tinha quatorze anos. Um virgem de sangue quente com o diabo em seus olhos e formas de puro pecado. — Seus olhos se suavizaram com a lembrança. — Eu era uma sonhadora garota de doze anos que achava que havia encontrado o Príncipe das Trevas. Eu cedi à serpente e achei o Paraíso!

— Você é o mais próximo que eu tive de uma mulher permanente, — ele

murmurou contra o cabelo dela, — mas nós dois sabemos que nunca vou me casar.

— Você sempre foi duro, Sean, — ela sussurrou, — nunca precisando de ninguém.

Seu rosto estava escondido em seu ombro, mas ele podia adivinhar as lágrimas. Ele apertou o braço sobre ela.

— É você quem não precisa de mim, Fiona. Você ficaria infeliz em Shelan.

— Como aquela garota? — Ela mordeu as palavras.

— Aquela garota? — ele perguntou, sem alterar sua voz.

— Você achou que poderia manter uma mulher sem uma gata me contando as boas notícias? — Fiona fungou abertamente.

— O que essa gata lhe contou?

— Que você tem uma prisioneira inglesa que é uma grande lady, e bonita, e dorme em sua cama.

— Enquanto eu durmo com você. — Sean virou-se para o lado e beijou-a em silêncio, depois tomou-a novamente. Muito depois que ela dormiu, ele olhou para o fogo.

Antes do nascer do sol, Fiona caminhou com ele até o píer que servia a Píer Harbour. As estrelas estavam derretendo na luz azul-acinzentada e ondas prateadas ondulavam pacificamente, correndo sobre as rochas e recuando monotonamente. Com um xale sobre a cabeça e os ombros, viu quando Sean embarcou em seu barco, rapidamente se aprontou, largou a linha da popa e subiu correndo as velas; eles bateram no mastro oscilante enquanto o barco balançava ao vento. Quando ele se juntou a ela no píer, ela levantou a gola da jaqueta contra o frio. Ele pegou os dedos dela gentilmente.

— Fiona, eu não voltarei.

Seus olhos âmbar se arregalaram e se tornaram assustados do verde, agora escuros como os mares tempestuosos.

— Eu não vou atormentá-lo mais sobre Shelan novamente, — ela implorou em pânico atordoadado. — Eu esperarei, contanto que você...

Ele balançou sua cabeça.

— Você esperou o suficiente. Você deve ter um homem todo seu, e crianças. Você é linda demais, muito boa para desperdiçar sua vida esperando uma vela noturna.

— Mas eu sou assim, — protestou ela, com lágrimas nos olhos. — Não há nada para as mulheres dos marinheiros, além de esperar! Se não por você, então outro.

Ele ergueu o rosto forte para o dele.

— Então outro, Fiona. Não desperdice seu amor comigo.

Seus olhos estavam âmbar dourados.

— Eu... eu nunca disse que te amava, — ela soprou. — Nunca, seu trapaceiro insolente. Por que, é só uma aventura que eu espero...

Seus lábios roçaram os dela.

— Adeus, moça doce. É bom que não me ame. —Ele alisou uma mecha do rosto dela, depois se virou.

Fiona ficou imóvel, paralisada de dor, quando ele se afastou e apertou as velas do iate amarrado para pegar as primeiras tragadas da brisa marítima. Ela ainda estava lá quando, bem longe do porto, ele se virou para acenar.

Sean estava feliz por estar no mar, feliz por ter sua mente ocupada. O iate de trinta e quatro pés de comprimento exigia toda sua atenção. Uma versão menor da graciosa Sylvie, seus decks de teca e sua engrenagem de bronze reluziam acima do branco surrado de um casco cortado. Velas segurando a brisa, o iate saltou com a esteira dançando alto. Enquanto deslizava pela baía com o vento sobre a viga de barlavento, a depressão se instalou sobre o irlandês. Seu último refúgio havia desaparecido e ele estava certo em deixá-lo, mas a solidão que Fiona aliviou durante tantos anos pareceu esmagadora.

Já, como borboletas fantasmagóricas, velas de barcos de pesca pairavam sobre a baía, algumas bem além do promontório. Lançando um olho para o vento, ele apertou a vela um pouco. Contra um céu rapidamente empalidecendo para malva, as aves marinhas gritavam sobre as ondas. Quando um sentimento de paz o dominou, Sean percebeu que parte do motivo de sua vela noturna era o amor pelas horas tranquilas da noite e do amanhecer no mar. Fiona fazia parte desse amor, parte de sua juventude inquieta.

No momento em que ele mudou de rumo para se aproximar do ponto, a 150 milhas de distância, Stag o guarda-florestal, surpreendia o navio contrabandista Pandora, oscilando pacificamente perto do mesmo riacho costeiro inglês onde seu infeliz navio irmão havia sido capturado. Enquanto Pandora ancorava durante a noite, um dos agentes de Windemere de Culhane silenciosamente nadou até sua popa, enroscou uma bolsa de couro pesada nas correntes do leme e partiu. Enquanto a aurora iluminava o céu, fuzileiros navais brotavam dos tufos de pântano em ambos os lados do Pandora e a capturavam, tripulação e tudo. Quando a tripulação britânica do prêmio tentou afastá-la de seu ancoradouro, eles encontraram seu leme estragado; um deles descobriu a bolsa incriminadora na popa, — obviamente—jogada ao mar quando a tripulação foi surpreendida. Como seu lendário homônimo, a bolsa de Pandora lançava todos os tipos de correspondências malignas na forma de ordens secretas e listas de carga de contrabando forjadas com as assinaturas de League, Tunney e Briskell.

Quando Sean conseguiu levar seu iate para Sheloia e remou o bote para terra firme, a tripulação do Pandora estava sendo empurrada para a praia por baionetas empunhadas por fuzileiros navais que, em suas copiosas copas de camuflagem, se assemelhavam a um bando de festeiros bacanais.

Naquela tarde, Catherine, decidida a evitar os baixios lamacentos do lago de pesca, saiu pela doca estreita e decrepita para esfregar as mãos antes do almoço. Quando ela se virou, o caminho para a costa foi cortado por três mulheres; o resto dos trabalhadores havia desaparecido. Uma das mulheres era Maude. Agarrada pela apreensão gelada, Catherine ficou de pé, os dedos pingando. Maude se arrastou para o rochedo da doca, com os olhos marcados por uma luz enlouquecida e cinzenta, suas roupas esfarrapadas e incolores dando a ela a aparência de alguém desamparada e abandonada no mar.

— O que você quer? — Catherine perguntou baixinho.

Os olhos piscaram.

— Ore por sua alma, vagabunda.

Quanto mais perto Maude chegava, mais Catherine sabia que qualquer tentativa de raciocinar com ela seria um desperdício de ar, mas não se atrevia a recuar da enorme mulher. Como abutres, as outras esperavam na praia. Uma delas, ela ficou surpresa ao ver, era Moora. Maude, sentindo seu desalento, atacou com velocidade ofuscante, trazendo seus punhos enormes para baixo em arcos de fendas que teriam quebrado a clavícula de seu alvo se Catherine não tivesse recuado a tempo, quase perdendo o equilíbrio nas tábuas irregulares. Maude atacou, mas o palma da mão da vítima a pegou na garganta e, com um grunhido de dor, ela pegou Catherine cegamente sobre as costelas, arrastando-a para um abraço mortal. Catherine torceu uma perna em torno dos tornozelos volumosos da mulher, depois empurrou com toda a força que conseguiu reunir, derrubando as duas na lagoa. O choque da água fria que se fechava sobre suas cabeças afrouxou o aperto de Maude. Apertando as mãos contra a mandíbula da mulher, Catherine se libertou.

Quando a cabeça dela desanuviou na superfície, ela se esquivou de um aperto de mão, lutou de volta, evitou a irlandesa novamente e tentou nadar para longe. Então ela avistou Moora, que, a menos de dez metros de distância, estava desajeitadamente remando em uma jangada de rio estreita que encontrara enrolada nos juncos.

— Moora, me ajude! — Catherine nadou até o barco, as longas saias se enredaram nas pernas, depois, arregalando os olhos, abaixou-se logo antes que a base do remo de Moora fosse batida com força contra a água. Antes que a garota irlandesa pudesse levantar a pesada arma novamente, sua vítima se

levantou, segurou a lâmina e puxou-a bruscamente. Com um grito, Moora virou. Ela desceu como uma pedra enquanto o barco se afastava no golpe baixo da luta. A mulher na praia começou a gritar e Maude se virou para elas com determinação desajeitada. Subindo como um pássaro de água, Catherine mergulhou para baixo. Embora parcialmente cega pela lama levantada do fundo, ela viu o cabelo claro flutuando na água úmida. Ela agarrou e puxou levando a superfície sua atacante e, puxando-a pelos cabelos, dirigiu-se para a praia. Apesar da luta da garota irlandesa, Catherine a arrastou para um lugar seguro no raso onde ela bateu nas costas dela. Moora amaldiçoou e vomitou.

— Maude! Maude está se afogando! — a terceira mulher gritou. Catherine ficou em pé e olhou na direção que a mulher frenética apontava. O lenço sujo de Maude aparecia acima da água. Seu rosto arrebitado e sua boca se abriu como um peixe ferido. Suspirando, Catherine tirou a saia e o único sapato que não havia perdido, depois correu para a água mais profunda, estremecendo quando seus pés descalços encontraram pedras afiadas no fundo. Ela fechou a distância para a mulher que estava se afogando com braçadas limpas, mas cansativas. Circulando fora do alcance de Maude que se debatia previsivelmente, Catherine agarrou seu cabelo. Com o brilho horrível de uma Medusa nos olhos, a mulher alcançou uma força súbita e insana, agarrou o pulso de Catherine com as duas mãos e puxou-a para perto. Suas mãos se deslocaram para a garganta de Catherine, depois a arrastaram para baixo.

A cabeça batendo em uma névoa vermelha, Catherine bateu com força na barriga e no rosto da irlandesa, mas seus golpes enfraqueceram rapidamente. Quando Maude finalmente se deu conta de seu próprio perigo e subiu a superfície, Catherine já estava inconsciente e afundando na direção do fundo lamacento.

— Sr. Flannery! Sr. Flannery! — A vigia da torre Norte tropeçou na fundição e pendurou a mão ofegante na coluna. Seus olhos se arregalaram de surpresa quando, em vez do ruivo jovial, ele encontrou seu comandante-chefe. Nu até a cintura, o torso manchado de gordura preta e suor, Sean Culhane estava aparando um dos cascos traseiros de seu garanhão em preparação para a ferradura que esfriava no tanque.

Os olhos verdes de Culhane se inclinaram maliciosamente da escuridão para o mensageiro.

— O que diabos você está fazendo longe do seu posto?

Enxugando as mãos no avental de couro, Flannery entrou na fundição de uma despensa de trás, enquanto o homem gaguejava: — A moça, sir. Elas a afogam na lagoa... — As palavras dificilmente saíram quando Culhane explodiu contra o homem, batendo-o contra o batente. Flannery estava bem atrás dele.

Uma das lavadeiras acenou freneticamente para um ponto a uns quinze metros de distância na água, enquanto Sean tirava suas botas de trabalho gastas na praia de seixos. Ele correu pelos baixios e depois se inclinou para um mergulho plano. Ele mergulhou por baixo, os olhos procurando algum sinal de vida. Em terra, uma multidão reunida curiosamente se movia sobre o ritmo de Flannery. Ele prendeu a respiração quando a cabeça escura de Sean sozinho quebrou a superfície da lagoa. Sean mergulhou e mergulhou novamente. Flannery sacudiu a cabeça.

— Passou muito tempo.

O peito de Sean parecia como se tivesse sido esfaqueado por quentes atizadores e sua cabeça latejava horivelmente, mas ele se dirigiu mais profundamente na escuridão profunda. De repente, seus dedos esticados roçaram um pano e ele o agarrou como um louco, puxando até sentir que flutuava. Nuvens de lama se agitaram do fundo. Mais cuidadosamente, ele puxou, depois sentiu um corpo sob os dedos. Levando-o para cima contra o peito, ele lutou para ir à superfície. Por fim, a cabeça dele limpou a escuridão e ele ofegou de dor quando seus pulmões famintos se encheram de ar. Uma cabeça pequena e sedosa como uma gatinha afogada caiu sobre o ombro dele.

Com a última das suas forças, ele levou Catherine para a praia e quase desmoronou sobre ela quando chegaram aos baixios. Flannery ordenava a multidão que se afastasse. Catherine estava mortalmente pálida, suas pálpebras e lábios azulados. Sua cabeça pendeu frouxa quando Sean a arrastou até a margem apenas o suficiente para rolá-la sob a barriga e esvaziar ritmicamente seus pulmões. Ele começou a bombear água para fora dela, até que finalmente não havia mais e nenhum sinal de vida. Os observadores ficaram inquietos, mesmo aqueles boquiabertos no corpo escassamente vestido da vítima. Percebendo seus olhos ávidos, Flannery os mandou embora abruptamente. Ele tocou o ombro de Culhane.

— Não adianta. Você já tentou o suficiente.

— Deixe-me em paz, caramba. — Desesperadamente, o irlandês moreno virou Catherine e colocou a palma da mão entre seus seios. Flannery, a mulher da lavanderia e Moora, encharcadas, o encaravam como se ele tivesse ficado furioso. Ele bateu nela de novo e de novo, e Flannery tinha acabado de dar um passo em direção a ele quando Catherine tossiu fracamente. Água tingida de sangue escorria de sua boca. Com o coração batendo no peito, Sean pressionou a boca na dela e soprou. Um bafo áspero e borbulhante se misturava com o dele. Quando os longos cílios de asa de mariposa se agitaram e ele viu de novo o incrível azul de seus olhos, quis tomar seu pequeno rosto em suas mãos e fazer amor com sua boca até que ela protestasse. Apenas sua fraqueza estremecida e

trêmula o deteve.

— Flannery, — ele murmurou roucamente, — pegue uma capa ou cobertor, alguma coisa. — Quando Flannery se dirigiu em uma corrida desajeitada em direção à casa, Culhane se ajoelhou. Ele se firmou, esperando até que sua mente começasse a funcionar novamente. — O que aconteceu aqui? —ele exigiu, levantando a cabeça finalmente para encarar Moora e sua companheira ferida.

— Era ela milorde! A puta inglesa! —a mulher da lavanderia apressadamente respondeu. — Ela empurrou a pobre Maude do píer, depois veio atrás de nós com uma faca de peixe. —A mulher olhou para Moora em busca de apoio, mas Moora olhou através dela para longe.

— Então, a inglesa pulou em você com um raspador de peixe, não foi? Ela é uma verdadeira terrier, não acha? —ele ralou.

A mulher lançou um olhar desesperado para Moora, que virou a cabeça. A lavadeira ficou pálida como a menina deitada no chão. Com a mão na boca, começou a afastar-se da fúria que se formava rapidamente nos olhos de seu mestre e disparou para o caminho do penhasco. Moora estava sentada, imóvel, cabelos grudados no rosto e roupas batendo fortemente no vento crescente.

Culhane olhou para a garota magra que elas quase assassinaram. Sua cor melhorou ligeiramente, mas parecia desorientada e tremia de frio. Desejando que Flannery se apressasse com o manto, ele esfregou as mãos dela. Embora ele pudesse tê-la carregado para a casa, não queria desfilar seu corpo nu diante das pessoas que ainda pairavam perto da costa.

— Saiam daqui ou vou tê-los cozidos em óleo! —ele rugiu. Instantaneamente, eles se espalharam. Sua atenção voltou-se ameaçadoramente para Moora. — Bem, Moora? Quero a verdade agora?

Moora encontrou seus olhos e disselhe a verdade rude e feia.

— Foi tudo Maude e eu. Annie apenas observou quando Maude a empurrou, — ela disse categoricamente. — Eu tentei acalmá-la golpeando-a com o remo, mas caí dentro do lago. Eu nunca aprendi a nadar. Ela me puxou para fora, depois voltou para ajudar Maude.

— Eu deveria enforçar vocês! Que diabo deu em você, Moora?

— Um peixe a mais, — ela murmurou, distraidamente observando Flannery aproximar-se em um trote com um manto jogado sobre um ombro musculoso.

Sean olhou para ela.

— Se você foi levada a matar, por que não mentiu também? —Ele furiosamente indicou a menina pálida e trêmula que gemeu incoerentemente. — Ela não está em condições de protestar. Eu poderia ter acreditado em você, se não em Annie.

Os olhos azuis de Moora continham um olhar estranho.

— Milady acreditara que eu queria matá-la, e mesmo depois... —Ela fez uma pausa. — Ela poderia ter nos deixado morrer.

— Não descarte a possibilidade de sua morte cedo demais, garota, — ele retrucou. — Mesmo Peg não iria me repreender agora por deixá-la balançar.

Chegando até eles, Flannery entregou a capa a Culhane, que o homem mais jovem envolveu na menina quase inconsciente com cuidado. Segurando-a nos braços, Sean levou-a rapidamente para a casa, com os pés pequenos pendurados nas dobras pesadas da capa, o cabelo gotejante caindo pelo ombro e enviando gotas de gelo pelas costelas. Enquanto subia as escadas para o seu quarto, dois degraus de cada vez, ele gritou ordens aos servos assustados. — Pegue uma banheira de água quente no andar de cima com toalhas e linimento! Sejam rápidos!

Ele mal a deitara na cama grande, tirara a roupa molhada e enfiara as cobertas até o pescoço, quando as garotas da cozinha entraram no quarto com baldes de água quente. Flannery e Rafferty carregavam uma imensa banheira de cobre, Peg em seus calcanhares com o linimento e as toalhas exigidas. Seus olhos azuis enrugaram com agitação quando ela colocou sua carga no final da cama.

— O que é isso que eu ouço sobre Moora?

— Vamos nos preocupar com uma coisa de cada vez. —Sean deu um tapinha no ombro dela, depois fez uma careta para a marca negra deixada pela mão dele.

Ela sacudiu-o, olhando para o rosto branco de Catherine e o cabelo molhado e emaranhado no travesseiro.

— O que Moora fez?

— Flannery vai explicar tudo, — ele disse gentilmente, acompanhando-a até a porta. — Moora esteve quase enterrada na lagoa e precisa do seu cuidado.

Peg segurou a porta.

— Mas e esse pobre cordeiro?

Ele aliviou-a.

— Não se preocupe, Peg. Eu vou cuidar dela.

— Você! —a serva ansiosa cuspiu. — Você que gosta de vinho espumante, o que sabe sobre enfermagem?

— Ela está bem, Peg. Apenas gelada e um pouco atordoada. —Ele a empurrou com firmeza, acrescentou: — Eu consigo agüentar— e fechou a porta.

Quando a banheira ficou embaçada pelo vapor, Sean espantou os servos. Enxugando as mãos em uma toalha, ele descobriu o braço de Catherine, despejou o linimento na palma da mão e começou a esfregá-la, começando com as pontas dos dedos e trabalhando para cima. Ela se mexeu quando ele alcançou

seu ombro. Cobrindo-a novamente, ele deslizou o outro braço para fora das cobertas e repetiu o processo. Catherine piscou quando ele começou a se levantar.

— O que... o que você está fazendo?

— Esfregando os dedos dos pés. — Ele começou a acariciar entre eles.

Ter os dedos dos pés massageados era uma sensação estranha, mas extremamente prazerosa, pensou ela, meio tonta. Sua cabeça levantou uma fração.

— Maude está bem?

— Sim.

Ela observou-o subindo pela perna, aliviando a dormência com as mãos fortes tão clinicamente quanto um médico. Exceto que um médico apropriado, ela considerou, não teria cabelo e cílios espetados e estaria seminu, molhado e coberto de fuligem.

— Você está pingando na cama, — ela protestou debilmente.

— Estou. — Seu sorriso inesperado era um branco surpreendente em seu rosto manchado. Seus lábios tremeram quando ela inconscientemente começou a sorrir de volta, profundamente aliviada por estar viva. Ela severamente conseguiu franzir o cenho quando ele virou as cobertas e massageou vigorosamente seu torso.

— Pare com isso, — ela protestou.

Novamente seu sorriso era como o de um menino.

— Eu tenho meia mente para agradá-la por estar de volta à vida, e outra meia mente com você se contorcendo impropriamente. Vire, — ele ordenou. Com a dignidade de um gato encharcado e ferido, ela obedeceu. Sua voz era brusca, mas suas mãos eram suaves, e a dor no peito já estava desaparecendo. Apesar de seu grito abafado, ele esfregou seu traseiro frio. Enquanto lentamente trabalhava em suas costas e ombros, ela se deslizou em um torpor eufórico. Muito rapidamente, foi acordada quando foi virada, erguida em braços poderosos e pressionada contra um peito frio e peludo. Seus olhos se abriram quando Culhane a baixou inexoravelmente na banheira de água quente.

— Oh! Não faça isso! — ela gritou. — Está muito quente!

Seu atormentador não se deixou perturbar.

— Pare de chorar. É exatamente o que você precisa.

— Mais água? — Ignorando-a, Culhane começou a esfregar vigorosamente sua pele corada pelo calor com uma barra de sabonete perfumado. Ela fez uma careta para ele, cuspidando bolhas longe do rosto. — Só uma vez, eu gostaria de me banhar!

Deixou cair o sabão na banheira com um esguicho e disse casualmente: — Caiu.

Ferozmente, seus pulsos esfregaram a água e sabão do rosto dela. Então, ignorando-o, Catherine começou a aplicar o sabonete com dignidade e calma. Sua cabeça girou quando seus calções encharcados bateram no chão, mas ela teve pouco tempo para protestar quando ele entrou na banheira.

— Não há espaço para dois, — ela balbuciou, tentando escapar de suas longas pernas e exploração dos dedos dos pés. Com um sorriso, ele estendeu a mão para o sabão. Olhando para ele, ela deliberadamente deixou cair, mas foi forçada a se arrepender do impulso enquanto seus dedos procuravam o sabão escorregadio nos lugares mais improváveis. Ela estava corada e furiosa enquanto ele piscava vitoriosamente. — Pode-se facilmente acreditar que seu cérebro está entre suas pernas. Você nunca pensa em outra coisa além de fornicação?

— Ah, você é um pedaço de tentação, moça, — ele respondeu em um tom arrastado e com um olhar exagerado. — Apenas o suficiente para aguçar o apetite de um homem e deixar sua barriga satisfeita. Não é a ganância, mas a fome que me faz uivar à sua porta. — Ele limpou um punhado de espuma do rosto e enxugou o nariz. — Meu cabelo está grudento, pequena. Lave-o. Ela agarrou a cabeça dele e abaixou-se, empurrando-se para cima.

— Seu cabelo está ensaboado, senhor. Lave-o!

Ele agilmente agarrou-a em um abraço de urso antes que ela pudesse escapar da banheira. Ele a puxou para baixo, enquanto ela gritava. Agarrando o sabão, ele a abaixou e esfregou a cabeça dela.

— Isso é para as crianças que brincam no banho. — Ignorando seus gritos, ele a abaixou novamente, então pegou um balde de água limpa do chão ao lado da banheira e jogou sobre ambas as cabeças. Enquanto a água espirrava por toda parte, Catherine uivou, lutando para ficar de joelhos. Rindo, ele esfregou a cabeça contra os seios e a barriga dela e ela começou a rir, cravando suas costelas e gritando enquanto ele fazia cócegas nela. De repente, seus corpos escorregadios se deslizando juntos fizeram seus olhos se arregalarem, e um desejo ardente de acasalar com ele a fez estremecer. Sensivelmente consciente da mudança de humor de sua pequena antagonista, Sean baixou a boca com força sobre a dela, sufocando o ofego sem fôlego de surpresa. Ela lutou debilmente, mas seus mamilos endurecidos esfregaram-se contra seu peito e o calor duro de suas virilhas se empurrou contra os dela enquanto seus corpos se emaranhavam.

Rapidamente, ele a pegou em seus braços e levou-a para a cama, em seguida, cobriu seu corpo escorregadio com o seu próprio corpo. Exausta de sua provação com Maude, Catherine empurrou fracamente seus ombros e se retorceu, mas sua contorção só fez sua respiração ficar mais áspera em seu

ouvido e seu corpo deslizar mais intimamente contra o dela. Ele escorregou um dedo molhado entre as coxas dela e ela gritou contra sua boca enquanto ele a levava ao prazer arqueado e explosivo.

Ele beijou sua garganta, seus seios, sua boca, sussurrando palavras de amor, palavras sexuais, até que suas coxas se separaram por conta própria para receber seu primeiro impulso lento. Cada golpe profundo e quente de sua masculinidade intensificava uma dor pulsante e ardente em seu corpo. Ela desistiu de lutar por sentimentos, por ceder, pela simples urgência de sua vida dentro dela, a fonte da vida banindo a morte.

Sean tomou seu corpo lânguido com uma ternura que nunca antes mostrara a ela ou a qualquer outra, desejando perder totalmente sua alma em sua suavidade, para domar seu espinhoso e teimoso espírito dentro de si e aliviar a pontada de seus medos. Quando finalmente o ritmo acelerado de seu desejo a levou consigo para a realização, ele encontrou paz sem esforço. Depois, ele puxou as cobertas e trouxe-a para perto dele.

— Você ainda não ganhou, — ela sussurrou sonolenta.

— Ainda não, pequena, — ele sussurrou de volta, e roçou sua testa com os lábios enquanto ela se aproximava.

Perto da meia-noite houve uma batida hesitante na porta do quarto de Sean Culhane. Com relutância sonolenta, Culhane se soltou do corpo de Catherine e saiu da cama. Abrindo uma fresta da porta, ele espiou, alisou o cabelo e abriu a porta completamente.

— O que é?

Rafferty olhou para seu mestre nu e limpou a garganta.

— Ah, Peg pensou que você poderia querer um pouco de jantar, vendo como... —Ele mudou seu olhar para Catherine, que, como uma pequena coruja, olhava para ele da cama. — Mesmo, a senhorita... e você não jantaram hoje.

Aparentemente alheio ao constrangimento do outro homem, Culhane se voltou indiferente para Catherine.

— Você está com fome, inglesa?

Esfregando o sono de seus olhos com um punho, ela assentiu.

— Faminta.

— Diga a Peg que ela tem dois para o jantar. —Ele começou a fechar a porta, depois acrescentou casualmente: — Limpe essa bagunça.

Rafferty fez uma careta quando desceu as escadas.

— Senhor da mansão, bah!

Catherine arregaçou as mangas de uma das camisas de Culhane e sorriu enquanto pegava um punhado de tecido na cintura de suas calças, que ameaçavam cair sobre seus tornozelos. De forma imprudente, ela fez uma

pirueta.

— Parece arrojado, não é? Mawster Brummell seria verde! —Ela deu-lhes outra caminhada e olhou para ele maliciosamente. — Sua família pode pensar que você desenvolveu um gosto peculiar por prostitutas.

Ele sorriu enquanto colocava sua própria camisa.

— Seus dias escolares de se vestir como um menino estão acabados, menina.

Franzindo a testa, ela olhou com ceticismo pelo vidro da janela ao píer.

— Eu não posso ter mudado tanto em dois meses!

—Guarde sua conversa sem princípios de solteirona itinerante, moça. Aquele pequeno ataque poderia afundar a Armada do Rei. Quanto as velas, coloque-as em um de seus vestidos de Le Roy e o próprio Napoleão se levantaria.

Ignorando seu sorriso malicioso sobre o ombro no espelho, Catherine disse abruptamente: — Você estava bem informado antes de me sequestrar, não era? Mesmo sobre o conteúdo do meu guarda-roupa. —Ele se virou e começou a revirar seu peito. Ela avançou sobre ele, ainda segurando suas calças. — Mignon, minha nova serva francesa, era um dos seus espiões?

— Use isso como um cinto. —Ele colocou um lenço na mão dela. — Sua festa de aniversário durante as férias de Natal foi um grande sucesso; os jornais de Londres a cobriram bem como todo o seu guarda-roupa.

Enquanto desciam as escadas, Catherine comentou: — É bom que Peg atrase o jantar. Os dias dela são longos e este deve ter sido particularmente difícil.

— Ela está esperando desviar minha inclinação para pendurar Moora pelos polegares, — respondeu lacônico.

Catherine parou imediatamente.

— Por favor, não a machuque! Ela tem uma existência miserável. O peixe a deixa doente...

— Por que você diz que a vida dela é miserável? As pessoas em outros lugares da Irlanda estão morrendo de fome. Moora será tão redonda quanto sua mãe quando tiver quarenta anos. E ela está de folga aos domingos. O que você tem?

Ela inconscientemente colocou a mão em seu braço.

— Você não vê? Você e eu conhecemos todos os tipos de vantagens. Moora não pode nem ler. Ela poderia ser uma linda jovem, mas ao invés disso ela trabalha como um animal de sol a sol. E a parte mais cruel disso é ela está totalmente, miseravelmente ciente de sua sorte. Ela tem todo o direito de me odiar!

— Mas nenhum direito de matar. — Em seu olhar angustiado, ele cobriu a mão dela com a dele. — Não se preocupe, eu não vou esticar seus polegares, mesmo que ela faça croissants como pedras.

Não completamente convencida, Catherine lentamente o acompanhou no último degrau. Ele não dissera que deixaria de punir Moora, e estava bem ciente de que o que Sean Culhane não dissera era capaz de preencher os vazios.

Peg, esperava ao pé da escada, olhou Catherine de cima a baixo e fungou — Descalça. — Ela olhou para Culhane. — Ela vai adoecer desse jeito! A ceia está na Sala das Rosas. — Com isso, Peg subiu as escadas.

Enquanto ele a sentava no salão de seda rosa ao lado de seu escritório, Catherine podia jurar que sua escolta parecia um pouco envergonhada. Ele examinou criticamente a mesa elaboradamente coberta de damasco.

— Eu me pergunto onde Peg pegou as flores?

Cheirando o perfume delicado do arranjo de rosas de inverno entre velas acesas, Catherine sorriu.

— Ela tem um lote na horta. Parece incrível que a Irlanda tenha flores, mesmo quando o resto da Europa está enterrado na neve.

Ele se deslizou em sua cadeira.

— Devemos nosso clima uniforme à Corrente do Golfo; isso traz águas quentes dos trópicos para lugares distantes como a América do Sul.

Rafferty entrou com uma toalha sobre o braço e uma garrafa gelada de champanhe. Enquanto soltava as taças de uma só vez, Culhane comentou secamente: — A despensa deve ter ficado sem sopa de sobra hoje à noite. — Evitando seus olhos, Rafferty colocou a garrafa no balde de gelo e saiu.

— Que sala encantadora, — murmurou Catherine, examinando as belas pinturas e o lustre de cristal. Ela sorveu o champanhe, seus olhos cintilando maliciosamente sobre a borda de seu copo. — Tão íntimo. Você se diverte aqui com frequência?

— Eu normalmente não me preocupo com preliminares, — ele disse categoricamente.

Ela riu sem humor.

— Não, você não. Nesse sentido, nosso primeiro encontro foi inesquecível.

Ele começou a responder quando Peg entrou com uma bandeja de carnes frias e queijos. A uma distância decorosa da comida estava dobrado um par de meias de lã masculinas. Com cócegas no nariz pelas bolhas, Catherine piscou e espirrou sobre o champanhe. Culhane riu.

— Seja uma boa menina, inglesa e aceite as ofertas de Peg.

Peg soprou, mas ela não se moveu até que Catherine puxou as meias e agradeceu.

— Fico contente por ver algumas maneiras sobre o lugar, — ela soprou, olhando para o bandido impenitente sorrindo de volta para ela. — Não venha com seus sorrisos. Rafferty está certo, sabe, — ela admoestou-o enquanto se dirigia para a porta. — Você tem todo o charme de uma mula irlandesa. — Seu rugido de riso a seguiu para fora da sala.

Catherine enfiou o nariz por cima da mesa enquanto terminava de ajustar as meias.

— Ela te adora. — Ele olhou para ela por um momento com os olhos verdes e bebeu de seu champanhe.

— Sim, suponho que sim.

Dando uma última reviravolta às meias, ela o olhou pensativamente. Muitas mulheres provavelmente o adoravam; ele fazia os outros homens parecerem mansos como ovelhas. A camisa branca, frouxamente aberta até à cintura fina, mostrava a boa aparência sombria de seus ancestrais mouros. Longos dedos, negligentemente, sobre a taça de champanhe âmbar claro enquanto ele relaxava na cadeira oposta, o cabelo preto despenteado ondulando ligeiramente em torno de seu rosto, ele a olhou preguiçosamente. De repente, percebendo que ela estava olhando para trás com avaliação aberta, Catherine corou e procurou refúgio em seu champanhe.

— Não beba tão depressa, — avisou Culhane. — Isso estraga o estômago vazio.

— Obrigada pelo conselho, mas eu estava praticamente desmamando com champanhe.

Servindo-lhe uma porção de carne e queijo, ele fez uma careta.

— Que menina mimada você deve ter sido!

— Completamente, — ela murmurou descaradamente com a boca cheia. Ela esvaziou o champanhe e estendeu a taça com um sorriso impudente, os olhos iridescentes à luz das velas.

Culhane encheu o copo dela.

— Sua avó te ensinou a usar seus olhos assim? — ele perguntou de repente.

Ela olhou para ele perplexa.

— Usá-los? O que você quer dizer?

Ele sorriu lentamente para a confusão dela.

— Você é singularmente inconsciente de si mesma. Os homens nunca a lisonjearam?

Ela pegou a carne, irritada.

— É claro. Mas bajulação é mero palavreado e, no meu caso, embelezada com expectativas de dote.

— Você acha que um homem iria querê-la apenas pelo seu dinheiro? — ele

murmurou, enquanto colocava uma uva em sua boca.

Ela tomou outro gole de champanhe para refrescar suas bochechas.

— Não, não inteiramente. Há um título a considerar, e ultimamente... pouco antes de sair da Inglaterra...

— Antes de sair? — Sean prosseguiu atentamente.

— Os homens pareciam me achar atraentes por outras razões, ah, mais básicas, — ela terminou sem jeito.

— Eu posso imaginar, — Sean comentou um pouco amargamente. — E como você reagiu?

— Eu... — De repente, cansada de sua intromissão, ela retrucou: — Isso realmente não é da sua conta. Além disso, que diferença faz agora porque eles me queriam? Eu deveria ter perdido minha liberdade em qualquer circunstância. Casamento para uma mulher é uma prisão, uma prisioneira mais ou menos disposta a suportar seu confinamento. Se um homem quer se aprofundar em minha conta bancária ou meu corpete, é tudo a mesma coisa.

Os olhos de Sean caíram para a fenda de seus seios enquanto seus gestos afrouxavam a camisa de seu cinto improvisado. Inconsciente de seu olhar quente, Catherine acenou com a taça e inesperadamente deu uma risadinha.

— Eu não sou mais uma candidata para cama nupcial de qualquer homem, graças a você. Bens usados é o que eu sou. — Ela sorriu perversamente, inclinando-se para frente, sem notar sua inquietação. — Mas uma amante pode jogar o seu próprio jogo. Por que eu não deveria ser devassa, já que não posso me casar?

Ela pulou da cadeira, pegou a garrafa antes que ele pudesse impedi-la, e, estranhamente graciosa apesar de lenta e das meias flexíveis, postou-se levemente sobre a sala.

— Pense, estou livre depois de tudo. Acabei de perceber isso. — Ela tomou um gole da garrafa e sorriu para ele. — Tudo por sua causa, Eros Tyrannus. — Um pensamento a atingiu e ela conseguiu uma linha mais ou menos reta em seu colo. Quando ela se aconchegou a ele com confiança, Culhane removeu com firmeza a garrafa de champanhe de seus dedos. — O que você acha que eu deveria fazer? Devo pegar muitos amantes ou apenas um velho rico e maluco? — Sem esperar por uma resposta, ela ponderou, franzindo a testa, — Jovens amantes devem ser como cachorrinhos: uma grande quantidade de problemas. Um doce velho provavelmente faria bem. — Ela se iluminou. — Talvez ele só queira me acariciar de vez em quando. — Ela se recostou em seus braços e olhou para ele por baixo de longos cílios. — Você gostaria de me acariciar?

— Muito.

Ela riu e rosnou roucamente.

— Eu aposto que você faria. Peg diz que você é um verdadeiro gato.

Ele fez uma careta e bateu no nariz dela.

— Você pode se apaixonar, cínica. E então o que?

Vigorosamente, ela balançou a cabeça, fazendo o cabelo balançar.

— Oh, não. Nunca. Estar apaixonada é ser uma gata amarrada. Você e eu somos sábios demais para isso. — Sua expressão deu lugar a uma carranca, e ela puxou sua camisa com irritação. — Eu estou quente. Por que champanhe frio faz com que quente?

— Eu não sei, pequena.

Ela meteu os dedos em seu copo de champanhe e os arrastou molhados da garganta até a cintura.

— Isso é bom. — Ela os envolveu novamente e os atravessou no peito dele. — Veja, é maravilhosamente bom. — Sean rapidamente pegou seus dedos. — Você não gosta disso? — ela perguntou com uma voz baixa e aturdida.

— É hora de você estar na cama.

— Oh! — Ela olhou para ele sabiamente. — Você quer tirar minhas roupas. — Escorregando de seus braços, ela se deslizou para o fogo, balançando os quadris provocativamente, ainda que com uma leve guinada. De repente, ela se sentou no chão e começou a tirar as meias.

— O que você está fazendo?

— Despindo. Eu tenho sido bastante obediente ultimamente. Você não percebeu? — Ela se levantou e desajeitadamente desenrolou o lenço. Um segundo depois os calções caíram no chão.

— Kit, não aqui, — ele protestou rudemente.

— Por que não? — ela disse confusa, trabalhando nos botões da camisa quando se levantou. — É uma sala encantadora. Assim como o interior de uma rosa. E nós temos um adorável sofá. — Um dedo balançou na espreguiçadeira de seda. — Uma vez eu vi uma lady... bem, não exatamente um lady, tirar absolutamente tudo em um palco na frente de uma sala cheia de homens. Então, você não precisa se preocupar por despir-me aqui. Quartos como este são projetados para sedução. Papai os tem em casa. — Ela fez uma pausa, pensando. — A atriz despiu-se tão devagar que eu estava entediada, mas os homens pareciam preferir assim. — Um ombro sedoso deslizou para fora da camisa e o protesto de Sean ficou preso em sua garganta. O ombro apareceu e a translucidez cremosa de sua pele fez sua virilha doer enquanto seus seios pequenos se curvavam sobre a roupa, notando seus olhos, ela sorria e sussurrava baixinho para si mesma e ficou ali, como uma pequena e quente Afrodite.

Como se estivesse em transe, moveu-se para o divã e deitou-se sobre ele, arqueando languidamente o corpo.

— Venha, querido carcereiro. —Ela levantou os braços para ele. Mas mesmo quando seus lábios encontraram os dela, saboreando o vinho intoxicante e o desejo atordoado, seus braços escorregaram fracamente de seu pescoço enquanto ela caía pela segunda vez naquele dia no esquecimento.

Suspirando, ele a ergueu em seus braços. A cabeça dela deslizou sobre o braço dele enquanto ele pegava a garrafa de champanhe, checava o foyer, então rapidamente subiu a escada, sua mente e corpo um nó de frustração. Depois de enfiar o peso de um jeito penoso na cama, tirou as roupas e abriu as portas do terraço. De pé, nu, do lado de fora, sob o vento frio, ele despejou o conteúdo ainda frio da garrafa de champanhe na fonte de sua tensão.

Cedo, na manhã seguinte, Rafferty, que sacudia a cabeça, tirou a roupa do carpete do salão, enquanto no andar de cima uma miserável Catherine estava com a cabeça presa na balaustrada do terraço. Algum tempo depois, quando, por ordem de Culhane, o café da manhã chegou, ela gemeu e correu para o terraço novamente, vestindo apenas um lençol. Peg sacudiu a cabeça.

— Essas flores nunca mostrarão suas pobres pétalas na próxima temporada!

Tropeçando de volta para o quarto, Catherine subiu o lençol e chutou irritadamente enquanto tentava vingativamente não tropeçar. Mantendo-se bem longe da bandeja, ela se aproximou da cama como um caranguejo, depois se arrastou com um gemido lamentável.

— Vou tomar café da manhã na minha mesa, Peg, — disse Culhane, prestativo.

Colocando a bandeja sobre a mesa com um estrondo que fez a moça na cama encolher-se, Peg repreendeu.

— Vergonha é o que deve sentir, embebedando com todo aquele licor essa pobre criança; e depois de tudo que ela passou!

Sua vítima começou a protestar, quando para sua surpresa, Catherine o defendeu fracamente da cama.

— Por favor, não grite, Peg. Não foi culpa dele. Eu... —De repente, seus olhos se arregalaram e ela se enterrou nas cobertas com um lamento de horror.

Culhane jogou a cabeça para trás com um grunhido sem graça.

— Então, você não se lembra, sua espertalhona e bêbada!

Segurando a cabeça latejante, ela se levantou, quase ofegando de dor e perdendo a dignidade de seu lençol.

— Você é mau! Você é o homem mais cruel do mundo...

— Se você não se importa de gastar seus encantos em uma audiência escassa, não me importo de aplaudir seus esforços amadores, mas energéticos.

— Oh! —ela gritou e começou a chorar.

Sua angústia era tão obviamente genuína que Sean foi até ela e a pegou em seus braços. Sentando-se ao lado da cama, ele acenou com a cabeça para a confusa Peg e colocou a cabeça de Catherine em seu ombro, apesar de sua luta dolorosa.

— Ora, não. Não chore. Você foi muito boa, realmente. — Catherine gemeu e fracamente bateu em suas costelas. — Shhh, — ele a acalmou rapidamente, — eu a estou provocando, sirigaita. Você passou por maus momentos ontem. Qualquer um teria querido ficar bêbada.

Ela o olhou através de cílios molhados.

— Você já quase morreu?

— Sim. Não é muito divertido, é? — Ela balançou a cabeça e virou o rosto para o peito dele. — Se é algum consolo, eu também tenho estado muito mais bêbado do que você e por muito menos razão.

— Mas você não era burro o suficiente para se despir, — veio a resposta abafada e lamentável.

Seus lábios se contraíram.

— Não tenha tanta certeza. Bêbado o suficiente, eu despiria até a rainha.

Ela se afastou, intrigada.

— Você faria, não é? — A suspeita rápida dançou em seus olhos azuis. — Você não tirou suas roupas para a princesa Caroline, não é? Ela pode não ser rainha ainda, mas tem uma reputação bem marcada...

Sean beliscou as bochechas pálidas.

— O que você sabe de ladinas, pirralha?

— Chega. Eu não sou criança, — ela respondeu. — Eu diria que você não passaria por uma cama se achasse que ela vai roubar segredos de estado.

Ele a tocou sob o queixo.

— Abstenha-se de intrometer-se em meus assuntos e vou me abster de dizer ao mundo que você é uma idiota. — Ele se levantou e começou a vasculhar seu peito.

Catherine, observando-o, e perguntou de repente: — Eu deixei você fazer amor comigo ontem à noite?

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Por quê?

— Eu... eu apenas perguntei.

— Devo corrigir essa omissão agora? — Ele perguntou suavemente, um sorriso raro aliviando a dureza magra de seu rosto.

— Oh! — Apressadamente ela levou a mão à testa enquanto ele dava um passo em direção à cama. — Eu ainda tenho uma dor de cabeça.

Seu sorriso sutilmente retomou suas linhas familiares de zombaria.

— Para alguém tão jovem, você é rápida em encontrar refúgio em desculpas femininas. — Ela corou e sua intimidade fácil se foi.

Culhane bateu no peito e disse abruptamente: — Pouco do meu guarda-roupa se adapta às suas necessidades. Peg vai trazer roupas adequadas se seu nariz puder suportar o mofo de vestidos desatualizados. Pode até mesmo, Deus me livre, usar anáguas e calções, — ele avisou severamente, — se você colocar um espartilho ou anquinhos, eu vou arrancá-los. — Ele pescou em seu bolso e tirou um objeto pequeno e chato.

Ela ficou tensa quando ele veio em sua direção e seus dedos encontraram sua garganta. Ela decidiu que ele ia beijá-la ou estrangulá-la, e não tinha ideia do que o levava a fazer isso também. Olhando com algum divertimento para seus olhos largos e inquietos, ele destrancou o colarinho de segurança da argola e a removeu. Seus olhos ficaram turvos.

— Por quê? — ela finalmente conseguiu perguntar baixinho. — Porque agora?

— Em parte pelo bom comportamento, — foi a resposta lacônica; depois acrescentou mais gentilmente — e em parte porque as joias pesadas não combinam com você; mas nunca tente fugir de mim novamente. — Suas últimas palavras foram baixas, mas ela não subestimou sua advertência.

— Estou mandando-a para trabalhar com o doutor Flynn na enfermaria, mas não tenha ideias. Se eu não tivesse certeza da segurança, não a designaria para longe da casa. Você vai se juntar a mim no salão para jantar todas as noites, e daqui em diante, vai compartilhar minha cama. Peg já trouxe suas coisas. — Ele viu o olhar dela brilhar e suas próximas palavras vieram pesadas. — Não pareça tão desamparada. Eu vou fazer amor com você de novo apenas com o seu desejo.

Ela ficou confusa.

— Você não vai me tocar?

Ele sorriu fracamente.

— Inadvertidamente, talvez. Evitar um ao outro absolutamente em uma cama tão grande é impraticável.

Ela considerou a proposta dele, estreitando os olhos. Por que ele de repente a livrou de suas atenções quando ela estava tão obviamente à beira da capitulação?

Seu comportamento no salão fora um convite desavergonhado. Por que ela não deveria usar o corpo dele tão casualmente quanto ele usava o dela? Era isso! Ele se recusava a ser o garanhão dela. Sua arrogância exigia mais. Ele queria enredar sua mente, talvez até o amor dela. Ela ainda estava usando um colar de escrava, só que agora era de seda, invisível. Seus olhos brilharam.

— Você acha que pura luxúria vai me levar à traição do meu pai, do meu país, e de qualquer honra que me resta? Você não pode simplesmente me deixar ser eu mesma! —Ela estava frenética, quase histérica, mas ele não fez nada para acalmá-la.

— Ainda não, — ele disse baixinho. — Em breve, talvez. Espero que sim, pelo nosso bem.

Houve uma batida na porta e uma Peg empoeirada e corada trazia Danny e Rafferty com um baú velho e várias caixas cobertas de sedas desbotadas. Apontando para fora, ela deu um aceno para Sean.

— Você tem um mensageiro esperando lá embaixo.

Seu rosto era uma máscara educada, Culhane se virou para Catherine.

— Rafferty trará o dogcart11 para a porta da frente ao meio-dia. Você vai almoçar com Flynn. Rafferty vai buscá-lo mais tarde. Amanhã e depois, você vai se conduzir sozinha.

Catherine sorriu amargamente.

— Que inteligente de sua parte escolher um modo tão singular de transporte para mim. Posso ver Fido chutando poeira no rosto de seus guardas.

Seus lábios se curvaram.

—Fido está prenha. Não fique tão horrorizada; ela não deve sair por um mês. —Com isso, ele saiu do quarto, deixando-a para lidar com alterações, cânfora, alfinetes e dedos nervosos de Peg.

O mensageiro tinha uma folha de sinais decodificados. Dispensando o homem, Culhane examinou a nota a caminho de seu escritório. Ele indicava que os Senhores League, Tunney e Briskell tinham fugido para a França depois de limpar seu escritório, protegendo-os de documentos incriminatórios e um depósito de fundos de seus clientes. Como ratos, eles mantiveram um buraco de fuga e saíram com suas vidas, mas não sua riqueza. A conta do sindicato em Lloyd's estava sob custódia enquanto os outros investimentos da organização estavam sendo investigados. O Julgamento do capitão e tripulação seria imediato e muitos deles estavam falando para salvar suas peles. O magistrado local fez a John Enderly uma segunda visita e fez referência sem tato a seus armazéns, mas não fez um mandado de busca. Sean sorriu sombriamente. O golpe nos bolsos de Enderly seria uma fortuna. Agora, tudo que o irlandês tinha que fazer era esperar para ver a maneira como ele se sairia.

CAPÍTULO 7

O MITO DO ATLAS

Catherine ajustou o xale quando a enfermaria de pedra com telhado de palha apareceu em torno de uma curva do caminho. O doutor Flynn podia viver na solidão, mas ele escolhera o ambiente pelo luxo natural. A urze verdejante se estendia por quilômetros e a vista era de tirar o fôlego. Na brisa fresca, os barcos ancorados no porto dançavam em suas amarras.

Quando a porta se abriu e Flynn saiu apressadamente, Catherine teve um momento de apreensão. E se ele atribuísse essa elevação em sua posição à aprovação de Culhane a sua nova concubina? Mas, quando ele a ajudou a sair do coche, o prazer óbvio do médico em vê-la dissipou seu desconforto. Ele a conduziu a uma sala reservada aos pacientes que esperavam. Vazia no momento, seus móveis gastos tinham um certo aconchego dos aposentos de Shelan. A cabeça de Flynn passou pelo lintel enquanto atravessavam o corredor que levava a uma pequena cozinha. No centro de uma mesa redonda de carvalho cuidadosamente coberta de linho, tinha um pequeno pote de manteiga cheio com as flores mais bonitas. As louças colocada ali revelava que a mão de uma mulher estava faltando nos preparativos. Catherine sentiu-se estranha como se quisesse chorar.

Depois de uma sopa suculenta seguida de groselhas encharcadas de creme, o médico deu uma nova avaliação a sua nova assistente. A enfermaria era uma sala comprida, revestida de branco, dividida para separar os sexos. Várias janelas asseguravam um interior claro e alegre nos dias mais sombrios. A enfermaria era espartana, mas limpa. Ele informou-a que contratou um rapaz de raciocínio lento da aldeia vizinha de Ruiralagh para limpar e executar as tarefas ordenadas. O dispensário era igualmente impecável.

Sua primeira tarefa na enfermaria era simples. Os olhos do doutor Flynn não sendo o que costumavam ser, ela deveria ler em voz alta para ele seus novos textos cirúrgicos de Edimburgo. Termos latinos surgiram em todas as outras linhas. Felizmente, ela havia sido orientada em latim e administrado razoavelmente bem a pronuncia. Rapidamente fascinada pelo funcionamento do corpo humano e pelas técnicas de repará-lo, ela começou a fazer perguntas objetivas que primeiro divertiram Flynn, depois agradaram-lhe.

Ao voltar para Shelan, Catherine percebeu que teria que correr para se

preparar para o jantar. Seu guarda-roupa tinha sido pendurado em um armário trazido do sótão naquela tarde, e uma barra de sabão perfumada estava enfiada em uma das gavetas. Ela notou que sua escova descansava confortavelmente ao lado das coisas de barbear de Culhane perto do lavatório. Com um jato de água da jarra, ela esfregou o rosto apressadamente, depois passou mais tempo em suas mãos, desejando que o creme aliviasse a vermelhidão e as unhas quebradas. Suspirando, ela limpou o rosto com a toalha e deu uma arrumada nos cabelos úmidos. Depois de escovar os cabelos até brilhar, ela colocou a escova no final da cômoda longe do equipamento de Sean. Puxando o cabelo para o lado com uma fita, ela deu alguns giros com os dedos. Com a cabeça inclinada para um lado para estudar o efeito, perguntou-se de repente, por que ela estava se arrumando tanto para um homem que detestava? Ela deu um jeito nos cachos, mas ficou irritada ao ver que a desordem deles era mais atraente.

Ainda brincando com o cabelo, Catherine desceu os degraus, depois abrandou abruptamente para acenar decorosamente para os intrigados soldados de Culhane que se aproximavam do vestíbulo. Todas as cabeças masculinas da sala se viraram para admirar o progresso da jovem condessa corada pela multidão e sua saída encantadora, embora um tanto precipitada.

Ela fechou a porta do salão e caiu contra ela. Claramente, maior liberdade andava de mãos dadas com o aumento da exposição como amante de Culhane. Ela podia imaginar as observações obscenas a serem especuladas sobre a mesa dos oficiais esta noite.

Ela foi até a lareira de mármore, pegou um atiçador e apunhalou violentamente o fogo. Retornando o atiçador a seu posto, ela olhou azedamente para a mesa com cristais brilhantes e porcelana. A falta de janelas na sala aumentava sua aura de intimidade aconchegante, assim como a parede de seda desbotada e finamente estampada. A mobília era Louis XV; os assentos da cadeira estofados em pequenos pontos de cor pálida das estações do ano eram de tecido. Pedacos de fios dourado piscavam na luz do fogo. À toa, ela se aproximou, olhando para as pinturas e aquarela: entre elas, os desenhos delicados e perfeitos de Liam, um de Botticelli desenhada com uma ninfa e um David da Liberdade nas Barricadas. O Botticelli, embora valesse uma pequena fortuna, poderia ter sido comprado por um antigo mestre de Shelan; mas o David, apesar de um tema jacobino popular entre os dissidentes irlandeses, não tinha mais do que alguns anos e, como muitas outras pinturas da casa, representava um bom investimento. Ela não conseguia entender Sean Culhane, com sua obsessão por bombear os recursos de Shelan em armas e rebeliões, permitindo tais gastos.

A melodia profunda e melódica de Culhane a surpreendeu.

— Você gosta de Boucher?

Seus olhos se deslizaram sobre o desenho de giz ao qual ele se referiu quando ela se virou para ele.

— Não.

O irlandês tirou a capa gotejante, sua presença feroz fazendo as cores pastel da sala parecerem mornas.

— De fato. — Uma sobranceira negra se curvou. — Por que não?

— Eu acho seu trabalho insípido.

— Isso é tudo? — Ele estava um pouco zombeteiro quando deu um puxão na corda do sino para chamar Rafferty para pegar seu manto molhado.

Seu queixo se elevou.

— Se você quer dizer que ele refletia uma sociedade venal, sim, eu notei isso também.

— Bravo, condessa. Talvez sua tutela em Shelan tenha se mostrado esclarecedora.

— Eu não preciso ter minha cabeça empurrada sob a lama para perceber o que existe! — ela respondeu. — Você me trouxe aqui esta noite para brigar?

Rafferty veio e Culhane empurrou a capa pela porta. Esfregando a mão no cabelo molhado, ele ficou ao lado dela.

— Não, inglesa, — ele disse, cansado — apenas para me fazer companhia.

Olhando para ele de lado, Catherine notou marcas brancas de tensão e fadiga em suas maçãs do rosto, e na inclinação de seus ombros. Ela trouxe uma cadeira e colocou-a diante do fogo.

— Você está cansado e gelado, — ela disse com firmeza, respondendo a sua expressão irônica de surpresa.

Ele caiu agradecido na cadeira, e sem sequer uma careta pela lama, ela tirou as botas. Ele sorriu fracamente.

— Essa preocupação significa que você perdeu sua coceira para cortar minha garganta?

Sem expressão, ela colocou as botas diante do fogo.

— Peg me disse que você salvou a minha vida ontem. Sem dúvida, o resgate foi adequado aos seus propósitos. — Cruzando atrás dele para a mesa, ela derramou clarete em uma taça. Sua voz se suavizou quando ela lhe entregou o vinho, embora sua mão abruptamente se retirou quando seus dedos roçaram os dela. — Seja qual for a sua intenção, eu agradeço por isso. — Ele deu de ombros e a olhou pensativamente.

— Você está me olhando estranhamente. No que você está pensando? — Ela perguntou com a intensidade grave de uma criança.

Sean deixou a cabeça cair contra a cadeira.

— Estou pensando, pequena, que você é incrivelmente atraente nesse velho vestido azul e eu gostaria de te beijar, de me calar diante do fogo com minha cabeça no seu colo e confiar que choverá torrencialmente lá fora para lavar todos os inevitáveis amanhãs.

Ele sorveu seu clarete em silêncio e continuou a examinar sua prisioneira como se não tivesse pensado em seu desconforto.

— Há algo estranho sobre esse vestido, — ele anunciou finalmente.

Assustada, Catherine recuou quando seu crítico se levantou da cadeira. Para sua irritação, ele começou a desfazer o laço de seu vestido. Apesar de não ser fresco, o xale ocultava a ousada exposição de seus seios, pressionados por um corpete apertado de corte quadrado.

— Por favor, não, — ela implorou indignada. — O grande lenço fichu é totalmente adequado. Eu pensei que as roupas deviam ser usadas como eu escolhi... — Um frescor distinto se estabeleceu em seus ombros enquanto o lenço leve escapava. Vendo o calor em seus olhos enquanto percorriam sua garganta e seios, ela sentiu uma onda de apreensão.

— Certamente você sabe que fichus não é mais usado por mulheres sofisticadas, — brincou ele.

— Eu não tenho desejo de ser sofisticada...

— Apenas adequada. — Ele sorriu e ela queria chutá-lo. Quando a inclinação de seus olhos se tornou mais perversa e seu rubor se aprofundou, ele soltou: — Eu não recomendo que você dê início a uma luta. Enquanto não consigo pensar em nada que prefira que te jogar no tapete, eu acho que seus gritos resultantes logo seriam mais de prazer do que indignação. Os homens na sala ao lado devem achar a progressão vocal muito excitante.

— Oh! — Ela bateu um pé e o olhou. — Um coelho de feno rotineiro é mais cavalheiro do que você! — Com o movimento repentino, Sean recuperou o fôlego. — Pare de me encarar! — Sua voz e pé subiram ao mesmo tempo, e ele rapidamente pegou seu pulso.

— Pare de bater o pé, pois toda vez que você se mexe eu, talvez, pense que possa... — Ele arrastou-a para a mesa, empurrou-a para sua cadeira e deu um puxão no sino. — Eu gostaria de jantar em paz, condessa. Devemos preservar as amenidades, ou você as esqueceu em sua breve estada entre os camponeses?

— Minhas maneiras não estão em questão, — ela sussurrou. — Você é o único que sugeriu uma luta no tapete!

Ele riu com facilidade enquanto pegava seu vinho na lareira e voltava para a mesa.

— Seu decote fez a sugestão. Sob as circunstâncias, eu não posso ser

responsabilizado.

Seus olhos se estreitaram.

— Suponho que, da mesma maneira, você se sente absolvido por ataques ao meu pai!

O humor de Culhane desapareceu.

— Você não está em posição de culpar ninguém. Você não sabia de nada e não se importava com a condição do meu povo antes de vir para cá. É notável que o seu esquecimento se estenda também às atividades do seu pai. Se você procura me perseguir rejeitando minha companhia, desilude sua mente. Esta noite vamos jantar juntos, conversar educadamente juntos e dormir juntos.

— Eu gostaria de deixar você congelar, — ela resmungou.

— Não, você não gostaria, — ele disse calmamente.

A porta se abriu naquele momento e Catherine, mordendo a réplica, olhou para cima.

— Moora!

— Milady. — Desviando os olhos, Moora começou a servir os pratos.

Catherine tentou aliviar a frustração da garota.

— Estou muito feliz por você e Maude terem se salvado.

A surpresa baniu a vergonha de Moora.

— Maude está bem o suficiente, eu suponho. Melhor do que eu, tendo seu descanso sob a grama fria e molhada. — Ela pegou o olhar de advertência de seu mestre, tarde demais, e ficou tensa, torcendo as mãos no avental.

— Ela está morta? — Catherine gaguejou e virou-se para Culhane. — Mas você disse... — Seus olhos escureceram. — Oh, Deus.

— Você tem o que fazer, Moora, — Culhane dispensou a menina pálida.

— Por quê? — Catherine murmurou. — Por que você não me contou?

— Porque eu sabia que você ficaria chateada.

— Posso participar do culto?

— Maude foi enterrada esta noite.

— É por isso que você estava atrasado... e tão molhado?

— Sim. — Ele não acrescentou que o padre local tinha escolhido considerar as circunstâncias da morte da louca como duvidosa e se recusava a realizar os últimos ritos, e que apenas ele e Flannery estiveram no túmulo para interpor o corpo.

— Enterrada em um buraco escuro na chuva, — Catherine sussurrou entorpecida.

Ele se inclinou e pegou o rosto dela em suas mãos.

— Poderia ter sido você. Fique feliz por estar viva. — Ela olhou para ele, sem dizer nada. Suas mãos abaixaram. — Beba seu vinho. Tudo isso

rapidamente. —Como uma criança em um chá imaginário, ela obedeceu. — Agora comece pelo porco assado e não pare até que você tenha comido. — Mesmo quando sua própria comida ficou fria, Culhane encheu seu copo e estimulou-a a comer e beber até que um traço de cor retornasse ao seu rosto. Deliberadamente, ele falou monotonamente de coisas fúteis até que suas pálpebras caíram, depois a pegou no colo e a levou para a cama.

Naquela noite, pesadelos assustadores deixaram Catherine abalada e encharcada de suor. Em momentos semiconscientes, ela se agarrava a Culhane aterrorizada. Incapaz de entender seus gritos incoerentes, ele só podia segurá-la, sussurrando baixinho e, embora exausto, a acalmava em um sono conturbado, apenas para encontrá-la se debatendo pouco tempo depois.

Abatido, com os olhos ardendo, Sean observou o nascer do sol e esfregou a barba escura da mandíbula enquanto ficava junto às janelas. Catherine estava dormindo intermitentemente. Atravessando o cômodo, ele derramou uma tigela de água fria e enfiou a cabeça nela. Ainda pingando, ele se barbeou rapidamente e se vestiu. Ele vestiu um manto contra a umidade e saiu para selar Mephisto.

Quando Catherine, pálida e abatida, rolou para cumprimentar Peg e uma bandeja de café da manhã, Sean bateu na porta do doutor Flynn. No momento em que ela vestiu um vestido de lã rosa, enrolou a mantilha de urze na cabeça e se dirigiu ao coche para ir a casa do Dr. Flynn, ele estava se despedindo.

— Alguém está doente? —ela perguntou.

O doutor Flynn pegou a mão dela.

— Não, mas esta jovem mula está lutando por problemas. —Ele olhou para Culhane. — Você não pode treinar homens do amanhecer ao escurecer e gastar cada momento livre em livros de contas sem prejudicar sua saúde. Atlas era um mito.

Culhane encolheu os ombros.

— Atlas era um tolo; ele servia a todos os interesses, exceto o seu.

Flynn zombou.

— E você o que faz?

Culhane retribuiu o olhar e, com um breve aceno para Catherine, subiu na sela, depois galopou o grande garanhão preto para Shelan. Flynn sacudiu a cabeça.

— Lá vai um tolo, de fato. Ele terminará em um laço se aquele bando de lobos que ele lidera não se virar contra ele primeiro. Ele é muito bom para tratar sua vida tão barato.

Franzindo a testa contra a névoa perfurada pelo sol, Catherine olhou para ele.

— Eu sou forçada a discordar, doutor. Ele é um homem cruel e perigoso. Eu duvido que alguém em Shelan seja uma ameaça para ele. Ele segura aquele lugar miserável em um aperto de ferro, impiedoso e insensível.

Um brilho apareceu nos olhos de Flynn.

— Você tem motivos para reclamar de maus tratos, mas eu acredito que o julga severamente. É Culhane o prestígio que mantém Shelan juntos, não Sean. Os irlandeses são muito rígidos em alguns aspectos. Sean é um bastardo, e eles não seguem bastardos, mesmo os legalmente aceitos; isso foi comprovado pelo confronto de O'Neills sobre a sucessão de Tyrone nos dias da rainha Elizabeth. Se Liam se fosse, o restante se espalharia como folhas de inverno.

Com os olhos apertados, os dedos de Catherine se apertaram no xale. Flynn inconscientemente forneceu a chave para a destruição sem sangue de Shelan.

O médico indiferente encarou o cavaleiro que estava no horizonte.

— Se Sean Culhane parece ser feito de ferro, é porque ele teve que ser assim. Você viu a vida brutal das pessoas comuns; no entanto, é muito melhor em Shelan do que na maior parte da Irlanda. Por causa de Sean, os resultados são povos alimentados, vestidos, abrigados, e dado um propósito além de suas existências fúteis de costume. Você diz que ele é insensível, mas ele veio aqui hoje por preocupação a você.

Ela olhou para ele espantada, depois fez uma careta.

— Eu devo tê-lo mantido acordado a noite toda.

— Eu não acredito que Sean pense em si mesmo frequentemente. Ele é autocrático, mas é o homem mais altruísta que eu conheço.

— Ele me considera como propriedade. Ele me mantém como tal. O dia em que ele se cansar de mim marcará o fim de sua preocupação.

— Mas com certeza você não acha que ele queira te matar?

— Eu sei demais, — ela disse categoricamente. — Às vezes, parece esquecer o quanto me odeia, mas ele sempre se lembra.

Ele deu um tapinha na mão dela.

— Você já teve o suficiente de medo e morte ultimamente. É hora de você pensar na vida. Uma jovem em Ruiralagh está dando à luz hoje. Eu quero que você ajude no parto.

— Mas eu não sei nada sobre bebês.

— Se eu duvidasse de suas habilidades, não pediria para você vir. Sean sabe que você está comigo; ele não vai procurar por você hoje à noite.

Vinte e uma horas depois, Eileen Devlin deu à luz um menino saudável, cujo rosto vermelho se enrugou em um gemido desdentado momentos depois que ele emergiu de sua mãe exausta. Os três que esperaram 30 longas horas por ele estavam convencidos de que ele era o bebê mais bonito da criação.

Das janelas do escritório, Sean viu uma pequena figura ajoelhada na encosta da colina contra um mar de esguichos. Ele vestiu o casaco, saiu de casa e rapidamente atravessou a charneca crescente. Catherine não o ouviu até que ele quase a tocou. O xale cobria a cabeça, os ombros e a serenidade do rosto cansado, quando se virou para ele, assemelhava-se à madona sem idade na capela de Kenlo. Ela havia plantado um punhado de flores silvestres brancas e semelhantes a estrelas do jardim de Peg, na terra fresca do túmulo de Maude Corrigan. Ele notou as impressões digitais dela no solo cru e fino. Embora as hastes estivessem um pouco frouxas, as flores balançavam bravamente na brisa do mar.

— Elas são chamadas de estrelas de Belém, — ela disse baixinho. — Se elas sobreviverem, cobrirão a encosta um dia.

Ele caiu sobre um joelho e socou a terra em torno de uma flor desamparada que estava tentando soltar-se.

— Como está o bebê?

Ela sorriu, uma luz suave em seus olhos.

— Um menino bonito. O doutor Flynn disse que foi um parto relativamente fácil para um primeiro filho. Apenas um milagre comum e cotidiano.

Sean começou a tocar sua bochecha, então relutantemente retirou seus dedos sujos e levantou-se, puxando-a com ele.

— Durma um pouco. Você precisa disso.

Ela olhou para ele, o xale soprado pelo vento lançando sombras angulares sobre seu rosto de ossos finos.

— E você? Quando vai descansar?

— Esta noite. — Ele sorriu fracamente. — Se nós pudermos adiar a briga costumeira.

Seus lábios se contraíram.

— Eu acredito que minha contenção é igual à sua.

Naquela noite, quando Sean entrou no salão, assobiou baixinho, surpreso de satisfação. Com os cabelos semi presos numa cascata solta e ondulante, Catherine esperava junto a lareira em um vestido de seda verde-claro que acentuava a iridescência de seus olhos. Lírios creme pequenos estavam bordados com fios de ouro no painel do corpete de renda e mangas justas terminavam no cotovelo em uma espuma suave de rendas. A renda estava desbotada, o ouro manchado de bronze e seu cabelo era comprido demais para ser enrolado em cachos firmes de uma era passada, mas pelo âmbar da luz de velas sua aura era mais suave, mais atraente do que a de qualquer beleza

envelhecida.

— Vire-se, — ele ordenou suavemente. Graciosamente, ela obedeceu. O cabelo preto-azulado que caía nas costas dela parecia puxar ligeiramente a cabeça dela para trás em seu esbelto pescoço, dando-lhe, naturalmente, uma vantagem orgulhosa de um vestido desafiador. Sua cintura parecia pouco mais que uma mecha, e seus pequenos seios eram uma perfeição cremosa. — Sim, — ele respirou, — é um verdadeiro sangue que você tem, condessa. Se sua avó se pareceu com você, o velho Louis deve ter galopado atrás dela pelo comprimento de Versalhes.

Sorrindo timidamente, ela fez uma profunda reverência.

— Esse vestido exige pérolas, — observou ele. — Infelizmente, os cofres da família não têm essas bugigangas há algum tempo. Ainda... — Ele se aproximou dela, largando a jaqueta em uma cadeira. — Eu prefiro você sem joias. — Sorrindo quando seus olhos se arregalaram, ele enfiou um dedo sob a fita em sua garganta. — Até isso compete com seus olhos, inglesa.

Ao contrário da noite anterior, ela ficou em pé sem protestar quando os dedos dele soltaram a fita, acariciando seu pescoço quando a retirou. Seus olhos seguraram os dela por tanto tempo que sua confiança foi desfeita. Quando ele começou a tocar sua bochecha, ela recuou, balbuciando apressadamente: — Estamos comendo codorna hoje à noite. Espero que seu cansaço resista a uma comida tão tediosa; é tão difícil extrair carne de pequenas aves de caça.

— Não menos difícil do que extrair uma resposta do jogo mais interessante, — respondeu ele devagar.

Amaldiçoando sua fraqueza por se vestir para agradá-lo, ela murmurou: — Vamos nos sentar? — Ele educadamente se afastou para deixá-la passar e ela fez isso rapidamente, mas de alguma forma ele chegou à mesa a tempo de sentá-la com cortesia exagerada. Enquanto esperavam por Rafferty, o silêncio tornou-se pesado.

— Espero que você tenha dormido bem, — disse Culhane conversando. Se não fosse pelo brilho levemente zombeteiro em seus olhos verdes, ela quase podia acreditar que ele era solícito.

— Muito bem, obrigada. Fiquei com preguiça; não me levantei até o final da tarde. — Seus olhos azuis escuros levantaram-se brevemente para os dele, depois se afastaram novamente.

— Meus homens devem ter achado sua visão descendo a escada um agradável aperitivo.

Manchas de cor iradas apareceram em suas bochechas, apesar de sua firme resolução de não lutar.

— Ninguém me viu. Eu desci cedo.

Seus lábios se curvaram preguiçosamente.

— Você estava tão ansiosa pela minha companhia?

— Dificilmente ansiosa, — ela retrucou. — Eu me ressinto tendo que desfilhar como sua amante.

— Se eu quisesse desfilhar com você, estaríamos jantando em algum lugar menos privativo. Por que tão relutante, condessa? Você não é nada atraente. E sua avó era uma cortesã, então por que o pudor? Você é um pouco aborrecida para alguém tão jovem.

Ela olhou para ele.

— Comparado a você, Átila era gentil. E minha avó não era cortesã, qualquer que seja sua informação sórdida!

— Tanto para sua contenção, — ele comentou secamente. — Ela não era amante de Louis XIV?

— Por questão de meses, sim! A posição do marido e a fortuna estavam em jogo.

— Oh? Ouvi dizer que ela lucrou pessoalmente. Uma questão de colar de diamante, safiras e outras bugigangas insignificantes.

Catherine corou.

— Eram presentes. Por que ela não deveria tê-los aceitado? Louis tinha o que queria.

— Uma atitude prática, milady. Você pode ser mais uma amante do coração do que pensa. Eu me pergunto... o que você daria para proteger um homem que ama?

— Nunca me apaixonei e, com alguma sorte, pretendo fugir desse estado.

— Acho que não, condessa. Você me faz lembrar de um pequeno porco-espinho... Todas as farpas do lado de fora, mas vulnerável no interior — Então eu devo ter cuidado com os cães, senhor, — ela voltou com azedume.

— Sim, — ele sorriu lentamente, — tome cuidado, ou eles levantam sua barriga para cima.

Sua quente troca de farpas foi interrompida por Rafferty e sua bandeja, ela olhou para o desconfortável homem o tempo todo que ele a serviu. Ele serviu apressadamente Sean, depois retirou e ela espetou violentamente um pássaro dourado, que derrapou instantaneamente no prato e pousou no tapete Aubusson. Culhane explodiu em uma gargalhada rouca. Ela fez uma careta para ele tão ferozmente que sua diversão aumentou. Aos poucos, seu próprio senso de humor fez cócegas por sua risada contagiante, Catherine começou a rir e finalmente se juntou completamente à sua alegria.

Atacando o jantar com apetites saudáveis, os dois finalmente se sentaram relaxados.

— Estou começando a entender por que as senhoras da geração de nossas mães desmaiavam a cada passo — suspirou Catherine. — É impossível respirar e comer neste vestido.

Sean sorriu maliciosamente.

— Devo aliviar seu dilema?

— Eu acho que não, senhor. Esses laços são tudo o que impedem a minha explosão. — Ela se levantou e, carregando seu conhaque, foi sentar-se no tapete diante do fogo, as saias esparramaram para fora como uma flor de seda. Sean a seguiu e sentou-se ao lado dela, um cotovelo apoiado em um joelho erguido. Ele silenciosamente se ofereceu para encher seu copo novamente. — Não, obrigada. Eu prefiro subir a escada sozinha esta noite. — Seu sorriso ficou pensativo. — O doutor Flynn me disse que você foi vê-lo por minha causa. Por quê?

Seus olhos verdes eram ilegíveis.

— Nós dois precisávamos dormir. Alguma outra pergunta?

— Não, — ela respondeu suavemente, — sem outras perguntas. — Ela estudou o perfil dele no brilho do fogo: o nariz reto; a boca dura e sensual; a mandíbula magra e teimosa; a postura orgulhosa da cabeça escura; o verde nebuloso de seus olhos sob os cílios negros. — O doutor Flynn está certo; você parece exausto. Não há alguém a quem você possa delegar autoridade?

Seus lábios se curvaram.

— Como Liam? Ele é quase inútil. Flannery? Ele tem quase sessenta. Chinelos macios diante de uma lareira são tudo o que ele quer, e ele os ganhou. Essas últimas noites eu comecei a compartilhar sua inclinação. — Ele olhou para o fogo por um longo momento.

De repente, ele esticou o corpo no tapete, colocando a cabeça no colo dela. Ele, sonolento olhou em seus olhos assustados.

— Acorde-me quando se cansar de bancar o travesseiro. Preciso apenas de alguns minutos... — Suas palavras sumiram quando seus olhos se fecharam. Segundos depois, sua cabeça caiu e sua respiração se estabilizou.

Catherine ficou imóvel por um longo tempo. Totalmente relaxado, ele parecia infantil e ela podia finalmente visualizá-lo como mais jovem que Liam. Ele parecia indefeso. Muito levemente, ela começou a acariciar suas têmporas e sobrancelhas, alisando a franja preta e sedosa de seu cabelo. Então, quase sem perceber, as pontas dos dedos dela vagaram até os lábios dele, traçando-as.

Sua mão veio do nada e gentilmente pegou seus dedos errantes. Olhos verdes olhavam aturdidos nos dela. Afastando-se do colo, ele a pressionou no carpete, de modo que ele se debruçasse parcialmente sobre o corpo dela. Removendo os poucos grampos de seus cabelos, ele espalhou as longas

madeixas como uma nuvem escura. Seus olhos ficaram escuros, enquanto seus seios, pressionados bem acima do corpete, subiam e desciam rapidamente; mas quando seus lábios baixaram para os dela, ela ficou tensa.

— Não, eu... eu não quis fazer... não faça!

O olhar em seus olhos desapareceu e ele rolou violentamente para longe dela. Por um longo tempo ele ficou imóvel, seu rosto desviado.

— Sinto muito, — ela sussurrou. — Eu não deveria ter tocado você. Eu pensei que você estivesse dormindo.

— Você poderia testar as paixões dos mortos, menina, — ele replicou. — E se você não quiser tentar a minha ainda mais, sugiro que se recolha.

Ela se levantou rapidamente quando ele se levantou. Seu rosto era a máscara dura habitual quando ele se elevou sobre ela.

— Liam deve voltar nos próximos dias, — ele disse abruptamente. Um olhar fugaz de alívio indisfarçado apareceu em seus traços adoráveis e sua máscara escorregou um pouco. Virando as costas e encostando-se contra a lareira, ele levou o copo de conhaque aos lábios enquanto ela fechava a porta. Momentos depois, o vidro fino explodiu em fragmentos brilhantes. Ele olhou para o sangue escorrendo por seus dedos e preguiçosamente pegou os pequenos punhais de cristal de sua carne, acolhendo a dor como uma distração da dor maior e inesperada que seu olhar desprotegido lhe causara. Depois de embrulhar a mão em um guardanapo, ele começou a beber constantemente do decantador, terminando-o logo antes de ficar bêbado demais para subir as escadas.

Quando os olhos de Catherine se abriram pela manhã, seu nariz enrugou-se de desgosto, cheirando a emanção de álcool avassaladora. Virando-se de lado, ela viu um Culhane inconsciente e parcialmente vestido deitado de costas, a camisa descartada torcida debaixo dele, a mão direita desajeitadamente envolta em um guardanapo ensopado de sangue. Ele fedia a conhaque e parecia pálido.

Envolvendo rapidamente um lençol sobre si mesma, ela saiu da cama e pegou uma toalha na pia. Depois que ela encharcou e torceu, trouxe para a cama, então cuidadosamente soltou seus dedos da atadura improvisada. A mão, gravemente ferida, ainda estava salmourando, embora os dedos estivessem grudados em sangue seco. Com cuidado para não acordá-lo, ela lavou os cortes e encontrou algumas pequenas lascas de vidro. Xingando baixinho, Catherine deu um puxão rápido na corda do sino e começou a despi-lo. Não havia necessidade de se preocupar que ele pudesse despertar. Ela tinha acabado de puxar um lençol sobre ele quando Peg aparece na porta.

— O que o aflige? — ela perguntou curiosa, indo até a cama. — Ele está

branco como o lençol.

— Bêbado, — Catherine disse brevemente. — Ele machucou a mão. Você pode encontrar algumas ataduras e vinho para lavar a ferida?

— Sim. — Peg franziu o cenho.

Ela olhou para a mulher mais jovem, desconfiada.

— Vocês dois ainda estavam brigando?

— Não, Peg, não estávamos brigando. — Com um olhar de ansiedade, Catherine sentou-se na cama. — Eu não tenho ideia do que o fez beber. Duvido que a minha habitual rejeição de seus avanços pudesse tê-lo afetado. Ele estava exausto ontem à noite; talvez simplesmente não conseguisse se segurar.

— Ha! — Peg respondeu. — Esse menino pode embebedar a frota britânica quando se decidir por isso! Ele queria ficar bêbado.

— Bem, ele deve dormir, mesmo que leve o dia todo. Ele está praticamente caindo. — Ela deu ao irlandês fedendo um olhar ictérico. — Se ele não estivesse bêbado, precisaria de um incentivo de um machado broadax para mantê-lo na cama.

— Sim, é verdade, — concordou Peg placidamente.

Catherine franziu a testa, considerando.

— Talvez Liam possa tomar parte do trabalho. Ontem à noite, Sean disse que ele voltaria esta semana. Com certeza ele não é totalmente inútil.

— Talvez. E o que você disse?

— Sobre o que? — Catherine perguntou, preocupada.

— Sobre o regresso de Liam para casa.

— Oh, eu fiquei muito feliz em revê-lo. — Um sorriso suave invadiu os lábios de Catherine. — Liam é realmente um pouco como um menino envolvente. Estes últimos meses teria sido insuportável sem a sua bondade. Eu provavelmente ainda estaria até os cotovelos de peixes e na lavanderia se não fosse a sua intervenção.

Peg inclinou a cabeça para um lado.

— Você está certa sobre uma coisa: Liam é mais menino que homem. Mas quanto ao fato de você ter saído da pilha de peixes, não é provável. Sua intercessão com Sean hoje em dia é tão improvável quanto São Pedro chutando o traseiro de meu pai. Se você está cheia de gratidão, coloque-a onde é devido. Esse moço inconsciente pode não estar em forma alguma para dizer “você é bem-vinda”, mas é para ele que deve se virar, e não para o chamado cavaleiro lírio-branco. Liam não chegará em casa andando pela água, sabe. Ele está chegando em um navio. — Peg saiu para encontrar ataduras, deixando a garota confusa se vestir.

CAPÍTULO 8

O IDIOTA E A BORBOLETA

Catherine deixou seu carcereiro banhado e enfaixado, depois dirigiu-se a Ellie para a enfermaria em um ritmo acelerado. Com exceção do doutor Flynn, a enfermaria estava vazia e permaneceu assim durante todo o dia. Tinham apenas dois visitantes: um bêbado solitário sofrendo de delirium tremens e o garoto meio idiota, Padraic, que limpava o local e esvaziava os penicos secos como se estivessem cheios. Ela passou a manhã lendo para Flynn. Depois do almoço, atravessaram os campos até o penhasco de Malinmore, que dava para a baía.

A visão era enorme. A caminho do penhasco, Flynn apontou as montanhas, que ele chamava de “montes de fadas,” montes em forma de baleia que retumbavam do solo rochoso em enormes pilhas de cascalho e terra. Grande parte da cobertura rochosa da área era exposta, deixando o solo costeiro delgado e inábil, e os habitantes locais forçados a se sustentarem do mar. A cordilheira costeira, que corria para Derryveaghs, erguia-se em uma névoa azul ao redor da baía. De cima do penhasco, ele apontou para o distante rio Eske, que se enroscava como uma espessa serpente de prata no fundo da curva oposta da baía. Da grande altura de Malinmore Head, podia-se ver a espetacular costa por quilômetros. Escarpas gigantescas de calcário, com centenas de metros de altura, projetavam-se ao longo da costa como navios de pedra ancorados. Era selvagem e rochoso e selvagemmente belo, a arrebentação da base formando fileiras brancas emplumadas.

Monotonamente, elas atacavam a costa, apenas para serem jogadas de volta para marchar novamente.

No caminho de volta para Shelan no final do dia, Catherine estava cantando uma canção obscena para Ellie quando um cavaleiro se inclinou em torno de uma curva na estrada, quase derrubando o coche de vime leve. Latindo, Ellie puxava sua coleira até que Catherine mal conseguia controlá-la. Quando o cachorro se acalmou, ela se virou no banco de madeira e olhou com raiva para o cavaleiro, que olhava para trás. De repente, sua raiva foi apagada.

— Liam!

O jovem senhor desceu do cavalo e foi até o coche.

— Me desculpe por ter te assustado, Catherine. Você está bem?

Catherine estava acostumada ao pedido de desculpas do jovem irlandês, mas

este era diferente: menos desastrado, menos... apologético. Seus cabelos louros bronzeados pelo sol poente, Liam estava profundamente bronzeado, seus olhos mais azuis do que um mês atrás.

— Sim, claro, estou bem. Bem-vindo a casa! — Ela sorriu para ele.

Ele descansou uma mão enluvada na borda tecida do coche.

— Eu saí para encontrá-la. Flannery disse que você estaria na enfermaria. — Seus olhos de aprovação perceberam seu traje. — Você está adorável. Aparentemente, seu trabalho melhorou na minha ausência.

Ela o olhou atentamente.

— Talvez por causa da sua ausência. Você fez um pacto com Sean para ir embora se ele aliviasse os termos da minha prisão?

Ele encolheu os ombros.

— Sim, nós tivemos um acordo.

— Mas por que ele queria que você fosse?

Seus lábios se apertaram.

— Nós brigamos. Eu não vou dizer que sinto muito por isso. A fenda foi aberta há muito tempo. Eu não lutei fisicamente com ele, então, pelo menos, cumpri minha promessa.

— Liam

— Ouça, — ele interrompeu urgentemente. — Eu só posso vê-la agora. Sean estava muito ocupado para me acompanhar. — Observando seu silêncio, ele mergulhou com determinação. — Você disse uma vez que queria ir pintar comigo. Eu posso ir depois do almoço, se você puder iludir Flynn por uma hora. Vou sinalizar com um lenço do penhasco. Você pode ver a elevação do lado Sul da enfermaria e sinalize de volta.

Ela ainda hesitou, sem saber o por que.

— Mas os pacientes...

Ele descartou a objeção.

— Flynn não teve pacientes desde que sua esposa morreu há sete anos. Diga sim. Não há nenhum dano nisso, — ele pressionou, então riu levemente. — Certamente você sabe que minhas intenções são honradas?

Ela corou.

— Não é isso. Eu... você está certo, é claro. Admito um caso furioso de febre primaveril... suponho porque às vezes tenho medo que essa primavera possa ser a última.

Vendo uma nuvem em seu rosto, ele pegou a mão dela.

— Não se preocupe, Catherine. Você logo estará livre.

Catherine olhou para ele pensativa. Ele não era mais o jovem tímido e hesitante que tinha sido. Agora ele parecia confiante, como se soubesse o que

queria e como alcançá-lo.

Ainda assim, ela ficou desconfortável depois que ele saiu. Ela mordeu o lábio enquanto o coche rolava. Ela deveria se deliciar com a nova assertividade de Liam, mas não estava. Sua saída temporária de Shelan para aliviar sua sorte era uma coisa; ser convidado a deixar seu lar ancestral para sempre era outro. No entanto, ela deveria persuadi-lo a sair para dismantelar os rebeldes em Shelan. Será que ela poderia levá-lo à pobreza e a um certo exílio, até mesmo o perigo de sua vida se seu irmão descobrisse sua intenção?

Sean ainda dormia quando Catherine entrou no quarto. Tirando o xale, ela olhou para ele por um longo momento. Dormindo, ele parecia vulnerável, sozinho, não um assassino determinado a se vingar. Se ele a odiava sem razão, quanto mais a odiaria por destruir o trabalho de sua vida, sua amarga razão de existência? Ela teve um estranho pressentimento de que o desastre para todos eles havia sido posto em movimento.

Mesmo enquanto ela o observava, os cílios de Sean cintilaram e seus olhos verdes se fixaram nos dela com uma intensidade desprotegida que era quase dolorosa. Ele apoiou-se em um cotovelo, deixando o lençol cair descuidadamente pelo seu corpo magro. Uma onda inesperada de desejo quase a deixou tonta e ela abraçou o xale com força para acalmar sua tensão.

Sean olhou para ela como se ela fosse uma aparição, a luz das janelas nas costas dela projetando um halo em sua volta. Misericordiosamente, sua atenção instantaneamente mudou para a luz.

— Bom Deus, é crepúsculo? Danação! — Ele lançou as pernas para fora da cama e jogou as cobertas para trás, olhando com raiva para suas calças. Ela recuou quando ele se aproximou para encontrar sua roupa cuidadosamente dobrada no armário. — Eu sei que você quis fazer o bem, inglesa, mas eu não agradeço por me deixar desperdiçar o dia. — Ele estremeceu quando rapidamente vestiu suas calças. Percebendo sua mão cuidadosamente enfaixada, ele olhou para Catherine, que estava com o rosto na sombra. — Meu descuido com minhas taças não foi menos tolo do que você me deixar bancar o indolente escudeiro rural. — Fracamente intrigado com sua falta de resposta, ele provocou levemente: — Você é uma ostra hoje à noite, inglesa. Teme que eu a leve de volta para o seu calabouço? Tudo somado, me deixando dormir, você provavelmente me salvou de uma dor cabeça na melhor das hipóteses, e custou-me o sono desta noite para uma luta com as contas na pior das hipóteses. — Favorecendo a mão machucada, ele vestiu uma camisa, os músculos esticados sobre a barriga e as costas. Quando ele abotoou desajeitadamente, ele olhou para ela mais de perto. — Por que tão triste? Ou não está? Eu mal posso ver seu rosto.

— Liam está em casa, — ela respondeu calmamente.

Seus dedos hesitaram, depois continuaram mais devagar.

— Você ficou feliz o suficiente ao ouvir sobre seu retorno na noite passada. O que há de errado? Ele trouxe uma rica herdeira de volta de Baltimore?

Ela se virou e caminhou em direção às janelas. Ele podia apenas ver os planos estranhamente bonitos de seu rosto na luz escura. Ele se moveu para ficar bem atrás dela, suas mãos subindo para apertar seus ombros levemente, naturalmente.

— Qual é o problema, Kit? Quando você não me irrita e nem me perturba, eu sinto que estou ganhando. Chame-me de um nome sujo e você se sentirá melhor.

Seus lábios estavam perto do cabelo dela e a mente dela afundou. Em outro momento ele iria beijá-la e sua resistência iria desmoronar.

— Sean, deixe-me voltar para a Inglaterra. Mate-me. Faça o que quiser, só deixe isso acabar agora.

Sean baixou as mãos e afastou-se. Silenciosamente, ele andou à espreita, procurando as botas, depois as encontrou e sentou-se, enquanto desajeitadamente as puxava com uma das mãos.

— Eu mereço uma resposta? — Catherine perguntou.

— Não, — ele disse brevemente, levantando-se e, sem olhar para trás, saiu do quarto.

Catherine jantou sozinha, e depois de passar algumas horas estudando um livro emprestado de Flynn, foi sozinha para a cama, deitou-se sem dormir, enquanto a fina linha de prata derretida da lua nova escorria pelo mar negro e polido. Finalmente, ela caiu em um sono perturbado e ao amanhecer acordou para encontrar o lado de Culhane da cama sem uso. A chuva obscurecia o horizonte; o quarto estava frio e úmido. Depois de se lavar, ela vestiu um vestido de veludo azul escuro e uma anágua extra adicionada para o calor. Lá embaixo, ela persuadiu Peg a encontrar um dos velhos mantos de Culhane, depois se enrolou bem antes de sair no tempo cinzento e úmido.

Depois de uma manhã estudando e lendo com Flynn, ela entrou na ala da enfermaria ao meio-dia para examinar o penhasco, mas nenhum lenço branco acenou através da neblina. Liam dificilmente organizaria uma reunião na chuva, e um passeio em tal tempo sujo seria difícil de explicar a Flynn. Quando quase duas semanas seguidas de tempo úmido ininterrupto, ela ficou quase aliviada. Ela viu Liam apenas em breves ocasiões, nunca sozinha.

Flynn descartou sua acusação no início do tempo particularmente ruim que ela poderia chegar em casa antes que escurecesse completamente. Em um desses

dias tempestuosos, quando Catherine entrou no foyer, ela viu a porta do salão entreaberta. O salão de festas de marfim e dourado, embora do mesmo tamanho do grande salão, não era usado porque Liam se recusava a expor seus afrescos e candelabros ao vandalismo descuidado dos mercenários de seu irmão. Curiosa, ela deu uma espiada, e encontrou o quarto vazio, entrou e fechou cuidadosamente a porta. Deixando um rastro de poças através do piso polido, ela se apressou para a silhueta reluzente do piano de nogueira contra as janelas venezianas lavadas pela chuva. Depositando o manto no chão, sentou-se no banco e ergueu a tampa do piano, depois tocou uma nota que pairava timidamente na comprida sala. Acima de cadeiras douradas em filas solitárias ao longo da parede, cortesãos pintados e senhoras pareciam ouvir criticamente do frescor do jardim. Fazendo uma careta por sua própria falta de jeito, ela passou por exercícios de limbering. Graças ao treinamento precoce de um mestre francês exigente, ela tinha sido de longe a melhor pianista da academia, mas agora seus dedos estavam rígidos por falta de prática. Finalmente ela se aventurou A rapsódia, Ode à Primavera de Schubert, e gradualmente seus dedos começaram a responder. Fantasmando, ela imaginou que o público unidimensional estava começando a sorrir e bater os pés com o desejo de dançar.

De repente alguns cristais nos candelabros tilintaram, e ela percebeu que a audiência não era toda uma criação de tinta. Uma Moora de olhos redondos, com um balde na mão, estava do lado de dentro da porta.

— Entre e feche a porta, — Catherine chamou suavemente.

Em uma agonia de timidez, Moora obedeceu, chegando hesitante ao pianoforte, seus sapatos pesados ecoando no chão nu.

— Eu ouvi a música. Era tão suave e bonita que eu pensei que eram fadas. — Ela fez uma pausa, engolindo em seco. — Ninguém aqui toca além de lorde Liam, só que ele não toca o piano desde que voltou de Roma.

Catherine sorriu com tristeza.

— Estou sem prática também, mas tocar para mim é um pouco solitário. Gostaria de ouvir o resto? — Moora hesitou, depois assentiu. Enquanto Catherine continuava a brincar, os olhos da garota irlandesa ficaram maravilhados.

— É adorável, — ela respirou, ainda se balançando quando as últimas notas morreram. — Como mágica.

Catherine sorriu.

— Sim, mas uma magia que você pode aprender a convocar tão facilmente quanto eu. Você gostaria de tentar?

O êxtase de Moora desapareceu e seus olhos caíram.

— Eu não mereço isso. Pensei que o Mestre Sean estaria me castigando pelo que fiz; consegui o dobro de tarefas, é tudo. Nem preciso mais limpar peixe. — Seus olhos se ergueram, aquecendo com vergonha e confusão. — Ma12 disse que você o impediu de me punir como ele queria.

Inconsciente Sean tinha ouvido seus pedidos em relação a Moora, Catherine sentiu um aperto em seu coração. Será que ela alguma vez entenderia o humor mercurial do irlandês? Ela apertou a mão da menina.

— O desespero pode levar alguém a fazer coisas perigosas e improváveis.

— Isso pode, condessa, — disse uma voz clara e definida da porta.

Moora recuou involuntariamente contra Catherine quando Liam Culhane caminhou na direção delas.

— Não há necessidade de ter medo. — Catherine firmou a garota com uma pressão firme nas costas. — Lorde Culhane simplesmente veio se juntar ao nosso recital. Não foi, meu senhor?

— Sim, eu vim. — O jovem de cabelos loiros sorriu. — Vamos fazer um dueto, Lady Catherine?

Dando a ele um sorriso vitorioso, ela arrastou a coxeante Moora para o assento.

— Eu estava prestes a mostrar a Moora algumas escalas simples. Naturalmente, qualquer acréscimo à lição é bem-vindo.

Moora tinha dificuldade até mesmo com escalas básicas, pois não sabia ler; letras atribuídas a notas não faziam sentido para ela. Com frases simples e rimadas, Catherine ensinou-a a interpretar uma escala tímida e jurou silenciosamente ensinar-lhe o alfabeto. Percebendo o nervosismo de Moora na presença de seu mestre sutilmente bocejante, Catherine atraiu Liam para uma conversa leve e provocante que gradualmente permitia que Moora relaxasse e até mesmo participasse. Quando a menina administrou suas escalas obstinadamente várias vezes sem erro, Catherine mostrou-lhe uma canção simples; então, para dar a ela uma ideia da estrutura musical, ela elevou a peça a um minueto fácil, mudou o tempo para uma fuga e depois a expandiu para uma valsa. Liam bateu palmas com entusiasmo sem tato, alheio ao débil rubor de Moora.

— Excelente. Você me faz feliz por ter ficado acordado.

— É tão bom o que você fez; é a sua vez de tocar. — Quando Liam deslizou ansiosamente para o banco, Catherine se deslizou silenciosamente para o outro lado, impulsionando Moora suavemente, mas propositalmente à sua frente. Liam ficou sozinho, perplexo mais uma vez.

— Se você tocar um minueto, — ela persuadiu, — mostrarei a Moora uma dança apropriada para um salão de baile. — Dando a ele nenhuma chance de relutar, ela rapidamente levou Moora, desajeitadamente, para o chão.

— Nós vamos ter que remover nossos sapatos, — Catherine disse a ela. — Eu vou te ensinar a ser uma lady, em seguida, serei o cavalheiro e seu parceiro. — A garota irlandesa mostrou uma aptidão surpreendente para danças e imitou facilmente a graça casual de seu parceiro, apesar das notas inicialmente enferrujadas de Liam. Sorrindo maliciosamente uma para a outra, as duas garotas começaram a competir sutilmente. Catherine liderou o caminho para passos cada vez mais complicados e a garota irlandesa seguiu praticamente sem erros. Liam, completamente surpreso com a insuspeita habilidade de Moora, estava abertamente admirando. Por fim, Catherine parou e fez uma profunda reverência. — Eu declaro, — ela riu alegremente com um sotaque provocante quando Liam aplaudiu, — você me superou completamente!

Moora divertidamente imitou a reverência tão apropriadamente quanto um espelho enquanto Liam aplaudia.

— Eu danço bem agora, não danço?

— Belamente! — Catherine assegurou-lhe. — Na verdade, tão maravilhosamente bem que você pode ter o talento para ter sucesso no balé.

Moora parecia duvidosa.

— Você quer dizer, onde fadas voam em seus pés inomináveis para os ricos ficarem boquiabertos?

Liam riu.

— Moora, você entendeu exatamente a ideia.

Catherine olhou-o em silêncio divertido.

— O balé é mais do que uma demonstração de anatomia. Minha avó, que estudou com Beauchamp na corte de Louis, considerou-a uma parte indispensável da minha educação. — Vendo o rosto ainda duvidoso da garota, ela deu a Liam um olhar desafiador, então começou a soltar o vestido.

— Cristo, — ele jurou baixinho. — O que você está fazendo?

— Se você viu um balé, meu senhor, você é sofisticado o suficiente para aceitar a necessidade de trajes leves para a liberdade de movimento. — O queixo de Moora caiu quando Catherine tirou a camisola, anáguas e pantaletas, amarrou um pouco o cabelo com um laço do vestido, depois se dirigiu ao lorde esbugalhado. — Por acaso você conhece o Concerto de Mozart em Sol Maior? — Vagamente, ele assentiu.

Catherine flexionou os músculos, depois assentiu para ele e começou a mover-se com graça. Logo seus movimentos adquiriram uma precisão rápida, de beija-flor, depois voltaram a ser uma valsa fluida, mergulhando, girando, seus pés descalços arrancando os intrincados desenhos das frases mais estilizadas. Com os braços quase líquido, a graça crescente de uma cotovia voadora, seus bourrees fugazes e piques em tournants roçavam todo o salão de

baile. Ronds de jambe e l'air seguiram rápidos movimentos de raspão dos pés. Enquanto a música diminuía, o controle necessário para o ritmo tecnicamente mais difícil parecia imperceptível. Com equilíbrio impecável, ela terminou uma pirueta com uma extensão em arabesco, anáguas caindo em um suave borrão de branco enquanto ela ficava em silhueta em uma protuberância profunda contra as janelas cobertas de chuva. Os dedos de Liam quase pararam de se mexer enquanto a poesia viva da dançarina o absorvia como uma chama fria e intensa, azul e branca à luz fraca, incandescente. Ele teria ficado feliz para sempre, mas Catherine caiu no chão. Ele rapidamente foi até ela.

— Você está bem?

Molhada de suor, ela olhou para ele e ofegou: — Muito bem! Embora eu me arrependa disso pela manhã... sinto-me como um bebê chorão! —Ele ajudou-a a se levantar e, apesar de seus suspiros, ela lançou-lhe um olhar travesso. — Você ainda está convencido, meu senhor, que o balé é um desfile de bailes?

— Você me faz sentir como um idiota; pior, um incompetente, — respondeu ele, penitente. — Eu nunca percebi mais intensamente os limites da minha arte. Quando você parou de se mover, pareceu que meu coração parou de bater. Essa indefinição é uma agonia sublime para mim.

Seu mal-estar desapareceu e ela murmurou baixinho: — Ainda há liberdade na perda. —Ela se virou para Moora, que estava sentada tensa em sua cadeira dourada. — O que você acha, Moora? Você gostaria de tentar? —Os olhos da garota, já inexplicavelmente tensos, ficaram desesperados e ela passou deles à porta. Silenciosamente recostando-se a porta com um leve sorriso sardônico, estava Sean Culhane. Lentamente, ele se endireitou, virou-se e saiu da sala.

Quando Catherine, sem fôlego e desgrenhada, entrou no Salão das Rosas, o irlandês observou-a com o mesmo olhar levemente divertido e ligeiramente desagradável que ele usara no salão de baile.

— Sinto muito por me atrasar. Perdi a noção do tempo, — ela balbuciou, apressadamente caindo em sua cadeira como uma estudante errante. Ela ergueu o cabelo, que ficou presa no rosto, uma rápida limpeza com a manga. Ela não se parecia nada com a dançarina requintada de momentos antes.

— Eu sinto muito também. Estou com fome. Moora vai se arrepender também. Ela ficará acordada até o fim de seu trabalho. E Liam... —Seu sorriso ficou um pouco mais desagradável. — Liam vai se arrepender também.

Instantaneamente, seus pelos se arrepiaram.

— Não foi culpa dele, ou dela! Eu me esgueirei para tocar o piano.

— E aqui eu pensei que Liam tinha melhorado radicalmente. Esta foi a primeira vez que seu Mozart não soou com os dedos no chumbo.

— Você o ouviu tocar e muito bem também. Ele adora música!

— E você achou que seria bom se ele fosse te adorar. Me desculpe, meu animal de estimação, mas você já é suficientemente apreciada pelo seu amante atual. Você não tem que andar em pantalettes para atrair outro.

— Seu... hipócrita! —ela atacou, gaguejando de raiva. — Seu idiota pomposo e sem cultura!

— Você é conivente, senhora-traseiro-acenando-para-outro! —Ele rugiu, suas sobrancelhas se encontrando em uma carranca negra.

— O que?! —Ela ofegou, recuando em seu assento.

— Não me dê esse olhar inocente! —Ele rosnou. — Que melhor maneira de envolver Liam no seu dedo do que bancar a ninfa etérea? Ele está babando atrás de você como um cão atrás de um cervo!

— Minha dança não era nem indecente nem inconveniente! Eu não estava tentando atraí-lo! —Meio soluçando, ela começou a temer que ele estivesse certo em julgar a reação do irmão. — Por que você deve arrastar tudo para a sujeira! —Enquanto lágrimas escorriam de seus olhos, Sean viu que ela estava genuinamente inconsciente da paixão de Liam. Ele suspirou quando ela se dissolveu em lágrimas e baixou a cabeça em seus braços.

Finalmente ele mergulhou o guardanapo no copo de água e foi até ela. Deixando cair um joelho ao lado dela, ele firmemente segurou o pano úmido e frio na parte de trás do pescoço dela. Ela gritou e tentou afastar-se.

— Fique quieta. Você já fez uma bagunça suficiente. —Sua voz era rouca, mas estranhamente gentil. Catherine se calou obedientemente, ombros ainda tremendo. Franzindo a testa para o amontoado de fita que perdeu vários laços, Sean começou a revirar o vestido.

Ela ficou em silêncio enquanto ele atava, e quando ele terminou, ela disse em uma voz abafada, sem olhar para cima.

— Você acha que eu me comportei como uma prostituta, não é?

Ele sorriu torto.

— Ambos, prostituta e anjo, pequena. Eu mal posso censurar o gosto de outro homem em mulheres quando coincide com o meu próprio.

— Eu não quero que ele esteja apaixonado por mim, — ela fungou.

— Olhe para mim, sua pequena bruxa encharcada, — ele ordenou suavemente. Ela virou a cabeça e cautelosamente olhou para ele. Ele ofereceu-lhe um guardanapo seco. — Quem poderia se apaixonar por uma mulher com o nariz escorrendo? —Ele afastou gentilmente o cabelo do rosto dela, em seguida, voltou para a sua própria cadeira quando um criado trouxe o jantar. Quando o homem se retirou, Sean olhou com curiosidade a acompanhante. — Você tem alguma ideia do que fez esta tarde, não só para Liam, mas para Moora? —Ela

silenciosamente balançou a cabeça, seus olhos duas grandes estrelas molhadas e brilhantes. — Por uma cotovia, e por um senso de filantropia fora do lugar, você deu a Moora um vislumbre de um mundo inteiramente fechado para ela. Você ensinou-lhe escalas...

— Quanto tempo você esteve ouvindo? —ela exigiu.

— A acústica desta casa é peculiar. Sons do salão costumam ser audíveis no escritório. —Ele continuou placidamente como se ela não tivesse interrompido. — Você vai mostrar suas cartas também?

— Sim, porque não?

— E as palavras? Como andante, allegro, pizzicato, fortíssimo? Você terá, claro, tempo para ensiná-la a ler?

— Eu gostaria de tentar...

— E a dança da corte? O que sua escolta cavalheiresca dirá quando ela perguntar se ela dançou 'bem'? Ele lhe dará um guarda-roupa apropriado para seu status elevado? O que ele vai pedir em troca?

— Você está distorcendo tudo!

— E balé. Onde ela vai dançar? Na horta?

— Ela tem muito mais habilidade do que você imagina. E se ela tem talento para balé, não há razão para não ir a Dublin...

— Nenhuma razão? Ela já tem dezoito anos. Bailarinas estreiam aos dezesseis anos. E ela terá que encontrar um protetor, pois ela não tem um xelim. Na Irlanda católica, dançarinos e atrizes profissionais são considerados prostitutas, como ela, sem dúvida, se tornará, pois é muito velha para executar. —Ele fez uma pausa desconfiada. — Droga, não chore de novo!

— Eu não vou chorar! —Ela olhou para ele com insensatez, seus olhos nadando. — Você poderia mandá-la para Londres.

Ele soprou:

— Com o que? Paixão e um sorriso benevolente?

— Só o Botticelli ali a educaria e a treinaria dez vezes! Os artistas teatrais são respeitados na Inglaterra há anos.

— Ao contrário da atrasada Irlanda?

— Sim! Por que algo vivo e bonito não deveria sair desse matadouro? Deus te ajude se você vencer sua guerra, pois plantará sua bandeira de independência sobre uma pilha de carniça!

Ele a olhou com tanta ferocidade que, apesar de suas palavras rebeldes, seus lábios tremeram.

— Qual o uso? Eu poderia muito bem ir para a lua.

— Bem vinda à terra, Diana, — Culhane murmurou. Ela olhou para cima, surpresa. — Eu posso ser tão idiota quanto você, — ele disse devagar, — mas

vou mandar a moça para Dublin. Ela pode morar com uma amiga minha que será sua tutora. Se ela quiser subir ao palco, isso é com ela. Eu espero que ela tenha um pouco de talento. Eu odeio desperdiçar um Botticelli.

Com um grito de alegria, Catherine se lançou sobre ele, quase derrubando sua cadeira.

— Espere, mulher! Eu tenho um preço.

Ela se soltou como se tivesse se encontrado cara a cara com um lobo.

— O que é?

— Que você nunca mais me atormente com lágrimas.

— Eu não me importei... —ela começou arrogantemente.

Ele a ignorou.

— Eu não posso pagar por elas.

— Você realmente quer mandá-la, não é? —ela disse suavemente.

Sean sentiu seu intestino derreter.

— Sim, mas considero uma ideia ridícula. Ela provavelmente acabará nas ruas... —Sua voz sumiu. Ele sabia que sua necessidade estava nua em seus olhos, mas era incapaz de protegê-lo. Naquele momento, Catherine parecia ser tão fada quanto a Nimue de Merlin, pois ele sentiu o beijo dela, mas ela não chegou mais perto. Seu rosto parecia iluminado pela luz interior da vela quando ela se inclinou para ele.

— Sir! —Uma batida insistente na porta bateu em seus sentidos.

— O que é? —Sean perguntou com voz rouca.

— Há uma mensagem em seu escritório, sir. O sinaleiro disse que você estaria querendo saber assim que chegasse.

Sean olhou para a ela por um longo momento.

— Estou indo. —Ele acenou com a mão para o jantar intocado. — Você pode muito bem comer agora. Não é necessário que nós dois morrêssemos de fome. —Ele deu-lhe um sorriso irônico e saiu.

A mensagem era breve. John Enderly havia inscrito o ganhão de sua filha, Numidian, em uma corrida particular no dia 15 de abril. O cavalo, que nunca competiu em público, tinha sido apostado por um particular e seletivo grupo de amigos mais influentes de Enderly, que pretendiam apostar pesado nele, assim como o próprio visconde. Aparentemente, Enderly precisava de dinheiro imediato, ponderou Sean, enquanto examinava a nota. Ele rapidamente anotou uma mensagem de retorno.

Quando ele entrou em seu quarto, Catherine estava confortavelmente sentada de maneira indiana em sua cama. Seu cabelo preto estava solto até a cintura, ela usava uma de suas camisas para afastar as correntes de ar. Seu nariz

enterrado em um livro. Ela balançou um dedo em direção da mesa.

— Guardei pão e queijo para você. Uma garrafa de vinho está sobre a mesa.

Sean levantou o guardanapo dobrado e sorriu alegremente. Ela não só trouxe pão e queijo, mas carne, frutas, doces e vários chocolates.

— Comida dificilmente etérea, Diana, — ele murmurou entre bocados. — Não há substituto para uma deusa sensata— ergueu uma sobrancelha para ela — embora os domesticados sejam invariavelmente gordos.

— Se você prefere a domesticidade rechonchuda, — ela replicou sem olhar para cima, — talvez você devesse convidar Ellie para dividir sua cama.

Ele colocou um chocolate na boca.

— Mesmo um irlandês atrasado tem o bom senso de deixar a carne de porco no celeiro.

— Sean? — Catherine olhou para cima, olhos azuis sérios. — Você já ouviu falar de 'flogisto'?

— Bom Deus, você está lendo química? — Vagando até a cama, ele olhou para a folha de papel do livro. Suas sobrancelhas se levantaram levemente, mas ele não fez nenhum outro comentário além de: — Este livro está desatualizado. Faça Flynn revisar e anotar as seções antes de estudá-las. Você prejudicará seus olhos ao apertar os olhos à luz de velas.

— Mas isso seria um incômodo para ele. Eu mal posso pedir a ele que reserve um tempo...

Ele zombou.

— Flynn tem todo o tempo do mundo, exceto a calamidade natural.

Ela o olhou pensativamente.

— Ele parece ser um excelente médico. Por que ele tem tão poucos pacientes?

Sean se apoiou na cabeceira da cama, apreciando a visão dela.

— Flynn é um bom médico. Muito bom. Ele teve uma prática florescente até que sua esposa morreu, depois se retirou em livros e se tornou um fanático por reformar práticas médicas rurais; a maioria ainda dispensa um grupo de obstetrícia e medicina veterinária. Infelizmente, fanáticos estão inclinados a perder seu senso de humor. Ele alienou seus colegas e seus pacientes. Outros médicos começaram a criticar seus métodos como uma experimentação sem coração e perigosa. Gradualmente, seus pacientes o abandonaram, assim como suas três filhas. — Para surpresa de Catherine, ele fez uma careta. — Eu não estou surpreso que ele não as tenha mencionado; elas são muito vaidosas. Uma é casada com um médico que o difama, outra com um balconista. A mais nova se tornou uma prostituta em Dublin; suas irmãs afirmam que ela entrou na sociedade. — Ele sorriu. — Na verdade, é o contrário.

— Como elas poderiam se comportar de maneira tão fútil? —ela protestou indignada. — Ele é o homem mais gentil do mundo!

Ele encolheu os ombros.

— Houve pouco amor perdido. Ainda assim, ele consegue. Eu envio pacientes para ele de Shelan. As Irmãs de Santa Teresinha na cidade de Donegal mandam-no mendigos e fugitivos que fogem assim que se tornam sóbrios ou bons o suficiente para perceber onde estão.

Os olhos azuis de Catherine adquiriram um brilho sinistro e o irlandês rapidamente se endireitou.

— Oh, não, você não gatinha! Não precisa mais pegar garotos desprotegidos sob sua asa. Flynn é inteiramente capaz de cuidar de si mesmo; ele não vai agradecer por se intrometer.

Ela deu a ele um olhar inocente.

— Você superestima minha presunção.

— Hah!

— E você ainda não respondeu à minha pergunta original, — ela acrescentou docemente. — Flogisto?

— Não existe, — ele respondeu brevemente. — Lavoisier desmentiu sua teoria há quinze anos. —Ele passou a descrever o experimento bem-sucedido que isolou o oxigênio.

Seus lábios se curvaram.

— Para um irlandês atrasado, você é informado sobre uma variedade surpreendente de assuntos. Posso perguntar onde você foi a escola?

Imaginando o quanto dizer a ela, ele não respondeu por um longo momento.

— Eton, — ele disse finalmente.

Seus olhos se arregalaram.

— Céus, para que?

Ele sorriu fracamente.

— Para me ensinar contenção. —Ele começou a tirar a camisa. — Depois de dois anos, minha contenção cedeu; matei um homem.

— Em... autodefesa?

Ele dobrou a camisa com uma precisão arrepiante.

— Foi mais uma execução.

O livro escorregou de seus dedos. Ela sentiu-se subitamente fria.

— O que há de errado? —Seus olhos verdes perfuraram os dela.

Forçando-se a obedecê-la, ela respondeu calmamente: — Estou pensando quando chegar a minha vez.

— Você está tão certa que eu quero matá-la?

— Você matou os silvicultores do meu pai sem pensar duas vezes. Eu devo imaginar que você está completamente sem emoção sobre as execuções.

As mãos de Culhane foram para seus quadris enquanto seu belo rosto se escurecia.

— Aqueles silvicultores estão tão fortes e saudáveis quanto você e eu, e nem desempregados. Os pobres animais que você se preocupou estão alegremente jantando um com o outro ao redor de Holden.

Ela olhou para ele.

— Mas, por que você não me contou? Você me deixou pensar...

Ele franziu o cenho.

— Você perguntou? Você preferiu pensar em mim como um assassino. — Ele caiu em sua cadeira e impaciente puxou suas botas. — Tratar-me como homem seria muito complicado.

Momentos depois, o irlandês ergueu o olhar, cauteloso, enquanto Catherine escorregava da cama e apagava tudo menos as velas na mesinha de cabeceira, escurecendo a sala até que os dois estavam fechados em uma piscina de luz. Com os olhos incertos, ela se atrapalhou com os botões da camisa.

O coração de Sean começou a bater dolorosamente. Ele levantou-se lentamente como se estivesse drogado.

— Kit...

Quando o último botão foi desfeito, a camisa se abriu e ela escorregou de seus ombros. Quando o irlandês não fez nenhum movimento, ela se aproximou dele, mas tão lentamente que parecia ter medo que algum precipício terrível se abrisse sob seus pés descalços. Seus cabelos, caindo em uma nuvem escura até a cintura, atraiu seu olhar faminto dos seios suavemente curvados para o lento inchaço de seus quadris. Então ela estava ao seu alcance, mas ainda assim ele permaneceu imóvel. Seus seios se deslizaram contra seu peito nu; sua respiração acelerou para combinar com a dele. Quando ela timidamente ofereceu seus lábios, seus olhos estavam escuros como os mares estrelados dos trópicos, Sean perdeu sua guerra particular. Ele puxou-a rudemente contra seu comprimento musculoso e sua boca desceu sobre a dela como se estivesse faminta por seu calor, os lábios inclinados através de sua suavidade. Seus dedos pegaram a seda do cabelo dela, arrastando a cabeça para trás. Enervada pela força bruta de seu desejo, ela gemeu como um animal preso.

Ouvindo seu gemido indefeso, ele gemeu e a empurrou para longe tão desesperadamente que ela tropeçou e mal se segurou contra a cabeceira da cama. Ela encolheu-se contra o poste enquanto ele olhava tensamente para a nudez dela.

— Não, — ele disse com voz rouca. — Não venha para mim assim.

— Eu pensei que você me queria, — ela sussurrou, quase soluçando com humilhação e confusão.

— Cristo, — ele gritou. — Não assim! Não por um favor! Por um preço, posso ter uma puta de uma sarjeta! — Ela se encolheu como se ele tivesse batido nela, e sua voz baixou. — Você me provoca muito, garota. — Então ele continuou mais suavemente. — Você acha que eu não percebo que ainda está com medo? Mas se você de repente lutasse comigo, eu a teria estuprado! Eu estou doente até minha alma para tomar você pela força, mas eu vou ser amaldiçoado antes. Eu me conformo com um placebo! Moora seja amaldiçoada! Seu pai seja amaldiçoado! E maldição para a mais tenra fraude que tem sido minha má sorte. — Seus ombros caíram, então ele sacudiu a cabeça em direção ao seu armário. — Pegue meu robe e vá para o terraço para esfriar o seu orgulho ferido. Não se preocupe, a chuva diminuiu.

Silenciosamente, Catherine obedeceu, sua mente entorpecida. Abraçando o manto sobre os ombros, ficou sob o céu sombrio, observando as nuvens se deslocarem pela lua. Culhane estava certo; o ar frio da noite era como um mergulho na água gelada. Ela tinha sido iludida por gratidão e simpatia, ela advertiu a si mesma com dureza deliberada. Afinal, ele não era mais que seu carcereiro. Se ele tivesse se convencido a controlar sua luxúria na esperança de uma resposta, isso era preocupação dele. Ele não era nada para ela.

Seus dedos dos pés descalços se enrolaram em queixa contra o frio, Ela se virou para entrar, depois parou, choque, fascinação e pena. Sean Culhane estava deitado nu na cama, seu corpo magro e poderoso arqueando enquanto uma mão manuseava seu sexo. Empurrava desesperadamente contra a mão, o rosto contorcido numa agonia misteriosa e antiga, a pele bronzeada brilhando de suor à luz das velas. De repente, ele gemeu e seus quadris se esticaram em um último espasmo quando sua semente jorrou no vazio e caiu sobre suas coxas e barriga. Os músculos tensos relaxaram e ele ficou exausto e imóvel. Seus cílios negros cintilaram; lentamente, ele olhou nos olhos da garota silenciosa perto da porta e sentiu sua pena como um golpe. Seus lábios se torceram.

— Onde está seu desgosto, Diana? O ato é grosseiramente conhecido como autossatisfação. — Ele a observou, os olhos verdes duros. — Bem? Você perdeu sua língua? Você não tem farpas de condenação para afundar em minha carne degenerada?

— Você não acha que sua própria autossatisfação é suficiente? — ela disse baixinho. — É por isso que você ataca os outros? Porque você exige mais dor do que você pode suportar?

Culhane xingou, sentou-se e jogou as pernas para o lado da cama. Deliberadamente, ele desfilou sua nudez quando foi ao banheiro e pegou

uma toalha. Lentamente, limpando a barriga e os quadris, ele a examinou insolentemente.

— Você é uma tola, — ele zombou, — e esse estado bucólico tem pouco a ver com a sua falta de experiência.

— Minha experiência de brutalidade veio de você, — ela respondeu calmamente, — nunca por beleza, ternura ou afeição, porque você não os autoriza em si mesmo. Enquanto eu não tiver um professor mais sábio do que o pobre menino desleixado de Flynn, que repete suas tarefas atribuídas como uma máquina impensada, então estou condenada a permanecer o que você diz que eu sou. Uma tola. Como posso te dar afeto quando você procura arrancá-lo de mim e esmagá-lo tão desatentamente quanto aquele garoto de mente maçante poderia esmagar uma borboleta, arrancando suas asas brilhantes para guardar no bolso, assustando-se por encontrá-las incolor e mortas?

Culhane ficou pálido. Catherine sentiu seu desespero como se ela fosse parte de sua carne, mas, desesperada para se livrar dele, convocou toda a sua determinação e deu o golpe final.

— Como pode alguém que não é nada além de um vazio carbonizado de ódio, que desfila na mera concha de um homem, pretender exigir amor? Você, que não pode esperar nada mais do que o sombrio cumprimento da vingança e a pena daqueles que o vê tropeçar como o cego Édipo para algum fim solitário! —As maçãs do rosto de Culhane se destacavam, como se fossem dividir a pele esticada que as cobria. Ela sofria para consolá-lo, mas não ousava. Se ele não quisesse libertar-se de bom grado, ela deveria cortá-lo irrevogavelmente, quer o golpe trouxesse a liberdade, moendo anos de prisão, até a morte. Esta batalha entre eles não poderia continuar. Ela temia sua demanda por seu amor acima de tudo.

— Você não perde farpas, Diana, — Culhane respondeu baixinho com auto zombaria lírica e estranha, — mas matando com lanças, se eu sou uma casca e escárnio de um homem, por que meus lados agora ficam vermelhos? Se cego, por que meus olhos vazios vê uma ilusão bela que me leva à esperança? Como aquele idiota, eu fico boquiaberto com o amor e me rasgo com dedos desajeitados, mas ainda seguro os farrapos de perto na esperança idiota de que possa viver novamente. A morte solitária não é mais bem-vinda do que a vida solitária, então ainda estou de pé e me refiro a cair pela minha espada. É você, a bela Diana, que deve me abaixar e todos os meus sonhos sangrentos ao pó.

— Nenhum golpe é necessário, — ela respondeu suavemente. — Você não pode ficar para sempre.

— Não, eu não suporto ficar para sempre.

— Eu sempre irei te odiar, — ela sussurrou, tão gentilmente quanto um

beijo.

Na manhã seguinte, ele se foi. Ele passou a noite no escritório e ela foi para a enfermaria sem vê-lo. Quando ela voltou no final da tarde, um breve bilhete estava na mesa, afirmando que ele voltaria em três semanas. Ela se afundou na cadeira, uma noite sem dormir agravando sua tensão, sua imaginação fazendo o pior. Que tarefa nefasta o irlandês estava pensando? Culhane não fizera nenhuma defesa real na noite anterior. Ele estava apenas esperando para atacar a realidade mortal? Ela se levantou da cadeira e andou de um lado para o outro. Teria ele sido tão ferido que não suportaria vê-la e se arrastara para lambe-las suas feridas? Mesmo para morrer em algum empreendimento imprudente? Ela empalideceu com o pensamento. Segundo Flannery, Culhane cortejava a morte tão implacavelmente quanto a cortejava. Pressionando as palmas das mãos nas têmporas, ela tentou conter sua apreensão. A nota dizia que ele voltaria. E sua dor indefesa na noite anterior lhe custara a batalha no último momento; sem dúvida ele sabia disso. Por que ele deveria buscar vingança quando ele provou ser o vencedor?

Agarrou-se à cabeceira da cama e ficou olhando a sala, que agora parecia deserta e solitária. Desorientada, ela vagou, endireitando as coisas que estavam em linha reta, mexendo em seus pincéis. Seu equipamento de barbear havia sumido, seu casaco faltando no gancho de latão. Ela checou suas gavetas e guarda-roupa. Vários casacos, suas botas de montaria espanholas e roupas de montar estavam faltando. Ele deve estar indo onde uma aparência social adequada fosse necessária. Onde mulheres bonitas e sofisticadas o admiravam, lisonjeavam-no e, sem dúvida, deitavam-se com ele. Ela caiu desconsolada na cama vazia. Por que ele deveria querer voltar para uma garota magra que o cortava a cada esquina, chamava-o de nomes sujos e reagia como uma múmia empoeirada toda vez que tentava seduzi-la?

CAPÍTULO 9

O MANGUSTO E A COBRA

Com um impecavelmente traje e ombro apoiado contra o console de Palladyan, Sean acendeu um charuto enquanto inspecionava o quarto Hunt em Ingram House, Norfolk. O sol do fim da tarde passava pelas janelas arqueadas e pelos ombros de um pequeno grupo de homens. Acima deles, em paredes listradas de branco e marrom, havia pinturas de cenas de caça e cavalos de corrida. Um retrato de Charles II montado em um puro-sangue pendurado acima da lareira onde Sean descansava. Os lacaios corriam servindo vinhos do porto, claretes e charutos em bandejas de prata para senhores que representavam a maioria dos países da Europa.

Sean sorriu para si mesmo. Até agora, tudo estava indo exatamente como ele queria. Mesmo seu cabelo curto não era incomum na sociedade internacional. Depois de navegar para Dublin, onde havia estabelecido Moora com Lady Duneden, ele se encontrou com dois advogados, John e Henry Sheares, que ele conhecera em Paris nos primeiros dias da Revolução. No Comitê Executivo da União Irlandesa, eles, por sua vez, conseguiram que ele visse em segredo o líder do comitê, Lorde Edward Fitzgerald. Depois disso, ele passara uma noite agradável, embora bastante triste, com o indisposto Lockland Fitzhugh, marquês de Menton.

Lockland Fitzhugh era o último homem sobrevivente de uma venerável família protestante escocesa que estavam na Irlanda desde os dias dos Plantagenets; eles eram ardentemente simpáticos ao sofrimento de seus compatriotas vencidos.

Nas grandes rebeliões contra os Tudors, os Fitzhughs haviam protegido os rebeldes irlandeses sem nenhum custo.

Um amigo de longa data de Brendan Culhane, Lockland Fitzhugh continuou a tradição da família em seu próprio caminho silencioso. Após o ataque abortado por Brendan no Arsenal de Dublin, Lockland o salvou do enforcamento e finalmente conseguiu garantir sua libertação da prisão. Quando, por causa de sua ascendência católica e da lealdade de seu pai, Sean e Liam não puderam frequentar a universidade, nem Trinity em Dublin, Fitzhugh passou Sean como seu sobrinho, Robert Fitzhugh, e o patrocinou em Eton, enquanto Liam preferia estudar em Roma. Embora fosse um membro reverenciado do

Parlamento irlandês e leal à coroa, Lockland sabia que Brendan e seus filhos estavam envolvidos com os irlandeses unidos, cujas reuniões secretas organizavam sedição. Depois que a briga mortal de Sean com o assassino de Megan tornara a continuar em Eton, Fitzhugh o enviara para a École Militaire em Paris e raramente o vira desde sua formatura.

O marquês ficou claramente encantado com a visita de seu protegido, mas um pouco envergonhado de recebê-lo em quartos miseráveis. Em parte porque ele se recusou a se submeter ao flagrante suborno e preconceito do Parlamento Protestante Irlandês e em parte porque ele negligenciou seu próprio estado no interesse de seu país, e sua riqueza declinou. Para conservar suas finanças, Fitzhugh tinha tomado uma modesta casa no Canal Street, perto do Parlamento, e sua saúde frágil não permitia mais a viagem para sua casa em Kildare.

Sean ficou triste ao ver a condição de Fitzhugh, mas em deferência ao orgulho às vezes rígido do velho, ele não fez nenhuma menção a isso. Depois de um jantar simples, mas excelente, e vários copos de vinho do porto de Fitzhugh, Sean pediu ao seu mentor uma entrada à próxima corrida em Norfolk. O velho ficou encantado por ser útil. Ele também acrescentou um pequeno conselho.

— As autoridades de Dublin estão pendurando suspeitos subversivos em postes de luz a tarde, 'croppies' ou seja, rebeldes irlandeses junto com eles. Você pode fugir disso na Inglaterra, mas o aconselho a manter sua gola alta sobre o cabelo curto da Irlanda, rapaz, se não quiser ser considerado um simpatizante francês. — Acenou para o divã a Sean, depois escolheu um charuto da caixa que o homem mais novo lhe trouxera. — É melhor que você fique longe da multidão de Fitzgerald também. Ele é procurado pelas autoridades. Nem todos estão convencidos de que esteja em Paris, sabe.

Ele acendeu o charuto e olhou pensativamente para Sean.

— Eu não sou o primeiro irlandês a morrer com certeza que as tristezas de seu país não acabaram, mas tenho a mesma esperança de viver para sempre em nossos jovens. Eu não lhe disse antes, mas tenho muito orgulho de você. Mantenha fé e paciência. Não busque a liberdade da Irlanda no sangue da Inglaterra. Nosso destino está na lei.

— Obrigado, senhor, mas não sou advogado.

Fitzhugh grunhiu.

— Não, você é um lutador, como Owen Roe e o resto do seu clã de volta ao amanhecer de Niall. Mil e duzentos anos de sangue. Eu esperava que a sua estadia em Eton pudesse sugerir outro caminho, nem que fosse para mostrar a você que nem tudo se resolve a força. Ingleses são tiranos.

— Eu estava ciente disso, senhor, antes de sair. Você tem sido como um pai para mim.

Assustado, mas satisfeito com a observação atípica do jovem, Fitzhugh mal conseguiu dizer em um tom áspero. — No entanto, como todo o seu clã, você me considera Inglês, embora minha família esteja na Irlanda há seis séculos. Somos ingleses para os irlandeses e irlandeses para os ingleses: colonos, sempre vistos como cidadãos temporários.

— Uma adição muito bem-vinda à nossa cultura no seu caso, meu senhor.

Com um encolher de ombros, Fitzhugh se levantou e foi até sua mesa. Logo, ele entregou uma nota para Sean para revisar; depois de colocar o selo, Fitzhugh entregou a carta a um criado para entrega imediata. Ele olhou para Sean por um longo momento.

— Eu não gosto de adeus. Então, desejo-lhe uma boa noite e uma boa viagem.

Sean agarrou a mão oferecida pelo estadista.

— Obrigado, senhor. Que você tenha o mesmo.

Quando Sean parou no estreito degrau do seu quarto, viu Fitzhugh com um tapete de lã sobre as pernas, ainda sentado à sua mesa em uma piscina de luz de velas. Seu cabelo branco envelhecido, ele riscava as propostas parlamentares implorando por circunstâncias facilitadas dos católicos irlandeses. As propostas seriam rejeitadas como haviam sido durante todos os trinta e cinco anos de seu mandato esporádico, mas a pluma se movia com tanta força quanto antes. Sentindo um aperto na garganta, Sean sentiu que não veria o velho frágil novamente. Ele tocou a testa em uma saudação despercebida. Adeus senhor.

Três dias depois de sair de Dublin, Culhane desembarcou em Norfolk, depois foi para Ingram. Na chegada, Sean supervisionou Mephisto em uma grande e arejada baía, tão limpa quanto seus aposentos. Depois de deixar Michael Shaunessy, um cavaleiro de Shelan, no comando, ele passou pelos estábulos. Ao passar pela cabine de Numidian, um olhar lhe disse que Mephisto tinha uma competição acirrada, se não um irmão virtual; a semelhança entre os dois garanhões era incrível. Um árabe enrugado esfregava o cavalo enquanto sussurrava para ele em árabe. Levando uma bolsa de ração, Tim O'Rourke, vulgo Tim Carson, passou correndo pelo comandante sem um piscar de olhos.

Assobiando, Sean caminhou de volta para casa, deu o seu manto ao mordomo encantado e entrou na sala de estar.

— Rob! Robert Fitzhugh! Oh, eu digo, é bom ver você depois de todos esses anos! — Um jovem de cabelos vermelhos, com um sorriso cativante, ergueu a mão de Sean com grande entusiasmo.

— Terry, é bom ver você também. — Sean sorriu de volta com verdadeiro prazer.

— Eu digo, meu velho, você foi embora de repente. Eu estava esperando ter o prazer de sua companhia no antigo pátio da escola por mais dois anos pelo menos. Você está em forma como sempre. Casado? —Sean levantou uma sobrancelha. — Eu pensei que não! —O Southwick bateu no ombro dele. — Companheiro astuto. Meu pai está determinado a me levar ao altar antes do meu próximo aniversário. Um monte de costumes com os quais eu cresci. Ela é bonita e não é má, mas tenho apenas nove meses até os vinte e seis; que deixa apenas duzentos e setenta noites para devassidão.

— Sua matemática melhorou.

Terence sorriu.

— Espere até você ver a colheita de potros aqui para a corrida, e eu não me refiro àqueles com fetiches. Que faixa vamos cortar juntos.

— Eu estou apresentando meu garanhão, não sou o garanhão nesta corrida. Além disso, eu sempre estou sozinho, você sabe disso.

— Droga se eu não fizer isso. Talvez se eu tivesse ido com você para Londres naquela noite, estaria de volta às aulas na manhã seguinte. Os rumores estavam à tona sobre um sargento britânico.

— Você sempre foi uma boa influência, — brincou o irlandês.

A conversa deles foi abafada por vozes crescentes no cotovelo de Terry. Um jovem gesticulava e discutia com o duque de Norfolk. O duque barulhento e com o rosto vermelho, apesar de ser um fervoroso Whig¹³, obviamente queria o alívio da arenga de seu antagonista Tory. O entusiasmo do duque pelas corridas lhe valeu o apelido de “Jockey” entre seus amigos íntimos, e nesta semana ele preferia falar sobre cavalos e não sobre política.

Terry olhou por cima do ombro e murmurou para Sean: — O pequeno agitador George Canning. Você conhece o duque, presumo, — ele acrescentou secamente, depois se virou para os homens com uma risada envolvente. — Eu digo, George, deixe Sua Graça. Você não pode alterar as convicções de um homem por pura força de pulmão.

— Ouso dizer que deveria me curvar ao Sr. Pitt; ele tem os pulmões mais notáveis da Câmara e parece ter uma boa sorte, — foi a resposta de Canning.

— De fato, talvez ele possa persuadi-lo a refrear sua língua, senhor! —O duque se afastou.

— Por que antagonizar com ele, George? —perguntou Terry suavemente. — Ele poderia facilmente simpatizar com seus objetivos. Afinal, você quer as mesmas coisas para a Inglaterra.

Canning soprou, procurando um laçao com clarete.

— O velho tropeça no veado enquanto os cães de caça se agarram nos seus calcanhares. O rei George não é melhor. Deus nos salve do governo dos velhos.

Por que, aqueles criminosos do Conselho Privado até rejeitaram George Fox.

— Mas seja o que for? — perguntou Southwick, consternado. — Eu não tinha ouvido falar disso.

— Ele afirmou o direito da soberania irlandesa a Sua Majestade, — forneceu Sean em voz baixa. — O Sr. Fox propôs a noção de que um pequeno país tem tanto direito à sua independência quanto uma grande potência.

Canning lançou-lhe um olhar penetrante.

Terry corou.

— Eu sou negligente, senhores. Eu imploro que me distraí com seu debate com o duque, George. Posso apresentar meu amigo, Robert Fitzhugh, sobrinho do marquês de Menton. Robert: Sr. George Canning, delegado de Westminster e membro do apoio do nosso primeiro-ministro Tory.

Canning escolheu um charuto de uma salva que passava e Sean se inclinou um pouco para oferecer uma luz de seu próprio charuto.

— Eu tomo pelo seu sobrenome que você é um protestante anglo-irlandês, dificilmente compreensivo com a causa da emancipação católica.

— O registro parlamentar do meu tio em nome da maioria nativa na Irlanda pode falar pelas minhas inclinações.

Canning assentiu.

— Eu compartilho os sentimentos do seu tio. O futuro da Irlanda está na lei, não no contínuo massacre.

— Infelizmente, senhor, esses sentimentos são paradoxais. A lei que rege a Irlanda é a inglesa. Pela lei inglesa, um irlandês católico é um inimigo da Coroa, desprotegido por qualquer lei, exceto pelos escombros dos códigos gaélicos.

Levemente, Canning brindou com Sean.

— Touché, senhor. Talvez a barbárie legal não seja menos hedionda do que o caos, mas a civilização não pode sobreviver no caos. O homem é obrigado a viver em ordem, se é que vai viver.

Então sua voz abruptamente voltou a dizer.

— Parece que estamos todos condenados, por abordagens de Encarnação do Caos. — A sala ficou em silêncio enquanto Sua Alteza Real, o Príncipe de Gales, entrava com seu confidente mais íntimo, George Brummell, a reboque. O príncipe era um florido bonito e elegantemente vestido, mas seu trocadilho de “Oi, homens e prostitutas” reduzia seu público a gargalhadas, provocações nervosas e fofocas. A multidão cedeu diante dele enquanto cumprimentava várias pessoas em francês, italiano ou alemão fluentemente.

Terry se virou para Canning.

— Talvez menos Caos do que remediar, senhor. Você importunou a orientação da Juventude para a Inglaterra e lá você a vê.

— Melhor um rei louco do que ser louco, senhor? —brincou Canning. — Se isso se tornasse nossa política partidária, deveríamos permanecer no cargo até o Último Trunfo. A inanidade está sempre conosco.

— Eu digo, — disse Terry, ansioso para interromper o argumento, — há John Enderly. Vamos acabar com ele. Um sujeito encantador. Conhece a todos e tem as festas mais famosas. —Os olhos de Sean se estreitaram, seguindo Southwick quando ele se afastou do grupo e foi falar com Enderly, que conversava com dois homens. Depois de algum discurso e um arco apressado de Terry para o par, os quatro homens se juntaram ao grupo perto do fogo crepitante, que tinha sido aceso para dissipar o crescente frio da tarde. Um pouco nervoso, Terry fez as apresentações que incluíam John Enderly, visconde de Windemere; Charles Philippe de Bourbon, o poderoso devedor de Artois e irmão de Luís XVIII, rei da França em exílio; e finalmente o filho de vinte e três anos de idade devido, Louis Antoine, dono de d'Ahgouleme.

Os olhos de Artois os observavam sem parar enquanto Enderly suavemente explicava que os Bourbons estavam em Londres, de sua residência no exílio em Edimburgo, para uma conferência com o Conselho Privado. Enquanto Enderly falava, seus olhos cinzentos examinaram o grupo, apenas para retornar friamente aos verdes de Sean e se demorar. Sean olhou para ele preguiçosamente e bebeu um copo de vinho do porto.

Enquanto Enderly revirava sua mente em busca de lembranças das relações do velho marquês, a conversa se voltou para a campanha de Napoleão no Egito e especulações sobre a possibilidade de atacar as colônias inglesas no sul. Terry negou a noção.

— Napoleão está simplesmente tentando nos atrair para a guerra. Se for deixado por conta própria, ele irá assar nas areias do Nilo.

— Perdoe-me discordar, senhor, — interpôs suavemente o endividado d'Artois, — Napoleão tem o apetite de um leviatã. A menos que detido cedo, ele vai embarcar em mais e mais conquistas. É improvável que ele mumifique no Egito. Depois de tudo continuar, — prosseguiu ele com calma, — a política de guerra administrada pelo primo pacifista do Sr. Pitt, lorde Grenville, não se mostrou excessivamente bem-sucedida.

— Mas Pitt acha que Napoleão vai fracassar porque o Diretório tem inveja dele, — persuadiu Terry. — Quanto mais ele permanecer no Egito, mais precária será sua posição. Não há necessidade de envolver as tropas inglesas com inimigos que cercam a França. Napoleão não pode durar.

— Mas eu acredito que o Sr. Pitt está enganado, senhor, como ele tem sido enganado em seu apoio ao decrépito Império Otomano e sua subestimação das ambições de Catherine da Rússia. A Polônia agora está desmembrada. Ele

permanecerá enquanto Napoleão desfila em toda a Europa e, eventualmente, na Inglaterra?

D'Ahgouleme de olhos escuros não disse nada. Ele estava acostumado às batalhas verbais de seu pai, uma vez que o engajamento militar real de Artois havia terminado em derrota desastrosa pelo Exército Republicano durante a malfadada expedição de Vendee. Ainda uma criança quando foi forçado ao exílio, Louis tinha crescido à idade adulta sombreada por constantes conspirações e disputas políticas. A liderança de seu pai na facção Bourbon na Inglaterra foi a posição mais viável na causa realista. O gordo e conivente Louis XVIII, enterrado para todos os propósitos em uma província russa pelas boas graças erráticas do czar Paulo I, esforçou-se para estender seus tentáculos em todos os governos europeus sem sucesso. Em Edimburgo, os jovens devotos tinham aprendido a paciência e um pouco mais.

De repente, uma voz gritou: — Maldito seja, se não é Fitz! — Um braço revestido de seda atravessou o círculo e seu dono bombeou vigorosamente a mão de Sean.

Sean sorriu educadamente.

— Sua Alteza... Olá, Buck.

Brummell, que usava um uniforme de capitão do regimento do príncipe, assentiu enquanto avaliava o impecável casaco azul-escuro de garupa do irlandês e os calções de pele de gamo, que se moldavam perfeitamente a suas longas pernas e se ajustavam sem ondulações a botas escuras polidas.

Enderly ficou surpreso com o reconhecimento do príncipe ao homem cujas maneiras e intensos olhos verdes se encaixavam tão bem na descrição de seu guarda florestal sobre o principal sabotador de Holden Woods, mas sua expressão branda não dava nenhuma pista disso.

O príncipe George, de maneira rude, jogou um braço sobre os ombros de Sean.

— Senhores, quaisquer que sejam seus vários títulos e escritórios dourados, preparem-se para saudar o mestre-das-prostitutas de todos nós. Minha luxúria empalidece ao lado de sua reputação negra. Ele tem mais de um bastardo em Eton, um deles com minha própria amante, Kitty Fells. Um pirralho de olhos verdes que ela teve a coragem de dizer que era meu!

O belo rosto de Sean era uma máscara sorridente.

— Seu segundo cavalo tinha olhos verdes, se bem me lembro, Alteza.

Os olhos de George se arregalaram.

— Por Deus, você está certo. Que diabo! E ela se casou com Frank com meus bons desejos e duzentas libras por ano! Maldita seja a bagagem! — O príncipe jogou a cabeça para trás e riu ruidosamente de sua própria piada.

— Se você me der licença, Vossa Alteza, senhores, — Sean interrompeu rapidamente, cansado da conversa, — eu tenho algumas coisas para fazer.

— Você não tem valete Fitz? — desdenhou Brummell. — Mas você se veste adequadamente?

— Da mesma maneira que eu me alivio. — Quando Brummell ficou vermelho e o príncipe rugiu, Sean fez uma reverência para os duques confusos. — Me pega para o jantar, Terry? — disse ele afavelmente a seu amigo, que estava se preparando para dar suas próprias desculpas. A sugestão de ficar para trás não se perdeu ao jovem lorde.

Os olhos de Enderly se estreitaram ligeiramente enquanto observava Sean sair da sala.

— Estou muito feliz de encontrar um sobrinho do marquês. Eu tinha entendido que ele não tinha parentes vivos. — Ele sorveu seu clarete. — Ainda assim, suponho que a relação dele com Menton seja inquestionável.

O príncipe olhou para ele.

— Sangue de Deus, homem, eu conheço Fitz há anos. Ele é um cavalheiro, quaisquer que sejam suas observações caretas para Brummell aqui.

Com um rubor crescente, Southwick ficou do lado do príncipe.

— Eu tinha apartamentos perto de Fitz em Eton. Ele e eu visitamos o tio dele em Menton. O marquês chamava Fitz de sobrinho, e ele deveria saber que é seu parente.

Enderly pediu desculpas sem problemas.

— Eu não ofereço nenhum insulto ao seu amigo, meu caro amigo. Claramente, minha memória está errada. Você deve perdoar minha vaidade por se agarrar à minha primeira suposição, já que meus poderes de recordação me serviram excelentemente bem no passado. — Ele riu com tristeza, como se estivesse envergonhado. — Eu devo estar ficando velho.

— Não você milorde — disse Artois suavemente em seu inglês de seda e acentuado. — Você será um dente de serpente no calcanhar dos inimigos da Inglaterra por muitos anos ainda.

Quando Sean e Terry saíram dos aposentos para jantar, encontraram uma loira deslumbrante no corredor. Ela virou-se com um sussurro de seda e uma piscadela sutil de diamantes para observar a forma alta do irlandês desaparecer ao virar a esquina.

Terry cutucou Sean enquanto eles desciam a longa escada.

— O que eu te disse? O lugar está cheio de mulheres bonitas. Essa era Helena Sutton, marquesa de Landsbury. Ela não é linda?

— Linda, — concordou Sean, — e obviamente casada.

— Psiu. O marido dela é um velho nababo da Índia trinta anos mais velho que ela.

— Duelos com maridos irados podem se tornar monótonos.

Terry riu.

— Você deveria saber, suponho. Você já lutou o suficiente com eles... — Sua cabeça girou quando entraram em um salão lotado ao lado da sala de jantar. — Ali está Lady Anne Trury, — comentou ele. — Ela é a deliciosa criatura de olhos escuros espiando por cima do ombro do pai. Vale uma fortuna, mas bem protegida. — Ele se balançou para a frente em seus pés e esticou o pescoço muito ligeiramente. — Ah, eu vejo um desafio para você. Lady Elizabeth Dunaway. Fabulosa amazona. Desapegada, apaixonada e conhecida por quebrar compromissos. Nivelou o regimento do príncipe. Parece incapaz de encontrar um homem para satisfazê-la. Lá! Ela nos viu, ou melhor, você. Ela é uma grande crente na variedade e você é exótico.

Southwick não exagerou. A compleição de seu amigo, sombriamente contrastada por uma camisa de seda creme e roupas formais negras, fez sua dura beleza masculina evidenciar, particularmente em uma reunião sofisticada. Enquanto vagava entre os convidados que circulavam sob os candelabros, ele parecia um predador entre as ricas colheitas. As mulheres se viraram para encarar seu corpo magro e comprido e o rosto bonito, esquecendo-se de esconder seu interesse em olhares recatados. Muitos homens notaram o lapso distraído de sua mulher na conversa.

Sua parceira de jantar, uma loira bonita, riu através de inúmeras conversas tediosas; ele não se demorou ao lado dela quando o cardápio super pomposo estava terminado. Terry sorriu para ele quando se encontraram do lado de fora da sala de jantar.

— Que vergonha, Fitz. Você está tão acostumado a adorar mulheres, que nem se incomoda em ser educado. Aquela loirinha não era ruim, e Deus sabe, ela estava disposta.

— As ovelhas estão dispostas, — respondeu o irlandês secamente, — e elas raramente riem.

Enquanto o conjunto de cordas começava a tocar um minueto, Elizabeth Dunaway veio no braço de um jovem oficial italiano que o fitou miseravelmente com olhos grandes e líquidos enquanto corajosamente inspecionava seu potencial sucessor.

— Apresente seu amigo, Terry, querido. Eu tenho curiosidade sobre aquele cavalo preto e perverso na baia ao lado do meu Hussar's Red. — Ela continuou, sem esperar que Terry falasse. — Você é o dono dele, meu senhor...?

Sean inclinou-se ligeiramente.

— Simplesmente Robert Fitzhugh, Lady Dunaway; no entanto, dois negros muito semelhantes, se bem me lembro, estão inscritos na corrida.

— Humm— A ruiva bateu levemente o leque contra o queixo enquanto considerava a largura dos ombros dele e o ignorou, implorando ao italiano. — Mas o que está no outro lado pertence à pequena menina Enderly. Ela está fora durante a temporada, então seu pai aproveitou a oportunidade para trazer o ganhão para a corrida.

— Perdão?

Os olhos de Lady Dunaway viajaram para baixo, avaliando habilmente os outros atributos do irlandês. Uma covinha envolvente apareceu em uma bochecha enquanto ela olhava sem pressa para os olhos dele.

— Ele nunca correu porque ela não deixa ninguém, a não ser ela mesma e seu velho árabe maluco, montá-lo. Eu ouvi que a peste pula bem, embora Catherine recuse as traves. Mesmo assim, ele pode oferecer uma forte competição, mesmo para Hussar's Red. — Ela deu-lhe um sorriso de sereia. — Mas, ao ver o ganhão que você apresenta, sinto que uma disputa ainda mais desafiadora é iminente.

— De fato, estou ansioso por isso.

O italiano, lendo a avaliação preguiçosa nos olhos de Sean, deu um suspiro de resignação.

Logo depois do amanhecer, na manhã seguinte, Sean, vestido com uma camisa de malha, jaqueta preta, calça castanha e botas de couro espanhol, caminhou em direção aos estábulos. Logo, ele estava pilotando Mephisto ao longo do lado de fora da pista de obstáculos, um triângulo irregular de seis quilômetros de comprimento coberto com paredes de pedra e cercas de madeira ocasionalmente cobertas com cercas vivas, arbustos e valas úmidas. Cavalo e cavaleiro. As apostas laterais foram feitas pela nobreza mais esportiva de quantos cavaleiros seriam derrubados em qualquer salto particularmente desagradável, mas o dinheiro pesado estava em desacordo de que Hussar's Red ou Numidian de Hussar levariam a bolsa. Uma olhada em Mephisto, suas chances podem cair, mas Sean estava certo de que uma vitória pelo seu literal — cavalo negro—iria prejudicar o dinheiro de John Enderly.

Naquela tarde, Sean pôs em ação a segunda ponta do seu ataque bifurcando às finanças de John Enderly. Com as contas bancárias inglesas de Londres em depósito e suas operações de silvicultura e contrabando produtivas quebradas, Enderly estava perto da ruína financeira. O próximo passo de Culhane era projetado para desacreditar o inglês com seus amigos influentes.

Durante a maior parte de sua carreira, Enderly tinha jogado um governo

contra outro em vantagem, sutilmente aquecendo de um lado ou outro como lhe convinha. Enquanto ele cultivava amizade com os Bourbons, também flertava com Napoleão. Ironicamente, algumas munições que ele vendeu ao exército francês encontraram o caminho através de funcionários corruptos da Diretoria para a Irlanda e seus inimigos através dos navios de Culhane e de outros contrabandistas irlandeses.

Apesar de ter perdido as naves sindicalizadas, John Enderly manteve uma embarcação em seu próprio nome para importar antiguidades da França e dos Países Baixos. Enquanto tecnicamente contrabandeava, a carga evitava a alfândega, praticamente imune à lei porque os compradores eram geralmente aristocratas ingleses ou imigrantes franceses recuperando tesouros da família. Muitos funcionários da Diretoria do parvenu¹⁴ estavam preparados para oferecer bens adquiridos ou confiscados para revenda. O custo do contrabando cobrava uma forte taxa pela mercadoria, mas o pesado imposto de importação inglês era ainda maior. Solicitações especiais eram frequentemente pagas com antecedência, e eram frequentemente descritas nos mínimos detalhes, às vezes acompanhadas de esboços, por alguém tentando recuperar uma herança de família. Ocasionalmente, raridades não solicitadas eram oferecidas em leilões privados.

Agora que o visconde estava em sérias dificuldades financeiras, seu agente francês acolheu uma bela oferta de uma firma irlandesa. Quando os pedidos de Enderly para a carga de leilões privados diminuíram por falta de capital, um irlandês de língua lisa chamado Kilpatrick persuadiu o agente francês a fornecer cópias das ordens do visconde. Aqueles objets d'art¹⁵ que agora escapavam de Enderly e eram discretamente oferecidos aos próprios clientes que os haviam ordenado. Além disso, desconhecido para o visconde, as remessas que ele obteve era compartilhado com seus concorrentes irlandeses em seu próprio armazém de Calais. Como o lugar estava quase vazio, o sensato gerente francês não via motivo para não pegar aluguéis particulares para encher seus bolsos.

Por alguns meses, Culhane estava segurando uma cópia de um pedido mais importante. O visconde recebeu pedidos dos d'Artois, de vários proeminentes girondinos e do duque de Norfolk, que o agente francês passara aos poucos. Houve tempo, no entanto, para que Culhane enviasse descrições e os esboços de Liam de quatro itens da lista para Halloran, com ordens para que fossem duplicados. A duplicação tinha sido precipitada, pois não podiam atrasar o agente por muito tempo. A carga do visconde agora aguardava embarque no armazém, lado a lado com as reproduções. Naquela tarde, Ingram Culhane encontrou Halloran em um jogo de whist. Quando Sean “soube” que o outro irlandês estaria partindo para Calais imediatamente, pediu-lhe que publicasse

uma carta. Seu conteúdo era enigmático: — Comece a troca. — Os originais logo foram enviados para a Inglaterra a bordo do Mary D., enquanto as reproduções, falsas entre as outras cargas de Enderly, prepararam a armadilha para a ruína do visconde.

Sean pulou o jantar e o entretenimento da noite, uma promulgação do — Estupro da Fechadura—de Alexander Pope por um grupo de atores de Drury Lane. Vestindo suas roupas mais velhas, ele foi para o estábulo. Enquanto Michael Shaunessy esfregava Mephisto com o linimento, Sean tirou as ataduras das pernas do negro e reformulou a pomada em seus arranhões. Depois de verificar os cascos do garanhão em busca de sinais de afrouxamento, Sean encolheu o casaco.

— Michael, veja se Tim consegue o tempo de navegação para a Mary D. Diga a ele para não dar uma overdose a Numidian quando ele o montar na corrida de amanhã. Eu não quero o cavalo cansado.

O garoto assentiu.

— Sim, sor.

Culhane percorreu uma fila de baias cheias de alguns dos melhores cavalos corredores do mundo. Olhos grandes e macios o observavam enquanto cascos pateavam inquietos por corredores onde os cavaleiros vagavam como corujas. Ele parou na cabine de Numidian, o único lugar nessa multidão estranha que evocava a presença de Catherine Enderly. Na frente dele, como se ele fosse um guardião de um templo, agachou-se para o velho árabe, seus olhos negros como alerta e indiferente como um mangusto quando perfuma a presença de uma cobra.

— Que Allah esteja com você, velho.

O velho assentiu impassivelmente.

— E com você, Sr. Fitzhugh. — A frase era educada, mas o som do nome adotivo de Sean tinha um tom levemente zombeteiro.

— Você me conhece?

— Você tem o seu irmão preto, — disse o velho categoricamente.

Sean se agachou diante do árabe como um devoto, ignorando os olhares dos cavaleiros que passavam.

— Ouvi dizer que o pai de Numidian, Ethiop, é um magnífico garanhão. Eu gostaria muito de vê-lo.

O velho inclinou a cabeça como se quisesse ver Sean melhor.

— Ele está morto como milady.

— Morto? O pai dela disse que ela está no exterior.

— Eu me refiro à viscondessa Elise. Ela morreu em um acidente de equitação.

Pensando na destemida habilidade de Catherine com seu próprio enorme garanhão, Culhane aventurou-se em uma sondagem.

— Estou um pouco surpreso. Fui levado a acreditar que a equitação da viscondessa era notável.

— Quando um campo de feno é deixado atrás de um muro alto de pedra, a habilidade não tem significado. — A voz do velho era sem tom, mas Sean sentiu uma pontada de náusea. Ele tinha visto a morte em muitas formas, mas o fim da condessa deve ter sido medonho. Não era de admirar que sua filha tivesse pesadelos.

— Eu falei com ignorância. Eu não quero dizer nada contra sua amante, — ele disse calmamente.

Por um longo momento, o árabe estudou as feições do jovem, notando o sutil vínculo sarraceno. Como se ele aceitasse a preocupação de Sean como real, ele assentiu, depois fez uma pergunta com uma brusquidão desconcertante.

— Ethiop cobriu muitas éguas. O seu era de uma chamada Antígona?

— Eu comprei o preto de um senhor irlandês, — Sean mentiu suavemente. — Seus jornais registram Andrômeda como a mãe e Belial como o garanhão.

— O senhor irlandês que possuía Antígona nunca venderia um potro do garanhão da minha lady, — o velho disse suavemente. Seus olhos se trancaram.

— Certamente é como você diz, — Sean murmurou. — Eu te desejo boa noite. Que Allah sorria aos esforços de Numidian amanhã.

— Allah sorri em tudo que é incorrupto. — Os lábios finos do árabe se curvaram como uma ponta de cimitarra.

Naquela noite, Sean caiu instantaneamente no sono sem sonhos, mas na manhã seguinte ele começou a se mexer, inquieto. Pensando que ouviu um grito desesperado, ele se levantou. Apenas um arrulhar de pombas na balaustrada, do lado de fora de suas janelas, quebrou a quietude da madrugada; o irlandês recuou, percebendo que estava ouvindo Catherine. Ele ficou acordado até o amanhecer, forçando-se a pensar na corrida.

Às dez da manhã, Culhane, montado no pátio dos estábulos, examinou as outras entradas enquanto Shaunessy ajustava seus estribos para saltar.

— Temos um pouco de dificuldade, sor, — o cavaleiro irlandês murmurou enquanto encurtava as alças. — O velho árabe não tirou os olhos do cavalo nem por um minuto. Pode ser que Tim tenha que esperar até o início da corrida. Isso significa que as coisas vão funcionar quando Numidian estiver no percurso.

— Isso é muito perigoso. Eu não quero que o cavalo caia em um salto.

— É tarde demais para contar a Tim, sor. Ele não pode chegar perto de

mim agora!

Com o cenho franzido, Culhane se virou na sela para ver Tim, já montado, inclinar-se sobre o pescoço de Numidian para alimentar o cavalo com uma cenoura. Do outro lado do estábulo, o árabe viu a mesma coisa; ele fechou rapidamente o espaço entre o cavalo e cavaleiro. Açulando Mephisto para alcançar primeiro Tim, Culhane arrancou a cenoura dos dedos de seu cúmplice.

— Você não quer fazer isso, rapaz, — ele aconselhou brevemente. — Qualquer coisinha dá câibras em uma corrida. — Enquanto ele trotava o percurso, o irlandês moreno inclinou-se para entregar a Shaunessy a cenoura no caminho. — Se o árabe quiser fazer uma inspeção, coma-a.

— Sim, sor!

Shaunessy olhou para o mestre recuando, depois para a cenoura. Um buraco fora cortado de seu centro, revestido com um poderoso narcótico, e substituído, deixando apenas uma leve incisão. Quando ele olhou para cima, o árabe estava avançando sobre ele em um clipe determinado e agitado. Com um suspiro, Mike enfiou a cenoura na boca em duas grandes mordidas e ficou a moer o vegetal levemente amargo tão suavemente quanto qualquer coelho, enquanto o árabe franzia as sobrancelhas para ele. O homenzinho de cor de tabaco soltou um grunhido sardônico, depois balançou a cabeça para assistir à corrida.

Southwick estava entre os pilotos, assim como Elizabeth Dunaway. Depois de cumprimentar Sean alegremente, ela começou a aquecer sua égua em um caminho paralelo à área de trabalho de Mephisto, enquanto os outros cavaleiros andavam para cima e para baixo da mesma maneira. Ele sorriu para ela.

— Você se importaria de apostar algumas libras em cujas terras posterior alguém cairá na lama hoje, milady?

Dunaway contorceu a cabeça da égua para longe do focinho de Mephisto.

— Você é um caipira! Meu modo de apostar é bem conhecido. Eu nunca apostei um centavo nas chances de Hussar. Se eu ganhar, eu aceito apenas apostas privadas e a bolsa. Se eu perder, eu durmo com o vencedor. Então, como vê, eu nunca perco realmente.

Ele riu de sua impudência imperturbável.

— O que devemos apostar? Cinquenta libras?

Ela assentiu.

— Feito. Eu pensei que você nunca entraria nas apostas, seu lindo idiota!

Sean tocou o chapéu enquanto dançava com Mephisto.

— Não muito, exceto, para coletar meus ganhos. Seja até mesmo na minha cama. — Elizabeth deu um sorriso sedutor.

Observadores se alinhavam nos dois lados do percurso. Pontilhando o prado verde, aqueles que não estavam a pé estavam em carruagens ou a cavalo, a

fim de se mover rapidamente em uma parte do percurso para outra. Guarda-sóis pairavam como borboletas brilhantes acima da multidão. Quando os cavaleiros se enfileiraram, Sean assumiu uma posição à esquerda do centro, Elizabeth Dunaway caiu perto do final da linha, enquanto Tim entrou na Numidian com alguns cavalos à direita de Sean. Terry Southwick, ao lado de Elizabeth, deu a Sean um sorriso enjoado e uma onda calorosa de boa sorte.

A tensão estalava no ar fresco de primavera enquanto os cavalos se agitavam e irritavam suas posições iniciais. Então uma explosão de trombeta de chifre de caça enviou vinte cavaleiros trovejando pelo chão; dezessete atingiram a primeira parede ao mesmo tempo; quatorze ficou para trás. O pé direito de Culhane foi esmagado dolorosamente enquanto os cavalos se comprimiam, mas Mephisto, bem treinado, não demonstrava nenhum nervosismo. Correu com facilidade, devorando a grama em grandes passos, pegando os obstáculos com toda a segurança. Aqui e ali, os cavalos desciam em montes de cascos agitados e galopando em cavaleiros. Os cavaleiros mais sortudos conseguiram cambalear com roupas borradas; outros caíram de cabeça sobre os pescoços de seus cavalos em colisões esparsas, em perigo mortal de serem pisoteados. Enquanto Sean dava a cabeça a Mephisto em cada perigo, ele o segurou ligeiramente no caminho. Ele havia chegado a um ponto atrás de Tim no segundo obstáculo de água e pegara uma chuva, mas compensara a distância na parede seguinte.

Finalmente, apenas um punhado de corredores continuou no percurso: Elizabeth Dunaway e Tim entre eles. Terry tinha caído. Depois de passar por um salt de árvores derrubadas, Sean soltou o garanhão. Mephisto se lançou para frente em um ritmo assustador, grandes cascos rasgando a grama espalhando coágulos. As coxas de Sean pareciam fogo líquido, mas Elizabeth desapareceu de sua visão periférica, depois outro cavaleiro e outro, até que Mefisto e Numidian disputando os últimos metros pescoço e pescoço, suando como um par de mensageiros do inferno. Um salto duplo, dois singles, depois uma vala e uma parede. Aturdido ao ver Numidian começar a se afastar, Sean usou sua experiência e gritou no ouvido de Mephisto: — Corra, filho negro! O bastardo deve ser esquecido, ele deve perder! — Mephisto rugiu com abandono diabólico nos últimos saltos e no último risco de tijolos e água, deixando o impressionável Numidian, o perdedor, pela metade.

Sean deixou que Mephisto entrasse em um galope, depois o conduziu a uma caminhada fumegante, as costelas do garanhão se expandindo e contraindo como um fole. Os bonés foram embora, os cabelos grudados na cabeça, os dois finalistas cavalgaram lentamente para se encontrarem enquanto as multidões convergiam para eles. As sardas de Tim se destacavam em seu rosto pálido.

— Parabéns, sor, — disse ele tenso, estendendo a mão.

Culhane tomou um aperto esmagador.

— Fique feliz por não ser o seu pescoço em busca de glória, fanfarrão.

Ambos os cavaleiros deslizaram de suas montarias em um mar de pessoas gritando e empurrando. Primeiro Sean, então Tim foi empurrado para cima em ombros resistentes e desfilou, em seguida, levado em triunfo para o círculo do vencedor. Em um barulho de aplausos, eles foram brindados com champanhe enquanto uma guirlanda de flores estava pendurada no pescoço de Mephisto. Um frio e educado John Enderly, principal patrocinador da corrida, apresentou a Sean uma enorme taça de prata e uma bolsa de cinco mil libras. Tim recebeu uma taça menor e mais parabéns. Shaunessy, de olhos vidrados, levou Mephisto para longe, arrancando rosas mastigadas da boca do cavalo com uma vaga advertência sobre os espinhos.

Sean foi escoltado de volta para a casa em um coche landau cheio de mulheres jovens, uma das quais mergulhou sua luva de seda em champanhe para limpar seu rosto manchado de suor e sujeira. Na recepção da casa, ele arrecadou valores particulares e procurou por Elizabeth Dunaway, que não estava em lugar nenhum.

A máscara lisa e bonita de John Enderly apareceu em seu cotovelo.

— Sr. Fitzhugh, eu acredito que meus amigos e eu lhe devemos uma boa quantia de dinheiro: umas nove mil libras, para ser exato. Neste envelope você encontrará os vales apropriados. O meu é acoplado com o de d'Angoulême. Em sua conta com o Lloyd's. — Seus olhos cinzentos se estreitaram. — Seu empreendimento se mostrou mais lucrativo. Espero ter a vantagem em nossa próxima reunião, senhor.

O irlandês pegou o envelope com um sorriso educado.

— Estou ansioso para vê-lo novamente, meu senhor.

Quando Enderly se desvaneceu na multidão, Culhane se sentiu estranhamente distante. Desde que encontrara seu inimigo jurado cara a cara, ele o observara como se o homem fosse uma víbora em um estojo de vidro. Não houve pressa de fel, nem vontade de matar. Embora ele pretendesse matar Enderly, a perspectiva agora parecia inevitável e montanhosa.

Mãos se empurravam para ele, champanhe pingando em suas roupas, mulheres sussurrando em seu ouvido, e homens oferecendo investimentos. Desconfiado de todos eles, ele se afastou e saiu da sala, fechando as portas com firmeza. O silêncio do vestíbulo deserto era ensurdecador e, ao atravessar para a escada, vozes claramente saíam da porta parcialmente aberta de um salão. A conversa era em francês, o orador era d'Artois. Sua menção ao nome de Catherine Enderly fez o irlandês parar abruptamente.

— Meu filho estava muito aflito por sua adorável filha não poder

comparecer à corrida. Eu esperava que ela fosse induzida a reduzir suas viagens em algumas semanas.

A voz de John Enderly era apaziguadora.

— Esta pode ser a última temporada antes de casada de Catherine no exterior, Vossa Graça. Certamente seu filho desejará que ela se estabeleça, deixando os caprichos juvenis atrás dela. Catherine falou com grande afeição do duque. Certamente, algumas semanas não podem importar quando dois jovens estão admiravelmente encantados.

Sean ouviu com crescente raiva, entendendo agora por que o bilhete de Enderly estava ligado ao de Angoulême: era pré-pagamento para entrega de Kit na cama real. Os nós dos dedos ficaram brancos no corrimão. Então Catherine tinha falado com “grande afeição” do jovem degenerado de queixo caído, não é? Kit não olharia para aquele pudim uniformizado, a não ser com pena.

Artois parecia estar encolhendo os ombros.

— Lamento que Louis não possa oferecer casamento, meu querido visconde. Casamentos exclusivos da casa real às vezes são uma tradição infeliz, mas eu sou de coração um homem tradicional. Louis deve se casar dentro de um ano ou dois. Ele acha a condessa Catherine mais atraente e eu satisfaria a escolha de um amigo, se fosse possível. Você vai garantir que a impaciência de meu filho não se deve apenas à ansiedade natural de um amante, mas às pressões de sua posição?

A conversa parecia estar chegando rapidamente ao fim. Sean subiu a escada, os músculos doloridos protestando a cada passo e a mente rolando de raiva. Bastardos oleosos! Condescende para fazê-la uma prostituta? Então o moleque real estava impaciente para montá-la, era? Ela era melhor do que o monte deles em uma pilha. Ela tinha mais procriação em seu dedo mindinho do que aquele duque cambaleante que podia convocar de todos os seus parentes de sangue azul e rosto amarelo. Atacando pelo corredor, ele imaginou Angoulême na cama com seu novo brinquedo, colocando as mãos úmidas sobre ela, subindo como um sapo em seu corpo magro. Ele abriu a porta do seu quarto, em seguida, bateu com um estrondo que derrubou o espelho em estilhaços de cacos da parede.

A criada de Elizabeth Dunaway, Felice, olhava para ele de onde estava despejando um balde de água fumegante em uma enorme banheira de cobre.

— Você não deseja um banho, Monsieur Fitzoo?

Sean olhou de volta, os olhos brilhando de fúria, depois ficou sóbrio com alguma confusão.

— Onde está sua ama?

A serva de olhos escuros ondulou.

— Ela virá. Ainda não é a hora, é como você diz, não? Por favor. — Ela veio para frente, estendendo as mãos. — Suas roupas? Não seja tímido.

Com os osso cansados Culhane embarcou na Mary D. antes do amanhecer e viu Mephisto a bordo e preso no porão. Um garanhão próximo na baía seguinte começou a tremer nervosamente. Depois de acalmar os dois animais, ele subiu para a cabine e esticou o corpo cansado em um beliche estreito. Shaunessy estava inconsciente no beliche oposto. Tim, abraçando os joelhos, sentou no chão.

— Bom trabalho, — disse Sean quando ele empurrou um travesseiro em submissão e o enfiou embaixo da cabeça. — Quaisquer problemas?

— Alguns, — admitiu Tim. Ele levantou uma orelha enquanto os cabos de amarração batiam no convés e a Mary D. foi deformado da doca. — Pensei que teria que cortar o Amin para tirar o garanhão, mas o velho estava procurando por Shaunessy aqui, para ver se ele estava em pé. E ele está, deitado como um saco de comida na barraca de Mephisto. Cheguei a Shaunessy um passo à frente do árabe, empurro-o para um cavalo e o conduzi para o prado a leste. Foi difícil continuar seguindo pela cidade, mas depois disso, foi uma coisa fácil, como você disse. Eu embarquei Numidian pelo relógio de onze badaladas; a patrulha do porto passou enquanto Mephisto e Shaunessy estavam bêbados. Quando você chegou aos quatro sinos, com certeza havia uma patrulha de lima diferente, e os verdadeiros trotes a bordo. Só uma coisa me preocupa...

Sean cuidadosamente colocou as costas em uma posição mais confortável.

— O que é?

— O boato era quente em volta dos estábulos sobre Mephisto sendo registrado como garanhão. Você não o inseriu no registro de garanhão, fez, sor?

— Claro que não. Esse truque manteve as probabilidades a seu favor.

O rosto de Tim se esclareceu.

— Eu estava pensando que eles poderiam rastreá-lo através da linha da raça.

Ouvindo as velas serem içadas, Sean olhou para a base do beliche no alto.

— Os papéis de Mephisto foram forjados. Se Enderly pudesse provar alguma coisa, ele teria forçado nossa mão antes da corrida. Mas o velho árabe parece muito certo que Ethiop gerou tanto Numidian quanto Mephisto. — O irlandês sombrio franziu a testa. — Brendan não guardou documentos para Mephisto. Eu me pergunto por que o árabe têm tanta certeza sobre Ethiop?

— O velho pagão é esquisito. Quando ela se casou, a viscondessa o trouxe da França; ele adorava tanto ela quanto a filha. Desde que a garota desapareceu, ele está mais estranho do que nunca.

— Vai dizer a Enderly que ele acha que você tentou drogar Numidian?

— Não sei. Ele odeia o visconde. Quando lhe disseram que Numidian deveria correr, ele estava apto a ser amarrado. — Tim fez uma careta. — Ainda assim, ele é orgulhoso como um sultão. Ele não queria que o animal de estimação de sua ama perdesse ou fosse enganado. Ele acha que você o salvou de ser drogado por um ladrão de cavalos vilão e você ganhou justo e reto.

— Eu não tive muita escolha, — disse Culhand secamente. — O que diabos deu em você, empurrando Numidian para vencer no final?

Tim olhou para os dedos dos pés, depois para cima com um traço de desafio.

— Eu sei que fui contra minhas ordens, mas não era Enderly que eu estava cavalgando. Fui uma besta idiota que não sabe sobre odiar e dor, apenas correndo para um homem que confia. — Tim sentou-se, estoicamente esperando que a ira de seu mestre rachasse em torno de seus ouvidos.

— Quando Enderly teve a sua família exterminada, Tim? — Sean perguntou baixinho.

— Eu era apenas um garoto, — Tim respondeu. — O Sr. Flannery disse que os soldados sentiram minha falta em uma pilha de escombros. Eu estava quase morto de fome.

— Dezoito anos. Muito tempo para odiar, não é?

— Sim, sor.

Culhane esfregou a cabeça.

— Tente e trabalhe as dobras da minha carcaça pelo próximo quarto de hora, e vamos chamá-lo de justo.

— Sim, sor! — Sean soltou um gemido abafado quando Tim obedeceu com entusiasmo. O irlandês estremeceu mais de uma vez quando Tim descobriu dores não percebidas anteriormente. — Eu estou um pouco dolorido, sor, mas não é tão ruim quanto isso. Você deve ter tido um terrível e selvagem passeio.

Sean pensou em Elizabeth e Felice e sua garrafa de champanhe.

— Mais do que você sabe, garoto. Mais do que você sabe.

CAPÍTULO 10

O OLHO DO PINTOR

O tempo em Shelan passou serenamente para Catherine na ausência de Sean Culhane. Quando não estava lendo para Flynn, encontrou tempo para colocar cortinas brilhantes nas janelas da enfermaria e cultivar suas flores até que florescessem com renovado vigor. Ela passeou com Liam quase todas as tardes. Para evitar que Flynn suspeitasse, ela concordou em permitir que Liam a pintasse como pretexto para se verem.

A primeira pose que Catherine fez para seu retratista não foi uma maravilha de inspiração: seus braços e seus joelhos juntos. Quando ele rindo protestou, ela fingiu inocência.

— Você não prometeu me pintar exatamente como eu sou?

— E o que você é, uma freira? Um poleiro para corpetes? —ele brincou. Quando ele encontrou carvão e olhou ao redor do cavalete novamente, um corcunda vesgo aguardava com um enorme sorriso. Em seu olhar exasperado, ela se tornou a modelo perfeita, assumindo poses com facilidade não estudada em seu antiquado vestido de musselina branca. O chapéu de abas largas que ela estivera pendurando por suas fitas como se pescasse bacalhau agora se enrolava contra suas saias onduladas pelo vento. Seu carvão voou quando ele parou em um ponto, depois outro. De repente, o chapéu foi balançado de suas fitas e ela dançou levemente, a musselina rodopiando como uma nuvem enquanto cortava uma faixa através da urze. Liam se tornou quase frenético para capturar seu abandono, xingando uma vez quando seu carvão estalava. Sua mão moveu-se em movimentos hábeis e soltos até que sua modelo passou o chapéu na direção dele.

— Hora do chá, mestre pintor!

Liam exasperadamente bagunçou seu cabelo.

— Que incômodo! — Sua risada provocante soou estranhamente abafada sobre as rochas, como se um fantasma de uma época passada tivesse vindo para seduzir mortais incautos.

No chá, Catherine era uma anfitriã polida, servindo bolinhos de aveia com açúcar, mantendo os copos cheios e fumegando. Ela estava estranhamente recatada, e ambos os cavalheiros estavam assustados quando ela anunciou o desejo de ir a aldeia do porto em busca de uma fita. Com Liam como

acompanhante, claro. Liam e o médico se entreolharam.

— Eu não acho... —começou o médico.

— Meu senhor e mestre não está aqui, — disse ela rapidamente, — e ele não precisa saber. Meu chapéu exige uma nova fita. —Inocentemente, ela arrastou a fita rasgada de onde ela tinha colocado. O médico se encolheu e Liam se remexeu. — O chapéu será inútil sem uma fita nova. —Ela pareceu notar o desconforto deles pela primeira vez, depois protestou como se estivesse magoada: — Com certeza você não acha que eu tentaria escapar enquanto sou sua responsabilidade? —Ela olhou para a fita velha, em seguida, forçou um sorriso corajoso. — Oh, bem, é apenas uma pequena vaidade feminina que anseia pelas grandes. Eu tenho me comportado bem até agora.

Liam mordeu a isca.

— Pelo amor de Deus, Catherine, Ruiralagh é apenas uma cidade de pescadores. Você se destacaria como uma rosa Tudor em um choque de trevos. Sair de Shelan é arriscado.

— Não se você me apresentar como sobrinha do doutor Flynn de Killarney, — disse ela rapidamente.

— Eu não tenho sobrinha em Killarney, — protestou o médico.

— Kilkenny? —Catherine sugeriu brilhantemente.

— Eu não tenho nenhuma sobrinha!

— Além disso, — disse Liam, — você não parece irlandesa.

— Morda a sua língua, irlandês idiota, como se atreve a dizer a uma boa irlandesa que ela não soa como se viesse da terra. É insultante, e é injusto!

Flynn piscou.

— Grotesco, mas incrível.

Os argumentos masculinos continuaram a se encontrar com refutações alegres até que Liam tomou um gole de chá gelado e fez uma careta.

— Apenas uma fita, preste atenção, e então volte diretamente para casa.

Pouca escolha de enfeites era encontrada na loja geral, onde Catherine ponderava os artigos com um prazer enlouquecedor. Com uma impaciência nervosa, Liam andava de um lado para o outro enquanto ela dava voltas, mexendo com isso e mexendo ali enquanto a proprietária de meia-idade a encarava como um fardo. Duas outras mulheres em trajes pardacentos olhavam para o vestido cor-de-rosa estranho e para o xale de urze suavemente coberto com desaprovação de lado. Não estava vestida de maneira diferente, salvo no sombreado imenso de suas roupas e no atraente decote, mas em suas mentes ela era bonita demais para ser uma boa irlandesa, e o fato de Lorde Liam aguardar em público falava por si.

A essa altura, aquele senhor estava bem ciente de que seu pedido tinha muito mais em sua mente do que fitas. Sua carruagem mal tinha rolado para a rua ao longo do porto, quando ela gritara: — Begorra, que cão querido! — Deslizou para fora da carruagem como se estivesse com manteiga, e subiu o cais atrás de um vira-lata comido por sarna que se encolheu quando ela o acariciou.

Apesar dos protestos de Liam, quando ele amarrou a carruagem apressadamente e correu atrás dela, Catherine insistiu em caminhar até a única loja de roupas da vila e se apresentar para todos. O sorriso dela era tão contagioso que as pessoas involuntariamente sorriam de volta, e geralmente ouviam alguma conversa sobre — Meu tio, doutor Flynn. — A bela desconhecida e o tenso jovem senhor avançaram juntos a passo de caracol, porque a jovem lady não podia resistir aos moradores, impulsivamente elogiando suas flores ou persianas recém-pintadas. No entanto surpreso ao ser abordado pelos indivíduos, inevitavelmente, ele começou a descongelar.

Estranho, na verdade, e descontente franziu o cenho para uma rosa que desabrochava, mas, no fim, isso fez com que ela aparecesse: a digna Sra. Agatha Flynn Leame, a filha mais velha e mais ocupada do doutor Flynn. Seus olhos azuis desbotados e perfil forte eram sua única semelhança com o pai. Entrou na loja com um chapéu de foca barato na frente e um gorro feio enfeitado com penas de galo na cabeça.

— Onde está Kitty Flynn? — ela gritou.

— Ora, tia Agatha, como é bom tê-la finalmente encontrando. Eu teria reconhecido você em qualquer lugar a adorável miniatura do tio Michael!

O queixo de Agatha se projetou e Liam estremeceu.

— Não me lembro de meu pai ter uma sobrinha, de Kilkenny ou de qualquer outro lugar! — Abaixando a voz para um sussurro furioso, ela sussurrou: — Se você acha que pode se passar por uma de nossas decentes parentes para poder bancar a prostituta do meu tolo pai e imaginar ter Lorde Liam, pense de novo!

Os olhos de Catherine se arregalaram espantados e ela sussurrou de volta: — Ora, tia Agatha, que grosseira você está sendo. Talvez seja você quem deveria estar pensando uma ou duas vezes. Talvez você não se lembre de mim, mas eu me lembro de Flory Flynn, a tia que entrou para a sociedade. É hora dela estar se divertindo em Dublin, conhecendo todos os tipos...

Uma mão enluvada pegou espasmodicamente seu pulso. A voz de Catherine se tornara sutilmente mais alta, frase por frase, e o queixo de Agatha caía a cada aumento de volume.

— Por favor! Abaixue sua voz, — a mulher sussurrou com voz rouca.

— Eu ficaria encantada, mas vou agradecer-lhe por estar considerando a

reputação de seu pai, assim como a sua própria.

Liam começou uma conversa frenética e barulhenta com a proprietária da loja, enquanto Catherine continuava em tom baixo, frustrando a atenção dos clientes.

— Se você não descobriu até agora que seu pai é um homem honrado, é muito triste, de fato! Eu sou sua enfermeira: nada mais, — ela estendeu o queixo pequeno — e nada menos. — Seus olhos se estreitaram. — Agora, você abusou do seu bom nome por muitos anos e de sua prática arrumou um marido por causa disso. Se você não começar a lembrar “e em voz alta, lembre” que seu pai é um cavalheiro e médico, podemos ver o quanto da sua própria reputação de moça de Kilkenny pode fazer! — Vendo a mulher começar a reclamar, Catherine disparou suas armas. — Gostaria que seus vizinhos soubessem quanto Flory a garota de rua cobra?

— Pare, pare. — As mãos enluvadas se torceram no colo. — Eu vou fazer o que quiser. Mas isso não vai ajudar. O povo daqui não será paciente de Da16.

Catherine ignorou seu protesto.

— Fale com a sua irmã esta tarde, se você quiser. Duas bocas correm melhor do que uma. Eu espero estar vendo pacientes subindo a colina começando na próxima semana. Se você não pode enviar alguém, é melhor que desenvolva uma doença e você mesma faça uma visita.

— Mas meu marido é o médico da aldeia! Como seria isso?

— Não é pior do que parece quando você abandonou seu pai e o deixou para suportar apenas sua própria língua. Só peço que não seja preciso um pouco de chantagem para fazer você vê o certo. — A voz de Catherine recomeçou seu volume normalmente alegre enquanto ela fazia uma reverência. — Bom dia para você, tia! É um bom convite para lorde Liam para o chá, mas temo que tenhamos muitas tarefas esta tarde. Talvez outra hora. — Ela abraçou calorosamente a mulher aturdida, resgatou Liam da dona da loja, que se agitava como avestruz para ver além dos ombros, depois saiu da loja pelo braço de um senhor silenciosamente furioso.

Determinadamente afastando-se da carruagem, ela se virou na direção da pequena igreja de pedra nos arredores da aldeia. Completamente exasperado, Liam afundou em seus calcanhares.

— Isso é loucura. Eu fui um idiota por te trazer até aqui. O condado de Donegal não foi tão agitado desde Cromwell! E esse comentário que você deu a esses pescadores sobre uma epidemia de caxumba! Você dobrou a espada da ética médica de um para outro. Eu vou te levar para casa neste minuto!

Grandes olhos azuis olharam para ele suplicantemente.

— Eu sei que atentei muito a sua paciência, mas você não vai me permitir

confessar antes de sairmos? —Ela pegou as mãos dele. — Eu prometo ser boa. Eu não direi outra palavra a ninguém além do padre. —Ele parecia duvidoso. — Eu não vou envolver você e seu irmão, — ela disse rapidamente. — Eu juro.

— Mas o que você pode ter para confessar? Você foi trazida aqui contra a sua vontade e... abusada. Deus não vai responsabilizá-la.

Seus olhos baixaram. Ela temia admitir a um padre o desejo por um homem que a estuprara; ainda mais que ela deveria prometer de boa fé não repetir a ofensa. Ela não podia suportar que Liam soubesse o quão baixo ela havia afundado.

Liam pegou seu queixo, seus olhos se estreitaram.

— Você não está se apaixonando por Sean, está?

Ela empalideceu.

— Não! Meu Deus, não! Como você pode perguntar isso? Eu não tenho privacidade, mesmo na contemplação dos meus pecados! —Ela não pretendia falar com clareza, mas a observação perspicaz de Liam se aproximara demais da verdade. Sua expressão magoada e irritada trouxe uma pontada de remorso. — Sinto muito, Liam. Na verdade, eu não quero machucá-lo. Meu relacionamento com seu irmão é um completo antagonismo. Nós raramente passamos uma hora na companhia um do outro sem brigar. —Ela parou por um momento, observando as sombras claras em seu rosto bonito. — Eu preciso de um padre. Você vai me levar para a igreja?

Ele suspirou.

— Se você precisar de perdão, dificilmente posso negar a você. —Ele enfiou o braço dela no dele. — Mas temo que você consiga pouco consolo do padre Ryan.

Na extremidade da aldeia, eles passaram por um arco gótico arruinado que se espalhava em poderosa graça espinhosa da praia rochosa.

— Que lindo! Liam, que lugar era esse?

— Uma capela franciscana construída pelos O'Donnells durante os primeiros reinados dos Tudors. Na época, O'Donnells e O'Neills eram as famílias dominantes de Ulster e as maiores pavimentadoras da Irlanda. A igreja foi destruída durante a repressão católica de Henrique VIII.

— Sua mãe era uma O'Neill, não era?

Seu rosto se apertou.

— Puramente descendente de Hugh de Ulster. Ela veio para a Irlanda da Espanha quando tinha quatorze anos e se casou com meu pai.

— Ela era muito jovem.

— Não tão jovem para saber o que ela queria. Ela não tinha o desejo de afinar seu sangue real através de uma aliança com parentes exilados e distantes.

Ela escolheu um homem de Ulster de linhagem menor, mas igualmente pura, então esperava por um filho para restaurar os O'Neills ao trono. Mesmo quando criança, era obviamente improvável que provasse terror para os ingleses. Depois que meu pai foi jogado na prisão, ela pôde vê-lo por um mês em cada seis, graças a um poderoso amigo no governo. Depois de dois anos, ela deu à luz Sean. Quando ela soube que papai estava saindo da prisão, ela pegou Sean e foi embora. Alguns dizem que ela foi embora porque queria o futuro príncipe para si mesma, outros, por causa da longa separação de meus pais ela tinha gerado um bastardo e não podia suportar a fofoca.

Catherine apertou a mão de Liam em rápida simpatia.

— Certamente sua mãe deve ter amado aqueles que ela deixou para trás. Seu pai é respeitado por todos que o conheciam e você era seu primogênito; ela não poderia ter sido sem coração.

— Quem sabe? Talvez ela fosse mais descuidada do que sem coração. Sean ficou alto e moreno como o pai. Ninguém teria caluniado sua legitimidade por muito tempo se ela tivesse ficado, mas sua saída parecia uma certeza. É por isso que os retentores de meu pai se apegam a mim e não ao meu irmão, por todas as suas habilidades. — Os lábios de Liam se contorceram e o rancor da amargura se mostrou em suas últimas palavras. — Foi um grande erro dela e típico de sua arrogância.

— Mas como poderia esperar que Sean atraísse toda a Irlanda para sua causa, quando os homens de seu pai não o seguirem?

— Megan tinha pouco mais do que tolerância e desprezo pelo apoio de Culhane. Se ela tivesse vivido, o sobrenome de Sean teria sido O'Neill. Ela planejava aliar-se aos grandes vassalos hereditários da coroa irlandesa, confiante da pura magia da descendência de Hugh e do desespero nacional. Os Culhanes eram apenas um pequeno elo na sua mira, mas funcionou de maneira diferente: Sean não pode comandar os grandes clãs sem primeiro se estabelecer e, com Megan morta, não pode fazê-lo sem os Culhanes. Ele seria apenas uma relíquia da glória do passado.

A igreja da aldeia se assemelhava a uma fortaleza românica; baixa e impassível, não oferecia boas-vindas. Quando entraram no interior escuro, Liam mergulhou os dedos na tigela de pedra do lado da porta, e fez o sinal da cruz. Passando pelos bancos rudimentares que serviam de bancos, eles se ajoelharam diante de uma grade de velas acesas. Ao lado do altar simples, ele estudou o perfil da jovem condessa enquanto rezava. Estranhamente, mesmo aqui sua beleza parecia sublimemente pagã, seus olhos oblíquos lembrando-o dos mosaicos hieráticos de Teodora, a cortesã que se tornou imperatriz de Bizâncio

cristão. Com o rosto dourado pelas velas cintilantes, ela parecia envolvida por uma tensão que aumentava à medida que os minutos se arrastavam, com as mãos mais fechadas do que apertadas. Por fim, ela sussurrou quase freneticamente: — Onde está o padre?

— O sino pode ser claramente ouvido em sua casa; se ele estivesse lá, já teria chegado agora. Sinto muito, Catherine.

— Nós viremos em outra hora. — Ela olhou para ele, então caiu levemente como se tivesse perdido alguma batalha interna.

Silenciosamente, eles caminharam ao longo do cais até a carruagem. Liam aportou-a, depois enfiou um pacote na sua mão com um sorriso irônico.

— Sua fita.

Algum tempo depois, quando a carruagem rolou ruidosamente pela estrada, ela falou.

— Os culhanes são originalmente católicos, não são? Você parece acostumado ao culto católico.

Liam assentiu.

— Católico como o próprio Santo Papa. Mas os proprietários de terras nativas na Irlanda não podem se permitir o luxo de aderir às suas crenças particulares hoje. — Ele varreu a mão para incluir a terra estéril diante deles. — Toda esta área delimitada por Shelan é Shireland, propriedade confiscada da Coroa desde Carlos II. Se eu fosse católico, não poderia mais possuir Shelan. Eu seria forçado a alugar uma terra que está na minha família há mais de mil anos a partir de uma taxa usurária de dois terços de sua renda a cada ano. Eu não teria nenhum recurso à lei para crimes contra minha propriedade e pessoa, nenhuma representação no governo. Eu não poderia enviar meus filhos para a universidade, ou mesmo manter um cavalo decente.

Catherine escutou essa litania de repressão com raiva aturdida. Quão monstruosamente injusto! Como poderia uma nação temente a Deus apertar outra tão egoisticamente? Não é de admirar que as rebeliões sejam uma ameaça tão grande para a paz inglesa, ela pensou com súbita culpa. Os irlandeses não tiveram chance. Cada vez que se rebelaram, foram esmagados; cada derrota trouxe mais opressão.

Sem olhar para ela, Liam continuou ironicamente: — Poderia ser pior. Cromwell era para matar todos nós, isolando-nos nos montes de Connaught para passar fome ou nos extraditar como escravos para Barbados. Ele massacrou três mil em Drogheda, cinco mil em Stafford. Nossos números foram a nossa salvação, em tempos de fome, menos é uma vantagem.

Não é de admirar que eles me odiassem, pensou Catherine. Não é de admirar que Sean Culhane me odiasse. Não foi só meu pai. Uma mão enorme

parecia comprimir seu peito, sufocando-a.

De repente, notando sua palidez, ele parou a carruagem.

— Catherine? — Temendo que ela estivesse prestes a desmaiar, ele a agarrou em seus braços e ela se balançou contra ele, dificilmente ciente de seu entorno. Com o cabelo dela derramando de sua cobertura enquanto o xale escorregou para longe, ela parecia tão impotente que a preocupação de Liam foi substituída por um forte desejo masculino de dominá-la. Ele a esmagou contra si e sua boca cobriu a dela com desesperada urgência.

Assustada, Catherine começou a lutar.

— Não, Liam! Por favor... não! Deixe-me ir... por favor!

Desesperadamente ela empurrou o peito dele, e com um gemido, ele a soltou. Sua ansiedade congelou seu desejo, mas não sua raiva crescente contra Sean. Mal interpretando seu estado de espírito perturbado, ele estava pronto demais para culpar sua rejeição pela bestialidade de Sean. Ainda assim, ele estava ciente de que se atirara nela precipitadamente.

— Sinto muito. Eu nunca quis fazer isso. — Ele desviou o olhar. — Eu queria que você gostasse de mim por vontade própria, — ele murmurou. — Eu... eu acabei de perder a cabeça.

Seu desânimo lembrou a Catherine o velho e infantilmente incerto Liam e o filho solitário e rejeitado que ele fora uma vez.

— Parte da culpa foi minha. Eu não percebi o quão forte você se sentia. — Mentirosa, ela pensou, afundando no canto da carruagem. Sean lhe avisou para não brincar com fogo. Como você pode não saber? — Ficamos tão confortáveis, — ela acrescentou, — tão à vontade juntos que não pensei... — Seu rosto ficou progressivamente mais miserável até que ela pegou em seu ombro. — Oh, Liam, você não está apaixonado por mim?

Ele olhou para ela miseravelmente.

— Eu tenho estado há muito tempo. Não há nenhuma ajuda para isso, então estamos ambos sem sorte. Obviamente, você não se importa comigo da mesma maneira. Eu me tornei apenas mais uma dificuldade para você.

— Isso não é verdade! Você é gentil. Como eu poderia não gostar de você? — Ela olhou para as rochas em direção ao mar. — Mesmo se eu te amasse, que bem poderia vir disso? Eu não posso viver em seu mundo, cercado de ódio. Hoje, pela primeira vez, seu povo me olhou como um ser humano, não como um opressor. Agora eu acho que eles têm todo o direito de me desprezar, meu pai ajudou o vice-rei aqui, e eu me sinto tão mal! Eu estou sufocando, Liam! — Ela chorou quase histericamente. — Por favor! Não fale de amor. É a palavra mais cruel do que você pode imaginar.

Em um silêncio miserável, ele foi para casa e a viu na porta antes de

devolver a carruagem ao celeiro. Quando desatrelou os cavalos, viu o xale de Catherine amassado no assento da carruagem. Ele segurou-a momentaneamente contra os lábios, captando seu perfume sutil. Tranquilizado por uma decisão que acabara de tomar, Liam dobrou o xale sobre o braço e saiu do celeiro.

Na casa, Catherine se jogou na cama de Culhane, amaldiçoando-o por forçá-la a esse dilema. Não era como se ele a abrigasse. De fato, ele a jogou na lama. Mas, mesmo assim, ela não sabia o quanto a agonia da Irlanda era implacável, quão implacável era o ciclo de ruína sistemática. Como filha de um diplomata, ela não era estranha à venalidade do governo. Ela sabia perfeitamente bem que a Irlanda não tinha ajuda em George III, a quem ela considerava como um monarca intermitentemente insano, de mente estreita, sem imaginação e com menos adaptabilidade; seu filho amoral e egoísta não oferecia melhor promessa. Se ela se tornasse traidora da Inglaterra ou da Irlanda, ela seria amaldiçoada. E agora dois homens orgulhosos e apaixonados a queriam; o que ela rejeitou deve estar terrivelmente ferido.

— Eu te odeio, Sean Culhane, seu safado bastardo! Você me manteria aqui e me chamaria de caprichosa. Eu não vou responder! Aconteça o que acontecer, não vou ficar neste lugar miserável!

A semana seguinte foi sem intercorrências. Catherine recebeu bem suas aulas de medicina com Flynn, de fato, congratulou-se com qualquer distração de sua turbulência. Mas os ocupantes da casa eram despertados por gritos durante seus pesadelos cada vez mais frequentes. Ela cresceu secretamente apavorada com a recorrência de seu colapso mental na infância. Esse medo chocante era evidente nos esboços que Liam continuava a fazer dela. Ela posou como ele desejava, mas sua tristeza retraída o manteve afastado.

Sabendo que ele em breve começaria a pintar a óleo, Liam rezou por uma mudança em seu humor no último dia de desenho. Ele tinha sido terno e gentil, trazendo-lhe flores, atraindo conversas para tópicos leves, mas a cada dia ficava mais difícil se manter longe dela. Ela estava tão vulnerável, respondendo com gratidão quase patética à sua amizade. Esperando encorajá-la a se mover com menos constrangimento, ele pediu a ela para soltar o cabelo e deixá-lo cair sobre os ombros e pegar a brisa do penhasco. Mas quando ela soltou, ele sabia que havia sugerido a coisa errada. Se ela tivesse se despido para ele em um boudoir, não poderia tê-lo despertado mais. Seu cabelo era uma sombra longa e acariciante. Quando ela ergueu os braços, levantou os seios contra o material fino do vestido. Olhando para cima, ela corou quando viu seu olhar tenso. Rapidamente ela assumiu uma pose, forçando-o a começar a

desenhar. Mas finalmente largou o carvão no cavalete e foi pegá-la pelos ombros.

— Esta pretensão é inútil. Vou te levar embora, vamos a qualquer lugar que você queira, te amo com todo o meu ser para sempre. Seja minha esposa. Case comigo.

Ela tocou sua bochecha.

— Você já pensou em tudo o que você estaria desistindo? O que o seu exílio significaria para o seu povo, para o seu irmão?

Seus lábios se curvaram em um sorriso amargo, mas estranhamente triunfante.

— Eu não sou um homem pobre. Eu tenho certos direitos legais sobre Shelan, meu irmão não pode usurpar, não importa onde eu esteja. Ele envenenou este lugar com seu ódio e sua causa sem esperança. Se você não estivesse aqui, eu não o veria. Eu quero permanecer. Embora eu não possa mantê-la com diamantes na corte, posso mantê-la com conforto onde quer que você escolha.

— Você me honra, meu senhor, — ela murmurou. — Não tenho desejo de luxo; tenho necessidade de amor. — Ela alisou o cabelo dele. — Mas e você? Você poderia estar satisfeito com uma mulher que nunca poderia aprender a amá-lo em igual retorno?

Liam enterrou o rosto contra a têmpora dela.

— Eu arriscaria qualquer coisa para mantê-la perto de mim. Com o tempo você pode aprender a me amar, e até então, meu amor seria mais que suficiente para nos aquecer. Diga, Catherine. Diga que aceita.

Ela se afastou um pouco.

— O casamento é o preço da minha fuga?

— Eu vou te ajudar se você se casar comigo ou não, — ele respondeu, — mas não ousarei esperar para pedir sua mão na Inglaterra. Seu pai nunca permitiria que você se aliasse com um exilado irlandês.

Catherine teve que concordar. Ela e Liam poderiam ter que ir para o continente. Em Roma, onde outrora fora feliz, eles poderiam ser felizes. Ela amava a ideia, mas odiava sua salvação plana. Será que ela passaria o resto de seus dias em penitência pelos erros da Irlanda? No entanto, quando ela olhou para o rosto suplicante de Liam, pensou em como ele parecia uma criança, como era necessário o mais simples afeto e segurança.

Liam leu o olhar dela como aceitação, e com a força ávida de um homem se afogando, puxou-a para mais perto de seus braços.

— Liam, espere...

Seu protesto pode ter sido o grito de um maçarico por tudo o que ele ouviu.

— Não tenha medo. Nunca tenha medo de mim. Eu só quero te beijar. Eu preciso beijar você. — Febrilmente sua boca procurou a dela, e ela deixou que ele a beijasse o quanto gostasse. Gradualmente, ela foi capaz de relaxar. Se não tão convincente quanto seu irmão, Liam não era inexperiente e seu toque era agradável. Mas enquanto seus lábios procuravam sua garganta e ombros e ela sentiu a dureza de sua masculinidade contra sua coxa, Catherine tentou se desvencilhar, percebendo que ele não ficaria satisfeito com beijos. — Por favor, deixe-me amar você, — ele sussurrou rudemente contra sua garganta. — Eu preciso de você assim. Por favor.

Ela sofria por ele e por si mesma. A honra importava tanto que a compaixão não tinha lugar? E o mais importante, ela não podia permanecer na indecisão. A guerra armada não poderia estar longe; os irlandeses devem aproveitar a vantagem enquanto Napoleão ameaçava a Inglaterra. Embora ela não pudesse evitar a erupção, ela poderia conter a contribuição de homens e armas de Shelan para uma briga que deveria levar a mais um banho de sangue e derrota. Tudo o que ela tinha que fazer era entregar seu corpo e o resto de sua vida a esse homem. Ela mal podia pedir a ele que desistisse de tudo por nada.

Com a boca seca, deixou que ele a empurrasse até a urze e ficou imóvel enquanto ele se atrapalhava com as fitas do corpete. Enquanto sua boca ardente explorava seus seios, seus dentes afiados ocasionalmente machucavam, o que amenizava a resposta automática de seus sentidos. Ela estremeceu um pouco quando ele a despiu.

— Eu queria ver você nua, assim, — Liam murmurou enquanto febrilmente se despia. O bronze de sua pele parou em sua garganta e antebraços; em outros lugares, seu corpo era branco de mármore. — Eu imaginei este momento mil vezes. Todas as longas noites que meu irmão usou seu corpo. — Enquanto ele se ajoelhava, os olhos azuis de Liam estavam escuros, quase selvagens, da lembrança que dava a sua paixão. — Você pode imaginar como esses pensamentos me torturaram? O pensamento dele fazendo você responder ao desejo me enlouquece! Seu corpo é um altar; eu purificarei sua profanação dele. — Ele se posicionou. — Você é minha deusa. Eu te adoro.

Enquanto seu corpo abaixava, Catherine recuou apesar de sua resolução.

— Liam, você não vê que isso está errado? Por favor, me deixe ir! — Ela empurrou com desesperada determinação, e com igual determinação, ele se agarrou a ela; mas desacostumado a estuprar, ele não conseguiu acalmá-la por tempo suficiente para encontrar sua entrada. De repente, ele gritou com voz rouca e ela sentiu uma umidade pegajosa em sua coxa. Ela arrastou dolorosamente o cabelo dele até que ele se afastou com uma frustração irritada. Assim que seu peso a deixou, Catherine se levantou rapidamente e

desceu as rochas até o mar. Tremendo, ela escorregou na água e nadou até que seu corpo se limpou. Olhando para o penhasco, ela o viu puxando suas roupas, os cabelos riscados pelo sol soprando ao vento. Ela subiu as rochas e, tão orgulhosamente quanto qualquer deusa que ele pudesse desejar, passou por ele para suas próprias roupas.

— Catherine, eu não entendo. Você parecia me querer.

Ela arrastou o vestido.

— Eu pensei que você ofereceu casamento, Liam, não enlevo. Você me oferece escapar, mas para quê? Uma prisão suave de adoração? —Ela se virou para ele, apertando o corpete. — O pior de tudo é que você me deseja porque eu sou a prostituta de seu irmão. Você quer arrebatá-lo. Como você deve odiá-lo!

— Eu nem sempre o odiei. —Ele encontrou seus olhos friamente. — Uma vez, da maneira que você acha tão repugnante, eu o idolatrei apesar do roubo do carinho de meu pai. —Ele foi até seu pacote e vasculhou os cadernos de esboços, finalmente selecionando um usado. — Olhe por você mesma. —Ele jogou-o a seus pés descalços e ela se inclinou rapidamente para evitar que as páginas soltas se espalhassem. Pela primeira vez ela viu Sean Culhane quando menino, com uma força feroz e corpo magnético, mesmo assim. O conjunto de boca e mandíbula eram duros, os olhos já pensativos e insolentes. Liam tinha sido inexperiente naqueles anos, mas seus golpes tinham certeza. Ela reconheceu familiares posições de combate a facas em estudos rápidos que lembraram seu treinamento inicial com Flannery; partes de seu corpo foram cuidadosamente moldadas, outras meramente indicadas, produzindo uma ilusão de movimento cortante. Os olhos estavam frios; a boca nunca sorria.

Catherine virou a página. Liam desenhara Sean aos dezesseis anos, galopando ao lado de um desfiladeiro em um garanhão da baía. A pedido do artista, ele andava nu, seu corpo balançava ligeiramente para trás, a pelve facilmente para a frente enquanto ele controlava com destreza o poderoso animal.

Passando rapidamente para o próximo desenho, um estudo em giz colorido, ela prendeu a respiração. Liam sorria torto.

— A primeira amante dele. O nome dela é Fiona. Eles ainda são amantes. —O par estava nas pedras, Sean logo atrás e acima de Fiona. A garota de cabelos de fogo tinha o corpo exuberante de uma mulher, embora não pudesse ter mais de catorze anos. Ela usava um simples vestido de algodão indiano sobre longas pernas fortes; Sean, apenas um par de calções desgastados. Ambos estavam descalços e insolentes e comoventemente jovens. — Ele me mandou embora depois do único esboço, mas eu me escondi nas rochas e os assisti. Ele

nunca viu os próximos desenhos.

Seus dedos se recusaram a se mover e Liam deliberadamente virou as páginas. Eles eram bonitos, tão belos quanto dois jovens poderiam ser, livres e abandonados como selvagens, seus corpos entrelaçados, às vezes impacientemente ferozes, muitas vezes contidos enquanto se contentavam em explorar os sentidos um do outro. Seus perfis eram bem definidos, um como um jovem falcão parado sobre seu companheiro. Eles eram lindos e orgulhosos e cortaram seu coração como punhais. Para esconder a dor inesperada, ela estudou os desenhos restantes, mas eles se tornaram um borrão de olhos verdes zombeteiros. Finalmente, felizmente, não havia mais e Liam gentilmente recuperou seu livro.

— Alguns meses depois, fui para Roma. Não há lugar como esse para a idolatria. — Avançando rapidamente em direção ao mar, ele carregou o livro até as rochas, depois lançou-o sobre as ondas. A mente de Catherine gritou quando os desenhos se espalharam pela brisa e caíram na água, Quando o último desapareceu, Liam voltou para encontrá-la ainda olhando para a água.

— Minha admiração por meu irmão começou a morrer quando voltei de Roma e vi o quanto o ódio o consumira, mas eu ainda estava impressionado o suficiente para ser seu cúmplice. Você deveria ser a última a subestimar sua crueldade. As mulheres são objetos para Sean. Você o intriga momentaneamente porque o odeia. Mas se você alguma vez começasse a amá-lo, ele a descartaria como um lixo. Como você me descarta porque acha a idealização repugnante. — Ele estendeu a mão e sacudiu-a até os dentes tremerem. — Se você espera ser amada como uma mulher, comece a agir como uma. Se você não gosta de altares no quarto, pare de pontificar! — Ele a soltou abruptamente. — Quem você pensa que é, Santa Joana da Irlanda?

Catherine empurrou-o para longe e, tropeçando nas saias compridas enquanto seus pés escorregavam nas pedras molhadas, fugiu em direção à enfermaria. Liam subiu atrás dela, mas ao chegar, ela se distanciou dele como uma assustada gazela. Percebendo que a perseguição era inútil, ele diminuiu a velocidade. Dormência encheu seu coração. Depois de toda a sua paciência e cuidado, ele arrebatou como um ladrão a primeira hesitante oferta de afeição, depois esmagou suas chances de fúria ao recuar.

O comportamento moderado de Catherine e o constrangimento de Liam nos dias seguintes levaram o doutor Flynn à conclusão precisa de que os dois haviam brigado. Ele não ficou surpreso com a visita do jovem lorde. Depois da partida de Liam, Flynn foi até seu dispensário e encontrou Catherine colando rótulos ordenadamente sobre suas garrafas de boticário. Espiando com

curiosidade os óculos, ele mostrou uma rosa recém-cortada.

— É de Liam. Tenha pena do rapaz; ele não tem dissecações de girinos e salamandras para distraí-lo, apenas um retrato que ele não pode terminar sem a sua modelo. Ele pergunta se você vai pensar em posar amanhã. — Silenciosamente, Catherine alisou uma etiqueta em um pote de cristais de enxofre. — Você não acha que lhe deve, pelo menos, a conclusão do projeto para o qual ele dedicou muito tempo e trabalho? Como a Irlanda pode esperar pela paz se uma pessoa não pode aceitar a mão oferecida pelo outro?

Ela olhou para o rótulo.

— Você vem conosco?

— Ai, não. Amanhã enfrento a triste perspectiva do chá com minhas filhas.

Ah, Catherine, ela pensou amargamente, veja até onde a sua intromissão chegou.

— Muito bem. Eu vou terminar o retrato.

E ela o fez, tomando cuidado, as sessões foram conduzidas em uma visão clara da enfermaria. Embora consternado com sua desconfiança, Liam teve o bom senso de não protestar. O retrato progrediu sem o entusiasmo dos participantes. Catherine estava resignada a ter a coisa feita, enquanto Liam se irritava com o afastamento da figura tomando forma na tela; a essência de sua modelo, a insolência e vivacidade, estava faltando. Seus olhos estavam mais assombrosamente bonitos do que nunca, mas tinham uma qualidade sombria, assim como o sorriso dela. A pose parecia estranhamente familiar; ele pintou com segurança, como se repetisse com frequência. Finalmente ele aplicou os toques finais e se afastou, então teve uma sensação estranha de déjà vu. A garota descalça em posição nas rochas varridas pelo vento era um fantasma; outra adorável garota de cabelos escuros. E de repente ele se lembrou de quem ela era.

Com um traço de seu velho sorriso maroto, sua modelo se aventurou curiosamente no cavalete.

— Você parece como se tudo fosse um desastre. Eu avisei que seria difícil pintar. — Virando-se para olhar seu trabalho, ela ficou em silêncio por alguns momentos. — Ela é linda, Liam. Bonita demais para ser eu. Mas o mais estranho é a mãe... Está terminada? — Olhando para ele, ela ficou surpresa com o rosto pálido dele.

— Sim... sim, está feito. Exceto pelo verniz. — Sua voz era dura, quase estrangulada.

— O que há de errado? — ela perguntou, tocando-o involuntariamente pela primeira vez desde a briga.

Ele se encolheu com o toque dela.

— Nada! Eu fui enganado novamente, isso é tudo. — Ele se virou

abruptamente e se ajoelhou para carregar freneticamente os alforjes, sem se importar com o quanto estavam cheios.

Catherine se inclinou ao lado dele.

— O que é isso, Liam? Eu disse alguma coisa para te ofender?

Ele olhou para ela, seu rosto torcido, em seguida, explodiu em gargalhadas selvagens e roucas.

— Não. O que você poderia fazer? Você era apenas uma atração! Os deuses fizeram outra piada às minhas custas! — Sua voz se transformou em um gemido desesperado. — Você nunca quis ter nada a ver comigo uma vez que a pintura estivesse terminada, sabia? Então agora está feito e você pode seguir seu caminho. — Afastando-se, ele agarrou a pintura para arremessá-la, como os esboços, no mar.

Catherine correu atrás dele.

— Não! Liam, pare! — Ferozmente, ela arrastou em seus braços. — Você não pode obliterar Sean e eu destruindo suas imagens de nós. Você só se machuca. — Ele hesitou quando ela implorou: — Você fala como se eu te odiasse! Nós machucamos um ao outro, mas isso já passou. Ainda há tempo para aprender. Somos amigos. Nada pode mudar isso.

— Nada? — Ele riu asperamente. — Eu quero uma esposa, não uma substituta pintada. Minha idolatria não se estende tão longe.

— Liam, por favor, me dê a pintura. Vou levá-la ao Doutor Flynn para guardar para você. Você pode se sentir diferente depois.

Seu tormento mudou para astúcia.

— Não. Você está certa. A pintura é minha. Eu seria um tolo em descartá-la. Temerosa de sua repentina reviravolta, ela olhou para ele em dúvida.

— Você não vai destruí-la?

— Pelo contrário, — disse ele com firmeza, — vou mantê-la sempre perto. — Ele gentilmente soltou a mão de seu braço. — É melhor você voltar para a enfermaria. O vento está ficando frio e você não tem xale. — Então, ignorando-a, ele deslizou a pintura de volta para a estrutura, dobrou o cavalete e jogou os alforjes sobre o cavalo. Sem um olhar para trás, ele se afastou em direção a Shelan.

CAPÍTULO 11

LEMBRANÇA DE UM DIA DE PRIMAVERA

Várias margaridas quase não conseguiram ser esmagadas por um par de botas usadas quando Sean desceu de Mephisto e escolheu o caminho mais curto até a porta da enfermaria. A caminho de casa de Norfolk, amaldiçoara a Mary D. por um farfalhar desajeitado, repreendeu a tripulação em busca de pequenos erros e, em geral, fez todos os marinheiros a bordo tão temperamentais quanto ele próprio. Quando chegou a Shelan, ele andara impaciente até os cavalos chegarem à praia, depois com os ingleses a reboque, desceu a praia na direção da baía. Watching, seu comandante, desapareceu, o capitão Shannon suspirou baixinho: — Agora eu sei como a baleia se sentiu depois que vomitou Jonah.

Apesar de toda a sua impetuosa vontade de ver Catherine, Sean hesitou na porta da enfermaria. Ele quase havia esquecido o motivo subjacente de sua viagem à Inglaterra. Provavelmente, a garota desejava que ele estivesse a meio caminho da China. Assumindo uma máscara de indiferença, ele empurrou a porta aberta. A máscara escorregou. A sala de espera, habitualmente deserta, estava cheia de homens, a maioria dos quais se levantava desconfortavelmente, tirando os chapéus enquanto entrava. Ele assentiu automaticamente enquanto passava por eles para bater na porta do dispensário fechado. Ele se abriu.

— Eu tenho um paciente. Você se importaria...? Sean, rapaz! — Um radiante Flynn deu-lhe uma palmada no ombro. — Bem, bem. Você não era esperado por vários dias ainda. — Ele olhou para o olhar assustado no rosto normalmente impassível de Culhane. — Entre, entre! Estou quase terminando com esse cavalheiro. — Ele puxou Sean para o quarto e fechou a porta. — Você se importa, Rory? — O paciente, um idoso pescador, olhou com cautela para o alto irlandês de uma posição horizontal na mesa de exame. — O Sr. Culhane acabou de voltar de uma excursão no mar e eu acredito— Flynn serviu uísque para Sean e seu paciente — que ele parece um pouco sem-terra. — Ele entregou as bebidas, em seguida, serviu-se. Ignorando Sean, que encarava o pescador como se o homem fosse uma baleia ambulante, ele ergueu o copo. — Senhores, para minha sobrinha, Kitty Flynn.

Um sorriso de dentes abertos apareceu em seu rosto.

— Aqui, aqui! — Ele ergueu o copo, bebeu o conteúdo e arrotou.

Bebendo seu próprio uísque, Sean continuou a encarar o pescador até que o

médico bloqueou sua visão e terminou de cutucá-lo. Ele deu ao homem uma medicação e dispensou-o.

Depois que a porta se fechou, Sean encostou-se na parede.

— Como você o atraiu aqui? E os outros?

Flynn inclinou a cabeça para um lado.

— Eles estão aqui para um vislumbre de Kitty.

— Eu não sabia que você tinha uma sobrinha.

— Eu não tenho.

Sean olhou para ele interrogativamente, depois franziu a testa quando a suspeita se ergueu a sua cabeça. Ele ficou de pé.

— Merda! Kitty é Catherine. Danação, Flynn, eu a mandei para cá porque o lugar estava deserto, e não a Meca para fazer barulho! Como eles sabiam que ela estava aqui?

Flynn olhou-o com calma.

— Não fique com ciúmes. Os homens lhe têm todo respeito. Como você sabe, ela provavelmente não toleraria menos.

Quando ela puder ajudar, pensou o homem mais jovem, não reconfortado.

Flynn começou a colocar seus implementos em ordem.

— Você pode muito bem saber, porque vai descobrir mais cedo ou mais tarde, a moça me persuadiu a permitir que Liam a acompanhasse até Ruiralagh.

—Ele continuou, ignorando a maldição abafada atrás das costas. — Os aldeões não viram um sorriso tão cativante desde que a rainha Maeve os convenceu a lutar em suas batalhas. Não é de admirar que todos subam a colina para outro vislumbre do mesmo sorriso.

— Como um rebanho de cabras no cio! —Sean murmurou desgostoso.

Flynn sorriu para o rosto azedo de seu amigo.

— Se isso é verdade, como você explica as visitas súbitas de minhas filhas? Embora cada momento que passam sob esse teto ponham pulgas em minhas gavetas e estejam convencidas de que Catherine é a amante dos meus frívolos anos de declínio, a cortesia delas é quase dolorosa. —Seu sorriso virou obliquamente astuto. — Eu espero que sua mente inventiva possa chegar a uma conclusão onde a minha lamentavelmente falhou?

Sabendo exatamente como sua bruxa tinha lançado feitiços aparentemente mágicos, Sean perguntou, ameaçadoramente: — Onde ela está?

Flynn deu de ombros agradavelmente.

— A vi pela última vez, no meu escritório. Eu acredito que você sabe o caminho... Ah, mantenha a calma, sim?

Ao entrar no escritório, tudo o que Sean pôde ver de Catherine era um pequeno traseiro que se projetava debaixo da escrivania. Fortemente tentado

a chutá-la, ele reprimiu a necessidade a um mero rugido.

— Kitty Flynn! Seja qual for a sua costumeira saudação a aldeia, gentilmente me apresente seu rosto em vez de seu traseiro!

Seu rugido foi recompensado por um solavanco retumbante sob a mesa, seguido por um grito abafado. O traseiro desaparecia como um furão em um buraco, e um rosto sujo com enormes olhos azuis escuros inclinados para ele do outro lado da mesa surgia. Sua boca formando um pequeno “O”, os olhos de Catherine se iluminaram com um fogo cintilante que ele perdeu completamente.

— Levante-se, sua pequena gata infernal, para que eu possa torcer o seu pescoço intrometido!

A onda de felicidade de Catherine à primeira vista do alto irlandês foi eclipsada por sua carranca e ataque inesperado. Sua própria ira aumentou.

— Eu não fiz nada para você! Como se atreve a entrar aqui e gritar comigo! — Ela ficou de pé e, apertando as duas mãos nos quadris, olhou para ele.

— Eu vou fazer mais do que gritar, sua bruxa intrigante! Eu mal virei as costas e você está passeando toda solícita na aldeia!

Seus olhos se arregalaram de indignação.

— Solícita? Eu, solícita! Como você se atreve! Você, de todas as pessoas sabe que não sou! — Um chute saudável pegou Sean dolorosamente na canela. — Quem tomou a virgindade de quem, heim?

Apertando seus braços ao redor dela, Sean a levantou do chão.

— Quando a frota da aldeia está ancorada na porta de Flynn, chego a uma conclusão, moça! O sorriso sedutor de Maeve, era apodrecido! Não são seus dentes que os pescadores vêm ver!

— Não é minha culpa se eu sou bonita! — ela sibilou. — Toda vez que você me olha, eu gostaria de ter uma cara de lama!

— Vá, agora, também, — ele gritou. — Apenas alguns trapos comidos por traças e você acha que rivaliza com Godiva! Você vestiu roupas na cidade, eu espero?

O temperamento de Catherine explodiu.

— Eu vou enganar você! Coloque-me no chão, você está me caluniando seu macaco irlandês!

Ele enfiou o nariz contra o dela.

— Não é calúnia dizer que você é uma chantagista! Eu não tenho dúvida de que você coagiu as filhas de Flynn, ameaçando revelar o que eu lhe disse em particular, não foi? Você brincou de ser irlandesa e convenceu Liam até que ele colocou a sua e a minha a cabeça em um laço. Irlandesa! Você é tão irlandesa quanto Josephine Bonaparte e tão discreta quanto isso!

— E o que você sabe, seu palerma? Eu posso me arremessar em brigas com pessoas a qualquer dia! — Seu olhar assustado e o aperto relaxado permitiram que ela mandasse seu joelho a sua virilha. Ele a soltou como um carvão quente. Saltando para longe de seu agressor, Catherine murmurou: — Oh, eu estive esperando por isso! Mas pensar que eu esperei todas essas semanas por... você é um valentão manhoso; você é um pregador convencido e hipócrita! Vive no cio, e assume que todos são como você!

O irlandês caiu contra a parede enquanto ela protestava, e lentamente a raiva de Catherine diminuiu quando ela viu gotas de suor em sua testa. Com remorso inquietante, ela deu um passo hesitante na direção dele.

— Você está bem?

Ele recuou.

— Fique longe.

— Eu não percebi... deixe-me ajudá-lo com uma cadeira, — ela insistiu.

Com uma mão protegendo sua virilha, ele se esgueirou ao longo da parede.

— Oh, não, você não. Eu estou pendurado nos restos da minha masculinidade... literalmente.

Evitando os olhos dele, Catherine se remexeu com vergonha. De repente, um movimento rápido deslizante chamou sua atenção.

— Agora eu te peguei! — ela exultou.

Sean se encolheu quando ela se lançou em direção a ele. Triunfantemente, ela atacou um rato de campo. Colocando-o nas mãos, ela acariciou a criatura para aliviar seu medo. Quando seus olhos vermelhos brilharam nervosamente sobre os bigodes, o irlandês deixou escapar o fôlego.

— Eu deveria saber que você tem algo familiar com isso.

Ela arqueou uma sobrancelha escura.

— É sempre um hábito de bruxa. Se eu tivesse a intenção de deixar você impotente — sua cabeça empurrou em direção a uma vassoura descansando em um canto — Eu só precisava balançar minha varinha.

Com tristeza, ele olhou para si mesmo.

— Eu me pergunto se o meu vai levantar novamente.

— Disso, eu não tenho dúvidas. Você estará se gabando, intimidando todos novamente em um curto espaço de tempo.

Ele sorriu torto.

— Você não ficou muito impressionada.

— Oh, mas eu estava, — ela respondeu calmamente. — Mesmo com medo.

Ele se endireitou, seu sorriso desaparecendo.

— Você escondeu bem o suficiente.

— Você nunca sufocou o medo com hostilidade?

Ele ficou pensativo por um momento, depois admitiu devagar: — Talvez isso seja parte da razão pela qual eu te ataquei. A raiva removeu a incerteza de nosso encontro novamente. — Ele ficou em silêncio, pela primeira vez deixando-se aproveitar do prazer silencioso de sua proximidade. Seu cabelo caía em uma torrente preta e sedosa pelas costas, de uma cabeça que parecia pequena demais para suportar um peso tão luxuoso. Ela parecia inalterada, seu rosto requintado e de ossos finos, se é que era algo mais florido. Olhos azuis encontraram os dele com uma franqueza inabalável de uma criança. Ansiava por tomá-la nos braços, mas não ousava tocá-la, pois não podia confiar em si mesmo para não sussurrar palavras impossíveis de necessidade.

— Eu tenho uma oferta de paz, — ele disse calmamente.

— Não minha liberdade? — Ela procurou seus olhos. — Não, eu sabia que não. Nunca isso. — Ela colocou o rato em uma pequena gaiola na mesa. — Esse rato e eu somos muito parecidos. — Ela virou-se, acrescentando ironicamente: — Não é permitido aos escravos serem ingratos; portanto, eu humildemente aceito seu presente. — O afastamento que mantinha Liam à distância transmitia seu frio a seu irmão.

Embora ele achasse sua mudança de modos inquietante, Sean não recuou.

— Eu trago apenas o que já é seu.

— Um escravo não tem posses. Tudo é do seu mestre.

— Mesmo assim. O que é seu agora é meu. Venha... — Ele pegou a mão dela e levou-a para a janela. Depois de abri-la, ele passou pelo peitoril e indicou que ela o seguisse. Intrigada, apesar de curiosa ela obedeceu habilmente. — Não há necessidade de alertar a frota, — o irlandês murmurou enquanto ele a levava para a frente do prédio.

Ela avistou os ganhões e começou a correr. Ambos os negros emitiram uma saudação, mas foi em seu próprio animal de estimação que ela jogou os braços ao redor.

— Numidian! Oh, querido. Pensei que nunca mais o veria. — Com a cabeça enterrada no pescoço do animal, ela estava vagamente consciente da cutucada de Mephisto em seu ombro.

— Meu garanhão acha que você é uma mulher inconstante, — disse uma cadência suave atrás dela. — Ele está com ciúmes.

Ela se virou para ele, seus olhos luminosos.

— Como você poderia saber? — ela sussurrou. Lágrimas borraram sua visão e as palavras sumiram. O alto irlandês e a moça esbelta olhavam um para o outro enquanto o vento do mar soprava silenciosamente sobre eles. Então Mephisto quebrou o silêncio, impaciente, cutucando com a cabeça no ombro de Catherine. Seus olhos relutantemente escorregaram do irlandês enquanto

acariciava o nariz do garanhão mal-humorado. Quando seus olhos se levantaram, eles estavam inquietos. — O que é que você fez? —ela perguntou suavemente, a alegria sombreada pela crescente apreensão. — Você deve ter roubado Numidian. Papai nunca o venderia e Amin morreria antes de deixar um estranho...

— Eu o peguei em uma corrida de cavalos, — Sean respondeu calmamente. — Seu pai e o velho árabe estão bem.

Ela olhou para ele.

— Corrida? Mas Numidian não é de corrida. Pai prometeu... —Não querendo que o inimigo de seu pai pegasse algum insulto, ela mordeu as palavras e se virou para brincar com o topete de Numidian. — Como ele o inscreveu?

— Se eu tivesse sido seu piloto, ele teria vencido, — foi a resposta calma. — Você fez dela um animal de estimação. Mephisto venceu por meio tempo só por essa razão.

— Numidian vai correr para mim! —Seus olhos azuis brilharam. — Ele não está acostumado com estranhos.

Culhane sorriu fracamente.

— Nem Mephisto. Eu o treinei para não tolerar nenhum outro homem nas costas dele, e ele atropelou duas pessoas que o testaram. Nunca me ocorreu que algumas palavras poderiam provocar um grande tumulto em direção as colinas.

Catherine saltou para a defesa do garanhão.

— Mephisto não é um palerma! Ele é um cavalo melhor do que você provavelmente vai ver por aí!

— O melhor da Grã-Bretanha, — concordou Sean inconsistentemente com um sorriso complacente. — Nenhum outro cavalo nas ilhas pode vencê-lo.

Seu pequeno queixo ergueu-se em desafio contundente.

— Quer apostar?

Seu sorriso se alargou.

— O que você tem para apostar?

Ela corou, lembrando que não podia reivindicar nada, nem mesmo as roupas do corpo. Então seu queixo se elevou um pouco mais alto e seu tom sugeriu uma oferta das joias da coroa.

— Você me ouviu tocar piano. Se eu perder, vou tocar para você sempre que quiser.

Ele assentiu graciosamente.

— Feito. Vou querer um vestido novo. —Catherine tirou os chinelos; Sean enfiou-os nos bolsos do casaco e pôs a mão nas costas nuas de Numidian. Ela sentou-se casualmente, as saias longas subiram até os joelhos. Depois de saltar para a sua própria montaria, ele liderou o caminho pelo penhasco até a praia.

À frente dos cavaleiros galopando, a maré baixa exibia um trecho de seixos em uma varredura cintilante na base de falésias calcárias brancas. Cortando através de uma névoa de prata, aves marinhas gritavam sob o brilho das pérolas. Percebendo as rédeas, os garanhões bufaram com firmeza.

— Vamos nos alinhar com essa falha de rocha, — disse a voz de Culhane acima do ruído das ondas, — e use esse afloramento distante como acabamento. — Ele apontou para uma proeminente cunha de calcário desgastado a algumas centenas de metros da praia em direção a Shelan, onde a Mary D. já levantava a vela para a partida. Catherine acenou com a cabeça, o cabelo caindo na brisa como uma bandeira. Quando um olhar de lado assegurou a Sean que ela estava pronta, ele gritou: — Vá! — e chutou Mephisto bruscamente nos flancos. Os dois cavalos saltaram para a frente, as ancas amontoando-se e os cascos batendo com força, depois se nivelaram. Quando os cavaleiros se inclinaram sobre o pescoço, eles subiram a praia. Com a intenção de provar a loucura de mimar um cavalo de corrida, Sean não deu margem ao seu adversário, mas, quando foi ultrapassado no afloramento, ficou irado de surpresa ao se ver derrotado depois de um longo tempo.

Empoleirada como uma pena de gaivota nas costas largas de Numidian, Catherine sorriu enquanto circulava e diminuía a velocidade para um trote fácil.

— Não há necessidade de franzir a testa como um pretendente abandonado! Afinal de contas, sou muito mais leve que você, e Numidian sabe que eu o adoro; ele corria de coração para mim.

Ainda franzindo a testa, Sean sacudiu a cabeça.

— Eu deixei cavaleiros leves comendo poeira, e Mephisto está profundamente acostumado comigo. Não faz sentido.

Ela riu.

— Só se você persistir em basear sua eficiência no medo.

Culhane deu uma joelhada no garanhão impaciente pela praia.

— Mefisto obedece porque sabe que não vou tolerar menos e punir a desobediência.

Catherine ficou em silêncio por um momento enquanto esfriavam os cavalos suados.

— Qual é o meu castigo por ser desobediente?

— Qual ofensa você tem em mente?

— Faça sua escolha. Você parecia ter uma lista bastante longa quando invadiu a enfermaria. Eu não espero que um homem com suas exigências e suas posses descarte tais transgressões.

Sabendo que ela estava forçando a mão dele a fazer algo, o irlandês considerou pensativamente seu perfil de ossos finos e expectativa rígida.

— Então eu tenho, — ele disse baixinho, — e farei isso agora. — Inclinando-se, ele pegou seu freio, puxando Numidian para uma parada. Catherine ficou tensa, seu corpo magro ereto quando ele virou a montaria em um círculo apertado para encará-la; seus joelhos se roçaram. — O preço por seus crimes é um beijo.

Seus olhos de safira se arregalaram.

— Um beijo?

— Só isso.

Ela se mexeu.

— Agora?

— Agora.

Resignadamente, ela se inclinou para ele, fechou os olhos e esperou. Depois de um momento, quando não houve resposta, ela espiou para ele.

— Não?

— Não, — ele entou com falsa gravidade. — Você vai me beijar.

Ela piscou.

— Oh— Apertando seus olhos fechados, ela se inclinou hesitante em direção a ele novamente, subindo um pouco para alcançar o alvo desejado.

Assim que os lábios dela começaram a roçar apressadamente os dele, Sean começou a dizer: — Não roce, pequena canalha. Pague o que é devido.

Seus olhos se abriram meio desconfiados, meio hipnotizados pelos olhos verdes que pareciam atraí-la para suas profundezas sombrias. Ela se firmou com uma mão contra o peito dele. Seus lábios roçaram os olhos dele timidamente, depois se agarraram enquanto sua boca se aquecia na dela.

Sean resolveu manter o controle, mas, instintivamente, sua mão moveu-se para erguer seu rosto gentilmente para ele e seus lábios se separaram, atraindo-a para beijá-lo mais profundamente. Irresistivelmente atraída, Catherine mordeu a isca e beijou-o completamente, sem conter nada. Uma corrente vibrante fluía por seus membros como se seus lábios oferecessem o único calor do mundo. Ela colocou todo seu desejo no refúgio que seus braços fortes tinham estranhamente prometido na suavidade de seu beijo; e a necessidade de Sean por sua acolhida encontrou alívio em sua gentil aceitação. Quando finalmente ele a soltou, eles se olharam silenciosamente, sem luxúria, ambos em paz e contentes.

Naquela noite, Catherine adormeceu muito antes de Sean terminar de rever o trabalho que havia sido acumulado em sua ausência. Embora a hora estivesse avançada, ele ficou acordado, estudando seu perfil na luz do luar, sabendo que sua perfeita serenidade era uma ilusão. Peg contou-lhe sobre os pesadelos agravantes de Catherine. Algo ou alguém deve ter desencadeado seus velhos terrores. A governanta achava que a angústia aumentara ao mesmo tempo em

que os pacientes de Flynn haviam retornado, mas isso não fazia sentido. Sua mente rondou inquieta. O que era diferente? Na aldeia, ela havia encontrado estranhos pela primeira vez em meses; um deles, uma rua, um nome, poderia ter acordado uma lembrança obscura.

Sua mente foi lançada mais longe. Liam fora seu acompanhante. Ele tinha feito avanços? O conselho de Peg ecoou em seu cérebro: — Ela florescerá nos braços de um homem amoroso. — O espírito de Catherine tinha se encolhido durante a ausência de Liam na América, apesar de seus protestos de simples amizade. Ele acreditara nela, mas se iludira? Uma vez que a ideia de seu aquecimento com as carícias de seu irmão se instalou em sua mente, ele não conseguiu se livrar de suas farpas. Liam não era mais um sonhador insignificante, mas um rival determinado com probabilidades grosseiramente ao seu favor. Sua ternura não era prova de que não ansiava pelos braços de outro homem, mais do que nunca queria protegê-la. Uma vez mais ele procurou friamente a chave dos sonhos dela para quebrá-la; agora estava determinado a quebrar seu feitiço. Ainda assim, ele se perguntou se recordar lembranças intoleráveis acabaria com sua recorrência ou a enlouqueceria.

Sean começou a levar Catherine para cavalgar à tarde. Para compensar o tempo desse trabalho, ele passava longas horas da noite no escritório, onde muitas vezes dormia no sofá para evitar a cama com ela, pois confiava cada vez mais em sua contenção.

Como amazona, Catherine administrou destemidamente sua montaria com uma graça imprudente e elegante. Se sua precisão fosse menos do que impecável, Culhane teria restringido sua perigosa inclinação à velocidade, mas observando sua capacidade de dar saltos tão facilmente quanto ele, logo ficou inclinado a acreditar que a avaliação de Elizabeth Dunaway de seu rival estava colorida de ciúmes. Montando Numidian, Catherine voltou ao descuido e insensato inferno que tinha sido na Inglaterra. Ela se deliciava em mostrar seus saltos nos calcanhares de Mephisto e aproveitava as oportunidades para fazê-lo.

Embora os passeios fossem uma diversão necessária e tanto ele quanto Catherine reagissem como crianças indisciplinadas nas férias, à noite seus sonhos a deixavam abalada e confusa. Os pesadelos, que haviam diminuído brevemente em seu retorno, voltaram. Ele conhecia a canção de ninar francesa de cor; sua monotonia infantil fez sua pele se arrepiar.

Em um dia nebuloso, ele a levou até um alto refúgio de pedra, que se estendia pelo pântano árido a menos de um quilômetro e meio da casa. Ele estava galopando quando a barreira apareceu, mas lentamente recuou para permitir que ela tomasse a dianteira. Quase casualmente, ela se afastou e galopou

pela parede à procura de um lugar para saltar e onde a visibilidade fosse desimpedida, depois diminuiu para um trote quando não encontrou nenhuma. Sua cabeça girou quando o irlandês falou: — Eu sabia que você encontraria um obstáculo que a faria recuar. — Ele passou uma perna por cima do seu pomo e deu-lhe um sorriso enquanto coçava Mephisto entre as orelhas.

Ela franziu a testa.

— Numidiann não recuou; eu o fiz. Eu não vou arriscá-lo tolamente.

— Hah! Você saltou com ele sobre portões de madeira mais altos do que isso. Venha, Srta. Enderly, admita isso. Esse palavrão é uma farsa de um competidor. Ele é um grande animal de estimação, nada mais.

— Ele não está com medo! Eu te disse que o parei!

— Por quê? Por que pará-lo nesse salto em particular? — Ele trotou perto dela.

— Eu não gosto de saltos cegos. — Imperceptivelmente, ela tentou levar Numidian para longe de Mephisto, cujo grande corpo bloqueava o caminho para o campo aberto.

Sean casualmente atravessou o garanhão para cortá-la.

— Não gosta? Você está com medo. Por que não dizê-lo?

Ela se endureceu.

— Eu não sonharia em estragar sua complacência. Pense no que você quiser. — Numidian sentiu a tensão de sua ama e começou a pisotear no chão.

Sean zombou.

— Então a corajosa Catherine Enderly é um bebê chorão depois de tudo. Você gostaria que eu fosse primeiro, Srta Medrosa?

Ela retorceu com o insulto inesperado.

— Por que não? Quebre seu pescoço arrogante, se você não puder saltá-lo! Veja se eu me importo.

— Essa é a sua preocupação com a minha pele, lady, — ele respondeu sarcasticamente. — Sem dúvida, seria melhor para você, me ver esticado na parede. — Grosseiramente, ele empurrou o grande garanhão ao redor, trotou a certa distância para o campo e girou.

Os dedos de Catherine se contorceram nas rédeas quando o irlandês impulsionou Mephisto para frente. Os músculos do poderoso garanhão ondularam sob o couro brilhante enquanto ele trovejava pelo chão rochoso. A parede se aproximava com cada batida de casco.

De repente, Catherine ouviu-se gritar.

— Não! Não! Pare, por favor, Deus... — Seu terror terminou em um gemido. Um cobertor escuro pousou abruptamente sobre a cabeça dela.

Algo roçou seu rosto e, involuntariamente, ela se desvencilhou. A luz

brincou nas bordas do cobertor sombrio, depois ficou cega enquanto a escuridão se elevava. Ela claramente ouviu seu nome. Com um esforço, seus dedos se levantaram para tocar um peito duro sob uma jaqueta de lã.

— Sim, moça, meu pescoço ainda está duro o suficiente para desafiar a força do rei. — A voz de Culhane estava gentilmente provocante, mas sua nota tensa a fez se perguntar.

— Eu desmaiei?

— Deslizou para o mar como um pescador ao amanhecer. Alguma coisa dói?

Ela fez uma careta e sentou-se.

— Só meu orgulho. Eu sempre considerei idiotas essas mulheres que vivem desmaiando. — Ela piscou. — Você pulou a parede?

— Com um ser místico banshee berrando e arruinando minha concentração? Não seria provável! — Ele a puxou para seus pés e segurou-a até que ela se firmou. — Tudo bem agora?

Ela saiu de seus braços.

— Bastante.

Durante as semanas seguintes, obstáculos cegos se eriçaram por todo o campo. Culhane não lhe permitiu nenhuma desculpa para interromper os passeios diários, o que rapidamente se tornou uma provação. Inevitavelmente, ele desistira da liderança, forçando-a a tomar o seu lugar, nunca mais tentando uma parede que ela recuasse. Uma por uma, ela passou por barreiras ou se virou. Ele nunca pressionou, apenas esperou em silêncio. Apesar do recente relaxamento da hostilidade, Catherine estava quase convencida de que ele finalmente decidira destruí-la, mas sua gentil paciência era desconcertante.

Ela não ousou se virar para Liam, que evitava tanto ela quanto seu irmão e passava muitos dias longe de casa. Extremamente educado em seus raros encontros, ele também parecia estar esperando por ela capitular e ser forçada a reconhecê-lo como sua salvação. Até mesmo Flynn, ocupado com sua prática, estava preocupado e ela lutava sozinha com estudos cada vez mais complexos. Enquanto Sean trabalhava no escritório, às vezes até o amanhecer, Catherine, temendo o sono, lia livros de medicina. Ocasionalmente, a pura fadiga a dominava na mesa. Horas depois, Sean a colocava na cama. Durante o dia, inconsciente, ela se escondia dele na enfermaria, Flynn também a observava cuidadosamente. Sean e Flynn estavam apreensivos. O quanto sua mente poderia suportar se forçada a reviver a morte de sua mãe era impossível de adivinhar. Mas nenhum deles poderia saber que ela estava sob uma tensão intolerável e adicional. Presa entre responsabilidades políticas e morais irreconciliáveis, ela não lhes diria nada de seu atual dilema e não se lembrava de

nada do antigo.

Sean tinha que tomar uma perigosa decisão. Ele teria cedido à solução óbvia e enviado sua refém para casa, apesar da dor de perdê-la, mas, segundo seus espiões, até mesmo em Windemere, Catherine fora assombrada pelo passado. Devolvê-la era condená-la a essa condição de vida. O homem que a comprou como uma noiva cuidaria dela? Como ele reagiria aos seus gritos noturnos?

Quando Culhane a conduziu de novo ao muro de pedra do pântano, Catherine seguiu com docilidade muda, como se fosse através de um ritual. Ela parecia drogada quando desviou automaticamente Numidian para longe num trote monótono. Mas a letargia se transformou em pânico quando o irlandês colocou Numidian contra a parede, tão perto que ela temia ferir seu amado garanhão. Quando ela levantou o punho para afastar seu algoz, ele agarrou seu pulso com firmeza.

— Hoje não, Kit. Hoje você não se recusará.

Suas pupilas se encolheram para identificá-lo.

— Solte-me! — Sua voz saiu em um rosnado baixo. — Eu não vou saltar a parede e você não vai me forçar fazer! — Ela incitou Numidian a se levantar, mas a torção dura de Sean em seu pulso forçou-a a acalmar o garanhão. — Estou cansada de brincar com você! Você acha que eu não sei o que está tentando fazer? — Sua voz subiu em histeria quando ela se moveu contra sua mão com uma força que o surpreendeu. — Você é um monstro! Solte-me, droga!

— Eu vou colocá-lo a minha frente e nós dois saltaremos! Faça a sua escolha.

Freneticamente, ela chutou a perna dele e, soltando as rédeas, arranhou a cabeça dele. Quando Sean se abaixou, ela se deslizou para fora da sela, gritando com a tensão no pulso. Ainda assim ela socou e deu uma joelhada no flanco de Mephisto até que ele rasgou a terra com seus cascos pesados e se levantou. Quando Sean soltou seu pulso por medo de pisoteá-la, ela se afastou e correu como um cervo em pânico. Culhane manteve Mephisto o mais perto de seu ombro, pronto para levantá-la se ela tropeçasse, e levá-la para a parede. De um lado para o outro, ela disparou, mas os pés voadores não eram páreo para o negro. Ofegante e exausta, ela foi forçada a ficar contra a barreira de pedra, onde se virou e alcançou uma rocha irregular. Instantaneamente, Culhane se deslizou do garanhão e afastou o nervoso cavalo.

Catherine encolheu-se contra as pedras, mas, em vez de saltar seu topo, começou a se afastar.

— Volte! Volte! — Sua mão disparou e se plantou ao lado de seu ombro

esquerdo. Ela recuou, apenas para encontrar sua outra mão bloqueando a fuga. Virando-se contra a parede, ela se pressionou a superfície áspera como se tentasse desalojar suas pedras. — Deixe-me em paz! Pare de me perseguir!

— Do que você tem medo?

— Nada! Nada! Deixe-me em paz! —Ela estava gritando agora.

— Catherine, quem está atrás do muro? —Ela congelou. Um silêncio abrupto caiu sobre o prado iluminado pelo sol. — Alguém está com problemas?

Com os dedos arranhando fracamente as rochas, ela choramingou.

— Por favor. Por favor. Pare...

— Kit, você ouve uma mulher chorando?

— Não... Mamãe, não. Não chore.

— É sua mãe, Kit?

— Ela... estava ferida... ela precisava de ajuda... mas ninguém veio. —A cabeça dela caiu contra a rocha e por um momento Sean pensou ter desmaiado.

— O que aconteceu? Por que ela estava ferida?

— Seu aniversário, — Catherine murmurou fracamente. — Era o aniversário dela. —A voz de Catherine estava tensa e distante e ele teve dificuldade em captar todas as palavras, mas a imagem que ela recordava era muito vívida. Windemere estava lotada de convidados para a comemoração de um aniversário que durava uma semana e Elise Enderly estava em sua melhor forma, animada pela dança e pelo jantar da meia-noite. Na madrugada, ela deixara seus hóspedes de olhos esbugalhados jogando whist e piquet e foi até o quarto de Catherine para despertar a filha para um passeio matinal. Elas tinham sussurrado como alunas travessas enquanto ela ajudava Catherine a se vestir. Como sempre, elas selaram os cavalos sem acordar os cavaleiros e deixaram o estábulo antes da primeira luz. A madrugada tinha chegado tão quieta quanto o silêncio entre as batidas do coração, os pássaros apenas começando a cantar quando a luz se aproximava do céu. Os campos da primavera estavam desabrochando e verdes, o cheiro fecundo de terra nua e fresca na brisa. Elise, montando Ethiop, convidou Catherine para uma corrida para saudar o sol. — Um segredo maravilhoso é o prêmio! —ela chorou alegremente. — Eu não consegui acompanhá-la em Boswick, — Catherine murmurou. — Ela começou a se distanciar de mim. Ela estava rindo quando levou Ethiop para a parede do prado Leste, então... gritou. Eu a teria seguido se ela não tivesse gritado. —Seus dedos se espalharam na parede. — Quando cheguei a eles, ainda estavam vivos... pendurados em um suporte de madeira como borboletas sangrentas. Ethiop estava quase destruído.

— Kit, isso é o suficiente.

— Eles não morreriam e Ethiop continuaria tentando fugir...

— Kit...

— Mamãe sempre carregava uma pequena pistola; parecia um brinquedo. Eu peguei e atirei em Ethiop. Ela implorou pela outra bala. Eu queria pedir ajuda, mas ela se agarrou a mim, implorando. O sangue saía de sua boca e eu pensei que ela estava morrendo. Ela estava apavorada de morrer sozinha. Então eu fiquei e ela continuou vivendo e gemendo através dessas feridas ensanguentadas. Finalmente, eu coloquei a arma na cabeça dela. Então ela ficou quieta. — Distraidamente, ela sussurrou: — Mamãe, não chore. Nunca vou deixar você... nunca.

Virando-a para ele, Sean segurou-a com força.

— Kit, acabou.

Mas com a voz suave e terrível continuou.

— Quando papai e os homens finalmente chegaram, eles me encararam. Meu traje estava coberto de sangue. Então comecei a ver que ela poderia ter vivido se eu tivesse pedido ajuda. Papai tirou a arma e me colocou em um quarto. Não me foi permitido ir ao funeral. Fiquei na sala e cantei. Ela odiava a escuridão, e ficar sozinha... —A cabeça de Catherine descansou em seu peito enquanto ela pensava ociosamente, melancolicamente, — Eu me pergunto qual era o seu segredo?

— Quanto tempo você ficou no 'quarto'?

— Eu não sei. Algumas semanas... meses.

— Como foi?

Sua voz ficou mais forte, mais consciente.

— Havia mesa, um catre e dois criados que me amarravam quando eu ficava violenta. Finalmente, um médico mandou que jogassem água fria em cima de mim e eu parei de cantar. Depois de algum tempo, fui mandada para a escola... Papai ficou muito bravo, entende?

Uma nota áspera contorceu a voz de Sean apesar de seu esforço para manter suas palavras.

— Ele te culpou?

— Ele nunca disse isso. Mas nunca foi me ver. Eu sabia que sim, me culpava.

— Kit, você começou a aprender algo sobre medicina, — ele disse cuidadosamente. — Os pulmões de sua mãe foram perfurados. Ela não poderia ter vivido. Você não vê que seu pai e os homens que a encontraram no campo devem ter tido pena da terrível escolha que você teve que fazer? O horror que você pensou ter visto em seus olhos foi um reflexo de sua própria incerteza e tristeza.

— Se papai entendeu isso, por que ele me mandou embora?

— O luto pode ser uma emoção egoísta. Algumas pessoas suportam melhor suas tristezas sozinhas. Talvez ele achasse que você se recuperaria mais rapidamente se o ambiente que a cercasse não sugerisse lembranças ruins. — Particularmente, Sean pensava que o visconde não poderia ter feito mais para garantir o colapso mental de sua filha. Negada toda forma normal de luto, mesmo dolorosa, mas necessária a renúncia pelo testemunho do enterro, ela não recebera apoio nem consolo. A insensibilidade de Enderly parecia incrível, mas a garota o amava com toda a esperança desesperada de uma criança rejeitada e buscava algum sinal misericordioso de perdão. Com toda a sua alma, Sean desejou ter matado o homem em Ingram. — Kit—Ele inclinou seu queixo para cima. — Olhe para mim. — Mesmo sob a luz direta do sol, seus olhos estavam escuros e cheios de perda. — Você sabe que eu sou um vilão de coração frio que não dá trégua. Por que eu deveria ter pena de você? Eu poderia facilmente dizer que você é uma assassina, mas seria uma mentira.

— Você mentiu sobre Maude...

— Mas não sobre isso. Estou lhe dizendo agora o que alguém deveria ter lhe dito antes. Sua mãe não poderia ter vivido. Você teve pouca escolha naquele dia. O único mal envolvido era a ilusão de que ela poderia ter sobrevivido. — As mãos dele se fecharam nas têmporas dela. — Ela não pode sentir a escuridão ou ouvir o seu canto. Ela não pode estar mais perto do sol do que é agora. Ela amava você. Chore por ela. Então, lembre-se da alegria dela. — Desesperado, ele procurou em sua memória sua própria infância. — Lembre-se de que ela a beijou no Natal, roubando doces depois de você ter sido arrumada para a noite, lembre-se de suas canções de ninar.

Finalmente, Catherine se rendeu à dor da cura que lhe fora negada, e ele a abraçou enquanto ela chorava por um longo, longo tempo em grandes soluços. Quando finalmente os soluços lentamente se acalmaram e ela relaxou, ele acariciou seu cabelo. O rosto manchado de lágrimas levantou para o dele.

— Que tipo de demônio você é, que arranca suas vítimas do abismo?

— Como Lúcifer, pequenino, invejo o poder de Deus. Um dia Ele pode exigir uma recompensa. — Ele sorriu fracamente. — Você vai dar uma mão para um rebelde arruinado quando ele estiver na cova?

— Se ele for o mesmo sujeito fuliginoso que uma vez me pescou em uma lagoa, sim.

Naquela noite, Sean acompanhou Catherine à cama, onde ela dormiu calmamente em seus braços pela primeira vez em semanas.

CAPÍTULO 12

TEMPESTADE

Catherine acordou com Sean dando um puxão impaciente na corda do sino. Com apenas um olhar para ela, ele começou a revirar em seu peito. Ele estava tirando a roupa e jogando-a na cama quando Peg chegou correndo.

— Bem, o que é, pelo amor de Deus? — Ela franziu a testa. — Que bagunça você está fazendo!

— Pegue o equipamento de mar de Tim O'Rourke, Peg. Ele não vai precisar dele por uma semana, mais ou menos. Estou levando a lady para velejar na costa.

Dois maxilares caíram simultaneamente. A gorda fechou o dela quando os olhos de Sean se fixaram nela com mais do que um sinal de impaciência.

— Claro e porque não? — ela murmurou, e saiu pela porta.

Catherine endireitou-se quando Sean se virou para fazer a barba.

— Mas e os meus deveres na enfermaria? Seu trabalho? Certamente não podemos simplesmente sair...

— Ao diabo que não podemos. — Sua réplica foi abafada pela espuma. — Nós ganhamos umas férias.

Os olhos de Catherine se iluminaram. O pensamento de encher seus pulmões com o ar do mar a fez pular da cama.

Olhos verdes e divertidos encontraram os dela do rosto parcialmente raspado no espelho. Sean se virou, restos de espuma agarrando-se a sua mandíbula.

— Então você gosta de ir sozinha para o mar com um ladino?

Ela deu-lhe um sorriso felino.

— Para um ladino, você é incrivelmente confiável.

Ele lavou o rosto com água fria.

— Mas não sem propósito, minha pomba. Você deve se lembrar que é uma trégua entre nós.

Ela abraçou os joelhos até o queixo e replicou suavemente: — Mesmo agora, você me vigia. Você faz um vilão, Sir Ladino, dividido contra si mesmo.

Peg bateu na porta e entrou com um monte de roupas debaixo do braço. Deixando cair na cama, ela deu a Catherine uma piscada conspiratória.

— Eu volto com o café da manhã.

— Não, você não vai, — disse Sean. — Vamos tomar café da manhã no mar. Tenha algumas semanas de ração a bordo do Megan.

Catherine sentiu um leve arrepio ao ouvir o nome. De repente, a brilhante promessa das férias diminuiu. Quando Peg saiu do quarto, Catherine pegou a roupa em silêncio. Havia um par de calças castanhas, uma troca de camisas e meias, uma jaqueta quente e uma camisola. Ela saiu da cama e, um momento depois, a camisola se acomodou em uma poça, no tapete.

Sean se concentrou em seu próprio vestir, mas apesar de tudo, seus olhos se ergueram. Catherine sentiu seu olhar. Vendo o olhar em seus olhos, ela própria ficou sombria e seus dedos foram involuntariamente para sua garganta. Abruptamente ele se virou e arrastou sua camisa.

— Os pés de Tim são de um tamanho próximo ao seu, —ele murmurou, — então não use os dois pares de meias para encher as botas. Você vai querer um par seco.

Enquanto Catherine se vestia, Sean embalou um pequeno pacote de artigos de toalete, uma caixa de pederneira, agulha e linha. Quando ele terminou, ela estava o olhando sobriamente com graves olhos azuis escuros ao pé da cama. Sua fragilidade foi acentuada pela roupa masculina; mesmo sem o cabelo negro caindo em fios de seda sobre o ombro, sua feminilidade era aparente com cílios pesados e sombreados e uma delicada linha de mandíbula. Sean pegou um lenço da cômoda e foi até ela, mas, quando se aproximou, percebeu que ela estava de algum modo cautelosa. Ainda assim, ela olhou para cima, inabalável, e ele teve uma sensação momentânea de cair em um mar estrelado. Tão rapidamente quanto a ilusão veio, ele a banuiu. Se seus sentimentos estavam tão mal protegidos como Flynn dissera, ele devia ter o olhar deslumbrado de um estudante apaixonado.

— Vire-se, inglesa. Vamos pegar um atalho particular para a praia.

Ela hesitou, depois se virou. Depois que a venda estava segura, ela ouviu o irlandês vestir sua jaqueta. O pacote que ele tinha embalado foi empurrado para as mãos dela.

— Segure isto. Eu terei minhas mãos ocupadas.

De repente, a levantou e facilmente a segurou em braços fortes, ela foi conduzida até que perdeu todo o senso de direção. Houve um ligeiro clique e a intriga roubou sua inquietação anterior. Um painel de madeira no quarto deve ser uma porta.

A passagem era estreita, íngreme e tortuosa, mas Sean nunca a deixou bater contra as paredes. Ela ansiava por passar uma ponta de dedos exploratória para uma delas. Tijolo em um andar superior significaria que a passagem foi construída na área da lareira; granito, ao longo da parede exterior.

Sean sentiu um movimento furtivo.

— Não, você não sabe, inglesa. Esse nariz pequeno pode estar ligado à curiosidade, mas não vai sentir o primeiro cheiro de sal se não jogar limpo.

O ar ficou progressivamente mais frio e úmido, a escada terminou e eles atravessaram um espaço aberto. Catherine sentiu um leve cheiro de vinho. Quando estava na cozinha, nunca tinha sido permitido ir a adega. O fato dela ter sido originalmente levada para dentro da casa pelo porão havia lhe ocorrido há muito tempo, mas a porta sempre ficava trancada, a menos que fosse aberta com uma das chaves que Peg sempre mantinha com ela. A mente rápida de Catherine ainda estava zumbindo quando finalmente seus cabelos se levantaram na brisa do mar. Sean colocou-a na areia e removeu a venda. Ele sorriu fracamente com seu olhar alerta.

— Você não deveria trabalhar tão duro em bancar a bússola; isso vai colocar uma ruga entre essas sobranceiras bonitas.

Observou-a, pensativo, caminhando em direção as ondas, onde um homem esperava com um bote. Os dois trocaram algumas palavras, que se perderam no barulho das ondas. Culhane tinha tido uma chance de trazê-la através da passagem, ela pensou. Era porque ele estava começando a confiar nela ou porque achava que ela nunca teria a oportunidade de descrevê-lo para as autoridades?

Ele voltou a trote.

— Os suprimentos estão a bordo. Vamos, Inglesa, o tempo está se perdendo.

Ele remava através das ondas com golpes longos e certos. Cercada por paredes brancas de espuma, Catherine, com as mãos segurando as bordas, tentou se concentrar apenas no corpo em movimento de Culhane, que bloqueava a selvageria da água e parte de seu jato de chicotadas. Graças a Deus ela não tomou o café da manhã; seu estômago estava se encolhendo em algum lugar de sua garganta. Ela não deveria estar doente; ele nunca deixaria que ela continuasse. De repente, ela ouviu uma risada sobre o rugido da água, em seguida, um sotaque divertido.

— Nunca tenha medo, moça. Você deveria saber que a Besta do Mar é mais som que fúria.

Seus lábios se moveram rigidamente.

— Eu não estou com medo.

— Não. Apenas um pouco pensativa.

Estranhamente, ela não estava realmente com medo, pois embora o pequeno barco fosse lançado como uma rolha, Culhane não tinha medo. Ele obviamente gostava do desafio de suas habilidades e músculos. Seus dentes

brancos estavam à mostra em esforço e concentração, parecendo combinar com a ferocidade do mar. Com o cabelo molhado e um gorro de cetim preto esfarrapado, ele poderia ter sido o “Príncipe Feiticeiro” que lutava contra os elementos. Abruptamente, o rugido silenciou atrás deles e eles se deslizaram através das ondas para o iate ancorado. Quando o bote chegou ao casco, Catherine viu “Megan” pintado de verde e dourado na popa. Sean prendeu o bote a um gancho do convés e, em seguida, virou-se para subir a borda do convés de Megan.

— Agora vamos ver como estão suas pernas pelo mar, inglesa. Me dê o cobertor. — Ele se abaixou e, antes que ela percebesse o que estava acontecendo, ele a pegou pela cintura. Ele a deslizou sobre a borda e através de suas coxas até que ela estivesse segura em seus braços. Olhos verdes brincavam com seus grandes olhos azuis. — Da próxima vez, você estará levantando seu próprio lastro a bordo.

— Eu poderia ter conseguido, — ela respondeu.

— Gostaria de tentar? — Seu aperto abruptamente afrouxou, e com um suspiro, ela se agarrou a ele. Imediatamente ele a pegou perto, sentindo seu coração rápido contra seu peito. — Não, moça, — ele sussurrou contra o cabelo dela. — Sem jogos. Estamos sozinhos no mar e não vou ter uma tripulação amotinada. Enquanto estivermos a bordo, você obedecerá minhas ordens sem pensar. Posso tolerar sua impertinência, mas no mar não. — Ele pegou o rosto dela até o dele. — Está bem?

Os longos cílios subiram.

— Você é o capitão.

Ele sorriu.

— Possivelmente o único no mundo com uma condessa como um menino de cabine.

Culhane a depositou em almofadas em um nicho parcialmente protegido logo depois da cabana. Deste ponto de vista, ela podia ver os preparativos para navegar. Logo, a vela subiu pelo mastro e ele pegou o leme. Com estalidos farfalhantes, a vela gigante se elevou e se encheu. Pegando velocidade, “Megan” começou a dançar. Ondas bateram contra o casco nevado de espumas quando Sean a trouxe e se dirigiu para o Sul.

— Tenho uma missão depois de Ballyshannon, do outro lado da baía. Depois disso, vamos correr para o Sul até Arans e depois voltaremos para o Norte até Malin Head.

Catherine tirou o cabelo dos olhos. Norte, ela especulou. Menos probabilidade de patrulhas britânicas para o Norte. Culhane poderia ficar livre para estas férias.

— Como se sente, minha garota conivente, em ter um homem se arriscando para trazer uma flor de sorriso ao seu rosto?

Sean notou que sua companheira parecia estranhamente silenciosa depois de sua primeira ânsia pela viagem. Possivelmente o movimento do barco estava fazendo-a se arrepender. Ela parecia bem o suficiente; pálida, mas não mais do que antes. Ele não havia percebido o quanto queria essa viagem para agradá-la. Sentiu que ela estava com medo, não do mar turbulento, mas dele, desde que o vira encarando seu corpo. E porque não, quando ela foi abusada porque ele a odiava? Ela olhou para ele de repente e seus olhos claros seguraram os dele como se procurassem alguma pista para seus pensamentos; então, como se percebendo que sua confusão fosse evidente, ela virou a cabeça.

Enquanto contornavam Malinmore Head e atravessavam o costão da baía, a boca do Erne reluzia estanho na névoa distante.

— Malinmore é o maior promontório que encontraremos antes de chegarmos a Malin, ao Norte. Aquele porto na foz do Erne é Ballyshannon. Estamos indo para a direita.

— Onde passaremos a noite?

— Broadhaven Bay, com alguma sorte.

Três horas depois, eles se aproximaram de um estreito mole abaixo da pequena vila de pescadores de Pullendiva, e Sean não perdeu seu movimento enquanto manobrava a embarcação na direção do píer, trazia a escuna com um leme de proteção, depois passava suavemente contra os sacos de couro de boi que ele havia jogado como defensas. As velas bateram frouxamente quando ele saltou para o cais para fazer a amarração da Megan e deixá-la segura. Ele voltou a bordo, largou as velas e entrou na cabine. Detendo-se um momento depois, ele entregou-lhe um saco de oleado.

— Café da manhã, — ele disse brevemente. — Eu volto com o chá.

Antes do som de suas botas no cais desaparecer, Catherine mergulhou com apetite na sacola. Pão, queijo e maçãs. Celestial! Pegando generosos pedaços de pão e queijo, ela os devorou. Quando ficou com sede, ela mordeu uma maçã, então enquanto mastigava notou alguém a observando da praia. Uma garota alta e ruiva estava sozinha na praia e um pensamento desconfortável passou pela mente de Catherine. Naquele momento a garota saiu para o píer e a olhou com olhos cor de âmbar, os cabelos brilhando no vento cinzento.

— Então você é a única. — Sua voz era inexpressiva, um contralto baixo e rouco que sugeria cor e fala vívida em circunstâncias comuns.

— Eu sou Kitty Flynn. Eu não acredito que nos conhecemos, — respondeu Catherine calmamente.

— Kitty Flynn, é isso? — a garota disse ironicamente. — Ouvi dizer que era

inglesa Kate. Ou era Cat? É melhor você escutar o que eles dizem. Mas então, nenhuma bruxa manteria Sean entre seus lençóis.

Os olhos de Catherine brilharam violetas.

— Se você ouviu tanto, deve ter ouvido também, que é o contrário.

O olhar âmbar cintilou.

— Seus olhos são de bruxa. A mãe dele contava histórias dos Antigos sobre ele. Agora eles enviaram uma bruxa para destruí-lo. Sean Culhane nunca deveria ser ri eireanne.¹⁷ — A menina irlandesa soou como se estivesse proferindo um encantamento para afastar o mal de seu amante.

— Você deve ser Fiona, — replicou Catherine. — Não, eu não lancei feitiços para saber seu nome. Liam me disse. — Depois, mais brandamente, — Não odeio mais Sean. De certa forma, até entendo sua necessidade de vingança. — Ela não viu a reação no rosto da garota irlandesa. — Quanto a trazer má sorte, como poderiam os Antigos ter me enviado? Certamente eles não podem convocar alguém que não tenha sangue irlandês.

Fiona fez um gesto impaciente.

— Você procura a ruína de Sean, mesmo colocando o véu nos olhos dele. Mas Megan espera em Kenlo. Entre suas sombras, ela é poderosa. Ela vai destruir você.

— Megan está morta. Eu não tenho medo dela.

O cabelo de chama levantou cheio de mechas.

— Não? Megan está no coração dos demônios em Sean Culhane. Ele nunca resistirá a ela, porque é a única mulher que ele vai amar. Quando você ver o diabo em seus olhos, proteja sua alma e vá pro inferno.

De repente a menina pescadora se virou e voltou pelo caminho por onde viera.

Sean, saindo de uma das casas caiadas de branco perto da costa, franziu a testa ao ver Fiona se afastando da Megan. Rapidamente ele a interceptou na praia. Eles trocaram breves palavras e ele pegou o braço dela, em seguida, liberou-o lentamente. A garota ruiva o deixou e desapareceu na aldeia. Ele voltou rapidamente para o iate e pulou a bordo. Catherine o olhou em silêncio.

— O que ela disse para você? — Ele demandou.

— Ela estava preocupada com o seu bem-estar, — Catherine respondeu calmamente.

— O demônio que ela era...

— Não há necessidade de ficar com raiva dela. Eu sei sobre Fiona há algum tempo. Ela é adorável. — Sua voz soava clara e distante, como se estivesse lutando contra a exaustão.

Sean desceu para a cabine, depois voltou com duas canecas e serviu chá de

uma lata estreita que levava a bordo da aldeia. Ele entregou-lhe uma caneca.

— Aqui, beba isso. Cuidado, está quente. Peg se esqueceu de preparar o chá, então é o que teremos por uns dois dias... isto é, se você ainda quiser ir. — Sua voz era cuidadosamente inexpressiva.

Ela colocou os dedos sobre a caneca, abraçando seu calor.

— Eu ainda quero ir.

— Estou levando você para baixo por um tempo: — Ele a carregou, sem protestar, até a cabine e colocou-a em um beliche. Uma lâmpada de latão balançou acima do anteparo. — Tente dormir um pouco, inglesa.

Quando deixaram o cais e as ondas da baía aberta começaram a bater no casco, o chá a acalmou e Catherine se enfiou nos cobertores de lã. Finalmente ela adormeceu.

Ela acordou algumas horas depois com o toque de Sean.

— Você gostaria de encarar a Besta agora, beleza, ou continuar dormindo?

— A Besta está rosnando? — ela murmurou sonolenta.

Ele tirou uma mecha de sua testa.

— Não muito. Ele é apenas um pouco solitário.

Ela olhou para ele através de seus cílios. Culhane nunca tinha indicado a necessidade de alguém antes, apenas a única vez que ela atirou na cara dele.

— Talvez ele só precise de suas orelhas coçadas. Leve-me para lá, capitão, e mostre-me onde ele coça.

Culhane bateu no nariz dela.

— Você ficaria chocada. — Ele entregou a jaqueta de Tim. — Abotoe até acima. O vento mudou e temos uma brisa forte.

Ele a acomodou na curva de seu corpo a favor do vento, atrás do leme que ele havia mudado levemente de posição. Pulando no alto do seu barlavento, Megan estava esticada e fazendo dez nós a Oeste através de um mar nebuloso e pesado.

— Estamos nos movendo tão rapidamente! — Seus olhos se iluminaram de excitação. — Navios nunca voam através da água assim.

— Sim. Estamos correndo em um raio de alcance. Você notará que eu adicionei uma barra de suporte ao braço e à vela para maior velocidade.

— A vela de suporte é a pequena vela triangular perto do arco?

— Sim. — Ele prosseguiu descrevendo o aparelhamento e depois concluiu: — As teias que sobem pelo mastro principal são linhas de direção. Não costumam ser usadas em embarcações desse porte, a não ser para desmontar cordames ou consertos... — Ele notou sua decepção. — Desculpe, o bate estacas. Ainda assim, se você tiver uma inclinação para subir, não tenho objeções enquanto estiver no convés.

Ela olhou para ele.

— Você realmente quis dizer isso?

Ele encolheu os ombros.

— É o seu pescoço.

Com um suspiro satisfeito, ela se acomodou contra o calor dele. Depois de alguns instantes de contemplar a beleza acidentada da costa que passava, ela aventurou outra sondagem.

— Eu suponho que você não me deixe assumir o leme?

— Por que não? Coloque suas mãos aqui. —Ele puxou uma corda e as amarras no leme soltaram-se quando a roda começou a se mover. Ele deslizou as mãos sobre as dela.

À medida que a tarde passava, Sean deixou-a guiar a Megan sob sua mão até que ela pudesse segurar a elegante nave firme sozinha. Quando sua confiança cresceu, ele mostrou como evitar uma barreira.

— Se você deixar o vento ficar muito atrás dela, ela vai chupar o ar, o que pode quebrar um mastro. Esteja pronta para se abaixar. O boom virá com pressa... —Catherine ofegou quando de repente a Megan deu um salto desajeitadamente para o lado e o barulho passou pela orelha dela.

— Aula um, — disse a voz serena em seu ouvido quando o barco voltou imediatamente para o curso e o estrondo veio para trás, — mantenha a cabeça fria. Os erros no mar são perigosos, mas o pânico pode ser fatal.

Ao pôr do sol, Catherine ficou sonolenta, mas estava decidida a não perder nenhuma das belezas primordiais em torno dela. Os penhascos estavam agora escuros e avermelhados contra os pântanos intensamente roxos.

Sean notou seu esforço teimoso de ficar acordada.

— Nós ancoraremos em Broadhaven em algumas horas ou mais. Eu vou te dizer e não vai perder coisa alguma.

Assentindo, ela acariciou seu nariz em sua jaqueta e ficou instantaneamente adormecida. Parecia apenas momentos depois que ele estava gentilmente cutucando-a.

— Acorde moça. Eu tenho que ir em frente.

Ele deixou cair as velas, segurou as adriças e ancorou em um porto abrigado das explosões do Atlântico por uma grande ilha. O remanso ficou quieto depois da corrida de espuma de água sob o casco da Megan durante todo o dia. Campos de terras baixas rolavam sob uma faixa enorme, avermelhada, virada para baixo, onde pequenos restos de nuvens fluuavam em lençóis brancos. Catherine se espreguiçou.

— O céu parece mingau cor-de-rosa. O que isso significa, Mestre Marinheiro?

— Amanhã as velas serão ajustadas. — Sean terminou de amarrar a vela principal e olhou para o céu. — Esse olhar avermelhado de manhã indica mau tempo. — Enxugando as mãos nos calções, caiu na cabine pela escotilha dianteira. Ele emergiu no convés de popa com o saco de oleado, utensílios de jantar, o lampião e uma garrafa de vinho debaixo do braço. Ele se agachou ao lado dela, enfiou a mão na sacola e pegou um frango ensopado. Colocando-o em um dos pratos de estanho que ele trouxera, ele cortou a ave ao meio com a faca da bota, depois cortou queijo, dividiu as groselhas e serviu o vinho. — Com fome?

— Faminta. Eu poderia comer uma vela bem salgada.

Ele sorriu enquanto acendia o lampião na escuridão crescente.

— Bem, é melhor você aproveitar o banquete enquanto durar, porque a comida fresca não vai durar muito. Em breve vamos jantar carne de porco salgada e hardtack¹⁸. — Ele entregou-lhe uma caneca e clicou-a levemente com a sua. — Slainte¹⁹, condessa.

— Slainte, capitão.

A comida deliciosa, a luz do lampião, o vento e o suave balançar do barco a deixou sonolenta. Catherine adormeceu no meio da refeição mais agradável de sua vida.

Ela foi despertada pela luz do sol atravessando uma escotilha em seu travesseiro. Ela se espreguiçou com um ronronar contente, olhos contra a luz. Ela percebeu que não estava usando nada sob o cobertor, que Sean a despiu. Estranho, como ela passou a confiar nele. Seus modos eram quase fraternos, mesmo que seus olhos frequentemente alertassem que seu desejo estava para explodir em curto espaço de tempo. Gradualmente, ela se acostumara ao toque dele. Muitas vezes, ela acordava e encontrava o corpo dele intimamente entrelaçado ao dela, como se uma noite de amor o tivesse deixado sem vontade de se separar dela. Agora não estava mais acostumada a dormir sozinha, desejou que ele estivesse deitado contra ela em seu beliche ao invés de já se mover sobre o convés.

Vestindo camisa, suéter e calções, Catherine enfiou a cabeça para fora da escotilha de popa para sentir o sol quente em seu rosto. A manhã foi justo como prometido, de brisa leve. As bordas de latão de Megan espelhavam os raios de sol fora da água enquanto ela balançava ancorada.

— Oh, que dia lindo, — Catherine suspirou, percebendo como um pássaro deve se sentir e querendo virar do avesso com a música das ondas.

Sean, juntando uma corda perto do arco, olhou para cima e notou seu andar firme. Seus dentes brilharam com um branco surpreendente em seu rosto escuro.

— Dormiu bem, beleza?

— Como a pedra proverbial. —Ela sorriu de volta, tirando o cabelo do rosto. — Você é um mago passável. Calmo e ordenado, eu vejo. —Seu sorriso ficou travesso. — Sua varinha parece estar de volta em funcionamento.

Ele deu-lhe um olhar perverso sob os cílios.

— Pelo que sei, está totalmente enferrujada.

Ela levantou uma sobrancelha irônica.

— Certamente, mais do que mereceu o seu descanso.

— Verdade, — ele observou maliciosamente. — Descansar em seu calor disposto é uma consumação devotamente a ser desejada.

Ela corou. Suas palavras provocaram uma atração sedutora sob sua superfície provocante. Ela não deveria ter começado a cercá-lo.

Ela sentou-se no convés e balançou os pés para o lado, com os dedos dos pés apenas tocando a água. Seu reflexo oscilante misturou-se ao do casco, depois foi cortado por uma gaivota branca que voava baixo, piando sobre a brilhante água azul-celeste. Sua cabeça se abaixou e levantou com o café da manhã. Catherine trilou claramente atrás dele quando ele voou, as asas ocasionalmente dando uma batida preguiçosa em direção à costa cinza-azulada.

— Gosta daqui, inglesa?

— Muito irlandês. —Seus calcanhares bateram contra o casco. — Onde estamos indo hoje?

— Vamos explorar as ilhas ao largo de Achill. Podemos alcançá-las à tarde, se estivermos a caminho dentro de uma hora.

Ela observou seus longos e morenos dedos unirem habilmente os cordões de corda.

— Isso é complicado?

— Não. Quer experimentar?

Ela rastejou até ele nas mãos e joelhos e sentou-se de pernas cruzadas ao lado dele. Ele ensinou-lhe os movimentos e mostrou-lhe como usar o furador de entrançar, e com um pouco de prática, ela conseguiu a manobra quase tão facilmente quanto ele. Feliz por sua rapidez, Sean demonstrou alguns nós básicos. Sua aluna prestou muita atenção. Sua inteligência foi sua única defesa nos últimos meses. Finalmente, ele deixou que ela ajudasse a subir as velas antes que ele levantasse âncora.

Ao meio-dia, percorriam as ilhas, espalhadas como um cardume de baleias cinzentas sobre o brilho do Atlântico azul e iluminado pelo sol. Alguns tinham zimbros torcidos em terra por impiedosos ventos do Atlântico, lutavam nas pedras gastas. Para essas ilhas inóspitas e outras como elas, de Inishmurray até a península de Dingle, no limite do mundo, os monges cristãos haviam fugido das

hordas bárbaras após a queda de Roma. Aqui, os monges praticavam o ascetismo, copiavam manuscritos e faziam objetos de arte em ouro. Para sobreviver, eles lutaram contra os celtas do continente e depois os nórdicos do mar. Tudo o que restou daquelas batalhas antigas contra o esquecimento foram torres de vigia e quedas nos desfiladeiros. Aqui estava a solidão. Resistência. Um grito de fé.

No dia seguinte, bem ao Sul de Achill, Catherine e Sean pareciam pontos sobre as grandes escarpas no lado de barlavento da maior das escarpadas Ilhas Aran. A ilha era uma fortaleza monstruosa contra o mar e, como o tempo se tornara violento para o dia, e ondas gigantes assaltavam as falésias em legiões. Uma nuvem de água soprada pelas ondas molhava seus rostos a mais de trezentos metros acima da água, enquanto o tempestuoso Atlântico tentava esmagar a ilha em direção à baía de Galway. Nuvens ondulantes de neblina giravam em torno da base dos penhascos e o vento uivava através das rochas. De pé atrás dela, Sean segurou-a de perto enquanto eles enfrentavam o mar, suas cabeças escuras encapadas pelo gorro da jaqueta, virados contra o frio penetrante.

— Assustada? —ele questionou contra o ouvido dela.

— Admirada.

Quando o tempo diminuiu, a Megan virou novamente para o Norte, mantendo-se bem no mar. Mais velas, particularmente as da Grã-Bretanha, haviam surgido nas águas do sul, e ensinar Catherine a identificá-las tornara-se uma lição perigosa. Durante os dois dias seguintes, o tempo esquentou. Catherine passou as horas mais quentes tomando sol no primeiro andar. Despiu-se na cabana e ficou fora do alcance de Sean, tanto quanto possível, quando estava despida. Ele retribuiu não a observando.

Eles falavam pouco, além de algumas palavras durante as lições de marinharia. Pouco a pouco ele explicou como o mar e os ventos afetavam o curso e o comportamento de uma embarcação, como certos sinais podiam ser lidos para direções claras de navegação, que formações de nuvens pressagiam tempestades e quanta violência indicavam. Aprendeu a ficar bem longe das praias íngremes, cujas altas formações rochosas confundiam e perturbavam os ventos do mar, às vezes se aproximando de um navio até ficarem impotentes para evitar as rochas.

Catherine era uma provável companheira de bordo, não tão forte quanto um menino, mas disposta e rápida e absolutamente destemida. Aprendeu a subir o mastro acima dos mares mais velozes e uma vez se arrastou para fora do gurupés da bóia enquanto saía da vela para abrir a corda antes que Sean pudesse alcançá-la. Sua repreensão foi aguda, mas ele estava orgulhoso e ela sabia

disso. Ela queria combinar com ele em seus próprios termos, em seu próprio elemento; e no mar, ele estava em casa como não estava em nenhum outro lugar na terra. Ela chegou a entender a origem de seu orgulho de sua herança e lentamente percebeu que ele estava lhe mostrando sua alma, sua selvageria e liberdade, na costa que percorria desde a infância. Seu espírito, como o mar solitário e varrido pelo vento, estava sempre inquieto, em constante mutação, às vezes uivando para salvar a terra inflexível, depois acariciando-a com um abraço de embalar, inevitavelmente desgastando sua resistência. Ele estava pedindo que ela se tornasse parte dele, sem reservas, sem amarras que inevitavelmente seriam arrancadas, deixando-a espancada nas rochas e ele mais solitário e selvagem do que antes.

Quando Sean estava inquieto, ele estava inclinado a permanecer no leme até que a lua cortasse a água em um raio de prata e estrelas cintilantes espalhavam suas antigas runas pelo céu negro. Catherine ficou com ele, encolhida no seu ombro. Geralmente ele ficava em silêncio, mas às vezes ele dizia a ela os nomes gaélicos das estrelas e apontava para suas posições, ou recontava em sua cadência melódica as velhas lendas, repetindo os refrãos em gaélico para que ela ouvisse sua estranha e adorável música.

Em poucos dias, a vela branca de Megan deslizou como um minúsculo rolo, sob a impressionante Malin Head, na ponta mais ao Norte da Irlanda.

— Não há nada, além disso, moça, mas as Hébridas e as Ilhas Faroé de névoa.

— Não podemos continuar? —ela perguntou com uma nota de desespero. — Não há nenhum lugar?

Por um momento ele não disse nada.

— Tem Lough Swilly a leste de Malin. —O leme se mexeu nas suas mãos e Megan voou para a entrada de um fiorde.

Swilly era um grande lençol de água bloqueado do alcance das rajadas do Atlântico, abrigando Fanad Head, coberto de urzes, e o alcance da espinha dorsal do diabo. Foyle, ela sabia pelos mapas do estudo, era o lago da irmã de Swilly, a poucos quilômetros a Leste. E no coração de Foyle estava a cidade da guarnição de Londonderry, dificilmente um lugar seguro para um homem com um refém.

Depois de um tempo, Culhane apontou para a margem Leste, onde um cume enevado se elevava a uns oitocentos metros da água. Seu pico era coroado pelas ruínas de uma grande fortaleza de pedra concêntrica.

— O Grianon de Ailech. Foi construído pelos filhos de Niall, Eogan e Conal, há mais de mil e quatrocentos anos.

— Niall... O'Neill: ele foi o fundador da sua linhagem, não foi? O primeiro

grande rei da Irlanda.

— Sim. Ele era ri eireanne, rei dos irlandeses. O'Neill está entre os nomes dinásticos mais antigos da Europa, e o filho de Niall, Donell, foi o primeiro a suportar. Donegall, ou Dun na nGall, significa Fort of the Strangers, o forte entre os estrangeiros, possivelmente depois do Grianon.

Eles ancoraram abaixo do forte; então Sean deixou Catherine remar o bote na praia. Eles passaram a tarde nebulosa subindo a fortaleza e explorando as ruínas enquanto ele contava a história sangrenta dos O'Neills. Se seus antepassados não estavam lutando para dominar outros chefes irlandeses, eles estavam brigando entre si, irmão matando irmão. Quando soube que, no século XVI, Shane, filho mais novo de Conn Bahach, primeiro conde de Tyrone, havia assassinado seu irmão ilegítimo, Matthew, com a cooperação das tropas traidoras do homem, sentiu um calafrio que não teve nada a ver com o vento varrendo a espinha dorsal do diabo. Por que um medo se arrastou sombriamente sobre as bordas de sua mente? Por que ela deveria querer proteger Culhane? Ele era fiel à sua linha. Um Príncipe da Morte.

Os O'Neills tinham sido lutadores teimosos e líderes audaciosos. Hugh, o último O'Neill e o maior conde de Tyrone, havia realizado uma incrível guerra de astúcia e sangue resistindo aos ingleses, chegando a recrutar a ajuda de Filipe da Espanha. Uma rebelião inoportuna montada pela aliança irlandesa e espanhola contra seu conselho, somada à demora em mobilizar o resto da Irlanda, provou ser fatal. A retirada dos Condes que se seguiu para o continente havia dispersado os O'Neills, embora o ramo de Clandeboy tenha combatido cruelmente os Cromwellianos para restabelecer Owen Rede, a herdeira de O'Neill no exílio. Eles deram a Cromwell sua pior derrota na Irlanda, mas acabaram sendo esmagados, seu líder foi executado por sua teimosa defesa, apesar de sua honrosa rendição. E então acabou. Até agora.

Depois do almoço, enquanto os dois vagavam pela charneca sombreada pelas nuvens no cume, encontraram uma antiga cruz de pedra com quatro arcos emoldurando uma base semelhante a uma roda. Catherine ajoelhou-se e fez o sinal da cruz. Culhane esperou, seus próprios laços com a fé há muito tempo cortados. Não podia saber que ela rezava por ele.

A Megan permaneceu ancorada sob a fortaleza naquela noite. Catherine já estava deitada em seu beliche quando Sean foi para a cama. De seu silêncio durante o breve jantar, sabia que ela estava pensando que Shelan seria o próximo ponto de ancoragem, se navegassem na noite seguinte.

Quando ele tirou a roupa, sua nudez masculina na cabine apertou o pulso de Catherine. Pelo brilho vacilante do lampião, sua pele profundamente bronzada era dourada e lisa; sua simetria magra e esbelta como um lindo sátiro. Sabendo

que seu corpo estaria quente ao toque, ela queria traçar a linha de seu flanco magro, de sua barriga dura e plana, para sentir o aumento lento de seu desejo, o tremor de sua carne. Entre suas coxas. Movendo-se dentro dela. O desejo enrolando em seus lombos e golpeando com uma força perfurante. Ela virou a cabeça rapidamente, encontrando-se rígida até ele se deslizar por baixo das cobertas.

Furiosa com a luxúria que a segurava, ela ouviu as páginas de um livro virarem e silenciosamente o amaldiçoou. Se ele apenas apagasse a lâmpada e a deixasse se esconder na escuridão, ela poderia exorcizar o pensamento dele deitado dentro do alcance de um sussurro. Poderia dominar essa serpente cujas presas bombeavam veneno doce no sangue.

Ainda assim, as páginas viravam e, finalmente, sua tensão explodiu.

— Por favor, apague a luz! Está brilhando na minha cara.

Seus olhos se estreitaram em sua nitidez.

— É isso? Essas pupilas negras e largas não sugerem uma dose excessiva de luz. Ainda assim, se a minha falta de atenção a irritar...?

A insinuação zombeteira e avaliadora diminuiu seu desejo e permitiu que ela refizesse seu raciocínio.

— Claro que não. Por que deveria? —ela respondeu friamente. — Só tem sido um longo dia e estou cansada... O que você está lendo? —Resumidamente, ele levantou o livro para ela ver. — John Donne. Meu palpite teria sido Maquiavel.

— Uma escolha apropriada.

—Eu rio, e minha risada não está dentro de mim; eu queimo e a queimadura não é vista do lado de fora,— ele citou levemente.Ela soprou. — Por que a malícia súbita, Kit? Eu não estou mais ansioso do que você para terminar o cruzeiro.

— Eu sei, — ela respondeu timidamente, olhando para o teto da cabana, — mas você vai me levar de volta. De volta para murchar sob sua ambição. O Príncipe e sua Inglesa. A prostituta em residência. Isso é relíquia lá em cima na colina? —Ela se levantou em um cotovelo e olhou para ele. — A Irlanda segurou o punho ensanguentado de Ulster? O O'Neill ressuscitou de uma linha de assassinos reais? Você quer que eu carregue seus filhos? Filhos para esmagar, matar e governar?

Sean ficou pálido de raiva.

— Você preferiria criar um par de Bourbons! Eles não foram tão açougueiros quanto os O'Neills, admito, mas têm uma aptidão admirável.

— Do que você está falando? —ela perguntou com perplexidade irada.

— Angoulême, petite. Volte para o papai e veja quanto tempo você leva

para encontrar aquele filhote em sua cama!

— Louis? Você não pode estar falando sério! Eu não sou de sangue real...

— Ah, mas o grande Monsieur Artois disse que você vai ser como uma concubina. Não subestime o seu charme de fêmea, chérie. O pequeno Louis quer transar com você e Artois pretende mantê-lo feliz. Claro, eles assumem que você é uma virgem. Angoulême pagou a seu pai amoroso um preço alto pelo direito de tirar algo já inexistente de virtude de seu padrão real.

Seus olhos brilharam.

— Você é obsceno. E está mentindo.

O temperamento de Sean explodiu.

— Gostaria? Você gostaria de ver o rascunho do Lloyd's que seu pai havia encomendado por Angoulême, transferível para mim por uma dívida de jogo? É a sua nota fiscal. Ainda não ganhei o dinheiro. Perverso, não é? Segurando aquele rascunho me faz sentir que você é minha: comprei e paguei.

Sentando-se, descuidada das cobertas que deslizavam até a cintura, ela atacou-o: — Meu pai é um dos homens mais ricos da Inglaterra. Ele nunca me venderia por uma aposta insignificante!

— Mas ele teria ganho um político, não é? — Vendo os olhos dela piscarem, ele pressionou. John Enderly era a última barreira real entre ele e Catherine e ele estava determinado a esmagá-lo. Ele tinha que tê-la. A visão dela semi-nua, seu cabelo preto caindo sobre os seios altos, provocando suas entranhas era como um vulcão. — Não me diga que seu papai não deseja o favor de um homem que um dia possa governar a França. Você sabe muito bem o que ele ama. E ele não é mais rico, Kit. Ele está perto da ruína. Eu fiz isso com ele. Ele teve que inscrever numidian na corrida porque precisava de dinheiro; caso contrário, precisaria de um fiador para cobrir suas perdas quando Mephisto vencesse. Todas as suas contas relacionadas com suas transações de contrabando foram confiscadas.

— Contrabando? — As palavras do irlandês vieram como uma chuva de flechas. Seus olhos vacilaram em perplexidade e Culhane teria pena dela se ele sentisse esse sentimento.

— Ele é um ladrão, Kit. Um dos bons. Eu sei, porque também sou um ladrão. Mas não sou um traidor, e ele é. Ele está vendendo armas para os franceses...

— Pare com isso! Você está mentindo! Você diria qualquer coisa... qualquer coisa! — Ela estava mortalmente pálida sob o bronzeado.

— Sim, eu diria qualquer coisa. Faria qualquer coisa para te derrubar. De costas e aberta para mim. Sem nada entre nós. Sem roupas, sem país, sem pai! Mas eu não estou mentindo e você sabe disso. Só você está me traindo. Você

me quer tanto quanto eu a você. —Culhane afastou a coberta e se levantou lentamente do beliche. — Você acha que eu nunca vi o desejo nos olhos de uma mulher antes? O seu está cheio disso. Você sabe que é verdade. E você me quer. Você me quer dentro de você, como a batida do seu coração. Kit...

— Pare com isso! —ela soluçou. — Não me toque! Eu não posso... você não vê? Seria como morrer. —Sua resistência afundou em um oceano verde manchado de ouro e ela descontroladamente se agarrou a qualquer coisa. — É inútil, Sean. Eu sei! Eu sei das suas armas! —Ele hesitou, ainda agachado sobre ela. — Eu as vi. Você não se importa com a sua própria vida ou com qualquer outra pessoa! Você empurrará seu povo para uma rebelião sem esperança para servir à sua própria ambição e eles morrerão! E você morrerá mais terrivelmente do que qualquer um deles se você for pego!

— Para uma mulher que acha o toque de um assassino tão desagradável, você ficou sentada o tempo todo esperando um tapinha na cabeça do papai! O papai de olhos vermelhos e até as axilas de sangue!

Catherine agarrou-o violentamente e ele segurou-lhe o pulso, torcendo-o até que ela ofegou, depois empurrou-a rudemente para baixo no beliche. Deitado em cima dela, ele deliberadamente deslizou seu corpo sobre o dela enquanto ela soluçava e se contorcia. Segurando seus pulsos, ele mordeu seus mamilos com uma selvageria suave até eles ficarem duros, os picos implorando de desejo e ela choramingou.

— Acostume-se, Kit, — ele murmurou com voz rouca. — Amanhã, a trégua acabou. É hora de você ver algumas das obras de seu pai. — Abruptamente ele a soltou. Soluçando em seu travesseiro, ela o ouviu vestir suas roupas e ir para o convés. Meia hora depois, a Megan estava a caminho.

O dia seguinte estava nublado, com nuvens ameaçadoras no horizonte. Com a jaqueta amarrada, Catherine se amontoou perto do gurupés, tão longe do irlandês quanto podia. Seu último refúgio estava desmoronando. Ele planejava tudo, até mesmo isso? Os elementos em si tinham sido seus aliados. Os dias preguiçosos e ensolarados; as noites suaves e estreladas. Como uma tola, ela o seguira e agora ele queimara as pontes em direção de casa.

Intimidada, notou que a Megan estava chegando perto da praia; muito perto, a menos que Culhane planejasse atracar. Na charneca varrida pelo vento acima da praia, uma aldeia estava sentada, seus poucos edifícios arruinados e abertos para o céu. O cal estava gasto em manchas de cinza claro contra pedras enegrecidas. Ela viu que o lugar havia sido queimado até restar apenas a rocha. Kenlo. Inevitavelmente, a Megan voltou para casa.

Embora estivesse com frio, voltou as costas para Culhane e, sem hesitar,

tirou as botas e a jaqueta. Com a intenção de trazer a Megan para dentro do píer, ele não notou seus movimentos até que viu seu corpo magro se arquear para fora em um mergulho limpo em direção às rochas. Ouvindo-o gritar quando a cabeça dela subiu a superfície turbulenta, ela bateu com força na margem, a quase cem metros de distância. O vento assobiava por seus ouvidos. A água, corrente do Golfo ou não, estava fria, com rochas traiçoeiras que se eriçavam sob as ondas do mar. Ela tinha ido ao mar sem pensar, só sabendo que tinha que fugir, se esconder. Com nada a perder, exceto os últimos fragmentos de respeito por seu pai e por ela mesma. E a vida dela.

Sean ancorou no local, sem se importar se Megan se sacudisse e andasse na água como um pássaro de asas quebradas. Ele puxou as velas o mais rápido que pôde, tenso, mantendo um olho na direção da pequena cabeça negra cada vez mais obscurecida pelas ondas. No momento em que ele soltou o bote do lado da Megan, Catherine estava lutando com rolos de ondas entre as rochas e sua barriga estava atada. As ondas estavam se quebrando em sua cabeça e ela estava enfraquecendo, o frio penetrando em seus membros, retardando suas reações. Então, felizmente, ela emergiu das ondas, tropeçando e caindo enquanto a espancavam, mas teimosamente se aproximando da praia. Ela desabou na praia rochosa; ele desejou que ela ficasse ali, mas quando ele olhou de novo por cima do ombro ofegante enquanto remava, ela se foi. A camisa branca brilhou uma vez entre as rochas e desapareceu.

A única rua irregular de Kenlo estava coberta de urzes, e líquenes escabrosos rastejavam por paredes arruinadas que distorciam o vento do mar em gemidos e suspiros lancinantes. Portas e janelas estavam escuras e vazias, emoldurando nuvens trêmulas e inchadas em um céu de metal. Catherine sentiu em vez de cheirar um fedor de morte; um perfume fraco, doce e cego. O aviso de Fiona ecoou no vento crescente. Megan é poderosa entre suas próprias sombras. Ela vai te destruir. Catherine se endireitou. Ela estava destinada a vir para Kenlo desde que deixara a Inglaterra.

Sabendo que Culhane já devia estar vasculhando a praia, ela se movia rapidamente de casa em casa, mas nenhuma cavidade provou ser segura de ser descoberta e, tarde demais, percebeu que deveria ter ficado nas roças, longe do vento frio que transformava roupas molhadas em secos e geladas e enviou seu cabelo chicoteando em emaranhados encharcados. Longe de Culhane.

Uma capela em ruínas se afastava das cabanas, os degraus de terraços estavam quebrados e empilhados. Tremendo, ela entrou, seus dedos pressionados ao longo das paredes ásperas com conchas embutidas na rocha nativa. O altar estava aberto para o céu e coberto de excrementos de aves

marinhas, suas relíquias vandalizadas ou roubadas. Longas fendas no lado do edifício do lado do mar eram blocos de ressentimento raivoso contra as pedras molhadas. Rostos de pedra calcária esculpida de santo em nichos ao redor da sala tinham sido desgastados pelo vento salgado em efígies de olhos vazios e sem nariz. Eles se pareciam com santos menos cristãos do que os Antigos, que eram ainda mais velhos que os druidas. Estes foram os santos retornados ao início primitivo pagão. Eles eram agora seus aliados? Ou Megan?

Uma pequena cela adjacente à nave. O telhado ainda estava parcialmente intacto, era estéril, exceto por um túmulo apodrecido com entalhes hieráticos. Uma pequena alcova, despercebida até que avançou vários metros no quarto, amolgou a parede do canto mais próximo.

Uma pedra rolou do lado de fora e ela girou. O vento açoitava sua estrutura, e Culhane percorria a rua deserta, examinando o interior de cada casa. Tremendo, Catherine se pressionou na alcova, tentando não deixar seus dentes baterem. Ele poderia não olhar muito de perto se não a tivesse visto subir da praia. As ruínas a atraíram como um ímã. Isca da Megan? Não, sugestão de Fiona. Megan está morta. Seus pensamentos rodaram.

Fique, Kit. Fique onde está. Não respirando, não se mexendo. Seu nome para ela era Kit. Sua vontade, ainda a comandando. Não. Não pense. Ele vai embora. Por favor, Deus, faça-o ir embora.

Lágrimas escorriam em regatos gelados pelo rosto e ela tremeu.

Eu nunca vou me aquecer novamente. Nunca.

Ela fechou os olhos.

Nunca mais a envolveria nos braços que a seguravam com força, ferozmente desafiando a qualquer um, para quebrar seu aperto.

— Eu pensei que poderia te encontrar aqui. Eu costumava estudar nesta cela.

Com os olhos brilhando, ela tentou passar por ele, mas um aperto de aço se fechou em seu braço e a girou ao redor; sua outra mão agarrou seu cabelo molhado. Ele a puxou para ele.

— Então você prefere se congelar do que queimar de desejo. Teimosa Kit. Quase tão teimosa quanto eu. — Sua voz era suave, mas tensa.

— Estupre-me e será amaldiçoado! Você nunca vai me ter de outra maneira!

— Palavras, Kit. Apenas palavras agora. O cuspir de um gato encurralado. Renda-se. Você está sem munição. Vou levá-la de volta para o barco. Eu vou fazer amor com você e não vai ser estupro. Nunca mais. — Ele manteve a cabeça imóvel enquanto a boca descia sobre a dela, procurando suavemente, depois com urgência, acendendo uma chama lenta em sua barriga. Gelo e fogo. Ela se derreteu contra ele, então se endureceu e mordiscou selvagememente o lábio

dele. Ele xingou e sacudiu-a. — Sua putinha! Eu deveria quebrar seu pescoço, mas eu tenho uma maneira melhor de te dobrar.

Ele a arrastou tropeçando para a nave com seus santos distorcidos. Com uma mão no cabelo dela, ele a puxou para a frente do altar e a apertou na frente dele com um braço sob seus seios, a cabeça arrastada para trás contra o ombro dele.

— Você sabe onde está, não é? É por isso que você correu. O que você vê, Kit? O rosto de papai acima do altar? Amaldiçoado, não! — Ele a empurrou para se esparramar nos degraus do altar. — Aquelas manchas em formas de mãos são sangue. O sangue de um padre para ser exato. Ele foi assassinado neste ponto por ordem de seu pai. Mas primeiro ele foi estuprado com seu próprio crucifixo por seus conterrâneos que odeiam papistas sabe, chérie?

Antes que ela tivesse tempo de reagir, ele a arrastou para cima e depois para a rua. A cada passo, ela lutou contra ele, chutando e emperrando, deliberadamente caindo para emaranhar em seus pés. Qualquer coisa para silenciar a voz dura e implacável que fez Kenlo voltar a viver com a cavalaria e as baionetas, aos seus olhos. Corpos dilacerados e infernos flamejantes e estripados. Assassinato em massa. Finalmente ele meio que a empurrou, e a jogou em um prédio separado dos outros.

Instantaneamente, ela ficou de pé, virando-se à distância, os olhos negros e selvagens, os dedos erguidos como garras para atacá-lo novamente. Ele pegou-a com facilidade e empurrou-a contra uma mesa enegrecida e queimada.

— Minha casa, garota e o que sobrou dela! — Ele rosnou. — Aqui foi onde minha mãe foi estuprada por um dos sargentos do bastardo. Eu assisti enquanto ela se submetia para me dar tempo para fugir pela minha vida.

Catherine resistiu e ele a inclinou para trás enquanto lhe contava o resto, esquecendo-se de que seus olhos mal estavam lúcidos, esquecendo-se de que ele a estava machucando — tudo exceto a agonia de reviver aquela noite.

— Eu ouvi a ele e um tenente, o autor de suas ordens: um certo assessor do vice-rei que imaginou que o abate de algumas aldeias poderia incitar uma rebelião para que ele pudesse confiscar a propriedade dos rebeldes. Seu pai, sua cadela maldita!

O rosto e o peito de Sean estavam cheios de suor e, naquele momento, ele odiava a moça indefesa sob ele mais do que na noite em que destruíra sua inocência.

Com rapidez mortal, ele puxou a faca e pressionou contra sua barriga. Os olhos de Catherine brilharam de volta com terror quando a faca cravou em sua pele.

— O sargento estripou Megan com uma baioneta. Depois que os soldados

se foram, eu derramei óleo no corpo e ateei fogo para que ninguém a visse mutilada. Então coloquei o que sobrou em uma sacola e joguei no mar.

— Quando eu tinha dezessete anos, encontrei o sargento em uma taverna. Ele quase me matou, mas eu o deixei estripado, como minha mãe!

Catherine viu o brilho assassino nos olhos verdes inclinando-se infernalmente para ela.

Mais tarde, Sean não se lembrava do que o impedira a tempo. Ele se lembrou de Catherine gritando; as paredes pareciam ricochetear com o som de seu terror indefeso. Ele colocou a mão sobre a boca dela e, acima dela, seus olhos, completamente perdidos, rasgaram sua alma. Então eles se fixaram em nada e ela ficou mole. A princípio, ele achou que tinha levado a faca a perfurá-la. Quando o medo rapidamente dissipou o atordoamento mortal, ele lentamente tirou a mão da boca dela.

— Kit? —A mente mal funcionando, ele começou a levantá-la e sua cabeça caiu de volta contra seu braço. — Kit? —Seus dedos procuraram o pulso de sua garganta; ele tremulava fracamente. Ela estava inconsciente, cílios irregulares contra um rosto sem sangue. Ele a tocou em todos os lugares e não encontrou sangue. Com um grito, ele jogou a faca para longe. Quase a matou. Quando ele olhou em volta distraidamente por algo para cobri-la, seu estômago se rebelou e ele vomitou, caindo de joelhos nos escombros. Seu corpo arfou até que nada mais estava em sua barriga, e ainda assim ele convulsionou.

Nua por baixo dos cobertores de Sean e dela, Catherine recuperou a consciência em seu beliche. Apesar da coberta, ela estava com frio, sua mente e espírito era um desperdício ártico. Nenhuma lágrima foi deixada agora. Nada, exceto uma terrível alienação. Mesmo estar viva não significava nada. Culhane estava pronto para matá-la. Por que ele não tinha matado? Era pela mesma razão que seus pensamentos haviam chegado aos dele, como uma criança procurando uma mão tranquilizadora, mesmo quando ela se escondia dele? Alcançado por uma mão que segurava uma adaga.

Papai... não faça. Não, pense. Pense que dói.

Segurando a cabeça, ela se sentou e se encostou na parede. A cabine estava escura, o crepúsculo obscuro com a promessa de uma tempestade. A terra não estava à vista e o vento gemeu maldosamente no cordame. Nuvens de tempestade amontoadas em uma linha de instabilidade no horizonte meridional e o arco de Megan mergulhavam desajeitadamente em cochos de ondas bravias, o jato soprando alto sobre o deque. No horizonte havia uma vela que se aproximava, uma das poucas que haviam encontrado ao Norte. Cansada de

afastar as teias de aranha dos pensamentos, ela observou-a através da vigia.

A vela tornou-se uma massa de velas, alta e imponente. Um mercador? Um cruzador. Os irlandeses não tinham cruzadores. Catherine lutou para limpar a cabeça. Ela tinha que ganhar a atenção da nave. O lampião bateu contra o anteparo. Uma luz. Mas não haveria chance de usá-la por tempo suficiente para ser visto, a menos... Um pequeno machado estava montado na parede abaixo do beliche de Culhane. Silenciosamente, ela soltou a lampião e sacudiu; um espirro saudável respondeu. No leme, visível através da porta parcialmente aberta, Culhane observava a vela e começava a se desviar sutilmente, sabendo que Megan seria despercebida assim que a linha de choque atacasse.

Descalça, Catherine se moveu silenciosamente sobre a cabine. Ela colocou o machado no beliche de Culhane, depois procurou na bolsa de comida pela caixa de pederneira. Usando um cobertor para proteger o brilho, ela esperou até o cruzador se aproximar, depois acendeu a lampião e segurou firme o machado.

Com a atenção no navio de guerra, Culhane não viu sua refém até que ela já estava através da escotilha dianteira; então já era tarde demais. Em um golpe do machado, ela cortou a adriça principal, enterrando a lâmina no mastro. Com um sopro sinistro, a vela principal caiu em um emaranhado de lona e cordame, batendo-o no convés e mandando o booom para fora de controle. Catherine balançou a lampião em um arco alto e largo e tentou não pensar no homem que poderia ter se ferido. Tentou não pensar no que um tribunal britânico faria com ele.

Atordado no início, Sean estava enredado sob a vela, depois começou a lutar desesperadamente quando ouviu o ruído abafado de pingos de chuva contra o tecido. Com palavrões, ele puxou uma faca e dividiu a vela. Catherine, ainda sinalizando, viu-o sair de sua armadilha muito mais cedo do que o previsto. Ela torceu o machado embutido. Ele cautelosamente se aproximou dela.

— Apague essa luz! — Ela empurrou a machadinha; e ficou firme. Não mais tentando acender a luz, apenas tentando manter o equilíbrio no convés escorregadio, ela recuou em direção à proa. Sean ficou tenso. Uma sereia de olhos selvagens, decidida a destruí-lo, estava desesperada, tremendo de frio e medo. A qualquer momento ela poderia perder o equilíbrio, até pular. — Quer me matar, pequenina? Aqui, pegue! — Sabendo que ela iria agarrá-lo e preparado para se lançar para frente para prendê-la, ele enviou a faca deslizando pelo convés.

Ela agarrou rápido o suficiente, quase perdendo o aperto no lampião, mas ele foi forçado a congelar no meio do salto, fora do alcance da lâmina cintilante, equilibrada profissionalmente em sua barriga. Ela aprendera mais em cativo

do que ele imaginava.

— Kit, você vai ter que usar essa faca se trouxer aquela embarcação. Eu não vou balançar em um laço britânico.

— Tome o bote, mas não chegue mais perto. — Seu tom era calmo, embora seus dentes estivessem cerrados de frio e chuva, que chicoteavam seu corpo gotejante. — Eu não tenho nada a perder.

— Nem eu, — ele disse suavemente. — Só você.

— Você ia me matar, — ela cuspiu.

— Sim.

— Você deveria ter feito isso. Teria acabado para nós dois.

— É isso que você quer? Então use a faca. — Seu conselho era calmo, quase fraternal, e ela o observava com incerteza cautelosa. — Devo ajudá-la a clarear sua mente? Eu nunca vou deixar você ir, garota. Não, enquanto eu respirar. Se você não me matar, eu vou te levar e continuar tomando você. Eu posso até dar-lhe uma criança. E, se você fugir de mim, eu a trarei de volta. Se você quer se livrar de mim, é agora ou nunca.

Seu coração disparou enjoativamente enquanto seu desespero aumentava. O cruzador aproximou-se.

— Não tenha medo. Eu não vou parar você. Tome sua vingança e seja livre. É só a questão de um momento. — Agarrando a borda da camisa e passando sobre a cabeça, ele se inclinou para ela, a camisa encharcada de chuva batendo em seu peito nu enquanto um raio atravessava o céu. Sua voz era sedutoramente suave. — Estamos perto para um abraço. Beije-me com a faca.

A arma recuou lentamente para a estocada, seu ponto brilhando com a borda perversa da navalha.

— Agora, Catherine. Ataque agora, ou ceda.

Ela empurrou a faca para a frente, mas no último momento olhou nos olhos que refletiam a tempestade. Esse estranho homem pensativo se tornara parte dela. Assustadoramente, precisava dela agora, embora ela o renegasse com raiva e orgulho de como ele a tinha usado. Mesmo que ela morresse por sua mão, ela não poderia mais negá-lo.

Quando a faca caiu no convés, uma mancha de carmesim sobre o coração do irlandês espalhando-se contra o peito dela enquanto ele a abraçava e esmagava a boca nos seus lábios frios, beijando-a como se a tempestade que se abateu sobre eles estivesse centrada em seu peito e alma. Fez uma pausa para chutar a lampião ao mar, depois levantou-a e atravessou rapidamente o convés para o abrigo da cabine. Ele a deitou, então rapidamente se livrou de sua roupa encharcada. Um raio iluminou a cabine. Com os cabelos escorrendo, eles olhavam um para o outro enquanto, do lado de fora do barco a estibordo, um

navio de guerra britânico rumava para o Norte através da tempestade. Quando a luz da popa desapareceu, a boca de Sean despençou sobre a de Catherine e ela respondeu ao seu desejo furioso com a mesma fome quando o puxou para os cobertores. Seus corpos molhados e escorregadios se encontraram e se moveram em um calor desenfreado que se enfureceu como a tempestade uivando sobre sua embarcação maltratada. A paixão subia em ondas de fogo que corriam pela borda do mundo, uma descida ao inferno, corpos entrelaçados em uma fusão de desejo fundido. Gelo e fogo. Ele a possuía com uma selvageria terna que não só reivindicava a vitória, mas causava aniquilação.

Por muito tempo ficaram ainda unidos, a cabeça escura de Sean descansando nos seios de Catherine. Quando a tempestade lentamente diminuiu do lado de fora do santuário flutuante, ela tocou seu cabelo úmido e ondulado, revelando sua maciez espessa. Erguendo a cabeça, ele olhou para seus olhos tristes. Os cílios não podiam velar. Um sorriso lento e juvenil suavizou as linhas duras de sua boca.

— Bruxa do mar tremente, — ele murmurou, roçando os lábios dela com os seus. Delicadamente, ele explorou o rosto dela com os dedos, como um homem cego faria, como se nunca tivesse visto antes e nunca mais voltaria a ver. — Sim, é isso, — ele respirou. — Receio estar preso em algum feitiço de sereia, pois seus olhos estrelados não são deste mundo, doce bruxa, e eu os verei, deslumbrados, sonhando.

Ela alisou o cabelo úmido de suas têmporas.

— E quanto à minha besta do mar? Quando eu olho em seus olhos, não vejo nenhum brilho de lobo, nenhum olhar diabólico, mas um homem, e um homem como eu nunca conheci. — Ela ficou em silêncio, uma sombra cruzando o rosto.

— Você se pergunta quando o alívio termina, — ele forneceu com um traço de sua velha amargura.

Ela parou seus lábios com um rápido beijo que espalhou seus pensamentos perturbados como cinzas mortas.

— Nós fomos além das promessas. Tudo menos este momento.

Ela puxou a cabeça dele para baixo e seu corpo duro recuperou o dela com um desejo feroz que despertou seu próprio anseio a um tom atordoado, então lentamente cumpriu-o com uma intensidade penetrante e profunda até que seu grito foi varrido pelo vento.

Enquanto Catherine enterrava o rosto no pescoço dele e caminhava pacificamente para o sono sem sonhos, Sean, olhando para o escuro, observou o relâmpago intermitente tocar as ondas ainda irritadas.

Quando a madrugada se ergueu sobre os mares revoltos e agitados, ele a

deixou dormindo e, nu como um velho marinheiro, subiu ao convés. O deck molhado bateu sob seus pés descalços enquanto ele inspecionava os escombros da vela e os cabos cortados. Com a adriça cortada e presa nos dentes, ele subiu no cordame oscilante. Embora ele tenha trabalhado rapidamente com o dano, ficou quase congelado imediatamente. Perversamente, ele queria o desconforto, o adstringente de espuma e o vento em sua pele. Ele olhou para baixo e viu Catherine olhando para ele como uma prostituta de pirata, descarada e com cabelo preto chicoteando sobre seu corpo nu. Ela olhou a nudez dele com um olhar que fez o sangue dele ficar quente. Meio com raiva ele rosnou: — Coloque suas roupas, moça. Você vai pegar um resfriado.

— Você está evidentemente em perigo, — ela brincou, uma covinha aparecendo em sua bochecha enquanto examinava seus longos e flexíveis membros e a estrutura bronzeada e magra com a apreciação de uma mulher orgulhosa de seu amante.

Ele corou e xingou baixinho.

Ele se balançou no ar de um cordame para uma estadia e deslizou para o deck com uma carranca. Ela rodou um dedo brincalhão no pelo preto e ondulado do peito dele.

— Estou tão feliz que você não me persuadiu a matá-lo. Se eu tivesse sido levada a julgamento antes de meus pares femininos, eu deveria ter sido enforcada como uma traidora do meu sexo.

— Deus nos ajude se as mulheres se sentarem no tribunal! —Ele soprou ironicamente para distraí-la de sua resposta ansiosa ao toque dela. Condenação! Não havia justiça no mundo quando um homem não podia disfarçar seus interesses, enquanto uma mulher podia brincar sem se ligar em um só fio de cabelo.

Catherine olhou maliciosamente, arrastando os dedos ao longo da linha fina de pele que traçava sua barriga.

— Senhor, você sugere que a justiça em mãos capazes pode ser igualmente dispensada, ou que as mulheres não são sensatas? Apenas uma mulher insensível pode negar a evidência correta de seu recurso. —Seus olhos se curvaram maliciosamente.

Ele firmemente arrancou seus dedos da pele.

— Se você não quer ser arremessada ao mar para um espírito das águas, mantenha os dedos para si mesmo. —Ele se virou para as adriças, e uma voz fria e provocante veio de trás dele.

— Na verdade, eu pensei em aperfeiçoar meu nado de costas de uma maneira mais agradável.

— Amaldiçoado serei se sua boca não precisa de outro sabão! —Com raiva,

ele se virou, e de alguma forma ela estava toda macia em seus braços, o barco balançando sob seus pés apenas como parte do efeito vertiginoso em seus sentidos fugitivos. Xingando baixinho, ele a puxou para cima, duro contra sua nudez, e a beijou rudemente até que ela ficou sem fôlego. Abaixando-a para o espelho brilhante do convés, ele a tomou sob o céu, rapidamente, com urgência, até que uma agonia doce e crescente se apoderou dos dois e os deixou agarrados firmemente, fracos e trêmulos.

Levantando-se levemente, Sean baixou o olhar para seu rosto primoroso como uma flor exótica dourada contra o cabelo despenteado. Seus olhos sob os cílios ainda ardiam com pequenos incêndios que o faziam querer tomá-la novamente, embora seu corpo não pudesse responder imediatamente à sua ânsia.

— Não está bom, Kit, — ele disse com relutância. — Temos que voltar. Outra tempestade está chegando.

O fogo gotejou em seus olhos e o velho olhar de tensão retornou.

— Sean...

— Olha, se eu achasse que esse aparelhamento aguentaria outra tormenta, eu iria direto para o mar. Você acha que eu quero levá-la de volta para lá agora?

— Não é o aparelhamento. Você é tão prisioneiro quanto eu.

— Eu tenho responsabilidades, Kit. Vidas dependem do meu enfrentamento.

— É responsabilidade? Ou vingança e ambição que você está relutante em esquecer?

Sua mandíbula se apertou e ele rapidamente ficou de pé, puxando-a com ele.

— Isso é parte disso. — Ele a abraçou, seus lábios contra o cabelo dela, sua voz meio zangada, meio imploradora. — Kit, confie em mim um pouco. Tente entender...

Ela ficou imóvel, sem resistir, sem responder; então a voz dela baixou.

— Eu entendo. Nada mudou. Exceto que agora eu sou sua puta de fato.

Queria sacudi-la, cobrir o rosto com beijos irados, persuadi-la com palavras, seu corpo, qualquer coisa; mas ele sabia que seria inútil. Derrotado, ele baixou as mãos.

— Se vista, condessa. As férias acabaram.

CAPÍTULO 13

UM PERFUME DE ORQUÍDEAS

Catherine se ajoelhou diante do fogo incandescente de turfa, sua pele formigando com o calor intenso. Durante a última parte da viagem para casa, o tempo estava difícil e a Megan velejava devagar para Shelan, muito depois do anoitecer. Agora, o xale e a camisola de Elizabeth Flynn forneciam escassa proteção do frio úmido e mofado do quarto. Mexendo o fogo até que ele se acendesse, ela pensou no incêndio que Sean Culhane tinha provocado. Ambos foram perdidos para o sentir ou cautelar, existindo apenas com impaciência cega para ser uma só carne novamente, para ficarem sem mente num delírio sensual. Ela exultou e ficou assustada com um desejo que a tornou capaz de tal submissão. Foi apenas a luxúria que a fez desejar mentir para sempre sob seu corpo, deitado de costas, infinitamente cedendo enquanto ele a tomava incessantemente? Em todos os sentidos, uma prostituta? Sua prostituta. Muito melhor do que ser a bênção do Céu, se o Céu o expulsasse.

E então Culhane estava lá, sua presença sombria como mãos gentilmente exigentes tocando-a em todos os lugares. Ela olhou para cima.

— Está tudo bem?

— Sim. Não graças a Liam. Ele ficou fora a maior parte do tempo. — Ele colocou um objeto sobre a mesa com um tilintar metálico, despejou dois conhaques do decantador e aproximou-se dela. Ele entregou-lhe uma taça. — Flynn sente sua falta. — Ele estava olhando para ela estranhamente, mas seu rosto estava ilegível.

Ele puxou uma cadeira, caiu nela e olhou para o fogo; depois, enquanto ela inalava o aroma de seu conhaque, ele estendeu a mão para acariciar a renda em sua garganta. Ela se endureceu involuntariamente, sentindo uma onda de sangue em suas bochechas.

— Você vestiu uma armadura de renda hoje à noite. — Seus dedos se deslizaram para a delicada linha de sua mandíbula. — Você não precisa usar armadura comigo, Kit. Tire isso.

— Posso terminar este conhaque primeiro? O quarto está frio... —ela vacilou.

Culhane franziu a testa, depois encolheu os ombros com um toque de sua antiga indiferença.

— Como você quiser. — Ele rapidamente esvaziou seu próprio copo, em seguida, levantou-se e foi até seu armário, tirando a camisa ao fazê-lo. Rapidamente, ele tirou e guardou as roupas, depois se virou para ver Catherine recuar de sua nudez. Silenciosamente, ele foi até ela, tirou o copo dos dedos dela e puxou-a para ele. Ele tirou o xale dos ombros dela. Com o longo vestido de gola alta, ela parecia uma noiva, cabelos intocados, brilhantes e ainda molhados do banho. Quando ele começou a desfazer a longa fileira de minúsculos botões que prendiam a roupa, ele se perguntou como Flynn tivera paciência para trabalhar neles em sua noite de núpcias. Talvez ele simplesmente tivesse puxado o vestido para cima. Sua garganta ficou subitamente seca quando finalmente a peça se abriu até a cintura, revelando o inchaço sombreado de seus seios. Ele começou a tirar o vestido dos ombros dela e sentiu-a tremer. — Kit, você não aprendeu que não tenho o desejo de forçá-la?

— Eu não entendo as emoções que você desperta, — ela sussurrou. — Quando você me toca, você toma minha vontade.

— Kit... doce... — Sean sussurrou contra sua garganta, explorando sua frágil cavidade com seus lábios, traçando um caminho ardente da curva de seu pescoço e abaixando-se até que ela suspirou e deixou que ele vagasse onde quisesse. Suavemente ele segurou seus seios aveludados dentro do vestido, acariciando-os, tentando seus picos para pressionar ansiosamente contra as pontas dos dedos. Então ele separou o vestido para deixá-lo cair de seus ombros até que ela estivesse nua; seus lábios quentes procuravam a carne tingida pelo sol que revelava. — Sim, — ele respirou, — é assim que eu teria você.

Tirando uma massa reluzente da mesa, ele a virou para encarar o vidro do pír que refletia sua nudez comprida contra a dele, então prendeu um colar no pescoço dela. Um colar de ouro primorosamente trabalhado, com toques suaves de âmbar e safira em labirintos de ametistas sem cortes, repousava sobre sua pele. Quente de seus dedos, era surpreendentemente pesado, as pedras irregulares ecoando sutilmente o sombreado de seus olhos. Ele soltou o cabelo dela e deixou cair em uma massa selvagem e tempestuosa até a cintura.

— Por quatorze séculos, apenas rainhas gaélicas usaram o Niall Tore. Esta noite, é seu. Ta in gra le tusa, Catherine.

Por um momento, ela não pôde dizer nada, sentindo como se o colar a tivesse fechado em uma corrente antiga e espiralada de tempo. Como se seu calmo gaélico tivesse selado seu destino.

— Sean, — ela respirou, — você não deve...

— Por quê? — ele perguntou com firmeza. — Você acha o Tore bárbaro em comparação com os diamantes da sua avó?

Ela se virou para ele.

— Você sabe que é inestimável... e nunca destinado a alguém que é inglesa.

— O Tore nunca foi feito para coletar poeira em um museu, amor, mas para ser usado por uma mulher contra sua carne viva e quente; para ser usado pelas escolhidas de O'Neill, laird dos Gaels. Eu sou o O'Neill. E você é a mulher que eu escolho.

— Mas como esta coleira é diferente da outra, por toda a sua beleza? —ela perguntou suavemente. — Uma vez que você acorrentou meu corpo, mas minha mente e meu coração estavam livres. Agora... agora eu sou menos que sua escrava. — Lágrimas escorreram pelo seu rosto enquanto abaixava a cabeça.

— Não, eu acho que não. As algemas que você carrega estão presas no meu coração. — Ele levou-a para o fogo e deitou-a nas peles, espalhando o cabelo pela raposa azul em uma torrente cintilante. — Sim, é assim que eu teria você, — ele sussurrou, sua boca descendo sobre a dela em um beijo que parecia tirar sua alma de seu corpo.

As sombras ao redor se espalharam, o passado e o futuro recuaram até que somente a demanda de agora permaneceu. Suas mãos moveram-se lentamente, procurando lugares secretos de amor, reduzindo-a a uma rendição flexível até que seu corpo sucumbiu e ela se arqueou contra ele com um grito suave. Mas ao procurar entrar, ela sussurrou: — Você brinca com os meus sentidos com a facilidade de um sedutor experiente. Posso participar do jogo?

Com um sorriso provocante, ele rolou de costas. — Seduza-me, moça; não tenho objeção.

— Mas, onde eu devo...? O que... devo fazer?

Ele encolheu os ombros preguiçosamente.

— O que você quiser. Você saberá rapidamente o que eu penso sobre isso. — Ele fechou os olhos como se se estivesse preparado para ficar entediado.

Catherine considerou o flexível corpo marrom reclinado nas peles. Quel beau sauvage, que c'est magnifique. Assustada que a reação dela tinha dito em francês: Que lindo selvagem, você é magnífico, ela recordou a provocação dele sobre o sangue gaulês dela e a expressão dela sutilmente alterou a um sorriso misterioso. Au secours, ma chête grandmaman, Nathalie, Socorrei-me minha querida avó, Nathalie. Você conquistou a França. Deixe-me humilhar apenas um irlandês. Ela espalhou leves beijos de borboleta nas pálpebras fechadas, depois foi até os lábios dele. Sem mover um músculo, ele a beijou de volta, deixando seus lábios se separarem sob os dela, despertando-a facilmente para o desejo impaciente, sem esforço e sem aparente contrarreção. Animada, inspirou na garganta e na têmpora e, em seguida, lançou rapidamente a ponta da língua ao ouvido dele e foi recompensada pela ingestão rápida de sua respiração. Merci, vovó! Ela vagou até o oco de seu ombro e descobriu seus mamilos,

mordiscando-os. Mas quando seus dedos finos acariciaram suas coxas e hesitantemente exploraram seu sexo, Sean se deitou como uma explosão. A sua língua delicadamente o abocanhou e ele ofegou, sua barriga se contraindo. Ela acariciou-o até que ele tremeu involuntariamente de braços abertos nas peles, entregando-se completamente à sua boca em busca.

— Doce Jesus... Kit... —ele gemeu. Não mais capaz de suportar sua doce tortura, ele a agarrou e rolou por baixo dele na pele. Ele se dirigiu profundamente entre suas coxas em doce vingança, mesmo quando ele procurou sua boca. Seus impulsos aceleraram até que ela envolveu suas pernas em torno de seus quadris e ajeitou suas costas em resposta primitiva à demanda voraz de seu corpo. Com um grito agudo e gemido, Sean perdeu seu último fragmento de controle e sentiu sua amante violentamente convulsionar embaixo dele no mesmo momento. Quando o fogo queimou, eles ficaram entrelaçados juntos, abalados e atordoados pela força terrível de sua paixão. Por tanto tempo em desacordo, eles agora mal ousavam respirar, com medo de se separar.

— Cadela, — Culhane murmurou. — Bruxa sedutora. Minha inocente devassidão. Você tem a forma da boca de uma criança... de uma prostituta. Eu não me importo mais se você oferece salvação ou condenação. Como Alexander, eu me diverti com a festa da vitória, apenas para buscar a derrota nos braços de uma mulher. Nunca me deixe, Kit.

— Se o amor fosse minha única prisão, não saberia para onde ir, — ela sussurrou. — Quando você me abraça, eu estou amarrada e cega, atendendo apenas a sua voz, o toque de seus lábios, seu corpo reivindicando o meu. O que você fez comigo? Estou perdida. Por favor...

Enquanto Sean respondia ao pedido com os lábios, ele começou a se mover com ritmo lento e antigo em cadência com a respiração, até que se moviam como se fossem um, e Catherine sentiu como se todo o seu corpo fosse uma extensão incandescente de seu amante. Por fim, ela se despedaçou e flutuou dentro de seu ser. Quando ele juntou as peles perto deles, ela se deitou contra ele, em parte cobrindo-o, ainda contendo-o.

Tarde na manhã seguinte, Liam parou no corredor sombrio do lado de fora de sua porta quando viu seu irmão e Catherine saírem de seu quarto. Ele sabia que o relacionamento deles havia mudado. Ao descerem a escada, não estavam se tocando, e sim estavam, mas de outra forma. Silenciosamente, ele os seguiu e, quando chegaram ao patamar, viu Sean pegar Catherine em seus braços e beijá-la demoradamente. Seu corpo se moldou ao dele, e quando Sean levantou a cabeça, Liam queria estar doente. Ela parecia uma sonâmbula, os olhos ainda escuros de desejo, lábios inchados e machucados. Até mesmo seu corpo tinha

uma maturidade nova e chamativa, mas convidava apenas um homem cujos olhos verdes estavam embaçados com um olhar que Liam nunca tinha visto antes. Eles se separaram no foyer e, quando Liam ouviu a porta do escritório fechar, ele desceu rapidamente as escadas para pegar Catherine no terraço antes de chegar à carruagem.

— Liam! De onde você veio?

Fazendo um sinal para que ficasse quieta, ele a puxou de volta para a casa, fora da vista das janelas do escritório e dos ouvidos do cocheiro da carruagem.

— Eu preciso ver você sozinha. Encontre-me nos penhascos hoje.

— Liam, eu...

— Eu sei, caramba. Você parece uma cadela no cio. Mas há coisas que você não conhece e é melhor ouvir.

Ela se afastou.

— Eu não quero ouvir nada!

Seus dedos apertaram seu braço.

— Não seja tola. Você não é a primeira a brincar de prostituta com o meu irmão. Você vai se tornar traidora também? Eu estarei esperando nos penhascos ao meio-dia. Se você não estiver lá, eu irei para Flynn. —Deu-lhe um empurrão na direção da carruagem e de seu cocheiro curioso.

Ela foi ao encontro. Ele esperou, com as mãos nos bolsos e de costas para o mar, cabelos loiros prateados sob a luz nebulosa. Ele estava mais magro, mais duro, mais amargo.

— Bem-vinda a casa. Eu confio que o feriado foi refrescante? —Ele sorriu sarcasticamente.

— Não tenho tempo para recriminações, Liam. Uma grande quantidade de trabalho deve estar esperando na enfermaria.

— Ah. Sempre a boa lady. Só que você é quente o suficiente para o meu irmão ultimamente.

Impaciente, ela se virou para sair, mas ele a girou.

— É estupro que você aprendeu a preferir? —Puxando-a para ele e torcendo um braço atrás dela enquanto ela lutava, ele fechou a mão livre sobre o seio dela. — É isso que você quer? É isso? —Ele enfiou a mão no corpete tão abruptamente que o tecido rasgou. Desta vez, para sua surpresa, ele não encontrou resistência, apenas desprezo implacável.

— Eu não ligo para o que você faz! Eu vou ficar com ele enquanto me quiser!

O olhar de desejo de Liam se alterou para o desespero, depois para a fúria fria. Ele a empurrou para longe.

— Então você é uma tola, como todo o resto de suas mulheres! O desgraçado é realmente tão bom na cama? Você está apaixonada por ele?

— Eu não sei se eu o amo, mas... sim, ele é muito bom na cama.

Liam levantou a mão para bater nela, então lentamente soltou sua mão. Ela olhou para ele com frieza, descaradamente recusando-se a fechar o corpete, e ele nunca a tinha visto tão magnífica. Ela se tornara uma mulher sensual, morena e madura. Seus olhos estavam cheios de uma promessa que o fez desejá-la mais do que nunca.

— Você sabia que Sean arruinou seu pai? Que o falso carregamento de antiguidades que ele acabou de arranjar não apenas destruirá a esperança de recuperação financeira de seu pai, mas também sua reputação?

Mais uma vez, a reação não foi de todo o que ele esperava. Catherine apenas olhou para ele.

— Sean me contou sobre meu pai. Em Kenlo.

Ele olhou fixamente.

— Você acredita nele?

— Sim, — ela disse desolada, — porque meu pai é um assassino... e pior.

— Você também sabia que Sean está montando uma rebelião armada contra a Coroa?

— Eu sei disso há meses. Eu vi as armas na fortaleza. No começo eu pretendia usar você para fugir.

A amargura de Liam aumentou.

— Mas você não poderia. Você se abre a meu irmão como uma prostituta, mas não me deixaria fazer amor com você, nem mesmo para salvar a Inglaterra!

— Você exagera, Liam. A Inglaterra não está em perigo. Ao escapar, eu poderia ter salvado vidas irlandesas.

Ele sorriu sombriamente.

— Você acha que meu irmão pretende lutar sozinho? Suponho que ele se esqueceu de mencionar que esperamos uma companhia amanhã? — Ele foi recompensado por um olhar vazio. — Ah, finalmente vejo que há algo que você não conhece. Nossos convidados são franceses.

Ela ficou pálida.

— Sean está trazendo tropas francesas?

— Não apenas Sean. Os irlandeses unidos patrocina esse entretenimento. Theobald Wolfe Tone, lorde Edward Fitzgerald e Arthur O'Connor são apenas alguns dos conspiradores que odeiam o governo e todos os níveis da sociedade. Tone esteve em Paris organizando uma rebelião com a Diretoria. Foi-nos prometidos, pelo menos, três navios de guerra sob o comando do General Humbert, que em breve embarcarão para apoiar a rebelião. Napoleão envia seus

cumprimentos.

— Mas Napoleão quer a Irlanda como uma porta para a invasão da Inglaterra!

— Mas é claro, minha pequena amadora.

Ela pegou o braço dele.

— Liam, Sean não pode... você não deve deixá-lo!

— O que, diga o que quer que eu faça? Empurrar meu pescoço em um nó por causa de uma nação que eu detesto?

— Pela Irlanda! Se você trazer os franceses, estará trocando um jugo por outro! Sean não percebe isso? — Em seu indiferente encolher de ombros, ela explodiu: — Maldito seja, seu tolo de auto piedade! Levante-se sobre as patas traseiras e lute! Se uma arma se encaixar na sua mão, então, não hesite!

Liam olhou para ela. Aquela pequena descarada não era mais a mulher com quem tinha sido obcecado, mas agora estava decidido a enfrentar o desafio de quebrar o poder do irmão sobre ela, de quebrá-la com as próprias mãos.

— O quê você espera que eu faça? — ele perguntou carrancudo.

— Onde está o esconderijo de armas principal?

— Você tem dormido. As prateleiras de vinho da adega escondem câmaras cortadas na rocha. Ele tem peças de artilharia escondidas nos silos. Shelan tem o maior estoque de armas fora de Dublin — seus lábios se curvaram sarcasticamente — e aparentemente o melhor esconderijo. Seu general britânico Lake desarmou praticamente todo o resto de Ulster no mês passado.

Ela olhou para ele atentamente.

— Se pudéssemos pensar em um artifício para limpar a casa, poderíamos explodir a adega e os silos.

— Que diabos você está falando?! Não vou transformar minha herança em pó. É tudo o que tenho, afinal de contas. — Ele fez uma pausa. — Além disso, como você acha que seu amante reagiria à traição de sua prostituta?

— Deus, Sean!... Napoleão na Irlanda! — Ela se virou. Esta decisão era inevitável. Pensar que poderia ser evitado tinha sido tolo, só que agora ela seria duas vezes traidora, pela Irlanda e Sean.

— Eu vejo que você tem uma idéia. Ele mataria você com as próprias mãos.

— As autoridades devem ser avisadas. Ajude-me a escapar, como você prometeu.

— Isso foi antes de saber que você estava me usando. Agora, há um preço.

Ela sabia, mas precisava ouvi-lo exigir isso. Ouvir sua própria resposta irrevogável.

— Qual?

— Casar comigo antes de sairmos.

— Liam, eu nunca vou te amar do jeito que você quer.

— Eu não me importo.

Ela silenciosamente olhou para Shelan, em seguida, respondeu timidamente:
— Me caso com você.

— Em Ruiralagh diante do padre? Com freiras como nossas testemunhas.

— Aparentemente, você fez todos os arranjos.

— A cada passo do caminho. Eu tracei e cobri nossa rota daqui até Londonderry. Sean nunca mais vai te ver. Não até o dia em que ele for enforcado. E eu espero que você veja, Catherine. Você será minha a partir de então. — Ele segurou seu seio.

Ela se endureceu, depois afastou-se dele. Ela teria que mantê-lo afastado, esquivando-se continuamente. Qualquer coisa para impedi-lo de consumir sua união. O ódio vingativo de Liam por Sean cancelou seu antigo desejo de recompensá-lo pela perda de sua terra natal. Uma vez em Londonderry, ela conseguiria uma anulação.

Liam não mentiu sobre seus visitantes. Em Shelan, os empregados corriam, abraçados a parafernália de limpeza. Peg saudou-a alegremente na porta do quarto.

— Eu vejo que o ar do mar fez bem para você! Suas bochechas têm flores como rosas espanholas. — Ela fechou a porta atrás dela. — Sean, sempre fica negro como um pirata. — Seu sorriso ficou alegre. — Eu sabia que você faria bem a ele. Ele está sorrindo como um pagão o dia todo.

— Se eu fosse bom para ele, — Catherine murmurou, então abraçou a governanta com força. — Cuide dele, Peg. Ele precisa de você mais do que imagina.

A mulher mais velha deu um tapinha no ombro dela.

— Ora, ora. É de uma jovem que o carcereiro precisa. — Ela segurou Catherine longe, estudando seu rosto intensamente. — Ele está apaixonado por você, sabia disso?

— Eu gostaria que, pelo bem dele, não estivesse.

Peg franziu o cenho.

— Você não sente nada por ele?

— Eu sinto algo... Eu não posso pensar quando ele me toca, e ainda quando ele me deixa ir...

— Você está com ele como uma cotovia ao vento. Não há nada que se preocupar, moça. É gentileza que ele precisa. — Ela pegou a mão de Catherine e a puxou para a cama. — Veja o que veio no Sylvie para você! Eu tenho estado arrumando desde o final da manhã!

Lançados em toda a colcha, havia vestidos em uma profusão de musselinas e sedas, tudo nos cortes enganosamente simples de Le Roy; tudo fabulosamente caro. Ouro delicado, prata e sandálias de seda tingida combinavam com cada vestido. Peg apontou para um pacote de veludo.

— Há até mesmo tintas e pomadas como Josephine e as mulheres da sociedade usam. — Ela abriu uma caixa forrada de seda para revelar frascos de cristal de perfume. Removendo uma rolha, ela flutuou sob o nariz de Catherine. — Isso não é pecaminoso?

Catherine quase se encolheu. Um frasco do cheiro idêntico evaporava na penteadeira em sua casa. Sean não havia ignorado nada, nem mesmo um traje de equitação no estilo mais recente, com uma jaqueta curta e um chapéu velado. No armário, botas de montaria espanhol brilhavam ao lado do seu. Ela afundou na cama e olhou entorpecida para a esplêndida ordem.

Com uma carranca de desaprovação, Peg acenou com uma ponta de lingerie de um dedo.

— Vergonhoso.

Esperando impaciente no Salão das Rosas, Sean recolocou a taça de vinho no suporte da lareira e virou-se quando sua amante entrou na sala. Sua respiração ficou presa. A beleza de Catherine muitas vezes o tomara inconsciente, mas nunca mais do que agora. Pelo brilho da luz do fogo, ela era uma coluna esbelta de branco, com Diane. Divertido pelo nome da criação, ele incluiu o vestido como uma brincadeira. Presa em um dos ombros, imitando uma túnica da Grécia antiga, ela foi dividida nos lados da cintura até o tornozelo, revelando uma esbelta saia de baixo e sandálias douradas. Minúsculos toques de sino estavam em seus dedos e cabelos negros lisos caíam em seus quadris. Pálpebras douradas disparavam seus olhos de opala como o fascínio de Circean e seus lábios tinham o calor maduro das romãs. Naquele momento, Sean sabia que ela era mais bonita do que qualquer mulher que ele já tivesse visto ou que voltaria a ver.

— Eu pensei que essa pequena plataforma poderia servir para você, — ele disse levemente. — Em Paris, les merveilleuses, as maravilhosas dispensam a saia de baixo e usam nada além de collants, às vezes nada.

Ignorando sua sugestão provocante, ela respondeu suavemente: — Você é muito generoso. Nem Roxanne de Alexander poderia ter sido mais ricamente vestida.

— Eu não desejo ser um Alexander. — Ele traçou a linha de sua mandíbula com a ponta do dedo. — Eu tenho tudo que eu preciso.

— Você tem? — Ela olhou para ele. — Sean, você não pode ter a

Irlanda e eu. Seu povo nunca apoiaria um líder com uma amante inglesa. Eu seria continuamente suspeita de distorcer seu julgamento. Eles o chamariam de um tolo auto-indulgente, até mesmo um traidor.

— Chérie, não tenho ilusões sobre as dificuldades de manter uma mulher como você, mesmo em circunstâncias comuns. Eu poderia facilmente dar um passeio pelo Soho à meia-noite com moedas de ouro costuradas no meu casaco. E tornar-se ri eireanne o que era a ambição de minha mãe. Não a minha, a liberdade da Irlanda é tudo que jurei ganhar. Não tenho vontade de governar.

— Você não terá escolha. As habilidades e os ancestrais que unem os irlandeses ao seu padrão também o obrigarão a aceitar sua liderança em paz. Para permanecer livre, a Irlanda deve permanecer unida; e por um tempo, talvez toda a sua vida, seu nome obrigará você a oferecer lealdade. —Ela se virou. — Há outra dificuldade.

Ele veio atrás dela. Sua proximidade a fez se sentir fraca, mas ela se forçou a continuar.

— Você deve ter herdeiros legítimos. Meus... meus filhos se tornariam bastardos. Inevitavelmente, outra mulher tomaria meu lugar em seus braços, talvez em seu coração.

Ele acariciou levemente sua garganta.

— Isso importaria, eu tomar outra mulher?

— Sim, — ela sussurrou.

Ele pegou seus ombros e a virou para aceitar sua boca, eliminando a resistência e todo o pensamento, exceto o de se fundir em seu corpo. A cabeça dela escorregou de volta para o braço dele, o cabelo dela em um fluxo de ébano, e ele ficou ciente apenas de quão pequena ela era, o quão desejável.

— Por favor, leve-me embora, — ela sussurrou contra sua boca. — A qualquer lugar. Eu preciso... eu só quero você.

— Deus, você me tenta. —Seus braços se apertaram e sua resposta ao beijo tirou seu fôlego. Ele ergueu a cabeça finalmente com um esforço. — Kit...

Ela nunca saberia qual teria sido sua resposta, pois foi interrompida por uma batida na porta. Era Flannery, arregalando os olhos em franca apreciação da mulher que o braço de seu comandante ainda rodeava.

— Qual é o problema?

Flannery deu-lhe um sorriso tímido.

— O Meridian foi avistado de Annagh Head. Ela está fazendo muito vento e provavelmente chegará a Shelan pela manhã.

Sean assentiu, sem perceber que o sorriso de sua amante havia se tornado sutilmente definido.

— Muito bem. Mande o Fournel e seus oficiais se reportarem ao meu

escritório depois que eles chegarem à praia. Dê a Rafferty um empurrãozinho no jantar, vai demorar a sair?

O jantar foi tranqüilo, ambos jovens preocupados com seus pensamentos. Sean, inquieto, mexeu no copo de conhaque quando Rafferty limpou a mesa.

— Eu tenho de cavalgar, Kit. Quer vir?

— Sim. Numidiann precisa do exercício.

— Corra para cima e se troque. Eu vou pegar os cavalos.

Sean liderou o caminho pelo traiçoeiro rochedo até a praia. A noite estava cristalina e estranhamente quente. Logo Catherine se arrependeu de jogar o casaco de Tim sobre a camisa e os calções. Ela lutou para tirá-lo e estava desajeitadamente amarrando as mangas na cintura quando Sean ordenou abruptamente: — Preste atenção em sua pilotagem. É uma longa descida para a praia. —Gentilmente esperou até chegarem ao fundo para segurar a jaqueta. Ela queria perguntar sobre Fournel, mas vendo a expressão taciturna de Sean, pensou melhor.

Eles puseram os cavalos em um galope fácil pela praia clara e sinuosa. O luar pintava os seixos de um branco-azulado e transformava as poças de maré em espelhos bruxuleantes embaixo de falésias brancas e misteriosas como palácios orientais, suas paredes e pináculos esculpidos em marfim. Um aroma de orquídeas selvagens que subia a face da rocha pairava ao vento. A arrebentação caiu sonolenta na praia, provocando os cascos dos cavalos em um galope duro ao longo do mar luminoso. Os garanhões e seus pilotos se chocaram com as folhas, quebrando suas superfícies em fragmentos e trovejando como fantasmas apressados. Somente quando as montarias começaram a fraquejar o homem e a mulher pararam com um rápido jato de areia. A casa, uma silhueta contornada com luzes brilhantes, mal era visível no topo das falésias ao sul. Sean se deslizou do cavalo suado, depois levantou a companheira, os dedos se demorando na cintura dela. De mãos dadas, eles vagaram pela praia deixando os cavalos para segui-los, suas rédeas presas ao redor de seus alforjes.

— Um navio de guerra francês deve chegar amanhã, inglesa, — disse Sean em voz baixa. — Você consegue adivinhar por quê?

Seus dedos apertaram os dele.

— Sim.

— A Irlanda vai ser livre em breve, possivelmente em alguns dias. Não podemos virar a maré sem eles.

Ela parou e olhou para ele.

— Sean, é perigoso me dizer essas coisas.

— Não, a menos que você pretenda me trair.

— Você acha que eu trairia meu país?

— Você é meio francesa, Kit. Isso importa tanto?

— Napoleão nasceu para a guerra, Sean. Ele vai banhar a terra com sangue. A Inglaterra é o seu obstáculo mais formidável. —Ela fez uma pausa. — A Irlanda teve aliados estrangeiros antes e falhou.

— Filipe II da Espanha e seu exilado Carlos. Eu não estava em uma união com Napoleão, Kit. Ele é a melhor e única chance que temos. Temos que apostar agora.

— Você acha que não vai ser mais do que a marionete dele? Se ele deixar você governar? Ele não quer dinastias nativas em seus domínios mais do que a Inglaterra. Ele será um grande tirano como Cromwell. A monarquia da Inglaterra está enfraquecendo, Sean. O Parlamento está ganhando poder...

— Se você está me pedindo para esperar até que a burguesia inglesa se revele para nos secar, esqueça. —Ele colocou as mãos nos ombros dela. — Você ignora uma coisa sobre Napoleão, Kit. Ele já mostrou que seu gênio militar não se estende ao governo. Ele não deixou fortificações permanentes para proteger suas propriedades na Itália: apenas tropas e um governo esqueleto liderado por seus parentes, e ele. Se ele repete esse padrão em cada território que conquista, acabará por ficar sem tropas francesas para apoiá-los e depender de estrangeiros não confiáveis em satélites cada vez mais distantes de casa. Mesmo que ele retenha seu poder, a hegemonia provavelmente morrerá com ele. Tudo isso pressupõe que o Diretório conspirador não o deponha e devolve a França ao caos da Revolução. Com a Inglaterra quebrada, a Irlanda tem uma chance real de autogoverno.

— E se ele for bem sucedido e tiver um filho?

— Josephine fez um aborto enquanto era amante de Paul Barras; deixou-a estéril. Se o curso quiser um herdeiro, terá que se divorciar dela.

— Mas o divórcio é facilmente obtido sob a lei republicana, e ele tem a base da promiscuidade aberta de Josephine. Meu pai diz que seu irmão, Joseph, está usando toda a sua influência para que o casamento seja dissolvido; Napoleão pode concordar. Sua paixão por Pauline Foures no Egito é de conhecimento comum.

— Foures não é Josephine, Kit. Napoleão terá que voltar a Paris mais cedo ou mais tarde para acabar com as intrigas de Barras no Diretório. Minha aposta é que, quando ele aparecer, Pauline ficará no Egito.

— Como uma bota descartada.

Ele acariciou o pescoço dela.

— Eu me atrevo a dizer que Madame Foures não é sem ambição.

Ela se afastou.

— Talvez ela o ame. — Seus olhos claros momentaneamente pegaram o luar. — Mas o amor não tem lugar na guerra, não é?

— Não? — Ele a pegou gentilmente, depois sufocou qualquer resposta possível com a boca. Catherine se agarrou a ele, sabendo que poderia ser pela última vez. Ela o amava e era tarde demais e ele nunca saberia.

Quando seus seios empurraram enlouquecedoramente contra seu peito, Sean separou a camisa solta para encontrar seu calor suave. O desejo pulsou em sua virilha com uma lenta e doce dor e ele a soltou, sussurrando: — Espere. — Recuperando a jaqueta, ele a espalhou na areia. Eles largaram suas roupas e voltaram a se tocar com crescente impaciência. Pressionando sua amante para baixo, Sean lentamente se encaixou. Então ele estava se movendo dentro dela, amando-a. Veludo se deslizando pelo cetim. Corpos entrelaçados sob a lua como uma flor que desabrocha à noite, tênues, suas pétalas se abrindo em beleza luminosa e transcendente.

De manhã, deixando Sean ao encontro dos franceses, Catherine foi à enfermaria. Quando sua indiferença atraiu a atenção do doutor Flynn, ela pegou uma xícara de chá da cozinha e se retirou para o escritório dele para fazer o faturamento. Muito em breve a tinta no papel derramou quando seus ombros tremeram com soluços. Uma batida na porta a fez endireitar os olhos. Flynn colocou sua cabeça pela porta.

— Tem alguém esperando por você. Liam quer te dar uma carona. Tenho apenas alguns pacientes. Você tem permissão para ir se quiser.

— Obrigada. Eu só vou levar mais um momento. — Apressadamente afundou um guardanapo no chá gelado e encharcou os olhos inchados.

Quando ela se juntou a Liam na carruagem, ela estava de olhos claros e controlada. Tanto que, quando ele disse claramente que o padre concordara em dispensar as formalidades e casá-los dentro de uma hora, ela não fez mais do que assentir.

A cerimônia na capela da aldeia foi uma provação misericordiosamente breve. Como uma marionete, ela repetiu os votos perante o padre de rosto enrugado e, depois que os lábios de Liam lhe deram um beijo de decoro, aceitou os parabéns oferecidos pelas freiras que haviam atuado como testemunhas. Ela sentiu que Liam estava tão miserável quanto ela apesar de seu amargo triunfo. Ela sempre temera um casamento sem amor, mas essa farsa superava suas piores imaginações. Eles deveriam sair no auge do baile na noite seguinte. Liam providenciara um desvio para as patrulhas orientais. Com sorte e

a dificuldade de cavalgar, eles alcançariam a guarnição de Londonderry em três dias. De lá, a notícia poderia ser enviada ao General Lake, o comandante das forças de ocupação britânicas. Ao todo, Sean teria quase uma semana para evacuar Shelan.

Deixando-a na porta da enfermaria, Liam errou por pouco a escolta que chegara cedo para devolvê-la à casa. Sean já estava precisando de sua anfitriã.

Quando Catherine entrou no foyer de Shelan, uma breve explosão de vozes masculinas e cheiro de tabaco seguiu Peg para fora quando ela fechou a porta do escritório atrás dela.

— Ponha seu traje, moça. Temos um bando de soldados a cavalo em nossas mãos. Todos pedem para rasgar o campo em uma caçada. Suas coisas foram transferidas para o quarto ao lado de Sean; tem uma porta de ligação. Liam está do outro lado.

Catherine assentiu e subiu as escadas. Quando ela se trocou, examinou criticamente sua imagem no espelho. A roupa era belamente cortada em preto severo, o estoque branco da blusa acentuando sua coloração vívida. O cabelo preto reluzente estava elegantemente retorcido sob o chapéu de aba alta e seus olhos azuis escuros tinham um mistério evasivo por trás do véu negro. Você parece uma prostituta cigana com roupas roubadas, ela pensou com desgosto.

Linda, sim. Muito. Cadela amaldiçoada. Catherine Enderly, Catherine de Vigny, Kitty Flynn, Lady Liam Culhane. Kit você não é de nenhum deles agora. Você só existe como uma fraude traidora. Você fez escárnio de um sacramento, cada voto uma mentira cínica, a confissão antes da cerimônia uma caricatura de omissão. Use preto para o seu amor, moça. Você o matou com certeza. Tudo por uma causa digna.

O jovem tenente francês, falando animadamente com Sean, calou-se de repente e ficou olhando por cima do ombro de seu anfitrião.

— Mon Dieu, que criatura arrebatadora!

Sean se virou. Catherine estava descendo os degraus. A essa altura, todos os olhos estavam voltados para ela, o silêncio caía como um cobertor, a valorização apreciadora dos homens era evidente. Os olhos de Sean se estreitaram. O pedaço de véu tinha todo o efeito de um roupão preto. A bruxa estava seduzindo todos eles sem mexer os cílios. Mesmo como uma adolescente escolar, ela tinha um fascínio estranho; como mulher, essa qualidade era devastadora. Os franceses, sub-repticiamente, empurraram uns aos outros para dar uma olhada melhor. De repente, ele atravessou a multidão até o pé da escada.

— Senhorita Flynn, você chegou a tempo de conhecer alguns dos meus outros convidados antes da caçada.

— Estava ansiosa por isso, Sr. Culhane. — Ela aceitou o braço oferecido.

Sentindo sua tensão subjacente, Sean acenou com a cabeça para Rafferty, que estava bancando o lacaio, para lhe oferecer vinho do porto.

— Obrigada. — Ela tomou um gole com gratidão e olhou brevemente nos olhos de Sean quando ele começou as apresentações. Ele era incrivelmente bonito em suas roupas de montaria, um estranho polido, seu francês impecável. Havia tantas coisas que ela não sabia sobre ele... e nunca saberia.

O General Fournel, representante de Humbert, foi apresentado primeiro. Vestindo roupas civis como seus homens, ele era um homem alto, de cara falciforme, com as têmporas grisalhas. Sua aparência distinta e encanto suave a lembraram de seu pai, mas seus olhos tinham uma expressão menos que paternal enquanto ele se curvava diante dela.

— Seu criado, mademoiselle Flynn, — ele murmurou em seu suave inglês com sotaque. — Se o general Bonaparte tivesse ouvido até mesmo um sussurro de sua beleza, ele próprio teria vindo, em vez de permitir que um enviado tão afortunado lhe desse elogios. Posso apresentar minha corporação?

— Você é muito galante, general, — replicou Catherine em francês. — Terei o prazer de conhecê-los.

Os lábios de Sean se contorceram. A companhia da pequena diaba era real. As boas maneiras fizeram o emissário de Napoleão parecer um comerciante de cachorrinhos.

— Coronel... mas onde ele está? — disse Fournel, procurando o seu executivo. — Ele estava aqui há um momento.

— Ele está do lado de fora admirando os cavalos, meu general, — avidamente ofereceu o tenente da Polytechnique.

— Ah, sim, eu deveria saber. — Fournel continuou a apresentar o conveniente tenente Andre Courbier, cujos olhos castanhos se desmanchavam quando ele oferecia seus cumprimentos. Um por um, os oficiais tentaram superar um ao outro com lisonja quando foram apresentados.

Vários proprietários de terras de Ulster e suas esposas foram espalhados entre o grupo junto com um editor de jornal. Quando Catherine os cumprimentou, os latifundiários foram educados, suas esposas distantes e o jornalista astuto, suas falas não menos eloqüentes que os dos franceses, mas levemente farpados. Ele estava apenas começando um interrogatório sobre a família de Catherine e Sean estava se preparando para interromper quando a porta da frente se abriu e o coronel desaparecido entrou alegremente no foyer.

— Magnífico! Mas esses negros são formidáveis! Farpas de sangue francês misturadas com linhagens irlandesas. Madames, messieurs, faremos uma campanha brilhantemente juntos neste empreendimento. Não pode haver

dúvida... —Seus olhos pousaram na beleza escura cercada por seus colegas oficiais.

Catherine olhou de volta. Era Raoul d'Amauri, o jovem francês que a cortejou em Windemere.

Fournel acenou para ele.

— Mademoiselle Flynn, meu oficial executivo errante, coronel Raoul d'Amauri.

— Mademoiselle Flynn. —Os olhos castanhos geralmente expressivos de Amauri eram educados, não mais que isso.

Seu comandante olhou para ele: — Temo que meu jovem amigo esteja dominado por sua beleza, mademoiselle. Normalmente, ele é muito eloqüente, mesmo para um francês.

Amauri fez uma reverência.

— De fato, em geral, eu assumi que meus irmãos oficiais já haviam pressionado sua feliz sorte na minha ausência e entorpecido as orelhas da jovem lady com seus encantos. Mademoiselle Flynn pode achar bem-vindo o silêncio inesquecível.

Sean sentiu um cheiro de rato. Apesar de toda a sua resposta calma, Catherine parecia ter visto um fantasma e o belo Amauri não se parecia nem com um neutro nem com um pederasta. O encobrimento fácil e o sorriso fácil do francês ocultaram um controle que Sean empregara quando estava na presença de um homem que ele havia traído. Se ele não tivesse certeza de que fora o primeiro amante de Catherine, seria alegremente inclinado a desmembrar o jovem francês. Como estava, ele decidiu dar um pouco de rédea a Amauri.

Naquele momento, Liam desceu as escadas. Ele balançou a cabeça para o convidado e isso, tendo encontrado os oficiais mais cedo naquela manhã. Ignorando tanto seu irmão quanto Catherine, ele pegou um copo de vinho de Rafferty, jogou-o no chão, pegou outro e começou a conversar com um conhecido de uma propriedade vizinha. Finalmente todos foram reunidos. Puxando as luvas, vinte cavaleiros saíram para o terraço.

O mestre de caça, Tim O'Rourke, esperava com um bando de cães irlandeses, alguns brincando com os saltos das montarias, os cachorros mais velhos sentados em silêncio, as línguas pendendo.

Acostumado a deixar Catherine montar sozinha, Sean de repente notou três franceses competindo por essa honra. Seus próprios oficiais irlandeses, embora igualmente ansiosos, mantiveram sabiamente a distância. Catherine deu ao risonho Courbier a honra de ajudá-la, e Sean olhou para a mão do sujeito na cintura fina com a boa vontade de um Apache. À sua esquerda, Amauri observava com diversão tolerante.

— Meus amigos são como filhotes, todos de pé nos ouvidos uns dos outros.

— Eu entendo que sua abordagem seria menos embaraçosa?

Amauri olhou diretamente de Numidian para Sean sentado no grande negro e riu.

— Sou conhecido por roubar, monsieur, mas não sob o nariz do guarda-caça.

— Não tire conclusões precipitadas, Coronel. A senhorita Flynn tem uma mente própria, e meu irmão é mais inclinado a manter o jogo do que eu.

Amauri olhou para Liam; Certamente o jovem senhor usava a aparência de um homem ciumento. Seus esforços para manter os olhos afastados da garota inglesa eram quase patéticos. Ainda assim, seria prudente ter cuidado. Catherine Enderly tinha o potencial de uma faísca em um barril de pólvora. Ele inclinou a cabeça.

— Então? Mademoiselle Flynn e seu irmão têm um acordo?

Sean deu de ombros. Se o francês conhecia Catherine, era melhor deixá-lo pensar que ela estava visitando Shelan incógnita para ter um namorico particular. Amauri iria jogar de perto se soubesse que seu anfitrião era seu amante. Apenas um idiota faria aberturas à mulher de um aliado antes de entrar em guerra ao lado dele — ou na frente dele.

Os franceses cercaram Catherine como um cardume de peixes enquanto os cavaleiros cavalgavam pelo campo, mas pouco depois Tim soou a trompeta e a matilha saiu em completo latido, seu grande negro liderou a perseguição. Amauri manteve o passo até se aproximar das margens de uma floresta esparsa. Que tal raridade deve ser o pântano de Klendenon, ele percebeu, a partir do estudo de mapas de campanha irlandeses, e lembrou-se de um atalho que descia uma ravina rochosa.

Sean viu-o desviar, e adivinhando por que, deixou Mephisto ter sua cabeça e dirigir através do grupo principal de cavaleiros até que ele estivesse sozinho à vista de Catherine. Quando ele se aproximou da subida, ela estava virando para o sul para seguir os cães quando Amauri a interrompeu e acenou para segui-lo. Sem hesitar, ela desapareceu atrás dele no vale arborizado.

No abrigo das árvores, o francês desmontou. Ele ajudou Catherine a descer de seu cavalo, depois de conduzi-la pela mão a uma árvore caída, indicou que ela se sentasse. Ele ficou olhando para ela.

— Eu tinha que te ver sozinha. Compreende?

— Sim.

— O que você está fazendo aqui, Catherine? — ele perguntou em francês. — Seu pai disse que você estava em Capri, depois em Montebello. Toda vez que eu perguntava sobre você, era diferente.

— Isso é tão estranho? Você sabe que eu estava entediada da escola. E eu adoro viajar, — ela demorou com um leve desafio, a contradição quase ousada.

— Seu pai sabe que você está aqui?

— Eu suponho que sim. Mas então, ele é um homem ocupado. Ocupado demais para se incomodar em acompanhar todos os meus movimentos. E eu sou uma mulher ocupada. Estou aproveitando minha liberdade. —O lindo sorriso estava provocando.

— Você mudou.

— Eu mudei? De que maneira?

— Por um lado, você está linda. —Ele andou em volta dela. — Eu previ isso, só que não assim. É incrível.

— Eu estava liderando a caçada, Raoul. Você realmente me trouxe aqui por lisonja tardia? —O sorriso ainda brincava com sua boca.

Ele ergueu uma sobrancelha zombeteira.

— Você nem se dá ao trabalho de corar quando um homem te examina. Sim, você está muito diferente, eu acho. Não é mais apenas uma colegial arrogante. Você tem mais certeza, menos... virginal.

Ela olhou nos olhos dele.

— Sentirão nossa falta em breve, Raoul. Sugiro que volte para casa. Por uma ferradura solta, talvez. Devo ter tomado uma queda, infelizmente juntando-me aos outros depois de terem gloriosamente mutilado a raposa.

— Tres facile. Mas, chérie, você não gosta de caça. Por que perseguir a raposa com tanta força se você não deseja reivindicar o troféu?

Ela levantou.

— Eu tenho prazer em montar um curso imprevisível. —Sua cabeça se inclinou para ele. — As mulheres se deliciam com a perversidade. Qualquer bom francês sabe disso.

— Ah, sim. Perversidade. —Ele estalou os dedos. — Talvez seja isso. Eu deveria ter pensado que Lorde Liam Culhane era o homem mais previsível. Seu irmão parece prometer mais desafios. Mas possivelmente você não percebeu isso quando começou e agora continua com o seu caso fora da... perversidade.

A expressão de Catherine não mudou.

— Eu não sei do que você está falando.

— Seu caso com lorde Culhane. É por isso que você está aqui incógnita, não é? O irmão dele insinuou isso. —Ele suspirou. — Você quebrou meu coração, chérie. Eu teria gostado muito de ser o primeiro.

Ela bateu no peito dele com o chicote.

— Com uma colegial arrogante? Chérie, não me fale de desafio.

Seus olhos se enrugaram provocativamente.

— Oh, eu sobreviverei à decepção de perder o aperitivo, desde que eu possa aproveitar o banquete.

— Um convite para jantar não está disponível, Raoul. Sugiro que satisfaça seu apetite em outro lugar.

Ele bateu na testa em falso desgosto.

— Quelle deesse cruelle²⁰! —Ele olhou para ela suplicante. — Você não gosta mais de mim?

Pela primeira vez, um traço de seu velho sorriso familiar cintilou em seus lábios.

— Sim, Raoul, eu gosto de você. Como eu não poderia? Você é irresistível, sempre capaz de me fazer rir.

Ele olhou para ela astutamente.

— Mesmo agora, quando você não me ama?

Ela deliberadamente entendeu mal.

— Mas você está errado, Raoul não estou zangada, embora você tenha estragado a caçada, apenas estou um pouco desapontada. Haverá tão pouco desse tipo de divertimento por um longo tempo.

— Por que você diz isso?

Seus cílios se levantaram.

— Por quem você me toma? Eu sei por que o Meridian está aqui.

Os olhos castanhos de Amauri se endureceram imperceptivelmente.

— Liam Culhane lhe contou?

Ela sorriu.

— Isso o tornaria não apenas um amante tranquilizador e chato, mas um aliado perigoso e não confiável. Não é o tipo que deve ser confortável, especialmente na guerra. Não, Liam não me disse nada, mas não é difícil juntar dois e dois. Papai, também, teve arranjos com seu governo por algum tempo. Deve ter sido por isso que você visitou Windemere. O que ele ganhará com isso? Um ducado? É o próximo em sua agenda, tenho certeza... melhor ainda — pensou ela enquanto falava — um ducado e a cadeira do governador geral da Irlanda. — Ela riu levemente de sua carranca. — Naturalmente, você prometeu a liderança do governo para os Culhanes também. Eles têm uma reivindicação legítima, eu acredito. Que confusão será! — Ela correu o chicote ao longo de um log. — Acho que o pobre papai ficará desapontado. Agora que ele está desonrado, não pode ser de muito uso para você. Então é Culhane ou um dos numerosos parentes de Napoleão no trono de Tara. Em que você coloca seu dinheiro, Mon cher Raoul?

— Eu reservo o dinheiro para cavalos. As perdas podem ser caras, mas raramente fatais. — Ele veio atrás dela. — Você gostaria de ser uma rainha,

p'tite?

Ela riu zombeteiramente.

— Eu quero mais prazer da vida. —Então, como se estivesse brincando com o pensamento, ela começou a ajustar o véu. — Ainda assim, ser uma mera princesa pode ser conveniente. Suponho que Liam seria um príncipe?

Ela virou a cabeça, os olhos atraindo-o como se estivesse atrás de um véu de harém, e ele segurou os ombros dela.

— Então você está tendo um caso com ele!

Ela sorriu devagar.

— Foi você quem disse que ele era previsível, não eu.

Amauri a puxou para perto e seus sentidos começaram a tomar conta dele, ele sentiu o corpo amadurecido sob seu hábito.

— Catherine, não se intrometa nisso. É muito perigoso. Estamos todos sentados em cima de um barril de pólvora. Você está se comportando como se tudo fosse um jogo.

— Sua preocupação é cativante, mas...

— Catherine, não seja idiota! Você deve deixar a Irlanda. Todo dia você passa com esse cabelo...

— Não interprete o pretendente invejoso. Admito que fiquei apaixonada por você uma vez, mas você mesmo disse que eu era criança.

— Você ainda é! —Sua voz caiu para um murmúrio. — Só que agora tem o corpo de uma mulher. Você é enlouquecedora...

Ela escapou dos lábios dele.

— Você não tem que me seduzir para garantir a minha confiabilidade. Deve ter sido uma surpresa, encontrar uma bomba inglesa no meio de seus conspiradores. Eu não tenho intenção de interferir em seus planos, para você ver, eu estou ao fim desta rebelião casada com Liam Culhane, minhas fortunas são um barômetro de sucesso da França na Irlanda.

Ele a soltou abruptamente.

— Você não está falando sério! Você não conhece sua própria mente.

— Eu nunca tive mais certeza de nada. —Catherine foi para Numidian e reuniu as rédeas. — E agora, acho que devemos considerar o assunto encerrado.

O francês estalou os calcanhares em uma reverência furiosa.

— Como você quiser, Comtesse²¹.

Ela montou facilmente sem ajuda e viu quando ele pulou em sua própria sela.

— Raoul?

— Sim? —ele respondeu secamente.

— Se alguma coisa acontecer com Liam, eu te consideraria pessoalmente

responsável.

Seus olhos se estreitaram.

— Você me toma por um assassino?

Ela o considerou niveladamente.

— Nada tão grosseiro. Por exemplo, se eu tivesse me provado difícil esta tarde e infelizmente tivesse sofrido um colapso sofrendo uma queda, minha morte teria sido classificada como um acidente sob as circunstâncias, n'eat-ce pas²²? Uma palavra muito distante de assassinato. Nada pessoal sobre isso.

Ele deu a ela um olhar avaliador, então se afastou em um galope duro.

Catherine cutucou Numidian para uma caminhada na direção oposta. Sentia-se curiosamente envergonhada e fria, embora o sol passasse calorosamente pelos carvalhos e pelas árvores. Ela nem sequer virou a cabeça quando a voz de Sean passou por cima do ombro.

— Muito bem, Kitty. Embora houvesse momentos que achei que teria que atirar nele. — O irlandês parou ao lado dela no caminho. — Você joga bem?

Ela sorriu fracamente.

— Atrevo-me a dizer quando eu aprendi?

— Não importa. Fique longe dele, Catherine. — Ela deu-lhe um olhar de soslaio. — Não é isso, embora suas bolas sejam um alvo tentador. Ele ainda não engoliu sua história.

— A história que você deu a ele, — ela retorquiu ironicamente. — Ainda assim, eu não tinha conseguido uma melhor. Se tivesse admitido estar envolvida com você, ele poderia ter pensado que você estava armando uma armadilha com o apoio do meu pai. Afinal, as lealdades do papai tendem a ser um pouco astuciosas.

Sean sorriu fracamente.

— Não mais. Ele está se tornando um inglês fiel apesar de si mesmo.

— Mais de sua convivência?

O irlandês deu de ombros.

— Eu não achei que Napoleão pudesse ter prometido a ele um lugar no governo. Isso foi um tiro hábil. Você está começando a mostrar uma trama intrigante, petite.

— Inquieto?

— Eu deveria estar?

— Como Raoul disse, as coisas poderiam dar errado. Se... alguma coisa acontecesse, o que você faria?

— O que você quer que eu faça?

— Pare e fuja.

— Acabar lutando por Napoleão em vez de pela Irlanda? Não é provável.

Não gosto de suas idéias de conquista mais do que você.

— Então lute contra ele.

— É uma ótima escolha que você está me dando, garota: juntar-se ao exército inglês ou marchar com aquele bastardo corso por toda a Europa. Se eu vou lutar e morrer, eu faria como o laird em meu próprio território para o meu próprio povo.

— Então você não vai sair?

— Os outros podem, se quiserem.

— Você morreria, inutilmente? —ela sussurrou incrédula.

— Chorar antes da batalha tem um jeito de sujar a sorte. Você não sofrerá em nenhum caso. Estou mandando você para o Canadá para ficar com amigos até que termine. Você velejará no Sylvie na manhã seguinte ao baile. Eu deixei uma renda para você. E em caso de minha morte, você herdará tudo o que eu tenho. No dia em que a luta acabar, para o bem ou para o mal, você estará livre para cuspir nos meus olhos ou no meu túmulo, qualquer que seja o caso talvez.

— Você disse uma vez...

— Que eu te seguiria em qualquer lugar? Eu nunca terei certeza de você a menos que esteja livre para se virar e não voltar. Quando aqueles homens olharam para você esta tarde, eu senti como se estivesse fazendo amor com uma miragem. —De repente, ele sacudiu Mephisto. — É melhor nos separarmos aqui. —Ele não olhou para trás.

CAPÍTULO 14

DUELOS

O vestido provocativamente decotado deixou os seios e os ombros de Catherine sedutoramente nus. Sua seda de safira cintilava à luz de candelabros maciços que se alinhavam na mesa de jantar. Sean escolhera vesti-la com escandaloso e excelente bom gosto e com razão. Ela se sentia como uma outra mulher, que nunca suportou trabalho duro. Exatamente o que eu poderia ter me tornado, ela pensou por trás de um sorriso que não expressava nada além de atenção à sutil réplica sugestiva de seu parceiro de jantar, o general Fournel.

— Seus olhos são fascinantes, mademoiselle; ao mesmo tempo convidando um homem para as mais perversas imaginações, mas distantes como as estrelas.

Amauri se mexeu na cadeira em frente.

— Ah, deve-se ter cuidado com deusas frias, mon General. Não foi a caçadora Diana que teve seu amante transformado em um cervo e despedaçado por seus cães por se aventurar perto demais?

— Actaeon não era seu amante, coronel, — respondeu Catherine. — Ele era simplesmente impertinente.

Courbier, o jovem tenente filhote de cachorro, inclinou-se para a frente, rindo.

— Certamente, mademoiselle, uma mulher tão adorável como você nunca poderia ser cruel.

— Se os homens transformam as mulheres em deusas, devem esperar um comportamento menos que dócil.

Liam, à sua esquerda, levantou sarcasticamente o copo.

— Preste atenção a lady, senhores, para que não se tornem comida de cachorro antes da manhã.

O tenente olhou para ele com bom humor.

— Você teve uma triste experiência com deusas, milorde?

— Não há deusas, tenente. Elas são uma ficção artística. Como a lady sugere, todas são de mentiras.

Liam estava mais bêbado do que Catherine jamais o vira. Seus olhos se voltaram para Sean no outro extremo da mesa. Ele parecia estar ouvindo um convidado com um tédio educado, mas quando seus olhos encontraram os dela, ela sabia que ele tinha perdido pouco da conversa entre Liam e o tenente.

— Mas, milorde, — protestou outro oficial, — os homens devem ter algumas ilusões agradáveis.

— Especialmente se eles insistem em morrer por elas, caso contrário, quem lutaria para proteger as batatas de outro homem, — inseriu Amauri, maliciosamente olhando Liam. — E as mulheres também devem ter suas ilusões, o amor sendo o favorito delas. O que você espera do amor, mademoiselle Flynn?

Catherine levantou o copo.

— C'est merveilleux²³, quando se pode pagar. — Secretamente, ela estava furiosa com Amauri por insultar Liam através dela.

— Quel cynisme. C'est dommage²⁴, — Amauri suspirou. — Ainda assim, certamente você acredita na imortalidade da glória?

— Imortalidade é uma palavra masculina. Para uma mulher, só a vida é importante.

— Então você não pode ser a favor da guerra, mademoiselle?

Ela deu-lhe um sorriso lento.

— Estou aliviada por não ser obrigada a ser soldado.

O tenente riu.

— Bravo, mademoiselle Flynn! Desperdiçar tanta beleza como bucha de canhão seria idiotice!

Amauri olhou para Liam, então, olhou para ela.

— Mas certamente a coragem deve ser acompanhada de beleza?

Catherine riu.

— Se você duvida da minha coragem, Coronel, por que não me desafia?

— Você, mademoiselle? Você tem um protetor galante?

— Seria eu? — interrompeu Liam maldosamente.

Catherine bateu de leve na manga dele com o leque.

— Não milorde. Você não deve me enganar. Eu sou aquela cuja ferocidade é questionada.

Amauri deu um encolher de ombros gaulês e sorriu.

— Minha jovem e querida lady, eu não posso lutar contra uma mulher.

— Por que não? Toda tradição precisa de um pouco de ar, n'est-ce pas? Venha, vai ser divertido.

Amauri, na expectativa de algum jogo de salão, suspirou.

— Muito bem, mademoiselle, se você insiste. Eu a desafio.

— Eu escolho facas, — disse Catherine rapidamente, levantando-se e abanando o leque.

Amauri piscou e um murmúrio sussurrou em volta da mesa. Liam estava lívido, os olhos de Sean quase abatidos.

— Mas, mademoiselle, certamente você deve reconsiderar! — Amauri protestou. — Pistolas carregadas com bolas de papel, talvez? Então você pode ter uma chance justa.

— Coronel, você questionou a minha coragem. Eu não admiro as bolas de papel desde que um tutor me fez comer aquelas que eu tinha jogado nele. — O leque acenou languidamente. — Você está familiarizado com facas, Coronel? Eu não quero colocá-lo em desvantagem.

Amauri ficou vermelho.

— Mas é claro.

— Bom. No foyer em quinze minutos? Meu lorde Culhane não vai querer que seu salão de baile fique estragado. — Com um estalo de seu leque, Catherine saiu pela porta.

Diante de uma enxurrada de perguntas, Sean foi incapaz de seguir Catherine até o andar de cima até que os convidados saíram da sala de jantar e se aglomeraram no foyer. Ele a encontrou do lado de fora da porta do quarto dela. Com os pés descalços na roupa de Tim, o cabelo em um nó no topo da cabeça, ela enfiou uma longa faca no cinto e depois o viu. Agitando uma mão de advertência, ela recuou de seu olhar atento.

— Oh, não. Você não vai me impedir. Raoul estava pedindo esta luta.

— Onde você conseguiu essa faca?

— Flannery deu para mim. Para afastar os indesejáveis.

— Me dê isto.

— Não, — ela disse baixinho. — Amauri tentou convencer Liam a se fazer de idiota, talvez um idiota morto. Se eu puder fazê-lo parecer idiota esta noite, ele não ousará mais causar problemas.

Sean pegou seus braços.

— Quando Amauri vê que você está lutando a sério, ele vai parar de jogar. Eu não vou ter você fatiada.

Seus olhos se entrecerraram.

— Você disse que eu estava livre.

Suas mãos caíram.

— Eu disse, mas você está se aproveitando disso.

Ela sorriu maliciosamente.

— Não se preocupe. Eu quero picar o orgulho do coronel, não sua pele.

— Eu não estou preocupado com isso.

Seu sorriso desapareceu.

— Eu não vou ser descuidada.

Sean deixou ela ir sozinha. Ele ficou no corredor por um momento, sua mente em um nó. Ela estava tentando forçá-lo a dividir a aliança? Se ele tivesse

que interferir no duelo para salvá-la, ela teria criado uma boa bagunça. E era provável que sua mente cada vez mais desonesta tivesse entretido apenas essa noção. Ele se perguntou se estava tentando domar uma potra que não podia ser domada.

Quando Sean chegou ao vestibulo, sua amante e o coronel foram cercados por militares e resmungados civis. As mulheres ficaram escandalizadas com a maneira arrojada e o traje masculino de Catherine. Ela ficou de pé, infantilmente, com as mãos nos quadris, pés descalços espalhados no mármore preto e branco. Depois de tirar o casaco, Amauri ficou de pé, arregaçando as mangas. Ele a olhou com alguma diversão.

— Então, mademoiselle, estamos prestes a ter uma demonstração de suas formidáveis habilidades.

Ela inclinou a cabeça e falou lentamente: — Está na hora de você ter uma lição de pontaria, Coronel. Nosso bom médico explicará tudo enquanto ele te costurar.

O tenente Courbier e dois irlandeses riram, mas logo abafaram quando o general Fournel lançou-lhes um olhar e deu um passo à frente.

— Você pretende usar protetores?

Ela sorriu.

— Mas é claro, general. Eu estava apenas provocando seu belo coronel. Vou tomar todas as precauções, naturalmente. — Ela se virou para Sean. — Sr. Culhane, você tem guardadores de ponta?

Ele balançou a cabeça e acenou para um empregado em direção ao seu escritório. O homem retornou com guardadores de armas e os apresentou. Catherine selecionou um e colocou em sua faca.

— Obrigada. Nós não precisaremos do outro.

Fournel ficou vermelho quando o sorriso de Amauri ficou um pouco apertado.

— Monsieur Culhane, eu protesto! Isso é impossível.

Sean se apoiou casualmente no corrimão da escada e encolheu os ombros.

— A senhorita Flynn foi desafiada. Ela pode ditar regras sobre armas.

— Não se preocupe, general, — Catherine disse levemente.

— Estamos apenas jogando. Você deve concordar que um duelo é mais divertido do que o repertório habitual de piano forte depois do jantar. — Ela cumprimentou Amauri com a faca da maneira formal de um espadachim. — Você está pronto?

Amauri sorriu e devolveu a saudação.

— Comme vous voulez, mademoiselle. En garde²⁵. — Seu sorriso logo desapareceu. O francês manipulou a faca com facilidade, mas o melhor

treinamento era de Catherine, os reflexos mais precisos e a posição mais rápida foram rapidamente evidentes. Suas primeiras estocadas provocaram, enquanto circulavam, mas se ele avançava, ela recuava, e sua lâmina sempre bloqueava qualquer abertura antes que ele pudesse tentar tirar vantagem disso. Sem aviso, sua faca ficou embaçada em direção ao peito dele e houve um tinido no mármore.

— Você perdeu um botão, senhor, — um dos ajudantes falou.

— Aquele sobre o seu coração, Coronel, — sua pequena oponente murmurou solícita. — Faites attention. — Tenha cuidado, a faca moveu novamente. — Tsk. Lá vai outro. Coronel, você realmente deve aprender a costurar se perde botões como um estudante.

O sorriso de Amauri se tornou irônico.

— Eu acho que é a estudante que precisa de uma lição. — Ele começou a circular intensamente, e Sean tirou a adaga da bainha sob seu punho de seda. Amauri fez um ataque calculado, mas Catherine desapareceu diante dele como um fantasma. Ele tentou novamente, com o devido respeito por um possível contra-ataque; novamente ela estava fora de alcance sem parecer se mexer.

Pela primeira vez em sua vida, Amauri estava confuso. A garota estava fazendo dele um idiota. Uma parte dele queria cortá-la em fatias, mas a outra simplesmente a desejava. A condessa era magnífica, pensou ele, uma linda e astuta pantera. Como ela deve ser na cama? Antes que ele soubesse o que estava acontecendo, ele sentiu um corte em seu diafragma e ouviu um murmúrio rouco e provocador.

— Que vergonha, coronel, agora sei que sua mente está vagando. — Movendo-se, ele deu um golpe furioso e ela riu, evitando facilmente. — Ah, coronel, você está fazendo uma cara azeda. Que pena quando você tem um sorriso tão encantador. Ele tem apenas uma sugestão de malícia... Pronto!

Como um roce de penas no canto da sua boca a faca deixou um fino arranhão branco em sua bochecha corada. Irritado agora, ele a atacou como se ela fosse um homem. De repente ele segurou um punhado de dedos ardendo, mas nada mais. Sua arma estava perto do pé da escada; quando ele quis recuperar, encontrou uma bota polida firmemente plantada em sua lâmina.

— O duelo chegou ao fim, Coronel. — Sem olhar para Catherine, Sean continuou preguiçosamente: — Eu acredito que sua honra foi satisfeita, senhorita Flynn.

— Completamente, Sr. Culhane.

Sean assentiu agradavelmente.

— Bom. Alguma objeção, coronel?

Amauri estava zangado, mas não era tolo. Ele sorriu timidamente.

— Não, monsieur. Sou eu que tenho sido questionado. — Quando Catherine estava colocando a faca de volta no cinto, ele pegou a mão dela e a beijou. — Por favor, aceite minhas mais profundas desculpas, mademoiselle. Acredite em mim, eu nunca vou subestimá-la novamente.

Catherine riu e depois fez uma reverência.

— Acho que é hora de voltar a usar uma saia, Coronel. Não é justo que uma mulher se divirta vestindo calções. Afinal, quantos homens podem desfrutar da opção de anáguas?

Enquanto respondia a um gracejo de Fournel, Sean virou-se para um esguio oficial irlandês e ordenou baixinho: — Haloran, circule e convide todos os oficiais para o meu escritório. Todos, exceto meu irmão. — Ele acenou com a cabeça em direção a Liam, que estava enchendo sua taça de vinho enquanto se inclinava contra a porta da sala de jantar. — Lorde Culhane não está em condições de prestar aos nossos aliados confiança. Temos um bom negócio para cobrir esta noite.

Deixando a multidão, Catherine retirou-se para o seu quarto e trancou a porta para o caso de sua audácia tentar seduzir um homem visitante a testar sua falta de convencionalismo. Quando tirou a camisa de Tim, notou um pequeno buquê de flores ao lado da cama: pequenas flores silvestres brancas, como estrelas, das quais ela havia plantado no túmulo de Maude Corrigan. O irlandês estava pedindo a ela que tivesse fé nele. Ela lutou contra as lágrimas. Era tarde demais para mudar de rumo agora; o casamento cuidara disso.

Rapidamente, vestiu o vestido de cetim e os chinelos trazidos de Paris, depois escovou os cabelos. Se ela quisesse descobrir alguma coisa da conferência na biblioteca, não havia tempo a perder. Silenciosamente, ela saiu pela passagem de serviço para o salão de baile.

A grande sala estava em silêncio, suas altas janelas moldando os fantasmas da luz da lua. Sean havia dito que a acústica peculiar da casa permitia que sons de baile fossem perfeitamente distintos na biblioteca. Certamente o inverso também era verdadeiro. Ela cruzou o quarto metodicamente e não ouviu nada além de um murmúrio monótono, até que finalmente, perto da parede do vestíbulo, as vozes se esclareceram. Nem tudo era audível, mas durante a hora seguinte ela ouviu o suficiente. Os rebeldes planejavam tomar as carruagens dos correios de Dublin; o fracasso das carruagens dos correios em chegar a seus destinos sinalizaria a insurreição em toda a Irlanda. Os objetivos iniciais seriam controlar Dublin e Wexford. Se as condições climáticas permitissem, o apoio francês chegaria a terra em Killala, na baía de Donegal, e

em outro lugar que ela não conseguiu entender. Fournel parecia preocupado com a infantaria, enquanto Amauri discutia artilharia, falando de estradas e cavalos, fortificações e contra infantarias. Na maior parte do tempo, ela ouviu trechos fragmentados, mas o tom certamente sugeria um grande aumento francês depois da invasão inicial.

Finalmente, a conferência começou a se desintegrar e ela retornou como tinha vindo, antecipando uma mão em sua garganta a cada passo. Só com a segurança da cama ela respirou fundo. A vela mal foi apagada quando a porta do quarto de Sean se abriu. Com o coração batendo forte, ela forçou a respiração a parecer regular. Depois de um momento, a porta se fechou e ela ficou sozinha para ficar sem dormir até o amanhecer.

Quando o sol apareceu, Catherine finalmente adormeceu, para não despertar até sentir a presença de Sean. Alto contra a luz da janela, ele estava em suas roupas de montaria ao pé da cama. O olhar em seu rosto apertou seu coração e ela levantou os braços para ele. Em um momento, ele se deitou na cama, sua boca se inclinando primeiro ferozmente sobre a dela, então lentamente, saboreando o vinho inebriante de seus lábios, sentindo a exuberância do corpo magro sob o cetim aderente, a suavidade dos seios, mal contidos pela renda. Seus dedos pegaram em seu cabelo e ele puxou sua cabeça para trás, murmurando contra sua garganta.

— Você tentaria até o diabo, bruxa.

Seus dedos se meteram dentro de sua camisa, tocando-o, atraindo-o. Desesperadamente, ela queria segurá-lo dentro dela, protegê-lo como uma criança da mágoa que ela lhe causaria.

Com um suspiro, ele passou um dedo pela bochecha dela.

— Mas nem mesmo o diabo pode se adequar a si mesmo. Fournel e Amauri estão esfriando os calcanhares no terraço agora mesmo.

Ela tocou seus lábios.

— Seja cuidadoso.

Ele olhou para ela com ironia.

— De Fournel? Ele venderia sua própria mãe. Mas, se ele me atacar, vai pegar uma bala com seus dentes perfeitos.

— Não apenas Fournel. Todos.

— Até de você?

— Até de mim.

Ele empurrou para trás os cachos de seu cabelo.

— Não, moça, não está em você enterrar uma faca com um beijo. Não em mim. Não agora. — Seus lábios reclamaram os dela com uma doçura ardente que os deixou abalados. Finalmente, com relutância, ele se afastou e foi para a

porta. — Durma o quanto quiser. Você não tem nada além do entretenimento de vadiar pelo piano esta tarde. — Seu sorriso pirateado brilhou. — Por que não dar a elas um refrão empolgante de "The Tart of Whitemarsh"?

A tarde arrastou-se insuportavelmente quando Catherine divertiu as senhoras visitantes no piano, surpreendendo-as com sua habilidade e alisando suas sensibilidades agitadas. Com destreza, ela se esquivou de perguntas pontuais sobre seu passado até que, estimulada pelo mistério e sua indiferença cortês às fofocas locais, as senhoras concluíram que ela era uma canalha de algum imigrante francês em busca de uma vida de indulgência perdulária.

Peg perdeu um longo tempo ajudando Catherine a se vestir para o baile. Tão empolgada quanto uma garota fazendo sua própria estreia, a irlandesa murmurou sobre a iridescência da libélula de fios que corriam sutilmente, quase invisivelmente através da seda azul-esverdeada de seu vestido de baile, fazendo-a parecer viva com cores ocultas. Enquanto Catherine dourava as unhas e as pálpebras, obrigou-se a ouvir a tagarelice da governanta. Concentrando-se em manter o espelho com mão firme, ela ficou surpresa com o elegante penteado que Peg havia criado. Catherine, implorando uma dor de cabeça muito real, jantara em seu quarto, mas Peg massageara a dor. Agora, enquanto ela vestia sandálias de prata e cruzava o píer, nenhum sinal de tensão era visível. Sobre sua garganta, acentuando sua delicadeza, estava o Niall Tore.

Peg sorriu interiormente. Sean não era idiota. Ao exibir publicamente Catherine Enderly como sua mulher, mesmo sendo Cromwell reencarnada, qualquer homem, até mesmo um irlandês, podia ver sua razão; e uma vez intrigado com sua beleza, ser enganado pela mulher era inevitável. Peg entregou a Catherine um leque de prata, depois inclinou a cabeça quando um barulho ressoou na porta.

— Deve ser Liam. Veio para acompanhá-la. — Ela recuou um momento, examinando o efeito final, depois abraçou Catherine com força. — Você é uma beleza resplandecente, menina. Seu homem vai ficar tão orgulhoso. Fique ao seu lado esta noite. — Ela deixou Liam entrar no seu quarto e saiu.

A sobrancelha loira de Liam se levantou levemente enquanto ele examinava o traje de sua esposa e enfiava o braço dela no dele.

— Estou antecipando belamente meus direitos conjugais, amor. Qualquer mulher que pudesse induzir meu irmão a gastar tanto em um guarda-roupa deve ser uma companheira de cama extraordinária. — Impassivelmente, Catherine abriu o leque e o examinou. Bonito e de veludo azul-escuro, o marido sorriu ironicamente. — Não, querida, eu não estou bêbado. Você vê? — Ele estendeu as mãos para demonstrar sua firmeza. — Hoje à noite, eu estou dando tudo de mim por amor. O cavaleiro branco está resgatando a bela lady com risco de vida

e sorte, mas eu espero que você valha a pena. —Ele inclinou a cabeça loira em direção à porta. — Vamos descer, condessa? A maioria dos convidados já está pronta para comer os músicos.

— Onde vamos nos encontrar? —ela perguntou enquanto caminhavam em direção à escada.

Ele apertou a mão dela.

— Você reservará a décima segunda dança para mim. Nesse ponto, vamos sair para o terraço para tomar ar. Os degraus Norte foram protegidos com arbustos e árvores para proteger nossa saída. Os cavalos estão esperando nas ruínas.

— O que ocorre com os vigias da torre?

— Entregarei vinho drogado para eles durante o segundo alívio da orquestra. Ao mesmo tempo, um mensageiro levará notícias às patrulhas orientais de que um espião foi flagrado tentando quebrar os piquetes do sul. Eles receberão instruções para reforçar a linha.

— Tudo parece tão fácil.

— Sim, — disse o marido secamente. — Só nos dará mais do que duas horas de largada.

Os dedos de Catherine se apertaram em seu braço.

— Menos com Mephisto em perseguição.

O belo perfil de Liam era sereno. — O preto vai ser inútil hoje à noite e por vários dias por vir. Eu coloquei um prego em sua ferradura. Ele em alguns minutos fora de Shelan vai ficar coxo.

Ela se sentiu mal. Era o começo. O começo de ferir todos que confiavam nela.

A voz afiada de Liam cortou seus pensamentos.

— Você parece suspeitosamente pálida. —Ele girou ao redor dela e beliscou suas bochechas. — Recomponha-se. Isso foi ideia sua. —Para mostrar ao casal atrás deles no corredor, ele inclinou sua face agora falsamente radiante até a dela e a beijou levemente, murmurando, — Lembre-se da primeira vez, chérie.

A mulher assentiu significativamente para o marido.

Quando eles entraram no fogo de luz sob os grandes candelabros de baile, Catherine sentiu-se desmaiar. Ela forçou respirações profundas até que as luzes parassem de borrar. Sobre a cabeça dos músicos pendia um tricolor francês, ladeado por bandeiras verdes: uma com uma harpa e a outra com um punho escarlate. Franceses uniformizados estavam em grupos, e pela primeira vez, os oficiais de Sean usavam o verde e o dourado da Irlanda com insígnias de harpa em seus peitos. As mulheres se viraram para olhar, os leques tremulando.

Então, fora da multidão, caminhou um homem alto de preto cujos olhos

verdes a reivindicaram antes que seus dedos magros levassem sua mão fria aos lábios.

— Senhorita Flynn, você vai dar a meu irmão e a mim a honra de abrir o baile com o General Fournel?

— Me deixaria muito feliz, senhor, — ela murmurou.

Com uma breve e irônica reverência, Liam liberou sua parceira para Sean. Os olhos de Fournel percorreram, expressando um desejo mal disfarçado enquanto trocavam amenidades. Quando a música começou, Catherine sentiu como se estivesse entrando no abraço de uma enguia. Fournel não ficou nem um pouco desapontado com a refutação de seu sugestivo flerte e com os outros que o seguiram com entusiasmo. Courbier, em particular, olhou-a com ar ansioso, e ela teve o desejo de rir histericamente. Liam viu algo em seu rosto e rapidamente cortou. Ele girou-a tão rapidamente em torno do salão de baile, que ela foi forçada a se concentrar para ficar em sintonia.

— Não perca o controle agora, droga! Eu tenho que drogar os piquetes em meia hora.

Sua cabeça se levantou.

— Eu estou bem agora, obrigada. Você não precisará intervir novamente.

— Bom. Eu odiaria ser baleado por causa de uma mulher que ri.

Ela se afastou dele e praticamente correu para o peito de Amauri. Suavemente, ele a conduziu de volta à valsa, sorrindo suavemente para seu rosto corado.

— Brigando com seu garoto de cabelos claros, chérie? Eu pareço estar sempre resgatando você de homens desagradáveis.

O fantasma de Valera piscou brevemente e Catherine olhou para Raoul enquanto dançavam pelos sons dos músicos.

— Liam não é mais desagradável do que você. Você é um valentão, Raoul.

O sorriso a esconder foi descarado.

— Eu só estou preocupado com você, chérie. Talvez na minha ânsia de te salvar de uma ligação triste...

Ela fez uma careta.

— Seu General Fournel sugere que eu use sapatos de tricô e um bigode para variar o meu sem graça vie d'amour. O que, ora, é o seu remédio?

O sorriso de Amauri se alargou.

— Champanhe e um intervalo no meu quarto para começar.

— Um lance de quinze minutos? Seu poder de permanência não é encorajador.

— La, la, chérie, que língua afiada. Eu posso pensar em melhor emprego para isso.

Ela tentou se afastar.

— Eu não tenho que ouvir isso...

Seus dedos se apertaram e o sorriso provocante desapareceu.

— Ah, mas você vai. Você não ama esse pomposo. Eu vi seu rosto quando você olhou para ele na noite passada. Ele é um tolo e um bêbado. Eu não sei que jogo você está jogando aqui, mas é perigoso. Seu pai está acabado. Você não pode ajudá-lo, se é esse o seu desejo. Nem Napoleão nem os Bourbons vão aceitá-lo agora. Mas você não precisa se juntar a ele em desfavor. Venha para Paris, Catherine.

— Contigo?

— Comigo. Você precisa de um homem, não de um tolo fraco.

— Você subestima Liam, Raoul, — ela disse friamente, — e os lucros a serem feitos na Irlanda na sequência da insurreição. Eu não irei embora até que tenha usado minhas vantagens aqui.

Raoul estudou o rosto frio e adorável que o virou arrogantemente para o dele.

— Você é filha do seu pai depois de tudo.

— Mais naturellement, mon coronel—Certamente você não está desapontado? Afinal, quanto tempo uma ingênua teria sustentado seu interesse?

A dança terminou e Amauri levou sua mão aos lábios.

— Para sempre, se ela se tornasse a mulher que eu vejo agora.

Então, um capitão Rodier estava se curvando, educadamente esperando que seu superior fizesse sua entrada. Amauri franziu o cenho para ele.

— O que é isso, capitão?

— Eu... eu tenho essa dança com Mademoiselle Flynn, meu Coronel Catherine retirou o cartão de sua luva e acenou sob o nariz de Amauri.

— Ah, sim. Capitão Rodier. Estou ansiosa para experimentar uma quadrilha com você. Você dançou tão bem com Madame O'Connell. Vai nos desculpar, coronel? —Ela saiu com o subordinado lisonjeado, mas desconfortável.

Dança após dança seguiu até que de repente Sean estava segurando-a em seus braços, seu cabelo escuro como cetim preto esfarrapado sob as velas bruxuleantes, seus olhos verdes sombreados sob os cílios, acariciando-a. O homem alto de preto e a garota magra em um sussurro de verde se moviam perfeitamente juntos. Ela queria tocar seu rosto, seus lábios que perderam sua dureza quando ele a segurou contra o peito, mas seu coração estava rachando e a agonia virou seus membros para liderar.

Você não pode dirigir uma faca com um beijo. Você não. Eu te amo. Eu te amo. Meu Deus, me ajude. Me deixe morrer agora. Agora nesse momento Ela tropeçou e ele a pegou mais perto, seu murmúrio rouco contra seu ouvido,

como tantas vezes em noite em que ele a amava.

— Kit? O que há de errado?

Ela balançou a cabeça, incapaz de olhar para ele. A música era estridente.

— É muito difícil, tudo.

Ele ergueu o queixo dela gentilmente.

— Eu sei. Só um pouco mais. Os franceses vão embora em breve. Amauri já foi preparar o Meridian para velejar. — A miséria em seus olhos se aprofundou. — Você parece triste, Kit. É possível que você sinta a minha falta um pouco?

Como ele poderia saber? Liam...

Ele interpretou mal sua distração e sussurrou: — Você ainda não desistiu completamente, heim? Parte de você ainda luta. Mas há amor em seus olhos esta noite, e antes do amanhecer eu vou ouvir você dizer as palavras. Então nenhum canhão na Irlanda e nem o gelo no Canadá me afastarão de você quando a luta terminar.

Canadá. Claro. Ele estava falando sobre o Canadá. Não a fuga. Ele não sabia.

De repente, Liam estava tocando no ombro do irmão.

— A gavotte²⁶ é minha, irmão, — disse ele, tenso.

Sean afastou descuidadamente a mão e depois beijou os dedos de Catherine.

— Vejo você mais tarde, senhorita Flynn. — Então ele foi embora.

O aperto de Liam ameaçou estalar seus dedos.

— Pare de sonhar como se a terra tivesse engolido ele! — Ele puxou-a para a gavotte. — É tarde demais para voltar atrás. O relógio está amarrado como gansos de Natal. — Eles se transformaram no padrão dos dançarinos. — Não se engane, amor. Se você confessar a Sean agora, ele vai te estrangular. Você é minha esposa, lembra? Eu vou dizer a ele que eu tive você desde o começo, o tempo todo em que estive Flynn...

— Pare com isso!

— E se der errado no plano de fuga...

— Liam, pelo amor de Deus, eu não vou dizer a ele. Eu tenho que passar por isso, apesar de Sean, apesar de você. Não me ameace. — Sua voz era fria e firme, embora ela se sentisse tonta. O rodopio... — Estou tonta. Vamos embora agora.

Ele assentiu e a guiou para o terraço. A brisa fresca a atingiu como sais aromáticos e, lutando por ar, ela se inclinou brevemente contra a balaustrada de pedra.

A voz de Liam veio de trás dela, mais suave agora.

— Você está bem?

— Sim. —Ela se endireitou.

— Muito bem. Vamos caminhar em direção às ruínas. Se alguém nos ver, eles vão assumir que estamos tendo um encontro ao luar.

Ninguém os viu. Formas nebulosas nas sombras, os cavalos relinchavam e Liam colocava as mãos sobre seus narizes. Rapidamente, ele jogou uma capa para Catherine, depois jogou uma sobre os ombros. Sem esperar por ajuda, ela montou. Curvando-se ao longo do pescoço dos cavalos, os cavaleiros cavalgaram a cavalo a algumas centenas de metros ao Norte das ruínas.

A uma distância segura da casa, eles dispararam a galope.

— Perdão, monsieur Culhane, viu Mademoiselle Flynn? Estou prometido a última dança e eu ficaria muito infeliz por encontrá-la. O próprio general Bonaparte teria dificuldade em combater os concorrentes por seus favores.

Culhane sorriu fracamente para o jovem oficial ansioso.

— Eu não vi a jovem lady a algum tempo, Tenente Courbier. Talvez ela tenha se retirado. —O rosto de Courbier caiu, então ele vagarosamente se afastou para um criado carregando uma bandeja de vinho do porto.

Sean examinou a pista de dança. Catherine não estava em lugar algum para ser vista. Ele caminhou até o terraço, observando displicentemente os arranjos fantasiosos de vegetação em cada extremidade. Talvez ela tivesse se retirado para o quarto. O leve rubor em suas bochechas não disfarçou completamente sua palidez. Os últimos acordes da música desapareceram e, impaciente, ele queria que o lugar fosse limpo. Sylvie. Era para içar âncora no final da manhã, e ele não estaria livre para se retirar até que o Meridian navegasse depois da meia-noite. Isso deixava apenas algumas preciosas horas para segurar Catherine, talvez pela última vez.

— Sr. Culhane, os franceses estão esperando para se despedir.

— Obrigado, Halloran.

Misericordiosamente, essas despedidas foram breves; infelizmente os outros convidados, sem vergonha de pegar a maré, foram menos pressionados. As últimas fofocas triviais e as garantias sobre o futuro conflito tornaram difícil para Sean manter sua civilidade. Quando a última carruagem se afastou, ele suspirou de alívio.

Subindo as escadas, ele afrouxou o calção e tirou o casaco quando entrou em seu quarto. Desapontado por não encontrar Catherine esperando na cama, ele desabotoou o colete ao abrir a porta de ligação para seu quarto. Seus dedos erraram o último botão. A lingerie estava deitada na cama onde a criada deixara. Inquieto, ele levantou um pouco de renda e esfregou-o entre o polegar e

o indicador. Ele tinha tomado muito cuidado para mostrar a conveniência de sua amante. E se algum fanfarrão tivesse ficado insatisfeito com a mera observação? Courbier estava ansioso o suficiente. Mas os franceses foram embora...

Então outro pensamento ocorreu a ele. Tentando a porta do quarto de Liam, ele a encontrou destrancada dos dois lados. O quarto de Liam estava vazio, suas coisas intactas. A confiança de Sean se debatia desesperadamente. Liam trouxe Catherine para o andar de baixo. Peg o teria deixado entrar no quarto de Catherine. Foi isso. Isso tinha que ser. Kit não faria isso...

Mas de alguma forma, ele sabia que eles tinham ido embora. Morrendo devagar lá dentro, ele soube, mesmo quando ordenou uma busca e mandou Halloran interrogar os vigias da torre. Quando o homem voltou com dois guardas em pânico, uma agonia explodiu dentro de sua alma, enviando folhas de dor arqueando-se como raios de sol, enegrecendo-se finalmente a uma dor chata e fumegante.

Quando Mephisto parou manco e viu a unha deliberadamente sem ângulo, o primeiro sentimento de ódio começou.

CAPÍTULO 15

A ARENA

A poucas horas de Shelan, os cavaleiros que fugiam entraram no sopé de Derryveagh. Eles percorreram o caminho de forma precária, à medida que a inclinação se tornava íngreme, depois desmontava. Os cascos dos cavalos escorregaram na samambaia molhada e, duas vezes, Catherine caiu, reduzindo o vestido parisiense a um naufrágio lamacento e encharcado.

Pouco antes do amanhecer, chegaram a um vale alto e estreito e segregaram os cavalos em um nicho coberto de musgo na encosta da montanha. Liam pendurou sacos de comida por cima da cabeça dos animais, depois puxou uma rede de pesca de um saco de lona escondido numa fenda de pedra e enfiou-a pela abertura do curral. Ele acenou para as rochas acima.

— Há uma caverna lá em cima. Vamos descansar por um par de horas, em seguida, passar através das altas falecias. Sean vai pensar que eu fui para Omagh. Até o momento ele sabe de forma diferente, suas montarias devem estar indo em suas trilhas, enquanto nós estamos a meio caminho de Londonderry. Ele não terá certeza de onde sairemos das montanhas, mas uma vez que o tenhamos, teremos que correr como o inferno. . . Vá em frente, suba. Eu tenho que amarrar a boca dos cavalos depois que eles forem alimentados, apenas no caso de se precaver. E tenha cuidado; as pedras estão soltas.

Como Liam havia avisado, as rochas eram traiçoeiras. Subi-las em um vestido de baile não era simples. Ela rastejou para dentro da caverna através de uma estreita entrada dupla dividida por um pedregulho cuja sombra formava barras de luar decrescente em um triângulo contundente no chão da caverna. O pico do teto, menos que a altura da sua cabeça, descia para a parte de trás da caverna. Ela recuou quando o joelho bateu em algo que caiu pesadamente e quebrou. Em um momento, da entrada Liam sussurrou com voz rouca: — O que foi esse barulho?

— Um pote de algum tipo. Eu quebrei. — Ele resmungou e se arrastou para dentro, então se agachou para mover pedras e louças para limpar o espaço para dormir. — O que é esse lugar, Liam?

— Uma caverna de enterro pré-histórica. Você acabou de despejar os restos do ocupante na terra.

— O que?

— Você vai ver quando o céu se iluminar.

Distraidamente, ela empurrou o penteado desmoronado de seu rosto.

— Quando você escondeu a rede aqui?

— Enquanto você e seu garanhão estavam no mar. Na época, eu tinha certeza de que você poderia ser persuadida a vir comigo.

Ela quase podia ver sua expressão amarga, embora seu rosto estivesse na sombra.

— Quando nós deixaremos as montanhas?

— Ao cair da noite, depois de descansarmos novamente. Uma vez ao ar livre, descansamos mais uma vez, a cinquenta quilômetros de Londonderry, depois correremos a perna final.

— Você planejou com eficiência.

— Eu tive tempo. E razão. — Ele fez uma pausa, uma forma escura tornada vagamente desumana pelos contornos da capa. — E agora que mantive minha parte na barganha, é hora de você manter a sua.

Seus dedos, emaranhados em seus cabelos, pararam.

— O que você quer dizer?

— Somos homem e mulher na teoria. Quando deixarmos esta caverna, estaremos unidos de fato.

— Estou cansada, Liam, como você deve ver, e ainda temos um longo caminho a percorrer, — ela respondeu, — Precisamos descansar. Certamente seus privilégios conjugais podem esperar até chegarmos à segurança.

Seus lábios se curvaram.

— Meus privilégios, madame? Você quer dizer meus direitos. Quanto à fadiga, se você tivesse ficado na sua cama na noite passada...

— Você! — A raiva borbulhou. — Você estava bêbado, ou simplesmente enganava o suficiente para tentar me deitar com Sean? E se a conferência tivesse terminado cedo? Uma reunião em que você deveria estar sóbrio o bastante para participar. Então poderíamos ter mais informações, não apenas pedaços! — Ela sentiu vontade de atirar um fragmento de caco nele, sabendo que, mesmo em sua crescente raiva, estava liberando a tensão reprimida de dias.

Ele riu secamente.

— Então é aí que você estava bancando a espiã. E você fala de discrição! Pequena e desonesta Kitty Flynn. — Ele tirou o manto, espalhou-o no chão e começou a se desfazer da roupa. Quando ela não fez nenhum movimento para se despir, ele olhou para ela com calma. — Eu sugiro que você se dispa, meu amor; do contrário, eu vou rasgar esse vestido em farrapos. Como estamos aparecendo em público em breve, você pode preferir mantê-lo intacto.

A raiva de Catherine tornou-se afiada pelo desconforto.

— Eu não sou sua prostituta. Eu não serei tomada como uma.

— Não. Você é minha esposa, — foi a resposta serena. Ele tirou a camisa e o colete e os dobrou para fazer um travesseiro. — Em poucas horas, nós dois podemos ser recapturados ou mortos. Você me negaria alguns momentos de felicidade conjugal?

Percebendo sua implacabilidade, ela tentou uma nova abordagem.

— Liam, podemos ter anos juntos. Você começaria nosso casamento de forma tão insensível? Você destruiria qualquer afeição que eu pudesse ter por você?

Seus olhos eram do tom de aço à luz da lua, como o brilho de seus cabelos.

— Eu esperei o tempo suficiente pelo seu carinho. Tentei ganhar com gentileza e consideração. Eu era um idiota. Você simplesmente precisava de um garanhão. Agora você tem um para toda vida. — Ele tirou as botas, o peito magro e os braços brilhando brancos acima das calças restantes. — Não esteja muito desamparada. Meu irmão nunca teria se casado com você. A Irlanda sempre será a primeira em seu coração, e a única mulher que ele realmente desejava era Megan. Eu não tenho distrações. Eu só quero você.

— Liam, por favor. Espere até chegarmos a Londonderry. Apenas mais dois dias. Vamos para o melhor hotel...

— Ah, meu amor, você é tão adorável e tão transparente. Você realmente acha que eu sou tolo o suficiente para lhe dar motivos para anulação? — Seus olhos brilhavam perigosamente e sua voz perdeu a frieza. — Se você tiver uma peça depois de dois minutos, eu vou rasgá-la em pedaços.

Ele a tinha. Ela lhe dera a oportunidade e o direito. Agora não havia escolha. Encontrar o caminho para fora das montanhas sem ele era impossível. Ela desabotoou a capa e a deixou cair, depois o vestido de baile e a camisa.

A respiração áspera de Liam era o único som na caverna quando ele soltou suas calças.

— Deite-se. — Ela começou a se espalhar no manto. — Não. Na sujeira. Não há mais altares para você, Jovem. — Deitada, ela esperou, rígida de ódio. A sujeira era somente poeira e ela se perguntou qual era o lixo que antes vivia misturado a ela.

— Abra seus olhos, esposa, e se acostume com a visão de mim. — Relutantemente, ela obedeceu. Nu, ele estava ajoelhado sobre ela, seu torso branco fantasmagórico, seu sexo saliente acima de sua barriga. — Toque-me. — Ela não se mexeu. Ele pegou em seu pulso, arrastou a mão para baixo, em seguida cobriu-a. Ele forçou a entrada, e o conhecimento de que ele estava forçando-a a se submeter, que ele estava dominando-a, fez com que ele

copulasse exultante até que o suor brilhou em sua carne. Ele gemeu em êxtase particular quando a explosão da ejaculação se acelerou; então ele caiu, ofegando.

Catherine estava imóvel, esparramada como ele a deixara, o corpo de uma casca seca, capaz de sentir apenas uma perda terrível e irrevogável. Ela havia traído totalmente a confiança de Sean; a falta de escolha não fez diferença. A angústia por sua dor, assim como a sua, de repente a abalou com soluços indefesos e silenciosos.

Fora do escuro, os dedos de Liam roçaram suas bochechas com inesperada gentileza.

— Eu não queria que fosse assim, — ele sussurrou. — Eu precisava tanto de você e esperei tanto tempo. — Seus dedos pararam. — Eu não aguentei. — Não houve resposta. — Eu juro que serei um bom marido. Você será feliz, você verá. — Ele hesitou desconfortavelmente. — Não me odeie. Eu te amo tanto.

— Eu não te odeio. — Seu sussurro era monótono.

— Você não vai tentar me deixar? Você prometeu diante de Deus...

— Sim. Eu prometi a Deus e agora sou sua esposa. — Catherine sentou-se e arrastou o manto sobre ela, depois olhou para ele por cima do ombro. — Mas se você me forçar como você fez hoje à noite, você nunca mais me verá. Você entendeu?

Ele corou.

— Compreendo.

Ela enrolou-se no manto na parte de trás da caverna, deixando-o a procurar seus próprios arranjos improvisados.

O dia estava úmido e encoberto, as trovoadas estrondosas emprestando um tom azulado à exuberante floresta de encostas acidentadas que cercavam os dois cavaleiros que atravessavam os vales.

— Fique alerta, — Liam chamou por cima do ombro. — Às vezes rios inundados pela chuva inundam os vales.

À luz do dia, ele parecia incongruente em suas roupas formais empoeiradas, particularmente tão longe da civilização; mas, Catherine, refletiu ironicamente, ela não podia parecer melhor. Seu cabelo era uma massa de emaranhados, vestido imundo. Seu rosto deveria estar sujo também. Escorrendo pelas folhagens deslizou seu pé. Verde. Tudo na Irlanda era verde. Como os olhos verdes sombreados que a assombrariam o resto de seus dias. Seu peito começou a doer enquanto ela lutava contra as lembranças e acabava caindo em um vazio sem graça, sem pensar no futuro, muito menos no passado.

Liam olhou através da escuridão lançada pelo bosque de árvores que os abrigava. Nas suas costas, as montanhas quase bloqueavam a lua. Nada visível se

movia pela planície gramada. A nordeste, o rio Foyle brilhava como uma pulseira de prata. Ele finalmente assentiu.

— Está na hora.

Eles montaram rapidamente e incitaram os cavalos a um galope fácil. Controlar o ritmo no campo aberto que se estendia a Londonderry era crucial. Estavam bem ao Norte de onde Sean esperava que eles saíssem das montanhas, mas o descanso e o terreno irregular haviam custado um tempo precioso.

O alvorecer empalidecia o céu sem sinal de perseguição. Ao meio-dia, chegaram a uma corrente sufocada de ervas daninhas e nenúfares amarelos. Depois de regar os animais, eles se deixaram cair no banco por alguns minutos de descanso. O longo capim de campina abanava sob um céu azul sereno, cheio das nuvens fofas de um dia de primavera perfeito, que não refletiam a menor ameaça que pairava sobre a terra. A mente de Catherine se encheu de cansaço, embalada pelo calor do sol e pelos campos cheirosos. Apenas alguns minutos pareciam ter passado quando Liam cutucou seu ombro.

— Temos que seguir em frente. Sean já pegou a nossa pista agora. Temos mais cinquenta milhas para percorrer.

Ao luar, o local parecia uma colina baixa. Somente a algumas centenas de metros a pedra parecia regular, como os dentes danificados de um gigante em volta de uma língua de barro. Suas pedras se erguiam contra a lua quando os dois cavaleiros desmontaram. Liam apontou para uma porta de boca negra formada por um lintel de pedra monstruoso e bruto.

— Nós dormiremos lá.

— O que é isso?

— Um forte primitivo; um dos vários sobre o campo. O interior é um labirinto de terras que se abrem para uma área desimpedida. Ali— ele acenou para uma abertura na parede sul — o telhado desabou.

— Um paraíso hospitaleiro, — observou Catherine secamente. — Toneladas de terra devem estar no topo das passagens restantes.

Liam encolheu os ombros quando soltou os alforjes e os jogou por cima do ombro. — Esta é a melhor cobertura em milhas e oferece uma chance de fuga se ficarmos surpresos. Várias trilhas subterrâneas se abrem para o anel interno e a planície além.

Ele levou Alcazar para a boca preta da porta. A passagem que eles seguiram era escura como breu e eles tropeçaram nos escombros de séculos, mas Liam parecia saber exatamente para onde estava indo.

— Eu explorei este lugar quando era menino, — sua voz ecoou na escuridão. — Há uma câmara onde podemos descansar por algumas horas. — Logo ele parou. — É isso. — Ela se sentiu prestes a descobrir uma cela úmida apenas um pouco mais larga que a passagem. Os cavalos bufavam nervosamente e ela podia sentir o cheiro deles e o mofo no lugar. Ela ouviu Liam soltar seus alforjes. — Siga-me com o seu cantil.

Eles chegaram a um túnel curto e curvo em um espaço aberto brilhante ao luar. Assemelhava-se a uma antiga arena romana perfurada por aberturas de passagens escuras como aquela da qual emergiram. Como colunas grossas e enormes pedras foram derrubadas entre os buracos esporádicos e montes de entulho que pontilharam o chão rochoso e coberto de musgo. Uma cisterna estava no centro. Liam caiu em sua borda e abaixou seu cantil por uma longa corda. A cantina atingiu a água bem abaixo com um leve baque e lentamente se encheu. Ele puxou e depois abaixou a segunda cantina.

Catherine se inclinou junto ao poço e olhou para baixo. Um vislumbre de água fraca e enlustrada se despedaçou quando a cantina a atingiu. Anéis ondulavam na escuridão. Ela se levantou, estremecendo com os músculos doloridos. Ela estava quase dormindo em pé, a arena se fundindo em sonhos iluminados pelo entulho, com figuras escuras e disformes se movendo em suas sombras. Sua espinha arrepiou-se.

— Liam, — ela sussurrou desigualmente, — não olhe para cima. Há homens nas passagens.

Ele congelou.

— Onde?

— À minha frente e à minha esquerda. Espere. Vou ajustar meu cabelo... — Com os dedos tremendo, ela pegou a massa emaranhada na nuca e virou-se ligeiramente. Seus joelhos pareciam derreter enquanto soluçava baixinho: — Oh, Deus.

Não mais se preocupando em se manter nas sombras, eles emergiram dos túneis e se moveram silenciosamente como pesadelos através da clareira. Liam ficou de pé, rapidamente tirando a pistola do cós.

O principal espectro falou friamente.

— Tente, irmão, e você terá uma bala no crânio antes de nivelar o cano.

Liam hesitou, então rosnou: — Estes são meus vassalos. Eles não vão atirar em mim sob as ordens de um bastardo.

— Não? — Sean entrou completamente no luar. Ele era um alvo claro, e de vários metros de distância, Catherine sentiu o olhar perigoso em seus olhos. — Eles estão acostumados a seguir meus comandos automaticamente e discutir mais tarde. Importa-se em testar essa teoria?

Sentindo o ligeiro movimento de Liam atrás dela, Catherine avançou para bloquear sua pontaria. As pistolas engatilhadas. Com o cano voltado de um para o outro, ela lutou para falar de maneira uniforme.

— Eu sou quem você quer. Eu apelei para a honra de Lorde Culhane para me ajudar a escapar.

Sean avançou com seu passo enganadoramente preguiçoso e silencioso. Seu rosto sombrio estava inexpressivo, seu comentário conversando.

— Você teve uma escolha curiosa de tempo, Senhorita Enderly, e uma escolha ainda mais curiosa de rota. Por que Londonderry, quanto Donegal Town prometeram segurança?

— Você tem espiões lá, não tem? Eu estava com medo de ser retomado tão perto de Shelan.

— Você está mentindo o que é de seu gosto, Srta. Enderly, — o irlandês disse amavelmente, começando a circular para a esquerda. Catherine se moveu furtivamente para ficar entre ele e Liam. Ele parou e olhou para ela com ironia. — Eu não vou atirar em seu Galahad de língua amarrada, Condessa. Ele está realmente seguro a menos que pretenda ser mais idiota do que foi.

— Se você não quer briga comigo, então vamos embora, — Liam retrucou. Culhane enfiou os dedos no cinto.

— Você pode ir a seu destino se quiser, irmão. Mas a moça fica comigo.

Liam empurrou Catherine de volta contra ele.

— É aí que você está errado. A lady é minha esposa legal.

Por um instante, Culhane ficou tenso e seus olhos piscaram como se ele tivesse sido atingido.

— Você está mentindo.

Liam riu ironicamente.

— Eu vejo que pela primeira vez te surpreendi. Se eu puder ter permissão para colocar a mão no bolso do colete, tenho um documento de casamento. Você pode inspecionar a cópia nos registros do Padre Ryan. Naturalmente, outras duplicatas são menos acessíveis. — Sean estendeu a mão. Enquanto seu irmão olhava o papel, Liam comentou: — Como você vê, testemunhei corretamente... — Sua voz assumiu uma nota sombria de prazer. — E devidamente consumado.

A cabeça escura de Sean subiu devagar.

— Parece que você estava disposta a fazer qualquer coisa para escapar de mim, Lady Culhane. Julguei mal o seu talento para a duplicidade. — A dor atordoada e o desprezo em seus olhos quando ele olhou para os dela, desmentia sua voz suave. — Minhas desculpas por interromper sua lua de mel, irmão, mas devo insistir em deter sua noiva.

O braço de Liam apertou a cintura da esposa.

— Eu vou te matar se algum homem fizer um movimento para levá-la.

Os lábios de Sean se curvaram tão sutilmente quanto um lobo paciente.

Um soluço subiu na garganta de Catherine.

— Por favor! Ele não quer dizer isso.

Os olhos do irlandês distraidamente passaram por ela.

— Sim. Você tem um jeito de torcer a mente de um homem. Linda Kit mentirosa.

— Você vai parar de insultar a minha esposa, bastardo, — Liam rosnou. — Você a envergonhou pela última vez. — Ele se virou para o irlandês mais próximo. — Me dê sua espada, Halloran.

Os olhos de Sean se estreitaram.

— Não seja bobo. Não tenho vontade de te matar.

— Quão nobre. Ou é a sua relutância meramente prática? Você sabe que os homens do meu pai não seguirão o seu filho bastardo indo em contra ao filho legal e herdeiro!

Os olhos de Sean brilharam.

— Você não tem provas de que eu sou um bastardo.

— Não? Na ausência de papai, nossa mãe não era melhor do que uma prostituta comum. Um de seus muitos amantes era um tenente naval inglês. Talvez a fonte de sua atração pelo mar?

A mão de Catherine voou até os lábios para abafar um grito quando Sean puxou sua pistola. Seus olhos estavam cheios de morte, embora ele falasse gentilmente.

— Ainda assim, eu vou matar o homem que lhe atirar uma arma. Vá para casa, irmão. A cadela não vale a sua vida. Ela não te ama...

— Ela não vale? — A voz de Liam subiu, quase quebrando. — Nós somos amantes desde que você levou a expedição para a Inglaterra! Catherine jurou que nunca iria perdoá-lo por destruir seu pai e desonrá-la. Cada vez que você a tocava, ela estava pensando em mim para manter a saúde até que pudéssemos ficar juntos. Você é patético, apaixonado...

— Cale-se!

— Você é um idiota, irmão, de acreditar que uma mulher a quem você usou com tanto desprezo poderia amá-lo. Você a enoja!

Atordoada de horror pelo sarcasmo de Liam, Catherine ouviu vagamente a ordem severa de Sean.

— Dê a ele seu sabre, Halloran.

— Não! — ela gritou, correndo em direção a Sean. — Por favor. Você não pode matá-lo! Ele não é responsável.

— Tirem-na do caminho, — retrucou Sean. Enquanto ela se arrastava desesperadamente em sua direção. Segurando-a contra o lado de sua cabeça, ele a jogou no chão sobre o manto.

Quando um homem a puxou, ela o atacou histericamente até ver que era Flannery. Desesperadamente, ela se agarrou ao braço dele.

— É assassinato! Parem eles! Por favor!

Flannery levantou-a com um braço em volta da cintura e murmurou contra seu ouvido: — Fique quieta, menina! Muito já foi dito para deixar passar. Isso vem vindo há anos. Você não pode pará-los agora!

Ele a arrastou para longe, ainda se contorcendo como uma louca; então ela ouviu sabres baterem. Ela ficou mole e assistiu com horror.

Cercado por observadores cujas feições brilhavam como brasas vivas, os adversários circulantes estavam gravados com força contra a fumaça das tochas. Embora Liam fosse um bom espadachim, Flannery não exagerou na habilidade de Sean. Tão flexível como uma pantera, ele se movia silenciosamente, ondulando à luz das tochas, como parte da noite em si. No entanto, enquanto ele persistia em recuar, parecendo estar decidido a deixar seu irmão cansado, ela estava apavorada que Liam pudesse conseguir um golpe de sorte. Por fim, o jovem lorde começou a se esforçar, o rosto corado pelo esforço. Ele deve ter sabido que seus ataques mais ferozes eram para nada, pois eles continuamente encontravam o ar rarefeito, nunca o alvo mortal que ele ansiava. Ele estava ficando exausto, seu sabre cada vez mais pesado e desajeitado. Ainda assim, não perguntou nada, e ela teve que admitir o que ele era, Liam não era covarde. Ele estava cambaleando, a guarda inexistente quando, sem aviso, Sean enviou o sabre girando de seus dedos dormentes em uma pilha de pedras. Liam tropeçou para trás, apenas para ver seu irmão subir levemente a pilha, sacudir o sabre com a ponta de sua própria arma e quebrá-lo sobre o joelho. Balançando, Liam olhou para ele, depois se virou para os soldados rebeldes.

— Me dê outra arma, — ele murmurou com voz rouca.

— Você está derrotado, Liam. Vá para casa.

Liam girou, os braços balançando.

— Vá para o inferno! Você roubou minha casa, seu ladrão malcriado! Mas você não roubará minha esposa...

Sean acenou para dois homens.

— Amarre-o como a um saco.

Eles hesitaram. Rouge olhou para o outro, depois para vários de seus companheiros e deu um passo à frente. Ele limpou a garganta.

— Nós seguimos suas ordens, sir, sempre foi assim. Mas...

— Mas o que? — A voz de Sean estava friamente cortada.

— Nós... não temos o direito de colocar as mãos em lorde Culhane.

Um rugido avançou do grupo e levantou um punho beligerante.

— Sim, é assim! Vocês se gabaram nas botas de Lorde Brendan por tempo suficiente; chegou a hora de voltarem para o homem que deveria estar usando-as.

Liam sentiu potenciais aliados e se virou para olhar para os homens inquietos.

— Ele está certo e todos sabem disso! Meu pai era o laird do clã e amigo. Muitos de vocês juraram lealdade a ele e à sua questão legal. Sou o filho mais velho de Brendan Culhane e a lei irlandesa me dá o título exclusivo de suas propriedades. É a lei inglesa que dá uma parte a um irmão mais novo. Algumas semanas daqui para frente, a lei irlandesa governará a terra. Vocês condenarão seu juramento a meu pai e seguirão este arrogante bastardo para levar todos à força como fora da lei? Ele nunca será o próximo O'Neill! Não há direito legal para a sucessão através de uma mulher. Ele planeja roubar o alto trono da Irlanda como ele roubou minha herança! Vocês terão que me matar antes que eu volte para minhas próprias terras como prisioneiro desse ladrão! —Ele cambaleou em volta do círculo de tochas. — Escolham aqui e agora. Sigam o bastardo ou eu!

Incentivado por Rouge, um grito de ânimo foi levantado.

Um sorriso sombrio curvou os lábios de Sean.

— Vocês vão seguir a isso na batalha, rapazes? Derrotar o inimigo com pincéis? Ah, sim, meu irmão pegou um pouco de habilidade com a lâmina, mas todos nós sabemos onde estão seus talentos. Vocês veem o lamentável naufrágio de um adversário experiente até mesmo a pirralha inglesa de Enderly pode reduzir seu cérebro a pudim.

— Você não é o único comandante competente na Irlanda! —Liam rosnou. — Se eu não tenho a habilidade atual de liderar homens, nós vamos nos juntar a alguém que tem. E quanto a um pudim, todo homem aqui sabe de sua obsessão por minha esposa! Na véspera da batalha, você arrastou-os a meia Irlanda para saciar seu ciúme!

Sean desceu e caminhou lentamente em direção a seu irmão, seus olhos verdes brilhando em pura fúria.

— Eu não segui a bruxa por afeição, irmão! Se você sabe ou não, ela está carregando informações para o General Lake. Se não sabe, você é um tolo; e se sabe, você é pior. Eu posso ficar de pé contra a parede de fuzilamento, mas você é meu irmão, e por amor a Brendan, vou deixar você sair com sua vida. Pegue-a e vá enquanto minha paciência se mantém.

Liam sentiu que sua confiança e crescente aliança entre os homens

começava a diminuir. Até mesmo Rouge parecia inseguro. Não havia nenhuma maneira no inferno que ele seria capaz de sair com Catherine agora. Ainda assim, ele persistiu desesperadamente.

— Você usaria qualquer mentira para recuperar Catherine, não é? O que você pretende fazer com ela?

O sorriso de Sean ficou desagradável.

— Eu pensei em várias coisas. Elas não iriam te divertir.

— Eu não vou entregá-la à tortura ou à morte! Dê-me sua palavra...

O sorriso desapareceu.

— Eu dei a você tudo o que vai conseguir. Vá.

Liam embranqueceu.

— Você vai pagar por isso. Eu vou ter o seu coração negro em minhas mãos! — Ele girou. — Quem vai se juntar a mim contra esse trapaceiro?

Houve um silêncio e, em seguida, Flannery entrou na luz do fogo.

— Eu, meu senhor.

Os olhos de Culhane se estreitaram.

— Sim, por que não? A proeza do meu irmão com a lâmina cheira a sua tutela. O mesmo pode ser dito da moça. Você esperava que ela me matasse para colocar seu animal de estimação na liderança?

— Eu não desejo a sua morte, — respondeu o ruivo calmamente. — Estou obrigado por juramento como bem sabe.

Dois outros, depois um terceiro se adiantou.

— Nós também somos jurados. Desculpe.

— Você sente muito, certo, — disse Sean friamente. — Seu senhor te chamou pelos calcanhares com sua fala sobre força, não foi? — Repugnado, ele bateu em seu sabre na bainha. — Vá e seja amaldiçoado! Eu não uso fígados de lírio.

Um homem se endureceu e pegou a pistola, mas encontrou a grande mão de Flannery em seu pulso.

— Não haverá mais luta entre os bons irlandeses hoje à noite. Nós vamos agora. — Ele olhou para Liam e sacudiu a cabeça em direção a uma das passagens. Liam lançou um último olhar promissor para seu irmão e levou seu pequeno bando para fora do túnel.

O braço de Sean se apertou em torno da pequena forma flácida que caía de exaustão diante dele na sela. Sua prisioneira estava quase dormindo, a cabeça balançando com cada passo do cavalo. Envergonhada, com cabelos emaranhados, e agora descalça, as frágeis sandálias arruinadas pelo rápido êxodo da fortaleza, ela ainda era linda, ainda orgulhosa, embora o desespero em seus

olhos zombasse da firmeza de sua postura enquanto ele ordenara que ela montasse o mesmo cavalo depois da luta. Ela olhara para ele sem vacilar, a beleza misteriosa de seus olhos sacudindo-o, mesmo quando ele odiava as marcas de lágrimas através da sujeira em seu rosto que traía o medo por seu irmão. Ele queria bater nela, esgotar sua fúria a atingindo; mas ela estava pronta para isso e, pior ainda, com a coragem teimosa que ele sempre desejou, sem querer. Que uma franguinha tão frágil pudesse desafiá-lo, pudesse dobrá-lo como uma pena em suas artimanhas fez seu sangue subir. Ele deveria tê-la amarrado em uma das novas encomendas que haviam recolhido em Balleybofee. A leve e familiar fragrância de seu corpo que o insultava numa memória inquieta, os cachos sedosos em sua nuca que tentavam um homem a levantá-los e beijar a carne delicada... Totalmente adormecida agora, ela caiu completamente contra ele, enchendo seus braços, o volume de seus seios e corpo entre suas coxas aquecendo seus quadris insuportavelmente.

— Sente-se, — ele rosnou no ouvido dela.

Assustada, ela se endureceu e agarrou o pomo. Cinco minutos depois, ela estava dormindo de novo e Sean xingou baixinho, mas deixou que ela ficasse.

Parando apenas algumas horas para descansar, chegaram a Shelan tarde da noite seguinte. Restaurada em sua velha cela, Catherine, completamente esgotada, dormiu novamente, depois acordou e encontrou um prato de comida perto da porta. Ela comeu a comida e dormiu. Não havia mais nada a fazer até que eles viessem por ela. Mas ninguém veio.

O padrão continuou por semanas. Quando acordada, deitava-se no catre, a mente inerte, imaginando quase indiferente se chegava a um ponto em que uma coisa viva não podia mais ser aterrorizante porque o medo se tornara familiar demais; provavelmente o mesmo não pode ser dito de dor.

Ela se perguntou se poderia suportar o que o irlandês poderia fazer com ela.

Deus, deixe-o voltar vivo e me ajude a não ser covarde quando ele voltar. Eu falhei em tudo mais.

CAPÍTULO 16

O RECONHECIMENTO

Tarde da noite, perto do final de junho, um Halloran cansado e empoeirado veio buscá-la. Ele rapidamente empurrou suas mãos atrás dela, então as amarrou com força. Depois de empurrá-la pela casa escura, ele a levou para o quarto de Sean Culhane. A alta estatura de Culhane encostava-se ao suporte da lareira enquanto ele olhava para o fogo. Ele não reconheceu a saudação ou partida de Halloran. Catherine viu que suas roupas estavam manchadas de sujeira, suor e sangue. Uma faixa de sangue seco de um corte no couro cabeludo estava parcialmente escondida por seu cabelo, e um golpe de sabre mal desviado havia roçado a curva de seu ombro e costas, se desviando por pouco de seu pescoço. Involuntariamente, ela deu um passo em direção a ele. Sua cabeça virou e o olhar em seus olhos a deteve. Antes de falar, ela sabia que a rebelião havia falhado. Seu corpo parecia permanecer ereto através da pura força de vontade.

— Meus cumprimentos, — disse ele. — Você igualou a pontuação; melhor, você ajudou a dividir um país. — Quando ela não respondeu, ele caminhou até a mesa e sentou-se, pegou a garrafa de conhaque e lentamente desenrolou a tampa.

— Você precisa de bandagem. Por favor, me solte. Eu não vou tentar escapar.

Dando uma tragada na garrafa, ele quase ofegou.

— Madame, se eu não soubesse o quanto você é enganadora, eu acreditaria que você está preocupada. A verdade é que você está verde com a decepção de que eu não retornei morto sobre minha sela. Me desculpe por ter desapontado você.

— Você não acredita que eu agi por vingança, — ela disse baixinho.

— Eu não acredito? — Seus olhos verdes se estreitaram perigosamente. — O que eu devo acreditar quando estiver de pé ou de joelhos na frente dos corpos de meus compatriotas em Wexford. Eles cortam homens como o trigo, lá e no Monte Tara, e em Antrim. Os feridos foram abaionetados onde estavam e os sobreviventes enforcados. — Ele arrastou a garrafa e olhou para ela. — Eu deveria ter morrido com eles, mas no último momento, eu fugi. De volta para você. A vadia engenhosa disse tudo.

— Se o general Lake soube sobre a revolta, eu não disse a ele. Eu não tive a chance.

— Não por falta de esforço, madame. Mas Liam teve a chance. O Comitê ficou surpreso enquanto estava em sessão; a maioria deles foram levados. E Fitzgerald foi baleado em seu esconderijo; ele morreu na prisão. Parece que Liam mandou uma mensagem antes da sua fuga. Ele também quebrou as pedras de onde estava os mosquetes, arruinou o pó e soterrou o canhão. —Ele alimentou a madeira. — Você destruiu anos de trabalho em uma única noite... se não contar as noites em que você se contorceu na cama do meu irmão.

— Sean...

— Depois de nosso duelo, meus homens desertaram como coelhos. Mal tinha o suficiente para carregar os mosquetes que podemos salvar nos vagões. Nós nos encontramos com a artilharia britânica com servos e agricultores armados com lanças. —Ele continuou a encarando. — Uma coisa é me odiar e me arruinar; nisso você tinha razão. Mas Liam nunca machucou ninguém em sua vida. Eu o mandei para sequestrá-la. Ele só queria ficar sozinho com suas pinturas. Nós tínhamos nossas diferenças, mas ele me seguia como um cachorrinho. Você o transformou em um assassino e um traidor. Não consigo encontrar uma desculpa para isso, embora Deus saiba que tentei. Como o idiota patético que ele me chamou, eu tentei! —Sua voz caiu para um sussurro desesperado. — Mesmo se você me dissesse que ele estava mentindo; mesmo agora, eu gostaria de acreditar em você. —Dificilmente ciente do que estava fazendo, ele ficou de pé a poucos centímetros dela e ela olhou para ele como na primeira vez em que o viu, só que agora seus olhos estavam cheios de uma tristeza terrível que parecia surgir de sua própria alma rasgada. — Ele estava mentindo, Kit?

Oh, Deus, como posso dizer a ele que Liam nunca foi o amigo de quem se lembra? Catherine pensou angustiada. Eu já mutilei o amor dele, a vida dele, a esperança dele. Ele deve a seus mortos me matar. Se ele me deixar viver, ele desprezará a si mesmo por isso. Ela respirou fundo.

—Liam, não traiu você. Eu destruí suas munições e ouvi sua conferência com Fournel no salão de baile, então enviei uma mensagem por Padraic. Ele, de todos vocês, acreditava que eu era irlandesa. Ele pensou em entregar uma nota através do correio de Donegal Town, dirigido à irmã de Lorde Camden, eu diria que ele já esqueceu tudo sobre isso agora. —Ela sabia que Sean, mesmo em fúria, nunca machucaria o garoto idiota, mas agora sua fúria ameaçava detê-la.

— Você amava Liam? —Sua voz era um sussurro áspero.

— Nunca. Eu usei ele.

Seus longos e poderosos dedos acariciavam sua garganta.

— Como você me usou. Mas você se casou com ele.

— O sobrenome Vigny ainda tem peso suficiente em Roma para assegurar a anulação.

— Você pensou em tudo. — Seus dedos se apertaram e sua voz tornou-se um sussurro sedoso, mortal e sussurrante. — A menina do papai. Papai está mentindo, prostituta assassina. E todo o tempo que você ficou tagarelando de honra! Puxar Maude e Moora para fora da lagoa foi pura genialidade. Você enganou a todos, mais a mim principalmente. — Seus dedos se fecharam como bandas de aço, cortando sua respiração. — Só você deveria ter planejado isso. Você tem um pescoço tão frágil, meu amor. Como porcelana. Tão fácil de quebrar. Eu tenho ouvido o som disso há dias...

Ela não fez nenhum esforço para resistir, e até mesmo odiá-la com uma força que o sufocou, Sean se perguntou se ele poderia suportar ver os fogos estranhos e encantadores em seus olhos se tornarem cinzas. Ele a amara tão profundamente que até sua morte nunca poderia exorcizá-lo. Seu ódio se transformou em si mesmo, explodindo em um grunhido baixo e tigre.

— Você quer uma morte rápida, não é mesmo? Você realmente acha que será assim tão fácil? — Ele a soltou e, quase inconsciente, ela tropeçou, caindo até que sua mão ficou presa no seu cabelo e ele puxou a faca. Por um instante, o terror absoluto saltou em seus olhos. — Não, senhora, eu não vou cortar sua garganta. Você vai viver, até que a vida seja intolerável. — Ele cortou o vestido e a camisa do corpete até a cintura, depois cortou-os. Os dedos ainda presos em seus cabelos, ele a empurrou rudemente para os joelhos. Torcendo a massa espessa de seu cabelo, ele o puxou ao lado do couro cabeludo, depois cortou-o rente ao pescoço até que se espalhou na sua mão, recusando-se a deixá-lo cair no tapete. — Tradição irlandesa para traidoras, geralmente seguida de alcatrão e penas; mas tenho uma noção melhor.

Deixando-a encolhida no tapete, ele tirou a camisa, depois caiu na cadeira da escrivaninha, onde segurou firmemente o decantador. A maior parte do sangue na camisa não era dele, embora seu torso fosse uma massa de hematomas e cortes. Sentando-se relaxado na cadeira, ele olhou para Catherine com a atenção fixa de um homem que não vê nada. Ele esperava que a tosquia diminuísse sua beleza, mas o corte áspero lhe dava a aparência de uma criança encantadora, acentuando a escultura delicada e de tirar o fôlego de seu rosto e fazendo seus olhos, agora escuros como a ametista brilhando com lágrimas, parecerem maiores. Ela era mais feiticeira do que nunca, e ele se enfureceu contra o feitiço que o segurava como uma corrente de aço.

Com um grunhido baixo de raiva, ele girou para fora da cadeira e encontrou sua faca. Cortando as amarras em seus tornozelos com um único movimento,

ele a jogou no chão e a violou. Odiando, doendo, até que tudo que ela podia sentir era seu ódio, permeando sua alma. Não havia nada que ele não fizesse com ela. E o momento chegou finalmente quando ela não sentiu nada; então, uma hora em que ele finalmente a deixou e caiu no sono exausto e bêbado, murmurando incoerentemente. Mais uma vez ela sentiu sua mão desajeitadamente bagunçando seu cabelo.

— Cordeira macia... prostituta mole.

Depois do amanhecer, ela também dormiu com exaustão até que ele quase sacudiu seu ombro. Era noite de novo e sua voz estava arrastada, o cheiro de conhaque pesava em sua respiração.

— Levante-se. Hora de se vestir. —Ele cortou os laços e empurrou-a para uma posição sentada. Sua mandíbula estava escura com a barba áspera, ele tinha tirado sua roupa manchada, a camisa rasgada desabotoada e solta. O olhar em seus olhos perfurou sua lassitude.

— Sean?

— Cale-se. —Ele arrastou os farrapos de sua camisola sobre sua cabeça e os braços, tirando uma tira no processo, depois pintou de vermelho seu rosto. Puxando-a atrás dele, ele arrastou-a para baixo e entrou no refeitório. Os cinco homens, vagorosamente em marcha lenta, viraram-se para encarar a instável aparição de seu líder e da garota pintada de modo berrante, que começou a lutar freneticamente com o surgimento da compreensão.

— Eu tenho uma garota nova para vocês, rapazes. Quem será o primeiro a montar a prostituta inglesa?

Mais do que um deles havia olhado a menina disfarçadamente no passado, mas nenhum avançou.

Quase desequilibrado pelas lutas de sua amante, Sean se balançava de pé.

— Bem? —ele gritou. — Vocês estavam quentes o suficiente pela puta uma vez! Ela não os excita mais?

Ele empurrou-a na frente dele e, colocando o antebraço sob o queixo, arrastou a cabeça para cima.

— Eu garanto que ela não é muito para se olhar agora, mas sempre se pode fechar os olhos, hein? —Ele correu a mão livre pelo corpo dela enquanto ela se contorcia. — Suave e doce como creme... —Sua voz caiu para um sussurro confidencial. — Mas nunca olhe nos olhos dela. Ela é uma bruxa.

Os homens se agitaram inquietos, atraídos pela mão errante. Sean riu desarticulado.

— Vocês não acreditam em mim, não é? Não, rapazes. Ela é de vocês. Eu não a quero mais. Vou provar isso. —Ele empurrou os farrapos de roupa até sua cintura e ela congelou quando ele acariciou seus seios. — Lindos, não são?

—A luxúria desencadeada no quarto era quase tangível enquanto ele os provocava, empurrando o roupão de seus quadris; caiu no chão. Um homem nas sombras recuperou o fôlego e outro lambeu os lábios. Com um sorriso torto, Sean a empurrou na direção deles e, antes de se virar para sair, três deles já a arrastavam para o chão.

Depois de selar o primeiro cavalo que encontrou no estábulo, atirou-se sobre suas costas nuas, depois chutou implacavelmente a um galope, afastando-se do que estava acontecendo na casa, do olhar de Kit quando ele a entregou a eles. Como se fosse demente, ele corria próximo aos muros que mal podia ver e sem pensar no chão traiçoeiro que terminava nos riachos, provocando o cavalo que espumava pelo esforço até que tropeçou e o atirou longe. Ele deitou-se onde caiu por um tempo, depois ficou de pé, cambaleando enquanto a lua mergulhava em sua cabeça, e deu outro passo para a escuridão sem fim.

O sol estava agradavelmente quente em seu rosto quando ele acordou. Ele ficou quieto, ouvindo o zumbido baixo das abelhas e o leve farfalhar das flores do campo. Levantando a cabeça, ele estremeceu. Suas têmporas golpeavam com uma dor familiar e sua boca tinha gosto de brandy envelhecido. Ele se sentou e esfregou a cabeça, lembrando-se do antídoto sujo de Catherine. Então, lembrou-se de tudo. O sonho despedaçado. E o que ele fez com ela, até o último momento. Dois homens a seguravam enquanto um terceiro rasgava sua calcinha. E os outros, esperando. Todos eles a usariam repetidamente. Eles poderiam até matá-la. Ele se levantou e gritou para o cavalo, mas ele se fora. Ele começou a correr — correu até que seu peito era uma barra dolorida e quente, e a bÍlis se levantou, e suas pernas se recusaram a obedecer, depois diminuiu para um tropeção sem esperança. O que quer que eles fizeram, estava feito.

O refeitório estava vazio. Apenas garrafas e copos sujos permaneciam; garrafas, copos e um robe encharcado de sangue amassado e jogado em um canto. Suavemente, Sean fechou a porta e entrou no escritório. Ele pegou uma pistola de duelo da coleção de armas e, por hábito, poliu o cano com uma manga. Perfeitamente equilibrado e sem ornamentação, era a melhor de Brendan.

— Você não vai precisar disso. A moça está segura, — Peg falou atrás dele, tendo entrado sem bater.

— Onde? —Ele não se virou.

— Em sua cela. Eu vi você trazê-la para baixo e mandei Rafferty pegar uma arma antes de sair do terraço.

Ele olhou para ela então.

— Sua camisola estava coberta de sangue...

— Tim O'Rourke tentou convencer os outros a estuprá-la e alguns deles estavam desconfiados do que poderia acontecer quando você estivesse sóbrio. Aquele Callahan, no entanto, estava pronto para assumir o risco. Ele tentou colocar uma bala em Tim, quando o moço o empurrou para longe dela. Tim estava desarmado e Rafferty teve que atirar em Callahan. Alguém pegou a camisola e tentou parar a hemorragia, mas ele morreu em minutos.

— Você gostava dela, não é?

A boca da irlandesa se apertou.

— Eu não fiz isso por ela. Eu sabia o estado em que você estaria quando recuperasse os seus sentidos.

Sean caiu em uma cadeira e olhou para o tapete.

— Eu não posso matá-la e não suporto a ideia de mais alguém fazer isso. Ela é uma farpa em minhas tripas que não será cortada.

— Então pare de tentar. Você não vai curar sua mágoa com prostitutas e bebidas. Vai levar tempo. — Gentilmente ela tirou a pistola dos seus dedos sem resistência. — A maior parte da culpa disso é minha. Eu pensei que aquela garota poderia aliviar a mágoa infecciosa dentro de você, mas ao invés disso ela só piorou. Eu gostaria de pegar essa pistola e colocar uma bola no crânio dela, mas não ajudaria. — Ela tocou o ombro dele. — Você já pensou sobre o que fazer com ela?

Ele esfregou a cabeça, tentando limpá-lo.

— Os ingleses virão revistar a casa em busca de rebeldes e armas... Transferira a prostituta para a cela do porão. Ela pode apodrecer ali, — acrescentou amargamente. — A vingança pode ter sido doce, mas eu serei amaldiçoado se ela apreciar o sabor. — Ele se arrastou para fora da cadeira. — Mande tudo quanto for arte portátil para a adega. Os ingleses vão roubar o vinho, mas duvido que eles quebrem as prateleiras. — Ele foi até a pintura atrás da mesa e abriu o compartimento da parede secreta que o escondia. Ele retirou bolsas de ouro e joias, depois as deixou sobre a mesa. — Enterre-os esta noite com os artefatos celtas nas ruínas. Faça Tim levar o melhor estoque para as montanhas. — Ele fechou o compartimento e se virou. — Quantos servos sobraram para ajudá-lo?

— Um punhado. O resto roubou alguns barcos de pesca e colocou-os no mar antes de você voltar de Wexford. A maioria dos homens que voltaram com você os seguiu na noite passada. Tim também se foi. Disse que já estava farto. Sinto muito, rapaz, mas é isso.

— Isso estava prestes a acontecer. — Com a aparente ociosidade, ele brincou com um broche de uma bolsa solta. — Liam disse que nossa mãe tomou amantes na ausência de Brendan. Ele mencionou um tenente inglês em

particular...

Ele olhou para cima e o coração de Peg doeu por ele.

— Eu não sei de nada, rapaz, e essa é a verdade de Deus. Eu era a serva pessoal de Megan. Se eu não sei de nada disso, então Liam não pode saber também. Ela era selvagem. Eu não gostava e desconfiava dela. Mas, do meu conhecimento, ela era uma esposa fiel.

Ele colocou o broche no saco e amarrou as cordas.

— Então vamos continuar com isso.

Catherine inspecionou as paredes de pedra, agora tão familiares quanto suas próprias mãos. O tédio do confinamento era incrível, a falta de uma janela para distinguir a diferença entre a noite e o dia... que mais? Ela calculou duas semanas contando as refeições estéreis. Seu apetite estava longe de ser estimulado pelo inevitável peixe, agrião e dieta de batata. Ela se sentou em um catre; as correias e as laterais do catre haviam sido removidas junto com qualquer coisa que pudesse permitir o suicídio, mas deixavam um banquinho, um balde de lixo e uma vela. A vontade de queimar o catre e morrer por asfixia era possível, mas sua religião proibia essa liberação, embora Deus parecesse não ter ouvido suas orações e nenhum apelo humano fosse possível. Ela não via Sean desde a terrível noite em que ele a jogara para os lobos humanos. Ela ainda acordava com suores frios, lembrando-se de tê-la empurrado para suportar o obsceno homem que a apalpava antes dele cair de repente em cima dela, o sangue jorrando.

Havia outro fato ainda mais terrível de se contemplar. Ela estava grávida.

A porta da cela rangeu e uma criada com um xale em volta da cabeça trouxe a ração, colocou-a no chão e endireitou-se na penumbra.

— Fiona!

A garota irlandesa sorriu friamente.

— Eu vou estar cuidando de suas necessidades a partir de agora, mas principalmente de Sean. — Seu sorriso cresceu triunfante. — Ele está bem doente com o ódio que sente por você, mas eu o estou fazendo esquecer. Toda vez que ele faz amor comigo ele esquece. Passamos o dia na cama. Logo ele vai esquecer que você está viva. Ele nem vai notar quando você não estiver mais viva, estou pensando que talvez eu deixe você morrer um pouco de cada vez, talvez por anos.

Quando Catherine finalmente pegou sua comida, encontrou apenas metade da ração usual e o peixe, embora não estivesse realmente estragado, tinha um odor tão desagradável que ela o deixou. No dia seguinte foi o mesmo, mas as rações foram reduzidas à metade e a vela não foi substituída. O escuro se fechou

como um cobertor.

Apertando os olhos contra a luz do sol do fim da tarde que brilhava ofuscante na água, Sean terminou de enrolar a vela principal de Megan e cambaleou no bote. Fiona passou os braços pelo peito dele e se apoiou nas suas costas nuas.

— Foi glorioso hoje, como nos velhos tempos navegamos e fizemos amor no convés por horas. — Ela riu e correu as mãos pela barriga dele. — Lembrar me deixa quente de novo.

Ele aliviou a mão dela.

— Temos toda a noite, menina e nada mais para fazer.

Ela mordeu sua orelha antes de liberá-lo para recuperar sua cesta de almoço.

— Sim. Longas e doces horas. Apenas nós. É tão bom para você como é para mim. Eu soube com certeza esta tarde. Você pode esquecer. Foi o meu nome que você gritou. — Silenciosamente, ele estendeu a mão para ajudá-la no bote. Ela pegou os dedos dele e os beijou, os olhos âmbar brilhando.

— Eu quero meu filho.

— Está certo, Sean; eu sei que quer. Meu amor é mais do que eu posso segurar por dentro. — Ele a puxou para perto e carinhosamente a beijou, depois a sentou no barco.

Enquanto remava para terra, o irlandês olhou para baixo, para a água azul iluminada pelo sol que se aprofundou até as sombras. Esquecer? Como ele poderia, a cada momento, lembrava-se dela, o fantasma em seu ombro? Forçando-se a gritar o nome de outra mulher para não gemer o dela com um desejo que o rasgava em pedaços. Ele não tinha visto Kit em três meses, mas ela o assombrava, como uma harpia gentil. Fiona merecia casamento e filhos. Ela estava madura para isso e para um homem fiel ao seu corpo e sua mente. Sua frequência de fazer amor tornou inevitável a criança. Ele havia sido acusado de ter criado mais de um bastardo, mas como os resultados eram de relacionamentos casuais com mulheres que recebiam mais de um amante, ele não sentia nenhuma obrigação. Fiona era diferente. Ele tinha que tomar uma decisão; isso significava que tinha que ver Catherine.

Sean destrancou a cela, depois murmurou uma maldição assustada e abafada ao ver que a minúscula sala continha a escuridão e o fedor de um túmulo.

— Catherine?... Maldita seja, responda-me! Onde você está? — Sua resposta foi um arrastar de rato em um canto distante. Com um calafrio no estômago, ele não fez mais perguntas, mas pegou a vela que trouxera, entrou na cela e a

ergueu. No canto, agachada contra a parede, uma pequena aparição recuou da luz. Quando ele se aproximou, atordoado pela aparência de Catherine, ela se afastou, tremendo incontrolavelmente.

— Kit? —Ele tocou o ombro dela, e com os olhos arregalados, ela se afastou como se ele tivesse marcado sua carne com a vela. Fraca demais para fazer mais do que engatinhar alguns metros em um esforço para escapar, sua prisioneira se aconchegou como um coelho preso na busca de luz.

Depois de plantar a vela em um nicho de parede, Sean a puxou para cima. Ela bateu nele fracamente.

— Não! Não! Não! Não machuque meu — Ela parou abruptamente como se tivesse revelado um segredo terrível, e ele pensou que sua mente tinha ido embora. — Deixe-me ir, — ela choramingou contra seu peito, — por favor...

— Eu não vou te machucar... cale-se. —Sem pensar, ele acariciou o cabelo dela e segurou-a perto. Atingido pelo terror, ela era pele e osso sob a camisola disforme. O rosto pequeno havia perdido sua beleza. Apenas os olhos eram reconhecíveis, mas eles estavam negros de medo, sua brilhante glória arruinada.

— Shh, pequenina. Fique quieta. Está tudo bem. Eu não vim machucar você.

Lentamente, seu tremor diminuiu e ele a ouviu sussurrar: — Por favor... a vela. Eu não estou acostumada a isso.

Ele bloqueou a luz com o ombro.

— Por que não, Kit? Você está morando no escuro? —Ela ficou em silêncio. — Onde está sua vela? —Ele a cutucou gentilmente.

— Você... disse a ela para levar embora. —Ela parecia vaga e triste, como uma criança aturdida. Ela caiu em seus braços e ele a pegou. Se antes pesava menos que cem libras, agora ela não poderia estar pesado mais de três quartos disso. Ela apertou algo contra o peito. Depois que ele a colocou no catre, ele tentou tirá-la dos dedos dela. Com tenacidade surpreendente, ela resistiu e por enquanto ele a deixou, continuando a acariciar seus cabelos. Ela estava inconsciente quando ele falou com ela novamente. Ele soltou o objeto e soltou a vela para ver pedaços de palha amarrados com a linha tirando de sua roupa com a forma de uma cruz. Com a fúria subindo nele como uma inundação de maré, ele a pegou em seus braços. Enquanto ele a levava para fora da cela, ele viu no chão do que ela havia sido alimentada.

Fiona navegou para o quarto com saias rodopiantes e uma risada provocante.

— Temos o melhor de um par de coelhos frescos para o jantar e um champanhe que o Boney pode pagar. Quando é que Peg pode trazer antes ou

depois...? —As palavras morreram em seus lábios quando ela viu a garota na cama. E olhos verdes que a olharam com repulsa. — Sean, eu...

— Não se preocupe. A menos que você queira tomar o lugar dela, vá embora agora. —As palavras saíram como pedaços separados de gelo.

— Sean, eu fiz isso por nós. Ela é uma bruxa, enviada para destruir você. Ela é má. —Fiona veio em sua direção, implorando, olhos dourados à luz do entardecer.

— Você queria que ela morresse de fome como um cachorro, — ele rosnou. — Você fez daquela cela um caixão, e Deus sabe o que mais.

— Foi você quem a colocou lá! —ela se inflamou em raiva defensiva. — Você disse que ela poderia apodrecer! Eu sei. Peg me disse! —Ela chegou perto. — Eu nunca toquei na puta porque me proibiu. Eu só fiz um pouco mais do que você queria. Eu a deixaria apodrecer! Só que eu não tinha a paciência de esperar anos. A bruxa poderia morrer rápido o suficiente! —Sua voz subiu em histeria e suas mãos se estenderam como garras em direção ao sua rival.

Com um golpe que a mandou para o chão, Sean gritou: — Porque há verdade no que você diz, eu não vou te matar. Mas se eu ver seu rosto novamente, vou colocar uma bala no seu coração assassino.

Ela ficou de joelhos e se arrastou para ele.

— Sean, você é minha vida! Eu prefiro passar meus dias naquele porão do que ser afastada de você.

Ele pegou as chaves da cela da mesa de cabeceira e jogou na cara dela.

— Certifique-se de trancar a porta.

Segurando o corte em sua bochecha, Fiona gritou: — Ela o enfeitiçou! Você não é mais um Celta! Bastardo traidor! —Tropeçando em seus pés, ela fugiu.

Os cílios cintilavam nas bochechas pálidas enquanto Catherine tateava fracamente pelos cobertores; então o que ela procurava estava enfiado na mão dela. Seus olhos se abriram. Como uma criança acordada de um pesadelo, ela olhou para o homem sentado na beira da cama.

— Estou morrendo? —ela perguntou suavemente. Ele balançou sua cabeça. — Então... por que você veio a mim?

— Eu senti seu fedor da escada, — Culhane brincou gentilmente. — Você estava com muita necessidade de um banho, moça.

Inesperadamente, ela ficou tensa.

— Não... eu não quero...

— Calma. Peg já te banhou. Você não notou uma mudança em seu perfume? —Ela o olhou furtivamente e novamente ele se perguntou se o confinamento havia afetado sua mente. — Você também está precisando

engordar. —Ele levantou uma colherada de creme de um copo na mesa lateral e colocou-o tentadoramente perto de sua boca.

Seus narinas estremeceram, mas ela balançou a cabeça.

— Eu só ficaria doente.

Culhane devolveu a colher ao copo.

— Você esteve doente por muito tempo?

— Algumas semanas.

— Você tem que comer, garota, ou estará mais doente ainda.

Seus olhos eram piscina sem fundo.

— Quando eu estiver bem... você vai me mandar de volta para aquele lugar?

— Não, moça. Não mais.

Algo em seus olhos a fez colocar a cruz na mão e fechar os dedos antes que dormisse.

Depois disso, Catherine comeu obedientemente e ficou nauseada depois de cada esforço, até que Peg preparou uma mistura que lhe permitia manter a comida no estômago. Em contraste com a passividade, ela insistiu em tomar banho, recusando-se a deixar que alguém tocasse ou visse seu corpo. Assumindo que era sua modéstia ao abuso sexual, Sean não forçou o assunto.

Depois de um mês, ela parecia menos com um pequeno esqueleto e era capaz de andar por períodos limitados no terraço. Sean foi gentil com ela, mas mais friamente educado quando ela recuperou a saúde. Finalmente, ela ficou inquieta e perguntou se poderia andar no gramado. Ele a estudou em silêncio, depois falou.

— Você está quase bem de novo. Você terá que ficar confinada.

Ela empalideceu, depois disse baixinho: — Entendo. Onde será a minha sela desta vez? —A cabeça pequena e recortada estava alta e os olhos dela seguravam-no com firmeza, mas a boca estava vulnerável.

— Um quarto foi preparado no último andar. É simples, mas habitável. Há uma vista do mar.

Seus olhos escureceram.

— Através das grades?

— Sim, — ele disse com firmeza.

— Eu nunca deixarei a cela?

— Será permitido em ocasiões especiais.

Ela sorriu ironicamente.

— Casamentos e funerais.

— O que você esperava, — ele rosnou de repente, — um bobo da corte pessoal? Você escolheu isso!

— Eu nunca ri de você, — ela respondeu suavemente, e se levantou,

juntando o xale de urze, tremendo levemente contra a brisa tardia. — Estou com um pouco de frio. Podemos entrar agora?

Quando ele se afastou da balaustrada, ela o olhou.

— Devo te ver nessas ocasiões especiais?

— Sim.

Ela deu-lhe o braço.

CAPÍTULO 17

O GRITO DE BANSHEE

Enquanto a brisa agitava seus cabelos curtos, Catherine encostou a bochecha contra as barras para sentir os raios finais do aquecimento de um pôr do sol brilhante. Os cabelos desgrenhados a fazia parecer um menino magro, mas não havia ninguém para vê-la como mulher, exceto a guarda taciturna e de rosto duro que lhe trazia comida. O quarto mobiliado de forma simples era iluminado e arejado, com uma estante de livros. Ainda assim, era uma prisão e, nos dias ensolarados, ela queria bater as asas contra as grades. Sua tensão aumentava com o avanço da gravidez, embora a curva inchada de seu estômago ainda não estivesse aparente sob seus vestidos de cintura alta. Quase seis meses de gravidez, a preocupava porque a criança estava pequena. Ainda assim, ela não conseguia dizer a Sean, ciente de que sua condição pareceria uma zombaria para ele.

A chave girou na fechadura e seu coração se revirou quando Culhane entrou na sala. Para esconder o desejo transparente em seus olhos, ela rapidamente se virou para fechar a janela.

Sean observou-a cambalear desajeitadamente, numa tentativa de capturar a estrutura oscilante, e afastando-a para o lado, fechou a janela e depois virou-se para olhá-lo. Ao pôr do sol, seu rosto pareceu brilhar como uma rosa ardente e o desejo passou por ele como um vento quente. Ele se afastou e começou a andar pela sala, lembrando-a de um gato da selva desconfiado de uma armadilha.

— Estou esperando hóspedes por uma quinzena. Pensei que você gostaria de se juntar ao grupo de uma forma limitada, é claro.

— Quando eles vão chegar?

— Amanhã. No jantar, você pode se juntar a nós como sobrinha inválida de Flynn. Ele estará presente, portanto, com sua habilidade de enganar, o baile de máscaras não deve ser difícil. Você retornará ao seu quarto no momento apropriado à noite. E se mantenha em seu quarto durante o dia.

— Muito bem, farei o que você pedir.

— Você vai fazer o que eu digo, senhora, ou eu vou prendê-la até o próximo Natal! — Batendo a porta atrás dele, ele deixou sua prisioneira a se perguntar o que tinha feito para antagonizá-lo.

Para encontrar os convidados, Catherine vestiu uma seda canela; mas ela ainda estava magra demais para fazer justiça ao vestido de mangas compridas, e toques de rouge adicionavam pouca cor às maçãs do rosto contra a pele. Eu pareço uma inválida definhando, ela pensou enquanto inspecionava sua imagem no espelho. Agora que ela esperava ver as pessoas novamente, a possibilidade de que Sean pudesse achar sua aparência embaraçosa e bani-la ao andar de cima parecia insuportável. Com ânsia, ela esperava que eles gostassem dela.

Quando Catherine entrou na sala de jantar e a porta se fechou discretamente, todos os homens se levantaram imediatamente. Como pinguins multicoloridos flutuando sobre um iceberg à luz de velas, ela pensou um pouco descontroladamente. Em nenhum lugar a admiração masculina à qual ela se acostumara. As mulheres sentadas em sua brilhante plumagem claramente a rejeitaram como um pássaro desleixado apesar de seu vestido caro.

— Eu... desculpe-me por estar atrasada. — Incerta, ela procurou os olhos de Sean, mas eles estavam inexpressivos quando ele veio pegar seu braço e fez apresentações antes de sentá-la ao lado do Doutor Flynn. O médico não olhou para ela depois de seu olhar inicial, assustado. Querido Deus, ela pensou em crescente desânimo. Eu devo parecer terrível!

A conversa geral foi retomada quando Rafferty e Peg serviram o jantar. Depois de conversar com seu vizinho, Milton O'Keane, um membro idoso e magro do Parlamento irlandês, e começar uma segunda taça de vinho, Catherine teve a coragem de espiar os comensais do jantar: três homens e duas mulheres. George Ennery, um homem corpulento e de aparência poderosa, dizia: — Ficamos todos tristes ao saber da morte de Lockland Fitzhugh, Sean. Ele será insubstituível. As mortes na revolta devem tê-lo quebrado.

— Ele ficou doente por vários anos, — disse Sean em voz baixa, — e ele havia sofrido muitas derrotas.

A convidada à sua direita, uma patriciã espetacularmente bela em seus trinta anos, com um belo cabelo ruivo que lembrava desconfortavelmente a Catherine a moça Fiona, colocou uma mão empertigada em seu braço.

— Você amava Lockland; todos nós o amávamos. Talvez seja melhor que ele não esteja aqui para testemunhar as últimas humilhações da Irlanda.

— Ellen está certa, — disse Kevin Tralee, o loiro bigodudo ao lado dela. — O vice-rei Camden foi totalmente ineficaz em conter a brutalidade. Lake enforcou rebeldes em dezenas de pontos, até mesmo massacrou nossos feridos em suas camas de hospital. Não há família em Wexford e Ulster que não tenha um homem morto ou preso. A repressão é terrível.

O parceiro de jantar de Catherine disse em voz baixa: — Ouvi dizer que todos os sobreviventes da expedição francesa de Killala foram capturados.

Sourly, Ennery olhou para o seu vinho.

— Depois de uma vitória insignificante em Castlebar, que eles festejaram em uma quinzena de folia, foram cercados. Os outros navios de guerra nem sequer atracaram.

Catherine sentiu uma violenta onda de náusea. Amauri, todos aqueles franceses charmosos. Ela nem sequer gostara do general Fournel.

— Canning substituiu Camden na cadeira do vice-rei e parece estar juntando alguma aparência de ordem, — disse Ennery. — Lake foi chamado de volta; seus excessos conseguiram chocar até mesmo o Parlamento inglês.

O'Keane sacudiu a cabeça.

— Infelizmente, nosso próprio Parlamento pode ser dissolvido. Pitt está pressionando o sindicato.

O doutor Flynn franziu a testa.

— Você quer dizer que podemos perder nossa nacionalidade?

— Temo que sim. Há uma grande resistência à ideia, é claro, particularmente em nosso Parlamento, mas Pitt é conhecido por seu suborno persuasivo. Muitos já venderam seu direito de primogenitura por mingau.

A mulher de cabelos negros ao lado de Ennery se inclinou para frente.

— Mesmo assim, talvez o futuro não seja totalmente negro. Pitt propõe que a união promoverá nosso desenvolvimento econômico. Alguns dizem que ele espera fazer concessões às facções católicas sem incomodar o rei.

— Nojento, — Tralee soprou. — Pitt pode significar bem, mas ele é um inocente provinciano. A Inglaterra vai explorar um sindicato para nos sangrar.

Catherine estava pálida.

Eu não devo ficar doente, ela pensou. Não devo...

A mulher chamada Ellen tocou na manga de Sean.

— Você encontrou algumas perdas pessoais, não é mesmo, querido? Percebi a falta de mobília. Espero que as tropas não tenham confiscado a coleção celta de seu pai?

Querido?

Os seios magníficos da ruiva pareciam brilhar como o ventre de um peixe morto, e de repente Catherine vomitou.

Flynn segurou os ombros dela e segurou sua cabeça para baixo, para que os convidados fossem poupados da visão de sua doença. Quando ela não conseguiu mais expelir, ela colou um guardanapo nos lábios, as bochechas flamejantes de humilhação, e empurrou a cadeira para trás em pânico embaraçoso.

— Por favor, desculpe-me. Eu não estou me sentindo bem. —Ela se levantou e tropeçou na cadeira.

Flynn levantou-se e firmou-a.

— Muito bem, minha querida. Senhoras, senhores, se nos desculparem, vou levar minha sobrinha ao quarto dela. —Com gratidão, ela se inclinou contra ele enquanto a ajudava a escapar dos olhares e dos olhos brilhantes de Sean, que se suavizaram quando se virou para sua acompanhante impressionante.

— Obrigado, doutor, — Catherine murmurou quando Flynn levantou seus pés sobre a cama e apoiou um travesseiro sob sua cabeça, depois deu-lhe um gole de água. Ela tomou um gole e se deitou aliviada.

Ele a estudou.

— Isso acontece com frequência?

— Não muito ultimamente. Peg fez um remédio herbal para mim. Isso ajuda. —Ela hesitou. — Esta noite foi... uma ocasião incomum.

— Ainda assim, gostaria de examinar você.

— Isso não será necessário; estou bem agora. Mas há algo que eu gostaria de perguntar a você. —Ela olhou para ele. — Aquela mulher, Ellen. O que ela é para Sean?

Flynn se sentiu desconfortável, mas percebeu que ela logo saberia.

— Eles são velhos amigos. Fitzhugh os apresentou. Eles tiveram um caso, que esfriou enquanto Sean estava na escola em Paris, mas eles permaneceram amigos íntimos depois que Ellen se casou com Lorde Frane Duneden. Viúva, ela se retirou a sua vila na Itália. A rebelião eclodiu, ela voltou para casa. Ellen é uma mulher notável e uma grande patriota. —A reprovação em sua última observação foi gentil.

— Eu entendo, — disse Catherine calmamente. — Obrigada por me dizer. —Ela tocou a mão dele. — Eu sei o que você deve pensar. Eu te usei muito e sinto muito. Acredite, eu não escolhi te enganar.

Ele inclinou a cabeça.

— Para uma jovem que ajudou a trazer o mundo da Irlanda para baixo soprando aos ouvidos de seus inimigos, você parece singularmente pouco inclinada a regozijar-se; mas isso dificilmente seria prudente sob as circunstâncias, seria? —Sua mão caiu. — Boa noite. Tente descansar. Sugiro que você se abstenha de beber vinho até que essas crises de náusea acabem.

Seus olhos se fecharam quando ele saiu.

— Sim, doutor. Obrigada.

Depois que os outros convidados se retiraram, Sean, Ellen e Flynn se demoraram no Salão das Rosas. Quando o jovem casal começou a olhar para

Flynn com impaciência educada, ele jogou o charuto no fogo.

— Sean, eu me pergunto se poderia ter uma palavra com você no escritório. É urgente, eu acredito, que não interromperei sua noite. Sinto muito, Ellen, eu lhe garanto que não vamos demorar muito.

Graciosamente descansando em seu vestido de seda de topázio no divã, ela assentiu preguiçosamente, as pálpebras lânguidas sobre os olhos castanhos.

— Oh, sim, você não vai, Michael, mas tem minha permissão. Sean e eu temos toda a quinzena para lembrar. — Ela sorriu maliciosamente para Sean. — Sirva-me outro conhaque antes de ir, querido, faz maravilhas pela minha memória.

Depois de deixar Ellen com seu conhaque, Sean escolheu um charuto de um humidificador no escritório. Girando lentamente, ele acendeu e olhou para Flynn sem expressão.

— Bem, doutor?

— Eu quero examinar Catherine. Eu não gosto da cor dela. Seis meses atrás ela era uma jovem radiante; agora ela é uma sombra.

Sean soltou uma nuvem controlada de fumaça.

— Eu a confinei sob os cuidados de Fiona. Minha ex-amante se tornou um pouco negligente.

O temperamento do médico explodiu.

— Pelo amor de Deus, homem, o que você esperava? Você é completamente incivilizado? Por que não atirar na menina miserável de forma limpa?

Sean ironicamente levantou uma sobrancelha escura.

— Você também? Todos querem que ela seja executada: Peg, Fiona. Até a própria Catherine. Você vai fazer isso, doutor?

Flynn parecia exasperado.

— Claro que não!

— Então o que você sugere? Enviá-la de volta para a Inglaterra com uma argola de metal? — Os lábios de Sean se apertaram. — Ela é responsável pelo massacre, Flynn. Ela deve pagar aos mortos com sua vida.

— Mas você não pode matá-la, pode? Se ela morrer naturalmente, seria um alívio, não seria?

Sean interrompeu-o abruptamente.

— Se você pode persuadi-la a se submeter a um exame, não tenho objeção. Catherine estava doente, mas ela está recuperada. Ela estava extremamente nervosa esta noite; sem dúvida a conversa perturbou sua digestão. — Ele caminhou até a porta e intencionalmente a abriu. Quando Flynn começou a sair,

Sean disse secamente: — Não tente jogar com minha simpatia como fez no passado. Apesar de toda a sua aparência de prazer, Lady Culhane é uma cadela fria e intrigante. Ela admitiu tudo.

Flynn olhou para ele pensativo.

— Eu achei que ela tinha, mas então... ela é a enganadora, não é?

A perspectiva de ver Sean com sua ex-amante era desanimadora, mas Catherine conseguiu um comportamento calmo, se não animado, na noite seguinte. Evitando cuidadosamente os alimentos e vinhos mais fortes, ela se contentou com sopa e creme. À medida que o grupo se tornava cada vez mais animado pelo champanhe, ela tomava uma pequena parte, ciente da intimidade cintilante e provocante de Ellen Duneden com seu antigo amante.

Flynn, vendo os olhos escuros de Catherine, tentou distraí-la com divertidas anedotas sobre seus pacientes. Logo, todos estavam ouvindo, mas ele podia dizer que sua acompanhante de jantar mal ouviu uma palavra. Um vestido de damasco animava sua tez e mostrava seus brilhantes olhos; evidentemente, ela havia escolhido com cuidado. Ela estava quase bonita novamente e os homens lhe prestaram mais atenção, mas ela foi facilmente eclipsada por Lady Duneden em esmeraldas e seda creme, à sombra de sua pele impecável. Ela era espirituosa e encantadora, com um calor casual que deixava claro por que ela permanecia invariavelmente amiga de seu amante. Ellen Duneden era uma mulher de um homem inteligente e sem nitidez; sem insipidez; totalmente feminina. Em outras circunstâncias, Catherine teria sido atraída por ela; em vez disso, ela estava cheia de ciúmes.

Depois do jantar, eles se retiraram para o salão de baile, onde Lady Duneden sentou-se com um floreio no piano. Ela começou a brincar, com os braços e ombros brancos dourados sob o candelabro, a voz de contralto. Enquanto as vozes ressoavam nas baladas irlandesas melódicas, Catherine sentia-se absoluta e irrevogavelmente sozinha. A música lembrou-lhe miseravelmente de sua única valsa com Sean na véspera da rebelião. Seu coração morreu naquela noite. Por quê... como poderia ainda sentir tanta dor?

De repente, ela percebeu que eles estavam olhando para ela e Flynn estava falando.

— Eu disse, você vai tocar para nós, minha querida? — Enquanto ele a persuadia, Ellen recuou encorajadoramente do piano. Incerta, Catherine olhou para o rosto impassível de Sean, mas a timidez desapareceu quando ela tocou as teclas. Ela deixou a dor em seu coração fluir com a música que ela tinha cantado na escuridão da prisão, nunca acreditando que iria ouvir de novo. Com a estranha sensibilidade de um cego, ela convocou uma beleza suave e clara que

encantou, enchendo as sombras de luz. Ela os cativou apenas com música, pura e sem esforço; e com paixão crescente, ela expressou seu amor por Sean, por seu filho não nascido: a alegria do amor e a dor intolerável da perda. Finalmente ela ainda estava atordoada de dor, incapaz de se mover.

Lady Duneden inclinou-se sobre o piano e disse em voz baixa: — Srta. Flynn, você canta como um anjo. Você daria uma música para nós em memória daqueles perdidos nesses meses terríveis?

Lentamente, Catherine olhou para cima.

— Perdoe-me. Estou um pouco cansada agora. Talvez você...

Lindos olhos castanhos capturaram os dela.

— Não eu, Srta. Flynn. Eu nunca consegui igualar a beleza que você expressa.

— Obrigue-se, senhorita Flynn. É apropriado. — Havia aço sob a polidez aveludada de Sean.

Pálida, ela obedeceu. A balada, — Cucullen, — era muito antiga, uma canção de saga gaélica que Sean lhe ensinara num mar vítreo sob as estrelas. Sob seu toque e voz, tornou-se um lamento de luto, um grito agudo ao longo dos anos evocando a beleza solitária e assombrosa da terra enevoadada e as tristezas de seu povo. Terminou com:

Suave seja teu descanso, na tua caverna, Chefe de Erin, da guerra.

Bragcla não esperará teu retorno, Ou veja suas velas na espuma do oceano; Seus passos não estão na praia, nem O ouvido dela aberto à voz dos teus remadores.

Ela senta no salão de conchas e vê Os braços dele que não são mais.

Quando as últimas notas morreram, o ódio de Culhane era como uma coisa viva, serpenteando pela garganta da garota inglesa. Em sua mente, ela zombava deles. Ela torcera os restos de sua alma em nós com a postura de uma bruxa, zombava de todos eles com uma imitação sinistra, como se a ruína da Irlanda tivesse quebrado seu coração.

A melancolia dispersou o grupo rapidamente; O doutor Flynn e Catherine estavam entre os últimos a sair. Quando o médico se virou para fechar as grandes portas duplas, Sean deliberadamente puxou Ellen a seus braços e beijou-a demoradamente, sabendo que um pequeno rosto observava atrás do ombro de Flynn.

— Sean! — Ellen empurrou sua bochecha quando a porta se fechou. — Realmente, você é impaciente! — ela murmurou em leve reprovação. — Você não acha que deveria ter esperado até que estivéssemos sozinhos?

Ele sorriu preguiçosamente.

— Preocupada com sua reputação?

Ela riu.

— Você sabe que não. Eu joguei minha reputação na sopa há muito tempo; tinha um sabor maravilhoso. Mas aquela pequena sobrinha de Flynn parecia como se nunca tivesse visto um homem beijar uma mulher antes. O céu sabe, a garota não é bonita, mas certamente ela não pode ser completamente inocente. — Ela brincou com a gravata dele. — Ainda assim, se sua pequena vizinha fosse tão adorável quanto sua música, eu ficaria com ciúmes. — Ela jogou a cabeça para trás, o cabelo ruivo brilhando ao pegar a luz. — Você não desenvolveu um gosto por vagabundas e abandonadas, querido?

Sean apertou-a e, beijando o arco de sua garganta, murmurou: — Prefere a água da vala ao champanhe? O que você acha? — Seus lábios queimaram a curva de seu seio enquanto ele soltava seu corpete. Quando ele a tomou, a música de Catherine ainda permanecia em sua mente até que um ritmo selvagem tomou o seu lugar.

Catherine foi despertada da cama por uma convocação para aparecer no escritório. Sua noite tinha sido insone e ela se vestiu atordoada enquanto o guarda esperava do lado de fora da porta. Deu um rápido passar de mãos pelo cabelo curto. Com um brilho avermelhado à luz da manhã reveladora, ela beliscou suas bochechas pálidas em busca de cor, decidindo sombriamente que ela parecia tão triste quanto se sentia e pouco poderia melhorar esse fato. Sonolenta, ela seguiu o guarda no andar de baixo.

Sean olhou para cima quando ela entrou no escritório. Na simples musselina branca, ela parecia particularmente feminina na sala masculina, com seus artigos verdes escuros e mogno. Até mesmo a silhueta suavemente e ondulada a fazia parecer mais frágil. Ela olhou para ele com a gravidade sonolenta de uma criança, os olhos azuis escuros sob os cílios pesados.

Ele sentou-se na cadeira.

— Eu dei permissão ao doutor Flynn para examiná-la. Ele vai te ver no seu quarto às onze.

A sonolência desapareceu.

— Não é necessário. Não estou doente desde o jantar.

— Flynn acha que é necessário. Ele pode estar certo. Você parece muito magra.

Ela corou.

— Eu não posso evitar isso. — Um vestígio do velho desafio o provocou. — Até você, o signor Casanova, pode perder um pouco da sua musculação se fosse mantido em um buraco por três meses.

— Você está, por acaso, referindo-se obliquamente às minhas atenções a Lady Duneden?

— O que você faz é o seu próprio interesse, — ela disparou de volta. — Tudo o que peço é para ser deixada sozinha.

— Ah. Carrancuda esta manhã, não é? O café da manhã também não serviu?

— Se você está tão decidido a empurrar sua amante por minha garganta abaixo, por que não apenas me amarra na cama de novo?

— Eu poderia pensar que você tem uma barriga cheia de cios ultimamente, mas se não... —Ele saiu da cadeira com uma rapidez que a fez recuar um passo. — Sim, senhora, você faria bem em considerar sua posição antes de fazer comentários maliciosos. Pode ser ciúme que sacode sua língua?

Incêndios violetas queimavam em seus olhos.

— Eu não invejo Lady Duneden e seu lugar em sua cama, se é isso que você quer dizer.

— A prostituta bancando uma prostituta arrependida, hein? —Ele rosnou. — Desde que você perdeu o gosto por abrir as pernas por aí, decidiu esconder os encantos de prostituta ossuda em presunção virginal. —Ele pegou seu queixo e arrastou-o para cima. — Não vai ser tomada, cadela. Eu não a deixaria nem convidar Rouge para o celeiro.

Ela mordeu a mão dele como um gato encurralado. Xingando, ele a pegou pelos cabelos e torceu até as lágrimas chegarem, mas ela olhou para ele desafiadoramente, recusando-se a gritar.

— Então agora o ato piedoso começa a desmoronar, não é, querida? Por baixo, você ainda é uma gata de becos, uma vagabunda pura!

Catherine explodiu com toda a dor reprimida dos últimos meses.

— Você se atreve a me chamar de vagabunda! Quando aquela criatura tingida com quem você estava se colando a noite passada não é nada além de uma prostituta célebre?

Ele a golpeou com força total, fazendo-a girar para cair contra o canto da mesa. Catherine agarrou-se à borda, quase desmaiando de dor que se estendia por seu lado. Vagamente, sua voz veio de trás dela.

— Nunca mais insulte Ellen novamente, sua pequena víbora, se você valoriza sua existência miserável. Você não está em condições de lamber suas botas... — Sua voz baixou. — Mas você vai sair. Coloque seu hábito de montar e se junte a nós no terraço depois do almoço. É hora de você aprender o que é ser uma lady!

Catherine afastou-se da mesa e conseguiu encará-lo, mas não conseguiu falar.

— Quando Flynn chegar ao seu quarto, esteja despida e pronta para o exame. Talvez você consiga persuadi-lo a subir na sua carcaça magricela. Guarda!

Ainda meio vestida e com o lado dolorido, Catherine tentou desviar a atenção do médico do ventre; mas quando ele deslizou as cordas da camisa, notou a tensão dela.

— Catherine, eu já vi seu corpo, — ele lembrou a ela.

— Eu... eu sinto muito. — Tremendo quando ele abaixou a camisa até a sua cintura, ela rapidamente pegou-a e seguramente colocou-a sobre o aumento revelador de sua barriga. Um hematoma se formava sob o seio direito. Com cuidado, Flynn pressionou e ela ofegou.

— Calma. Só mais um momento. — Ele pressionou a mão levemente sobre o lado dela, seus dedos sensíveis dizendo-lhe o que ele queria saber. E confirmando a gravidez que seus olhos experientes haviam adivinhado. — Você tem algumas costelas quebradas: três, eu devo dizer. — Ele retirou um rolo de bandagem de sua bolsa. — Coloque as mãos nos quadris. — Depois de amarrar o linho com tanta força nas costelas que mal conseguia respirar, ele deu um nó e cortou o excesso. — Como isso aconteceu?

— Eu tropecei em um novelo de tricô e caí contra a borda da mesa de cabeceira.

— Uma explicação provável, mas você não viu seu rosto. — Ele acariciou seu lábio cortado e ela estremeceu com a picada. — Alguém te atacou. Sean?

— Nós brigamos. Eu insultei Lady Duneden e ele perdeu a paciência.

Flynn suspirou.

— Você nunca aprenderá a não tocar o salgueiro e se curvar às tempestades?

— Eu não vou rastejar. — Seu maxilar se endureceu. Com o rosto cético, Flynn jogou o curativo de volta na bolsa e indicou que ela se deitasse. — Você poderia adiar o exame até esta noite? — ela disse rapidamente, depois acrescentou uma astúcia desesperada. — Recebi ordens para cavalgar a tarde. Sean ficará ainda mais irritado se eu chegar atrasada.

Ele franziu a testa, sabendo o motivo de sua relutância.

— Você está simplesmente adiando o inevitável.

— Só por algumas horas. Prometo não ser difícil. — Algumas horas a mais para rezar que a raiva de Sean diminuísse.

Depois que Flynn saiu, ela se balançou, abraçando sua barriga inchada. E se Sean decidisse matar a criança? Um golpe seria suficiente.

Oh, meu pequeno, vai entrar em um mundo que não quer você. Para ser levado do meu amor para o frio amargo do ódio.

O novo traje de montar não havia sido incluído no novo guarda-roupa dela, pelo seu ventre. Vestiu-se com o antigo, envergonhada pelo seu corte fino, levou uma dolorosa meia hora porque as costelas quebradas doíam, e ela teve que deixar o botão de baixo do casaco desfeito. Sem chapéu e luvas, ela pareceria uma camponesa sem terra, como sem dúvida pretendia Sean.

Enquanto Catherine seguia o guarda ao andar de baixo, sua resolução vacilou. Aturdida pelo mal-estar crescente e a dor que lhe dava as costelas, ela segurou com força o corrimão da escada quando viu Sean esperando impacientemente na porta da frente, o chicote dele batendo em suas botas com movimentos furiosos.

— Você está atrasada. Meus convidados já estão montados.

— Eu não estou me sentindo bem... certamente não bem o suficiente para cavalgar esta tarde. Posso voltar para o meu quarto?

— Você não pode. Pode se segurar um pouco mais, mas vai digerir este prato de corvo se isso te matar. — Ele mudou de forma abruptamente. — O que Flynn tem a dizer? Houve alguma emergência na clínica e ele se esfumou como um vespão ferido... a menos que — acrescentou ele com sarcasmo — estivesse tentado a aceitar seu convite?

— Abuse-me se você quiser; eu dificilmente posso pará-lo, mas se você tiver alguma decência, poupe suas insinuações ao doutor Flynn.

Ele abriu a porta.

— O alazão castrado é seu.

Sob um céu cinzento de novembro, os cavaleiros pararam em suas montarias, uma Lady Duneden perfeitamente vestida e graciosamente empoleirado nas costas brilhantes de Numidian. Reconhecendo as saudações dos outros cavaleiros, Catherine caminhou até a montaria. Sean deu-lhe um pé até a sela e ela balançou, lutando contra uma onda de tontura. Não olhando para seu rosto, ele pegou as rédeas e as colocou nas mãos dela, depois se virou para o próprio cavalo.

— Que bom que você é capaz de se juntar a nós, senhorita Flynn, — a voz quente e melódica de Duneden a acariciou. — Nenhum de nós jamais esquecerá seu lindo concerto na noite passada. Eu daria tudo para tocar tão bem. — Quando Catherine não respondeu, acrescentou: — Mas suponho que você ouça esse tipo de elogio com frequência.

Catherine se virou com esforço.

— Sinto muito. Você deve me achar rude. Você é muito gentil.

— Não, não é rude, — a ruiva disse pensativa. — Você tem certeza de que está com vontade de cavalgar hoje, minha querida?

Sean, dando um puxão à sua rédea, lançou a Catherine um olhar de advertência. Ela o encarou nos olhos e depois respondeu à irlandesa.

— Eu tenho sido tão confinada ultimamente, milady, que um sopro de liberdade é um pouco esmagador. Eu não perderia esse passeio por nada no mundo.

Eles atravessaram o gramado em um trote fácil. O cavalo não possuía o modo de cetim de Numidian, mas com algum esforço, Catherine conseguiu ajustar um trote para absorver o frescor da tarde. Felizmente, a partida estava com um humor preguiçoso, contente em manter um ritmo fácil. Logo, porém, o tempo frio fez os cavalos impacientes serem soltos. Ela conseguiu muito bem por uma vantagem; então, com as pernas sem a força anterior, o ritmo ficou cada vez mais difícil. O lado machucado doendo muito, ela ficou para trás. Lady Ellen recuou.

— Perdoe-me, senhorita Flynn. Na minha absorção com o excelente presente do Sr. Culhane, negligenciei todos. — Com o olhar confuso de Catherine, Ellen sorriu. — Você ainda não estava conosco quando Sean me presenteou com este garanhão. Seu nome é Numidian. Ele não é maravilhoso?

— Sim... ele é maravilhoso.

Ellen guiou o garanhão para mais perto.

— Minha querida, percebo que não é da minha conta, mas você está pálida. Quer voltar para casa?

Catherine ficou em silêncio por um momento, depois respondeu calmamente: — Numidian encontrou uma boa ama. Você é muito gentil, milady, mas não posso ir para casa. Por favor, não se perturbe. Vou me juntar a você daqui a pouco.

— Você tem certeza?

— Certeza.

Ellen galopou à frente e parou ao lado de Sean.

— Querido, acho que devemos voltar. A senhorita Flynn está doente; tenho certeza disso.

— A jovem lady é uma atriz malvada, Ellen. Ela aperfeiçoou suas habilidades em pessoas muito menos confiantes do que você.

— Mas por quê?

— Para ganhar simpatia. Ela fez uma profissão virtual disto. Ela é como uma gaivota do diabo para adquirir o que quer.

Ellen franziu a testa.

— Você está dizendo que sua doença é artificial?

— O cavalo de Tróia estava cheio de doces?

Duneden acelerou o passo para combinar com o de Sean.

— Você parece conhecê-la muito bem, — ela disse calmamente.

— Ela mora a menos de dois quilômetros de distância. Por que eu não deveria conhecê-la?

Duneden arqueou uma sobrancelha ruiva.

— Carnalmente?

— Eu preferiria dormir com uma cobra.

— Eu acho que você está exagerando. Eu me ofereci para levá-la para casa, mas ela se recusou.

— Por que não? Ela está tendo um dia no campo. Você está bancando uma mãe galinha com ela.

— Se você estiver errado, ela pode se machucar. Ela dificilmente pode ficar na sela Sean soprou.

— Nossa senhorita Flynn conseguiu te enredar! A mulher cavalga como um cossaco. — Ele levou Mephisto embora. — Espere aqui.

Na sela, Catherine tinha caído para trás, incapaz de suportar um ritmo mais rápido do que uma caminhada. Então, com uma pontada de medo, ela se endireitou quando um cavaleiro alto deixou o grupo à frente e correu no campo de restolho. Vindo, o cavaleiro raspou a parede de pedra onde ela havia revivido os pesadelos da morte de Elise Enderly.

A fúria de Sean aumentou. A cadela inglesa sentava-se na sela de nariz empinado como a rainha da Inglaterra.

Deixe seu orgulho de pescoço duro ser esmagado; se ela acha a miséria dos irlandeses tão divertida, deixe-a contorcer-se no pique inimigo como eles fizeram.

— Bem, Srta. Lastimosa, — ele zombou quando freou com um barulho de pedras, — você tem Ellen acreditando que está à beira da morte. Deus sabe que apenas interpreta um personagem, mas se acha que vou deixá-la jogar seus truques nela, está gravemente cometendo um erro. Mexa-se, entre em movimento! Acredita que sou idiota o suficiente para deixá-la se afastar alegremente para a cidade de Donegal?

— Eu não posso...

— Eu não quero ouvir isso! Estou farto de sua choradeira. Até sua visão viva me deixa doente.

Ela perdeu a retidão e pareceu se encolher contra o vento.

— Você me quer tanto morta?

Seus olhos verdes se inclinaram maliciosamente.

— Como eu poderia não me cansar de manter sua carcaça como carniça fedorenta? Por toda a sua podridão, madame, uma vez você teve coragem. Agora você mia sobre tudo. Você tem medo de sua própria sombra. — Ele

sacudiu o grande garanhão ao redor. — Você vem ou eu tenho que amarrar você nas costas do bicho?

Seus lábios se torceram ligeiramente.

— Estou simplesmente oferecendo a você uma chance de ficar contra o vento. — Carrancudo, ele chutou Mephisto em um galope. Em um momento, ele saltou a parede.

Catherine deu um tapinha no pescoço do cavalo.

— Nós podemos fazer isso, meu velho, se você fizer a sua parte. Apenas continue andando depois que tocarmos o chão, porque eu mal serei capaz de aguentar. Então você deve me levar para casa. Venha, doce.

Sean desacelerou para um trote. A puta poderia contornar a barricada se mantivesse o ritmo atual. Então, distante, ele ouviu o bater de um galope duro. Ela não poderia ser tola o suficiente para tentar fugir dele? Então teve um medo crescente de que ela não tivesse essa intenção. Ele se torceu na sela, um grito estrangulado saindo de sua garganta.

— Kit! Não! Esse cavalo não vai...

O castrado e a amazona pareciam flutuar no ar, erguendo-se perfeitamente para ficar impossivelmente suspensos. Então os cascos traseiros do cavalo se misturaram com a parede e a ilusão desmoronou. Como se esmagada por uma mão maciça, Catherine se lançou para frente e seu pé ficou preso no estribo da sela de amazona. O castrado relinchou com o impacto, rolou sobre o feixe inerte que estava no chão, depois ergueu o corpo para cima e tropeçou para longe, arrastando as rédeas.

Sean cobriu a distância para ela em instantes, saindo da sela e correndo antes que seu cavalo parasse. Ela se deitava de bruços, uma mão estendida em sua bochecha. Ela poderia estar dormindo, mas não pelo estranho ângulo de seu pé.

— Kit? — Gelado de apreensão, ele se ajoelhou e virou-a com infinito cuidado. Seus cílios cintilaram contra o rosto ensanguentado dela. — Kit? Você pode me ouvir?

Seus olhos se abriram, confusos e cheios de dor. Seus lábios se moviam, e quando ele os tocou, ela sussurrou contra o dedo dele: — Punhais... brilhantes. — Ela ofegou com um som sinistro e borbulhante. — Não consigo respirar.

Uma mancha estava se espalhando sob seu peito e ele começou a desfazer os botões da jaqueta.

— Silêncio, querida, não tente mais falar.

Com um esforço, ela virou a cabeça em direção à parede e ele ouviu um sussurro desconcertado.

— Não há nada aí. — Então ela tossiu sangue. A dor a esmagou e a soltou.

Sean baixou a orelha para seu coração e não ouviu nada. Com os dedos

tremendo, ele rasgou sua roupa. Jardas de bandagem apertadas envolviam seu peito e ele empalideceu, lembrando-se de arremessá-la no golpe contra a mesa. Rezando para que ela não tivesse se sufocado, ele se atrapalhou com a faca e cortou a atadura. Com o linho puxado para trás, revelando uma tira estreita, azulada de um osso saliente através do seu lado, uma bolha de sangue se formando onde emergia. Um grito subia a seu cérebro, e ele procurou seu pulso. Ele sentiu uma palpitação fraca e errática e a embalou. Viva. Continuava viva. Mal se tornando consciente de que não estava sozinho, olhou para cima para ver Ellen. Dois dos outros cavaleiros estavam chegando rapidamente.

— Quão ruim é isso? —ela perguntou gentilmente. Nos anos que ela esteve com Sean, pensara que ele era incapaz de ter medo; agora, o terror saltava de seus olhos.

— Kit está muito machucada. —Ele tocou o rosto da menina, tentando cuidadosamente limpar o sangue, mas suas mãos tremiam tanto que a sujeira se espalhou. Ellen desmontou rapidamente e deu-lhe um lenço. Ele tocou desajeitadamente no rosto pálido voltado para seu peito. — Ela está viva, — ele murmurou distraidamente. — Eu tenho que levá-la para casa.

— Devo buscar uma carroça? —Ennery perguntou, sentado em seu cavalo a alguns metros de distância. Sua acompanhante, sentindo-se mal, encostou uma mão enluvada nos lábios.

— Não há tempo, — respondeu Sean categoricamente. Cuidadosamente, ele pegou Catherine em seus braços e ficou de pé. A cabeça dela reclinou-se sobre o braço dele e uma mão manchada de sangue oscilou fracamente. Ele olhou para eles. — Volte para a casa. Diga a Flynn para estar pronto para a cirurgia.

— Mas ele está... —Ennery começou.

— Encontre-o!

— Ele estará lá, — Ellen disse calmamente.

Sean se virou para Shelan e começou a andar.

— Tome um fôlego de cada vez, pequenina, da mesma maneira que eu estou dando um passo de cada vez, e vou te levar para casa, — Sean murmurou. — Fique viva, mesmo que seja só para cuspir nos meus olhos. Lute comigo... Mãe de Deus, você tem a força e o peso de uma pena. Como é que eu nunca pude te derrotar? Você queria me mostrar isso, no entanto, não era, garota? Você teria feito isso, só estava quebrada e o cavalo não era nada bom. Kit... oh, Kit.

Uma pequena e silenciosa reunião esperava no terraço enquanto Sean, com uma fadiga que ainda não havia chegado à sua mente, tropeçou no gramado. Ennery e Flynn saíram com um cobertor para encontrá-lo.

— Vamos dar-lhe uma mão. Envolve-a nisso.

Como um homem cego, ele continuou passando por eles.

Eu preciso te abraçar um pouco mais, só um pouco. Acreditando que você está viva. Eu não quero saber se partiu. A morte é para sempre. Fique quente e dormindo em meus braços. Não me deixe.

— Sean. Sean!

Ele percebeu que Flynn segurava seu ombro.

— O que você quer?

— Temos um lugar pronto no refeitório.

— Não será lá.

— Eu não posso usar uma cama. Eu tenho que ter uma superfície firme para cirurgia, e pela cor dela, eu diria que é melhor que seja rápido. Não discuta! — Flynn retrucou, sua raiva desistindo.

Sean colocou seu fardo na mesa marcada e ficou como um zumbi enquanto Flynn fazia um rápido exame. Quando o homem mais velho olhou para cima, seus olhos eram da cor de aço.

— O que te possuiu para colocar uma menina com costelas quebradas em um cavalo, muito menos incitá-la a dar um pulo? Eu sei que você a ameaçou! Ela estava com dor. Ela nunca teria ido voluntariamente.

— Ela está morta? — Sean perguntou com voz rouca.

— Ainda não, — disse Flynn secamente, — mas aquele pulmão perfurado torna a cirurgia inútil. Com alguma sorte, ela nunca recuperará a consciência.

— Se alguma coisa pode ser feita, você vai fazer isso, ou então me ajude.

— Você vai fazer o que? Explodir minha mente? Eu acho que você já fez muitas ameaças por um dia! — Flynn foi para a porta.

Sean se lançou na frente dele.

— Você fez um juramento, caramba!

Um gemido fraco da forma imóvel atrás deles alterou abruptamente a insistência de Sean em implorar desesperado.

— Não me faça ter que atirar nela como a um cavalo machucado. Por favor!

Flynn procurou algo por um longo momento no rosto atormentado do jovem.

— Peça a um criado para trazer água fervente; já está no fogo. E mais velas. Vai ficar escuro antes que eu termine. Então volte aqui; vou precisar de alguém para segurá-la. Você pode buscar Ennery também. — Sean girou nos calcanhares e foi executar as ordens. Mas em vez de Ennery, ele perguntou a Ellen.

— Claro, se você acha que eu sou forte o suficiente para segurá-la.

— Kit está fraca demais para lutar muito. Eu não perguntaria a você, Ellen, mas se ela vir algum homem segurando-a na mesa...

— Eu sei que você cortejou sua pequena vizinha e com bastante vigor, —

observou Ellen secamente.

— Eu a estuprei, — disse ele sem rodeios, — então a dei aos meus homens. Duneden empalideceu.

— Oh, Sean, por quê? Eu nunca acreditei que você pudesse amar uma mulher como claramente ama essa garota.

— Ela é a espiã inglesa que alertou Camden da rebelião. Eu não poderia pedir a você para ajudar sem saber a verdade.

— É você a quem eu vou ajudar. Ela pode escapar da dor na inconsciência; você não pode.

Sean estava pronto para segurar os ombros e braços de Catherine, enquanto Ellen segurava seus tornozelos. Catherine lutou para respirar, os lábios se movendo em murmúrios inaudíveis, enquanto Flynn cortava suas roupas. Os olhos de Sean não deixaram o rosto dela até que Flynn murmurou: — Assim como pensei, ela está grávida.

Olhando para cima, Sean viu sua barriga dilatada. E fugiu. Flynn o pegou na porta e o girou.

— Maldito seja! Você era o garanhão arrogante o suficiente para colocar uma criança nela; é melhor ser homem o suficiente para ficar ao seu lado agora.

— Eu não sabia. Eu não sabia, — Sean murmurou. — Mas Kit... naquela caverna...

Flynn sacudiu-o.

— Se isso ajudar você a enfrentar o que ocorre hoje, pense na criança como sendo de Liam. Não tenho tempo nem inclinação para bancar o seu confessor! — Em suma, ele empurrou Sean de volta para a mesa de operação improvisada.

Ellen tinha enrolado um cobertor ao redor da paciente para afastar os tremores.

— Essa é uma garota brilhante, Ellen. Se ela tiver um calafrio, não terá chance nenhuma. Vamos começar. — Ele começou a bater no peito de Catherine com o dedo indicador. — O pulmão esquerdo parece não estar danificado, mas o da direita está se enchendo de sangue. Vou fazer uma incisão aqui e tentar parar o sangramento. Mantenha-a completamente imóvel. Ela vai desmaiar rápido; então, Ellen, segure a tigela perto da cabeça dela e receba a drenagem. Rapidamente, devemos começar. Ela está acordada.

As pálpebras de Catherine se agitaram quando Sean a pressionou.

— O que... — Seu sussurro se transformou em um grito de agonia quando o bisturi entrou em seu lado. Seus olhos ficaram negros de dor, arregalados de terror e choque enquanto tentava freneticamente escapar do aperto de Sean. — Não... não, não faça isso! — A súplica foi interrompida por outro grito

penetrante e, espasmodicamente, arqueou-se contra as mãos dele. — Por favor, Deus misericordioso, não me torture, por favor!

— Kit, não tenha medo. Não vai durar muito tempo.

Ela choramingou, depois convulsionou novamente.

— Não... machuque meu bebê. Por favor, não tome meu bebê!... Por favor...

— Seus apelos se desvaneceram em silêncio e ela ficou imóvel. Lentamente, as maçãs do rosto salientes sob a carne esticada, Sean soltou-a e, em silêncio, esperou, recuando quando Flynn começou a trabalhar com agulha e linha.

Finalmente, a luta de Catherine pelo fôlego pareceu diminuir. Flynn bateu no peito e escutou.

— Melhor. Muito melhor. Eu quero que Ellen fique aqui, mas você sai, Sean. Você está tão pálido quanto a paciente. Não, não, continue. Você fez a sua parte. Eu vou demorar horas ainda. Diga alguém para substituir Ellen daqui a pouco.

— Isso não é necessário, — disse ela.

— Isso não será bonito.

— Eu me tornei uma enfermeira veterana dos hospitais de Dublin nos últimos meses, doutor. Vi tudo o que há para ver.

— Muito bem, então. Sean, pelo amor de Deus, saia! Você não vai fazer um favor a moça permanecendo sob seus pés.

Já era noite quando Flynn entrou no escritório, limpando as mãos com uma toalha manchada, as mangas da camisa ainda enroladas.

— Eu poderia tomar um uísque, se você não está muito bêbado para me servir um.

A alta estrutura do jovem irlandês estava frouxamente encostada no consolo da lareira. Uma garrafa pendia frouxamente em uma das mãos e uma taça precariamente colocada na outra. Ele riu com voz rouca.

— Bêbado? Eu não estou bêbado o suficiente, doutor. Eu teria que beber até a morte para encher o saco. — Ele se virou e encarou o fogo. — Ela está morta, não é?

— Ainda não. — Flynn olhou em volta. — Você tem outro copo? — Sem olhar para ele, Sean estendeu a garrafa. Flynn pegou, bebeu, depois caiu em uma cadeira e bebeu de novo. — Bem, você estava empenhado em quebrá-la, e agora ela está quebrada. Três costelas, clavícula e perna esquerda em dois lugares. Essas costelas irregulares eram como facas. Um dos vestidos de Marie Antoinette não poderia ter exigido mais pontos. — Ele arrastou a garrafa. — Ela perdeu o bebê na mesa.

— Então eu matei o filho dela também, — sussurrou Sean, — talvez o meu

próprio filho.

Flynn parecia especulativo.

— Ela teve relações sexuais nos últimos seis meses?

— Não.

— Então ela deve ter carregado a criança pelo menos durante esse tempo.

Incrível. O menino que abortou era um feto de quase quatro meses, mas perfeitamente formado. Eu devo dizer que ele morreu de nutrição insuficiente.

— Jesus!

— Catherine, talvez, porque estava confinada carregou uma criança morta por dois meses ou mais o que deveria tê-la feito sofrer um aborto, mas não aconteceu. Inevitavelmente, seu sistema teria sido envenenado. Se sua náusea é devido à prisão ou envenenamento gradual, eu não sei, mas se ela não tivesse caído daquele cavalo esta tarde, teria morrido dentro de um mês.

— Porque ela estava com medo que eu levasse seu filho.

— Ela tinha certeza disso. Provavelmente até pensou que você poderia matá-lo em um ataque de fúria.

Sean jogou o copo no fogo. Dificilmente se movendo para evitar a violenta explosão de chamas da queima de álcool, em seu brilho ele parecia uma criatura do inferno.

— Ela pode ser movida?

— Você quer dizer para uma cama? Absolutamente não. Ela está sendo mantida junta por linha e ataduras. Mas ela poderia usar um travesseiro e cobertores. Aquele quarto está congelando sem um fogo.

Já saindo da sala, Sean começou a gritar ordens aos poucos criados.

Os fogos foram construídos nas três grandes lareiras de pedra do antigo refeitório, as cortinas foram puxadas e a mesa cirúrgica aproximou-se do fogo central. Sean enfiou cuidadosamente sua carga inconsciente em cobertores e enfiou travesseiros sob a cabeça para ajudá-la a respirar. Então ele mandou os outros embora e começou a longa noite. Hora após hora, ele vigiava sozinho, levantando ocasionalmente para alimentar as fogueiras, depois voltando ao seu lugar para observá-las levantar alto, tecendo padrões estranhos e staccato nas paredes enquanto ondulavam em ciclos inquietos e sinistros. Lá fora, o vento lamentava-se nos penhascos e os servos sussurraram que era Banshee, com o prenúncio da morte, que estava próximo.

Quando os primeiros raios do sol agitaram através de um pano rasgado, Catherine ainda vivia. Quando o sol subiu e se pôs, Sean observou seu rosto, memorizando suas feições contra o tempo em que eles seriam fechados para sempre. Apesar de todo o seu desafio, ele acreditava que ela morreria.

Ellen veio se despedir, mas vendo seu rosto abatido, alisou o cabelo dele.

— Coma algo e durma. Você ficará doente.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu a trouxe aqui, longe de tudo que ela amava. Eu não posso deixá-la sozinha agora.

— Por que não deixar outra pessoa...

— Não.

Ela sentou ao lado da cadeira dele.

— Sean, quando sua Kit acordar, ela precisará de sua força sem reservas. Vou chamá-lo se houver a menor mudança. Você pode fazer um lugar aqui para dormir diante da lareira. — Ela pegou a mão dele. — Haverá tempo suficiente para a penitência.

Então, Ellen convenceu-o a comer alguma coisa e deitar-se num cobertor para dormir. Ela o cobriu e tomou o seu lugar na cadeira olhando para as feições desperdiçadas do rosto da outra mulher.

Sean acordou sozinho. Ele se sentou, esfregando a barba por fazer. Em sua cadeira, delineada contra o pano verde, cabelos ruivos empilhados, Ellen o lembrava de Megan, só que ela tinha um calor quieto que sua mãe não tinha. Megan tinha sido tempestuosa, mesmo incandescente, mas nunca aquecida.

— Você é uma mulher rara, Ellen. Obrigado por ficar.

Ela sorriu.

— George Ennery vai esperar. Eu o coloquei na cama com uma garrafa do seu melhor uísque.

— Como ela está?

— Tornando-se febril. O doutor Flynn estava aqui. Se ela não recuperar a consciência até o cair da noite, você deve mandar chamá-lo.

— Você continuaria sendo um anjo e vigiando-a um pouco mais? Tem uma coisa que eu devo fazer.

— Sim, claro. Eu esperava que você dormisse por horas.

Sean encontrou Peg espanando sem rumo no Salão das Rosas: — Peg, cadê a criança? — ele perguntou baixinho.

Ela enfiou o espanador debaixo do braço.

— Eu dei-lhe um banho e envolvi o pequeno em uma fronha de linho. Ele está no meu quarto.

— Leve-me a ele.

Um pequeno embrulho estava na cama. O odor era horrível.

— Você não o levou para fora?

— Para alimentar os cães? Não importa se ele é seu ou de Liam, ele é um Culhane...

— Você sabia há dois meses, não sabia?

Ela não conseguia ler a voz ou o humor dele, mas olhava para ele diretamente.

— Sim. Você teve problemas suficientes sem um bebê na barganha. Eu imaginei que você acabaria descobrindo na hora certa. Só que eu não sabia que o bebê estava morto. Eu não tinha nenhum desejo de ver a moça e seu filho morrerem de uma maneira tão ruim, e o assombrasse pelo resto de seus dias.

Sean tocou no linho e ela pegou a mão dele.

— Não, não fique olhando. Nada há vida aí. Enterre-o profundamente e lembre-se dele decentemente.

No alto da colina perto do túmulo de Maude Corrigan, Sean cavou um buraco com as mãos e a faca, depois colocou cuidadosamente o embrulho nele, mas não encontrou orações para dizer, nem o coração para empurrar a terra de volta para o túmulo. Lixo. Enterrando o próprio filho e de Catherine. Um espasmo tomou-o, e então um grito agudo brotou em sua garganta como o uivo de um animal através da charneca cinza e varrida pelo vento.

— Você não precisa ir.

Ellen beijou Sean gentilmente.

— Você quer ficar sozinho. Ela pode acordar em breve.

— Ellen, eu...

— Não diga isso. —Ela pressionou um dedo contra os lábios dele. — Tivemos momentos maravilhosos juntos, mas sempre achei que você fosse incapaz de amar profundamente qualquer mulher. —Ela sorriu com um arrependimento suave, seus olhos adoráveis o atraindo como sempre, mas agora com uma diferença irrevogável. — Se eu encontrar um homem para me amar como você ama a sua Kit, eu vou agarrá-lo faminta como a uma truta. —Ela pegou as mãos dele.

— Adeus, querido. Boa sorte. Por sua causa, espero que a garota viva, mas aconteça o que acontecer, não deixe que isso te destrua. Minha casa é sua. Não fique aqui sozinho.

Ele a abraçou por um longo momento, mas ela sabia que era pela última vez.

Não havia necessidade de chamar Flynn. Perto do pôr do sol, Catherine, murmurando incoerentemente, mexeu-se fracamente nos cobertores. Sean lavou o rosto e tentou levar algo a sua garganta, mas, consciente apenas da dor crescente, ela evitou atordoadamente a colher. Sua respiração veio em suspiros rasos; depois, com um forte espasmo abriu os olhos e, com um grito, ela se

esforçou contra a dor como se fosse um amante temeroso. Ele segurou seus ombros.

— Calma, pequena. — Mas ela não o reconhecia, não conseguia distinguir a voz dele sobre as ondas de agonia. As pulsações surdas se transformaram em um guincho lívido e incoerente, depois mergulhou-a em profundezas silenciosas para onde ela se afastou.

Nos dias que se seguiram, Catherine, incapaz de suportar por muito tempo a dor que a atormentava, oscilou para dentro e para fora da consciência. Sean temia dar-lhe alimentações. Tão cuidadoso quanto podia ele dava-lhe o mingau, mas ela era induzida pela tosse que a deixava dilacerada e trêmula.

Na terceira noite, ele a carregou, enrolada em um cobertor, até o quarto, a perna esticada e rígida do joelho para baixo, a cabeça pequena relaxada como uma criança cansada encostada no seu ombro. Seu cabelo cortado fazia cócegas em seu queixo e ele olhou para as longas e irregulares pestanas que varriam suas bochechas.

Sim. Descanse, pequenina. Descanse para lutar novamente... e de novo. Você tem o coração de Connal, e uma boa espinha dorsal inglesa, e meu braço para se apoiar. Apenas não se deixe ir.

Peg o seguiu até o quarto e puxou as cortinas, depois foi até ele ao lado da cama.

— É difícil odiá-la agora. No dia em que os franceses chegaram, ela me pediu para cuidar de você. Eu teria jurado que não desejava nenhum mal. — Ela ficou em silêncio por um momento. — Há algo sobre todo este assunto que está errado... Você vai dormir agora? Eu vou vigiá-la um pouco.

Ele saiu, mas foi até o salão de baile vazio. Quando ele levantou a capa do piano e apertou uma tecla, uma nota de um único tenor permaneceu na sala, evocando a imagem de uma menina de cabelos escuros posicionada na frente das longas janelas enevoadas; vislumbres fugazes e efêmeros de um corpo esguio em voo, vibrante como um vagalume na penumbra. Esse espírito tinha sido a verdadeira Catherine, a Catherine que ele nunca conhecera, que tentara tocar. Aproveitar.

O idiota e a borboleta.

Quando o médico chegou naquela noite, Sean fez a pergunta que o atormentava.

— Onde foi Padraic naqueles últimos dias antes do baile?

— Comigo, — disse Flynn, habilmente trocando os curativos. — E ele dormiu comigo, como sempre faz. Por quê?

— Kit disse que usara Padraic para mandar uma carta ao lorde tenente Camden, provavelmente pelo correio de Donegal. Mas ela não poderia saber

detalhes exatos da rebelião até depois da chegada de Fournel. Ele poderia ter fugido por várias horas, mesmo sendo tão tarde no dia do baile?

Flynn sacudiu a cabeça.

— Eu o mantive dançando.

— Ele teria passado a mensagem para outra pessoa?

— Não é provável. Padraic adora Catherine e ele é fiel aos comandos. Se ela disse a ele para levar a mensagem pessoalmente, não teria pensado em renunciar a ordem. — Flynn franziu a testa. — Ele pode ter escondido isso por vergonha... você sabe, ordens conflitantes. Ele também queria me obedecer.

— Não, Camden recebeu uma mensagem, só que não foi enviada por Catherine.

— Então, ela estava mentindo?

— Sim. — Sean sentiu-se estranhamente aliviado e desgraçado ao mesmo tempo. Será que Catherine amava Liam tanto que ela iria protegê-lo até o fim, sabendo que poderia morrer por isso?

— Você acha que Liam nos traiu?

— Nós, não. A mim. — Sean esfregou a cabeça como se doesse e a jogou contra o encosto da cadeira. — No final, ele odiava minhas entranhas. Talvez sempre odiou; eu não sei.

Flynn terminou o curativo e tomou o pulso da paciente.

— Bem, há algo que você deve conhecer e enfrentar. O lado de Catherine está começando a se unir, mas sua força está falhando.

— Ela vai viver, — Sean disse categoricamente. — Ela conseguiu dizer algumas palavras esta manhã. Coisas sem nexos. Chamando a mãe dela, o bebê. Eu a ouvi. Na maioria das vezes ela não tem ideia de quem é ou onde está.

— Ela vai se lembrar.

Flynn puxou o casaco.

— Então o que? Seu corpo tem lutado por si mesma, mas dado uma escolha consciente e racional, você acha que ela escolheria a vida? — Ele abriu a porta.

— Se ela acordar, você terá uma verdadeira luta em suas mãos.

Se apenas a dor acabasse. Mais tarde naquela noite, com os nervos tensos, Sean segurou Catherine enquanto ela se retorcia com gritos que lentamente diminuíram quando a dor a esgotou. Ele aliviou o aperto e banhou sua testa quente e os lábios ressecados.

— Mamãe, — ela murmurou, os olhos abrindo e lentamente acompanhando o movimento do tecido quando ele o retirou. Ela tentou falar, mas foi incapaz de superar a dor. Então, quase inaudível, ela sussurrou: — Ajude-me.

Sean acariciou o cabelo dela.

— Calma, pequenina, estou aqui. Não tente falar...

— Por favor. Me machuquei...

— Eu sei, Kit. A dor vai passar. Tente. Você tem que continuar tentando. Seus dedos pegaram na manga dele.

— Eu... não posso... suportar mais! Você... me faz sofrer como foi prometido. — Seus dedos se apertaram. — Acabe com isso. Eu te imploro!

Percebendo o que ela estava dizendo, ele apertou suas mãos em ambos os lados do rosto dela, seu calor parecia chamá-lo.

— Droga, não! Você vai viver. Eu vou fazer você viver.

— Você... não pode me segurar agora. — A luz fraca da rebelião gotejou em seus olhos quando sua cabeça escorregou para o lado.

Ele saiu do quarto correndo e gritou escada abaixo: — Peg, chame Flynn!

Flynn levantou os olhos da cama.

— Ela deve ver um padre.

Sean endureceu.

— Não. Eu já vi isso antes. Ela não vai desistir.

— Isso já aconteceu. Catherine é uma católica praticante. Você quer que ela morra acreditando que é uma condenada?

Atormentado, o jovem irlandês se desvencilhou.

— Você quer que eu a entregue a Ryan? Onde está o consolo naquele sapo?

— O homem não importa. É Deus que ele representa, e só Deus pode lhe dar paz.

Sean olhou furiosamente para a pequena e imóvel forma na cama.

— Onde estava Deus quando deixou que eu a trouxesse aqui?

Os olhos de sapo do padre Ryan se deslizaram para cima, as mãos rechonchudas cuidadosamente dobradas sob a batina enquanto ele se recostava na cadeira.

— Então, você espera que eu absolva sua prostituta? — O padre saboreava intensamente o momento; era quase o equivalente a um milagre. Nunca esperara que Culhane, de pescoço duro, pedisse a ajuda da Igreja, muito menos a dele.

O homem moreno se inclinou sobre a mesa.

— Você não vai chamá-la de prostituta, padre.

Ryan sentiu uma pontada de apreensão. Ele retirou as mãos pálidas e as abanou.

— Mas como a Igreja deve considerá-la, Sr. Culhane? Eu ouvi falar...

— Fofoca de peixaria!

— Eu ouvi de outra maneira, — ronronou o padre.

— Que maneira?

— Ela em incesto seduziu seu tio, Michael Flynn.

— Você a casou com Liam! Você sabe que ela não é sobrinha de Flynn! — cuspiu o irlandês.

— Ela voluntariamente serviu a você e ao seu irmão... ela participou de orgias com seus homens...

— Quem te alimentou com essa imundície incrível? As filhas harpias de Flynn?

— Sou o padre confessor desta paróquia, — respondeu o padre calmamente. — Como eu não deveria estar ouvindo seus pecados?

Sean estendeu a mão por cima da mesa e puxou o homem pela frente da túnica.

— Fora com o seu traseiro gordo, sua bosta miserável! Não tenho tempo para bancar o advogado do diabo!

Uma raiva puramente suína sufocou a covardia natural de Ryan.

— Sua cadela pode morrer e ser amaldiçoada! — Sua última frase saiu de um soco implacável na sua barriga. Ele gemeu.

— Essa é sua última palavra, padre?

O padre reuniu sua bile e cuspiu. O próximo golpe foi para seus genitais; ele gritou e desmaiou.

Ao ouvir uma batida, Flynn saiu do lado de Catherine e foi até a porta.

— Padre? Que... Perdição! Que diabo! — Ele foi sumariamente arrastado para fora do quarto por uma figura alta vestido de padre que fechou a porta atrás dele. — Sean! Onde está o padre?

— Ryan não está disponível, — foi a breve resposta. — Ela está consciente?

— Mal, mas você não pode se passar por um padre! É um sacrilégio! Além disso, ela saberá.

— Kit verá uma cabeça baixa. Ela não vai ver meu rosto. Como coroinha de Kenlo, eu ajudei nos últimos Ritos. — Ele retirou a mão de Flynn do braço e abriu a porta.

O rosto de Catherine estava translúcido, sua respiração ofegante.

— Padre? — Ela sussurrou quando Sean enfiou a mão fria na dele.

Ele acariciou as pálpebras dela, sua voz era um sotaque baixo e áspero.

— Paz, moça. Descanse em silêncio.

Seus dedos se apertaram imperceptivelmente.

— Eu gostaria de... me confessar.

Sean hesitou, a horrível farsa do que ele estava fazendo infiltrando-se em sua medula.

— Não é necessário, criança, se você se arrepender em seu coração.

Ela não pareceu ouvi-lo.

— Perdoe-me padre por eu ter pecado. — A confissão saiu em um fluxo vacilante de um coração explodindo. — Tornei-me voluntariamente amante de um homem que me estuprou, então... passei a amá-lo para além da honra, além da vida; mas ele teria aberto o caminho para... um derramamento de sangue sem fim. Eu... traí aqueles que confiaram em mim. Eu maculei o santo sacramento do casamento de Deus... prometendo fé... a alguém que eu não pretendia permanecer como esposa. — Ela hesitou, lutando para respirar. — Eu trouxe miséria e morte para esta terra. E para um homem... oh, Deus, ajude-o! Ele está tão sozinho. — O murmúrio tornou-se quase inaudível. — Padre... perdoe...

Balbuciando e murmurando o latim, o irlandês desenhou uma cruz irregular de óleo e cinzas na testa de sua lady e pegou a mão dela. Com a força do refluxo, ela pressionou a mão nos lábios, abrindo os olhos ao fazê-lo. E viu seu pesado anel celta. Ela se endureceu horrorizada e olhou completamente para o rosto sombreado sob o capuz.

— Você zomba de mim!

Desesperadamente, Sean jogou o capuz para trás e colocou as mãos em ambos os lados da cabeça.

— Eu zombo de você como você zomba de Deus! Você se deixaria morrer tão calmamente e daria seu filho à escuridão? Deixaria sufocar um ungido em seu útero? Para ele ser condenado a vagar no Limbo pela eternidade enquanto sua mãe se aquece no perdão ilimitado de Deus?

— Não. — Seus olhos ficaram selvagens. — O bebê está... morto. Deve estar!

— Ele vive.

— Não! — ela ofegou. — Eu não acredito em você! Você está mentindo, mentindo... — As palavras morreram.

Ele não conseguiu encontrar o pulso dela. Sacando a adaga, ele segurou-a nos lábios entreabertos. Um fraco filme de névoa se formou e desapareceu, depois outro. Ele apertou as mãos dela nas dele.

— Fique. Espere um pouco. Se Deus não te ajudar, agarre-se ao seu demônio!

E assim, atraindo-a pouco a pouco das sombras sedutoras que prometiam a libertação, ele se agarrava a ela, horas a fio, dia após dia, alimentando-a, persuadindo, intimidando até que mal sabia o que estava coaxando. Quando ela ficava sem sentidos, ele a banhava e trocava os curativos como Flynn lhe ensinara. E quando a dor a castigava, ele a abraçava até que finalmente seu próprio desamparo e exaustão estrangulavam sua esperança.

Não há misericórdia no céu? Ela sofreu o suficiente. Eu sou o único

culpado. Me dê sua dor. Eu não sei rezar. Eu só sei que está doendo nela.

Cedo uma manhã, a respiração da moça diminuiu e o suor encheu sua testa. Quando o sol surgiu, ela dormiu, desgastada com a batalha. Tonto de fadiga e alívio, Sean abriu as cortinas para deixar a luz pálida e dourada entrar no quarto escuro. No espelho, ele vislumbrou um rosto com barba por fazer e olhos ardentes em cavidades ocas.

Uma hora e um farto café da manhã mais tarde, Sean adormeceu novamente na grande cadeira ao lado da cama e não acordou até o final da tarde. Seus olhos se abriram para encontrar os de Catherine, ainda tão escuros que seu azul era difícil de distinguir, mas sem a escuridão que falava de um sofrimento intolerável.

— Você parece exausto, — ela murmurou suavemente quando ele se levantou e veio para a cama.

Ele envolveu um braço em volta da cabeceira da cama.

— Não há muito que eu possa dizer sobre o que eu fiz. Assim que estiver inteira novamente, eu vou mandar você para casa. Você e seu pai nunca mais verão ou ouvirão falar de mim. Eu vou ter uma conta privada configurada para você em Londres. Você pode começar uma nova vida para liderar como achar melhor, sem a interferência de seu pai ou de qualquer outra pessoa. Se eu puder fazer uma sugestão, a América seria uma boa opção de residência. — Ele se virou para olhar para o mar. — Um novo vento sopra ali, peneirando as velhas sementes podres deste buraco cheio da peste. — Catherine não disse nada. Ele não esperava esperanças de alegria. Ela tinha pouco de lar e família, até mesmo reputação, mas ainda assim ele esperava que ela sentisse algum alívio. — Você não acredita em mim?

— Eu acredito em você, — ela respondeu calmamente. — Posso dormir agora? Eu gostaria de me recuperar o mais rápido possível.

Ele recuou atrás de uma máscara educada.

— Claro. Se você precisar de alguma coisa, eu vou estar na sala ao lado. Basta tocar o sino na mesa.

— Obrigada. — Ela fechou os olhos.

Ele saiu do quarto, sentindo-se como um lixo descartado. Mas então, o que ele esperava?

Ele ficou ainda menos surpreso quando os servos remanescentes transferiram sua lealdade para o filho mais velho de seu antigo mestre e partiram. Apenas Peg, Rafferty e uma jovem copeira permaneceram.

Como poucos servos restavam para cuidar do gado, Sean leiloou o estoque da raça para proprietários de terras vizinhas e deu o restante para os moradores

locais. Apenas Mephisto, dois cavalos de coches e uma mula de tiragem permaneceram. A propriedade tornou-se tão silenciosamente deserta quanto a ruína original que pairava sobre as falésias.

Inconsciente da alteração de Shelan, Catherine dormiu a maior parte do tempo, seu corpo começando a se recuperar. Embora Sean lesse em voz alta para distraí-la das horas de vigília angustiantes e a alimentasse pacientemente, suas conversas foram breves, educadas e impessoais. Eles estavam se comportando como estranhos. Quando ela dormia, ele trabalhava como um camponês nos estábulos e na horta, deliberadamente se perdendo no trabalho, quebrando torrões de pedra e terra com forcado; cortando turfa dos pântanos com um facão até que sua mente se entorpecesse.

Nora, a copeira, aproximou-se do cotovelo de Peg enquanto estendia uma fatia de pão.

— Senhora?

A governanta deu um pulo.

— Você me assustou, menina. Você deveria estar sentada com Lady Culhane até ela acordar. — A garota olhou para ela nervosamente e Peg suavizou. — Almoço, é isso? Estou um pouco atrasada, mas estará pronto em uma hora. Eu não vou esquecer você.

A garota não fez nenhum movimento para ir.

— Não é por isso que eu vim, senhora. É... — ela vacilou. — É milady. Ela está acordada, mas...

Peg pegou o braço dela com uma mão cheia de farinha.

— E? Fale!

— Ela não me conhece.

Peg suspirou e relaxou seu aperto.

— Oh, isso é tudo? Bem, moça, eu duvido que ela tenha posto os olhos em você antes.

Os olhos da garota se arregalaram.

— Mas eu não acho que ela conheça ninguém. Falei com ela claramente e ela não respondeu uma palavra. Era... assustador, como se ela não estivesse realmente lá.

Peg tirou o avental.

— Eu vou dar uma olhada. Não vamos incomodar o mestre ainda.

Sean acariciou os cachos do rosto imóvel.

— Você pode me ouvir, pequena? — Não havia sinal de sua voz ou toque registrado. Olhos azuis escuros olhavam através dele, além dele com uma

tristeza que rasgou sua alma. Ele pegou a cabeça dela entre as mãos. — Kit, não se esconda de mim.

Flynn gentilmente pegou seu ombro e o empurrou para fora do caminho. Ele picou seu peito do pé com uma agulha, então novamente, mais duro. Ele olhou severamente.

— Eu vi essa condição em asilos.

— Você quer dizer que a moça está estúpida? —perguntado Peg.

— Parece que sim.

— Eu disse a ela que o bebê sobreviveu, — disse Sean. — Foi a única razão pela qual ela tentou viver. Finalmente, ela deve ter percebido a verdade.

Silencioso por um momento, Flynn baixou as mãos.

— Você faria bem em mandá-la para a Inglaterra para estar entre os entes queridos em um ambiente mais feliz. Com o tempo, ela pode se recuperar.

— Enderly não tem amor por ela, sem dinheiro ou inclinação para cuidar dela! —o homem mais jovem argumentou. — Ela seria levada para um hospício para morrer de fome, espancada e viver na sujeira! Eles a amarrariam e piorariam.

Flynn suspirou exasperado.

— Acho difícil acreditar que ele mandaria sua filha para tal lugar, mesmo que apenas para proteger sua reputação.

— Kit não é nada além de mercadoria para ele. Assim, ele não pode nem mesmo fazer dela uma prostituta pagante. —Sean se virou. — Kit tem que voltar inteira e capaz de lidar com ele em seus próprios termos.

Flynn estendeu as mãos em resignação.

— Adapte-a a si mesma, como sempre. Eu certamente não posso fazer nada por ela. —Ele puxou o casaco de uma cadeira para trás e encolheu os ombros. — Como ela não precisa mais dos meus serviços, eu vou me mudar para Edimburgo para estudos futuros. Eu lamentei a falta de habilidades médicas em áreas rurais por muito tempo, ignorando a minha própria inadequação. Eu arranjei um médico mais jovem. Edwin O'Donnell, para assumir a clínica na minha ausência. Seus irmãos foram mortos na revolta, deixando-o com uma mãe e família para sustentar. Ele está feliz com a oportunidade.

— Você sentirá falta daqui.

— Eu duvido.

CAPÍTULO 18

NO ÉDEN

O inverno enfraqueceu, a primavera floresceu, depois se transformou no verão. O governo do Vice-rei Canning trouxe moderação e paz à terra, embora a proposta de união com a Inglaterra fosse sinistra, assim como o retorno de Napoleão do Egito. O mundo fora das janelas de Shelan estava cinzento e enevoadado, como as barreiras sombrias da mente de Catherine que o irlandês circulava como um lobo à espreita no nevoeiro. O piano que ele encomendou de Londonderry chegou no começo de setembro. Como uma boneca, ela permitiu que ele pressionasse seus dedos sobre as teclas, mas ele só conseguia evocar um eco de sua falta de habilidade em um mundo de aprendizado gentil que abandonara há muito tempo.

Ainda na esperança de alcançá-la com música, ele pediu a um primo distante, Arthur O'Neill, um famoso harpista e colecionador de música, para visitar Shelan. O'Neill era cego; sua simpatia pela garota afligida era de uma profundidade que poucas pessoas capacitadas podiam imaginar. Hora após hora, ele tocou para ela. Enquanto Sean prosseguia com seu trabalho, ele entrava na sala de vez em quando para escutar e, finalmente, permaneceu com uma sensação de paz perdida para ele por mais de um ano. Seu perfil enevoadado pela luz prateada das janelas compridas enquanto ela se reclinava em um divã, Catherine estava tão tranquila quanto um sonho e tão distante da realidade. Quando O'Neill partiu, a casa ficou mais silenciosa do que antes. O inverno de 1799 terminou.

No verão seguinte, Culhane levou Catherine até a praia. Em desespero, ele entrou na água quase até o peito, empurrou-a para baixo e segurou-a ali. Não havia sinal de luta, apenas bolhas frágeis subindo com lentidão crescente. Quase soluçando, ele a levantou e a colocou a ele.

— Não. Não tenha medo. Eu não vou te machucar. Por favor, eu só quero conversar. — Ela se deitou contra o peito dele, um pacote encharcado.

Aagitado, o irlandês tropeçou de volta à praia. Deitando-a bem acima da manta lateral, ele se agachou sobre ela.

— Você pode ouvir o mar correndo na areia, tentando nos tocar como a noite que nos amamos na praia? Nós nos amamos, Kit. — Ele baixou os lábios para os dela, o cabelo formando pontos pretos sobre o rosto escuro dele. Seus

lábios estavam frios, mas dentro de sua boca estava quente. — Eu nunca vou deixar de amar você, — ele sussurrou.

Desde o começo, Sean insistiu persistentemente em tratar Catherine como se ela não estivesse incapacitada. Ele leu para ela por horas e falou como se ela estivesse ouvindo e até Peg se perguntava se ele não estava se tornando desequilibrado. Ela não podia negar que os passeios diários na carruagem ou na carroça faziam maravilhas pela cor da garota. Sean passava a maior parte do tempo cavando no estábulo ou lutando com pedras no solo fino, não porque Shelan sofresse necessidade, mas para ocupar a mente e permitir que ele dormisse. Mesmo depois de dar uma fortuna as famílias devastadas pela guerra, ele era rico, suas reservas deixadas intactas devido à brevidade da rebelião.

Depois de tomar um jantar espartano, ele iria cansadamente subir a escada para se sentar ao lado de Catherine e ler. Antes de se retirar para seus aposentos ricamente mobiliados na sala adjacente, ele penteava os cabelos dela, agora na altura dos ombros, levantando-os e trançando-os para observar seu brilho à luz das velas. Todas as noites ela parecia mais bonita, sua boneca adorável de olhos tristes.

A primavera de 1800 chegou e, com ela, a vida em flor. Uma ninhada de gatinhos choramingando no estábulo atraiu a atenção de Sean enquanto ele acumulava o estoque. Abaixando-se, ele balançou um dedo no meio deles. Um gato cor de caramelo, mais corajoso que seus companheiros, estendeu a pata e pegou o invasor com os quatro pés.

— Ai, seu pequeno demônio! — O irlandês tentou retirar o dedo e o gatinho se agarrou com tenacidade. Os lábios de Sean se contorceram. — Você está inchado com leite; agora é carne na mesa que você está querendo. — Ele pegou o gatinho e esfregou-o contra sua bochecha. — Você é um pouco mole para um homem-comedor. — O gatinho franziu a testa enquanto ele o segurava; Sean fez uma careta e a gatinha chutou a mão dele. — Ha! Você me lembra de alguém. — Ele colocou-o contra o peito e acariciou-o. — Vocês dois devem ser apresentados, se você puder ficar acordado por tanto tempo. — Já começando a afundar sob as carícias, o gatinho bateu com a cabeça na curva do seu cotovelo.

Catherine estava deitada na espreguiçadeira no terraço, onde os açafrões espreitavam dos canteiros próximos aos degraus. Sean colocou o gatinho adormecido em seu colo e curvou suas mãos sobre o pelo quente, movendo-a para acariciar a suavidade do gato.

— Melhor fazer amigos com o gato rapidamente, moça. Ele estará uivando pela mãe dele logo. — Catherine olhou por cima do ombro como se estivesse vendo alguma vela distante no horizonte. Deixando o gatinho no seu colo, onde parecia satisfeito em dormir, dirigiu-se ao jardim.

O gatinho cochilou um pouco e começou a explorar o colo. Ao redor, ele plantou as patas no peito de Catherine e cheirou o queixo dela, depois ficou entediado e se arrastou sobre os montes e vales intrigantes do cobertor, caindo pesadamente e afastando com pequenos dentes aqueles que atrapalhavam seu progresso. Com o monstro do cobertor subjugado, ele olhou em volta para mais aventuras.

Culhane quase afundou a enxada no pé quando ouviu o latido furioso de um cachorro e, misturado a ele, um pedido urgente de socorro. Soltando a enxada, ele correu na direção do som, depois contornou a esquina da casa em um ângulo agudo. A poltrona estava vazia. Um cão staghound irlandês, um dos dois mantidos como cães de guarda, encolheu-se rosnando a menos de um metro e meio de distância de Catherine, que estava deitada no terraço tentando alcançar o gatinho cuspiendo praticamente no rosto do cachorro. Sean pegou um punhado de pedrinhas e jogou-as na cara do cachorro. Com um zumbido assustado, ele fugiu, deixando um monte de açafrões quebrados em seu rastro através dos canteiros de flores. Rapidamente, ele pegou Catherine e levou-a para o divã.

— O gatinho, — ela protestou fracamente.

Ele pegou o gato malhado, que prontamente afundou suas garras em sua mão. Sean gritou, não muito diferente do cachorro, e arrastou a mão ferida para fora do alcance. Houve um som suspeito como uma risadinha. Ele cuidadosamente pegou o brutamontes pela nuca, depois levou para Catherine, que murmurou e afugentou o susto. Então seus olhos encontraram os dele como a luz do sol sobre a água límpida, e suas pernas lentamente pararam de apoiá-lo. Ele caiu de joelhos e enterrou a cabeça no colo dela. Quando o gatinho vagou pelo colo e se enrolou, a garota olhou para a cabeça escura. Lentamente, os dedos dela tocaram o cabelo dele.

Uma aliança tácita se desenvolveu entre eles. Catherine fez o possível para recuperar a saúde plena o mais rápido possível, e Sean deu todo o seu tempo e concentração para ajudá-la a alcançar esse objetivo, embora soubesse que seu esforço inevitavelmente apressaria sua separação.

Nos dias de folga, eles iam para a praia, onde ele segurava as mãos dela enquanto ela chutava as ondas. As vezes eles eram capazes de rir quando as ondas atingiam sua cabeça e ela gaguejava; mas com mais frequência, quando a mudança de tempo se agarrava a seu corpo magro e sinuoso, sua proximidade provocava Sean, que não tinha uma mulher há mais de dois anos. Nessas horas, ele a deixava nadar sem ajuda, mas um dia, quando uma onda inesperada a sufocou, ele a pegou em seus braços sem pensar. Ela sentiu a dureza do ferro na virilha dele e congelou, os olhos se dilataram, então, completamente nervosos,

começaram a lutar. Ele a soltou e instantaneamente ela se afastou cautelosamente, com os seios arfando sob o tecido úmido.

— Doce Jesus, Kit, eu não sou feito de ferro, — ele disse com voz rouca. — Essa roupa é transparente. — Seus cílios desceram e um rubor carmesim subiu sob eles. Ela caiu na água até o pescoço. Sean mergulhou por baixo de uma onda, depois dirigiu-se com dificuldade para onde mal conseguia ver sua cabeça. Quando sua respiração chegou ao fim, ele saiu lentamente para a praia, dando a Catherine tempo para deixar a água e se embrulhar em um cobertor que eles tinham deixado na praia.

Incerta, ela olhou para ele que com golpes duros secou gotas brilhantes de água do corpo dele, músculos duros por debaixo de pele bronzeada escura.

— Sinto muito, mas não posso evitar, — ele disse categoricamente.

— Eu sei, — ela respondeu suavemente. — Por que você não disse algo antes? Eu tenho usado essa roupa por semanas.

— Eu não queria que você começasse a lembrar. — Ele limpou a água do cabelo. — Além disso, o que você veste não faz diferença. Agora você está coberta até o pescoço e tudo o que consigo pensar é puxar o cobertor e penetrá-la até você esquecer o seu nome, o passado, tudo, exceto o jeito que eu me sinto dentro de você. Até eu esquecer o passado, embora Deus saiba que isso exigiria mais resistência do que eu tenho. — Ele se levantou rapidamente e pegou-a antes que ela tivesse tempo de reagir. — A menos que você esteja indo para casa, amor, é melhor você relaxar. É uma longa escalada.

Nos primeiros dias da recuperação de Catherine, um pacto havia sido estabelecido. Quando conseguiu subir sozinha a escadaria principal, Sean foi levá-la morro acima até o túmulo do bebê. Três dias depois do incidente da natação, ela subiu a escada sozinha, e ele sabia que era porque tinha tomado cuidado com ele e estava cada vez mais ansiosa para partir.

No caminho para o túmulo, ele a fez parar para descansar. Seu olhar seguiu o caminho desgastado.

— Você vem aqui muitas vezes, não vem?

— A humildade é um gole amargo para engolir, — ele respondeu secamente, — mas mais eficaz em doses regulares. — Ele ofereceu seu braço novamente. Finalmente, eles chegaram ao local. Balançando ao vento, estrelas brancas de Belém cobriam a colina verde. Catherine se ajoelhou para ler a inscrição riscada no marcador de pedra. — Amado filho de Sean e Catherine Culhane. — Ela olhou interrogativamente para o homem alto que se elevava acima dela. Ele encolheu os ombros.

— O outro requerente não estava aqui para discutir o assunto. — Seus olhos estavam ilegíveis. — O nome dele não está escrito. Achei que você poderia ter

algo em mente. Uma pedra apropriada será pedida quando você decidir.

— Michael, — ela disse suavemente, — pelo doutor Flynn.

Sean se ajoelhou e riscou o nome. Quando ele terminou, ele ficou agachado, limpando a poeira da pedra dos novos arranhões.

— Sean, — disse Catherine calmamente, — acredito que Michael era seu filho. Liam me tomou apenas uma vez, à força, na noite em que fugimos.

— Por que você se casou com ele, Kit?

Ela olhou para a baía.

— Eu gostava de Liam; mas não podia amá-lo, não do jeito que ele queria. Ele ficou amargurado. Ele me contou sobre os franceses e nós fizemos um acordo. Ele sentiu que eu nunca pretendia mantê-lo, mas queria o casamento consumado. Eu não ficaria com ele, tinha cometido ofensas suficientes contra Deus. — Ela olhou para as estrelas brancas dançando sobre o monte. — Nosso filho morreu por essas ofensas.

— Você não matou Michael! — Sean disse com veemência. — Ele morreu de fome, como você deve saber, meses antes do acidente. Você nunca teria vivido para levá-lo até o final. Mesmo se ele tivesse sobrevivido... — Seus olhos ficaram amarelados. — Você poderia ter entrado em trabalho de parto naquela adega.

— Animais tem seus filhotes sozinhos. Eu tinha menos medo de dar à luz do que o que aconteceria depois. — Ela olhou para ele. — Fiona disse que você deu instruções — Maldita Fiona! Eu não culpo você por acreditar nela. Deus sabe que eu te dei razão. — Sean se levantou abruptamente. — Eu não sabia o que estava acontecendo, embora isso não me alivie a responsabilidade. Você estava certa em ter medo. Eu mandaria Michael embora. — Sua voz ficou tensa e rouca. — Mas eu juro que nunca o teria machucado. Não, assim. Eu nunca quis isso, Kit. Assim como eu nunca quis te machucar. — Sua boca torceu. — Por que você não me odeia? Tudo o que eu vejo na sua cara é pena! Você mentiu para me impedir de descobrir que Liam era um traidor. No começo eu pensei que você mentiu porque o amava, mas foi por pena de mim, não foi? — A fúria se elevou nele e seu punho se apertou. — Não faça isso, droga! Nunca mais tenha pena de mim! Por que você deveria? — Abaixando-se, ele segurou os ombros dela. — Eu te preendi porque estava com ciúmes. Porque havia uma parte de você que eu não podia tocar. Porque eu achava que Liam tinha. Que você poderia se dar de bom grado a qualquer homem além de mim. — Sua voz se endureceu. — Não me olhe assim! — Grosseiramente, ele puxou-a contra ele e a beijou brutalmente, mantendo a cabeça imóvel até que, com um amargo alívio, ele a sentiu enrijecer. Abruptamente, ele a soltou com aspereza deliberada. — Você terminou aqui?

Rapidamente, ela se levantou.

— Sim, eu terminei. —No caminho descendo a colina, ela se cansou, mas quando ele ofereceu seu braço, ela se afastou. Ele deixou que ela continuasse sozinha para casa.

Sean não poderia ter dito por que escolheu um determinado dia para se despedir, mas, à luz do dia, quando estava de pé no terraço, escovando os cabelos, Catherine estava tão adorável que achou doloroso olhar para ela. Cada dia só poderia doer mais. Subindo atrás dela, ele a puxou para perto, seus lábios contra o cabelo dela.

— Este é nosso último dia juntos, pequenina. O que você gostaria de fazer com isso? —Ele não queria ver sua alegria, mas sua tensão repentina claramente comunicava isso.

— O que você quer dizer exatamente com isso?

— Rafferty irá levá-la a Donegal Town. De lá, você pegará uma carruagem para Dublin. —Houve um longo silêncio. Agora que o momento havia chegado, ambos sentiram uma sensação de irreabilidade.

— Por que não fazemos um piquenique? —ela disse finalmente. —Tivemos pouco tempo para prazeres tranquilos.

Ele acariciou sua orelha.

— Eu nunca te cortejei corretamente, não, moça?

— Não, senhor, você não o fez, — ela respondeu com um traço de tristeza, e se virou para olhar para ele. — Você me sequestrou; nunca mais verei outro tão selvagem e imprevisível. Quão aborrecido será o mundo sem você encher o céu.

Ele sentiu que ela estava apenas meio provocante. Algo de sua agonia deve ter aparecido em seus olhos, pois ela se afastou.

— Eu vou dizer a Peg para preparar o almoço, — disse ele em voz baixa.

O dia estava claro, o sol excepcionalmente quente quando a carruagem seguia para o Norte ao longo de parapeitos com carpetes verdes, remendados com tomilho vermelho e tons de ameixa de urze. O Atlântico era de um azul duro e brilhante, a luz do sol se misturava com gaivotas que saíam das muralhas. Lembraram a Catherine do dia em que Sean a distraiu do desespero ensinando-a a xingar; mesmo assim, ele tentou protegê-la. Ela observou as mãos dele, de dedos longos, fortes nas rédeas. Mãos que poderiam ser brutais. Ela e seu irlandês tinham lutado com o amor desde o começo, talvez sentindo que só poderia chegar a esse fim pálido. Ela se arrependeu de sugerir o piquenique. Sua boca tinha um gosto amargo.

Ela colocou a comida enquanto Sean estava deitado de costas, os olhos

fechados, os braços sob a cabeça. Eles tinham dito pouco, cada um perdido em seus próprios pensamentos. O suor prendeu a musselina Dacca branca nas costas dela, e ela tirou o cabelo dos olhos pela terceira vez enquanto se inclinava para cortar o pão. As abelhas zumbiam pelo cesto com uma teimosia irritante. Quando ela espantou um inseto da manteiga, Sean virou de lado e apoiou a cabeça na mão. Seu respeito constante a deixou nervosa. Ela começou a cortar mais rápido com golpes curtos e duros, o suor começando a descer pela espinha e entre os seios.

— Cuidado, Kit; você cortará um dedo.

Sua cabeça disparou, mas palavras afiadas morreram em seus lábios.

— O que devo colocar no seu pão? —ela perguntou sem jeito.

Ele encolheu os ombros.

— Tudo o que você gostar.

Ela selecionou rosbife, acrescentou frutas ao prato e estendeu-o para ele.

Sean alcançou o prato e tocou seu nariz.

— Você está ficando com sardas. —Então ele se sentou e pegou a comida, agradecendo-a educadamente.

Ela jogou miúdos em seu próprio prato, em seguida, sentou-se olhando para ele. Ela colocou algo na boca e mastigou devagar; tinha gosto de serragem. Quase ansiosamente, ela aceitou o copo de vinho que Sean despejou e esvaziou metade antes dele devolver a garrafa ao cesto.

— Mais? —ele perguntou, como se ela não tivesse feito nada de estranho.

— Sim, obrigada. É muito bom. Eu... estava com sede.

Ele se serviu impassivelmente.

— É um Haut-Brion; deve ser bom.

Era ouro líquido e ela engoliu como água. Ela bebeu mais devagar. Seria fácil ficar bêbada, justamente quando uma cabeça clara era obrigatória.

Sean a olhou por cima do copo enquanto brincava com uma fatia de pera. Com o discreto vestido branco e o cabelo assanhado pelo vento, ela parecia uma criança educada e bonita, agitando-se incansavelmente com a companhia de um ancião.

— Você gostaria do endereço de Flynn em Edimburgo? —ele perguntou de repente.

Os longos cílios se levantaram.

— Muito. Eu nunca lhe agradei por tudo o que ele fez. —Seus olhos baixaram novamente e ela cutucou a pera. — Eu nunca te agradei também.

— Você não tem nada pelo que ser grata.

— Discordo.

— Eu lhe disse uma vez que não queria sua gratidão, — disse ele secamente,

— especialmente quando está fora do lugar. Eu matei nosso filho. Eu quase te matei.

— Nós dois fomos responsáveis pela morte de Michael, Sean. Nós dois fomos egoístas, cada um querendo se punir assumindo a culpa. Você me machucou horivelmente, mas eu não fiz menos com você. —Ela cortou sua tentativa de interrupção. — Eu era uma espiã. Eu teria traído você se tivesse chegado a Londonderry. Eu sabia que você poderia ser enforcado, que todos os envolvidos na rebelião poderiam ser mortos. Eu fiz o que tinha que fazer, como você também fez. — Seus olhos seguraram os dele. — Naquele porão, eu rezei para que Michael pudesse ser poupado da infelicidade de um mundo que não tinha amor por ele— sua voz endureceu — e ele foi poupado, mas eu vivi porque você se recusou a deixar o meu caminho mais fácil. Mamãe poderia ter vivido, se eu tivesse recusado deixá-la partir. Eu nunca saberei agora se fiz a escolha certa. Eu devo viver com isso e apesar dessa dúvida. Mas você? — Ela se inclinou para frente. —Você vai ficar aqui em Shelan sendo cozido em seu próprio martírio? Cortando pedras para se manter são? Andar naquela casa vazia até que seus fantasmas estejam mais vivos do que você? — Um soluço de angústia e fúria cresceu nela. —Quanto tempo antes de você explodir seu cérebro? Quão mais...

Culhane puxou as mãos dela para a frente, então a torceu colocando-a embaixo dele e parou sua boca brutalmente com a dele, devastando-a até que ela ficou mole e sem resistir sob ele, toda a fúria feita exceto pelo volume de seus seios contra o peito dele, enlouquecendo-o com luxúria, raiva e perda.

— Kit. Kit. Maldita, — ele murmurou roucamente contra os lábios dela. — Eu te amo. —Sua boca se inclinou sobre a dela e Catherine sentiu-se despedaçada com a repentina força de um desejo terrível. Fatal. Fatal e o querendo. Precisando. Deus. Não, agora não. Suas mãos queimaram através do fino corpete e sua dureza pressionou ferozmente contra ela. Desesperadamente, ela arranhou as costas dele, o rosto dele, sentindo doentiamente o rasgar de sua carne, ouvindo seu gemido abafado de dor. Empurrando-se, ele levantou a mão para esbofeteá-la por sua submissão, então percebendo o que estava prestes a fazer, atirou-a para longe. — Afaste-se de mim, então, droga, se você não quer ser estuprada!

Ainda atordoada pelo desejo e pela miséria, Catherine recuou. Uma gota de chuva atingiu seu antebraço, então mais uma respingou no cobertor. Com os olhos desviados, ela começou a jogar as coisas no cesto. Atentos à briga, nenhum dos dois notara nuvens de tempestade se aproximando do mar. Com uma maldição abafada, Sean pegou seu braço.

— Deixe isso! Nós estamos nos encharcando. —Levantando-a enquanto o

aguaceiro se soltava, se dirigiram para a carruagem. Um raio cortou os céus. Os cavalos dispararam com medo, rasgaram os postes de amarração e depois correram para casa com a carruagem sacudindo atrás.

Catherine empurrou o cabelo para fora dos olhos.

— O que vamos fazer? É milhas até Shelan.

— Há a antiga casa de Flannery. Venha, corra! —Correndo sob a tempestade, ele a conduziu pela charneca cinzenta e chuvosa.

Por fim, Catherine se encostou na parede da cabana enquanto Sean golpeava a fechadura da porta. A porta bateu se abrindo e ele pegou seu pulso, puxando-a para dentro. Gotejando, eles inspecionaram uma sala empoeirada contendo uma cama crua e uma mesa com fezes. Exceto por teias de aranha e excrementos de camundongos nos cantos, tudo era como Flannery havia deixado. As janelas embranqueceram no clarão da tempestade e Catherine estremeceu. Sean pensou em envolver a colcha da cama sobre ela, depois viu o rosa dos seus mamilos enrijecidos através da pele úmida e transparente de musselina. Seu cabelo era um elmo preto e lustroso, e seus olhos verdes se inclinavam como um gato na penumbra enquanto ele olhava para ela, roupas molhadas definindo seu crescente desejo. Com as mãos cruzadas sobre os seios, Catherine se afastou.

— Não, — ela sussurrou. Um poste do telhado a deteve abruptamente. — Por favor! —Ela ainda estava implorando quando ele a pegou e gentilmente puxou seus pulsos para trás do poste.

Segurando-os frouxamente com uma mão, ele soltou os laços de seu corpete; quando se separou, seus olhos velaram sob os cílios, depois se levantaram.

— Você é a criatura mais linda que eu já vi. Todo o resto de seus dias, os homens vão te dizer isso e eles vão querer você da mesma maneira, exceto por uma coisa. —Seus lábios pairaram sobre os dela. — Esta é a hora que você vai lembrar-se de mim quando ouvir as palavras 'eu te amo'. — Com infinita ternura beijou-lhe os lábios, depois a garganta que se esticava sob a boca, depois os ombros e o volume dos seios, despertando a serpente adormecida e ardente em seu ventre. Ignorando suas dificuldades, ele voltou a invadir sua boca com uma fome lenta e devastadora até que sua cabeça caiu para trás. Com a mão livre, ele tirou o vestido encharcado de seus ombros, em seguida, tirou o tecido de seus seios. Puxando os pulsos para trás para que os montes gêmeos se projetassem para a frente, ele levou cada mamilo à boca e os provocou em cumes pontiagudos de desejo.

Catherine gemeu e se debateu quando seu corpo se transformou em fogo líquido.

— Pare com isso!

Quase com raiva, Sean a pegou e a jogou na cama, depois empurrou as saias encharcadas pela cintura e arrancou as roupas de seda por baixo encharcadas. Ela se debateu, as pernas longas brilhando à luz fria, enquanto ele rasgava sua própria roupa.

— Não há mais mentiras entre nós, Kit. Você está inchada de vontade. Assim como eu. Diga-me que você me quer.

— Não!

— Me ame, Kit, — ele sussurrou com voz rouca. — Uma última vez. — Ela resistiu, e com uma maldição desesperada, ele abriu suas coxas e mergulhou nela. Sentiu o arrasto aveludado do revestimento apertado. Selvagem com o desejo e frustração, ele estocou mais profundamente e mais exigente a cada investida. De repente, com um grito agudo de rendição, ela o pegou pelo pescoço e se arqueou para levá-lo ainda mais fundo, mais fundo, até que ele estava batendo na entrada de seu útero e ainda assim ela convulsionou sob ele, ainda chorando de necessidade, segurando-o como se ela nunca o fosse soltar. — Doce Deus, Kit! — Um espasmo torceu o rosto dele. Desesperadamente, ele lutou para se retirar de dentro dela, mas ela envolveu suas pernas ao redor dele. O controle vencido, ele a inundou em jorros convulsivos que pareciam esvaziar suas entranhas. Ele desabou, cedendo. No silêncio absoluto, seus corações batiam como pequenos tambores selvagens.

Seus olhos procuraram os dela em confusão.

— Por que, Kit? Você não pode querer meu filho. Amanhã você está livre de mim para sempre.

Com os olhos fumegando na escuridão, os lábios de Catherine se curvaram ligeiramente enquanto traçava a linha de sua mandíbula.

— Seu bastardo arrogante. Sempre me dizendo o que eu quero. Então, me fazendo querer isso. Me dizendo o que você quer. Depois me fazendo querer também. — Sua voz era suave e rouca. — Eu nunca estarei livre de você, seu idiota de olhos diabólicos. Eu te amo. Eu sempre amei você.

— Kit?

— Sim.

— Case comigo.

Seu silêncio trouxe uma tensão. Então ela falou da coisa que não foi dita entre eles.

— E quanto a Liam? E se ele vier? Por que ele não veio?

— Eu não sei, Kit. Possivelmente ele não ousa pressionar a questão. Ele dificilmente convidaria magistrados ingleses para confiscar o lugar. Ninguém gosta de um vira-casaca, especialmente alguém cuja utilidade é feita.

— Onde ele está agora?

Ele acariciou seu pescoço.

— Vivendo em algum lugar em Ulster, sem dúvida. Eu tenho estado muito preocupado com você para derrubá-lo. Você tem medo dele?

— Ele odeia você, Sean.

— Se ele pudesse te levar para longe de mim, já teria tentado. Você não tem que ficar casada com ele. Os proclames nunca foram feitos e você concordou com os termos sob pressão.

— Liam não torceu meu braço; ele simplesmente me deu uma escolha. E o casamento foi consumado. Nem o Vaticano nem qualquer lei na cristandade reconhece o estupro de um marido.

— Você não quer se casar comigo, pequena advogada?

Em resposta, Catherine se deslizou sobre ele e baixou os lábios para ele com um beijo que poderia ter reacendido o London Fire. Quando a cabeça ergueu, Sean Culhane ficou em ruína fumegante. Enquanto soltava um suspiro beatífico, ela soltou um pequeno ronronar de prazer e esfregou o nariz na pele dele. Ele acariciou sua nuca.

— Você não está mais com medo?

Ela se enterrou mais perto, sussurrando: — Eu morri por dentro quando você me odiava. Mesmo quando o ódio se foi, senti como se o vidro estivesse colado a cada vez que você me tocava. Então, de repente, não havia mais tempo e nada importava mais, mas nunca perdendo você.

— Eu nunca parei de amar você, pequenina. Eu quase enlouqueci. Cristo, que campo de batalha nós fizemos com o que não deveria ter sido.

Eles fizeram amor novamente, demoradamente, redescobrimo um ao outro na escuridão. Então, foi ainda, a chuva facilitando levemente em ritmo sonolento quando eles estavam entrelaçados sob a colcha desbotada. Eles dormiram, ainda abraçados juntos, depois se amaram de novo quando o sol se punha, transformando sua cama em ouro pálido, seus corpos em bronze polido.

Durante os dias dourados do verão e do outono, se fartaram um sobre o outro, não confiando no futuro. Havia apenas o agora, e eles tomaram isso famintos quando se abraçavam. Reexplorando a costa e as ilhas, os dois tomaram sol durante dias intermináveis no convés do Megan e fizeram amor até que suas peles ficaram escuras e pareciam um par de primitivos com olhos de joia. Enquanto o tempo arrefecia, voltaram para as montanhas de Donegal, para o Éden. Parte dos escombros da guerra, destruídos e marcados por cicatrizes, eles lentamente curaram suas feridas e encontraram a paz. A teimosa semente de seu amor deu flores quando Sean encontrou uma felicidade com Catherine que ele nunca conhecera. Cada vez mais, ele se tornou consciente da diferença entre

Megan, que prometeu tudo, mas só tomou, e Catherine, que deu calor e amor sem medida. Ele aprendeu a rir com facilidade e com frequência quando a brincadeira de Catherine surgia após anos de repressão. De muitas maneiras, ele nunca a conheceu, e a mulher emergente o seduziu. Todos os contrastes, todos mesmo, ela envolveu em amor e ele a adorava.

Quando Sean abriu a porta do escritório em uma tarde fria de outubro, o único aviso de uma presença estranha era uma leve nuvem de fumaça azulada que se erguia acima das costas de sua poltrona. Ele silenciosamente voltou a entrar no vestibulo. Uma voz familiar com uma nota desconhecida de zombaria entediada flutuou através da sala com a fumaça.

— Não se preocupe em pegar uma arma. Você se tornou descuidado nas ruínas dos seus sonhos. Eu diria que a ambição perdeu seu brilho?

Sean atravessou a sala, sentou na cadeira da escrivaninha com um descuido que não sentia.

— O que você quer, Liam?

O rosto dissipado que o observava da cadeira era chocante, ainda mais do que sua aparência súbita. O cabelo fino e claro era o mesmo, se não aparado; mas a bonita estética era agora de um Parsival, decepcionado ao encontrar o empobrecido cálice do Graal. O vinho e a hipocondria haviam prejudicado Liam Culhane. Sua pele estava manchada, sua boca indulgente; os olhos sombrios, brilhantes com malícia.

— Ora, que pergunta, irmão. Eu vi você na praia do penhasco. Minha esposa parece em forma. Ela estava doente, pelo que entendi? —Ele poderia estar discutindo o tempo. Quando Sean não disse nada, Liam continuou com um sorriso irônico. — Um casal charmoso, jogando jogos infantis e roubando beijos. Fiquei um pouco surpreso por você não ter levantado suas saias e a possuído.

A mandíbula de Sean se apertou, mas ele segurou a língua.

Liam bebeu seu uísque, depois brincou com o copo e sorriu para o espaço.

— Todos beijados e arrumados, até ao ponto de minha esposa ser sua puta animada até que os papéis do divórcio sejam servidos e o marido Liam esteja fora em seu nobre meio. —A cabeça de Sean se levantou ligeiramente. — Oh, sim, eu recebi o devido aviso. Na verdade, você poderia dizer que eu estive esperando por isso. Dois anos. —Ele acenou com o copo. — Vivendo como um troglodita em uma caverna com todas as minhas riquezas mundanas. Meus lacaios estavam com medo de vir e cortar sua garganta. Você causou uma impressão desagradável neles — Você se tornou um ébrio e um chato, bem como um traidor, Liam, — Sean interrompeu bruscamente. — Por que não

pega a garrafa e rasteja de volta para o seu covil?

— Eu fiquei sem licor por uma semana para que eu pudesse fazer a você e minha esposa uma visita educada, — rosnou seu irmão. — Não me apadrinhe. E quanto ao chato — lábios finos enrolaram em torno da palavra — aqui está a excitação para você: você se deita com sua própria irmã.

Sean olhou para ele.

— Você é demente.

Liam riu.

— Você gostaria disso, não é mesmo? Acredito que minha esposa tem essa honra. Foi assim que você a persuadiu a se deitar em seu chiqueiro incestuoso?

Sean saltou sobre a mesa e arrancou Liam da cadeira pela frente da camisa enquanto o uísque escorria pelo tapete.

— Porque eu mentiria? — Liam desafiou. — Ela é minha irmã também.

— Você inventaria qualquer podridão para afastá-la de mim, seu lodo!

— Eu não estou mentindo. E se você fechar minha boca agora, Catherine ouvirá a verdade do pai e nada a manterá com você!

Lentamente, Sean o soltou.

— Vamos ver sua prova inventada. Eu tenho uma coceira para enfiar na sua garganta!

Liam encolheu a jaqueta de volta à posição, estendeu a mão ao lado da cadeira em busca de um portfólio de couro e colocou-a na mesa. Ele tirou uma tela.

— Reconhece isso?

— Claro, — disse Sean impaciente. — É o retrato que costumava ficar pendurado no quarto de Brendan.

— A mulher parece familiar?

— Ela deveria?

— Você a conhece intimamente, ou melhor, sua filha.

Liam tirou uma segunda pintura. Era um retrato de Catherine em uma pose quase idêntica à da tela antiga. Catherine era de longe a mais bela, os olhos e maçãs do rosto mais dramáticos, a boca mais provocativa, mas as duas mulheres estavam inegavelmente relacionadas.

— Não vai conseguir, Liam. Isso não é prova de nada.

— Foi o que eu pensei no começo. Deixou muitas pontas soltas. — Ele colocou as pinturas no fôlio e depois tirou um envelope de pergaminho. — Então eu encontrei isso. Brendan deu um codicilo ao antecessor do padre Ryan junto com uma cópia da vontade de salvaguardar caso qualquer um de nós contestasse a dispensa da propriedade. — Ele casualmente entregou a Sean. — Você vai achar mais interessante.

Sean suspeitava de falsificação, mas conhecia a letra de Brendan, assim como a sua, e o documento era autêntico, mesmo com o peso sutil da tinta em certas cartas. As páginas continham respostas para perguntas sobre as quais ele havia se perguntado durante toda a vida, inclusive algumas respostas que ele teria dado a vida para não saber.

Meus queridos filhos Eu adicionei este codicilo à minha última vontade e testamento para ser aberto apenas sob a questão dos ditames da minha vontade. Os principais personagens que discute estão todos mortos agora, e isso pode explicar minhas ações.

Com dezoito anos, naveguei em uma das barcas do vovô Ruadric, que afundou na costa francesa. Aportei em terra perto do Convento de Santa Ana, onde uma jovem, Elise de Vigny, ajudou as irmãs a me atenderem. Ela era inocente como o amanhecer e tão adorável. Quando recuperei a saúde, ela me convidou para ficar na propriedade de seu pai até que um navio me levasse para casa. Nesse breve tempo, nos amamos com toda a alegria de jovens que não podem acreditar que seu amor é impossível. Inevitavelmente, o desejo superou a restrição. Pedir ao conde de Vigny sua mão; um dos homens mais ricos da França, e ele se recusou, enfurecido. Fui colocado à força no próximo barco e fiquei sob guarda até que a passagem para a Irlanda fosse efetuada.

A notícia do casamento de milady logo chegou. Cheio de tristeza e raiva, voltei ao mar, navegando para as Américas, ao redor do Chifre para o Pacífico. No meu regresso a casa, o casamento com Megan foi proposto. Eu queria uma companheira para aliviar minha solidão, para carregar meus filhos; Megan queria um pai para futuros reis e um homem para combinar com seus desejos.

No começo, estávamos bem juntos; então Liam nasceu, muitas vezes eu estava em Dublin e nos separávamos. Em Dublin, vi Elise novamente, como esposa de um assessor do vice-rei. Ela havia sido vendida em casamento para esconder sua gravidez de meu filho, uma criança que nasceu morta. Enderly era um homossexual discreto, interessado nela apenas como possessão. Embora fôssemos fiéis aos nossos votos matrimoniais separados, as línguas começaram a abanar.

Quando fui aprisionado, Elise, com a ajuda de Lockland Fitzhugh, usou sua influência e renda privada para obter minha libertação. Ela ocultou subornos a funcionários em listas de despesas para a restauração de Windemere. Em uma de suas visitas à prisão, Megan encontrou Elise em minha cela e ficou convencida dos mexericos de Dublin de que éramos amantes. Ela partiu para Shelan, onde alguns meses depois deu à luz Sean. Após a minha libertação, ela o levou para Kenlo.

Depois da trágica morte de Megan, fui a Dublin e implorei a Elise que partisse de Enderly. Ela se recusou a acreditar na extensão de seus crimes e, como católica devota, sentia-se ligada a ele. Em um esforço desesperado para atraí-la, fiz amor com ela, virtualmente por estupro. Como o lançamento de um rio furioso, nosso amor não podia mais ser detido. No

entanto, quando o marido voltou para a Inglaterra, Elise, sem saber que estava grávida, acompanhou-o. Porque ele não dormia com ela, não havia dúvida de quem era o pai. Ele aceitou a criança, minha filha, Catherine, mas suas relações com Elise ficaram ainda mais frias. Depois de doze anos de miséria, ela se convenceu de sua natureza cruel e resolveu terminar o casamento. Uma semana antes de sair da Inglaterra, ela morreu horivelmente em um acidente de equitação. Meu coração morreu com ela. Sua irmã, Catherine, foi fechada em uma escola para dama. Eu nunca a vi, o amor vivo de minha Elise. O escrito acima é uma explicação para esta provisão adicional: no caso de qualquer um de vocês se recusar a cumprir de qualquer maneira com a dispensa de sua herança ou morrer sem edição, uma parte da propriedade destinada ao dito herdeiro reverterá para minha filha, Catherine de Vigny Enderly, através de investimentos anônimos para propriedade americana de sua mãe.

Peço seu perdão pelos meus fracassos como homem e como pai. Com a esperança de felicidade para todos os meus filhos, eu sou seu pai amoroso, Brendan Culhane.

Sean sentiu como se uma espada tivesse emergido do túmulo e cortado suas entranhas. Liam pegou o documento de seus dedos sem resistência.

— Eu entendo que você não está mais entediado? — Ele enfiou o codicilo de volta no envelope e deu um sorriso amargo ao irmão. — Talvez você queira uma bebida; você precisará de muitas para me alcançar. — Ele colocou a garrafa na mesa. — Você diz a ela ou eu devo?

Sean jogou a garrafa para se estilhaçar contra a parede, deixando uma mancha se espalhando.

— Deixe Kit fora disso! Ela já suportou o suficiente.

— Como você propõe que ela fique de fora? Nós dois a tivemos. Parece que Rouge Flannery é o pretendente mais virtuoso de todos nós.

— Eu vou levá-la para casa. — As palavras saíram lentamente, rangendo na garganta de Sean como cinzas ensanguentadas. — Eu nunca mais a verei, mas você tem que dar a ela um divórcio incontestável.

— Sua bravura é incomum, irmão, — Liam zombou. — Como posso ter certeza de que você manterá sua parte no trato?

— Pelo amor de Deus, Liam, você acha que eu poderia levar Kit para a minha cama de novo, sabendo? Não, é claro que você não sabe! Essa é a vingança que você estava esperando por todos esses anos. — A agonia em seus olhos se endureceu a um brilho mortal. — Mas vou lhe dizer uma coisa. Se você alguma vez chegar perto de Kit, ou falar alguma coisa sobre isso com ela ou com outra alma viva, vou explodir seu cérebro doente e ensopado!

Liam encolheu os ombros.

— De alguma forma, acho que você pode realizar esse exercício em si mesmo primeiro, irmão, mas eu concordo com um divórcio assim que Catherine

estiver segura em Windemere.

— Eu quero esse codicilo queimado.

— Nós vamos queimá-lo juntos, depois que ela estiver na Inglaterra. Então vamos beber um brinde à irmã que nós dois adoramos. —Ele olhou para uma garrafa de conhaque. — Na verdade, por que não tomamos uma bebida agora?

— Maldito seja você, saia! —Sean tremeu de choque e raiva impotente. — Saia!

— Muito bem, irmão. Tenha uma viagem agradável para a Inglaterra.

Ultimamente, todos em Shelan faziam as refeições juntos na cozinha. As reuniões aconchegantes, que muitas vezes se dissolviam em gargalhadas alegres e canções que a casa raramente conhecera, proporcionaram a Sean a intimidade familiar pela qual sua solidão estava faminta. Ocasionalmente, Catherine vislumbrou uma sutil timidez sobre ele, uma melancolia no meio do burburinho que fez com que seu coração se voltasse para ele. A alienação que sentira na Irlanda fora o destino de todo o homem durante toda a sua vida. Um jantar privado no salão indicou uma ocasião especial, esperava um que promettesse notícias de Roma; mas assim que abriu a porta do salão e viu Sean, inquieto, mexendo a turfa na lareira, Catherine sabia que não. Ela foi até ele e pegou o braço dele.

— O que é isso, querido? Más notícias?

O coração de Sean se sacudiu quando ele olhou para ela. O vestido de Diane tornava sua beleza luminosa, mas novamente pressagiava o desastre.

— Você está particularmente adorável esta noite, — ele disse friamente.

Tão terrível era um vazio em seus olhos que pareciam cegos e ela sentiu um medo crescente.

— Você está tentando... Me diga se o divórcio foi negado?

— Seu marido esteve aqui hoje. —Catherine empalideceu, esperando. — Ele concordou com um divórcio incontestado, com a condição de nos separarmos permanentemente.

— O quê! Mas ele deve saber... —Ela se afastou. — Nós vamos obter um divórcio sem o seu consentimento! Ele sabe que eu nunca vou morar com ele agora!

Os furiosos olhos oblíquos como os de catamontes, Catherine estava mais bonita do que nunca e Sean nunca a quisera mais do que naquele momento, enquanto ele mentia para ela.

— Recebi notícias do cardeal Manzetti. Sem a cooperação de Liam, o divórcio é impossível. O papa considera que muitas testemunhas negam nossa posição.

Seus ombros caíram.

— Oh, Sean, eu sinto muito. — Ela entrou em seus braços e tensamente ele a segurou. — Deixe Liam ter sua vitória vazia. Tudo o que importa é ficarmos junto. — Ela ergueu os lábios para ele e, gentilmente mas com firmeza, Sean a afastou dele.

— O divórcio é importante para mim. — Ele serviu-lhe um vinho do Reno favorito. — Para sua felicidade, Catherine.

Automaticamente, ela bebeu e depois pousou o copo deliberadamente.

— Você está me assustando. Por favor, diga do que você precisa.

— Você fez estes últimos meses os mais felizes da minha vida, — ele disse, — mas eles eram uma ilusão. Na realidade estávamos vivendo uma mentira. Coabitação. Fornicação. Criando bastardos. Todos assumem que eu sou um bastardo; não sei a verdade. Eu não vou jogar isso sobre meus filhos.

Inesperadamente, Catherine colocou o copo nos lábios novamente. Ele não estava dizendo isso. Agora não.

— Você nunca teria certeza de mim, Kit, se simplesmente vivêssemos juntos. Agora, você é jovem e bonita; nenhum homem em sã consciência a deixaria por outra. Mais tarde, você terá dúvidas. Eu nunca fui fiel a nenhuma mulher por muito tempo. E quanto a mim? Eu te maltratei mais de uma vez por ciúmes. — Ele fez uma pausa. — É casamento ou nada.

Houve um silêncio.

— Você está cheio de tristeza, meu amor, — disse ela definitivamente e melodicamente. — O que nossos filhos nunca souberem não vai machucá-los. Mas você me ama tanto que dói, do mesmo jeito que eu amo você. Você era fiel quando eu estava demente, quando havia pouca esperança de que eu fosse mais do que isso. Nunca haverá mulher para você além de mim, e você sabe muito bem que nunca vou querer outro homem! O que Liam realmente disse para fazer você mentir? — A última palavra foi um pouco arrastada.

— Acredite no que você quiser, Kit, mas acabamos, — ele disse categoricamente. — Estou te mandando para casa.

Ela se levantou, sentindo uma instabilidade que aumentou dramaticamente, enviando a sala em um borrão.

— Eu não vou. Você não quer que eu vá. — Ela segurou na mesa. — Não minta mais para mim! Não... — O mundo diminuiu em uma névoa quente e envolvente. Então braços se fecharam sobre ela, embalando-a. — Você é enganoso... bastardo. Eu não irei... de volta.

Pouco antes da névoa ficar preta e silenciosa, ela ouviu a resposta dele.

— Eu não vou estar aqui.

CAPÍTULO 19

PRESO

A névoa se movia sobre Catherine como se estivesse se arrastando do mar, depois recuou até quase penetrável. Ela sentiu algo sob sua cabeça pesada enquanto o fluido quente escorria por sua garganta. A névoa apareceu novamente, mais espessa do que antes. Finalmente, separou-se para revelar querubins brincando sobre uma Vênus nua, reclinada pintada no teto. O cupido se inclinou sobre o ombro da Vênus com uma piscada familiar e modesta. Com as narinas queimando no odor rançoso da sala, Catherine segurava uma colcha de cetim. Sua cama. Casa. Depois de quase três anos. Seus olhos se fecharam. Sean, volte. Você é meu ar, minha vida. Ela cambaleou da cama para o armário, depois vasculhou suas roupas sujas: vários Le Roys, mas nada de Sean. Ela jogou um traje na cama, em seguida, procurou suas botas.

— Bem vinda a casa, minha lady. Você vai precisar de mim? — Catherine pulou e olhou por cima do ombro. A serva, Mignon, a olhou sem piscar.

Catherine virou-se deliberadamente.

— Sim, você pode me ajudar. Onde ele está?

— Quem, milady? — O francês da mulher era cortado, como o de Sean.

— Não brinque comigo. Você é a espiã dele.

— Milady?

— Droga, Mignon, eu tenho que encontrá-lo antes... — Ela parou. Essa não era Moora. Nesse rostinho duro estavam os olhos da cor e do calor do aço de Toledo. — Mignon, eu não sou sua inimiga. Eu não vou traí-la. E eu vou te dar qualquer coisa.

— Eu não preciso de nada, moça. — Mignon foi até a cama e começou a desabotoar a jaqueta que estava lá. — Você vai cavalgar antes do café da manhã? Meu senhor Enderly está ansioso para vê-la.

Catherine pegou o pulso da serva.

— Eu tenho provas. Eu tenho... — Então ela se lembrou. Sean nunca lhe dera o endereço de Flynn. Não havia nada que indicasse que seu cativo tinha sido nada além de um desejo.

A garota a olhou com desprezo.

— Se o cavalheiro em questão não tem desejo de ser seguido, você tem pouca escolha a não ser aceitar a decisão dele.

Catherine caiu na cama. Mignon estava certa. Sean deixara claro, quaisquer que fossem seus motivos, nunca mais queria vê-la. Que arma distorcida Liam usara? A raiva crescente afastou a dor bruta. Se levasse o resto da vida, descobriria a verdade e encontraria Sean. No entanto, primeiro ela tinha que lidar com seu pai.

— Mignon, eu quero a seda esmeralda.

Em um dos raros momentos de sua vida, John Enderly ficou surpreso. A criatura de tirar o fôlego que o abraçou não era a criança de olhos de lua de três anos antes, mas uma mulher segura, uma beleza dramática com fogo e promessa.

— Papai, — disse Catherine calorosamente, — como é bom vê-lo. Não posso lhe dizer como estou feliz por estar em casa.

Ele pegou as mãos dela.

— Você está bem, minha querida? Eu perdi toda a esperança de seu retorno seguro.

— Muito bem, papai. Mais velha. Mais sábia. Com uma reputação que eu assumo está em frangalhos. — Ele parecia um pouco surpreso com a franqueza dela. Ela apertou as mãos dele. — Pobre papai. Minha ressurreição deve envergonhar você grandemente.

Ele a levou para a mesa do café, sem candelabros e flores comuns.

— Você nunca deve acreditar nisso, minha querida. Você é tudo que eu tenho e mais precioso. — Ele sentou-a. — Uma criatura tão adorável raramente fica em desvantagem na sociedade, asseguro-lhe. — Ele retomou seu lugar no final da mesa e pegou um guardanapo. Catherine, abrindo o seu, achou-o desgastado e menos que limpo. Manchas claras nas paredes demarcavam pinturas ausentes. O aparador e sua prata estavam faltando. Enderly notou seu olhar. — Como você deve ter notado, o resto da casa é ainda mais árido. A vingança foi completa. Dependo de você para me ajudar a localizar o autor de nossos infortúnios!

John, o mordomo, entrou com uma bandeja. Ele se inclinou ao presentear Catherine com uma laranja cercada de figos secos.

— Bom dia, John.

— Milady. — Corretamente correto, ele serviu Enderly e saiu da sala.

Catherine começou a comer a fruta.

— De certa forma, parece que nunca estive fora. Nada muda John.

— Ele é um dos poucos criados que eu mantenho.

— Certamente Alice está aqui?

— Sua ex-serva sucumbiu à insuficiência cardíaca há dois anos.

— Pobre Alice, — Catherine sussurrou suavemente. — Eu senti tanto a

falta dela.

— Ela não fez nada além de falar de sua infância. Alguém teria pensado que a mulher tinha sido sua mãe.

— De certa forma ela era. Eu tive a sorte de ter tido duas mães.

Percebendo que ele franziu a testa um pouco, como sempre fazia quando falava com familiaridade dos criados, ela pensou sem emoção: Como eu poderia tê-lo adorado tão cegamente? Que criatura estreita ele é. Exteriormente, ele não se alterava tanto quanto Catherine sabia: suas roupas já não eram tão bem cortadas por toda a simplicidade, seu rosto era tão bonito quanto antes, as poucas mechas de prata em suas têmporas apenas aumentavam sua distinção.

Omeletes de rim chegaram com chá preto quente. A refeição foi agradável, a conversa não menos. Quão civilizados nós ingleses somos, ela pensou, ligeiramente divertida.

Depois do café da manhã, Enderly a levou ao escritório. Enquanto ele espalhava um mapa, ela notou que o terraço além da janela estava coberto de folhas, os jardins entupidos de ervas daninhas.

— Você deve me dizer tudo o que puder lembrar. Onde você foi sequestrada?

Cuidado, minha garota. Nem muito ou pouco. Seu querido pai não esteve sentado em suas mãos. Diga-lhe apenas o que você acha que ele sabe. Sua história era uma mistura de verdade escassa sobre o verdadeiro sequestro e a flagrante ficção sobre os contrabandistas da Ilha do Caribe e seu líder vingativo, que a havia maltratado primeiro, depois a tornara sua amante.

— Ele era um espanhol de educação que se chamava Perez, e ele nunca saiu da ilha, pelo que sei. Consegui fazê-lo se apaixonar por mim. Os últimos dois anos foram bastante confortáveis... mas um tanto exaustivos.

Enderly levantou uma sobrancelha, mas não fez nenhum comentário.

— Por que esse Perez deixou você partir?

— Ele se casou com a filha de um rico fazendeiro francês. Louise era gordinha e dada aos babados. Ela e seu pai igualmente rechonchudo se opuseram ao restante da ilha. Aparentemente, o espanhol completou seus planos com você, então com considerável pesar, ele me mandou para casa tão abruptamente quanto eu fui sequestrada. Exceto que desta vez, fui drogada. Talvez ele tenha pensado que eu poderia ficar histérica com a perspectiva de deixá-lo — acrescentou ela secamente.

— O homem de olhos verdes, é ele?

Embora ela não mexesse um fio de cabelo, seu coração afundou.

— Um mercenário pago. Eu raramente o via.

— Perez disse por que ele iniciou essa vingança?

— Uma queixa antiga. Ele te responsabilizou pela morte de sua mãe, mas onde ou como, nunca disse, e era um homem perigoso para cutucar.

— Você acredita na história dele?

— Claro que não, — ela mentiu suavemente. — O homem estava obcecado. Você sabe como os latinos são sobre suas mães.

Enderly sentou-se na cadeira da escrivaninha.

— Você sofreu muito, Catherine, mas eu nunca esperei que você se transformasse em uma cínica.

— Como eu disse, papai, fiz ajustes. Não me considero cínica, apenas prática. — Ela olhou para ele com frieza. — Por exemplo, a minha ausência deve ter sido estranha para explicar. Como você fez?

— No início, você estava no exterior; depois, visitou parentes na América.

Ela riu levemente.

— Que vergonha de reivindicar relações coloniais; ninguém poderia duvidar de que tal admissão seja verdadeira.

— Ninguém acredita nisso agora, é claro, mas ninguém pode contestar isso.

Ela brincou com um cacho na bochecha.

— Ainda assim, nenhuma virtude, nenhum dote, nenhum casamento. Mesmo um rico burguês não poderia começar a restaurar nossa fortuna. — Ela pareceu pensar sobre o problema. — Eu posso ter que me tornar uma discreta cortesã, uma cara que só os mais ricos podem pagar. — Ela cortou Enderly com um olhar. — Você se importaria muito?

— O que faz você pensar que é adequada para ser cortesã?

— Caro papai. Você me daria de alimento aos lobos se eles tivessem dentes de ouro. Perez era um homem de gosto cansado, — declarou ela com naturalidade. — Eu nunca o entediei. Sou nova, misteriosamente escandalosa, bem criada e disponível... por um preço. Mas quero mais do que dinheiro. — Ela se inclinou para frente deliberadamente, os seios inchando contra o decote de corte baixo. — Você pode ver que sou apresentável aos homens apropriados. Artois e Angoulême ainda estão em Edimburgo, não estão?

— Angoulême vai se casar no ano que vem com a princesa de Sabóia. Não é uma escolha sábia, minha querida.

— Eu não estava pensando em Louis. Monsieur é quem controla as cordas da bolsa.

— Ele não é nenhum tolo, Catherine. Ele tem uma amante de alguns anos com quem está bem satisfeito. Ele não se entrega a ninguém além de si mesmo. Ele a teria para um aperitivo.

— Tal mordidela pode intrigar um gourmet. — Ela sorriu maliciosamente. — Acredito que Monsieur le due poderia ser tentado a provar

toda a festa.

— Possivelmente.

Ela se inclinou sobre a mesa.

— Papai, não há tempo. Quanto tempo antes de perdermos Windemere? Meses? Semanas? Eu não questiono o seu julgamento; só peço que você faça uso de mim enquanto eu possa ser uma ferramenta valiosa. A pobreza pública não é pedra de amolar.

— Eu estou ciente de seu ponto, Catherine. Eu considerarei isto. —Ele se levantou da cadeira. — Agora, infelizmente, tenho negócios urgentes em Liverpool. Peço que me desculpe esta noite, minha querida. Sinto muito pela distração, mas sua chegada foi precipitada. —Ele pegou as mãos dela. — Vamos passar muito tempo juntos, prometo. Tenho certeza de que você está cansada depois da jornada e gostaria de descansar em silêncio no seu quarto. John estará perto, se você quiser alguma coisa.

John, o carcereiro.

— Obrigada, papai. Estou cansada. Gostaria de ler alguma coisa. O relato da Expedição Vendue de Artois ainda está na biblioteca?

— Sim, claro. Talvez eu possa corrigir sua inclinação jacobina depois do jantar.

Tirando-a do escritório, ele trancou a porta e caminhou com ela até o vestíbulo, onde John lhe entregou seu chapéu, luvas e roupas. Ele beijou sua bochecha.

— Até esta noite, minha querida.

Catherine o observou montar um garanhão da baía e descer a estrada.

Querido papai você não confia em mim tanto quanto pode me usar, ela pensou, e é exatamente por isso que vou a Edimburgo para ver Flynn!

John Enderly revisou a breve história de sua filha. Embora ela não tenha feito escorregões, a história tinha lacunas; sua comparação com a versão do prisioneiro poderia ser interessante. Seu retorno foi desajeitado, mas sua beleza incomum apresentava possibilidades. Ela ainda não tinha vinte e um anos; isso deixava quase dois meses para decidir se ela se mostraria mais útil morta do que viva.

Receber sua primeira informação real virtualmente na véspera de seu retorno foi uma coincidência peculiar. A nota anônima vinha simplesmente afirmado que sua filha estaria entrando novamente na Inglaterra via Liverpool dentro de uma semana. Se ele tivesse homens nas docas e no Cockcrow Inn, ele poderia interceptar o homem que o arruinara. Custou, mas os fuzileiros o levaram vivo. Quando o prisioneiro acordou, com os olhos verdes cheios de

ódio e felinos brilhando através das barras, o oficial do plantão sabia que ele tinha o seu homem.

Sem demora, Sean foi levado ao sargento Worthy para ter sua língua destrancada. Apesar de seu controle rígido, seus nervos se arrastaram quando Worthy cortou sua roupa. Suas botas estavam bem colocadas, como por um valete, perto da porta da sala de pedra de dois andares. Digno e meticoloso, apesar de seu corpo enorme e musculoso. Seu amável rosto de cão não fez nada para dissipar o nó gelado no estômago de Sean. Um chicote de nove caudas pendurado no torno que o segurava suspenso pelos pulsos, os tornozelos amarrados nas colunas de apoio, os dedos dos pés apenas tocando o chão. Ele piscou, um suor de antecipação picando sua pele.

Worthy testou as cordas de seus pulsos, que estavam envoltos em algodão grosso para absorver a transpiração e impedir que o prisioneiro se livrasse em uma efusão de seu próprio medo.

— Bem, rapaz. Isso é tudo. — O homem tocou um punhado de pontos de ferro, enganchados nas tiras de couro cru do chicote. — Toda vez que você já tiver o bastante, cante. Eu não sou do tipo que gosta de machucar um homem mais do que o necessário, mas eu faço o meu trabalho, e sou bom nisso. — Ele recuou, depois pareceu lembrar de algo e deu um tapinha no ombro de Sean. O jovem irlandês se encolheu. — Não fique tenso. O chicote pode rasgar os músculos permanentemente.

Sean tentou concentrar-se na corda que cortava seus pulsos, a dor latejante em sua cabeça, na ponta da pistola, qualquer coisa além do que ele sabia que estava por vir. Mas ele não podia saber, não podia imaginar, a garra de dor que o fez suspirar e se chocar contra os grilhões. O segundo veio com o primeiro e ele mordeu forte e sentiu o gosto de sangue. Relaxar o fez se sentir exposto, e com toda a sua vontade, ele lutou contra o desejo de dar um nó em seus músculos contra a dor. Tentou entrar dentro de si mesmo. Ocultar-se. Com o tic metódico de um relógio, Worthy cortou suas costas em pedaços. A escuridão demorou a chegar. Quando isso aconteceu, Worthy teve que derramar três baldes de água salgada nele. Ele puxou a cabeça gotejando pelos cabelos.

— Qualquer coisa a dizer, rapaz?

Sean piscou, tentando se concentrar, depois sacudiu a cabeça como um cachorro cansado.

O cão suspirou.

— Bem, você decide. — Deixou cair a cabeça da vítima e colocou um braseiro aquecido em um tripé próximo. — Depois que fui pressionado a seguir com os fuzileiros navais, passei quinze anos no Oriente. Posso dizer que aprendi os pontos mais delicados do meu ofício lá. — Ele apoiou longas agulhas no

braseiro. Dedos grossos se deslizaram ao longo da nuca de Sean. — Os diabos amarelos podem fazer um homem uivar apenas com um toque. — Ele aplicou uma pressão sutil na medula e a cabeça do irlandês se moveu para trás, os lábios e seus dentes em um rito; a dor chata era um prego que entrava em seu cérebro, tornando a dor do chicote uma carícia comparativa. Então a mão de Worthy se deslocou para sua espinha e ele rasgou as amarras; quando se moveu para a virilha, ele fez sons de medo, começou a gritar e continuou a gritar quando os dedos finalmente se tornaram agulhas brancas que exploravam os nervos de seu corpo até que nenhum som emergiu dos lábios rachados e sangrentos, embora ele ainda gritasse. Até que ele não reconhecesse mais Worthy. Não sabia seu próprio nome. Qualquer coisa.

O visconde na sacada foi para casa jantar.

— Papai, eu vou aos estábulos esta manhã para ver Numidian. Por que não se juntar a mim?

— Infelizmente, minha querida — murmurou o visconde — o cavalo foi roubado por um cavaleiro, aquele que era seu cocheiro na noite do sequestro. Suspeito que ele estivesse em aliança com... o senhor Perez.

O ânimo vigoroso de Catherine despencou de maneira convincente.

— Numidian, se foi? Oh, papai! Amin não foi embora também, foi?

— Sua mãe deixou um legado para ele. Eu diria que ele estará conosco até o dia do juízo final. — A última frase foi sarcástica. Nenhum amor existia entre o inglês e o árabe.

— Eu suponho que vou ter que fazer isso, — suspirou Catherine. — Nós não temos montado em anos, papai. Vem.

— Você sabe que eu detesto cavalos, — ele respondeu preguiçosamente. — Ter que andar sem carruagem é tedioso o suficiente para cavalgar como esporte. — Então ele se soltou graciosamente. — Tenho outra missão em Liverpool, mas amanhã faremos algo juntos, prometo.

— Querido papai, você é bom para mim. — Catherine subiu correndo e rapidamente vestiu um traje de montaria, depois correu para os estábulos.

Depois de uma reunião gravemente digna, mas feliz com Amin, ela o levou até o anel de montaria, longe do alcance de John, que havia seguido para se esconder atrás de uma sebe de buxo nas proximidades. Uma vez que Amin percebeu que ela passara a desprezar seu pai e sabia de sua carreira viciosa, ele era uma mina de informação.

— Eu me lembro da morte de minha mãe agora. Estou livre disso, exceto por uma coisa. Ela prometeu me contar um segredo no dia em que foi morta;

ela nunca teve a chance.

— Sua mãe resolveu se separar do meu senhor Enderly.

Ela sentiu um pavor frio.

— O acidente foi bastante estranho. —Amin não disse nada. — Amin, papai realmente não a amava e ele tinha todo o dinheiro dela. Por que ele se importaria tanto com o que ela fez?

— Meu senhor Enderly é um homem extremamente orgulhoso. —Ele enfatizou as últimas palavras com uma inflexão de ódio que ela nunca o ouvira usar.

— Ele a assassinou? Por orgulho? —ela sussurrou, horrorizada.

— Orgulho e ganância. Se ela tivesse persuadido você a ir com ela, ele teria perdido toda a possibilidade de sua fortuna.

— Que fortuna?

— No seu vigésimo primeiro aniversário, você herdará as propriedades de Vigny.

— Mas não há nenhuma. A Revolução levou tudo.

Ele encolheu os ombros.

— Se os Bourbons voltarem ao poder, você será rica. O château e suas terras, as propriedades parisienses e europeias são impressionantes quando unidas sob uma única herdeira. Você até possui uma ilha perto da Jamaica.

— Então, incentivando meu colapso mental, papai teria sido o herdeiro, — ela pensou. — Que inconveniente para mim retornar agora.

— Particularmente porque você não é filha dele. Eu teria preferido manter esses segredos por um tempo, mas você está em perigo imediato, minha lady.

Logo, contou tudo a ela.

— Brendan Culhane é meu pai? —A cor sumiu de seu rosto tão de repente que ele pensou que ela deveria cair. — Oh, meu Deus! —Atordoada com horror e pesar, ela se agarrou à cerca.

— Milady, por favor! —Ela lentamente se endireitou, em pé como se estivesse apoiada. — Milady? Qual é o problema?

— O homem de quem você suspeitou em Ingram é o filho de Brendan Culhane, Sean. —Seu aperto no trilho se intensificou. — Eu era sua amante. Casei com seu irmão Liam há dois anos. —Ela torceu o trilho em fúria crescente. — Essa foi a arma que Liam usou! Ele deve ter descoberto a verdade na disputa legal pela propriedade. Não é de admirar que ele estivesse tão disposto a permitir um divórcio incontestável! Eu tinha motivos para me divorciar dele, concordando ou não! —Lágrimas brotaram de seus olhos quando sua cabeça se curvou. — Oh, meu Sean, nós somos certamente abandonados por Deus!

— Foi Sean Culhane quem te devolveu? —Ela assentiu. — Milady, eles sabiam de sua vinda. Havia um informante.

— Só Liam sabia que Sean estava vindo para cá! —Ela rangeu os dentes. Isso era malévolos... não havia palavra suficiente! — Eles o interceptaram?

— Eu tenho perguntado discretamente, mas não sei.

Sua inteligência aturdida se aguçou.

— Se eles o pegaram, um iate chamado Megan ainda pode estar no porto. —Ela pegou uma lasca da cerca. — Enderly pode me deixar ir para a Escócia, se ele espera que eu o leve para as pessoas que procura. —Ela acenou para a brisa agitando a grama. — De barco, posso chegar a Edimburgo em três dias, se Deus fizer um vento firme. É a única chance, — acrescentou ela sombria, — pois se Sean está na prisão, não posso fazer nada sozinha.

Uma garrafa acenou sob o nariz de Sean; sua cabeça estremeceu fracamente, tentando evitar o cheiro cortante de amônia.

— É o suficiente. Ele está vindo por aí, — veio de uma forma nebulosa oscilando em um horizonte cinza. Outra forma foi anexada à garrafa e ele olhou para ela com curiosidade maçante. Todo o seu ser parecia uma ferida aberta.

— Espere um pouco mais. Ele está apagando de novo. —A cabeça do irlandês se desvencilhou.

— Bom dia, Sr. Fitzhugh. Você pode me ouvir?

Sean moveu os lábios, mas tudo o que surgiu foi um gemido.

— O prisioneiro parece bastante desarticulado, Sr. Worthy.

Worthy deu de ombros.

— Eu trabalhei nele apenas ao ponto em que ele não morreria ou iria ficar idiota. É minha opinião, milorde, que você não tirará nada dele.

O chicote de Enderly bateu contra sua mão, seu único sinal de irritação.

— Você é um homem teimoso, Sr. Fitzhugh, mas isso não vai te salvar. Sua recusa em quebrar o silêncio confirma sua culpa. Você é muito teimoso para seguir ordens e você não é estúpido o suficiente para morrer por outro homem. —Ele empurrou o chicote sob o queixo do prisioneiro, abruptamente forçando a cabeça para cima. — Eu posso não ser capaz de recuperar a minha fortuna e minha reputação manchada, mas como Shylock de Shakespeare, eu vou ter a minha libra de carne e mais, começando com sua masculinidade alardeada.

Sean raspou cada palavra.

— Você... invejoso... viado!

A boca de Enderly ficou branca e os nós dos dedos se esticaram no chicote.

— Você gostaria de me provocar para matá-lo com um golpe, não é? —Ele

se virou para Worthy e ditou com calma, como se dando uma ordem a um comerciante — Castre-o. — Ele levantou um dedo e deixou cair.

Ouvindo num silêncio entorpecido e incrédulo, Sean ficou furioso, gritando uma vida inteira de ódio contra seu inimigo. Finalmente, ele se pendurou, contorcendo-se, semiconsciente, olhos tão sulfurosos como um demônio do inferno. Enderly retirou graciosamente um pacote do bolso.

— Nesse pacote, Sr. Worthy, você encontrará uma roupa íntima de mulher. Traga-me o equipamento para castrá-lo. Eu pretendo enviar o pacote para minha filha.

— Deixe-a em paz! Ela não tem parte nisso. Deixe-a em paz!

— Obrigado, Sr. Fitzhugh. Os últimos minutos foram muito recompensadores. Agora, se você me der licença, deixarei você com a perícia do Sr. Worthy.

Depois de testemunhar a explosão violenta do irlandês, Worthy não se arriscou. Ele convocou quatro guardas para tirar o prisioneiro da cinta de flagelação e deitá-lo, ainda lutando, em uma laje de pedra em forma de X no centro da sala. Algemas de ferro ajustáveis encaixadas nos membros esticados de pedra até o ponto de esticar os punhos e tornozelos firmemente amarrados. O homem condenado foi amarrado em menos de cinco minutos.

Worthy dispensou os soldados e começou a amolar uma faca que parecia um bisturi médico.

— Observar só faz piorar, rapaz. Quanto mais afiada a lâmina, menos você a sente. Eu serei o mais rápido que puder.

A faca tremulou de branco azulado, e o suor escorria do corpo ensanguentado do irlandês enquanto ele se esforçava contra as amarras.

Worthy testou a lâmina contra o polegar, depois posicionou-a entre as coxas do prisioneiro.

— Jesus, Maria, Mãe de Deus, — Sean sussurrou, incapaz de tirar os olhos da lâmina descendente.

De repente, o homem de pernas abertas arqueou-se como um arco esticado, os tendões destacando-se como cobras rastejantes enquanto a faca cortava com perfeição. Seu corpo convulsionou, seu uivo sem esperança de indignação rasgando o céu do cérebro, para cima, para cima, ecoando contra as paredes de pedra. A escuridão encheu sua boca e olhos e ele caiu para trás, de cabeça em um buraco torcido e escuro.

CAPÍTULO 20

DECADÊNCIA

Persuadir Enderly a permitir que ela fosse a Edimburgo provou ser tão simples quanto Catherine supôs, e menos de duas semanas depois de pôr os pés na Inglaterra, ela se vestia em uma pousada na Escócia para chamar a atenção de um duque real. O vestido de veludo foi revestido em arminho, o regalo²⁷ da mesma pele luxuosa, com pontas pendentes. Um lampejo de admiração nos olhos de Mignon, embora rapidamente reprimido, foi um impulso maior para sua confiança do que uma série de elogios masculinos.

— Mignon, eu desejo que você vá para a universidade e copie uma postagem das palestras cirúrgicas desta semana. Você pode ser seguido. Presumo que você possa iludir uma parte interessada?

Embora as ruas estreitas estivessem cobertas de neve por baixo de seus riscados cartazes, Catherine pediu uma carruagem aberta e dirigiu o cocheiro ao parque. Quando o homem estalou o chicote e incitou os cavalos na direção das avenidas mais largas da cidade, uma segunda carruagem seguiu discretamente atrás deles. Lindos de uma maneira estranha e melancólica, os edifícios de pedra de Edimburgo se espalhavam por uma série de desfiladeiros. A imensa massa do Castelo de Edimburgo em seu penhasco pairava sobre os telhados enevoados. Embora o parque fosse desolado no inverno, seus canteiros de flores estéreis e arbustos ornamentais formavam esculturas fantasiosas sob cobertores brancos, e crianças de toucas brilhantes gritavam enquanto brincavam.

Ao observá-los, a jovem condessa sentiu uma felicidade silenciosa. Agora, havia um pouco de Sean dentro dela, e compartilhava a alegria e a dor da mãe quando carregava um filho do homem que amava, mas que nunca poderia ter. Catherine não podia odiar seus pais; ela entendia a angústia deles muito bem.

Logo, ela viu que o estalajadeiro era uma fofoca precisa; um grupo de cavaleiros trotou ao longo de um caminho na extremidade do parque. Ela sinalizou ao cocheiro para levá-la mais perto. Magro e escuro entre os cavaleiros estava Angoulême; com ele havia três jovens e um mais velho. Enquanto cavalgavam nos cavalos, trechos de risadas masculinas deslizavam pela neve. Com uma ordem rápida para o cocheiro parar, ela desmontou da

carruagem. Correndo levemente em direção às crianças, ela pegou um punhado de neve, fez habilmente uma bola e jogou na parte de trás da cabeça do garoto mais próximo. Ele pegou sua munição, virou-se e ficou boquiaberto com a elegante culpada. Sua risada provocante tilintou convidativamente no ar fresco.

— Você vai jogar isso?

— Eu não posso matar uma lady, minha senhora, — o menino vacilou.

— Por que não? Eu me esquivo como um soldado. Retalie!

Duas outras crianças arregalaram os olhos quando seu companheiro lançou nervosamente uma bola de neve tímida na direção da lady. Catherine rebateu com o regalo, fazendo-a explodir em pó.

— Vamos, você pode fazer melhor que isso! Eu posso fazer melhor que isso! — Assim dizendo, ela pegou outro chumaço de neve e atirou na boina. O menino ficou vermelho quando outra o pegou no ombro. A indignação conquistou bravura e ele respondeu com energia. Logo os mísseis de Catherine começaram a se conectar com as outras crianças. Todos alegres, todos se afastaram.

Os homens a cavalo, notando a batalha furiosa e a adorável garota defendendo um forte de sebe, se aproximaram com uma curiosidade masculina previsível. De repente, a jovem girou. Com a precisão do atirador, ela despachou um pedaço molhado de neve no ouvido esquerdo de Angoulême. Ele ofegou e agarrou sua cabeça. O homem mais velho atrás dele rapidamente acertou sua montaria para frente para bloquear o corpo do duque com o seu, com a intenção de empurrar o agressor para o lado. Catherine se esquivou e chutou seu cavalo com força nas costelas. Ele recuou, derrubando seu cavaleiro na neve. As crianças aplaudiram e em defesa de sua nova amiga jogaram uma rajada de bolas de neve nos cavaleiros montados. Angoulême se abaixou, tentando vislumbrar seu assaltante inicial. Ela riu e disse alegremente: — Preparados para se renderem, senhores?

Os olhos de Louis se arregalaram.

— Catherine! Eu quero dizer...

— Bom dia, sua graça.

Limpando a neve de seus ombros e chapéus, os outros ficaram espantados com a jovem imprudente. As crianças pararam, as mãos cheias, observando os homens.

Um sorriso travesso iluminou o lindo rosto de Catherine.

— Quelle assassino, para despachar um duque de uma forma tão ignóbil! La Gloire de France e todas as suas forças niveladas por um bombardeio de bola de neve!

Os lábios se contraíram, mas ninguém se atreveu a rir. Louis ficou

completamente envergonhado, ainda mais por causa de seu envolvimento e da desgraça dos Enderlys, mas Dieu, ela era uma criatura maravilhosa! Os olhos da condessa brilhavam como as joias de um rajá e a neve em seus cílios era arrebatadora.

— Não há perigo, Rochand. Eu conheço a jovem lady, — ele disse nervosamente para o homem lutando para ficar de pé.

Olhos de safira inclinaram-se para ele sob cílios fantásticos.

— Você está tão certo de que eu não sou perigosa, Sua Graça?

Ele corou.

— Milady, eu posso apresentar meus cavaleiros... —Ele soltou os nomes com infelicidade, terminando com o cavaleiro desmontado, Rochand, o ajudante de seu pai. — Senhores, Lady Catherine Enderly, a condessa de Vigny.

Catherine fez uma reverência mais profunda do que o necessário. As crianças, reconhecendo a dispersão de títulos até mesmo em francês, desvaneceram-se, pensando melhor em um novo ataque. Os companheiros do jovem duque estavam abertamente intrigados. A reputação escandalosa da beleza era um desafio aberto. E ela sabia disso.

Até mesmo Louis, contra seu melhor julgamento, sentiu uma pontada aguda de arrependimento. Que moça desejável! E ela deliberadamente o procurou. Obviamente, ela queria agradar seu pai. Até onde ela estaria disposta a ir? Ele reprimiu suas fantasias com um esforço. Parecendo saber o que ele estava pensando, ela sorriu para ele com um olhar avaliador e maroto. Ele se mexeu desconfortavelmente. Melhor terminar essa charada rapidamente e encontrá-la em particular mais tarde.

— Eu peço desculpas, condessa, mas eu tenho deveres urgentes esta tarde. Você nos perdoa?

Um suculento lábio inferior projetava-se suavemente.

— Você não quer me convidar para a corte, Sua Graça? Posso ser forçada a deixar a cidade amanhã. Papai me pediu especificamente para apresentar seus cumprimentos a Monsieur le duc.

Louis ficou branco. Maldita seja a garota!

Seus cavaleiros se entreolharam. Não faltava coragem a lady, mas ela claramente agitou a imaginação do jovem duque. Se ele a esnobasse agora, poderia dizer adeus para sempre desfrutar dos favores dela. Se ele a reivindicasse, eles teriam que esperar sua volta, e ninguém queria esperar.

Os olhos de Catherine se arregalaram, suas profundidades misteriosas eram adoráveis além do imaginável, sua boca macia vulnerável, de alguma forma implorando agora. A pele se derrapando ligeiramente na neve que caía suavemente. Louis imaginou aquela boca se abrindo sob a sua gratidão, os olhos

escurecendo enquanto o corpo dela respondia ao seu desejo. Seu pai poderia repreendê-lo, mas que diferença um breve momento público poderia fazer? Era tão pouco para render uma recompensa tão bela. Os outros a consideravam como um abutre.

— Se seus compromissos permitirem, tenho certeza de que meu pai ficará feliz em recebê-la esta tarde, condessa. Podemos acompanhá-la? — Seu sorriso, de repente radiante só para ele, aqueceu seus órgãos vitais como vinho quente.

— Obrigada, Sua Graça, — ela disse suavemente.

Ah, quão vulnerável, quão feminina ela é por trás da imprudência, ele pensou enquanto sinalizava para o cocheiro. Como eu vou gostar dela.

As sobranceiras de Artois se abaixaram quando seu filho hesitantemente pediu permissão para apresentar a condessa.

— Você está ciente, Louis, que eu não tenho desejo de recebê-la?

— Sim, pai, mas achei que não faria mal nenhum ser civilizado. Afinal, ela não é responsável pelos crimes do pai.

— Como os pais nem sempre devem ser responsabilizados pelas indiscrições idiotas de seus filhos, — disse ironicamente Artois, olhando friamente para o filho avermelhado. — Isso é diferente de você, Louis.

— Peço desculpas, pai, — disse Louis envergonhado. — Devo mandá-la embora?

O duque suspirou exasperado. A estratégia de Louis era infantilmente clara, mas se ele estivesse empenhado em um caso, a mulher seria mais bem tratada agora, a fim de evitar problemas mais tarde.

— Deixe-a. Mas Louis — levantou a cabeça, — não presuma minha paciência novamente.

— Sim, pai, — o jovem murmurou humildemente.

Quando a condessa de Vigny entrou na sala e fez uma reverência graciosa diante dele, Artois soube por que a timidez costumeira de Louis se desintegrara. A incrível beleza da jovem era como a de uma rosa de inverno subtilmente perfumada. O capuz forrado de arminho, abaixado em respeito ao seu prestígio, revelava um rosto requintado com a pele tão translúcida que o pulso de sua garganta era um leve azul sob a pele. O cabelo de cetim de ébano varrido em um coque elegante enfatizava seus olhos hipnóticos. Nenhum traço da garota impudente no parque era aparente agora. Uma aristocrata do ancien régime — antigo regime — estava diante dele, a vintage de linhagem aparente em refinamento e orgulho de porte. Que rainha ela teria sido, ele pensou com pesar quando murmurou suas saudações. Embora ele supusesse que ela logo começaria um apelo por seu pai, felizmente, a jovem condessa não parecia

inclinada a discutir o visconde e conversou com uma inteligência discreta sobre o novo regime na França.

A audiência de dez minutos se estendeu. Como não haveria segunda entrevista, Artois se viu relutante em dispensá-la. Seu vestido de veludo clarete era surpreendentemente eficaz contra as paredes de pedra cinzenta com suas pesadas e sombrias tapeçarias. Ele detestava Edimburgo e o castelo úmido em particular. Os presbiterianos eram muito sérios. Catherine de Vigny era como uma lufada de verão parisiense, quente e tranquilizante para os sentidos. Até a pele dela parecia sutilmente aquecida pelo sol. Como homem, ele estava interessado; como um príncipe, ele era cauteloso. Sem dúvida, a garota era o instrumento de seu pai, e Artois sabia o suficiente da astúcia de Enderly para suspeitar de uma cobra sob o veludo; mas sua franqueza e ausência de flerte lhe deram uma pausa.

Ele se ouviu se oferecendo para pegar o manto dela. Sua cabeça se inclinou graciosamente quando ele tirou o pelo dos ombros dela. Uma nuca e um ombro tentadores incitavam um homem a roçá-los com os lábios. Uma garganta esbelta, parecida com um cisne e clavículas delicadas, curvava-se acima dos seios adoráveis, cremosos e sedosos no baixo decote. Fazia muito tempo desde que Artois desejara uma mulher à primeira vista, mas esta tinha algo indefinível. A boca e o jeito que ela se movia sugeriam uma sensualidade profunda e consciente. Ela parecia ser uma mulher para quem os homens não guardavam segredos, mas que os desenhavam como uma chama, prometendo realização de anseios secretos, nem todos eles do corpo. Uma madona. Uma mulher. Como as sementes frígidas de Enderly podiam produzir uma criatura dessas? Ela sentiu seu escrutínio agudo e se virou para olhar para ele. Olhos que um homem poderia matar, se ao menos se visse sozinho refletido em suas profundezas. Ela parecia saber o que ele estava pensando, mas enquanto havia reserva, havia compaixão também.

— Eu vejo agora, Catherine, eu fui tolo em propor que você fosse a amante de meu filho, — ele comentou em francês. — Um czar, talvez; um autocrata; mas nunca Louis.

— Louis é um bom menino, — ela respondeu gentilmente.

— Sim, a princesa vai se adequar bem a ele. — Ele a estudou. — Você deve se ressentir da oferta ser retirada.

— Eu nunca soube disso, Sua Graça, então não houve decepção.

As sobrancelhas de Artois se levantaram ligeiramente.

— Eu assumi que seu pai iria encorajar o jogo. Eu a teria casado com um duque: Guise, provavelmente.

— O visconde foi honrado por sua consideração, como eu descobri

recentemente, depois que a aceitação era impossível. Eu estive ausente da Inglaterra nos últimos três anos, você sabe.

— Sem comunicação com seu pai? —ele perguntou, assustado.

— Eu preferi assim, como faço agora, mantenho esses anos privados de todos.

Ele ficou sem graça.

— Mesmo ao custo de sua reputação, Comtesse?

— Mesmo assim.

Nenhum filhote de Enderly poderia perder completamente a ambição.

Deliberadamente, ele mudou de assunto enquanto a guiava pelos apartamentos reais, apontando obras de arte entre os compromissos. Ele parou casualmente em um relógio de Louis XIV.

— Seu pai obteve isso para mim. Não é magnífico?

Ela tocou a fina capa do estojo.

— Perdoe-me, monsieur, mas minha mãe era uma colecionadora talentosa; ela me ensinou muito. A madeira escura desse revestimento vem do interior sul-americano; ela era desconhecida na Europa até cerca de cinquenta anos atrás. — Ela virou. — Uma discrepância óbvia para um traficante, monsieur. O visconde nunca apresentaria tal peça para você. Deve haver algum engano.

— Não há engano. Peças menores, apresentadas em leilão em Londres, eram tão obviamente fraudulentas que os traficantes quase conseguiram levar o leiloeiro à insensatez. —Ele a observou, esperando para ver a direção que ela iria pular.

— O visconde pode estar desesperado por dinheiro, mas ele não é idiota o suficiente para tentar ganhar dessa maneira. Fortunas podem ser recuperadas; reputações, raramente. —Ela olhou para ele. — Possivelmente você o conhece bem o suficiente para perceber que o poder muito mais do que o dinheiro o atrai. Ele tem pouco interesse real em posses, apenas na posição que elas se apoiam.

Artois respondeu com igual franqueza: — Defende bem a reputação de seu pai, condessa. Como você defende a sua própria?

— Eu não ofereço defesa, monsieur. Não tenho nada a lamentar.

— Mesmo que você possa em breve ser incapaz de manter qualquer aparência de posição?

Ela sorriu levemente.

— Eu prefiro a obscuridade.

— O que você quer de mim? —ele perguntou suavemente, seus olhos sombreados ilegíveis.

— Minha vida, monsieur.

Ele franziu a testa.

— Você está em perigo?

— Em vinte e três de dezembro eu me tornei a única herdeira da fortuna Vigny. Tenho motivos para acreditar que John Enderly assassinou minha mãe para manter essa herança. Ele pode até me matar. Ele não é meu verdadeiro pai; a exposição desse fato o tirará de reivindicar a minha propriedade.

— Entendo. — Seu tom era cético, mas ele estava intrigado. Embora a história fosse selvagem, sua experiência da cruel astúcia de Enderly levou-o a acreditar que continha mais do que um fio de possibilidade.

— Sem o seu conhecimento, eu me casei há dois anos. Embora eu tenha me separado do meu marido sem escândalo, agora estou grávida. Essa criança deve ser protegida.

— O que você quer que eu faça?

— Estenda a Enderly alguma garantia de amizade e prova de respeito por mim. Sob sua proteção, eu seria invulnerável. Nenhuma quantia de dinheiro o levaria a arriscar sua ira se ele pensasse que seu futuro dependia de seu favor. Se ele também acreditar que meu filho é seu, o bebê e eu estaríamos seguros para sempre.

Ele ficou maravilhado com a audácia dela.

— E se eu recusar?

— Então, se eu morrer antes dos vinte e um anos, peço-lhe que torne pública a minha filiação; também se torne executor do meu estado.

Ele soltou um leve assobio.

— Você pede muito. Como eu sei que esta história não é uma mistura incrível para restabelecer a posição de seu pai? Minha própria honra seria perdida.

— Minha morte fornecerá prova, monsieur.

— Você faz altas apostas, condessa, — disse ele lentamente. — O que você tem para colocar na mesa?

Ela ofereceu seus lábios. Sem hesitar, ele esmagou a boca na dela.

Ele a manteve a noite. Ele era um amante experiente, mas com nenhuma de suas muitas amantes ele sentiu essa necessidade de infundir sua alma no corpo de uma mulher enquanto ele extraía prazer e ternura dela. Essa mulher estava triste; ele sabia disso e que não podia fazer nada para dissipá-lo. Então, ele a amava com o corpo e o coração de homem. Por um tempo, o príncipe tinha ido embora; apenas o calor e a necessidade de homem permaneceram. Quando ela gritara baixinho, ele sabia que ela não estava fingindo. Ela amara e era amada. Agora ela se dava sem reserva, sem trapacear.

Pela luz da manhã, seus rostos mostravam os efeitos da paixão e da falta de sono, carne contra o osso. Artois observou Catherine usar a escova para desembaraçar o cabelo, enviando-o em uma nuvem sobre os ombros nus. Sua espinha estava reta, as costas esbeltas curvadas para as nádegas pequenas. Ela estava pálida, a boca ainda inchada de seus beijos. Seus seios se levantaram quando ela sacudiu o cabelo e começou a enrolá-lo em um coque. Quando ela os prendeu, ele beijou sua nuca.

— Eu a tomei muitas vezes e ainda a quero, mas você não perguntou se eu lhe daria seu desejo.

— Você cumpriu meu desejo, Charles, — ela respondeu calmamente. — Quanto ao outro, você vai ou não vai me ajudar. Você não me deve nada.

— Você teria se entregado a mim se sua vida e fortuna não estivessem em jogo?

Catherine ficou em silêncio por um momento. Mais cedo ou mais tarde, ela deveria pedir pela vida de seu amado. Tentar esconder a importância de Sean para ela era inútil; Artois não era bobo. O mais importante, ela já tinha vindo a respeitá-lo demais para tratá-lo como um idiota.

— Eu amo outro homem; eu sempre amarei. Nós nunca mais podemos nos unir em carne como você e eu fizemos. Ele será para sempre negado a mim, enquanto você pode preencher minhas noites, meus dias com vida, talvez amor. — Ela levou a mão até a bochecha. — Eu quero que você me queira. Eu preciso de você como homem.

— A criança é dele, não é?

— Sim.

Ele se virou.

— Como homem, eu gostaria que você fosse capaz de mentir. Parece que eu devo ficar contente com os restos do banquete de outro homem. — Ela não disse nada. Ele tocou sua boca. — Sua vida não vale um pequeno erro?

— Sua segurança, assim como a minha, depende de sua ajuda. Ele pode estar em perigo até agora, talvez morto. Antes de vir para cá, eu estava preparada para mentir e me prostituir para salvá-lo. Agora, conhecendo você, só posso implorar por ele e meu filho, porque eu os amo mais do que a minha vida.

— Os escrúpulos são inadequados para as prostitutas, condessa, — foi a resposta amarga. Seu rosto de falcão retomou sua habitual máscara educada. — No entanto, meus cumprimentos ao sujeito. Ele é um homem muito afortunado.

— Não, — ela sussurrou. — Ele não tem sorte em tudo.

Um clarão branco de luz agulhou sob os cílios de Sean. Ele se mexeu, pouco

disposto a deixar a escuridão silenciosa e protetora, depois mais inquieto, sentindo restrições em seus membros. Suas costas começaram a doer irritantemente e ele se sacudiu fracamente torcendo a cabeça para ver o que o segurava. Tiras de couro prendiam seus pulsos, presos frouxamente a uma cama de ferro; seus tornozelos também estavam amarrados. Ele esticou os grilhões, sacudindo a cama. Então, sentindo a atadura pesada e sinistra em sua virilha, o irlandês gemeu em sua garganta como um animal. Ele ficou flácido, silencioso, soluços indefesos subindo.

Uma sombra se moveu contra seus olhos fechados e uma mão tocou seu ombro. Os olhos lacrimejantes de Sean se abriram, os dentes arreganhados em um grunhido.

— Maldito seja, açougueiro! Mate-me e acabe com isso!

— Calma, rapazinho. — Um homem de meia-idade e cabelos castanhos, com óculos, o empurrou para baixo, não de modo desagradável, embora Sean não pudesse ter lutado contra ele. A luta foi embora. Ele ficou inerte, com o rosto voltado para esconder as lágrimas que não conseguia parar nem enxugar. Como uma mulher, ele pensou, sem esperança. Nem mesmo isso.

— Não é tão ruim quanto você pensa, — disse o homem. — Meu nome é Thatcher Marcus e eu tenho sido médico em várias prisões. O sargento Worthy conhece seu ofício; ele é um cirurgião tão habilidoso quanto eu, apesar dos seus punhos carnudos. Você tem sorte de estar vivo. Muitos homens morrem de choque ou hemorragia; alguns simplesmente resolvem morrer. Eu tive uma luta, puxando-o da morte.

— Você espera gratidão? Você acha que eu quero viver assim?

A mão estava em seu ombro novamente.

— Você acha que eu gosto de ver homens tratando os outros como animais? Eu não posso libertar o corpo de um homem, só posso curá-lo. Seu espírito degradado deve ser deixado para Deus.

— Deus! — O homem na cama riu com voz rouca. — Deus é um demônio! Não há nenhuma diferença entre Deus e o diabo. Ele é um arco neutro, indiferente, insensível... — Sua risada se dissolveu em um gemido estrangulado.

— Você não foi abandonado por Deus. Você não percebeu porque ainda está vivo?

A cabeça escura virou devagar.

— Worthy castrou-me. Eu senti isto.

— Ele removeu um testículo, não ambos. Você é totalmente capaz de gerar filhos.

Os olhos verdes estavam vulneráveis.

— Eu sou... ainda um homem?

O médico sorriu.

— Mais do que a maioria. É raro, na verdade, que Worthy seja incapaz disso.

Sean fechou os olhos.

— Enderly acha que vou negociar o que sobrou, não é?

— Sim.

Sean varrendo a fadiga que pesava. Expeliu o ar em seus pulmões.

— Quanto tempo eu tenho?

— Três semanas. Posso atrasá-lo um pouco, mas ele não é um idiota.

Sean sentiu sua força se esgotar.

— Você deve explicar para a filha de Enderly... sobre o pacote...

— Eu não posso te ajudar nisso, — disse Marcus rapidamente. — Eu me juntaria a você neste cárcere. Descanse agora, rapaz. Vamos conversar de novo.

— Você tem que ouvir... ela vai ficar doente de novo. — Ele lutou para afastar o nevoeiro, que caiu sobre ele e seus membros de chumbo o puxaram para baixo.

Sean acordou com Marcus, mudando as bandagens.

— A incisão está cicatrizando de forma limpa. Você estará apto em breve. — Quando o paciente não disse nada, Marcus continuou e começou a aplicar pomada nas queimaduras de seu corpo.

— O que acontece se eu não cooperar com Enderly? — Sean perguntou abruptamente.

— O sargento Worthy termina o que começou. Aconselho-o a ser agradável. Sempre há alguma esperança se você estiver vivo.

— É assim que você começou a ceder? E Worthy? Ele é um maldito zumbi. Sem expressão, Marcus levantou-se.

— Eu vou te soltar o suficiente para curar suas costas. Eu tenho que chamar os guardas?

— Não.

Marcus abriu as algemas e ajudou-o a virar. Seu toque na carne lacerada, embora gentil, foi o suficiente para fazer seu paciente segurar as barras. Ele continuou falando.

— No passado, Enderly deu seus prisioneiros que o recusaram a seus soldados antes de devolvê-los às celas ou a uma sentença. Alguns desses homens foram agredidos com pontas de mosquete até que quase todos os ossos serem quebrados. Alguns tiveram seus órgãos genitais decepados. Alguns foram mutilados, decapitados. Ele não aceita uma recusa. Se você tiver sorte, pode deixá-los com raiva o suficiente para matá-lo antes de entregá-lo a Worthy. —

Ele limpou as mãos em uma toalha de linho. — Terminei.

Sean se virou, apertando os lábios.

— O que faz você pensar que eu quero continuar vivo?

— Em seu delírio, você repetiu o nome de uma mulher. Você parecia querer impedi-la de acreditar que estava morto.

— Ela já sabe, — respondeu Culhane. — Enderly mostrou a ela sua prova podre agora.

— Talvez não. Ele é imprevisível. Você não pode ter certeza de nada além da faca de Worthy.

Sean não disse nada. O homem estava certo. Mas para rastejar por uma vida que se tornou menos que sujeira para ele! Ele olhou para o teto caído muito depois de Marcus ter ido embora.

Naquela mesma tarde, Mignon entrou no quarto de Catherine no Royal Crown Inn, tirou o chapéu e a peliça. Ela olhou para Catherine, que aguardava tensa.

— Bem, eu vi seu doutor Flynn. Eu não conheço o homem. Ele pode soltar seus louvores em gaélico até que o sol escureça. Você desperdiçou seu tempo.

Catherine queria irromper em lágrimas. Ela gesticulou sem destino, depois foi até uma cadeira e se jogou nela.

— Mignon, eu estou carregando o filho de Sean Culhane, uma criança que ele pode nunca ver. Ele foi aprisionado, roubado de tudo. Ele tem que ter alguma coisa! — Lágrimas começaram a escorrer por suas bochechas. — Por favor. Não por mim. Me odeie. Mas me ajude. Não há mais ninguém. Ele está sozinho. — As palavras saíram de sua alma. — Eu não posso suportar pensar nele sozinho.

Mignon olhou para a figura encolhida por um momento.

— Culhane é um tolo. Mas você não é menos tola. — O rosto dela se contorceu. — Você pode também ouvir isso agora. Culhane foi levado para a prisão em Liverpool na noite em que ele trouxe você de volta. Provavelmente ele está morto. Sorte se ele estiver, pois não há ninguém para ajudá-lo; salvo se, ele deixou seus agentes seguirem seus caminhos depois da rebelião.

Mas Catherine não a ouviu. Ela já estava escorregando no chão.

— Tem um cavalheiro querendo vê-la, — disse Mignon da porta do quarto. — Um Monsieur Artois.

Catherine lentamente sentou-se e distraidamente roçou o cabelo.

— Eu vou vê-lo. Por favor, pegue meu colete na cama, Mignon. — A serva ajudou-a a vestir, ajeitou os travesseiros, depois deixou Artois entrar e retirou-se.

Ele rapidamente atravessou a sala, preocupado com todas as suas feições escuras.

— Catherine, você está doente! —Ele sentou na cama e pegou a mão dela.
— Por que você não me contou?

— Eu não estou doente, Charles. Eu não vi necessidade de alarmá-lo.
Seus olhos escuros procuraram os dela.

— Você achou que eu não viria? Que eu não me importaria?

— Não, Charles, eu não achei isso.

— É a criança?

Ela tocou o rosto dele.

— A criança está bem. Você é bom de se preocupar. —Ela sorriu. — Eu esperava que você viesse dizer adeus.

O aperto dele na mão dela se estreitou imperceptivelmente.

— Você está partindo de Edimburgo?

— Eu saio na maré.

— Isso é um absurdo! Eu não vou deixar você!

— Charles, você não pode me amarrar aqui como um cachorrinho. Por favor, não tente.

Irritado, ele se levantou.

— O que é isso? Um artifício para forçar a minha mão, então vou apoiar ao seu pai escandaloso? Tornar-me de fato um corno pelo seu filho provavelmente ilegítimo? Você me toma por um tolo, madame! Você definha, mesmos atraente, de uma inexistente doença, mas quer que eu acredite o suficiente para tornar seu frágil caminho em uma mártir... Que diabo, mulher? — Ele franziu o cenho. — Por que você sorri? Você me acha divertido?

— Não, Charles, — Catherine respondeu, seu sorriso desaparecendo, — você acabou de me lembrar de alguém.

— Ele? —Ele rosnou. — Seu companheiro de má sorte?

Seu rosto se encolheu de repente.

— Dizem que ele está morto. Preciso ir para casa. Tenho que saber. Preciso encontrá-lo. —Suas últimas palavras foram soluçadas contra seu peito. Artois a segurou até que ela se acalmou. — Sinto muito, isso é tudo tão injusto para você, — ela sussurrou.

— Shhh, eu sou um homem de ferro, pequena. Eu estou apenas em perigo de enferrujar por suas lágrimas.

Ela sorriu contra o casaco de seda úmido dele e enrolou os dedos na lapela.

— Vou sentir falta do seu barulho. Você tem um temperamento terrível.

— Sim. Eu até sou considerado perigoso. Seu pai não lhe contou?

— Ele disse que você me comeria como um aperitivo.

Ele a tomou levemente sob o queixo.

— Só porque é tudo que posso conseguir. — Ele inclinou a cabeça para cima. — Diga a Enderly o que você quiser. Que eu estou loucamente apaixonado por você. Que há um bebê Bourbon nessa pequena barriga sua. Perdição, eu mesmo vou dizer a ele. Que ele venha a Edimburgo. Descubra o que você precisa para saber sobre o pai do bebê, então deixe Windemere imediatamente. Eu quero que você venha até mim.

— Isso é uma ordem, Charles?

— O príncipe te ordena; o homem só pode esperar.

Ela o beijou então, os lábios se agarrando enquanto seus braços se apertavam sobre ela. Artois sentiu seu pulso começar a correr e gentilmente afastou-a.

— Você me tenta a trancá-la neste quarto e jogar a chave fora na neve. — Ele foi até a escrivaninha e rabiscou uma nota, depois selou e carimbou seu sinete na cera. — Isso diz a Enderly sobre tudo, menos sobre minha paternidade de seu filho. Como herdeiro do trono da França, não posso admitir isso por escrito. Naturalmente, você vai querer esperar algumas semanas antes de contar a ele de qualquer maneira. Vou afirmar o parentesco da criança quando ele vier a Edimburgo.

— Obrigada, Charles.

Ele olhou para ela obliquamente.

— Não seria muito mais simples, chérie, que eu o matasse?

Seus olhos se arregalaram quando ela começou a protestar, mas ele acenou para ela silenciar.

— Príncipes estão inclinados à praticidade. Medidas diretas evitam excessivamente a papelada, pelo menos. Eu devo obedecer a seus desejos nisto, mas se Enderly me atravessar, ele morre. O seu homem está na prisão?

— Sim, mas mais do que os muros da prisão nos separam, — ela respondeu friamente.

Ele rabiscou outro papel e selou com sua assinatura.

— Isso pode ajudar. Você pode preencher o nome. — Ele se levantou, foi até a cama e ficou olhando para ela. — Você foi honesta comigo; eu serei o mesmo com você. Eu sou um homem perigoso. Eu nunca me conformo com restos. Espero que seu amante esteja morto, pois se ele não estiver, eu posso ser tentado a matá-lo. Nunca me diga o nome dele, Catherine, se valoriza a vida dele. — Ele estendeu a mão, a palma para baixo. — Reconheça-me como seu legítimo soberano, condessa, porque eu serei rei. — Ela beijou o anel dele. Lentamente, ele virou a palma da mão para cima. — E qual o reconhecimento para o homem? — Ela colocou a bochecha contra a mão

dele. Ele tocou o cabelo dela. — Bom. Nós entendemos um ao outro. Vou chamar uma carruagem com o meu brasão para te levar para casa. Você estará pronta para sair dentro de uma hora?

— Sim, claro.

Ele a beijou levemente.

— Au revoir, petite mire des rois. — Adeus, pequena visão dos reis.

Sentindo-se como um ganso de Natal sendo engordado para a matança, Sean pegou a bandeja. Sabendo que precisava recuperar forças se quisesse escapar, tentou comer tudo o que lhe foi dado, começando com as carnes bem cortadas, mas não tinha coragem para isso. A porta se abriu e seu apetite pouco melhorou quando Enderly entrou com Marcus atrás dele.

— Sr. Fitzhugh, você está bem. O cardápio parece a seu gosto.

— Eu comecei com menos.

— Atrevo-me a reconhecer. Devemos ter uma conversa agradável sobre o seu passado. Doutor... —Ele acenou com a mão negligente. — Remova as ataduras.

Sean sentiu uma onda de malevolência com os homens que avaliavam seu corpo com a mesma insolência que um libertino poderia olhar uma prostituta. Ele mascarou sua expressão observando Marcus passar pelo curativo de linho e retirá-lo. A cicatriz era surpreendentemente pequena, uma linha lívida ao longo de um lado do saco reduzido; Worthy tinha até aproveitado as sobras. A ferida estava dolorida, mas não particularmente perceptível, a menos que alguém estivesse olhando diretamente para ela. Enderly se aproximou. Sean forçou as mãos a relaxar; ele estava se forçando a segurar o lençol.

— Bom. Pena que você insistiu em ser mutilado, mas você está mais sensato agora, não é? Vou mandar guardas amanhã à noite para te vigiar. —Enderly se virou para Marcus. — Reforme essas algemas. Eu não quero que ele acidentalmente danifique sua ferida em seu sono.

Os guardas vieram por ele imediatamente às oito horas: quatro deles, todos grandes, um enorme e mais pesado do que Rouge. Ele jogou as roupas no banco contra a parede, depois sacudiu a cabeça para um cabo com as mãos do tamanho de pás. Quando o cabo soltou as algemas, Sean levantou-se, duas baionetas apontadas para sua barriga.

— Tente qualquer coisa engraçada e você estará segurando suas entranhas com suas mãos, — rosnou o brutamonte. Seus pequenos olhos lembraram ao irlandês de um mangusto.

Depois de vestir as roupas de um homem menor, eles colocaram suas mãos

atrás das costas. Um cabo sem expressão ligava ferros encadeados aos tornozelos. O mangusto o cutucou nas costelas.

— Saia, fanfarrão.

John Enderly abriu as mãos, desculpando-se.

— Você deve perdoar as correntes. Depois de um tempo, espero que possamos dispensá-las. — Os guardas de Sean ficaram em ambos os cotovelos. Mangusto e mãos de pás tomaram posições contra uma das paredes.

Enderly fez um gesto em direção a uma cadeira Louis XV em frente a ele em uma mesa disposta.

— Acabei de terminar de comer, mas você se importaria com um copo de vinho?

— Não particularmente. — Vamos acabar com isso, porra, pensou Sean, tenso. O lugar lembrava-lhe um bordel. A cama estava coberta de peles de juta e travesseiros cor de joias, enquanto nas paredes de pedra pendiam cortinas incongruentes. Velas em arandelas de latão criavam mosaicos de luz nos espelhos e no tapete oriental.

— Você parece um pouco tenso, Robert, — Enderly murmurou. — Atrevo-me a esperar que você esteja impaciente para confessar ter feito mais alguma coisa desagradável? — Sua leve zombaria era evidente quando ele se levantou, a luz captando a curva de seus lábios quando ele se aproximou. — Não?

O inglês começou a desabotoar a camisa de Sean, sorrindo enquanto seu prisioneiro ficava tenso. Ele acariciou-o, observando seus olhos.

O nojo arrancou o intestino de Sean. Ele se concentrou nos olhos do homem na parte de trás de seu crânio, em qualquer lugar, exceto nos olhos dos outros homens.

— Você realmente não tem nada a dizer?

Com um grunhido, Sean dirigiu o joelho para cima com toda a força que conseguiu reunir. E se conectado com nada.

Enderly deve ter esperado exatamente essa reação. Ele se jogou para longe com rapidez praticada e um rifle estalou no crânio de Sean, atordoando-o. Os dois guardas de ambos os lados ergueram seus braços para o alto pelas costas, forçando-o a ficar de joelhos e, vagamente, ele sentiu as costas novamente curadas abertas. Eles o empurraram, ainda atordoado, para o chão, depois prenderam um cano longo do rifle atrás do seu pescoço. Com a eficiência do raio, eles o despiram e o debruçaram de braços abertos, um homem em cada braço e perna, segurando-o com força. A cabeça dele clareando, ele torceu e se moveu como um garanhão empinando.

Eles se revezaram com a coronha das armas até que ele não mais precisou

ser pressionado. Em algum momento, sua vontade se dissolveu, até que ele foi quebrado em corpo e espírito. Ele queria implorar, mas apenas um coaxar saíria de sua garganta. Finalmente, eles rolaram e se afastaram. Enderly inclinou-se e afastou a pálpebra do irlandês, depois, ouvindo um gemido, tocou sua boca quase com ternura.

— Diga-me o que eu quero saber. Diga, Robert, e ninguém vai te machucar mais. Caso contrário... — Houve um silêncio, então a cabeça escura assentiu. — Diga.

— Sim por favor... — As palavras foram quebradas, como um soluço de necessidade. Os olhos verdes olhavam para ele como se ele fosse um salvador, então se inclinou para os de um demônio. Antes que os guardas pudessem reagir, Sean agarrou no cabelo do homem com uma mão e quebrou seu nariz com a outra. Os guardas foram todos a ele de uma vez, batendo-lhe com os punhos e botas. Em seguida, uma ponta de mosquete bateu para baixo em seu crânio e seu aperto foi negligente. Eles arrastaram Enderly, gritando, debaixo dele, em seguida, passou a chutá-lo na cabeça e nos lados.

Um deles ajudou Enderly a sentar em uma cadeira.

— Leve-o, — ele resmungou. — Diga a Worthy. Eu quero que ele... Cortado em pedaços!

O guarda assentiu e os quatro carregaram o corpo frouxo para fora, com a cabeça para baixo, a cabeça balançando.

Longe, Sean ouviu os quatro guardas reclamando de seu peso. Como as picadas irritantes de um mosquito no meio de uma dor lúgubre, a unha de “Rosto Branco” cravou-se em seu tendão de Aquiles esquerdo, mantendo-o consciente e consciente do que o aguardava em uma sala logo depois da porta da sala de inspeção.

— Hah. Parece que o visconde estava um pouco irritado, — observou o guarda chefe, recuando para deixá-los entrar.

— Isso não é metade, — disse Rosto Branco, soltando o pé esquerdo de Sean. — Você deve ver o rosto do velho Johnny com o nariz para cima.

Ele caminhou até a parede para acender um charuto em uma vela. Mãos de Pá deixou cair a outra perna; ele não via razão para sustentar peso morto se todos estivessem empenhados em fofocar.

— Pegue ele e vamos continuar com isso, — resmungou Raker. — Eu não estou planejando passar a noite com ele. Além disso, ele é complicado... — O aviso chegou tarde demais. O homem surrado e silencioso explodiu, lutando e chutando. Com a força de um maníaco, ele se afastou quando um guarda desceu gritando com um joelho esmagado. Mãos de pá foi jogado de cabeça contra a parede e Sean tomou a pistola da faixa cruzada do homem inconsciente. Raker

atirou em suas costas. Seu corpo se balançou contra a parede, parecendo abraçá-lo, então ele se virou, os olhos brilhando com ódio e dor. Mesmo quando a bala do chefe dos guardas tirou lascas da pedra próximo a sua cabeça, ele apertou o gatilho. Raker agarrou seu rosto explodido e caiu.

Então, com sua primeira animação da noite, Rosto Branco sorriu do outro lado da sala e engatilhou sua arma.

Erguendo a cabeça caída com esforço, Sean esperou com paciência a última bala; quando ela chegou, ele parecia quase grato ao seu carrasco. Seu corpo estremeceu uma vez e depois caiu. Deixando uma faixa escarlate, ele escorregou pela pedra.

— Aparece que você o acertou através do coração, — observou o guarda. O cabo se encolheu, segurando o joelho, os olhos fechados com dor. O quarto guarda ficou inerte perto de Raker.

Rosto Branco cutucou seu corpo nas costelas.

— Vamos jogá-lo para os escavadores.

Ele estava com frio. Tão frio. Como a noite em que sua infância foi brutalmente arrancada dele. Lágrimas escorriam em gotas de gelo por suas bochechas quando ele estremeceu nu como se estivesse em uma fenda banhada por ondas, pela linha divisória das águas e o brilho de uma aldeia em chamas, o seu brilho noturno refletido a partir de nuvens baixas amontoadas como pilhas sujas de lã tosquiada. Além das pedras enlauradas tão luminosas quanto caveiras, o mar suspirava em luto, embalando sussurros como uma atração sedutora. O cobertor que ele tentou puxar sobre si mesmo se dissolveu em pó gelado entre os dedos duros enquanto ele debilmente puxava a neve do pátio da prisão.

Mãe... por favor, estou com frio.

Volte para a cama, Sean. Se você vai ser rei, você deve ser corajoso.

Eu estou deitado nu na neve. Eu posso sentir minha vida escoando no chão.

Os homens não choram. Seja homem.

Não vá. Ajude-me... por favor. Alguém me ajude. Eu me machuquei. Kit, me abrace. Me aqueça.

Ele tentou afastar os flocos de neve que congelaram em seus cílios. Estrelas altas brilhavam fracamente através da neve caindo e silenciosamente ele gritou para elas.

Kit, eu lutei com eles. Eu não morri do jeito que você pensa. Eu ainda sou um homem. Eu sou...

Sua cabeça se contorceu em uma luta inquieta e atingiu uma forma escura ao lado dele. Ele conseguiu mover uma mão longe o suficiente para puxá-la com dedos dormentes. O manto grosseiro foi puxado. Por baixo, havia um cadáver,

feições já delineadas com rigor, olhos abertos, vítreos, impermeáveis à neve que se aproximava. Outro cadáver estava do outro lado dele; e o outro cadáver era de Raker, sem seu uniforme, mais além deles. Dificilmente sabendo o que fazia, Sean rolou pesadamente, procurando calor contra o corpo morto. A dor do esforço sacudiu-o e ele gemeu contra o cobertor áspero.

Oh Deus. Me machuque. Acabe com isso. Jeová, Deus da vingança. Você é bom em matar. Você me matou várias vezes. Quando você me fez irmão de Kit. Naquele quarto. Termine isso.

No entanto, de alguma forma, ele não conseguia parar de se aconchegar em busca de calor contra aquele cadáver, não podia se afastar e deixar o frio levá-lo rapidamente.

Você me odeia demais para me deixar morrer, não é?

Polegada a polegada, a amargura aumentou.

Eu perdi as duas bolas naquela sala e você sabe disso. Eu não tenho coragem suficiente para morrer. Eu usei o último recurso com aquela arma. Maldito!

Seus dentes arreganhavam-se em um grunhido.

É assim que os condenados morrem. Com uma careta de indignação. Como esse pobre coitado que estou abraçando como um amigo. Bem, você não vai me pegar. Eu vou cuspir no seu olho.

Ele rebateu com a nova energia no corpo, lutando até que ele tivesse seus trapos imundos e os arrastasse para si mesmo. Demorou muito tempo, mas ele fez isso com um sombrio triunfo. Ele vasculhou o outro cadáver em busca de farrapos para amarrar em torno de seus pés, em seguida, agarrou o cobertor esfarrapado em torno de seus ombros como um xale.

Finalmente, ele começou a provação agonizante de ficar de pé. Deixando a neve sangrenta com seus esforços e cambaleando como um bêbado, ele saiu do pátio deserto para a rua. O guarda normalmente postado na entrada de trás estava parado na esquina com outro vigilante, esfregando as mãos e se abraçando, entediado, solitário e gelado. Tremendo no vento não bloqueado da rua, Sean manteve-se nas sombras ao longo da parede, evitando a luz das janelas do outro lado da rua. Quando ele seguramente dobrou a esquina, agarrou os tijolos, cavando as unhas nos sulcos de argamassa para não escorregar para o chão.

Com uma lentidão terrível, ele tropeçou em direção ao porto, mantendo-se nas ruas e becos mais escuros, até desabar. Encolhido contra o frio em seus trapos, ele perdeu a consciência. Ele acordou, os dentes batendo, tremendo violentamente. A partir de então, ele se arrastou.

As poucas pessoas que ele encontrou afastaram os olhos do rosto

machucado e imundo e se afastaram para evitá-lo. Um fuzileiro naval e sua companheira estavam mais curiosos. Ao se aproximarem, uma carranca de suspeita formou a testa do cabo.

— Veja, o que você está fazendo?

Sean esticou uma mão que tremeu.

— Um pence, senhor? —ele resmungou. — Um pence para um gin?

— Sujo, imundo, —a mulher comentou. O fuzileiro balançou a cabeça, enojado, e os dois seguiram em frente.

Perto do porto, um marinheiro realmente lhe deu um centavo para impressionar sua companheira sentimental. Eles o viram se arrastar para uma rua lateral.

— Lumme, pobre homem. Ele está deixando sangue na neve, — disse a garota. — Talvez nós devêssemos... —O marinheiro a afastou com firmeza.

Por fim, Culhane chegou ao refúgio que procurava, uma casa estreita e sem pintura perto do porto. Tremendo incontrolavelmente, ele apoiou a cabeça e o ombro na porta dos fundos e bateu fracamente com a palma da mão. Ninguém veio. O lugar estava escuro, negligenciado, as cortinas fechadas. Se a casa estivesse vazia, ele morreria ali. Ele não conseguia se arrastar mais. Levou três horas para cobrir o quarto de milha. Ele não podia sentir suas mãos e pés, apenas dor que explodiu em seu peito a cada batida do coração. Seu rosto estava dormente, seu cabelo se enchendo de flocos flutuantes. Fraco demais para se cobrir novamente, ele arranhou a porta, quase distraidamente observando a escuridão que se espalhava lentamente sobre seu coração.

Então a porta se afastou e ele caiu na casa com a neve suavemente soprada.

CAPÍTULO 21

LÁZARO

Catherine torceu as mãos sobre a pequena pistola em seu regalo enquanto esperava no escritório do comandante da Prisão Militar de Liverpool. Desde o seu retorno da Escócia na noite anterior, o esforço de se comportar normalmente com Enderly quase esgotara seu controle; agora seus nervos estavam tensos. Este lugar é uma montanha de pedra, pensou desolada. Um homem poderia ser enterrado vivo aqui e ninguém saberia. Grite por sua vida e ninguém ouviria. Ou cuidaria. Seus dedos se torceram.

A porta se abriu e um uniforme verde veio até ela. Ela estendeu a mão automaticamente, afastando o oficial; ele beijou as pontas dos dedos dela.

— Condessa. Isso é uma honra. Eu sou o coronel Deal. — Um homem baixo e rude com o rosto avermelhado tornado-o rude com uma peruca branca empoada, seus pequenos olhos apreciavam a figura luxuriosamente sofisticada em veludo de chocolate com colete de cetim e regalo de zibelina. — O general não mencionou sua vinda. Eu teria feito alguma preparação...

— Isso é muito gentil da sua parte, coronel, mas totalmente desnecessário. Entendo que os quartéis militares não são projetados para administrar chá e bolinhos. Você tem um prisioneiro acusado de meu sequestro. Posso vê-lo?

— Temo que não.

— Por que não, coronel? Eu sou a única testemunha. Se você cometeu um erro, um homem inocente pode pagar por isso com sua vida. Se ele é culpado, eu posso identificá-lo.

O comandante se contorceu.

— Esta é uma prisão, condessa; seus prisioneiros são os vilões. Dificilmente um lugar adequado para uma lady.

Catherine ignorou sua ligeira inflexão na última palavra.

— Certamente eu posso confiar em sua proteção capaz, senhor.

— Eu me arrependo, milady...

— Coronel, prisioneiros que não estão nas forças armadas estão sujeitos à lei civil. Eu devo mostrar um mandado para ver o prisioneiro? Você não tem o direito de manter um civil incomunicável indefinidamente sem julgamento.

As papadas do comandante começaram a inchar contra o colarinho da túnica.

— Tenho certeza que o Sr. Sexton, o magistrado, vai lhe dizer...

Ela congelou-o friamente.

— Fui ao magistrado-chefe dos condados do Oeste, o Sr. Andrew Carton. Na verdade, o Sr. Carton forneceu justamente tal mandado. Quero ver o prisioneiro agora.

Seus olhos ficaram como porquinho.

— Temo que isso seja impossível. O prisioneiro morreu sob questionamento.

Fique comigo, Kit. Eu continuo pensando que isso é um sonho, que de manhã...

— Eu suponho que ele recebeu tratamento médico?

— Certamente.

— Eu gostaria de ver o médico responsável.

— Isso é irregular, milady.

— Não é mais irregular do que uma investigação imediata de sua administração aqui, coronel. Bem? —No interior, ela estava tremendo, sem saber até onde Deal poderia ser empurrado. Exibindo seu título e agitando o selo de Artois sob o nariz impressionado do chefe do magistrado tinha sido uma coisa; seria bem diferente se ela realmente tivesse que usar a influência ducal para garantir a libertação de um prisioneiro de uma prisão militar. Ela se sentia como uma malabarista, tentando manter seu amante fora do alcance de um salvador tão perigoso quanto os caçadores. No entanto, ela tinha que ver Sean morto; ela tinha que ter certeza.

— Como quiser, — disse Deal com firmeza. — Me siga.

— Condessa, este é Thatcher Marcus, nosso médico residente. Doutor, Lady Catherine Enderly. Minha lady deseja saber...

— Eu sou capaz de fazer minhas próprias perguntas, Coronel, — Catherine interrompeu. — Por favor, nos deixe.

O coronel lançou a Marcus um olhar de advertência, depois retirou-se do pequeno escritório.

— Doutor, algumas semanas atrás um prisioneiro foi trazido para cá. Um homem de cabelos escuros e olhos verdes. O coronel me disse que ele foi enviado para você para cuidados médicos depois de ser interrogado e que ele morreu. Isso é verdade?

— Eu atendo a muitos prisioneiros, milady. Não me lembro de todos eles.

— Você teria se lembrado desse. Ele... faz pensar em Lúcifer. —Dentro de seu regalo, as unhas se cavaram em suas palmas enquanto o médico a estudava.
— Doutor, quero dizer que eles podem ter tido o homem errado; se assim for,

eu me sinto responsável. Eu só quero saber se ele recebeu tratamento médico.
— Deve ter havido uma nota em sua voz, um som seco de desmoronamento.

— Posso perguntar seu nome, milady?

Deus, por favor. Que pergunta idiota. Se Sean está morto, viver é estúpido. Estúpido.

— Catherine, — ela murmurou.

— Você às vezes é chamada de Kit?

Seu coração saltou.

— Sim. Sim! Ele estava aqui?

— Sim. — Seu tom era tão sério que ela queria esbraveja e, implorar por qualquer esperança.

— Conte-me. — As duas palavras eram tudo que ela conseguia dizer.

— O prisioneiro foi trazido para mim em estado crítico após um interrogatório severo. Ele sobreviveu. — Marcus desviou o olhar da esperança em seus olhos. — Dois dias atrás, ele foi baleado enquanto tentava escapar.

Com um grito incoerente, ela caiu. Ele a pegou e levou-a para o seu sofá surrado. Muda, ela se curvou para longe dele, em sua dor. Depois de verificar a enfermaria do lado de fora para ter certeza de que o coronel não estava à espreita por perto, ele a deixou ficar por algum tempo, depois tocou o ombro dela.

— Seu pai virá aqui, milady. O coronel Deal provavelmente mandou uma mensagem para ele.

— Eu não me importo. Eu não me importo com o que ele faz! Ele é um assassino. Assassino!

Ela começou a gritar incontrolavelmente e ele lhe deu um tapa forte.

— Pare! Você pode nos colocar em risco.

Com os olhos brilhantes, ela o empurrou para longe.

— Onde ele está? O que eles fizeram com ele?

— Ele foi enterrado no campo de um oleiro.

Ela começou a balançar, lamentando a tristeza: primitiva, sem idade, terrível. Marcus a sacudiu.

— Me escute! Ele não queria esse tipo de pesar de você! — Ela gemeu, quase consciente dele. Sabendo que o coronel estaria de volta a qualquer momento, ele teve que chocá-la com a razão, mesmo que ela nascesse da raiva. — Seu pai pretendia servir-lhe sua masculinidade em uma bandeja para testar sua reação! Mas ele foi enganado porque o prisioneiro lutou para morrer como um homem. Se você é fraca, essa luta foi para nada.

De cara branca, a jovem condessa ficou em silêncio. Depois de um momento, ela murmurou: — Preciso ver o túmulo dele. Não posso aceitar a

morte dele. É como se ele estivesse me chamando. Como se ele fosse uma criança implorando por calor.

Marcus ajudou-a a limpar sua aparência desgrenhada e, tirando-a para longe do escritório do comandante, levou-a para o portão dos fundos.

— Você pode andar daqui. Não é longe para o campo. —Ele deu-lhe instruções.

O campo do oleiro era uma charneca estéril e varrida pelo vento, cheia de montes de terra espalhadas descuidadamente; não havia marcadores nem sinais de recordação. Três árvores se agrupavam em teimosa resistência a um vento gelado que levantava a neve em flocos, limpava os torrões de terra congelada e os cobria novamente. Ela caminhou em direção a dois homens cavando na extremidade do campo.

Gólgota. O lugar dos crânios. Eu não posso deixá-lo aqui. Eu devo levá-lo para a Irlanda. Para o mar.

Os homens estavam abaixando uma trouxa cinzenta e suja em um túmulo que não era profundo o suficiente para desencorajar os cães. Olharam para cima, de esguelha para as roupas caras e o rosto ainda branco.

— Há uma seção especial reservada para os mortos na prisão?

Um homem se apoiou em sua pá.

— Não, moça, todos eles estão empilhados juntos.

— Você... lembra onde colocou os prisioneiros que morreram duas noites atrás?

— Os que seriam levados a corte? Bem, vamos ver. Havia três. Rígidos como tábuas. —Ele apertou os olhos e esfregou as mãos. — Trabalho frio, enterrar neste tipo de clima. O chão é como ferro.

Ela deu a cada um deles um soberano. Eles rapidamente embolsaram o dinheiro.

— Tinha um homem jovem, de cabelos negros entre eles?

O homem mais magro balançou a cabeça.

— Nah. Dois era castanhos, nem eram jovens, também. E um era o sargento Raker. Grande boi. Demorei perto de três horas para enterrá-lo.

— Ela deve querer o outro, Lean, — disse o pequeno escavador. — Aquele que fugiu. Deve ter odiado tanto as entranhas de Raker que não poderia ficar no mesmo cemitério com ele. Levantou-se e foi embora, assim como Lazaro.

Catherine caiu de joelhos e agarrou a manga dele.

— O que você disse?

— Eu digo que ele andou. Tropeçando e pegando trapos do outro e levou sua carcaça a distância. Deixou sangue por toda parte na neve. Ainda bem que as

correntes de neve cobriram isto antes que o vigilante da manhã chegasse. Nós não tivemos nenhum senso em procurar. Muito frio. Eu farei qualquer coisa, mas não congelar. E ainda não apareceu.

Grandes rosas começaram a florescer nas bochechas de Catherine.

— Você não relatou a falta dele?

Eles olhavam para ela com alguma hostilidade.

— Não, claro que não! — Ela abraçou o primeiro escavador sujo pelo pescoço. — Oh, vocês são adoráveis, loucos preguiçosos! Vocês são maravilhosos e belos anjos! Aqui! Tirem umas férias! Tomem dez soberanos! — Ela atirou um punhado de soberanos para eles e correu pelos montes de neve.

Encontrar a casa não foi difícil. De acordo com Mignon, era o único refúgio possível para Sean. O lugar era proibitivo mesmo com a luz do dia, sua pintura resistiu ao ar salgado até que apenas fragmentos se agarraram à madeira. Persianas de entalhes, uma vez emolduradas por janelas verdes; as venezianas do andar térreo estavam fechadas. Com o coração martelando, Catherine bateu na porta da frente. Não recebendo resposta, ela tentou de novo mais alto, depois recuou e examinou as janelas do andar de cima. Finalmente, ela foi para a retaguarda; também parecia deserta, mas, embora a neve recém-caída houvesse apagado qualquer pista no pátio, não havia coberto completamente a varanda e a porta inferior, manchadas de sangue. Pensando que estava trancada, Catherine puxou a porta e quase caiu em um quarto sem mobília enfeitado com teias de aranha. Os outros cômodos sombrios estavam vazios, com exceção de alguns móveis pesados e pilhas de destroços, mas um rastro de manchas escuras conduzia à porta da adega da cozinha. Encontrando uma pederneira descartada entre a liteira, acendeu um lampião enferrujado que pendia de um prego próximo e abriu a porta. Uma escada descia na escuridão. Lentamente, ela se esgueirou por degraus estreitos e frágeis, depois ergueu a lampião.

De frente para a parede, um corpo parcialmente coberto por uma manta esfarrapada jazia no chão de terra. Seu coração saltou descontroladamente.

— Sean? — A cabeça moveu-se quase imperceptivelmente e os joelhos ficaram fracos. — Sean, é Catherine.

Como se o esforço fosse terrível, um homem virou a cabeça lentamente. Não é ele! Ela pensou freneticamente. Não pode ser! O rosto ensanguentado foi espancado ficando quase sem reconhecimento. Em crescente terror, ela cambaleou para frente e se ajoelhou, olhando para o nariz inchado e retorcido, o olho esquerdo enegrecido e fechado. Um corte dividia a testa e outro corria por sua bochecha machucada. Mas o olho bom, nublado de dor e pouco consciente, era o verde do mar. Ela colocou o lampião em um banquinho

raquítico.

— Kit? —ele perguntou em um sussurro rouco.

Ela tocou seus lábios machucados.

— Sim, meu querido.

— Você é... real. —O alívio em seus olhos era tão intenso que ela lutou contra as lágrimas.

— Está tudo bem agora, — ela sussurrou. — Eu vou cuidar de você.

Ele pareceu relaxar, depois ficou tenso e se esforçou para erguer a cabeça.

— Não! Você não deve ficar aqui! —Suavemente, ela o pressionou de volta, mas ele resistiu com crescente desespero. Seu rosto se contorceu de dor e suas mãos tremeram quando ela começou a puxar o cobertor para trás. — Não. — Ele pegou a mão dela com força, tentando ficar consciente. — Kit, saia daqui... estou morrendo.

— Vou levá-lo a um médico.

— Não! Nenhum médico. Eu seria entregue. —Um olhar perdido surgiu em seus olhos. — Eu não vou voltar para lá.

— Não pense nisso. Você está a salvo agora. Tente descansar. —Ela beijou a mão dele, embalando-o. — Ninguém vai te machucar mais.

— Kit, vá embora, por favor... —Seu sussurro morreu em uma respiração rápida e superficial. Ela puxou as cobertas. Os trapos da prisão eram sangue ensopado do pescoço até a virilha.

Esperando nem mais um instante, Catherine saiu para comprar velas, roupas de cama e comida. Logo, cercada de suprimentos e uma panela de água quente, ela arregaçou as mangas. Então ela começou a cortar os trapos, as lágrimas escorrendo pelo rosto. O braço direito de Sean perto do pulso e várias costelas estavam quebradas. O ferimento de bala no peito era feio e grande. Ela o colocou de lado e, nas costas dele, agora era uma massa de cicatrizes lentas e cortes reabertos, encontrou um buraco de bala próximo a espinha. Sua pele estava tão incrustada de sangue e sujeira que, apesar do lampião e das velas, ela desistiu de tentar enxergar mais. Depois de escorregar toalhas limpas embaixo dele, ela passou a maior parte de uma hora dando banho nele. Limpo, seu corpo mostrou toda a extensão de seu abuso brutal. Então ela viu como eles o haviam mutilado.

Sua cabeça caiu ao lado de sua bochecha. Um ódio inimaginável a encheu até que finalmente ela entendeu por que Sean devotou sua vida à vingança. Suas vidas não eram pagamento suficiente. Nada seria suficiente.

Depois de enfaixá-lo, trocar o lençol e finalmente colocar cobertores quentes sobre ele, descansou a cabeça nas mãos, tentando combater o desespero.

Sean estava possivelmente morrendo. Sem cirurgia, ele morreria.

Vestida com roupas surradas encontradas em um antigo escritório, Catherine se amontoou na entrada de uma casa perto da prisão a caminho do campo de oleiro. Quando o anoitecer caiu, os dois coveiros apareceram, o coche vazio chocalhando nas pedras. Ela saiu das sombras e caiu ao lado deles.

— Vocês gostariam de ganhar outros dez soberanos, anjos?

Eles apertaram os olhos.

— Lumme, é a endinheirada lady. Mereço um pouco, não é minha senhora?

— Sim, um pouco. Eu posso te pagar bem. Eu preciso de um favor. Você está interessado?

Lean riu para Short:

— Vamos ter asas douradas por muito tempo. O que está acontecendo?

Quando ela lhes disse, eles ficaram nitidamente menos entusiasmados.

— Cinquenta após a conclusão. Você nunca vai cavar outro túmulo no inverno.

Dez minutos depois, à vista do guarda, Lean desabou o traseiro no gelo do lado de fora da prisão e soltou um gemido como uma vaca marinha em trabalho de parto.

— Droga, a coroa está rachada! — chorou baixinho. — Consiga um médico!

O guarda franziu a testa em dúvida.

— O doutor não vai descer por nada.

— Seu rotor de coração frio, eu posso morrer!

— Não, eu não vou chamar o médico. Estou de serviço, não está vendo?

— Bem, me ajude a chegar na porta dos fundos. Eu vou mover os ossos se o cara for muito chique para descer. Eu sei o caminho de volta. Ninguém vai nos ver. E, rapaz, tenha um bom ouvido.

O guarda suspirou. Ele estava bem familiarizado com Short; o sujeito era totalmente capaz de atormentá-lo a noite toda. Às vezes os dois faziam favores a ele, como preparar aquele rum para ele ontem à noite enquanto ele ficava no posto.

— Tudo bem, tudo bem.

Menos de uma hora depois, os dois surgiram, Lean mancando sob seu próprio pé, uma atadura grossa na cabeça.

— O que o doutor disse? — A respiração do guarda formou uma nuvem.

— Não trabalhe por um tempo, — disse Short alegremente. Lean revirou os olhos e deu um sorriso malicioso ao guarda enquanto passava mancando.

O homem ficou olhando para eles.

— Lumme, nunca conheceu um folga ainda que não tenha um estranho

senso de humor.

Pouco depois, Marcus saiu da entrada principal da prisão.

— Noite, rapazes. Eu posso perder o toque de recolher hoje à noite. Mantenha-se atento para mim, vai?

— Noite na cidade, doutor? Você não recebe muitos dessas.

— Vocês, companheiros, me mantêm muito bem ocupados. —Ele tocou o chapéu em uma pequena saudação. — Noite.

Minutos depois, ele se escondeu em uma porta.

— Recebi sua mensagem. “Operação Lazaro, Kit” intrigou-me sua pronúncia que era mais imaginativa. Percebi que você não podia falar muito, então eu trouxe o básico.

— Deus te abençoe por vir. —Rapidamente, Catherine descreveu os ferimentos de Sean. — Devemos ir para a casa separadamente. Vou deixar a porta dos fundos destrancada. Ele está no porão.

Marcus assentiu, depois fez uma pausa.

— Seu pai sabe que seu prisioneiro não foi executado. Ele conversou com Worthy.

— Ele sabe que Sean está vivo?

— Ainda não, mas ele vai desenterrar todos os túmulos frescos naquele campo até ter certeza; não demorará mais que um dia!

— Então eu preciso tirar Sean da Inglaterra amanhã à noite. Eles com certeza começarão uma busca nesta casa. —Perturbada, ela olhou para cima. — Você pode falar com os escavadores? Eu não quero que eles se machuquem. Eu não quero que você se machuque. Você está tendo uma chance terrível disso.

— Sempre achei que tinha a única atitude sensata possível para um praticante de prisão. Também fui um covarde. Me dê seu endereço, condessa.

Descendo rapidamente a escada do porão, Catherine sacudiu a neve do manto. Sean mexeu-se inquieto, resmungando trechos ininteligíveis em três idiomas. Ela sentiu a cabeça dele; ele estava febril.

— Kit? Por favor... não vá. Não me deixe no escuro. Onde você está? Não. Saia daqui. Fique longe. Deus... eu estou com frio.

Catherine acrescentou outro cobertor e um mingau aquecido, depois, erguendo a cabeça, colocou o líquido entre seus lábios. Um pouco desceu; a maioria ele não podia controlar e ela tocou no canto da boca dele. Seu bom olho se abriu.

— Pensei... que você tinha partido.

— Eu não vou deixar você.

Seu rosto se contorceu.

— Eu não quero você aqui! Parte... da vingança... para fazer você pensar que eu me importo.

— Nada que você possa dizer me fará ir.

Ele virou o rosto bruscamente.

— Eu sou seu meio-irmão. Eu te tomei conscientemente... em incesto. Agora, você vai?

— Liam te disse, não foi? —Ela afastou o cabelo dele quando ele se virou para encará-la. — Eu sei por que você me trouxe para casa. Amin explicou tudo. Seus olhos ficaram nublados.

— Como você pode me olhar assim depois de...

— Eu te amo. Nada pode alterar isso. Mas como Liam descobriu?

— Um codicilo para o testamento de Brendan. E a pintura de Brendan... de Elise.

Quando a verdade surgiu, os olhos de Catherine se endureceram.

— Então ele sabia! Liam sabia quando ele se casou comigo! É por isso que ele entrou em frenesi quando terminou a pintura no penhasco. —A raiva borbulhou. — Oh, Deus, como ele pôde! Então mandou seu próprio irmão para a morte certa. Era como se ele não tivesse feito o suficiente!

Um rangido no topo da escada levou-a ao silêncio instantâneo e sem fôlego, Sean à beira do terror. Enquanto botas polidas desciam a escada, ele lutou para alcançar a pistola. Quando Catherine o conteve, ele se lançou contra ela como um louco.

— Dê-me... essa arma!

— Sean, é o doutor Marcus. Você não vê?

Exausto, ele se inclinou contra ela, olhando como um lobo encurralado para o cirurgião.

— Eu vim fazer o que eu posso, Sean, —Marcus disse calmamente. — Ninguém sabe que estou aqui. Você se arrastou até aqui. Não pode querer morrer agora como um cachorro neste porão.

— Eu nunca vou sair daqui vivo. Por que dar-lhe falsas esperanças? —Sua voz se desvaneceu em um sussurro surdo. — Ela ficará melhor sem mim.

Os braços de Catherine se apertaram sobre ele e ela murmurou contra o cabelo dele.

— Eu estou carregando seu filho, meu amor. Nada pode me fazer sentir melhor que sentir sua vida em mim. Essa criança foi concebida em inocência; ele será amado sem reservas, mas você sabe mais do que ninguém como é ser um bastardo. Pelo seu amor e o meu, você deve viver.

Seus braços apertaram ao redor dela, uma mão pendendo frouxamente, seu rosto contra a curva de seu pescoço.

— Tudo bem, pequenina. Eu... devo uma a você.

Finalmente acabou.

— Eu não gosto de ter que deixar este pedaço de chumbo em seu peito, — Marcus murmurou enquanto enfaixava, — mas se eu tirá-lo, ele não vai estar em qualquer lugar por semanas.

Ele endireitou o nariz e embalou-o.

— Eu vejo que você está aplicando compressas; o inchaço está reduzido. — Ele puxou o casaco. — Você é uma excelente assistente, condessa. Eu raramente tive melhor.

Ela o acompanhou até a escada e a porta dos fundos.

— Eu tive um bom professor. E por favor, me chame de Kit. Eu te devo a vida de Sean; vou orar pelo seu bem-estar todas as minhas noites.

Ele pegou a mão dela na porta.

— Eu sou a pessoa que deveria agradecer por me devolver meu auto respeito. — Ele procurou no bolso e trouxe um par de frascos. — Eu quase me esqueci, se ele estiver em perigo iminente de ser novamente aprisionado, dê-lhe isso; mata em segundos. — Ele os largou na mão dela. — Eu aconselho você a engolir o outro.

Sean, encostado numa parede, olhou criticamente para o magro rapaz que se dizia marinheiro e que esmurrava uma meia na ponta de uma bota grande. Ela puxou-o para um pé já envolto em três pares de meias de lã.

— Dois pares de luvas também. — O pseudo-marinheiro balançou os dedos lanosos. — Eles não vão olhar tão de perto para um menino.

Sean encostou a cabeça na parede. O pensamento de apenas se levantar o encheu de pavor.

Catherine tirou as luvas, depois inclinou-se e começou a sujar o rosto com uma pasta derretida de borra de café e banha, evitando cuidadosamente os cortes.

— No escuro, isso vai se misturar com o resto da sua pele. É uma pena que o médico teve que te barbear; um pouco de barba teria ajudado. — Ela tocou o nariz dele enquanto ele tentava não estremecer.

Quando ela terminou com Sean, Catherine vestiu grossos suéteres, uma jaqueta e fez uma postura de menino.

— Bem, como eu estou?

Os lábios quebrados do irlandês se moveram em um semblante de sorriso irônico.

— Adorável. Muito.

Catherine deu um suspiro de exasperação.

— Logo veremos sobre isso! —Rapidamente, ela espalhou a mistura de café contra suas sobrancelhas para torná-las ásperas, em seguida, alterou os contornos de seu rosto. Minutos depois, ela estava irreconhecível. Ela colocou as mãos nos quadris. — Bem, como dizem, é agora ou nunca. O relógio de nove horas baterá em uma hora. Não são muitas pessoas nas ruas e nem tão poucas. Pronto, fanfarrão?

— Sim. —Ele respirou fundo, depois levantou um braço. Ela colocou um ombro sob sua axila e, tão gentilmente quanto possível, ajudou-o a se levantar. Seus lábios ficaram brancos, e ele cambaleou instável por um momento, depois levantou a cabeça e assentiu.

O rosto do irlandês estava coberto de suor quando chegaram ao topo da escada do porão, e ela deixou-o descansar brevemente. Quando chegaram à porta dos fundos, Catherine já sentia a tensão de seu peso.

A noite estava fria com pouco vento. A neve penetrava preguiçosamente pelas ruas prateadas por uma meia-lua. Com o braço ruim sobre os ombros de Catherine, Sean tentou tirar o máximo de peso possível dela, concentrando-se em um passo de cada vez, cada explosão surda de dor. Quando eles entraram em um beco do outro lado da rua, ele usou uma parede para ajudar a se sustentar. Eles descansaram no final do beco, perto de uma rua de tavernas iluminadas, onde alguns marinheiros, prostitutas e soldados perdidos perambulavam. A maioria das pessoas da cidade estavam na cama. Quando a rua se esvaziou um pouco, Catherine pegou o braço de Sean e ajudou-o a entrar na rua. Na rua, um soldado apressado, inclinando a cabeça contra o frio, acidentalmente esbarrou no ombro do irlandês. Catherine ouviu o grito de dor de Sean e o soldado também.

— Desculpe, moço. —Ele olhou para o rosto de Culhane e depois para Catherine. — Diga, o que há de errado com ele? Ele parece pronto para desmaiar.

— Ele é... meu irmão, — disse Catherine desesperadamente. — E está um pouco bêbado. Um cara em uma pousada na rua deu uma cutucada nele.

— Mais do que uma cutucada, parece.

— Sangrento bastardo, — Sean murmurou. Ele xingou incoerentemente, depois começou a cantar com voz arrastada: — Vinte virgens vieram de Inverness...

— Melhor chegar em casa, rapaz. —O soldado riu.

— Eu quero chegar, senhor.

Quando chegaram ao abrigo escuro de outro beco, Sean quase caiu no chão. Ela o empurrou contra a parede enquanto ele lutava contra as ondas de dor.

— Quanto mais longe? —ele murmurou.

— Apenas mais alguns passos.

Com dolorosa lentidão, finalmente chegaram ao fim do beco e o porto se estendeu diante deles. Catherine o apoiou contra a parede e sua cabeça caiu para frente, sua respiração doente e superficial.

— Olhe... um pequeno barco. Apenas grande o suficiente... para estar em condições de navegar.

Examinando os barcos amarrados no cais, ela quase soluçou: — Estes são muito grandes e é hora da troca de vigilantes.

— Vamos esperar. Mais abaixo... barcos...

Ele caiu, e ela ofegou:

— Sean, eu não posso te segurar!

Ele se pressionou para cima, pensando em como estava cansado, o quanto queria ir dormir na neve com ela abraçando-o.

— Eles estão vindo, — ela sussurrou.

Os vigilantes pisoteando, baionetas em riste. Eles dividiram a formação logo depois do beco. O primeiro arrancou para verificar o cais em frente ao esconderijo dos amantes. Lá embaixo, no cais, na direção da prisão, tochas em movimento se abriram; os grupos de busca estavam fora postando sentinelas com tochas em intervalos ao longo da orla.

O guarda foi até o final do píer, virou-se lentamente e examinou as fachadas dos prédios. Os dedos de Catherine se fecharam ao redor de um dos frascos no bolso e soltaram sua rolha. Os olhos de Sean estavam fechados. Com total confiança, ele engoliria qualquer coisa que ela colocasse nos seus lábios.

Por favor Deus. Ele chegou tão longe.

O guarda voltou-se para o porto, abriu ligeiramente as pernas e urinou na água. Ela ficou fraca de alívio. O homem se apressou em se juntar a seus camaradas, agora diminuindo em direção a doca.

— Sean, eles foram embora, mas os guardas estão vigiando o porto. Temos que ir agora ou ficaremos presos aqui. Por favor, amor.

— Deixe-me... Sangrando... ruim.

Com fúria desesperada, ela arrastou o braço dele por cima do ombro.

— Eu não vou sair! Se você desistir, não voltará para a prisão sozinho.

Seu rosto golpeado se torceu.

— Droga, saia daqui!

— Não! —ela sibiu. — Por que eu deveria? Você não me deixou tão facilmente um dia. Ande, droga! Eu vou te arrastar se você não fizer isso!

Seus olhos se abriram, suas profundezas verdes queimando com febre e raiva.

— Sua putinha, não... me dê... ordens.

— Então, cuide de si mesmo! Qualquer homem que não se sustente sozinho merece morrer!

Ele olhou para ela, incrédulo, depois seu rosto se endureceu. Ele se virou e se arrastou o caminho ao longo da parede, quase caindo quando chegou ao canto. Ela seguiu ansiosamente e estendeu a mão.

— Não... toque-me, caramba! —Ele rosnou.

— Você nunca vai fazer isso sozinho.

Sua risada baixa e zombeteira terminou abruptamente, mordida pela dor.

— Eu sou um maldito O'Neill, lembra? —Inacreditavelmente, ele começou a tropeçar para a doca, empurrando ao longo da parede, o braço ruim pressionado contra o lado e o peito. Os poucos marinheiros prestaram pouca atenção, pensando que ele estava bêbado, o garoto de cara branca mancando atrás de um colega de navio. Cinquenta metros abaixo, a doca caiu contra a parede da taverna e ele caiu de joelhos.

Com um grito baixo, ela se inclinou ao lado dele.

— Sean, não faça isso! Você está se matando!

— Escolha... um barco, — ele murmurou. — Escolha...

Aterrorizada agora, ela obedeceu, correndo para o píer. Os barcos ainda eram grandes demais para serem manuseados sozinhos. Finalmente, entre um par de barcos pesqueiros, um baleeiro balançava suas velas, cuidadosamente enroladas. Quase tropeçando, ela correu de volta, notando que as luzes do piquete haviam se espalhado pela metade do porto.

Ela se debruçou ao lado de Culhane, que se agarrava à parede, com o corpo flácido, os olhos vidrados.

— Eu encontrei um. —Ela passou a mão por baixo do braço dele. Sem resistir agora, ele deixou que ela o puxasse para cima. Ela se pressionou entre ele e a parede, tentando colocá-lo de pé, com o braço bom em volta do pescoço.

Um marinheiro saiu da taverna e olhou para os seus giros com uma curiosidade divertida. A cabeça de Sean caiu para frente contra sua bochecha e ele gemeu. Ela ergueu os olhos arregalados e aterrorizados para o marinheiro. Um lento sorriso cruzou seu rosto simples e amável.

— Caramba, você é uma menina, não é?

A cabeça de Sean baixou, os lábios se movendo contra o pescoço dela.

— Minha... garota.

O marinheiro riu e encolheu os ombros.

— Sem ofensa, companheiro. Eu não estou tentando roubar sua moça. — Ele piscou para ela. — Embora eu prometo a você, senhorita, ele não será muito útil hoje à noite.

— Você poderia me dar uma mão com ele, por favor? Nosso barco está no cais, mas... ele é muito pesado.

O marinheiro inclinou a cabeça. Coisinha de aparência estranha.

— Claro, moça, por que não?

Ele começou a jogar um braço forte sobre o outro lado de Sean, e apressadamente ela disse: — Ele se meteu em uma briga temível. Você poderia ir rápido, por favor?

— Oh, claro, claro. Farei como você desejar.

— Pescadores? — perguntou o marinheiro, enquanto eles andavam e levaram o irlandês pelo cais.

— Sim. Nós não temos homens nem família suficientes para tripular o barco, então eu ajudo. Nem muitos me veem como uma mulher. Como você soube?

O marinheiro lhe deu um sorriso através da cabeça oscilante de Sean.

— Seus olhos. São grandes discos voadores olhando para mim como se eu estivesse por devorá-la. Nenhum garoto que eu conheço tem olhos assim.

Ela conseguiu uma leve careta.

— Garotos nas ruas me assustam um pouco à noite.

— Seu amigo luta frequentemente? — ele perguntou quando sentaram Culhane na doca ao lado do barco, com as pernas pendendo para o lado.

— Só quando ele for empurrado a isso.

Entrando no barco, o marinheiro aliviou seu fardo para frente, depois abaixou-o com cuidado. O irlandês caiu inconsciente no momento em que sua cabeça tocou o convés.

— Bem, está fora da luz. Quer uma mão com a vela?

— Por favor.

Ela soltou o leme quando o marinheiro subiu a vela e entregou-lhe a lamina da longarina²⁸. Ele hesitou, depois perguntou timidamente: — Esse sujeito não falou por você ainda? Quer dizer, eu não moro aqui. Estou fora de Marblehead. Sou de Massachusetts. Meu navio é Ina Clair — apontou — o casco ali. Nós estaremos pegando em algumas lojas as cargas. — Ele enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta. — Eu não conheço nenhuma garota por aqui.

Catherine sorriu para ele.

— Qual é o seu nome?

— Tom Carr.

— Bem, Tom Carr, você é um homem gentil. Se eu fosse livre, ficaria feliz em ter que visitá-lo. Você tem lindos olhos castanhos e gosto do seu sorriso, mas... aquele moço deitado no chão é meu amor verdadeiro, com certeza.

— Oh, bem. — Ele deu de ombros e sorriu ironicamente. — A má sorte de

um homem, é a fortuna de outro. —Ele pulou para o cais, colocou um pé na popa e empurrou o barco.

— Deus te abençoe, Tom Carr, — ela falou suavemente quando o barco saía do cais, a vela começando a se encher.

— Ah, Ele vai junto com você, menina. Eu não fiz nada.

— Mais do que você sabe, — ela sussurrou.

O vento estava intermitente e a vela muitas vezes ficava enlouquecida enquanto o baleeiro se deslizava pela água escura. Catherine imaginava que todo casco que se erguia na escuridão do nevoeiro poderia ser a patrulha do porto.

Ela respirou fundo enquanto a vela florescia no vento da boca do porto, e o barco moveu-se rapidamente para o mar aberto. Além da vela, uma sombra triangular contra as estrelas nebulosas, a cobertura de nuvens obscurecia boa parte do céu. Nesta época do ano, as tempestades eram imprevisíveis. Ela conseguiu avistar a Estrela do Norte e fixou um curso ligeiramente a Noroeste. Sabendo pouco de navegação, ela queria ter certeza da direção antes de deixar a vista da terra. Muito longe ao Norte e eles navegariam às cegas para o Atlântico Norte.

Ela amarrou o leme ao seu curso e avançou, apunhalou a vela extra sob o arco. Embrulhado em suas dobras havia uma lampião e uma vela de sebo. Ela rastejou de volta para a popa com seus achados, depois puxou a vela emendada para perto de Sean. A vela entrou em seu bolso com os frascos; sentindo-os, ela olhou para o rosto imóvel e amado de seu amante.

Querido Deus. Ajude-me a vê-lo em segurança em casa.

CAPÍTULO 22

CONTAS ESCARLATE

Na madrugada do segundo dia, o baleeiro se aproximou de Malin Head, ruiva e dourada, com garras de neve. No interior da Irlanda, o Grianon empurrou suas pedras antigas sobre as montanhas.

— Salve, Conal e Niall, — Catherine sussurrou. — Seu filho voltou para a casa de seus pais. Ele lhe deu honra. Conceda-lhe paz.

Enquanto o sol se elevava, ela rechaçou o leme e se ajoelhou ao lado de seu amante. Sua pele quente e seca, ele se mexeu intermitentemente. Ela apoiou sua cabeça no colo e tirou a neve de um assento onde o vento ainda não havia soprado. Quando ela deixou os cristais derreterem em seus lábios para escorrerem pela garganta dele, suas pálpebras tremeram e ele olhou atordoado para ela.

— Onde estamos?

— Malin Head está fora do nosso arco do porto. Você está no meio do caminho para casa.

— Eu não conseguiria... sozinho, — ele murmurou. — Não seria possível.

Ela sorriu gentilmente provocando.

— Você ficaria insuportavelmente presunçoso se tivesse conseguido. — Então seu sorriso desapareceu e ela vacilou: — Eu queria morrer quando você recusou ajuda. — Ela sentiu os frascos no bolso. — Eu quase envenenei você quando aquele soldado... oh, Sean, eu estava apavorada. — Ela começou a chorar, soluçando contra o cabelo dele.

Com um esforço, sua mão boa se levantou e tateou fracamente.

— Tire... esse maldito gorro. Eu quero... ver minha garota novamente. — Ela enfiou a mão no gorro de tricô e o cabelo caiu sobre o ombro dele. Seus dedos encontraram sua seda. — Adorável... muito. — Sua cabeça caiu cansada contra ela.

Cuidadosamente, ela o recuperou e removeu o lenço sobre os olhos. À luz do dia, o dano era berrante e ela se perguntou como eles haviam enganado alguém. Ela conseguiu que ele comesse um pouco de queijo e pão que ela havia escorregado nos bolsos e tomou um gole do vinho para afastar o vento gelado. Com a garganta ardendo, ela retomou o leme e focou os olhos cansados no horizonte.

Sean se mexeu muito pouco durante o longo dia e noite. O frio diminuiu sua febre, mas as bandagens ficaram encharcadas, avisando que a bala em seu peito havia sido desalojada. Sua respiração era fraca e superficial e, com crescente apreensão, Catherine observou o sol se pondo.

Perto do amanhecer, a silhueta sem luz de Shelan se erguia contra a lua. E se Peg e Rafferty tivessem ouvido falar da captura de Sean e o dessem como morto? E se todos tivessem partido? E se Liam...? Severamente reprimindo sua imaginação, ela manobrou a baleeiro o mais perto que ousou, depois soltou a âncora e correu para o lampião.

Santa Mãe, estava sem pederneira.

Não entre em pânico. Use a pistola. Você tem pó, não tem?

Ela tirou a pistola do cós. O flash do pó quase lhe queimou, mas a vela brilhava. Apressadamente, ela caiu contra o vento enquanto deslizava a vela para o lampião.

Segurando o mastro, ela acenou com o lampião, abanando-o com o gorro para fazer um sinal, depois mexendo para formar as iniciais de Culhane, qualquer coisa. A vela queimava baixo, mas ainda não havia luz da casa. Em desespero, ela estava considerando voltar o barco quando viu uma sombra empurrar um barco através das ondas. Minutos depois, uma cabeça flamejante apareceu no brilho do lampião. Seu coração afundou nos dedos dos pés. Flannery! Isso significava Liam! Ela agarrou a arma, tentando carregá-la com os dedos rígidos, mas quando a mão dele pegou a borla, ela ainda estava atrapalhada. Ela levantou a arma com um grito desesperado.

— Não! Eu não vou deixar você tê-lo!

— Calma, moça. Quero dizer, não quero fazer nenhum mal a Sean, — o gigante a tranquilizou.

— Seu mestre assassino o quer morto!

— Nenhum homem é meu mestre, menina, — ele replicou secamente, — especialmente Liam Culhane; eu o deixei há muito tempo. Ele não era exatamente uma boca fechada em sua bebida. — Ele acenou com a cabeça em direção à figura longa delineada sob a vela. — Em que estado ele está?

— Ele pode estar morrendo, — disse ela.

— Então é melhor sermos rápidos. Ajude-me com ele.

Peg ajudou a despir o irlandês ferido, implorando em gaélico quando viu o corpo dele. Ela sussurrou para ele, tocou seu rosto quando Catherine o banhou. A governanta indestrutível agora era inútil. Flannery finalmente a conduziu até uma cadeira perto do fogo, onde se sentou, balançando-se e chorando. Ele voltou para a cama.

— Rafferty não deve demorar muito com o médico. — Sua boca era uma linha de granito acima de sua barba enquanto ele olhava para baixo. — Os bastardos. Nada vivo deve ser tratado assim.

Catherine cobriu Sean e caiu em uma cadeira, fechando os olhos.

— Tem alguma coisa para comer? — Ela balançou a cabeça. — Alguma quente de preferência?

— Quente. — Ele deu um tapinha no braço dela e saiu.

A próxima coisa que Catherine soube, Rafferty estava freneticamente a sacudindo para acordá-la.

— O doutor O'Donnell está trazendo um bebê ao mundo em Ruiralagh. Ele provavelmente não voltará até a manhã.

Peg começou a chorar e torcer as mãos.

— Por favor, leve Peg para o andar de baixo para dormir, Sr. Rafferty, — Catherine calmamente ordenou. — Então vá pelo médico e espere até que o bebê esteja em segurança. Traga-o de volta para cá. Rapidamente. Por favor, seja o mais rápido que puder.

Flannery se afastou com a bandeja quando Rafferty persuadiu sua esposa a sair do quarto.

— O que é isso?

Catherine disse a ele.

— Vou precisar de água fervente, muita. A faca mais afiada e pequena que você puder encontrar. Uma navalha. Algo para fórceps. Velas, bandagens, linho, uísque. Nora pode ajudar.

Ele franziu a testa.

— Você sabe o que está fazendo, moça?

— Eu só sei que ele não viverá mais do que algumas horas se a bala não sair. Ajude-me a levá-lo ao chão perto do fogo.

Quando tudo estava pronto, ela esfregou os olhos e olhou para cima.

— Você tem alguma experiência com ferimentos de bala, Sr. Flannery?

— Eu tive algumas cravadas em mim, e eu trabalhei uma vez para tirar uma delas do meu braço.

— Nora? — A garota balançou a cabeça, as sardas austeras. — Então volte para a cama, Nora, — disse Catherine suavemente. — Você tem ajudado muito a encontrar coisas. — Depois que Nora fechou com gratidão a porta, Catherine examinou o equipamento e respirou fundo. — Eu suponho que é isso.

Com a navalha, ela reabriu a incisão de Marcus, depois limpou para ver o ângulo de entrada da bala. Usando um gancho longo, ela cutucou, tentando manter a mão firme. Culhane gemeu, a dor penetrando em sua inconsciência enquanto a haste enterrava-se profundamente em seu peito, mas não encontrou

nenhuma bala. A luz do fogo estava turva. Flannery arrastou a cabeça para cima e levou o uísque aos lábios.

— Beba. Isso é bom.

Mais um centímetro e ela a encontrou.

— Pronto com o ferro aquecido?

— Continue.

Quando ela tocou a bala, o sangue subiu. Com a face branca, ela trabalhou rapidamente para trazer a bala à superfície, depois atirou-a ao fogo, onde pousou com um silvo. Flannery instantaneamente entregou-lhe um segundo gancho aquecido em brasa, o cabo densamente envolto em lã, depois segurou Sean. Ela inseriu na ferida. Ele convulsionou e gritou, depois ficou mole quando ela o retirou. O fluxo sanguíneo diminuiu.

Flannery segurou um pano frio na parte de trás do seu pescoço, depois banhou o rosto do suor enquanto engolia o ar.

— Ele ainda está perdendo sangue, — ela murmurou. — Nós vamos ter que fechar os outros com o plano de uma lâmina quente.

Por fim, foi feito e as feridas cauterizadas enfaixadas. Flannery levou o homem inconsciente para a cama e o cobriu. Quando ele olhou para Catherine, ela estava deitada em uma bola entre os cobertores manchados de sangue. Ele a transportou para a sua própria cama na sala adjacente.

A luz brilhante que passava através das janelas atingiu os olhos de Catherine quando ela acordou e, por um momento, ficou perplexa, quase cega. Então, lembrando, ela pulou da cama e abriu a porta do quarto.

Flannery sentava-se com os pés nas meias encostados na mesa. Ele olhou por cima de seu livro.

— O médico veio e foi embora. Ele vai voltar daqui a pouco.

Ela soltou o ar. Sean ainda estava vivo.

O irlandês deitava de costas, a cabeça virada para longe das janelas. Assustada por sua terrível palidez, ela hesitantemente tocou sua bochecha machucada.

Algumas horas depois, o médico chegou e checkou o paciente.

— Como ele está, doutor O'Donnell? — Catherine perguntou preocupada.

— O Sr. Culhane tem uma constituição robusta, mas a partir de agora ele precisará de outra pessoa para lutar por ele. — Olhos azuis dele a estudaram com um rosto tipicamente irlandês. De cabelos escuros e feições fortes, ele tinha um amassado no queixo e as mãos de aparência capaz. — Como você está Lady Catherine?

— Enfurecida, doutor. Estou com um humor de luta.

— Bom. Fique com raiva pelas próximas duas semanas.

— Quais são as chances dele?

Ele encolheu os ombros.

— Ele não deveria viver, mas viveu até agora. Ele não deveria ter sobrevivido a dias de negligência, três dias no mar, ou a uma cirurgia amadora com o gancho uma agulha de tricô e Todo-Poderoso Cristo, ele ainda sobrevive. — Ele procurou em sua jaqueta e pegou sua bolsa. — Pessoalmente, eu não gosto de um homem que quebra todas as regras. Ele traz à tona o meu lado negro e eu devo ser um homem estável. — Ele inclinou o chapéu. — Vejo você pela manhã.

Pouco antes do amanhecer, a febre de Sean aumentou. Murmurando ininteligível, ele lutou contra os cobertores. Sem aviso, seus olhos se abriram e ele gritou, arqueando em choque com a dor. Inutilmente, Catherine tentou segurá-lo.

— Flannery! Venha depressa!

Com a camisa da noite se agitando, Flannery entrou no quarto. Ele empurrou-a para o lado, tomou seu lugar e apontou a cabeça para a pilha de linho enrolado no peito.

— Amarre-o com as tiras, garota. Depressa!

Quando se sentiu preso, Sean redobrou seus esforços, amaldiçoando. Rapidamente exausto, ele implorou: — Não. Não me castre. Por favor...

Catherine mediu o láudano em um copo, as mãos tremendo. Ele se afastou.

— Não! Eu não vou tomar essa coisa imunda! Pare... seu... imundo... tire as mãos! — Ele gritou, e Flannery manteve a cabeça rígida enquanto Catherine forçava o ópio em sua boca e mantinha as mandíbulas fechadas. Ele resistiu às restrições, sufocando. Quando ele parou, ela tentou um pouco mais. Fraco demais para resistir, ele simplesmente ficou ali, teimosamente se recusando a engolir até que o remédio saiu pelo canto da boca. Ela segurou as narinas e a mandíbula fechada; finalmente ele teve que deixar a coisa descer pela sua garganta, seus olhos verdes brilhando com febre e ódio.

— Açougueiro! Deixe-a em paz, droga! Eu te mato! — Sua voz ficou mais fraca, implorando: — Diga a ela... alguém, diga a ela que não sou eu... queimando. Não, não... não me mate assim. — Seu delírio se desvaneceu em um murmúrio incoerente quando ele caiu em delírio drogado.

Lentamente, os ferimentos começaram a cicatrizar. As restrições de movimentos foram removidas, pois ele estava menos preocupado com a dor. Ele até dormia ocasionalmente sem drogas pesadas, embora nunca estivesse totalmente consciente. Eles o alimentaram em pequenas quantidades, restaurando sua força, mas embora ele estivesse lúcido perto do fim de uma

quinzena, estava perigosamente fraco, incapaz de levantar a cabeça. Catherine ficou triste ao vê-lo tão desamparado, quando ele era tão ferozmente autoconfiante. Quando ele estava consciente por longos períodos, ela mudou sua cama para o quarto. Lá, ela cantou e leu para ele nas longas horas da noite, sempre mantendo uma vela acesa, mesmo enquanto ele dormia, sempre estando onde ele podia vê-la. Embora ele raramente pedisse alguma coisa, seus olhos frequentemente a seguiam pelo quarto.

No dia em que O'Donnell veio tirar os pontos da cabeça e do rosto de Culhane, Catherine e o médico, agora amigável um com o outro, brincavam com bom humor casual.

— Bem, moço, — brincou O'Donnell com Sean alegremente, — você pode não rivalizar com os deuses novamente, mas vai quebrar muitos corações com seu amor. Quando o inchaço acabar, seu cabelo vai esconder a maioria das cicatrizes. — Ele olhou para o olho ferido. — Como está a visão na esquerda?

— Nublado.

— Hum. Isso pode passar. Vou tirar sua bagagem. — Um minuto depois, o médico aplicou uma pressão firme em ambos os lados do seu nariz e acariciou para cima. Sean estremeceu. O'Donnell deu de ombros e largou os instrumentos na bolsa, depois pousou descuidadamente a mão no ombro de Catherine. — Bem, seu nariz está um pouco no lugar errado, com certeza.

Catherine sorriu para seu paciente.

— Eu prefiro assim.

Sean tentou sorrir de volta, mas não conseguiu.

Depois que o médico saiu, Catherine deitou a cabeça ao lado da dele e ele desajeitadamente acariciou seu rosto.

— Orfeu ainda está por perto?

Ela riu.

— Você não o ouviu no corredor? Ele sabe que você está em casa. Ele está ofendido de ser excluído.

— Eu gostaria de ver o pequeno vagabundo.

Quando ela abriu a porta, Orfeu se levantou, espreguiçou-se e entrou, com a ponta da cauda para frente e para trás. Ele inspecionou o quarto, então subiu na cama e encostou o focinho no rosto de Sean, cheirando os odores medicinais. Quando Sean o acariciou, ele deitou-se ruidosamente, seus olhos âmbar diabólicos meio fechados.

— Ele está engordando. Peg o está estragando.

Catherine riu.

— Eu sou a culpada. Ele está cheio de sopa fria da sua bandeja.

Sean gentilmente bateu na barriga do gato que deu uma olhada desdenhosa.

— Apertado como um tambor. — Ele olhou para ela. — Então você vai estar em breve. O que você vai fazer então, pequena mãe?

Petite mère.

A frase de despedida de Charles d'Artois deslizou em sua mente quando ela respondeu: — O que toda mãe faz: trazer uma vida nova ao mundo. O sobrenome de nosso filho será Culhane, como deveria ser. — Ela se ajoelhou ao lado da cama e acariciou o gato, agora dobrado como um mandarim. — Sinto-me completa e em paz. Muito apropriadamente também; a próxima semana é o Natal.

Em um espírito de Natal brincalhão, Catherine se pôs a divertir seu paciente relatando a história de Perez e sua esposa gorda. Com um gingado e revirar de olhos, ela imitou a lady ciumenta, e balançou o rabo de Orfeu como um bigode imaginário debaixo do nariz para representar o desesperado fanfarrão. Arrumando Orfeu em seus braços em uma paródia gotejante de devassidão lasciva, ela murmurou idiotices sacarina do gato enojado. O rosto sorridente de Sean se contorceu.

— Misericórdia, mulher, estou com dor! — Quando ela fez uma reverência, Orfeu saiu de seus braços e fez uma saída hábil. — Enderly acreditava no seu ardil? — Sean conseguiu finalmente perguntar.

— Eu duvido. Se soubesse que ele já tinha você, eu não teria sido tão descarada. Naturalmente, Liam nunca se arriscaria revelando mais do que o necessário para garantir sua captura. Ele estava certo de que você nunca iria confessar. Qualquer coisa. — Com falsa falta de cuidado, ela se jogou numa cadeira. — Não vamos falar sobre Liam. A única vez que me importo em ouvir o nome dele novamente é em um decreto de divórcio.

A diversão de Sean desapareceu.

— Você deve saber, Kit. Ele quer causar problemas, e pode arruinar você. Ele se destruiria, mas a levaria junto... e nosso filho com ele.

— Eu tenho que me divorciar de Liam. Ele deve ser removido de qualquer reivindicação possível sobre mim e o bebê. Eu irei para a América, se necessário. — Vendo os olhos dele, ela se levantou e pegou sua mão. — Por favor, não vamos falar disso agora. Não vamos estragar o Natal.

— Não, pequenina, — ele disse suavemente, — não vamos estragar o Natal.

A manhã de véspera de Natal amanheceu clara e fria com a costa de Donegal coberta de neve rara, as muralhas de seus enormes penhascos cobertos de branco por cima da espuma gelada dos flocos que chegavam. Na descrição de Catherine da tradição da árvore alemã, Flannery foi para as montanhas e trouxe

na volta um espécime ignóbil cujas folhas varridas pelo vento tinha que ser enfiada em um canto do quarto de Sean. Fortalecidos pelo potente ponche de Yule de Peg, os habitantes de Shelan juntaram forças e alegrias com o doutor O'Donnell e sua família e enfeitaram a árvore com amoras e groselhas, decorações de papel, bolos açucarados e velas. Os adultos ficaram alegremente intoxicados, as crianças muito animadas quando viram os misteriosos presentes. Sean foi capaz de se sentar por algumas horas, encostado em travesseiros, um roupão de lã azul puxado sobre os ombros. Quando as velas foram acesas, Catherine sentou-se na cama ao lado dele. Adorável em um vestido de veludo branco, ela usava seu presente de aniversário, uma madonna de ouro do século XV, em volta do pescoço.

As crianças gritaram quando a porta se abriu, então suspirou porque era apenas Peg trazendo mais suco e um cavalheiro esguio com uma harpa. Os olhos de Sean se iluminaram.

— Arthur!

As crianças se entreolharam, sem saber se deveriam ficar desapontadas ou não.

Arthur O'Neill fez uma reverência.

— Um Feliz Natal para todos vocês, meus amigos. Eu sugiro que nós atrasemos as apresentações imediatas, pois tenho certeza que as crianças estão dançando com impaciência. Peg, me dê uma jarra da sua famosa cerveja, se quiser. — Ela obedeceu e sentou-se junto ao fogo.

Flannery passou a distribuir os presentes e os jovens O'Donnell os atacaram com gritos de alegria, depois agitaram os prêmios triunfalmente enquanto Orfeu atacava as caixas vazias, perseguindo serpentes de corda pelo papel crepitante.

Enquanto os presentes adultos foram passados, O'Neill pegou sua harpa. Depois de algumas notas suaves, o grupo caiu em mudo silêncio e Catherine sentiu como se estivesse sozinha com o harpista cego, encurralado pela música assombrosa, pura e quente como a vida, o sonho vivo do amor, dentro dela. Então a mão de Sean cobriu a dela e ele também estava dentro dela. Seus olhos se encontraram. Sean colocou uma esplêndida esmeralda e lascas de diamantes no dedo dela.

— Era da minha mãe, para a minha noiva e mãe dos meus filhos.

— Você é o marido da minha alma. Seu anel nunca vai me deixar, — ela sussurrou.

Ela colocou uma corrente no pescoço dele.

— Eu fiz Flannery comprar isso com o meu último soberano de ouro. — Sean ergueu um simples crucifixo com marcas de martelo irregulares. Ela tocou o rosto dele. — Devemos a sua vida a Deus. Houve muitas vezes nas últimas

semanas, quando a nossa força combinada não era o suficiente.

— Então Ele ajudou por você, não pela minha fé.

— Eu nunca vou acreditar nisso. Esta noite nós não só celebramos o nascimento de Deus, mas de um Homem que sofreu por compaixão por Seus irmãos. Você não pode, de todos os homens, aceitá-lo como um igual que suportou apesar de completamente humano? Seu medo e desespero? Se eu, com todas as minhas fragilidades e limitações mortais, posso encontrar tanto para amar em você, quanto mais Deus?

Ele beijou o crucifixo.

— Por sua causa, madonna mia... e respeito pelo melhor Homem.

No dia de Ano Novo, Catherine embrulhou-se em um manto e, carregando Orfeu, interceptou Peg enquanto ela estava limpando o vestíbulo. Ela deu-lhe uma carta.

— Você mandará Rafferty levar isso e o pacote?

— Não se preocupe. Ele vai estar fora dentro de uma hora.

— Obrigada. Orfeu e eu estamos saindo para respirar ar fresco.

Quando Catherine e o gato saíram de casa, Peg olhou distraidamente para a carta antes de largá-la no bolso do avental. Percebendo o endereço do doutor Flynn, decidiu enviar-lhe uma nota. Não vendo necessidade de mais, pois estava tudo ligado ao mesmo lugar, ela foi para seu quarto e cuidadosamente cortou o selo, em seguida, escreveu uma saudação pelo feriado. Ao colocá-lo no envelope, ela notou uma segunda carta a Monsieur Charles d'Artois. Ela franziu a testa e foi até o quarto de Sean.

— Charles d'Artois não é alguém famoso?

Sean olhou surpreso.

— Sim. Depois do rei Louis, ele é o próximo na fila do trono francês. Ele também é amigo do pai de Kit. Por quê?

O rosto de Peg se endureceu.

— Bom, amigo também da lady, — ela retrucou, segurando o envelope fechado para Sean.

Seus olhos se estreitaram com raiva.

— Que direito você tem de investigar os assuntos de Kit? Ponha isso de volta onde você achou!

— Você é meu direito. É melhor você ver o nome.

Ela deixou cair a carta no colo dele. Olhando para ela, ele pegou. Seu rosto ficou tenso.

— Onde ela está?

— Fora para uma caminhada.

— Faça com que ela me veja quando entrar.

Com as bochechas rosadas de frio, Catherine entrou no quarto e tirou a neve do manto.

— Oh, é glorioso! Orfeu ficou furioso! Na maioria das vezes, tudo o que pude ver foi o rabo tremulando acima dos montes... —Vendo sua expressão, ela diminuiu. — Algo está errado?

Ele levantou a carta.

— Peg queria incluir uma nota para Flynn. Ela encontrou isso.

A cor drenou de suas bochechas.

— Você não abriu?

— Não é endereçado a mim. Achei que você poderia preferir me contar sobre isso. —Seu tom tinha mais do que um eco de sua antiga dureza.

— Eu não faria.

— Isso me preocupa?

Seus olhos escureceram.

— Você ainda acredita que eu trairia você?

Ele estendeu a carta.

— Envie. Eu retiro a questão.

Ela não fez nenhum movimento para pegá-lo.

— Droga Peg e sua desconfiança! Agora isso sempre estará entre nós. Você sempre vai se perguntar.

Ela lentamente tirou o manto e deixou-o cair sobre a cadeira, depois foi até uma janela. Não omitindo nada, ela contou a ele sobre os esquemas assassinos de Enderly e sua subsequente audiência com o duque exilado.

— Para proteger nosso filho, — ela concluiu, — pedi a Charles que o reivindicasse em uma entrevista particular com Enderly.

— Charles estava perdendo muito, ajudando você, mesmo se ele estivesse espantado com sua ousadia. Ele não faria isso por nada. —Seus olhos escureceram. — O que você deu a ele, Kit?

Ela não disse nada.

— Oh, Cristo! —O choro rasgou dele. — Você encontrou um garanhão muito rápido! Menos de um mês, não foi?

— Não foi assim!

— Não? Como foi?

Ela girou.

— Eu teria feito qualquer coisa para proteger você e nosso bebê! Qualquer coisa! Eu teria dormido com Charles, Louis, o mordomo! Mas não foi sórdido. Charles é um homem notável. Ele não é diferente de você...

— Oh? Eu imploro para discordar, senhora! Ele tem um nariz que se centra em seu rosto, e ambas as bolas, por Deus. Eu garanto que ele era soberbo, seu Charles!

— Pare com isso! Você só está se atormentando e a mim!

— Você está indo para ele, não é? Minha convalescença deve estar te deixando louca de impaciência. E Angoulême, também, tem um 'carinho' por você. Bom Deus, você pode enganar os homens! Eu sou um veterano do passado da sua feitiçaria, mas como um tolo idiota, acreditei que gerava seu filho. Eu tentei rastejar para ele, acreditando nisso! Você sabe de quem é o bastardo que você está carregando!

Catherine ficou branca como se ele a tivesse esfaqueado. Com os dedos trêmulos, ela deslizou o anel e colocou-o na mesa, em seguida, silenciosamente deixou o quarto, fechando a porta. Sozinha, ela se jogou na cama e deixou as lágrimas chegarem, amargas e sem liberação.

Na crescente miséria, Sean olhou para o anel.

Seu idiota, ele se repreendeu, o que você prefere? Ver-se assassinado por Enderly, ela teria sido exclusiva. É isso que você quer? Você nunca pode tê-la novamente. Aceite isso. Faz parte do seu sangue e ela nunca poderá ser sua novamente. Kit. Eu só posso renunciar a você.

— Kit? —Não houve resposta e ele tentou novamente. Finalmente, ele tentou ir até ela, mas o tapete sugou-o como Ulysses em um campo de papoulas infinito e ondulante.

Catherine ouviu sua queda. Em terror rápido, ela atirou-se da cama e abriu a porta. Sean estava sem sentidos, enredado na roupa de cama no chão. As ataduras mostravam manchas ameaçadoras de sangue.

— Flannery! —ela gritou. — Peg! Socorro!

O'Donnell, no foyer que flertava com Peg na esperança de conseguir um almoço saboroso depois de visitar seu paciente, subiu a escada à frente da governanta. Rapidamente ele ajudou as mulheres a levar o irlandês de volta para a cama, então tirou o curativo sobre o ferimento no peito.

— Ele está com hemorragia. Vou ter que abrir.

— Eu vou te ajudar, — Catherine sussurrou.

— Não. Todos fora.

Horas depois, O'Donnell saiu da sala e encontrou Catherine encolhida contra a parede, Peg e Flannery sentados nos degraus mais à frente.

— Dê a esse homem paz, ou ele estará vendo isso na eternidade. Ele tem pouco mais sangue sobrando nele do que aquele maldito gato —O'Donnell desceu as escadas e o gato miou.

Os três no corredor se levantaram, e Peg, enxugando os olhos inchados, foi

para o quarto. Catherine bloqueou seu caminho.

— Não. Ele não verá mais lágrimas. E ele não ouvirá mais histórias. Se você tiver alguma dúvida sobre minha conduta, fale para mim. Não permitirei que ninguém o machuque ou o aborreça de novo.

Peg empurrou o ombro dela.

— Foi você quem o machucou!

Catherine empurrou suas costas com um aviso baixo e plano.

— Mantenha sua voz baixa. Ele pode ter sido seu mestre uma vez e será de novo, mas até lá, eu sou sua lady, e você responderá a mim. Eu não o resgatei e lutei para mantê-lo vivo apenas para traí-lo ou deixá-lo morrer de intromissão. Graças a você, ele carrega uma dor que nunca precisava saber. Ele é meu agora. Ou aceite esse fato e fique em silêncio, ou vá embora.

Peg respirou fundo.

— Jogue ela fora deste lugar, Flannery!

— Deixando o rapaz definhar? Peg, seu amor por ele é tão egoísta?

Peg começou a soluçar.

— Ela não trouxe nada além de dor.

— Nay, ela trouxe alegria para ele também. Seu coração está vivo novamente. Você esperava que ele a amasse, só que não muito. Você não pode estar esperando que as pessoas se comportem como suas receitas, velha. — Ele a abraçou. — Pobre Peg. Essa sua noção é a mesma que nos separou. Esses dois estão misturados; você só precisa deixar o bolo crescer.

Catherine acordou perto do amanhecer para encontrar os olhos de Sean olhando aturdidos para os dela enquanto ela se vestia ao lado dele.

— Eu... não quis... mantê-la aqui, — ele sussurrou. — Eu só queria...

Ela tocou seus lábios.

— Eu sei, amor. Não tente falar. Eu não dei nada para Charles que pertence a você. Ele sabe disso.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu não tenho direitos... com você. Eu sei disso.

Seus olhos queimaram nos dele.

— Nós estamos além do certo. Eu te amo e desejo mais neste momento do que antes. Eu odeio as mulheres que virão depois, mas elas virão; então uma definitiva e eu vou querer matá-la. Você é homem, o tipo de homem que uma mulher anseia por sentir não apenas no corpo dela, mas dentro de sua alma. Muito de você é meu.

— Eu quero tocar... meu filho.

Ela guiou a mão dele.

— Ele está aqui, esperando. — Sean sentiu o pequeno caroço do ventre nos dedos e fechou os olhos.

Duas semanas se passaram antes que Culhane pudesse se sentar novamente. Em quatro, ele estava inquieto. Embora O'Donnell reprimisse qualquer ideia de sair da cama, permitiu que ele fosse transferido para o divã perto das janelas. Catherine e Flannery fizeram uma festa pela ocasião da transferência e Peg fez cacau de conhaque. Ela não se demorou. Percebendo o olhar de Sean seguir a irlandesa para fora do quarto, Catherine apertou sua mão.

— Eu já volto. Acho que Peg esqueceu alguns doces.

Ela encontrou a serva na cozinha preparando um cordeiro assado para o jantar.

— Peg, há alguma pastelaria? — Silenciosamente, Peg apontou para uma panela coberta com guardanapo. Catherine espiou. — Oh, maravilhoso. Eclairs de chocolates são os favoritos de Sean. — Ela olhou para cima. — Você não vai trazê-los para o chá e se juntar a nós? Este é um dia especial para Sean, particularmente porque ele passou seu aniversário na prisão. — Quando Peg a ignorou, ela acrescentou: — Eu imagino que você sempre fez seus bolos nessas ocasiões.

— Desde que ele tinha dez anos. Parecia a cria de Satanás. Não precisava de mim e agora não precisa.

— Você sabe que sim, — disse Catherine suavemente. — É por isso que você o ama todos esses anos. — Deixou os doces e subiu as escadas.

Em instantes, Peg a seguiu.

Quatro dias depois, Catherine franziu o cenho quando largou um trabalho enquanto desajeitadamente tentava tricotar uma minúscula meia. Sean ergueu os olhos de um livro quando ela xingou em voz alta a queda de outro.

— O bebê ficará mais impressionado com suas canções de ninar, dedos ágeis.

— Ele deveria ter algo feito por sua mãe.

— Ele ficará emocionado. Com tantos buracos, ele não terá acesso aos dedos dos pés.

— Bem, como aquela boneca de madeira que você está esculpindo não é Donatello, — ela disparou de volta. — Tem orelhas como um macaco.

— Então vai ser um macaco, — ele respondeu placidamente.

Ela riu e sua risada mais profunda se juntou.

— E se tivermos uma garota, Sean? Nós continuamos dizendo 'ele'. Você vai se importar muito?

— Apenas a quantidade de barulho em nossa porta. — Seu sorriso

desapareceu e ele ficou em silêncio por um momento. — Artois está apaixonado por você, não é?

Ela largou o tricô.

— Eu não vou morar com ele por algum tempo, se for isso que pensa. Se Liam criar um alvoroço, qualquer arranjo desse tipo será impossível. — Ela pegou a mão dele. — Até agora ele sabe que eu estou segura e você está vivo, mas não sabe o seu nome. Você nunca deve chegar perto dele, Sean. Nós vamos imaginar um jeito de você ver o bebê.

Ele sorriu sombriamente.

— Você estava certa. Charles e eu somos muito parecidos. Eu gostaria de colocar uma bala no crânio dele também. Devo te ver nessas ocasiões familiares?

— Isso não seria injusto para todos nós?

— Não há nada justo nessa bagunça toda! — Ele abriu-se amargamente e depois se acalmou. — Me desculpe. Estou ficando mais ousado ultimamente.

— Você está ficando bom. Mais um mês e você estará correndo ao redor e perdendo a paciência sem uma pontada de remorso.

Ele encolheu os ombros.

— Por que não? Nem mesmo Rafferty está impressionado. — Ele olhou para ela, depois disse abruptamente: — Quero que você parta na semana que vem, Kit; antes que eu esteja de pé.

Seus dedos esmagaram o tricô.

— Mas... deve ser tão cedo?

— Charles pode estar interessado em saber que metade de um homem pode desejá-la tanto quanto um inteiro. Sexta-feira seguinte está bom para você?

Alguns dias depois, Catherine estava lendo para Sean quando O'Donnell entrou na sala.

— Você precisa evacuar! Um dos aldeões a caminho da cidade de Donegal avistou tropas vindo em direção a Shelan. Eles estão a menos de seis quilômetros de distância.

— Encontre Flannery e diga a ele para colocar o rastrilho, — Sean disse rapidamente. — Diga a Rafferty que pegue a carroça e amarre Mephisto no portão traseiro. Peça-lhes que esperem na frente por Peg e Nora. Elas vão para o Norte até Kenlo e acamparão lá até que as coisas acabem. Kit, Flannery e eu vamos no barco. — O'Donnell assentiu e correu porta afora, pegando Orfeu quando se foi.

— Kit, pegue minhas roupas.

Ela levantou.

— Não a menos que você prometa ficar na cama até que Flannery possa vir buscá-lo.

— Não discuta, mulher! —ele rugiu. Ela não se mexeu. — Tudo bem, caramba, sua teimosa moça!

Ela correu para o armário. Embora ela fosse tão cuidadosa quanto possível, ele estava pálido no momento em que ela terminou de vesti-lo. Sabendo que ela estava lhe causando dor, Catherine se irritou quando enfiou o braço ruim em sua camisa. Ela começou a abotoar os botões, mas ele acenou para ela.

— Pegue suas coisas.

Ela foi em direção ao outro cômodo, mas quando parou por um instante para tirar a pequena escultura do tapete, um sotaque da porta gelou seu sangue.

— Lindas mamas quando você se curva, menina. Sempre tive fome delas.

— Rouge! —ela ofegou.

O gigante descansou contra o batente da porta, a pistola apontada para o peito de Sean.

— É bom ver que você lembra de mim. —Ele assentiu preguiçosamente para Sean. — Olá, Culhane. Você pode viver mais alguns minutos se se comportar. Seu irmão não é muito ruim para se trabalhar; mas quer ter o prazer de matar você pessoalmente, eu não tenho objeções. Eu, eu quero o prazer de ter sua puta antes que as tropas se revezem. Eles estarão aqui logo. Eu e Lorde Culhane estamos mais impacientes. —Ele sorriu para os olhos de Sean. — Ela ficou muito gostosa.

— Toque nela, e eu vou te despedaçar!

Rouge sorriu sem alegria, os olhos cinzentos achatados.

— Você não está em forma para fazer esse papel. Você está sangrando, homem.

Com um som abafado, Catherine deu um passo em direção a Sean.

— Fique onde você está, garota, — Rouge roncou, então sua voz se alterou. — Melhor ainda, entre naquele quarto. A menos que você queira que ele veja.

Com o rosto branco, ela recuou quando Rouge entrou no quarto. Sean atirou um castiçal nele. Quando o grandalhão girou com a pistola apontada, Catherine gritou: — Não! Sean, não! Rouge, deixe-o em paz! Eu farei o que você quiser... apenas deixe-o em paz.

Lentamente, Rouge baixou a arma.

— Por que não? Comece a se despir garota, e seja rápida.

Com as mãos trêmulas, ela rasgou seus botões.

— Kit, não! Eles vão me matar de qualquer maneira!

— Nós vamos transar com ela de qualquer maneira. —Os olhos de Rouge

seguiram o vestido caindo no chão, depois percorreram a pele sedosa acima da camisa. — Pode-se transar com ela até a morte, uma linda coisinha assim.

Ouvir a maldição selvagem de Sean fez com que Rouge perdesse a paciência, Catherine puxou-o desesperadamente pela camisa.

Rouge sorriu.

— Veja, Culhane, sua puta me quer. Ela gostaria de saber como é o pau de um homem de verdade. — Ele umedeceu os lábios quando a camisa se abriu até a cintura. — Deus, você é uma beleza. — Ele se moveu em direção a ela, desabotoando suas calças. — Entre naquele quarto, — ele disse densamente. Ele deu outro passo e sua cabeça explodiu. Tropeçando para trás contra a mesa, Catherine mordeu a mão aterrorizada quando ele caiu quase em cima dela.

Na porta, o rosto inchado de Liam apareceu acima de uma nuvem de fumaça que saía de um mosquete. Uma pistola estava no cinto dele.

— Bom Deus, querida, eu sinto muito! Graças a Deus eu cheguei na hora de pará-lo. — Uma nota falsa desmentia sua preocupação tenra, e a pura raiva reviveu sua inteligência.

— Mentiroso! Eu acho que você estava no corredor o tempo todo! Você deliberadamente esperou até o último momento possível por pura maldade!

Seus olhos se estreitaram e sua atenção se deslizou em direção a Sean. — O que minha esposa está fazendo aqui, irmão? Pensei que tínhamos um acordo de cavalheiros.

— Cavalheiro! — Catherine cuspiu. — Você não saberia o significado da palavra, irmão!

Ele empalideceu, então sacudiu a pistola.

— Você disse a ela, seu desgraçado!

Catherine se lançou para frente, bloqueando seu braço.

— Sean não me contou! Você contou a ele no silêncio, assim como fez quando o traiu! Você planejou me recuperar, não foi? Tudo que você tinha que fazer era matá-lo, o único que ficava em seu caminho. O único que sabia disso!

O rosto de Liam ficou florido e Sean tentou empurrá-la.

— Kit, saia do caminho!

Ela tropeçou, mas se manteve firme.

— Não! Ele vai ter que atirar em nós dois!

Avançando para o quarto, Liam tentou acalmá-la.

— Eu não tenho intenção de matar você, Catherine. Eu te amo.

— Não, Liam.

— Eu fiz isso por você!

— Você fez isso por si mesmo.

— Eu vou provar para você, — ele disse friamente. — Eu vou deixá-lo partir. Os outros foram embora, mas Flannery ainda deve estar em algum lugar. Flannery pode tirá-lo daqui antes que os soldados cheguem.

Sua voz tremeu.

— Eu não acredito em você!

— Oh, eu não vou fazer isso por nada. Venha comigo. Viva como minha esposa. Eu posso matá-lo e tomá-la de qualquer maneira. Se você vier de bom grado, eu o deixarei viver.

— Sempre barganhando. Sempre um preço, Judas!

A boca de Liam se apertou.

— Se você acha que pode me irritar o suficiente para usar essa bala em você em vez dele, está enganada, minha querida. Eu posso segurar vocês aqui até que os soldados venham.

— Flannery vai te pegar primeiro.

— Não antes de explodir a coragem do meu querido irmão. — Sua voz baixou. — Eu aconselho que você decida rapidamente, meu amor. Se os soldados se encontrarem com você em tão encantadora nudez, eu posso não ser capaz de pará-los.

De repente, Sean empurrou o pé contra as costas de Catherine e mandou-a para o lado. Ela caiu no chão, uma mão estendida se deslizando pelo sangue de Rouge.

Liam riu.

— Bravo, irmão.

Freneticamente, ela se virou.

— Eu vou com você! Liam, não o machuque! — Ele deu a ela um sorriso fino. — Por favor!

— De gavião a rouxinol, a rapidez com que você pode mudar sua música, meu amor; mas se altera muito tarde. Se eu deixá-lo viver, e nunca vou ter certeza de você.

— Eu odeio você! — ela gritou. — Eu vou te odiar o resto da minha vida!

— Você não sabe odiar, — ele disse gentilmente, — não realmente ódio. — Ele olhou para Sean. — Como você e eu, não, irmão? Você ao inglês; e eu a você.

— Pare de acenar com essa maldita coisa como um lenço e acabe logo com isso, — disse Sean em tom de entediado desprezo.

— Oh, eu não tenho pressa. Esperei uma vida inteira por este momento...

Enquanto Liam conversava, Catherine rastejou em direção ao corpo de Rouge. Seus olhos nunca deixaram o marido. Atento a Sean, ele não conseguia vê-la diretamente sem virar a cabeça.

— Deixe-a ir, Liam. Para os britânicos, você não é nada além de um vira-casaca. Você acha que eles vão deixar você manter este lugar, e mantê-la? Você só está tentando assustá-la agora com ameaças de estupro, mas você não será capaz de detê-los. Para eles, ela é uma colaboradora. Tire-a daqui... —Sean agarrou-se à cabeceira da cama, a mancha em seu peito lentamente desabrochando.

— Você foi suave, irmão, — Liam zombou, com o rosto tenso. — Dalila destruiu o flagelo de seu povo e ele é dado aos filisteus. Você vai derrubar o templo sobre nossas cabeças, irmão? —De repente, ele se endureceu. — Isso é o que Flannery está fazendo, não é? Seu imbecil, ladrão! Você não vai destruir minha casa! —A arma apontada para o coração de Sean, e Catherine subiu no corpo de Rouge quando Liam armou a pistola.

Um som agudo explodiu no canto. Encolhendo-se como se estivesse sendo espetado nas costelas por um cotovelo, Liam torceu, os pés desajeitadamente colocados. Ele olhou para sua esposa. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, ela se ajoelhou no tapete ensanguentado, a pistola fumegante de Rouge na mão levantada.

— Catherine, não... você! Você não podia.

— Você não vai mais machucá-lo, Liam, — ela sussurrou. — Você tomou muito.

Cansado, Liam tentou se concentrar no peito de seu irmão, mas a arma estava pesada demais agora. Seu cano caiu, mesmo quando ele caiu, seus joelhos golpeando o chão primeiro. Catherine rastejou para ele e Sean avisou-a bruscamente: — Kit, não. Ele ainda está armado.

— Liam não vai me machucar, — ela disse suavemente enquanto colocava a cabeça de Liam no colo. — Seria como se matar.

Os olhos azuis de Liam, a última característica familiar em um rosto dissolvido pela dissipação, começaram a desaparecer quando Catherine tirou os cabelos da sua testa, onde sempre persistiu em cair.

— Você... quase me amou, — ele sussurrou, — não foi?

— Sim.

— Se eu tivesse apenas tempo. Se Sean não tivesse... —Sua voz se tornou urgente. — Não... me deixe aqui. Eles... me odeiam... bastardos britânicos. Não deixe que eles tenham... minha casa.

— Nós não vamos deixá-lo, irmão, — Sean prometeu calmamente.

— Liam, — sussurrou Catherine, — eu estou carregando uma criança. Se você sabe alguma coisa sobre a paternidade de Sean, você deve nos dizer agora.

Ele olhou para ela.

— Você é... minha. Não dele. Apenas... minha. —A cor saiu de seus olhos e

sua cabeça caiu.

Meio magoada, meio louca de frustração, queria sacudir o corpo inerte.

— Oh, Liam, agarrado e ganancioso por amor até o último momento. — Ela acariciou os olhos dele fechou-lhe a boca e aliviou a cabeça dele no chão.

— Temos que sair agora, Kit, — Sean murmurou. — Não temos tempo para esperar que Flannery apareça.

Rapidamente, ela colocou Sean em sua jaqueta e depois vestiu seu manto. Com o braço bom em volta do pescoço, ela o apoiou pelo corredor e começou a descer a escada, mas perto da parte de baixo, sua magra reserva de força falhou. Ele desmoronou, contorcendo-se enquanto caía, para se esparramar de costas, de cabeça baixa, o corpo parcialmente inclinado para os últimos degraus. Ela gritou, agarrando-se ao corrimão e depois se deslizou para ele. Quando ela embalou sua cabeça, seu rosto estava tão quieto quanto o de Liam. Ela gritou novamente em terror que cresceu quando pés correndo soaram na passagem de serviço.

— Afaste-se! — Flannery deu um empurrão no ombro dela quando ele se ajoelhou para sentir o pulso de Sean. — Ele ainda está vivo. Venha, garota, se mexa e tranque a porta da frente. Os britânicos estão na encosta!

Mesmo quando Catherine bateu a porta aberta, casacos vermelhos enfeitavam a encosta congelada. Ela correu ao corredor depois de Flannery, que carregava Sean em seus braços. Uma vez na adega, o gigante acenou com a cabeça em direção a um estopim que ligava ao arsenal oculto.

— Não chute isso. Há bastante pó solto daqueles barris rachados lá dentro para nos explodir em pedacinhos. Tranque a porta do porão e venha aqui. — Ela obedeceu, lutando por um momento com a pesado barra. — O portão está com a barra de ferro; eles não passarão às pressas. Acenda o estopim com a tocha da parede e dê uma volta nesta garrafa.

Uma seção de prateleiras de vinho balançou para trás, e segundos depois eles estavam descendo através de uma longa passagem de pedra cortada nas entranhas do penhasco abaixo de Shelan. No meio do caminho, Flannery começou a chiar, e pela primeira vez Catherine percebeu quantos anos ele tinha, a tensão que ele estava sustentando. A cabeça de Sean jogada para trás sobre o braço musculoso de Flannery, a camisa pendurada frouxamente no peito enfaixado, ele não deu sinais de retornar a consciência.

— Eles estão na porta agora. Depressa, moça, mas pelo amor de Deus não tropece! — Eles chegaram ao fundo. Flannery caiu contra a rocha, seus lábios brancos. — A... alavanca... ali.

Catherine jogou seu peso sobre ele, e uma enorme rocha se moveu. Eles cambalearam para a luz do sol. Rapidamente, Catherine correu para o cais virado

para a praia. Escorregando na areia, misturando o lodo com o sangue em sua anágua, ela lutou com o pesado barco na água. Flannery baixou Sean nele e apontou para a popa. Remando rapidamente, seu rosto agora corava quase vermelho como sua grande barba, ele os levou para o baleeiro e a ajudou a manobrar Sean para o outro lado. Quando Catherine soltou o leme, ele subiu a vela e depois voltou para o lado.

— Levante a âncora, menina; cabeça para fora. Quando estiveres fora da vista da terra, leve-o para o Norte, para Kenlo. Depressa! Os ventos estão contra você. Posso dar-te apenas alguns minutos.

Ela agarrou a mão dele.

— Venha conosco! Deixe-os ter o lugar, Flannery! Liam está morto. Shelan não vale a sua vida!

Gentilmente, ele afastou a mão dela.

— Todo Culhane desde Conal teve um Flannery em suas costas, menina. — Sua voz se transformou em um sussurro. — Você é realmente orgulhosa. Graças a Deus e a você aquele menino seguirá sua linha. — Ele se afastou antes que ela pudesse beijá-lo.

Flannery empurrou o baleeiro, virou-o e cortou sua corda, depois correu pesadamente em direção ao terreno alto. Invadindo a casa e correndo pela trilha do penhasco do outro lado da praia, os soldados atiravam contra ele e no baleeiro, que dançava nas ondas enquanto se aproximava do mar. Ele subiu em uma fenda protegida, onde esvaziou suas pistolas, pegando dois atiradores atirando no barco.

— Salvem seus tiros, homens, — gritou um tenente bufando enquanto agitava o sabre e atacava a fenda do irlandês. — Ele só tem uma faca! — Essas foram as últimas palavras que o policial pronunciou quando um golpe rasgou sua túnica trançada de dourado. Sua espada balançou com um barulho nas rochas.

Um sargento estava menos inclinado a liderar a reação. Com eficiência, ele atirou em Flannery acertando o coração, então acenou para que seus homens se juntassem aos seus companheiros, recarregando na beira da rebentação. Enquanto o baleeiro seguia em frente, apesar de seus esforços, ele andava de um lado para o outro, franzindo o cenho.

— Apresse-se, você está sangrando! Eles estão quase fora de alcance! Jesus, se eu tivesse um canhão, eu os jogaria para fora da água. — Como se um demônio travesso tivesse respondido a seu desejo, o penhasco explodiu atrás deles. Em uma onda de fumaça e escombros, Shelan jogou suas entranhas no céu para cair em uma chuva letal de vidro, queimando madeira e pedra. Soldados na praia se espalharam como pelotas escarlates, gritando quando seus uniformes

incendiaram ou foram esmagados por destroços. Além das explosões, o baleeiro se dirigia para o horizonte.

Quando o barco virou para o Norte, o céu se encheu de sinistras nuvens de bordas escuras. Para quebrar o vento crescente, Catherine lidou com o leme apenas com a proa acima dos funis. Lágrimas por Flannery eram manchas duras e geladas em suas bochechas. Ela envolveu Sean na vela extra, puxando-a para cima para proteger o rosto de salpicos de espumas cortantes; depois, com a cana do leme apoiada no braço, ela tentou proteger o rosto contra o frio com o xale.

Mesmo com a vela recheada de ar, o barco endireitou-se sob o ataque dos primeiros ventos fortes. Catherine agarrou o leme com os nós dos dedos brancos. O barco cambaleou, lutou ereto, apenas para se inclinar novamente para a força do vento. Deixando a folha principal se deslizar por dedos dormentes até o barco endireitar-se, depois puxou tensão suficiente para manobrar. As ondas se transformaram em paredes pretas e imensas de água que deslizavam sob o barco quando pareciam prestes a engoli-lo. Uma bruta onda em particular atingiu a popa deles, girando e enchendo a pequena embarcação com espuma suficiente para colocar o bote de salvamento flutuando nos buracos. Rapidamente, ela atacou a cana do leme e correu para o pequeno bote de couro, enquanto mais água subia pela popa. Ela prendeu-o com uma determinação frenética. A chuva torrencial tornou-se congelante. Com a capa para proteger a cabeça, ela continuou a socorrer a embarcação com as mãos dormentes. De repente, o barco rolou violentamente e a ponta a estibordo pegou uma onda. Quando o barco virou de lado novamente, a lança assobiou na cabeça de Catherine. O backstay²⁹ se separou com um estalo e, com uma rachadura ensurdecadora, o mastro se partiu e caiu. Doente de desespero, ela olhou para a tela de derramamento. Tinha acabado. Eles estavam acabados com exceção da morte.

Enquanto a noite caía, Catherine, entorpecida, ouvia o silêncio e chiado sutil de sopro da neve, pendurados contra a amurada. As ondas corriam por eles agora, deixando o baleeiro balançando impotente em um mar de vidro preto. Como uma última e desesperada esperança de socorro, ela tirou a anágua sangrenta e a colocou no tronco nu antes de se esgueirar sob a velha vela para se deitar contra o calor de Sean. Ela esfregou as mãos e os pés duramente até que picaram, depois fez o mesmo com Sean. Felizmente, Flannery o tinha enrolado densamente para mantê-lo seco. Com o manto encostado nos dois, ela sussurrou uma prece e se arrastou contra ele.

O amanhecer ergueu-se cinzento e branco, enevoadado com flocos de neve preguiçosamente flutuantes e gélidos à medida que se aproximavam do lento movimento das ondas. Catherine se mexeu para encontrar o braço de Sean em

volta dela, sua respiração quente em seu rosto. Suas pernas estavam envolvidas com as dela em um esforço para mantê-la aquecida. Ela abriu os olhos para olhar para o verde escuro dos dele sob os cílios baixados.

— Pequena gata encharcada, — ele murmurou. — Chegue mais perto... eu não sou forte o suficiente para te segurar perto.

Tremendo, ela se enterrou contra ele.

— Flannery? —ele sussurrou.

— Morto. Shelan se foi com ele.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo. Quando ele falou de novo, sua voz estava arrastada, como se a coerência fosse um esforço. — Eu ouço batidas. Você não pode arrimar a vela?

— Houve uma tempestade repentina... —Sua voz cedeu. — O mastro estalou. Nós estouramos no mar. Eu perdi seu bote também, — ela terminou tristemente.

— Eu sei que você tentou. —Ele a acariciou até que ela ficou quieta contra ele, os membros enredados com os dele. Seus lábios se moveram contra o cabelo dela. — Filhote de tigre. Eu poderia morrer tão facilmente fazendo amor com você... la petite mort, depois dormir... —Sua mão escorregou para a camisa aberta e encontrou a carne macia.

Catherine ficou imóvel, o coração batendo embaixo da mão dele. Mesmo se ela fosse amaldiçoada por isso, ela não tinha vontade de detê-lo. Mas não havia urgência em seu toque ou em seus lábios frios.

— Eu te amo, — ele sussurrou contra sua boca. — Se esta é a última vez... eu digo na vida, será minha ladainha no inferno.

Seus lábios se separaram e responderam a ele com paixão febril. Quando seu coração acelerou contra ela, ela respirou, — Tome-me agora e nem mesmo o Inferno pode nos separar.

— Não, pequenina. Apenas suas orações no Céu podem iludir o ouvido de Deus. Vendo você... Ele pode lembrar que ele já foi um homem e ter pena de mim.

— Você me provoca.

Ele tocou seus lábios.

— Eu te amo, madonna. Quem mais precisa de Deus?

— Eu te amo. —Seu sussurro era uma canção de ninar quando eles entraram na névoa. — Mon cher diable. Mon ange de feu. Je t'aime toujours. Il n'y a pas de mort C'est un mirage. L'amour seulement n'est pas un mirage... Meu querido demônio. Meu anjo de fogo. Eu ainda te amo. Não há morte. É uma miragem. O amor não é uma miragem No ninho oscilante do corvo da nave de guerra francesa La République, à medida que avançava pelos mares gelados do

Oeste da Irlanda, o vigia recuou mais fundo se encurvando até que se assemelhou a uma tartaruga, os olhos melancólicos naquela criatura. Ele estava gelado até a medula e espetado na anca, mas seu olhar manteve o movimento de seu lagarto incansável sobre as ondas como ameaça a vela britânica. O comportamento melancólico do marinheiro abruptamente se animou.

— Navio ao longe! —ele uivou.

— Onde ao longe? —o oficial do convés exigiu.

— Dois pontos estibordo.

O telescópio do oficial de convés apontou para seu olho e ele torceu o tubo para focar. Em seguida, torceu novamente para emoldurar uma anágua branca. Lentamente, ele abaixou o instrumento, as sobrancelhas enrugadas.

— O que é ela? —chamou o capitão. — Britânica?

— Bem... pode ser, senhor, — seu oficial respondeu com uma peculiaridade aos lábios. — Eu teria que perguntar a minha esposa.

CAPÍTULO 23

TRICOLOR

A morte parecia vir facilmente, uma frieza rasteira nas extremidades e depois dormir. Catherine não sabia se o coração de Sean deixara de bater, só porque ela ficara amargamente fria e seu corpo já não a aquecia. A névoa que cercava o barco à deriva arrastou-se sob a vela e encheu seu coração. A noite caiu sem estrelas, sem a luz da lua através da névoa sinuosa, sem Sean, e ela estava doente de desapontamento e medo. O sol se erguia como um lampião no horizonte e ela ansiosamente o alcançou, lutando pela luz. Uma mão pegou a dela.

— Não se perturbe, Comtesse. Você está segura.

— O que? — Sua visão clareou e ela olhou incrédula para o rosto em silhueta. — Quem é Você?

Houve uma risada.

— Não Deus, ma chère Comtesse, eu seguro você.

— Então, se você é o diabo, por que está falando francês e onde está Sean? — ela exigiu fracamente.

— Monsieur está seguro na enfermaria, — o estranho riu, — e eu falo francês porque sou o doutor Emile Fourquet, não o diabo, e este é um navio de guerra francês, La République, possivelmente um inferno, nunca tive certeza. Como você se sente?

Ela timidamente contorceu os dedos das mãos e dos pés, em seguida, olhou para ele com alguma surpresa.

— Viva.

— Bem. Embora por um tempo, temi não ter o prazer de conhecer o marinheiro da anágua.

Fourquet era jovem, bonito e seguro de si mesmo. Enquanto sorria para ela, Catherine lembrou-se subitamente de como devia estar o baleeiro danificado. Ela estava vestindo quase nada, e definitivamente nada agora. Não é de admirar que o homem estivesse sorrindo. Provavelmente toda a tripulação não deixava de mostrar os dentes. Se Fourquet esperasse um rubor, ele não conseguiu. Ela o olhou sem pestanejar.

— Como pareço ter falta de uma anágua no momento, posso pegar algumas roupas emprestadas?

Seu sorriso se tornou uma fração mais profissional.

— Ah, mas você deve ficar na cama mais dois dias pelo menos.

— Eu cooperarei alegremente, doutor, depois que ver o senhor Culhane.

— Garanto-lhe que o cavalheiro está se saindo tão bem quanto se pode esperar depois de seus ferimentos consideráveis, mademoiselle; infelizmente, suas chances são ruins. Você deve estar preparada para o pior.

Então por que você não está com ele? Catherine pensou furiosamente. Em vez disso, você segura a mão de uma mulher nua com um nariz escorrendo, você... Francês! Em voz alta, ela disse simplesmente: — Doutor Fourquet, pretendo visitar Monsieur Culhane quer eu use suas roupas, esse cobertor ou nada. E eu não sou Mademoiselle, mas madame. Madame Culhane.

Dez minutos depois, Fourquet puxou a cortina da minúscula enfermaria para admitir uma figura pequena e instável de camisa e calça enormes, depois foi para o tombadilho. Catherine se ajoelhou no beliche onde Sean estava deitado. Ela beijou seus dedos e o pulso da vida em sua garganta, suas lágrimas molhando seu rosto abatido. Vivo. Ele estava vivo. Como uma gata mãe passando por cima de seu filhote, ela o tocou, tocou seu cabelo, seu rosto, se deleitou com sua barba áspera e espinhosa. Ele havia sido banhado e deitado de forma eficiente. Talvez Fourquet não fosse completamente negligente. Comida e calor: era disso que Sean precisava. Um lugar para se curar, para ficar sozinho.

Seus pensamentos dispersos fundiram-se quando Fourquet abriu a cortina da enfermaria e Raoul d'Amauri abaixou a cabeça sob o anteparo.

—Fourquet disse que nosso marujo de saia é obstinado, — ele a repreendeu com uma careta cômica que rompeu seu sorriso familiar e afetuoso. — Eu disselhe que ele deve se acostumar com isso.

Ele abriu os braços e, com um grito de alívio, Catherine se jogou neles.

— Oh, Raoul, graças a Deus você está seguro! Eu tinha ouvido falar que a expedição de Killala foi um desastre, que todos vocês foram capturados.

Abraçando-a, ele riu com tristeza.

— Um desastre definitivamente, mas muitos de nós sobrevivemos. Fomos trocados por um resgate depois de um ano. —Ele a segurou de volta para estudar seu rosto pálido. — É você quem está em perigo agora. Você deve se comportar e voltar para a cama. —Seus dedos roçaram seus lábios rachados. — Você está sofrendo de exposição solar e tem um toque de febre. —Então ele acrescentou lentamente: —Culhane será bem cuidado; eu mesmo cuidarei disso. —Ele inclinou a cabeça. — Você me enganou, chérie. Quando você se casou com ele?

Com um sorriso desvanecido, Catherine deslizou as mãos dele.

— Sou a esposa de Liam Culhane e sua viúva. Ele foi morto... que dia é hoje? —ela perguntou distraidamente, sentindo-se superaquecida. Talvez Raoul

estivesse certo sobre a febre.

—Dia vinte e um de janeiro.

— Dois dias atrás ele foi morto... com os outros. —Ela lutou contra uma onda de tontura.

— Ma pauvre petite³⁰. Você teve momentos ruins. —Ele a abraçou novamente, olhando a esmeralda flamejante em seu dedo. — Volte para a cama como uma boa menina. Culhane vai ficar bem, eu prometo.

De algum modo com medo agora, Catherine sacudiu a cabeça.

— Não, eu... devo ficar com ele. —Ela se balançou e agarrou o braço do francês para lutar contra o movimento do navio. — Por favor...

— Claro, chérie. Durma agora.

Como se estivesse ouvindo um comando hipnótico, ela desmoronou em seus braços.

Depois de reintegrar a condessa em seu próprio beliche, Fourquet sentiu a testa dela.

— Ela vai ficar bem em um dia ou mais. Apenas exagerou um pouco. E Culhane?

Amauri encolheu os ombros.

— Continue tentando. Podemos usar bons mercenários.

— E Madame Culhane?

— Ela tem carta branca.

Na noite seguinte, Catherine, muito melhor, conseguiu sentar-se com Sean, que havia sido transferido para a cabine desocupada de Amauri. Cochilando sobre um dos livros de medicina de Fourquet, foi instantaneamente alertada por uma ligeira pressão da mão do irlandês na palma da sua mão. Seus dedos apertaram e ela olhou para baixo. Olhos verdes salpicados de luzes douradas do reflexo da vela seguravam as dela. Ele não disse nada, apenas estendeu a mão para tocar o rosto dela, depois dormiu, longo e profundamente.

Ela estava dando ao paciente um café da manhã leve na manhã seguinte, quando Amauri entrou na cabine.

—Bom dia. Monsieur Culhane, o doutor Fourquet me disse que você está de volta entre os vivos! —Ele sorriu. — Você deve ter a constituição de Átila.

— Não, só Kit. Obrigado pelo uso de sua cabine, Coronel.

Amauri encolheu os ombros.

— Pas de quoi — não por isso. O guarda que estava na porta ao lado nos deixou em Brest, o que deixa uma cabine livre para a senhora. Eu não me importo de ficar com Fourquet. É uma sorte que seu barco tenha chegado tão longe ao Sul. Podemos facilmente ter estranhado. Como o foi, A

République quase te atropelou. Deve ter sido uma tempestade.

A colher bem servida de Catherine salvou Sean de uma resposta imediata. A tempestade surgira do Sul. A République deve ter navegado clandestinamente pela costa da Irlanda. Ele engoliu a colherada.

— Traga-me um charuto hoje à noite, coronel, e contarei a história toda.

A colher bateu no copo.

— Você não vai fazer nada disso. Você sabe o que o doutor O'Donnell disse.

— Nah — Ele sorriu-lhe fracamente e ela queria ferozmente beijá-lo.

O olhar entre Catherine e o irlandês era como um pequeno raio de luz, instantaneamente protegido, mas o enxofre ainda pairava no ar. Amauri não conseguiu ver os olhos da condessa, mas deduziu pela impressão de que Culhane estava tão decidido quanto consolando a viúva enlutada. Talvez fosse bom afrouxar a língua do irlandês.

— Ao paciente é permitido vinho com seu jantar, madame? — ele murmurou solícito.

Ela riu.

— Claro. Eu não sou tão precipitada a ponto de ficar entre um irlandês e seu vinho, coronel.

O jantar foi extravagante considerando as condições. Embora o homem ferido comeu pouco, o francês brincou sem parar com sua sobremesa. Finalmente, Culhane decidiu deixá-lo informado.

— Kit está ciente dos meus ex-negócio com o governo, Coronel. Não temos de jogar. O que você quer saber?

— Tudo o que meus superiores quiserem saber quando chegarmos a Paris, — Amauri respondeu simplesmente.

— O que faz você pensar que queremos ir a Paris? Kit é uma aristocrata.

— Ela estará segura; mais do que segura, ela será bem-vinda. Napoleão está se reconciliando — silenciosamente, é claro — com o ancien régime. Ele foi devidamente eleito primeiro cônsul. A França é uma república estabelecida. Esse status deve ser plenamente reconhecido por outros governos legais que, naturalmente, são chefiados por aristocratas.

— Então, o general pretende solidificar sua posição antes de fazer seu próximo salto.

— Salto? — cautelosamente contra-atacou o francês. — Napoleão provou que ele quer paz; são os ingleses que persistem na guerra.

Culhane rodou seu conhaque.

— E se ele de repente decidir que os antigos monarquistas residentes são uma ameaça novamente? A guilhotina não está tão enferrujada assim.

— O pai de Madame Culhane foi de grande ajuda para a França na campanha italiana. O primeiro conselho nunca se esquece de tais favores, embora os serviços do visconde, perdoe-me, madame, não são mais necessários. Se Madame Culhane realizar-se como uma cidadã leal da França, ela não tem nada a temer. Se realistas dissidentes se aproximarem dela, ela só precisa denunciá-los a Fouché, o ministro da polícia. Muitos dos antigos aristocratas agora servem nos escalões mais altos do Grande Exército; eu próprio sou um deles. — Amauri bebeu seu conhaque. — A verdade é, mes amis, você não tem escolha no momento. As precauções de segurança relativas aos movimentos dos navios militares são rigorosas. Você entrou em uma guerra. Eu tenho medo que você deve se resignar a gastar pelo menos algumas semanas em Paris até as coisas se acalmarem. Esperamos um acordo de paz com a Inglaterra em breve. Vocês serão meus convidados pessoais. Paris é muito bela no inverno, especialmente agora que o exército não está fora em campanha. — Ele olhou rapidamente para Catherine. — Mas é claro, você está de luto... me perdoe.

— Não há nada a perdoar, Raoul, — Catherine respondeu calmamente. — Você pode querer fazer suas perguntas agora. Sean deve descansar em alguns minutos.

Amauri olhou interrogativamente para o irlandês e Culhane deu de ombros.

— Fui capturado pelos ingleses e preso na prisão naval de Liverpool. Eles queriam saber coisas que eu não estava inclinado a contar.

— Ainda estás vivo.

Sean explicou brevemente, substituindo um agente irlandês pelo papel de Catherine em sua fuga e deixando de fora a traição de Liam, dizendo apenas que seu irmão morreria defendendo Shelan.

Amauri assentiu.

— Os ingleses têm muito a responder. Talvez a França possa se tornar seu estado adotivo, Culhane. Napoleão precisa de homens com suas habilidades. Afinal, temos um inimigo comum...

Catherine colocou a mão no braço de Amauri.

— Essa discussão poderia continuar em outro momento? Sean deve descansar.

— Mas é claro. Minhas desculpas, monsieur Culhane. — Amauri se levantou. — Catherine — Ele beijou a mão dela — Meus agradecimentos por uma noite muito agradável. Espero que tenhamos muito mais juntos, nós três. Você verá Paris mais charmosa do que nunca... — Ele fez uma pausa. — Mas até mesmo seu fascínio será ofuscado pela sua beleza, condessa.

De repente, a cabine ficou confinada quando os dois homens se levantaram

sutilmente. Então o francês foi embora e Catherine silenciosamente ergueu as cobertas de Sean.

Seu charme e conversa envolvente não diminuíram com o chocalhar da carruagem, Amauri solucionou o problema das acomodações nos arredores de Paris.

— Vocês dois vão ser a conversa dos salões. Quem poderia pedir uma entrada mais intrigante no coração romântico de Paris do que ser encontrados entrelaçados em um baleeiro, à deriva em um barco? Meus oficiais irmãos são lordes, mas tal boato é muito rico para escapar a discussão. Eu acho que será melhor se Catherine ficar com minha mãe em Faubourg St. Germaine, você, Sean, vai se juntar a mim em meus aposentos de solteiro na Rue dês Italiennes, é um local ideal para venerar recordações.

A mão de Catherine encontrou a de Culhane debaixo do manto e colete que o cobria. Sua palidez após a longa viagem por terra de Calais a preocupou.

— Sean não pode se esforçar, Raoul. Você vai ver isso, não vai?

— Eu prometo que por um tempo seu único perigo será morrer de tédio, mas então, seg ami — Amauri bateu no joelho de Sean,—você e eu vamos compensar o tempo perdido.

— Nem tudo, Raoul. —Os dedos de Culhane apertaram os de Catherine. — Nunca tudo.

A própria baronesa saiu de sua mansão Luís XIV em Faubourg para cumprimentá-los. Uma mulher alta e distinta, na faixa dos cinquenta anos, com uma carruagem militar e uma riqueza de cabelos prateados, seu único calor era para o filho, sua gentileza para com os hóspedes indesejados era impecável, mas reservada. Ela ordenou que o irlandês subisse para descansar, insistindo que a manhã seguinte seria em breve o suficiente para chegar à rue des Italiennes. O jantar seria servido às sete.

Quando uma serva a levou para o andar de cima, Catherine notou que a mobília dos quartos lembrava a monarquia de Bourbon, que sugeria que a baronne não compartilhava completamente o entusiasmo de seu filho pela República. O quarto de Catherine na parte de trás da casa dava para um estábulo de pedra e para um jardim de rosas na extremidade arborizada do terreno. Depois de um banho longo e luxuoso, ela se levantou da banheira, sem a toalha, e ignorando o olhar chocado da criada, caiu nua na cama.

Tarde da manhã seguinte, Catherine acordou, levemente envergonhada pelo jantar, mas feliz por ter sido deixada sozinha. O almoço foi servido no solário. Apesar de não se sentir bem, Sean entrou na festa do almoço porque queria estar perto de Catherine. Na luz oblíqua e quebradiça, sua palidez era aparente, e

Catherine respondeu distraidamente às perguntas e levantou o final da conversa educadamente, mas automaticamente. Sean disse pouco, apenas observou Amauri com preguiça enganosa e comentou sobre a excelência dos vinhos com sua anfitriã. Amauri, no entanto, parecia nunca estar perdido por divertidas anedotas e fofocas, seus olhos de canela travessa, enquanto ele brincava com a mãe sobre seus palmitos agonizantes, que espetavam as folhas marrons e murchas através da rica folhagem verde das plantas exóticas do solário.

— Napoleão não vai gostar de lembranças tão fortes de sua campanha egípcia, Maman. É uma coisa boa que ele nunca a visite. Este lugar parece como se fosse decorado pelo fantasma de Louis Capet. Mon Dieu, você estofou os divãs da biblioteca com lírios!

— Não vejo razão em me curvar a todas as mudanças da moda, certamente não em Paris, de todos os lugares, — respondeu a mãe.

Catherine riu, descobrindo que o sangue-frio da baronesa tinha seu próprio apelo.

— Felizmente, não precisarei me preocupar com moda. Esse vestido que seu filho me comprou em Calais é o único que eu possuo.

— Pas du tout, de maneira nenhuma, minha querida. Você está convidada para a noite das Tulherias depois de amanhã. Lé Roy virá para fazer seu vestido de baile esta tarde. Ele também tirará suas medidas para um guarda-roupa adequado. Seu calendário social será bastante completo Catherine tentou não demonstrar seu desalento, ciente de que o convite de Napoleão era uma convocação. Sean não disse nada. Ele estendeu o resto da refeição, então reclamou de cansaço quando Amauri sugeriu que os dois fumassem na biblioteca.

A baronne olhou para o rosto da mulher mais jovem enquanto seu filho ajudava o irlandês a sair do quarto.

Mais tarde, de uma janela, Catherine observou a carruagem de Raoul se afastar entre as árvores de Faubourg. Ela e Sean não tiveram nenhuma chance real de se despedir sob os olhos atentos dos Amauris. Eles não ousaram nem se tocar. Sentia-se sufocada pela perda, por uma civilidade que negava qualquer expressão de perda, mas sabia que Sean devia sentir ainda mais essa solidão penosa. O que seria dele com essa separação irrevogável tornando-se realidade diária? A bela prostituta da cidade guardaria poucos segredos para um homem como Sean. E para Amauri; seu guia muito disposto.

CAPÍTULO 24

GARRAS DE VELUDO

O palácio das Tulherias estava em chamas de luz, suas janelas reluziam como solitários de diamantes através de jardins que, desnudados pelo inverno e pela revolução, eram discretamente camuflados pela escuridão. Em cada porta, por dentro e por fora, os guardas olhavam implacavelmente para a multidão resplandecente e brilhante. O monde haut — O alto mundo — parisiense lotava os salões, os homens de túnica azul, mesclados de escarlata não menos chamativo do que suas mulheres, longos e justamente celebrados como os mais elegantes do mundo. Acima das multidões murmurantes, candelabros pendiam como sóis imponentes, subindo ao auge da glória francesa, ainda que não realizados.

O barão d'Amauri ouviu atentamente a afinação da orquestra, o som fraco através da porta fechada de um dos pequenos salões do grande salão de baile.

— Bem, não vai demorar muito agora, — ele comentou. Ela estava vestida de chiffon bege incrustado com pequenos cristais; uma magnífica gola de pérolas de cinco fios, com uma esmeralda e uma gota de diamante, estava pendurada na garganta. — O segundo violinista invariavelmente administra aquele horrível guincho F pouco antes de Napoleão e Josefina fazerem sua entrada, — continuou ele. — Você será apresentada imediatamente depois que eles estiverem sentados. Napoleão abrirá o baile com Josephine, é claro, e você será a parceira do ministro da guerra, General Berthier. O Primeiro Cônsul tem a segunda valsa. É uma honra significativa. Não se surpreenda se Josephine não gostar de você. Ela está no limite desde o caso Foures. Seria bom ser charmosa com Napoleão publicamente e pensar o que você gosta em particular. Ele não é sem charme quando lhe convém. Ele pode ser de grande ajuda... ou obstáculo para o seu futuro e de Monsieur Culhane.

— Mas eu ainda não entendo por que ele deveria se incomodar comigo. Eu sou apenas mais uma expatriada sem dinheiro.

Raoul d'Amauri apertou a mão dela.

— Você se lembra dos velhos tempos, chérie. Napoleão quer diminuir a diferença entre os regimes ancien e nouveau. A paz no exterior é sua maior esperança, mas a paz em casa é vital. — Ele bateu no nariz dela. — Você, minha deliciosa gazela, representa estabilidade de todas as coisas.

A barronne tocou no ombro do filho.

— Raoul, acredito que o Primeiro Cônsul está sentado.

A multidão se separou quando foram anunciados. Os Amauris foram referidos como Coronel e Madame, mas os títulos de Catherine foram apagados e ela parecia um inseto em um alfinete. O Primeiro Cônsul estava no final do caminho de abertura no chão reluzente. Um homem magro, de feições agudas, o cabelo castanho-avermelhado curto e separado como fisura de cesariana. Mesmo à distância, sua força era convincente, mas ela foi atraída mais fortemente pela curiosidade para ver o homem cuja ambição havia custado a vida de muitos, a vida de seu filho entre eles.

Vestida de peau de soie³¹ branco, a severidade de seu corte suavizado por um corpete de arminho baixo e uma tiara nebulosa estrelada de diamantes espalhados pelo cabelo da meia-noite, Catherine, com os Amauris logo atrás dela, se aproximou do estrado baixo.

Ela deu a Napoleão um olhar fixo, o tempo todo sentindo pena da mulher ao seu lado. Embora Josephine ainda fosse bonita, anos de dissolução particular haviam sutilmente manchado seu brilho. Sem olhar, Catherine sabia que teria pequenas linhas sobre os olhos e seu sorriso público seria um pouco forçado. Napoleão deve ter examinado muitas mulheres sob o nariz de sua esposa exatamente com a mesma falta de sutileza. Sua reverência mostrava uma sugestão de brusquidão que Napoleão não estranharia. Ele estendeu a mão e o protocolo ordenou que ela a pegasse enquanto se levantava.

— Parece que a lendária Helena retorna para casa, Comtesse. Bem-vinda à França.

— Obrigada, general, mas não me lisonjeio que a Itália e o Egito tenham sido conquistados por minha conta.

Seus olhos cinzentos piscaram momentaneamente, depois sombreados como os de uma águia.

— Eu acho que talvez Troia tenha sido reduzida a pó por menos. Você vai me fazer a honra de abrir o baile comigo, Comtesse?

Seus cílios se levantaram na surpresa que ele pretendia. A recusa era impossível.

— Você me honra demais, senhor. — Seu sorriso não alcançou seus olhos.

Virando a gola da capa contra o rio frio úmido do Sena, Sean ergueu os olhos do quai of the île de la Fraternité no iluminado Hotel Suilly que acabara de deixar. Apesar do frio da noite de inverno, as janelas dos quartos de Eugène de Valmy no segundo andar estavam abertas e o riso masculino e o tilintar dos copos podiam ser ouvidos. A caminho do jantar no Valmy's, Raoul avisou-o

com rispidez que os oficiais presentes seriam alguns dos melhores e mais loucos dos quadros de artilharia e hussardos altamente competitivos e clichês. Além do Doctor Fourquet da République e do capitão Eugène de Valmy e do capitão Emile Javet, do núcleo de artilharia de Raoul, Sean conhecera o brigadeiro-general Emmanuel de Grouchy e o general Joachim Murat. Todos eram heróis das campanhas italianas e egípcias; Murat e Grouchy eram lendas militares. Murat era casado com a irmã de Napoleão, Caroline.

Apenas duas mulheres estavam presentes: uma, uma loura suculenta chamada Charlotte, que usava apenas pantalettes³² e camisola e uma fita de veludo cerise no pescoço; a outra, Irenée, um deslumbrante traje etíope que Javet trouxera da campanha egípcia. Desprezando a comida, ela ficou com a mão apoiada no ombro de Javet enquanto ele jantava, como se ela fosse um animal de estimação. Ela estava estranhamente adaptada à sala, seus padrões precisos e formais de paredes e cortinas acentuando a barbárie de seu pano e miçangas.

Amauri, vendo a direção da atenção de Culhane, deu um aceno para Javet. Depois do jantar, enquanto os homens conversavam com Charlotte no colo de Murat, Javet estalou os dedos e apontou para Sean. Com a suavidade do óleo, Irenée começou a dançar com um erotismo cru e sinuoso. O tecido do quadril escondia pouco do corpo sensual e suave, acelerando seu ritmo em uma demanda insistente e trêmula. Ao aproximar-se dele, Sean ouviu um barulho suave de marfim e colares de ouro contra os seios de mamilos escuros, cheirando a perfume almiscarado e apimentado. Com um movimento rápido, ela tirou o pano do quadril, quando Raoul sussurrou: — Leve-a! Você é o convidado de honra!

Os olhos verdes olhavam para os castanhos escuros.

— Você é tão linda quanto o anoitecer no Nilo, mademoiselle e inesquecível. Outra vez, talvez. — Notando que Amauri e seus amigos estavam incrédulos, e Javet e Murat, desdenhosos, o irlandês logo se despediu.

Por um tempo, Sean vagou ao longo do Sena, observando a névoa se enroscar nas pontes. Apenas algumas luzes riscavam a superfície preta e laqueada do rio sinuoso. Fora do velho hábito de seus dias de École, ele acabou na porta de Madeleine Rochet na margem da praia e ficou observando o brilho das janelas acima da rua, imaginando se ainda eram suas luzes. Finalmente, ele deixou a aldrava cair. A menina indochinesa que atendeu a porta parecia parte da neblina, toda modelagem sutil e silêncio líquido enquanto se curvava em seda de junquilha, cabelos negros caindo como uma cachoeira. Olhos amendoados negros ergueram-se inexpressivamente para ele.

— Honrado senhor?

— Meu nome é Sean Culhane. Eu gostaria de ver Madame Rochet.

A cabeça de cetim inclinou-se.

— Minha ama ficará encantada em vê-lo, monsieur. Por favor, entre. —Ela fechou a porta atrás dele. — Por favor siga-me.

A garota levou-o para cima. Ele observou os movimentos suaves das pequenas nádegas sob a seda. Um pouco menor que Kit e mais ou menos da mesma altura, ela tinha a mesma graça fluida e, sob a gola mandarin e o cabelo macio e fino, ele sabia que ela teria uma nuca delicada.

— Madame, monsieur est arrivé. 33

Madeleine Rochet se levantou do divã e jogou o livro no chão.

— Sean! Eu esperava que você viesse!

Ela jogou-se em seus braços, calorosa e familiar, e Sean a beijou.

— Você sabia que eu viria.

— Como uma mulher poderia ter certeza de você? Eu ouvi que você estava em Paris, é claro. A história do naufrago ainda está circulando. Todos estão morrendo de vontade de conhecer você.

— Você quer dizer, dá uma olhada em mim.

Sua franja preta cortava severamente no rosto de marfim, os lábios carmim de Madeleine se curvavam sobre os dentes brancos.

— Por que não? Romance em Paris não é tão comum quanto se poderia pensar.

— Qualquer um que pense que congelar em um barco aberto no Atlântico Norte seja romântico deve tentar.

Ela tocou o rosto dele.

— Sinto muito, chérie. Foi terrível para você; eu posso ver isso. —Ela o beijou rapidamente de novo, e o puxou para o sofá enquanto a indochinesa pegava sua capa. — Venha. Sente-se. Coloque seus pés e deixe-me pegar suas botas. Mei Lih, traga conhaque e absinto.

— Quando você começou com absinto?

Os olhos de Kohled encontraram os dele com frieza.

— No meu trigésimo aniversário. No meu quadragésimo, vou tentar ópio. Envelhecer é chato, a menos que se seja muito egoísta ou muito altruísta. Eu sou egoísta. —Madeleine usava seus longos e curvados cílios, como os dedos, com força, sem timidez, como pontuações para o francês rouco. Em sua capa chinesa de seda preta, ela ainda era bonita, com uma longa garganta e um perfil duro e puro, lábios finos e ossos altos.

Mei Lih trouxe os licores e eles beberam juntos, Sean o âmbar escuro e Madeleine o topázio nublado. De certa forma, Madeleine nunca mudara da camponesa de treze anos que fora seduzida por um jovem soldado de infantaria

do Exército Real. Madeleine era amante de muitos aristocratas desde então, mas ninguém era mais ferozmente republicano do que ela.

Depois do primeiro conhaque, Sean não protestou quando Mei Lih tirou suas botas, apenas acomodou seu corpo mais confortavelmente nas almofadas e sentiu a bebida ferver em sua barriga.

— Eu não tinha certeza se você ainda morava aqui; o velho Saint Louis ainda não se tornou a área exclusiva que você previu. Mei Lih poderia facilmente abrir a porta para um visitante indesejado.

— Mei Lih, — Madeleine murmurou.

A garota habilmente deslizou uma pequena arma de uma manga amarela e a devolveu discretamente.

Sean sorriu.

— Eu estou devidamente castigado. Eu deveria ter sabido que você não ficaria descuidada. — Seus olhos encontraram os dela. — Ou falador, quando um homem não quer falar.

Ela sorriu.

— Eu não preciso fazer perguntas. Eu vivi o Terror. — Ela tocou a cicatriz no canto do lábio inferior. — Você vai me deixar fazer amor com você hoje à noite?

— Há cicatrizes mais profundas, Leine, — ele respondeu baixinho. — Os ingleses me prenderam por um tempo.

— Ça va. Tudo bem. Eu tenho algumas também. Elas não mostram tanto como os dos pobres demônios que voltam dessas guerras. Meu próprio filho, Leandre, foi morto em Rivoli.

— Sinto muito, Leine. Eu não sabia...

— Que eu tive um filho? Não. Ninguém sabia. Parecia importante mantê-lo em segredo. Ele tinha dezesseis anos; o menino de Hercule. Ele fugiu de sua escola em Zurique para se juntar ao exército na Itália. — Ela colocou o absinto no chão, depois colocou as mãos nos dois lados do rosto de Sean. — Eu ainda não aprendi a não precisar de absinto. Eu preciso fazer amor com você. Você pode entender isso?

Ele a beijou, então abriu o roupão para encontrar os seios ainda altos, ainda perfeitos.

— Você é linda, Leine, — ele disse simplesmente. — O tempo nunca será seu inimigo.

Madeleine riu levemente.

— Você me fez soar indestrutível. — Ela assentiu para Meh Lih, depois pegou Sean pela mão e levou-o para o quarto para se sentar na cama. Uma vela queimava na mesa lateral. — Mei Lih vai preparar um banho. Ela vai massagear

você e depois você vai dormir. —Ela apagou a vela e despiu-o, suas mãos gentis, peritas, não se demorando na carne cicatrizada.

— Tudo está preparado, madame, — murmurou a silhueta de Mei Lih da porta, a bacia amarela abaulada com a luz do fogo.

Madeleine colocou Sean em uma túnica e levou-o ao banho. A lareira era a única luz, mas ele ficou tenso quando Madeleine tirou o roupão. Seus olhos impessoais, as mulheres o levaram para o banho, depois o banharam. Ele ficou sonolento na banheira de cobre e se acostumando com as mãos, até que Mei Lih começou a ensaboar seus genitais. Ele pegou a mão dela rapidamente.

— Eu farei isso.

Ela começou a ensaboar o cabelo dele. Deixaram-no encharcar até a água ficar morna, depois Mei Lih estendeu uma toalha grande e, meio dormindo, saiu da banheira.

Mei Lih indicou que ele se deitasse de bruços sobre uma espessa almofada de algodão diante do fogo. Deixou a toalha sobre os quadris e começou a massageá-lo com óleo de amêndoa, começando pelos dedos dos pés e subindo até a ponta dos dedos e pescoço até sentir-se líquido. Quase adormecido, observou à vontade Madeleine, sentada no divã, com o roupão aberto até a cintura, os lindos seios cintilando à luz do fogo. Mei Lih virou-o e começou novamente a trabalhar lentamente seu corpo.

Como se o calor do fogo fosse intenso demais, Madeleine soltou o roupão e deixou que ele caísse até que o corpo dela estivesse de um branco luminoso contra a seda negra. Parecendo acreditar que ele estava adormecido, ela começou lentamente a fazer amor consigo mesma, acariciando seus próprios seios, coxas e barriga, depois mergulhou os dedos longos em si mesma. No mesmo momento, Mei Lih tirou a toalha dos quadris e massageou seu peito e a barriga, a parte interna das coxas. Vagamente, ele sentiu um desejo vago, mas suas pálpebras e mente estavam cheias de lágrimas e ele dormiu. Sua última lembrança consciente foi os gemidos suaves de Madeleine e os dedos que desapareciam dentro dela.

Sua próxima consciência era de escuridão e uma boca quente e lenta em seu sexo parcialmente inchado. Ele se endureceu e uma segunda boca gentilmente o beijou, depois lambeu seus lábios, explorando, sondando sem pressa como a língua macia que acariciava sua virilha. Ele estava muito cheio de conhaque e relaxado demais para sentir pânico. Mais fácil de se render. Sentir. Mãos acariciando cada centímetro de seu corpo, línguas em seus mamilos e envolvendo sua glândula até que ele sentiu uma pressão completa e doce. Finalmente, ele sentiu um alívio insuportável.

— Durma de novo, meu amor, — Madeleine murmurou.

Mais tarde, na escuridão, ele puxou Madeleine para ele, colocando a boca onde seus dedos estavam antes.

Ele acordou para encontrar um fluxo de luz do sol em um corpo esparramado, só que agora ele estava sozinho com a chinesa. Quando ela o sentiu mexer, levantou a cabeça e sorriu. Então, sem lhe dar tempo para protestar ou se cobrir, ela deslizou até sua virilha e acariciou sua bochecha contra ele, acariciando-o, seus olhos amendoados meio fechados e sonolentos. Quando a garota lhe fez amor, ele fechou os olhos, lembrando-se de Catherine e daquela noite tempestuosa na cabana abandonada. Então, pouco antes do momento, ele puxou Mie Lih para cima e para baixo dele e fez amor com ela, diminuindo seus impulsos para um ritmo poderoso e ondulante que fez seus olhos se arregalarem. Quando a necessidade dela combinava com a dele, ele a levou com ele até que seu corpo magro estremeceu como se estivesse em um vento tempestuoso.

— Mon Dieu, mon ami, estava preocupado! — Raoul exclamou quando Sean entrou pela porta da frente do apartamento deles. — Quando você não voltou ontem à noite, temi que você tivesse tido problemas ou tivesse desmaiado na rua! Afinal, você não está fora de um leito de doente há muito tempo.

Sean atirou o manto a Guillaume, o criado que aguardava.

— Desculpe ter te preocupado. Eu estava visitando uma velha amiga.

— Ah bem. — Amauri mexeu o café e recostou-se na cadeira à mesa do café da manhã. — Eu suponho que você não sente vontade de ir aos exercícios de artilharia hoje.

— Eu me sinto bem. Onde eles estão?

— Em um campo nos subúrbios da cidade. Podemos apostar nos horários de fogo. Quer uma omelete antes de irmos?

— Eu comi, obrigado, mas uma segunda xícara de café parece bom. Café noir, Guillaume. — O criado se dirigiu para sua minúscula cozinha.

— La Noire passada foi tris bonne, aussi, — observou Amauri. — Você não gostou dela?

— Muito.

O francês sorriu ironicamente.

— É uma coisa boa demais, não é? Você pode estar certo. É preciso ser celibatário ocasionalmente, só para limpar o sistema. — Seu sorriso desapareceu. — Catherine a única mulher que eu não posso tirar da minha mente. Eu fiquei louco quando ouvi que ela estava casada. O problema é que parece que estou apaixonado por ela. Mas a metade de Paris a viu no baile.

Mesmo Napoleão a quer. Como eu combato todos eles? Cristo! — Ele recuou a cadeira e se levantou. — Eu não quero me casar. Catherine não é uma Caroline que deixa Murat passear por fora.

— Caroline não finge ser fiel a Murat.

— Bem, Catherine não é prostituta, — Amauri respondeu com firmeza. — Eu não me importo com o que dizem dela na Inglaterra. Os rumores já estão à deriva em Paris. Logo, não importa onde ela vá, mentiras a seguirão. Ela deve ser protegida. Não só isso... — Ele hesitou. — Eu não quero te preocupar, mas Fouché, o ministro da polícia, tem a casa da minha mãe sob vigilância. Acho que o próprio Napoleão ordenou. — Sean se endureceu e Amauri sacudiu a cabeça. — Não, mon ami, não há nada que possamos fazer. Se tentarmos levar Catherine para fora do país, Fouché a pegaria antes que ela chegasse uma milha fora da cidade. Ela entrou na França sem documentos. Fouché pode apresentar uma centena de detalhes técnicos legais para deter uma possível monarquista.

O irlandês soprou.

— Tanto para se ter um relaxamento!

— Oh, as intenções de Napoleão são honrosas a esse respeito, mas Catherine é linda demais, isso é tudo. Ele deixou claro seu interesse para todos. Ele a quer como sua amante.

— Eu suponho que é ingênuo sugerir que ele pode aceitar uma recusa? — Sean perguntou com firmeza.

— Claro. Ele não é cafajeste. Ele simplesmente esperará até que ela mude de ideia. — Amauri tocou simpaticamente no ombro de Sean. — Sinto muito, meu amigo, eu me sinto totalmente responsável. Afinal, eu lhe dei minha garantia de segurança. Apesar de trair a França, farei tudo o que puder para ajudar, até mesmo com o custo da minha vida.

— Obrigado, Amauri, mas como você diz, agora é tarde demais.

Uma semana depois, depois de participar de uma recepção que celebrava a Paz de Amiens entre a Inglaterra e a França, Sean chegou aos aposentos de Amauri e o lacônico Guillaume entregou-lhe uma nota lacrada. Reconhecendo a caligrafia, Culhane a abriu.

— Eu preciso te ver imediatamente. Catherine.

Embora Culhane perguntou ao mordomo se ele poderia ver Lady Culhane, foi a baronne que o recebeu na sala de estar.

— Meu querido monsieur, que surpresa agradável. Catherine vai descer em um momento. Ela está se acostumando. — Sua voz se alterou sutilmente. — Posso sugerir, sob as circunstâncias, que você evite andar nas áreas públicas?

— Circunstâncias, madame?

Com seu vestido de seda quase da cor do cabelo dela, ela andou até a janela.

— Você notou o vendedor de papagaios do outro lado do parque? Ele é um representante de Monsieur Fouché. — Ela virou. — Essas rosas brancas sobre a lareira veio hoje; o cartão contém um único 'N.' Arranjos semelhantes estão espalhados por toda a casa. Catherine se recusa a tê-los em seu quarto. Agradeça ao céu, rosas são de curta duração; o cheiro está começando a enjoar... ah, aí está você, e tão rápida também.

Com as bochechas coradas de uma corrida descendo as escadas, e os olhos azuis brilhantes sob um chapéu inclinado e emplumado, Catherine entrou na sala. Seu novo vestido era de veludo verde-musgo com seda erguendo-se sobre um colarinho alto de Medici, e Sean achou que raramente parecia mais adorável. Ela não disse nada, arregalando os olhos, bebendo-o enquanto ele fazia o mesmo. Então ela se virou para a baronne.

— Não vamos demorar muito, madame.

— O jantar não será servido antes das oito, minha querida. Você tem bastante tempo. Talvez você vá jantar conosco, monsieur?

O rosto de Catherine perdeu um pouco de seu brilho quando Sean respondeu: — Obrigado, não, madame. Eu tenho outro compromisso esta noite... Por que Kit e eu não saímos pelos fundos? O cavaliário pode trazer meu cavalo como se fosse para os estábulos.

Castanheiras erguiam-se altas e direitas contra o ouro enferrujado do sol poente, enquanto os cavaleiros chegavam ao interior de Luxemburgo. Com nenhum pássaro cantando uma convocação para o crepúsculo de inverno, a madeira estava estranhamente silenciosa. Rastejando para longe de grupos de vegetação rasteira, raízes de árvores retorcidas em folhas secas de pergaminho e terra de lavanda e coberta de seixos. Quando os cavalos chegaram a uma clareira, Sean desmontou e Catherine se deslizou da montaria em seus braços. Seu rosto era luminoso na luz dourada e ele a segurou tão perto que achou difícil respirar, mas ela se agarrou a ele ainda mais forte.

— Tire-me daqui. Estou começando a ficar com medo.

Ele inclinou o rosto dela para cima.

— Do que você tem medo?

— Tudo. Todos. Desde o baile, esta casa tem sido como uma prisão. Toda vez que eu sugiro ir ver velhos amigos da minha mãe ou na cidade, a baronne diz que é imprudente. Esta é a primeira vez que estou fora. Agora você não vai ficar para jantar.

— Minha pobre Kit. — Ele tirou o pequeno chapéu e levantou seu queixo. — Infelizmente, a baronne está certa. Parece que Napoleão pretende

usar suas conexões realistas para prendê-la aqui até você se tornar mais acessível.
Seus olhos brilharam.

— Eu não vou ser sua amante! Morro primeiro!

Ele segurou a cabeça dela com força.

— Não diga isso! Nem pense!

Seus olhos se encheram de lágrimas e lentamente ela murchava.

— O que eu posso fazer?

— Eu gostaria de saber. Fouché é esperto, Kit. Nós não temos chance de fugir em uma carruagem para a fronteira. O cavalo está fora de questão em sua condição.

— Você está dizendo que eu deveria desistir? —ela sussurrou. — A baronne pensa que sou uma tola...

— Deus, não! Eu assassinaria o bastardo primeiro!

Os dedos de Catherine ferozmente cavaram em seu braço.

— Não! Ele está cercado por guarda-costas. Se alguma coisa acontecer com você...

— Não se preocupe, pequena, — ele se apressou em acalmá-la. — Enquanto o general se comportar, ele estará a salvo de mim. Vou pensar em algo.

Ela suspirou.

— Não, não há nada que você possa fazer. Vou ter que continuar recusando. Mais cedo ou mais tarde, ele encontrará uma diversão. —Ela olhou para cima. — Mas eu preciso de uma casa minha, um lugar pequeno onde eu possa me manter. A baronne ficará aliviada por eu ter ido embora. Ela não pode se deliciar com os capangas de Fouché à espreita.

— Eu vou encontrar um lugar. —Ele hesitou. — O que você acha de Raoul?

— Ele é uma dádiva de Deus, eu suponho. Se não fosse por ele, estaríamos mortos. —Ela sorriu com tristeza e brincou com o fecho de capa de prata. — Nós não tínhamos muitas chances quando o République nos pescou na água.

— Ele está apaixonado por você.

Sua cabeça se levantou.

— Eu não acredito! Ele deve ter uma amante diferente para todas as noites da semana!

— Oh, ele é enérgico, eu concordo com você— ele sorriu levemente — e ele não está exatamente feliz por estar apaixonado; é por isso que eu acho que ele está falando sério.

Ela se afastou e perambulou pela clareira.

— Talvez seja por isso que a mãe dele me observa como um falcão. Ela

ocasionalmente se mete em perguntas sobre a Irlanda e você. Eu não acho que ela acredite que eu tenha me casado com Liam.

— Outros podem concordar com ela. Raoul disse que as colônias da Inglaterra estão começando a colorir fofocas locais. Também podemos estar preparados, Kit. Quando o bebê começar a aparecer, tenho certeza de que serei nomeado seu pai.

Catherine olhou para o céu emoldurado de castanho e cerrou os punhos.

— Eu não posso nem apresentar os documentos de casamento sem derrubar um ninho de escorpião. — Ela olhou para ele de repente. — É por isso que você recusou o convite da baronne?

— Cada momento que estamos juntos só pode confirmar suas suspeitas. — Em frustração, ele chutou um tronco incrustado de líquen. — Meus sentimentos devem ser visíveis no meu rosto como a tinta de palhaço toda vez que eu olho para você. — Ele ficou em silêncio por um momento. — Eu não vou com você e os Amauris para Saint Denis neste domingo. Já é hora de eu encontrar arranjos de vida separadas de Raoul. Até o bebê chegar, será melhor se nos vermos o mínimo possível, melhor se Raoul e sua mãe acharem que estou me perdendo na cidade.

— Isso é parcialmente verdade, não é? — ela murmurou. — Você está diferente. Você está ficando duro e desconfiado novamente.

— É assim que você me vê?

— Eu só vejo o homem que eu amo, sempre amarei, não importa o disfarce que ele assuma.

— O que você quer que eu faça, Kit? — ele perguntou com voz rouca.

— Pare de me amar, — ela sussurrou sem jeito. — Salve-se.

— Mas não há necessidade de ir! — Raoul argumentou enquanto Sean empacotava seus poucos pertences. — Eu pensei que você e eu nos tornamos amigos.

— Raoul, eu estive acampado aqui quase um mês. Sua mãe tem agentes à sua porta. Kit e eu não podemos infringir a hospitalidade dos Amauris para sempre.

— Olha, se você quer privacidade, é uma coisa, mas você não me incomoda. E se você acha que mamãe vai deixar Fouché intimidar um de seus convidados para que saia de sua casa, você não a conhece. — Amauri distraidamente passou a mão pelos cabelos. — Olha, com alguma sorte, eu posso estar me mudando em breve e você pode ter este lugar para si mesmo. E Catherine não vai precisar de uma casa... porque ela vai estar morando comigo.

Os olhos de Sean se estreitaram.

— O que você disse?

— Eu vou pedir a ela para se casar comigo amanhã quando almoçarmos no Bois.

Os olhos do irlandês se fecharam.

— Isso não é um pouco precipitado? Ela está viúva há menos de dois meses.

Amauri sentou-se em uma ponta da mesa.

— Catherine está grávida, não? Você não precisa parecer surpreso; mamãe percebeu quase que imediatamente. Viúva ou não, haverá muita conversa. Você quer que o filho do seu irmão seja chamado de bastardo?

Os lábios de Culhane se apertaram.

— Desde que você está ciente do meu parentesco duvidoso, você já sabe a resposta para essa pergunta. Mas você não pode esperar que Catherine aceite a ideia; ela mal conhece você.

— Ela me conhece melhor do que qualquer homem em Paris, exceto você. Você vai se casar com ela?

— Não, — Sean disse sem rodeios, e se virou para puxar outro punhado de roupas para fora de seu armário.

— Meu nome de família é velho e respeitado, — Raoul continuou com determinação. — A reputação da minha mãe é impecável. Eu já falei com ela e ela está totalmente preparada para dar sua bênção à partida e apoiar Catherine ao máximo, não importa as fofocas. Afinal, nenhuma mulher que merece uma reputação escandalosa recusaria Napoleão. Uma vez que Catherine se case comigo, o general terá que abandonar seu cerco.

— Ele não estaria certo disso, Raoul. Você poderia ser um coronel sem vida.

— Olha, eu admito que não estou descontraído, mas não sou covarde.

— Se você já se decidiu, por que falar comigo?

— Porque tenho a sensação de que Catherine não aceitará nenhum homem, a menos que ele tenha a sua aprovação.

Sean o olhou estreitamente.

— Então você superestima minha influência. Kit tem uma mente própria. Eu sou o último homem que você deveria se aproximar para uma bênção.

— Você está contra mim?

— Como eu disse, Kit pode decidir por si mesma. Se ela perguntar a minha opinião, eu não vou abaixar os polegares para você.

Raoul estendeu a mão.

— Isso é tudo que eu peço.

Lentamente, Sean aceitou a mão.

O irlandês pôs de lado seu livro e observou Raoul arremessar sua capa sobre uma cadeira ao voltar do Bois.

— Como estava o porc rôti³⁴?

— Catherine me recusou, — Raoul disse baixinho. — Você sabia que ela iria, não sabia?

— Eu pensei que ela pudesse. A respeitabilidade é um comércio pobre para a liberdade.

— Eu não posso simplesmente jogá-la para os lobos, — Amauri disse calmamente. — Eu não estou desistindo.

A baronne d'Amauri entrou no vestibulo quando o filho sacudiu a chuva da capa e a entregou ao mordomo. Com os olhos azuis frios, ela observou o criado picar a poça de lama no chão enquanto tirava a roupa. Quando o homem estava fora do alcance da voz, ela se dirigiu ao filho, cujo rosto coberto de chuva estava pálido de antecipação fria e nervosa.

— Eu vejo que você recebeu minha convocação com rapidez suficiente. Catherine está mais chateada. É melhor você ir até ela. Ela está na biblioteca.

Quando Raoul abriu a porta da biblioteca, Catherine se virou para encará-lo. O medo empalideceu seu rosto. Raoul foi rapidamente até ela e, com os olhos graves de preocupação, passou os braços em volta dela.

— Catherine, o que é isso? Você está tremendo como uma folha!

— Fouché acabou de sair... o próprio Fouché. Meu Deus, esse homem assinou os mandados de morte para minha família.

— Calma, chérie. O que ele queria?

— Ele insinuou que eu estava conspirando com monarquistas, que Sean poderia estar envolvido. Ele considerou a conexão de meu pai com o duque d'Artois incriminador.

— Mas você não teve uma conferência com Artois. Fouché não pode ter provas, apenas suspeitas.

Ela se virou, seu rosto totalmente branco.

— Catherine? Há algo que eu não sei?

— Eu vi Artois recentemente. O negócio era pessoal. Não tinha nada a ver com política ou Napoleão, mas vários dos assessores e servos de Artois deve saber disso se Fouché tiver agentes entre eles, não vai ter nenhuma dificuldade em buscar provas. — Ela girou. — Sean não tinha nada a ver com os Bourbons e não sabia nada da minha visita a Edimburgo. Ele estava na prisão!

O desafio subjacente a suas últimas palavras atingiu Raoul como um raio.

— Foi você quem tentou arranjar a libertação dele, não foi? — ele adivinhou

de repente, estreitando os olhos. — Mon Dieu, Catherine, você pediu a Artois que tirasse Culhane da prisão?

— Indiretamente.

Ele ergueu as mãos.

— Então vocês dois estão com o laço no pescoço! A investigação de Fouché deve ser desencorajada ou você vai acabar na Conciergerie, no mínimo. Sean poderia ser baleado ou entregue aos ingleses. — Ele andou a passos largos em direção a ela e exigiu, irritado e exasperado: — Ele escapou, não foi? Isso é verdade, não é?

— Sim. — Completamente apavorada agora, ela pegou o braço dele. — Raoul, por favor! Você deve parar Fouché! Ele não pode mandar Sean de volta!

— Como você espera que eu o pare? Ontem, eu falei contigo tentando convencê-la de que a situação era perigosa!

— Eu não percebi, — ela sussurrou.

Ele apertou os ombros dela.

— Escute. No momento, Fouché está apenas conduzindo uma investigação de rotina por causa do seu passado. O interesse de Napoleão por você exige que ele seja muito mais cuidadoso do que o habitual. Se você é inocente, não há nada para se preocupar. O problema todo é facilmente resolvido. — Ele inclinou o rosto dela para o dele. — Case-se comigo. Napoleão será forçado a procurar em outro lugar por uma amante, e Fouché, que é um homem muito ocupado, vai voltar sua atenção para outra alma infeliz... shhh, deixe-me terminar. — Ele tocou seus lábios. — Eu já expliquei as vantagens — não, necessidade — de um pai para seu filho. Eu até conversei com Sean. Ele entende e aceita a situação.

— Ele disse o que?

— Ele prometeu sua bênção. — Suas mãos quentes deslizaram para as frias dela. — Catherine, eu aprendi uma dura lição na Irlanda. Eu amo a sua independência como eu te amo. Eu serei um bom marido e seu filho será como o meu próprio. Só peço desculpas por minha proposta vir nos calcanhares de seu luto. — Seus olhos de canela queimavam como chamas quentes e convidativas. — Você me quis uma vez com toda a paixão inocente de uma jovem. Agora que você cresceu, é tão impossível me amar?

Ela tocou seu rosto tristemente.

— Se eu fosse capaz de amar de novo, Raoul, poderia facilmente ser você.

Ele fez uma careta de tristeza.

— Então você não tem nada a perder. Se você não pode amar ninguém, pode muito bem ter a mim. — Ele tocou no nariz dela e riu suavemente. — Você subestima a confiança de um francês. Eu deveria concentrar todo o meu charme irresistível em você, isso poderia ajudar, mas se renderá com o tempo?

—Sem pedir permissão, ele a beijou completa e profundamente.

Catherine sentiu seu pulso acelerar e se perguntou indecisa se resultava da excitação sexual ou de seus nervos altamente tensos. O beijo de Amauri sugeria uma habilidade considerável como amante. Seus lábios procuraram sua garganta, e sem fôlego ela empurrou seu peito.

— Raoul, você deve me deixar pensar. Você está me deixando tonta.

Seus olhos assumiram um olhar sonolento.

— Bom. Eu quero que você se sinta tonta. Eu quero que você caia em meus braços, para me deixar sentir como é uma heroína conquistadora. Eu quero você, Catherine. Quando faço amor com outras mulheres, é você que vejo. — Seus lábios acariciaram sua bochecha. — Você, que eu sinto.

— Raoul, você não pensou nisso.

— Eu pensei sobre isso por três anos, mas você desapareceu.

Gentilmente, ela se soltou.

— Raoul, por favor, tente entender. Tudo está acontecendo rápido demais. Tenho que pensar e preciso ver Sean. Liam era seu irmão; ele será mais afetado do que ninguém.

— Claro, — ele disse gentilmente. — Você quer que eu contate seu pai?

— Não, eu vou escrever, — ela respondeu rapidamente.

— Vou convidar Sean para jantar; ele virá assim que souber o que está em jogo.

A discussão particular entre os Culhanes foi carregada de pesar amargo e duros silêncios. Sabendo que Sean não a deixaria se sacrificar para preservar sua segurança, Catherine evitou o perigo. Sean, não querendo assustá-la ainda mais, foi igualmente evasivo. Mais do que Catherine, ele percebeu que uma visita do ministro da polícia neste momento tinha que ser uma tática assustadora. Agora, Napoleão só pretendia trazer sua presa para o chão, mas se descobrisse sobre Artois, ele poderia tê-la guilhotinada.

As próprias indagações de Sean a Madeleine tinham aparecido apenas bons relatos de Amauri. Um inferno, mas não pior do que a maioria, Amauri era um bom comandante, respeitado por seus homens e colegas oficiais. Ele bebia e apostava, mas não tolamente. Ele poderia facilmente pegar uma família e parecia pronto para se estabelecer. Culhane não tinha nada contra o homem, exceto sua lealdade a Napoleão, mas Amauri dificilmente poderia ser repreendido pelo patriotismo.

Finalmente, Culhane ficou em silêncio, tentando esconder sua miséria e sensação de perda, mas sabendo que ele estava falhando completamente porque os olhos de Catherine estavam luminosos de lágrimas. Não ousando tocar, eles

se moviam pela biblioteca como planetas cuidadosamente em ritmos precisos, sabendo que a divergência das órbitas prescritas prometia um desastre. Todo o tempo, algum diabo continuou sussurrando para eles: — Fuja. Pegue seu amor proibido e fuja. Ninguém saberá. — Até Catherine de repente, apertou as mãos sobre os ouvidos.

— Eu vou casar com ele! Só que vamos fazer isso rapidamente!

Amauri e sua mãe estavam esperando na sala de estar. Sean estendeu a mão e disse simplesmente: — Parabéns, Raoul.

A baronne beijou as bochechas pálidas de Catherine, depois Amauri a puxou para o lado dele. A felicidade do casal de noivos foi torrada em champanha, mas a garganta de Sean recuou como se o vinho fosse fel.

CAPÍTULO 25

LÍRIOS E PÉROLAS

O champanhe no jantar de despedida de solteiro de Amauri, três semanas depois, não era melhor, e Culhane ordenou sem rodeios a um garçom que passava que trouxesse uísque. Ele bebeu cru, deixando sua ferocidade comer em suas vísceras enquanto observava uma linha de ninfas vestidas em um balé burlesco. Seus guinchos estridentes e lascivos, encorajados por gritos estridentes dos machos desgrenhados que lotavam a Maison Rouge de Madame Hortense, pouco fizeram para aliviar sua depressão. Quando um menino sátiro perseguia as ninfas através de loureiros de papel pintados de prata, eles jogavam guirlandas de flores no mais barulhento de seus admiradores. O campeão reinante era um caçador com os pulmões — e aparente ardor — de um Zeus transformado em touro branco. Enfeitado com guirlandas como um mastro, o caçador se soltou com outro fole que definhava. Vendo um lacaio com uma bandeja, Culhane trocou repentinamente seu copo vazio por um cheio e o jogou no chão, não se importando mais com o conteúdo.

— Bastardo surdo, não é? — Javet, pouco sóbrio, murmurou baixinho para um oficial irmão.

Além dos outros, o irlandês, com um meio sorriso sombrio curvando os lábios, olhou silenciosamente para Javet. O homem o estava incitando a noite toda, sua sutileza diminuindo conforme seu consumo de bebida aumentava.

Javet fez outro aparte deliberado.

— Talvez a disposição de Culhane possa ser atribuída ao equipamento que falta.

Seu companheiro riu.

— Ele pode estar mais satisfeito com uma performance particular com aquele menino-sátiro.

Javet riu zombeteiramente.

— Ele prefere muito mais procurar os prazeres entre as coxas de sua cunhada, se conseguir encontrar espaço entre Amauri e Bonaparte.

O irlandês chegou a Javet em dois passos.

— Mantenha sua mente em mim, Javet. Se você quer uma luta, você a achou.

Javet sorriu sem alegria, os olhos brilhando de licor.

— Sabres. Eu quero a satisfação de esculpir o que sobrou de você! La Place des Vosges ao entardecer de amanhã à noite. Nomeie seu segundo.

Sean deu de ombros.

— Eu não...

— Posso oferecer meus serviços, monsieur Culhane? — Emmanuel de Grouchy, com o rosto comprido e impassível, apareceu no cotovelo de Sean.

— Obrigado, general.

— Eu sou o tenente Antoine Le Clerc. Vou ser o segundo do capitão Javet, senhor, — ofereceu o amigo de Javet, envergonhado por ter se envolvido em uma disputa questionável sobre uma mulher favorecida por Napoleão.

— Muito bem, senhores, — respondeu o general. — Eu sugiro que nós adiemos até amanhã.

Depois que Javet e Le Clerc saíram, Grouchy ficou com Culhane.

— Javet terá segundas intenções, você sabe. Uma vez que ele fique sóbrio, ele vai se arrepender de tudo o que disse.

— Até a próxima vez que ele ficar bêbado. Até amanhã, general.

Ao sair de Hortense, Sean flexionou o pulso e os dedos direitos. Os dedos ainda estavam duros e o pulso sem a força anterior. Ele não podia sustentar uma luta prolongada com um sabre de cavalaria.

Catherine voltou-se quando Culhane entrou numa antessala sob Notre Dame, onde ela esperava com o barão d'Amauri e doze damas de honra, todas estrangeiras, todas escolhidas a dedo pelo barão de famílias do ancien régime e da República. A incrível beleza da noiva atingiu o irlandês como um golpe, embora ela estivesse tão branca quanto o vestido de cetim bordado com lírio, seu véu era um rio reluzente sobre o tapete cor de vinho. De mangas compridas e gola alta, com lírios aplicados que percorriam a frágil curva de sua mandíbula e pulso, o vestido caía em cetim frouxamente cravejado de minúsculas pérolas enquanto varria o chão. Em cima de seu cabelo lustroso estava uma coroa de lírios, pérolas e diamantes. Uma lembrança vívida dela picotando o verniz do Megan e sorrindo para ele com tinta no nariz queimado pelo sol, fez um nó na garganta de Sean. Inclinou-se ligeiramente para as meninas de cetim azul e depois pegou a mão do barão. Quando ele pegou as mãos geladas de Catherine, sentiu seu tremor.

— Você está adorável, pequena.

Ela olhou para ele como se desejasse que a terra rachasse e a engolissem.

Sean notou seu medalhão através do laço aplicado em sua garganta e lembrou-se. Gentilmente, ele tirou o anel do dedo e colocou-o na sua mão direita, enquanto os dedos dela se enterravam nos dedos dele, os olhos dela cor

de tinta.

A baronne notou o leve movimento convulsivo e seu sorriso ficou determinado.

— O arcebispo Lepec já estará pronto, acredito eu. Ouvi os acordes de abertura.

— Você está pronta, Kit? —Sean perguntou baixinho.

— Sim. —A resposta foi pouco mais que um sussurro, mas sua cabeça subiu e sua mão se moveu para descansar graciosamente em seu braço. Duas damas de honra assentaram o véu que cobria o rosto dela.

O órgão era trovejante na caverna de pedra da Notre Dame, mas a cor das janelas se apagou até a música enfraqueceu um pouco enquanto se arqueavam em direção ao céu de abril, a fabulosa rosácea como uma taça virada derramando clarete sobre os minúsculos humanos. Catherine sentiu-se perdida, cercada por implacáveis séculos impessoais, enquanto observava seu futuro marido e sua dama de honra, uma massa vaga definida apenas pelos cortes escarlates nos uniformes, lentamente se aproximando da escuridão cinzenta. Em ambos os lados, a nata de Paris, plumas de avestruz acenando e joias brilhando em massas de cor, enfileiravam-se na faixa de tapete escarlate que flechava para o altar onde ela se dirigia com Sean. Então Amauri e Fourquet, seu padrinho, em túnicas azuis estampadas de ouro, entraram em foco.

Quando os dois oficiais assumiram suas posições, o arcebispo, resplandecente em branco e dourado, começou a drenar as passagens iniciais de uma interminável Missa. Ainda cedo demais, Catherine sentiu uma tensão rígida no corpo de Sean pouco antes dele dar sua mão a Amauri; então ele foi embora. Ela teria fugido atrás dele como um animal em pânico, mas o arcebispo estava apertando a mão dela na de Amauri. Ela murmurou as últimas frases e a voz mais profunda de Amauri as subjugou com firmeza. Ele colocou um diamante pesado no dedo dela e levantou o véu. Ela olhou para ele como uma boneca vazia enquanto seus lábios roçavam os dela, então eles se viraram e andaram rapidamente pelo longo corredor enquanto as espadas da guarda de honra piscavam para formar um arco. Na fila da frente da esquerda dos convidados do casamento, o rosto magro de Napoleão sorriu com facilidade. De repente, Catherine perguntou-se se os lírios em cascata em seu vestido, como as aristocratas entre suas damas de honra, tinham sido ideia de Napoleão. Então, de algum lugar, olhos verdes rasgaram a multidão até os dela e seu próprio papel começou a desmoronar.

O sorriso, no entanto, durou mais do que a recepção do casamento e as centenas de convidados que deixaram cair migalhas e admiraram aos elaborados presentes de casamento enquanto fluíam pela casa do barão. Até mesmo

Josephine ficou com inveja quando viu as fabulosas joias celtas que a noiva havia recebido de seu cunhado. Quando Josephine correu com o dedo um enorme broche de ouro e rubi, Fouché arqueou uma sobrancelha.

— Sem dúvida, o sujeito tem acesso ao Tesouro Nacional Irlandês.

Napoleão riu.

— Até certo ponto, ele tem direito a isso. — Ele se virou para Murat. — Encontre Monsieur Culhane, Joachim. É hora de conhecê-lo.

— Madame— Sean Culhane beijou a mão de Josephine, depois a de Caroline Murat e com o rosto impassível, acenou ligeiramente para Napoleão e Fouché.

— Estamos muito felizes em recebê-lo em Paris, Monsieur Culhane, — disse Napoleão amavelmente. — Eu me arrependo de recentes ocorrências em assuntos de estado que me impediram de convidá-lo para as Tulherias. — Embora sua cabeça mal chegasse ao ombro de Culhane, Napoleão não demonstrou nenhum sinal de se sentir ofuscado. Confiantemente, seus olhos pareciam trazer todos os homens ao seu nível.

Quando Napoleão e Culhane trocaram gentilezas, Josephine, tendo ouvido as fofocas sobre o irlandês, olhou o recém-chegado a Paris. Sua barba e bigode no estilo espanhol davam a ele a aparência de um rufião, mas um elegante rufião. Com o olhar de uma conhecedora, ela estudou as maçãs do rosto e o nariz irregular. Uma cicatriz crua quase não era visível sob o cabelo preto curto em sua têmpora; um segundo perversamente cortou sua bochecha e o canto esquerdo de sua boca. Ela o achou perigosamente atraente, mas por causa da avaliação fria em seus olhos, como ele havia beijado preguiçosamente a mão dela, sua leitura longa e silenciosa foi deliberada e um pouco cruel. Em contraste com os movimentos energéticos de Napoleão, o irlandês tinha uma graça quase lânguida e ela se lembrava das outras histórias. Vendo seus olhos, ela se perguntou. Quando a conversa se voltou para a balística, Josephine, como se desencantada, afastou-se com Caroline.

— Eu não concordo com Murat, querido. Eu acho que o homem pode ser perigoso.

O sol estava se pondo sobre as casas estreitas de tijolos vermelhos que cobriam a Place des Vosges quando duas carruagens pretas entraram em sua extensão deserta de paralelepípedos. Nos telhados das redondezas, silhuetas estreitas de chaminés cortavam o sol e riscavam o pátio abaixo com barras de luz de cobre. Grouchy, acompanhando Sean Culhane, saiu de um dos veículos e esperou que três homens desmontassem do outro: Javet, Le Clerc e o doutor

Emile Fourquet ainda estavam de uniforme do casamento de Amauri. Grouchy precedeu Culhane quando os dois grupos se aproximaram e pararam a poucos metros de distância.

— Cavalheiros. Capitão Javet, você deseja se desculpar com Monsieur Culhane?

Javet mordeu o lábio. Ele parecia pálido, como se ainda estivesse sob efeitos da festa na noite anterior. Ele sabia que estava errado, e sentiu que os outros também sabiam disso. Ele só poderia descaracterizar seu insulto.

— Eu não peço desculpas, senhor.

— Monsieur Culhane, você retira seu desafio?

— Não.

— Muito bem, cavalheiros, escolham suas armas.

Os combatentes descartaram suas capas, chapéus e jaquetas. Le Clerc apresentou um longo embrulho preto e, dele, desenrolou um par de sabres. Os dois homens selecionaram suas armas. Culhane cortou seu sabre em um golpe experimental, então esperou, uma mão em seu quadril, o ponto de sabre descansando na ponta de sua bota enquanto Javet testava sua própria arma.

— Senhores, estão prontos?

— Pronto. — Javet assumiu sua posição. Sean assentiu e os adversários cruzaram os sabres. Por alguns momentos, nada pareceu acontecer, apenas uma tentativa de roçar as pontas do sabre. Então, no mesmo instante, Culhane e Javet deslizaram para trás e os sabres brilharam vagamente na escuridão crescente. Como Le Clerc ia relatar mais tarde, o duelo não foi uma luta, mas uma execução. Em menos de um minuto, Javet estava esparramado de costas nas pedras da calçada, sua jugular pulsando em seus últimos momentos da vida, de um golpe inclinado para o lado esquerdo de seu pescoço e ombro. Sua camisa rapidamente tornou-se negra na penumbra até que os brancos de seus olhos brilhavam como pérolas cinzentas.

Naquela noite, na île de la Fraternité, a porta do número 15 abriu e Mei Lih recuou para as sombras, a seda branca de seu vestido formando um nimbo atrás da vela que ela segurava. Sean pegou a vela e a colocou em um candelabro da parede. Silenciosamente, ele estendeu a mão para ela, puxando-a para ele, mesmo quando ele chutou a porta, esmagando sua boca sobre a dela e enrolando as mãos na seda de seu cabelo até que seu coração bateu contra seu peito.

Ele a carregou rapidamente para o sofá na sala de visitas de Madeleine e rasgou a fina camisa de seu corpo esbelto. Metade fechando os olhos, ele

enterrou o rosto contra os seios, em seguida, entrou nela rapidamente, com urgência, até que ele nem sequer se ouviu duramente ofegando o nome de Catherine enquanto ele mergulhava no esquecimento.

— A casa parece notável como antes da Revolução, Raoul; até mesmo Grandmère ficaria impressionada com o que seus trabalhadores conseguiram, e tão rapidamente também.

Raoul d'Amauri riu ao mostrar à sua esposa o último dos aposentos do térreo da bela mansão do século XVII da antiga Comtesse de Vigny, na antiga Rue Royale.

— Estou feliz que você não a tenha visto antes. O último ocupante era um ex-cavaliço, agora um funcionário do Tesouro. Os móveis eram revestido com algo como cogumelos.

Catherine teve que sorrir. O irreprimível bom humor e o esforço de Raoul para aliviar a tensão do longo dia renderam-lhe gratidão, mas as imagens de Sean, guardadas em breves e miseráveis vislumbres da recepção, ainda a assombravam. Onde estava ele agora, aquele que deveria ter feito votos santos ao lado dela e reivindicando-a aquela noite e para sempre? Ela colocou um braço sobre o do marido.

— É difícil agradecer a você corretamente, Raoul. Você já fez muito.

Ele sorriu com confiança e tirou uma mecha solta do coque.

— Oh, vou pensar em muitas maneiras de fazer você me apreciar, mas deve agradecer a Napoleão pela casa.

Ela endureceu.

— Napoleão?

— É o presente de casamento dele. — Ele fez uma pausa. — Ele também providenciou que as propriedades de Vigny fossem devolvidas a você. Você tem uma pilha de papéis para assinar, mesmo antes de começar a responder a todos os convites sociais empilhados com as respostas do presente de casamento. — Ele bateu no nariz dela. — Ser a esposa de um general ascendente vai mantê-la ocupada.

— Você é um general? — ela disse incrédula. — E Napoleão está devolvendo minha propriedade? Eu não entendo. Pensei que ele ficaria furioso...

— O Primeiro Cônsul é um homem generoso e gracioso, — disse Raoul de forma impressionante, com sua leve nota de pedantismo em desacordo com sua habitual despreocupação. — Sem dúvida, seu desgosto foi superado por seu desejo de alianças domésticas. De que maneira mais deliciosa do que um casamento de conto de fadas? — Parecia desanimado. — Você não vai mesmo me parabenizar? Afinal, eu sou o cara mais afortunado do mundo hoje.

— Claro, eu estou... muito feliz por você, Raoul. Tenho certeza que você mais do que mereceu sua promoção.

Amauri escolheu ignorar a nota desconfortável em sua voz.

— Venha, vamos comemorar, — disse ele, persuasivamente, e puxou-a para a sala de jantar. A longa mesa estava posta para dois. Na mesa e aparador brilhavam algumas das peças de prata maciça da baronne, emprestadas até que os presentes de casamento de prata e porcelana pudesse ser transferido. Talvez, ela refletiu quando Raoul a sentou, o lugar pareceria menos estéril depois que suas próprias coisas chegassem. Então, em silêncio, ela suspirou. Suas próprias coisas, por toda a sua prodigalidade, não incluíam nada que ela mesma tivesse escolhido, nem mesmo os móveis: todos a direcionavam. Quão mais atraentes foram os pertences de sua avó, que remontavam a Frances I. A cama da avó pertencia a Diane de Poitiers, amante de Henrique II; tinha sido uma cama minúscula, perfeita para a pequena Comtesse.

Cama. Ela tentou não pensar nisso.

Mas cedo demais, o jantar estava pronto. Embora ela tivesse comido devagar para esconder sua falta de apetite, Catherine sabia que Raoul não estava sendo enganado; ele até parecia um pouco divertido e ela se perguntou como a conversa do jantar deles poderia ter se inclinado se o mordomo não estivesse presente. Ela já conhecera cinco criados: mordomo, cozinheiro, jardineiro e duas criadas. Ela teria pouco a fazer senão sorrir quando a correspondência obrigatória fosse completada, e Raoul até sugerira uma secretária para isso!

Agora ele estava sugerindo que se retirassem, e sentindo os olhos do mordomo perfurando seu cérebro, ela fixou um sorriso no rosto e colocou o guardanapo no prato.

Afinal, minha garota, você não é virgem. Não há nada que seu marido possa fazer com você que ainda não tenha sido feito.

Balaustradas encimadas por flambeaux saíam da escada onde, como em todo o resto da casa, paredes de creme se misturavam com pisos de mármore de pêssego. Raoul levou-a ao longo do patamar superior.

— Este é o seu quarto.

O antigo quarto de Grandmère. Quando ele abriu a porta, ela prendeu a respiração, esperando uma caricatura da suíte feminina da condessa. Um momento depois, ela impulsivamente lançou os braços ao redor do pescoço de Raoul.

— Você encontrou quase tudo, até a cama de Grandmère! É exatamente como era... Como você fez isso?

Ele sorriu e seus braços se apertaram.

— Maman lembrou como o quarto era dos velhos tempos.

— Ela lembrou tudo maravilhosamente. Oh, Raoul, obrigada!

Quando ele a beijou, ela se deixou relaxar e, tentando bloquear uma pontada amarga de memória, respondeu ao seu ardor. Depois de levantar a cabeça, seus olhos estavam escuros de desejo.

— Não demore muito, chérie. Estou impaciente por você.

Quando ele chegou a ela, vestindo um robe de veludo verde escuro, Catherine ficou tensa, esperando com um roupão branco grego que havia sido colocado na cama. Ela sabia o que seu esposo viu quando ele recuperou o fôlego. Apanhado simplesmente no ombro, o tecido fino cobria os seios deixando os braços nus. Cortada nos quadris dos dois lados, ela se erguia, revelando seu corpo: as longas pernas, a escuridão suave entre suas coxas; os seios altos e altivos. Sua cintura de paleta estava espessa, mas ainda não deformada.

Raoul aproximou-se e ergueu a nuvem de cabelos nos dedos para sentir a suavidade. Seus lábios levemente roçaram os dela, e quando as pontas dos dedos roçaram os mamilos através da cobertura diáfana, ela estremeceu.

— Vou te aquecer, p'tite; nunca tenha medo. — Ele soltou o ombro e deixou o robe cair, em seguida, pegou apenas sob seus seios. — Lindo. — Mas quando ele largou o robe, ele notou a cicatriz sob o seio direito. — Onde você conseguiu isso? — ele perguntou abruptamente.

Assustada com a mudança de humor, ela murmurou: — Eu fui ferida em um acidente de equitação. Isso te incomoda?

Ele franziu a testa.

— Não, claro que não. É só que, caso contrário, seu corpo seria perfeito. — Ele a sentiu enrijecer um pouco e seu modo de provocação voltou. — Eu quero uma mulher esta noite, não uma deusa. — De repente, ele segurou o rosto dela com a mão e beijou-a quase brutalmente; a outra mão soltou o roupão e puxou-a para perto para sentir sua nudez dura. — Toque-me, — ele sussurrou contra seus lábios. — Me segure. — Ele sorriu quando seus olhos se arregalaram em seu tamanho. — Eu vou te manter muito feliz, chérie. — Ele levantou-a e colocou-a nos lençóis de cetim, depois tirou a manta.

Involuntariamente, ela pensou na beleza magra e dura de Sean, na feroz arrogância de sua virilidade e um nó de desejo cresceu em sua barriga. Implacavelmente, ela tentou se concentrar em Raoul. Raoul era real, inevitável. Mas para toda a sua resolução, um fantasma entrou nela naquela noite, os olhos verdes queimando nos dela, mesmo quando seus lábios queimaram seu corpo. Ela gemeu e arqueou, querendo-o tanto que seu ritmo quebrou a cadência e, surpreso, exultante e ganancioso, ele mergulhou nela. Acabou-se rapidamente para os dois, pois a reação apaixonada de

Catherine fez com que seu amante estremecesse e se libertasse precipitadamente.

— Dieu, chérie. Que mulher você é!

Sua voz a trouxe de volta à realidade, à culpa e a uma espécie de fúria que levou a uma resolução dura.

— Eu quero ser tudo que você precisa, Raoul.

Porque ela quis dizer isso, ele acreditou nela.

— Se você soubesse o que está dizendo, — ele sussurrou, corado de prazer. — Nada nos será negado. Eu tenho sonhos além de qualquer coisa que você possa imaginar. Vamos compartilhar todos eles. O passado vai desaparecer, você vai ver.

Pensativamente mexendo seu café noir, Madeleine Rochet ouviu a porta do andar de baixo fechar e o sussurro de seda enquanto Mei Lih subia a escada. A indochinesa entrou no quarto e se curvou. A juventude e a beleza da menina eram úteis, mas esta manhã a francesa sentiu uma pontada de ciúmes.

Na noite anterior, Culhane levava o oriental diretamente para o quarto da frente; depois só houve sons de amor e o tilintar de um decantador atrás da porta fechada. Perversamente, Madeleine sentira vontade de exigir dinheiro antes dele partir, mas ele nunca mais voltaria. Os cavalheiros sabiam o que se esperava deles, e Culhane era generoso.

Ela tomou um gole do café.

— O senhor Culhane disse alguma coisa de interesse?

— Ele pretende deixar a França dentro da quinzena, madame.

— Algo mais?

— Não, madame.

A mente de Madeleine começou a clicar, a distração momentânea o suficiente para fazê-la perder a opacidade oblíqua dos olhos do oriental.

— Traga pluma e papel, Meh Lih.

Algumas horas depois, Raoul d'Amauri beijou seus pulsos e sorriu.

— Quão linda você sempre parece, Madi. Recebi sua mensagem, mas você é malvada em usar papel perfumado; afinal, sou um homem casado agora. Há algum problema?

— Possivelmente. — Ela o puxou para o sofá e olhou para a garota. — Você pode nos deixar, Meh Lih.

Os cílios escuros da garota se abaixaram quando ela se curvou.

Com sua leve e graciosa caminhada, ela saiu do quarto, fechando cuidadosamente a porta atrás dela.

— Sua semelhança com a minha esposa é notável. — Amauri sorriu

preguiçosamente. — Você é uma mulher desonesta, Madi. Estou começando a entender por que meu cunhado está deixando as mulheres de Paris definharem.

Ela inclinou a cabeça, demoradamente aceitando o elogio.

— Ainda assim, não sou tão inteligente como você. Posso felicitá-lo por sua promoção, mon Général? —Ela se levantou e foi até o aparador, onde tirou uma garrafa gelada de champanhe de um balde de gelo para sua aprovação.

— Merci bien! Aqui, deixe-me abri-la. —Ela se juntou a ele no sofá e lhe entregou a garrafa. Momentos depois, o líquido loiro borbulhava nas taças. Eles bebericaram. — Ano excelente. —O novo general recostou-se nas almofadas e espreguiçou-se confortavelmente. — Agora, qual é esse possível problema?

— Culhane planeja deixar Paris dentro de uma semana ou duas.

— Porra, eu estava com medo disso. —Ele olhou para ela por cima da borda de vidro. — É aqui que você realmente começa a ganhar seu dinheiro, Madi. Culhane tem que ficar. Persuadi-la a desencorajar seu atual patrono a estar disponível para Culhane tem sido caro, mas estou preparado para ser muito mais generoso se meus planos saírem bem. Minha esposa assinou os papéis que reivindicam a propriedade de Vigny esta manhã.

Madeleine sorriu.

— Tudo parece ter saído como você desejava. Agora você tem uma promoção, uma grande fortuna e uma esposa muito bonita. Ouvei dizer que a condessa é ainda mais bonita que Josephine.

— Você só precisa olhar para Mei Lih para comprovar isso. —Ele fez uma pausa. — Mas como você escolheu a garota sem ver minha esposa?

— La comtesse foi descrita para mim e Madame Hortense sugeriu essa garota. —Ela observou os olhos dele. — Monsieur Culhane não voltará até esta noite. Gostaria de vê-la em particular?

Ele pensou por um momento.

— Culhane esteve aqui ontem à noite?

— Ele estava com ela desde o início da noite até o amanhecer.

— Eu suponho que eu possa poupar uma hora antes de ir a casa de mamãe. —Ele sorriu devagar.

CAPÍTULO 26

ROSAS APODRECIDAS

Catherine logo descobriu que a maneira lúdica do marido escondia mais do que uma mente perspicaz. Longe de se decepcionar com a falta de virgindade, ele se deleitava com sua habilidosa capacidade de despertá-lo e parecia disposto a ensinar-lhe toda a técnica de uma cortesã. Embora paciente e atencioso, ele também era insaciável.

A primeira fissura dos recém-casados veio quase imediatamente e outra faceta do caráter de Raoul foi esclarecida. A discussão foi sobre a casa. Sua fachada original tinha sido desajeitadamente renovada para o estilo neoclássico nos primeiros dias da Diretoria.

— Raoul, você acha que poderíamos restaurar o exterior da casa? — Catherine sugeriu uma noite quando voltavam de um jantar. — A fachada antiga era muito mais graciosa.

— Você herdou a tendência de sua mãe para remodelar, —ele disse levemente enquanto segurava o portão aberto para ela. — Você tem alguma ideia de que tais mudanças custariam?

— Certamente podemos pagar por isso; esta casa era uma das joias arquitetônicas da cidade. Você mesmo disse que os antigos ocupantes tinham um gosto deplorável.

— Mas o bom senso para se ajustar aos tempos. —Raoul clicou o portão. — Alterar minha casa para refletir a pompa e a ganância do pior déspota da França imediatamente depois de se casar com um aristocrata criaria um clima mais desfavorável para minha carreira.

Ela olhou para ele.

— Sua casa, Raoul?

Batalha apresentada, o cocheiro dirigiu-se para o estábulo.

— Não, claro que não, — Raoul acalmou, mentalmente amaldiçoando seu deslize negligente. — Mas você deve perceber que tenho razão para ajudar no meu progresso. Afinal, o seu futuro está ligado ao meu. —Ele ofereceu seu braço.

Catherine hesitou, depois aceitou. Mas enquanto subiam a trilha, ela observou em voz baixa: — De algum modo, esse papel em sua vida sugere uma sombra. Você disse que Napoleão queria aliar-se ao antigo regime. Eu acho que

ele ficaria encantado em ver esta casa restaurada. Pode acreditar em seus admiradores, ele não é um mau juiz de arquitetura. — Sua voz suave ficou mais determinada. — Não lhe custará um franco. Usarei minha própria renda.

— Nossa renda, chérie, — corrigiu Raoul com firmeza. — Certamente você terá uma generosa mesada para o gerenciamento da casa, o valor costureiro...

Catherine parou morta.

— Eu não sou uma idiota, Raoul. Eu pretendo aprender a administrar a propriedade.

Ele parecia sombrio.

— Você acha que eu iria enganar você?

— Não, claro que não, mas por que eu deveria me comportar como uma boneca com cérebro de serragem? Eu não serei controlada!

Raoul segurou levemente os ombros dela.

— Catherine, seja razoável. Por lei, sua propriedade se tornou minha quando você se casou comigo; você sabia disso.

— Eu não sabia que possuía uma fortuna imediata na época; certamente, nunca presumi que você se apropriaria dela. Você disse que me amava! — Ela se afastou dele. — Talvez eu fosse ingênua. Talvez seja o dinheiro que você queria.

— Isso não é verdade, — ele retrucou. — Eu não tinha ideia de que Napoleão pretendia devolver a propriedade. Eu amo você. — Ele hesitou, depois disse devagar: — Só estou me comportando como fui treinado. Estou acostumado a tomar o comando. Talvez tenha ido longe demais. Me perdoe, chérie. Vou lhe ensinar o que você quiser aprender. E eu vou mandar um arquiteto olhar a casa.

— É isso que você quer dizer?

— Sim. — Ele deu de ombros com tristeza. — Mesmo se nós estivermos fora das listas de convidados de todos os republicanos na cidade.

Ela colocou a mão no braço dele.

— Eu não quero ser uma criança mimada, Raoul. Se você está tão certo de que a renovação neste momento é imprudente, eu não me importo de esperar. Mas eu gostaria de ver as contas amanhã. Eu nem sei o que eu... nós possuímos.

Naquela noite, eles fizeram as pazes na cama, mas de manhã, depois que Catherine passou os relatos com o senhor Armand Lessier, o advogado de seu marido, ela viu apenas uma propriedade extranacional listada sob as propriedades de Vigny. Nenhuma menção foi feita à propriedade caribenha ou a propriedades no sul da Suíça e em Ruhr, descritas por Amin. — Isso é tudo, senhor Lessier?

— Oui, madame. Você é uma jovem muito rica.

— Certamente mais rica do que se poderia pensar, — ela respondeu

friamente.

Naquela noite, ela ofereceu um aperitivo para Raoul e beijou levemente seus lábios.

— Obrigada por enviar Monsieur Lessier hoje. As contas foram muito interessantes.

Ele acariciou sua orelha.

— Estou aliviado ao saber que você não estava entediada. Esse tipo de coisa rapidamente se torna sombrio.

— Oh, eu não estava entediada; longe disso. Infelizmente, Monsieur Lessier só pode ficar por uma hora. —Ela bebeu de sua bebida. — Talvez possamos terminar amanhã ou no dia seguinte.

Raoul pareceu surpreso.

— Você não terminou hoje?

— Céus, não. Nem a metade. Ainda estamos... —E ela listou suas participações internacionais.

Ele girou o copo.

— Você é muito modesta, chérie; você parece saber a extensão exata de sua propriedade. Estou mais surpreso que seu pai tenha discutido questões financeiras com você tão francamente. Infelizmente, ele recentemente vendeu essas propriedades.

Ela sorriu.

— Papai é extremamente discreto... e astuto, como você sabe. Você uma vez disse que nunca me subestimaria de novo; certamente, papai não é de cometer esse erro. Um acordo de sucesso entre nós depende de total confiança e franqueza, você não concorda?

Mas mesmo quando Amauri começou a derramar óleo sobre as águas, ambos sabiam que ela nunca confiaria completamente nele novamente.

Sean franziu a testa criticamente ao desenho áspero de uma carruagem de cano único que acabara de esboçar. À primeira vista, era muito mais simples, mais leve e mais fácil de manobrar que a dobra dupla comumente usada, mas muito mais complexa para se conduzir com a força necessária. Sua concentração continuava vagando e ele mal sabia por que se incomodava, exceto ocupar sua mente. O limber único foi tentado antes com resultados ruins. Até agora, suas ideias não mostraram mais promessas.

Ontem, Grouchy o informara que Napoleão desejava uma entrevista. Sean sabia que deveria ter se ocupado com a artilharia na recepção de casamento de Amauri, mas a chance de explorar a mente de um gênio fora irresistível. Sua turnê na fábricas de armamentos e barcaças foi outro erro. Grouchy se certificou

de que ele tivesse visto coisas que nenhum estrangeiro deveria ter visto.

Para evitar incidentes com os companheiros de Javet, Sean raramente saía de seus aposentos. Ele não voltara a Madeleine desde a noite do casamento de Catherine. Meh Lih tinha sido estranhamente subjugada, e ele se lembrou de sua bebida e demandas em seu corpo. Ainda mais insensivelmente, ele havia feito de Meh Lih a substituta de Catherine. Catherine. Tirando-a de sua mente, ele agarrou o triângulo de madeira.

Sean não havia puxado mais do que algumas linhas quando ouviu uma batida na porta. Ele xingou e foi atender.

— Gil, seu bastardo magricela! Eu estava começando a pensar que os britânicos tinham te empurrado como bucha de canhão!

O esguio jovem tenente naval sorriu.

— Sem chance! Maman está evitando isso para a comida dela. Só estou em casa há uma semana e ela já está soltando minhas calças. — Sob o cabelo arenoso, o rosto de ossos finos de Gil Lachaise tinha o encanto inocente de um jovem Parcival; seus olhos cinzentos, a clareza lúcida do orvalho. Seu sorriso suavizou e ele estendeu a mão. — É bom ver você de novo, meu amigo. Ouvi dizer que você estava morto.

Sean apertou a mão dele, depois se abraçaram com força. Ele atraiu Lachaise para o quarto.

— Você não mudou muito, Gil.

— Mais do que você pensa. — Gil piscou. — Eu devo ser capitão em um mês.

Sean sorriu e deu um tapinha no ombro do jovem oficial da marinha.

— Vamos tomar uma bebida para comemorar.

Uma hora depois, os dois homens estavam sentados, as pernas estendidas, um fogo crepitando na lareira, suas reminiscências bem aquecidas com uísque irlandês.

Um antigo colega de classe da École, Gil era o filho ilegítimo de um aristocrata. Generosamente, ele deixara a Gil um legado e, embora casado com outros filhos, o vira regularmente. Quando ele e sua família morreram na Revolução, Gil e sua mãe lamentaram genuinamente.

Embora Gil não tivesse sofrido com a questão da ilegitimidade como Sean, os jovens cadetes haviam chegado a um entendimento mais profundo do que o relacionamento deles com os outros. Além de Catherine, Gil era o amigo mais verdadeiro que Culhane já conhecera.

— Você virá jantar, Sean? Mamãe está chateada por você não a ter visitado. Tudo o que ela ouviu foi que um rebelde irlandês ferido tinha flutuado praticamente em Paris em um barco naufragado. — Ele sorriu

maliciosamente. — Quando soubemos que o sujeito estava envolvido nos braços de uma beleza rara, sabíamos que ele tinha que ser você.

A maneira fácil do irlandês diminuiu.

— A mulher no barco era minha cunhada. Ela ficou viúva poucos dias antes, quando Shelan foi tomada pelos ingleses.

Gil ficou sério instantaneamente.

— Sinto muito, eu não sabia.

— Não se lamente muito. Você não está totalmente fora disso. — Hesitante, contou toda a história, de uma forma que antes seria impossível para ele antes que Catherine o fizesse enfrentar sua necessidade de outros seres humanos. A única coisa que Sean não podia admitir, mesmo para Gil, era a extensão de sua degradação na prisão.

Quando ele finalmente ficou em silêncio, o anoitecer caíra junto com uma das últimas nevascas da estação, que deixou a cúpula de Sacre Coeur um monte fantasmagórico de branco pairando acima dos telhados indistintos da cidade. A sala esfriara e Sean jogou lenha no fogo.

Gil observou o reflexo vermelho do fogo sobre o rosto sombrio do amigo. A agonia do espírito parecia queimar sob a carne, impiedosamente arrancando sua prisão.

O francês odiava dizer o que viera dizer, mas agora era duplamente necessário.

— Sean, você deve sair de Paris. Os policiais estão debatendo sobre quem deve ter a honra de desafiá-lo. Eles estão atrás do seu sangue. Não apenas os amigos de Javet. A cidade está cheia de idiotas que não gastaram sua imprudência no campo de batalha.

Sean se apoiou no consolo da lareira.

— Eu vou embora depois de amanhã. Minha permanência só pode comprometer Catherine. Amauri vai protegê-la agora; Deus sabe que o pobre diabo provavelmente terá sua carreira arruinada por seus problemas.

Gil franziu a testa.

— Por que você diz isso?

Sean deu de ombros.

— Napoleão dificilmente pode se deliciar em ser desiludido pelo altar.

Gil suspirou.

— Sean, eu acho que você foi enganado. Amauri se fez general de brigada na véspera de seu casamento; seus amigos o parabenizam, não só pela beleza de sua noiva, mas por seu magnífico dote.

— Kit não tem dote, — disse Sean com firmeza, — não é uma alma que ela possa reivindicar.

— Napoleão cedeu as propriedades Vigny de volta para ela como um presente de casamento. Isso soa como o ato de um amante frustrado? Agora que ele é Primeiro Cônsul, ele prefere que suas amantes se casem; isso evita que acidentes embaraçosos sejam colocados à sua porta.

Deixando de lado o calor do fogo, Sean sentiu-se repentinamente, frio e totalmente estúpido. Ele não estava acostumado a se sentir estúpido, mas agora a sensação o agarrou como um punho marcado e ele quebrou a mão contra o consolo da lareira.

— Toda essa maldita coisa foi um arranjo. Eu vou apostar que Amauri até sugeriu a Bonaparte mandar Fouché apresentar seu cartão de visita! — Deus, o que a estupidez dele tinha feito com Catherine, a quem ele havia jurado que nunca mais machucaria. Ele estava preocupado demais com sua própria desgraça para ver a armadilha. — Eu vou matar o bastardo viscoso.

O sussurro mortal galvanizou Gil.

— Olha, Amauri pode ser inocente. Eu lhe garanto que ele é ambicioso, mas eu nunca ouvi dizer que ele era inescrupuloso. Além disso, mesmo que ele seja, você só pioraria as coisas. Deus sabe que informação Amauri poderia ter para alimentar Fouché. Você disse que sua lady está grávida de cinco meses; seguramente ela está segura até que a criança nasça.

Os músculos de Culhane se contraíram quando ele agarrou a lareira em autorrepugnância.

O irlandês pensou por um momento.

— Terei de me tornar valioso para Napoleão, para o caso do mais recente general da França se engasgar fatalmente com sua recente boa sorte.

Catherine perambulou pelas ruínas do jardim de rosas de sua avó. Grupos revolucionários haviam pisoteado os jardins. Envolto em neve rasa e seca, as roseiras restantes estavam doentes. A restauração levaria anos; pensar em quantos a fez estremecer.

Descuidada de suas luvas de pelica, Catherine cavou as raízes de um arbusto lilás danificado. O arbusto mostrou a promessa de viver. Deixando a sujeira e a neve soltarem seus dedos, ela viu a luz do sol piscar nas minúsculas facetas da neve. Seu coração parecia como se estivesse rachado em minúsculos cristais congelados, como os que cobriam o jardim. O espírito dela tinha suportado inutilmente só para morrer de geada rastejante.

O casamento era um desastre. Ela estava começando a reconhecer as mentiras de Amauri; como Enderly, elas vinham naturalmente, como se fossem parte de seu charme. Ele queria algo dela, além do dinheiro, além de seu corpo, além do amor, e o medo daquele algo a fazia tremer da cabeça aos pés.

Naquela noite, enquanto Catherine penteava o cabelo antes de ir para a cama, Amauri aninhou sua orelha e ronronou: — Tenho uma surpresa maravilhosa, chérie. Josephine escolheu você como uma das damas de companhia.

Mesmo preparado para uma explosão, ele se encolheu quando ela girou. — Isso é um absurdo! Ela não iria me escolher nem se eu fosse a última mulher na terra!

Apressadamente, ele tentou acalmá-la.

— Josephine precisa desesperadamente de uma lady adequada, Catherine. Uma das três que ela tem vai partir com o marido para um posto italiano. Ser chamada é uma honra espetacular. Afinal, eu sou apenas um general e o exército tem vários generais...

— Tão cedo insatisfeito, mon cher? —ela cortou ironicamente.

Ele corou.

— De jeito nenhum. Só estou tentando fazer você entender. É um compromisso político, não uma questão de favoritos.

— Eu diria que depende de quem é a favorita, — ela murmurou enquanto se voltava para o espelho e continuava a pentear o cabelo com descuido estudado.

Amauri fingiu raiva atônita.

— Você está insinuando que Napoleão ainda tem desejos por você? Como você pode abusar de sua honra depois de aceitar sua generosidade?

— Ele simplesmente devolveu o que é meu por direito. —Legalmente, seus olhos encontraram os dele no espelho. — Além disso, o que você chamou de sua generosidade para mim não é mais que transferir minha propriedade para as mãos de um de seus servos fiéis. Toda vez que solicito uma conferência com nosso advogado, ele está convenientemente no tribunal ou fora da cidade, ou contraindo sarampo de um dos seus filhos, a partir do momento que ele sai de uma cama vai para outra, ele deve ter dezenas deles.

— Catherine, você não está sendo justa—Amauri disse severamente. — Nós não somos seus únicos clientes. —Ele fez uma careta e começou a andar pelo quarto. — Você acha que eu deixaria você aceitar essa posição se eu pensasse que Napoleão iria abusar de você?

— Estou começando a pensar que você faria qualquer coisa para conseguir o que quer, Raoul, — ela disse categoricamente. Ela jogou a escova na penteadeira. — O que você quer? O que vale a pena não ser apenas outro general, mas o principal corno de Paris?

Ele deu um tapa nela.

— Eu deveria matar aquele corso e você também!

— Então, finalmente você está sendo honesto. — Ela não tocou seu rosto; ela nem sequer se protegeu.

Com uma espécie de dor surda, ele olhou para as marcas vívidas de sua mão e se perguntou o que lhe custara.

Ela olhou para ele nivelada.

— Eu não vou concordar em me tornar amante de Napoleão para promover sua carreira, Raoul. Você só tem que se arriscar como todos os outros generais.

Raoul viu agora que tentara manobrá-la estupidamente. Catherine havia provado que ela era tão inteligente quanto bonita. Ele não podia perdê-la. Nunca. Não para Napoleão e certamente não para um fantasma.

— Eu suponho que eu poderia forçar você em qualquer coisa que eu quera, — ele disse calmamente. — Eu verifiquei a história de Culhane na prisão; também o seu casamento. O padre Ryan em Ruiralagh foi muito informativo.

Ela se endureceu.

Boa. Deixe-a se preocupar.

— Então, você vê, eu tenho as maneiras, mas não tenho intenção de usá-las.

Ela não disse nada, observou-o.

— Você está certa sobre uma coisa: nosso casamento foi arranjado, mas não porque Napoleão desejou você. Na época, ele não poderia ter se importado menos. Você tinha apenas dezessete anos.

Ela olhou para ele.

— Você?

Com um sorriso irônico, Raoul assentiu.

— Lembre-se de que você temia que seu pai tivesse escolhido Valera, o espanhol, como seu futuro marido? Valera era apenas um ardil para te trazer a mim. Eu deveria salvar a lady fair de suas garras lascivas. — Seu sorriso ficou ainda mais triste. — Só que todos saíram do personagem. A estudante acabou por ser a ninfa mais intrigante que eu já vi, e o vilão queria a sério quando tentou estuprá-la; até hoje, não posso culpá-lo. Eu tomei tudo o que podia para não tomar você, mas se tivesse tomado sua virgindade, eu teria sido morto. Valera estava a menos de um dia de viagem de Windemere.

Sua expressão sem piscar o fez se sentir estranho, mas ele continuou: — Por outro lado, eu queria você como mulher, não como inocente.

— Você estava disposto a casar comigo nessa condição.

Agora ele sentia o seu caminho.

— Eu não posso negar isso. Eu não te amava, embora estivesse feliz com a perspectiva de ter você. Eu deveria voltar para a Inglaterra na primavera. Então a campanha egípcia fez tudo errado. Na primavera, seu pai estava relutante em

negociar, pensei porque achava que Napoleão ficaria preso no Egito. —Ele hesitou. — Fiquei desapontado, mais do que acreditava ser possível. Então, quando te vi na Irlanda, decidi ter você, se alguém aprovava ou não, embora admita que era mais como amante do que esposa. Como era, Napoleão ainda desejava o casamento exatamente pela razão que você acertou: uma transferência legal de sua propriedade para a República e uma aliança com o antigo regime.

— Por que ele quer converter a propriedade de acordo com as leis pré-revolucionárias, Raoul? —ela perguntou.

— Isso, você terá que perguntar a Napoleão. Eu só sei que é preciso muito dinheiro para equipar um exército.

Seus olhos se estreitaram.

— Então, para financiar suas campanhas, ele está drenando a propriedade de Vigny?

— Entre outras.

— Mas ele poderia usar a propriedade sem minha cooperação.

— Facilmente.

Ela olhou para ele.

— Você estava dizendo a verdade quando disse que algumas propriedades haviam sido vendidas.

Ele fez uma careta timidamente.

— Eu realmente não achei que você aceitaria a artimanha do marido paternalista.

— Que desgraçado você é, Raoul, — ela suspirou e caiu em uma cadeira.

— Mas eu tenho um certo charme de menino, você deve admitir, — ele a persuadiu, — e eu amo você. Eu fiquei feliz em me casar com você. —Seus olhos de canela ficaram quentes e ansiosos.

— Você ainda vai me amar quando eu cortar o suprimento de dinheiro de Napoleão?

Ele parecia genuinamente surpreso.

— Mas por que você faria isso? Ele simplesmente iria rescindir a conversão da propriedade e aprisioná-la. Culhane e eu teríamos celas adjacentes.

— Não você, Raoul, — ela disse amavelmente. — Você seria o único herdeiro e diretor da minha fortuna. Mas eu não acredito que haja algum perigo imediato de meu confinamento. Seria muito embaraçoso para o Primeiro Cônsul levar sua princesa de conto de fadas para uma masmorra; até parece que ele ficou furioso porque ela recusou seus avanços. Então isso só deixa o pescoço de Sean Culhane na mira, não é?

Ele segurou a respiração.

— Eu não tenho intenção de frustrar Napoleão. Eu só queria ouvir o que você diria se eu o propusesse.

Ele não sabia exatamente como reagir de maneira ambivalente.

— Isso... significa que você se tornará a companheira de Josephine?

— Por que não? Parece uma charada boba. Seria muito mais simples me acompanhar até o quarto do Primeiro Cônsul e estender a mão para a sua recompensa; talvez o criado dele espere uma pequena porcentagem, mas afinal, essas transações são função do cafetão, não são?

Seus dedos tremeram com o desejo de bater nela novamente.

— Jesus, — ele respirou, então seu rosto se contorceu em dor real. — Eu não quero que você vá para Napoleão! Pela minha vida, eu não quero! Você é minha esposa. A ideia de compartilhar você me deixa doente.

— Prove isso. Diga-me para recusar este compromisso.

— Isso destruiria minha carreira, — ele sussurrou em genuína tristeza.

— Você é um general, não é? Quanto mais quer?

— Pelo amor de Deus, eu tenho vinte e sete anos! Eu não posso ficar parado!

— Estou grávida. Defendo minha condição. Afinal, dificilmente posso esperar que compareça às funções da corte depois deste mês.

— Josephine está preparada para fazer concessões. Além disso, Napoleão apenas enviaria seu médico pessoal para examiná-la.

— Deixe-o. Vou dar um show ao médico! Ele vai acreditar que estarei prestes a produzir um urso dançando!

— Catherine, seja séria!

— Estou falando sério, — ela disse calmamente, embora por dentro se sentisse paralisada de pavor. Ainda assim, o machado poderia cair de uma só vez, pois ela não tinha dúvida da reação do marido. — Ou você recusa a consulta ou eu. O que é então?

— Você deve aceitar, Catherine, — Raoul disse com firmeza. — Eu não posso permitir que você faça o contrário.

— Então por que continuar a jogar? — Ela se levantou abruptamente. — Este casamento foi uma farsa desde o começo, e será até o fim. Se você me quiser de novo, terá que me tomar à força.

— Você não quer dizer isso, — ele sussurrou. — Ryan disse que Culhane a sequestrou, a estuprou, mas você não se importou. Você até se entregou a Artois em troca da libertação da prisão de Culhane. — Seu rosto se contorceu quando sua voz se elevou. — Você se prostituiu por um homem que te estuprou! Por que não tem um pouco de compreensão comigo? Eu salvei ambas as suas vidas!

Seus olhos seguraram os dele.

— O que você teria feito se Sean fosse meu marido, Raoul?

Seus olhos piscaram.

— Por que, o mesmo...

— O diabo leve sua língua mentirosa, — ela falou com impaciência. — Você o teria assassinado! Ele simplesmente teria sucumbido às feridas a bordo da République e teria sido convenientemente enterrado no mar.

A determinação desesperada tomou o lugar do desespero implorante de Raoul.

— Se você se prostituiu com aquele bastardo uma só vez, você fará de novo. Não pense que o que os britânicos fizeram com ele não pode ser terminado na França. Ou talvez eu deva avisar seu pai? Por que tirar do homem a sua vingança? Afinal de contas, ele foi enganado de assistir a sua única — filha no casamento!

Embora soubesse que eram inevitáveis, Catherine ficou mais pálida com todas as suas palavras. Ela lutou com as únicas armas fracas que ela tinha.

Mas Amauri percebeu o silêncio dela que, embora ela pudesse se submeter, a vitória não era dele. Não importava o que acontecesse, Culhane havia vencido. De repente, ele odiou o irlandês. Ele pegou o queixo de Catherine.

— Avise-o e ele morrerá imaginando você na cama de Napoleão.

Seus olhos azuis, duros como minerais, olharam para ele.

— E você satisfará meus desejos também. O primeiro dever de uma prostituta é para com seu cafetão. — Ele puxou-a para ele, arrastou a cabeça para trás e a beijou brutalmente. Era como beijar uma mulher morta: ele torcia as mãos no cabelo dela. — Mostre-me, Catherine. Mostre-me o quanto você quer que ele viva...

Ela o beijou de volta, assustando-o com uma paixão que o encheu de desejo, depois se afastou.

— Quanto tempo, Raoul? Que garantia eu tenho de que você não vai traí-lo?

— Enquanto Napoleão quiser você, Culhane está a salvo de mim. Então é uma questão de quanto tempo eu quero você... e da sorte de Culhane, é claro. Você não pode muito bem esperar que eu o salve da calamidade natural, pode?

— Eu não posso? O dia que ele morrer é o dia que você perderá todo o controle sobre mim.

— Você não esqueceu a criança, chérie? — ele murmurou enquanto a empurrava na cama. — Eu acho que você vai ficar comigo por muito, muito tempo.

Sean puxou as luvas de couro enquanto saía da sala de recepção de Napoleão. Ele estava feliz por estar livre dos esboços de artilharia que Napoleão havia guardado. A maioria das mudanças caras envolveu alterações nos procedimentos atuais de fundição, o que poderia levar meses, até anos para aperfeiçoar; mas Napoleão estava muito interessado, particularmente nas modificações das carruagens.

Ao virar um corredor, vislumbrou uma mulher que poderia jurar que era Catherine no final do corredor adjacente. Ele deu um passo involuntário naquela direção, depois se conteve. Paris estava saturada de morenas esbeltas.

— Então você vê, Madame Amauri, seus deveres oficiais não são exigentes. Eu diria que os seus mais informais consumirão ainda menos tempo.

— Estou a seu serviço, madame — murmurou Catherine educadamente, notando a única sutil víscera que a esposa do primeiro cônsul se permitira enquanto ela e as damas de companhia percorriam a nova acompanhante pelo palácio.

Josephine era a esposa do cônsul consumado: charmosa, diplomática. As pequenas linhas sobre os olhos que Catherine esperava estavam lá, mas Josephine tinha sido celebrada há muito tempo como a mulher mais bonita da Europa e ainda merecia o elogio.

Mas desde o caso Pauline Foures e quase um divórcio, ela se tornou cautelosa. Obviamente, a jovem condessa sabia por que fora designada para o círculo familiar do Primeiro Cônsul e era infeliz. Josephine sentiu um pouco de pena por ela, mas aquela pontada de simpatia foi dissipada quando viu a fome rapidamente escondida pela garota nos olhos de Napoleão quando, ladeado por dois ajudantes, entrou na sala.

Napoleão beijou levemente a ponta dos dedos de sua esposa, depois assentiu para suas irmãs, Caroline e Pauline, enquanto faziam uma reverência. Ele se virou para Catherine, que fez uma reverência com um farfalhar de moiré de damasco.

— Estamos apresentando Madame Amauri ao Palácio Tulherias e seus deveres, meu amor, — Josephine murmurou.

Napoleão estendeu a mão e, lentamente, Catherine colocou os dedos sobre os dele. Ele levou a mão dela aos lábios.

— Espero que você ache sua ligação com minha casa agradável, madame.

— Servir à França é um prazer suficiente, senhor Général — disse ela obliquamente.

— Verdade, — ele respondeu com um sorriso impetuoso nos lábios. — As atitudes do fervor patriótico são infinitamente variáveis.

Josephine fechou seu pequeno leque com um clique.

— Você vai se juntar a nós para o almoço, Bonaparte?

Ele olhou para ela.

— Infelizmente eu não posso. —Ele se curvou ligeiramente. — Eu te desejo boa tarde, senhora. Por que não mostrar a Madame Amauri a vista dos jardins do salão? O primeiro narciso está florescendo.

Enfiando o lenço embaixo do braço, Guy Lavalier tirou a máscara.

— Tecnicamente, monsieur Culhane, posso ensinar-lhe pouco. —Ele colocou a máscara em uma prateleira e se virou para observar o homem alto e de cabelos negros remover seu equipamento e flexionar seu pulso.

— Nunca se sabe o suficiente, monsieur Lavalier.

Lavalier esfregou o nariz.

— Quanto tempo você pretende ficar em Paris, monsieur?

— Indefinidamente.

— Eu entendo. Posso sugerir que trabalhemos juntos em particular para fortalecer seu pulso?

Culhane olhou para ele com um sorriso irônico.

— Nenhum lucro em alunos mortos?

— Sua briga com o falecido capitão Javet não era exatamente um crédito para mim, monsieur Culhane; ele também era um dos meus alunos. —O sorriso do mestre de esgrima ecoou a ironia do irlandês. — O lugar está geralmente vazio antes do meio dia; você pode vir. O que diz?

Culhane enfiou a folha na prateleira e pendurou a máscara.

— Mesma hora amanhã?

— Claro... vai ao seu alojamento agora?

Os olhos do irlandês se estreitaram, e Lavalier rapidamente acrescentou: — Só quero sugerir que você fique em outro lugar até que seu pulso seja recuperado.

Culhane assentiu.

— Obrigado pelo aviso. —Em seguida, prosseguiu lentamente: — Por que não deixar que os assuntos sigam o seu curso?

— Grouchy disse que você é um bom homem. Isso é o suficiente para mim.

Culhane foi para Madeleine; ele não tinha outra escolha. Buscar refúgio com os Lachaises colocaria em risco Gil. Madeleine recebeu-o de braços abertos e alívio transparente.

— Deus misericordioso, eu estava com medo que algum idiota tivesse te matado! Por que você não voltou? Mei Lih disse alguma coisa?

— Não. Como você ficou sabendo da briga?

— Madame Hortense. Metade de sua clientela militar está se vangloriando com as garotas sobre pegar você! Eu perdi a cabeça...

Ele a beijou para acalmar suas perguntas.

— Leine, posso ficar aqui por alguns dias?

— Mas é claro. Contanto que você goste. — Sabendo que ele nunca teria evitado problemas nos velhos tempos, ela olhou para ele com atenção, mas segurou a língua. — Venha, você está cansado. Vou pedir para a minha cozinheira preparar algo para você.

Quando Sean tomou uma tigela de sopa, Madeleine girou um copo de Chablis.

— Estou feliz que você veio, chéri; eu estava com medo que você não fosse tão sensato. Eu queria falar com você.

Ele olhou para ela e passou manteiga no pão.

— Você parece séria.

Madeleine ouviu os passos da cozinheira desaparecerem.

— Mei Lih ouviu meu cozinheiro fofocando. Aparentemente, sua cunhada e seu marido não estão se dando muito bem.

Culhane manteve a voz inexpressiva.

— Como o seu cozinheiro saberia disso?

— A irmã dele é a serva de Catherine d'Amauri.

— Todo casal briga. Leva tempo para se ajustar.

— Ontem à noite eles tiveram uma briga violenta. Raoul d'Amauri não é dado a brigas.

— Eu ficaria surpreso se Catherine fizesse uma briga sem provocação. Ela está determinada a fazer o melhor desse casamento.

Madeleine pôs a mão no braço dele.

— Céus, eu não a estou acusando! Eu só pensei que você gostaria de saber. Afinal, você partirá em breve, e ela não terá ninguém a quem recorrer se algo estiver seriamente errado. — Ela apertou. — É claro que os servos exageram. Provavelmente não é nada. Afinal, eles fizeram as pazes da maneira usual.

Sean abruptamente deslizou a mão dela.

— Eu não estou interessado nas intimidades dos Amauris.

— Não, naturalmente não, — Madeleine murmurou. — Eu me atrevo nessa área a dizer que a noiva é delirantemente feliz.

Ignorando o brilho em seus olhos, ela se levantou e foi até o decantador de absinto, o tecido sussurrando contra suas coxas.

— Pelo que me lembro — ela sorriu como se para si mesma — Raoul é extremamente bem dotado. — Ela virou. — Mas estou falado demais. Você mal tocou na sua comida.

— Estou mais interessado em dormir agora.

— Mas é claro. Como é desatento de mim.

Culhane cruzou rapidamente até ela. Pegando seu queixo em sua mão, ele disse asperamente: — Não, Leine. Você está pensando o tempo todo. — Empurrando-a contra o aparador, ele a beijou tão brutalmente que ela achou que seu pescoço ia arrebentar.

Durante uma semana, Napoleão não tinha sido mais do que educado, pensou Catherine enquanto sua carruagem se afastava das Tulherias. Talvez, obviamente, as mulheres grávidas não fossem atrativas para ele e ela teria alguns meses de alívio antes que ele exigisse sua rendição. Talvez ele até descobrisse outra amante. Mas enquanto olhava preguiçosamente para os escombros circunvizinhos do Carrousel, que estava sendo demolido para dar lugar ao novo design de Napoleão para o centro de Paris, ela sabia que estava construindo falsas esperanças. Ele estava apenas dando a ela tempo para se acostumar com ele, tomando um cuidado especial para ser charmoso. Ele deve saber que ela achou a situação revoltante. No entanto, talvez ele tenha gostado de antecipação.

Bem, ela não estava antecipando. Na semana passada, ela se tornara a prostituta consumada, capaz de não sentir nada além de desprezo pelo marido que a tomara repetidas vezes, encontrando formas cada vez mais perversas de excitá-la porque ele sentia que sua resposta abandonada era exatamente isso: um corpo abandonado da alma e paixão. Apenas Raoul poderia mudar o curso de suas vidas juntos, mas mesmo que ele fizesse a escolha decente, ela nunca poderia amá-lo. Sua ameaça a Sean era muito severa. Ela iria cooperar até que ela pudesse retaliar. Deus, que pensamentos negros se misturam com as primeiras sugestões encantadoras da primavera.

Ela ordenou que o cocheiro se voltasse para o Sena. Na Pont de la Concorde, ela fez sinal para ele parar. Enquanto caminhava ao longo do rio banhado pela luz do sol, o veículo a seguia. Os céus parisienses eram azuis, árvores salpicadas de tenras protuberâncias verdes. Coágulos de flores silvestres foram teimosamente cutucados na escavação da Place de la Concorde. Enquanto as barcas e os vagões de água transportavam carga e passageiros sob a ponte, os vendedores desfilavam pelo cais com lagostins de Marselha. Passou-se muito tempo antes que ela respirasse ar limpo o suficiente para enfrentar a casa na Rue Royale novamente.

— Eu almocei com seu cunhado hoje, — disse Raoul casualmente enquanto o mordomo colocava uma tigela de sopa em seu prato.

— Oh? — Catherine retornou com igual calma. — Eu confio que ele está

bem?

— De fato, quando eu pedi a ele para se juntar ao nosso quadro de ginetes neste domingo, ele concordou.

— Mas ele não tem pôneis, — ela objetou.

— Ele ordenou que esse magnífico preto fosse trazido da Irlanda. É claro que o animal é grande demais para ser usado em um jogo de tchembourti, mas eu ofereci o uso de uma corda do meu estábulo.

— Isso foi civil de sua parte, — disse ela secamente. — Eu não sabia que mantínhamos um estábulo de tamanho suficiente para acomodar dois jogadores. Você está jogando na partida?

— Eu não preciso disso. — Raoul tomou um gole de seu vinho. — Eu mantenho a maioria dos meus pilotos e pôneis perto de Longchamps. Eles ganharam uma boa quantia este mês.

Ele sorriu para si mesmo enquanto visualizava a reação de seus colegas de equipe quando Culhane se juntasse a eles. Eles não desafiariam o irlandês no jogo em deferência a um oficial irmão, particularmente porque acreditavam que Amauri ignorava o insulto de Javet à sua esposa. Também, alguns deles provavelmente pensaram que Javet estava fora de linha. Não, ele não estava preocupado com uma cena, mas não esperava que Culhane tivesse a audácia de se pavonear diante de um bando que ofegasse pelo seu sangue. Seria uma coisa boa o irlandês cuidar de si mesmo; ele não teria gostado de chamar o bando.

Montado em Mephisto, Sean avistou Catherine na multidão reunida para a partida. Mesmo entre muitas mulheres bonitas que passeavam com seus cavalheiros à margem do campo de jogo, ela era extraordinária. O dia estava frio e, apesar da mudança de estação, Amauri insistiu para que ela usasse um vestido preto de gola alta com um xale de cashmere emoldurado por pontas de zibelina sobre um ombro. Um grande alfinete de diamante e opala fixava um pavão aigrette a um broche de turbante que cobria seus cabelos. Uma mão enluvada segurava um pesado regalo; na outra, estava presa a coleira de um guepardo, que estava tensa em seus quadris, enquanto cavalos inquietos apareciam ao redor dele. Ela era uma visão de Omar Khayyam, sua incrível estrutura óssea e olhos oblíquos atraindo a atenção de todo o campo.

Ao se afastar de um pequeno grupo de oficiais e damas, Catherine viu Sean quase no mesmo instante e, por um momento, o mundo se afastou para deixar um silêncio severo. Precisava ser desmascarado. Mais tarde, nenhum dos dois sabia quem se moveu primeiro: Catherine, que deixou a multidão; ou Sean, que incitou o negro a segui-la através do campo tigrado salpicado de brotos de grama nova. Não era sábio e eles sabiam disso. Eles eram muito conspícuos, a

mais nova amante do Primeiro Cônsul e o notório assassino que tinha o fama de ser o pai de seu filho ainda não nascido. No entanto, tão irresistivelmente como as marés lunares, eles foram atraídos, um para o outro.

Longe da multidão, Catherine olhou para Sean em sua túnica ao estilo cossaco, com as cores do seu time amarradas no braço. Ela levantou a mão, deixando a zibeleza escorregar pelo braço em uma queda negra e lustrosa. Inclinando-se da sela, Sean tocou-lhe os dedos com os lábios, depois soltou-os com relutância.

— Você parece cansado, amor, — ela disse suavemente enquanto deixava cair a mão para acariciar o pescoço de Mephisto.

— Você está bonita. — Os lábios de Sean se contorceram em um leve sorriso. — Há pouca semelhança com a diabrete gordurosa de Liverpool.

Ela riu com voz rouca.

— É inconstante, você disse que eu também era bonita.

— Você estava certa, — ele murmurou, então duramente, — eu sinto sua falta como o inferno.

Seus olhos brilharam por um momento, depois Mephisto, exasperado porque ela parou de acariciá-lo, deu um passo à frente e a cutucou. A guepardo nervosa recuou, com as presas à mostra. Sua coleira arrastou a mão de Catherine e a mão de Sean deslizou em direção à sua face. Catherine se virou.

— Sente-se, Salomé. — O gato obedeceu nervosamente.

— Isso é um animal de estimação, — comentou Culhane com uma carranca.

— Raoul gosta que eu faça uma exibição. Ele me deu Salomé há alguns dias. Ela é bem dócil. — Sua voz baixou. — Muito mansa. Ela tem medo de ser perigosa.

Sean pegou a inflexão fraca.

— E como você está, Kit?

Ela acalmou a chita, seus cílios pesados escondendo os olhos.

— Tão feliz quanto se pode esperar. A vida da esposa de um general é ocupada, graças a Deus. — Ela olhou para cima e sorriu de repente. — Com meu horário social, nosso filho deveria ser um dançarino natural. Ele estava batendo os dedos dos pés no mesmo tempo de uma polonesa na embaixada russa na outra noite.

Sean riu, liberando o que ela esperava, mas de alguma forma a nota infantil em sua alegria a apunhalou no coração.

— Seu time está indo para o campo, Sean. Não é melhor você se juntar a eles?

Ele relutantemente assentiu.

— Eu tenho que trocar de cavalos. — Sua voz baixou. — Me deseje sorte?

Ela tirou um trevo amarrotado de quatro folhas de sua luva e enfiou-o no dele. — Eu encontrei no jardim esta manhã.

— Mais conhaque, chérie? Suas mãos são como gelo, — Amauri perguntou solicitamente à sua esposa enquanto voltavam para a cidade.

— Sim, por favor. — Ele derramou e ela bebeu com gratidão, em seguida, empurrou a mão livre mais fundo em seu regalo. Recostando-se como um cachorro magro no assento oposto, a chita os observava.

— Você gostou da partida? — Raoul perguntou.

— Foi maravilhoso. O seu quadro jogou lindamente e com tanto vigor. Eles mereceram vencer.

— Aquele oficial cossaco da Geórgia que nos mostrou o jogo no ano passado cavalgou com ainda mais vigor, tão brutalmente quanto Culhane. Ele disse que no Tibete e no Afeganistão, tribos usam cabeças de inimigos como bolas. Ao observá-lo no campo, alguém poderia pensar Culhane é um selvagem! Ele não brinca com nada?

— Se ele não fosse um lutador, já estaria morto.

— Bem, ele quebrou o ombro de Rodier com aquele maldito bastão de jogo.

— Rodier estava bloqueando seu tiro, — ela respondeu placidamente.

— Isso não é desculpa.

— Rodier deliberadamente interferiu com seus chutes durante todo o jogo, assim como alguns dos outros. Sean poderia ter marcado pelo menos mais três gols se eles o tivessem deixado em paz.

Amauri zombou:

— O homem não é Deus. Ele nunca jogou o jogo antes. Como você pode culpar seus erros pelos outros?

— Se Sean fosse Deus, a Irlanda seria livre e eu não seria casada com você, — disse ela sem rodeios. — Eu sei o que vi.

— No seu ostracismo após a partida. Você e Grouchy foram os únicos que falaram com ele.

— Você não está esquecendo Madeleine Rochet e a leva de jovens senhoras bem-pintadas do Hortense Castel?

O punho de Catherine se apertou em seu regalo, mas sua voz era uniforme.

— Por que seus colegas o trataram tão rudemente, Raoul?

— Seu cunhado faz inimigos muito mais prontamente do que amigos.

Seus cílios se levantaram.

— Você o tem ajudado a fazer inimigos?

— Não, pelo amor de Deus! Ele se dá bem nisso sozinho! — ele explodiu. — Eu não sou seu guardião, embora eu deva ficar mais atento em

você. Você fez um espetáculo de nós dois indo embora com ele. Você não percebe que pelo amor de seu filho, não deve ser vista com o homem — Sean Culhane é meu cunhado, Raoul, — ela disse calmamente. — Ignorar esse relacionamento também causará fofoca. É melhor tratá-lo normalmente, como um parente. Com certeza, você sabe que não há homem na terra com quem eu tenha menor probabilidade de comprometer sua honra.

Quando a carruagem entrou em Paris, Raoul olhou para sua serena e bela máscara no crepúsculo. Ele coçava para contar a ela sobre as amantes de Culhane, mas não ousava. Ironicamente, ele teve que abanar o calor de seu desejo para garantir sua obediência.

CAPÍTULO 27

O EXILADO

— En garde... envolver! —Folhas brilhantes se moviam em movimentos delicados e exploradores. Lavalier e seu oponente eram bem combinados, seus movimentos de abertura uma formalidade hábil. Usando máscaras de esgrima de aço antiquadas penetradas por uma única fenda horizontal, eles se pareciam com cavaleiros medievais, formais e misteriosos. Os pares combinados no sótão paravam seus exercícios para observar os dois espadachins. As folhas de luz deslizavam em faixas ondulantes refletida com precisão impecável, raramente vistas em um século cada vez mais dominadas por sabres.

Pouco depois, por trás da máscara, o suor escorreu pelos olhos de Lavalier. Uma coisa era encontrar o seu igual, outra era reconhecer o seu superior. Seu oponente estava acostumado demais com a realidade mortal das lutas internas para proteger sua perícia. Quando o jogo terminou, o pequeno Gascon estendeu a mão.

— Você é o melhor homem, monsieur Culhane. Não me sinto envergonhado em admitir isso.

Murmúrios subiram quando Culhane escorregou a máscara e segurou a mão oferecida.

— O lutador mais afortunado, talvez. Monsieur Lavalier, mas não o melhor homem.

Lavalier sorriu, seus dentes brancos surpreendentemente grandes em sua pequena mandíbula.

— Você vai se juntar a mim para o jantar, monsieur? Há uma certa manobra que eu gostaria que você me mostrasse amanhã. Você pode entender o quão desajeitado seria o professor pagar o pupilo dele?

Enquanto os dois homens riam, vários espectadores, incluindo um dos oficiais de armas de Javet, aproximaram-se um pouco hesitantemente para serem apresentados. Outros se retinham; alguns, impressionados, correram para espalhar a notícia de que o irlandês emergira e embelezará entusiasticamente sua habilidade.

Apesar de toda a sua aparência de descuido, Culhane rondou a sala de visitas de Lautier com tanta força quanto uma pantera entre aromas estranhos. O alívio

de que ele finalmente fora capaz de agir foi neutralizado pela certeza de que haveria sérios problemas. Na superfície, as coisas estavam começando a seguir seu caminho. Napoleão lhe dera autoridade para supervisionar a construção das modificações da artilharia; melhor ainda, ele queria mais designs. Grouchy abertamente fez amizade com ele. A hostilidade geral foi temperada por sua associação e pela partida com Lavalier. Agora, tudo o que ele tinha que fazer era parecer manso. Ele pegou um bastão contra a parede, onde encontrou olhares furtivos com diversão sarcástica.

Gil habilmente negociou a retirada geral dos convidados do jantar de Lautiers daquela área em particular e entrou com duas taças de champanhe.

—Aqui. Beba. Nossa anfitriã está preocupada sobre qual mulher ela vai sentar com você no jantar. Seu parceiro perdeu a coragem. —Ele sorriu. — Parece que você vai desdenhar qualquer um dos archi-inimigos de Madame Lautier ou Yours Truly. —Quando Sean riu, Gill fez uma careta. — Como você pode parecer meio adormecido? Você não viu Arcôt e seus amigos o encarando com adagas?

Sean sorriu.

— Eu não tenho minhas costas contra a parede por nada, ami — Os olhos dele para os descontentes uniformizados, que encarou como macacos carrancudos tocadores de realejo no lado oposto da sala. — Eles vão esperar até que todo o partido possa iniciar a batalha.

Gil sacudiu a cabeça.

— Não tenha tanta certeza. Fourquet e Murat espalharam uma foto bem negra de você.

— Por que Murat deveria me desacreditar?

— Ele é um companheiro de Javet, por um lado, por outro, ele é uma fofoca ociosa. — Gil hesitou, depois continuou: — Ele rotulou você como um homossexual.

Os dedos abruptamente apertados do irlandês ameaçaram arrancar a haste do copo.

— Fácil, ami Não é apenas a maneira dele de vingar Javet. Ele não é muito ruim. Ele é brilhante em manipular o inimigo em manobras de campo, mas quando ele carrega suas intrigas na vida civil, ele é um idiota; até mesmo Napoleão diz isso.

Com os olhos brilhando como pedaços escuros de vidro, Culhane não disse nada, meio que se perguntando se Gil poderia ter escolhido esse momento para dizer a ele e forçá-lo a confrontar o choque e a fúria rapidamente, mas ainda desejava cometer o assassinato que todos esperavam.

Sean observou quase distraidamente enquanto Arcôt selecionava uma pistola do estojo que Gil lhe oferecia. Com Levet, seu segundo, de pé atrás dele, o francês parecia determinado, mas pálido, mesmo na névoa cinzenta e fria do amanhecer. As árvores envelhecidas do Luxemburgo pairavam como fantasmas druídicos na névoa que se espalhava para fora do rio. Esquilos correram pelo chão e patinaram com pequenas garras que arranhavam a casca dos galhos, onde eles espiaram nervosamente os cinco homens que silenciosamente ocupavam posições abaixo na grama úmida e prateada. Os cocheiros das duas carruagens cochilavam em seus bancos, cabeças caídas. No alto de uma castanheira, um único pássaro emitiu um aviso para sua tribo silenciosa. Então uma voz começou a contar e o pássaro ficou em silêncio. No comando, os dois homens armados se viraram, apontaram e atiraram. As cabeças dos cavalos ergueram-se com relinchos baixos e os animais dançaram inquietos, depois se acomodaram, tranquilizados por mãos familiares em suas rédeas. Muito antes de se acalmarem, um duelista estava deitado de costas, a camisa branca sem manchas de sangue. Confuso, seu segundo se ajoelhou ao seu lado enquanto os outros homens se aproximavam. Então Levet viu o vazio negro e quente onde o olho esquerdo de Arcôt estava e olhou para cima com uma voz rouca.

— Seu bastardo de sangue frio!

Culhane não disse nada, simplesmente substituiu sua arma em seu estojo enquanto Gil puxava gentilmente o outro dos dedos do homem morto.

Enquanto a carruagem rolava pesadamente sobre o terreno irregular do parque, Gil abruptamente tirou o manto de Sean do braço esquerdo. Uma manga estava impregnada de sangue. O jovem francês xingou.

— Eu pensei que ele tivesse você. Graças a Deus Marius e Levet estavam muito chateados para notar.

— É apenas um arranhão.

Gil franziu a testa.

— Se Arcot não estivesse tão tenso, ele poderia ter feito um trabalho melhor; mas, então, ele queria viver. — Ele inclinou a cabeça. — Você não se importa muito, não é? A menina é tudo o que importa.

— Essas lutas ficarão feias, Gil, — disse Sean, impassível. — Claro, e você quer vir junto?

Gil olhou a máscara cuidadosa de seu amigo.

— Eu sei que você foi brutal para desencorajar os adversários. É com você que eu estou preocupado, não sabe disso?

O irlandês não respondeu, mas a máscara desapareceu e, para Gil, foi o

suficiente.

No momento em que Culhane chegou a Madeleine, seu braço latejava dolorosamente, e ele ficou aliviado ao encontrar Mei Lih ali. Sem protestar, ele a deixou limpar sua ferida. Seus dedos estavam frios em sua pele nua; ele tentou não pensar na maneira como se sentia. Embora ele sempre a quisesse, não a tomara desde que estivera morando em Madeleine. Ele tentou relaxar, mas as pontadas que atravessaram seu braço cada vez que ela arrancava um fio do sulco o mantinham tenso. Finalmente, ela limpou a fissura com uísque. Depois de enfaixá-lo, ela começou a se afastar com a garrafa. Ele pegou o braço dela.

— Espere. — Ele deu um longo puxão na garrafa, depois a devolveu. — Obrigado pelos cuidados.

A oriental olhou para o homem que se elevava sobre ela.

— Tenho a honra de servi-lo, meu senhor.

De repente, Sean quis levantá-la contra ele como uma criança e beijá-la.

Sinta o longo curso de seu cabelo passar por seus dedos. Faça amor com ela, então durma com seu pequeno corpo curvado contra o seu como um gatinho. Como Kit.

Sem uma palavra, foi recolher os diagramas de artilharia e pôs-se a trabalhar na mesa do seu quarto. No final da tarde, ele se jogou na cama, uma dor familiar batendo atrás da cicatriz perto do olho esquerdo. As dores de cabeça eram menos frequentes agora, retornando apenas quando ele forçava os olhos.

Ele estava quase dormindo quando sentiu Mei Lih puxar suas botas. Quando ela passou a se despir, ele cooperou com indiferença, quando ela jogou um cobertor sobre ele.

Era noite quando ele acordou parcialmente para encontrá-la sentada ao lado da cama. Serena como um lírio de prata ao luar, ela parecia tanto com Catherine nas sombras que ele sentiu uma pontada de desejo.

— Não há necessidade de vigiar, Mei Lih, — ele murmurou. — A ferida é leve.

— Não, meu senhor. A ferida é profunda, — ela respondeu suavemente. — Você pode morrer disso, eu acho.

Ele percebeu que ela não estava falando do corte enfaixado.

— Talvez, — ele concordou em voz baixa. Obviamente, fora de si com autocomiseração e bebida, ele balbuciou mais do que deveria na noite de núpcias de Catherine.

— Deixe-me dar-lhe paz, meu senhor.

Ele tocou a bochecha dela.

— Como você é adorável. Eu não quero te machucar. Como posso fazer você entender?

Ela segurou os dedos dele contra seus lábios, então sorriu pela primeira vez, permitindo que ele passasse por sua reserva impenetrável.

— Como uma menina de família pobre, eu fui dada às Irmãs de Saint Marguerite em Saigon e educada. Eu esperava muito ser uma freira. Quando eu tinha doze anos, meu pai exigiu meu retorno. Ele me vendeu para um pavilhão de amor onde permaneci até que um oficial da marinha francesa me trouxe a Paris. Em um ataque de embriaguez, ele me vendeu para um lugar chamado Antime's para pagar suas dívidas.

Sean ouvira falar do Antime's, um buraco de ratos à beira do rio. Cansado, ele se perguntou que tipo de homem condenaria outro ser humano a esse inferno vivo.

— Felizmente, eu fiquei lá apenas alguns dias. O oficial tinha primeiro tentado me vender para Madame Hortense; que disse que só depois de ter certeza de que eu não contrai uma doença, me acolheu. — Ela acariciou sua palma aberta. — Desde o convento, ninguém se preocupou com meus sentimentos. Só você.

Ele balançou a cabeça, sua voz baixa e sem graça.

— Você está errada, p'tite. Eu usei você.

Inesperadamente, ela sorriu de novo e inclinou a cabeça.

— Porque você vê em mim a ilusão de alguém negado a você? Talvez eu seja um presente de Deus.

Seus lábios se contorceram na escuridão.

— Uma teoria interessante, ma petite philosophe. Será que vai aliviar a dor quando eu deixar escapar o nome errado, como aparentemente eu fiz antes?

— Há muito tempo, entreguei meu coração a Deus. Ele não se importa em compartilhar.

— Você tem certeza de que esta é uma maneira aceitável de salvar a alma de um pecador? Eu nunca vou te ver como uma freira.

— Uma freira não é o que você precisa, — disse ela com firmeza, com um brilho nos olhos que o assustou, — Deus sabe o que está fazendo.

O protesto final do irlandês foi interrompido pela suavidade de sua boca na dele.

Apesar da resignação de aço de Catherine, Amauri viu nela uma selvageria crescente que ameaçava seu frágil arranjo. Abrupta para os servos, taciturna ao ponto de hostilidade, ela percorria a casa como um animal enjaulado. Dificilmente uma promissora cortês, ele decidiu. Nesse ritmo, Napoleão seria adiado. Devem ser tomadas medidas para acabar com o problema.

Uma visita a Madeleine estava fora de questão, então, como se fosse uma luta de exercícios, Amauri foi para a escola de esgrima de Lavalier. Depois de assistir o irlandês em uma troca brilhante com o mestre Gascon, Amauri convidou-o para uma bebida.

Bêbado de pedra, o jovem francês chegou em casa bem depois do jantar. Silencioso e moroso, Culhane retornou a Madeleine. Cada um, determinado a extrair informações do outro, conseguira meramente adquirir os requisitos para uma ressaca cerebral. Quando foi posto na cama por sua esposa, Amauri lembrou-se de uma coisa: o objetivo de sua visita a Lavalier. — Culhane vai a ópera de Tomorra esta noite. Apenas um *menage à trois* acolhedor para obrigar a minha esposa fazer o que quero. — Ele puxou a cabeça desajeitadamente para beijá-la antes que desmaiasse com um sorriso torto.

Sóbrio, com os traços de uma dor de cabeça ainda espreitando em suas têmporas, Amauri achou a presença de seu rival bem menos fácil de se livrar quando ele e o irlandês flanqueavam a cadeira de Catherine em um camarote na Ópera. Antes de saírem para o teatro, ele havia servido conhaque a Culhane na sala de estar, enquanto Catherine terminava sua *toilette*. Ele insistiu para que ela usasse seu vestido mais bonito e sedutor, e quando ela entrou na sala, ele se sentiu triunfante. Catherine escolhera a renda preta de Alençon perigosamente decotada. Além de seus anéis, ela usava apenas um par de magníficos brincos de diamantes em suas orelhas. Mas quando Raoul viu o desejo faminto nos olhos brevemente desprotegidos do irlandês, ele percebeu que sua esposa poderia ter usado trapos. E os olhos de Catherine, que Raoul só vira ultimamente como safiras frias e brilhantes, aqueceram-se com ardência profunda enquanto ela olhava para o irlandês; então seu anseio derreteu a infelicidade total dentro de um piscar de olhos. Raoul pretendia lembrá-la de seu amor por Culhane com tanta força que ela jamais ousaria resistir a Napoleão. Agora, tudo o que ele sabia era que Culhane tinha seu amor e nenhum outro homem poderia implorar, pedir emprestado ou roubá-lo.

Ele olhou para cima automaticamente quando a orquestra terminou a abertura de *Alceste* e o corpo de baile rodaram em seus primeiros passos. Por que diabos ele tinha que ter se casado com uma beleza delirante que fazia outras mulheres parecerem insípidas?

Para Catherine e Sean, a performance era uma tortura, sua frustração quase tangível sob as máscaras indiferentes que haviam usado quando passaram pela multidão do saguão e subiram a escada até o camarote. O manto negro *moiré* de Catherine formava uma folha dramática para o homem alto de preto ao seu

lado, e Amauri percebeu que havia errado ao ordenar a renda preta. Em seu azul e escarlate, ele mesmo parecia ser a escolta perdida.

Como as cadeiras douradas dos dois homens estavam ligeiramente atrás das dela, Catherine não conseguiu ver Sean sem virar a cabeça. Mas ela sentiu ele na escuridão. Realidade quente. Sentiu sua proximidade como se suas mãos acariciassem sua pele. Sentiu seu batimento cardíaco como se estivesse sob sua orelha. Quão cansado ele parecia. Quão tenso e cauteloso, como se segurasse o mundo à distância. Ela poderia ter chorado quando se lembrou dos esforços tímidos que ele fez uma vez para encontrar pessoas no meio do caminho. Sua solidão agora era tão transparente que ela desejava tocá-lo, mesmo que fosse apenas para pegar sua mão como amiga. E quão transparente era a razão de Amauri para essa farsa miserável.

Pensamentos sombrios que a haviam atormentado durante semanas passaram por seu cérebro. Se ela avisasse Sean, ele perceberia seu perigo e se recusaria a deixar a França. Se ele se fosse ou ficasse, eventualmente saberia se ela se tornasse amante de Napoleão. Ele faria algo desesperado e seria morto. E se ele ficasse em Paris, mais cedo ou mais tarde Amauri o destruiria de qualquer maneira. Parecia haver apenas uma coisa a fazer; ela deve machucá-lo para mantê-lo vivo.

Tonto pelo aroma sutil do perfume de Catherine, Sean lembrou-se de vislumbrar as rosas de seus mamilos sob o corpete de renda enquanto beijava a mão dela em sua sala de estar. Ele não se atreveu a insistir no pensamento antes, mas agora foi direto para sua virilha. Enquanto tentava desviar sua mente, Catherine estendeu a mão e pegou a mão do marido. Sem o olhar de surpresa de Amauri antes que o francês sorrisse de volta para ela, Culhane sentiu o ciúme chacoalhar através dele como uma cobra furiosa. Ele tentou lutar contra a fúria. Afinal, ela se casou com o homem. Eles fizeram muito mais do que dar as mãos; então, quando imaginou isso, quase ficou furioso.

Enquanto observava as pequenas e afetuosas atenções de Catherine para Amauri durante o restante da apresentação, Sean sentiu que ela amava seu marido. Ele estava totalmente despreparado para sua rejeição empilhada em cima da hostilidade que ele conheceu em todos os lugares. Ele sentiu como se fosse algum planeta morto sem nome, cegamente se afastando de seu sol.

Então sua mandíbula se fechou. Ele não tinha mais nada a perder, mas Catherine tinha uma chance. A menos que Amauri se mostrasse o fantoche de Napoleão. Catherine gostaria de saber a verdade, não importa o quanto doesse. Mas ele poderia machucá-la?

Quando os artistas pegaram seus últimos laços sob uma chuva de

flores, Amauri se virou com seu sorriso fácil e o braço nu de Catherine.

— Fomos convidados nos bastidores para conhecer a prima donna. Você vai gostar de Madame Wetzl, Sean. Ela é mais roué do que a maioria dos homens.

Sean conseguiu um sorriso evasivo e abriu a porta do camarote, sem olhar para Catherine quando ela passou por ele.

Madame Wetzl manteve a corte nos bastidores, seu rosto carnosos umedecido com suor sob maquiagem pesada. Catherine se sentiu esgotada. Ela fixamente olhou para a teia de cordas e polias no alto, empilhados, em qualquer lugar, mas também no rosto definido de Sean. A diva tinha descaradamente o olhar para cima e para baixo, em seguida, reivindicou seu braço, seu corpo em pó manchando sua manga.

Os casais que tinham voltado nos bastidores e Culhane, cauteloso e curioso, desarmou-se de maneira educada, conversando quando La Wetzl deixou uma palavra a mais. Catherine sabia que teria de enfrentar outras mulheres na vida de Sean, mas esse conhecimento não facilitava a situação, pois sentia o interesse elétrico das atraentes parisienses que disputavam a sua atenção. Até os dançarinos espiavam-no enquanto esfregavam sem inibição os rostos e os ombros bonitos e suados, erguendo os trajes de musselina como tantas borboletas caídas. Uma loira o olhava diretamente, e não fazia nenhum esforço para responder às brincadeiras feitas pelos ladinhos atenciosos.

De repente, Catherine olhou de volta, os olhos arregalados de espanto.

—Moora! —ela respirou. Ela escapou do aperto de Amauri. — Perdoe-me, Raoul; vejo alguém que conheço. —Ele observou curiosamente enquanto ela voava pelo palco para uma dançarina de cabelos dourados que a encontrava de braços abertos.

— Milady! —Moora soluçou com confusão e alegria. — Oh, minha lady!

— É simplesmente Kit para você e nunca se esqueça disso! Oh, você está maravilhosa! —Catherine abraçou-a com força, depois a olhou de cima a baixo. — Você é tão sofisticada! —Ela não exagerou. O cabelo loiro da garota irlandesa estava elegantemente preso em um rosto de porcelana dominado por olhos azuis impudentes que a faziam parecer uma boneca adorável e alegre.

— Eu sou Marya Alexandrovna agora, querida, — Moora respondeu grandiosamente com um forte sotaque russo. —Eu vivo com vodka e caviar, escorrego em lençóis de cetim cobertos com rosas, e mato homens como mosquitos. — Ela sorriu maliciosamente. —O único problema é: o peixe cru ainda me irrita, tenho arranhões de espinhas e deslizo para fora da cama a noite inteira. — Ela encolheu os ombros. —E que uso tem uma mulher apaixonada para enxames de homens?

— Você está apaixonada? Que maravilha! Quem é o sujeito sortudo?

— Existem três na verdade; eu simplesmente não tenho coragem de descartar nenhum deles.

Catherine riu.

— Sean avisou que você levaria uma vida de pecado como um pato para a água!

Os olhos de Moora deslizaram pelo ombro de Catherine.

— É ele, não é?

— De carne. Ele ficará tão feliz em vê-la... mas, pelo amor de Deus, se comporte, ou ele nunca me deixará ouvir o final disso.

— Eu sabia que você o conquistaria! — Moora disse triunfante, voltando com o sotaque. — Você vai estar olhando para essa pedra no seu dedo! Eu sabia que ele estava perdido quando ele a puxou para fora daquela lagoa. Com medo como um bobo.

— Moora, sua mãe não te escreveu? — cortou Catherine, seu sorriso escorregando.

— Nós estivemos em turnê. A trupe acaba de abrir em Paris há uma semana. Com a guerra e tudo, eu imagino que tenho cartas esperando em seis cidades.

Moora roubou outro olhar para a multidão Wetzl.

— Por um minuto eu fiquei preocupada quando te vi com o General Amauri. É um caçador de saia! Ele está atrás de todas as garotas da corporação!

— Ele é meu marido, Moora, — disse Catherine baixinho, — não Sean.

Moora ficou branca.

— Oh, Senhor, o que posso dizer?

Catherine sorriu fracamente.

— Nada. A infidelidade de Raoul não é surpresa.

Lágrimas vieram aos olhos da menina.

— Mas por quê? E Culhane? O que está fazendo aqui se ele não está com você? — De repente, seus olhos caíram para a barriga suavemente protuberante de Catherine e ela ficou em silêncio desajeitadamente.

— Não podemos conversar aqui, — disse Catherine. — Podemos nos encontrar amanhã?

— Podemos ir para o meu alojamento depois da matinê.

— Eu estarei lá. Agora, venha e veja Sean. — Os dedos de Catherine de repente afundaram em sua mão. — Ele deve saber que algo em sua vida foi um sucesso!

CAPÍTULO 28

UMA MÚSICA DISTANTE

Sean terminou seu último desenho. Inspeccionando cada diagrama de armamentos franceses, ele rabiscou anotações sobre eles. Enrolou os desenhos e os inseriu nos barris das pistolas de duelo.

Ele recolocou as pistolas no estojo, passou a capa por cima do ombro e colocou um chapéu na cabeça. Depois de apagar a lâmpada, ele checkou as janelas que davam para a rua. O homem estava lá; sem dúvida, seu confederado estava no pátio dos fundos, como de costume. Eles eram o pessoal de Fouché, que tinham assustado os esquentadinhos que passeavam por aí.

Rapidamente, Culhane amarrou as botas em volta do pescoço. Como um fantasma, esgueirou-se pela janela de um beco com o estojo de duelo em um alforje por cima do ombro. Ele se arrastou até o telhado através da corda amarrada em volta da chaminé; provou ser útil evadir os amigos de Javet. Agora sobre os telhados para uma rua lateral, depois para Gil, onde ele hospedou Mephisto. Seria uma longa viagem até Sylvie, em Calais. Ela entregaria os desenhos, ironicamente, para a Inglaterra.

Uma semana depois, após o retorno de Sean a Paris, Napoleão reviu seus últimos projetos de artilharia. Seus olhos cinzentos não refletiam o elogio deles, no entanto; e ficou indiferente quando Sean novamente recusou sua oferta de patente de coronel no exército.

— Sem dúvida uma decisão sábia, — observou Napoleão friamente. — Bons duelistas fazem soldados pobres.

Sean esperou, a tensão picando seus músculos.

Napoleão sorriu fracamente.

— Se eu te culpasse por esses duelos, qualquer que fosse a causa, Monsieur Culhane, você estaria na prisão; no entanto, a perda de suas habilidades me incomodaria. O tenente Tourney, o atual desafiante, vai se desculpar publicamente com você na Maison Thais a noite; espero que você o obrigue por estar lá para aceitá-lo graciosamente. — Ele coçou o queixo com a pluma. — No futuro, o instigador será preso. Espero que você entenda minha posição.

Sean saiu do escritório com um sentimento de desconforto, não por causa

da admoestação sobre o duelo; mas porque Napoleão o examinara com tanto cuidado quanto um jogador que suspeitava de uma fraude. Aparentemente Bonaparte não tinha nada de incriminador ou ele não o teria mandado para assistir a mais um teste secreto. Mas por que o escrutínio súbito?

Apenas momentos depois, com um sentimento doentio de medo, ele achou que sabia a resposta. De um salão no corredor, ele ouviu música, a peça de Mozart que ouvira Catherine interpretando em Shelan. Ela estava tocando agora; ninguém mais tinha seu toque especial. Ele seguiu o som, apenas para ser parado na porta do salão por um guarda.

— Desculpe, senhor. Estas são salas privadas.

— Madame Amauri está tocando?

— Sim, senhor, acredito que sim. —O comportamento severo do guarda quebrou. — Bonita, não é?

— Sim, muito.

Quando Sean virou para sair, a porta se abriu. Josephine estava parada em musselina de champanhe.

— Ah, eu pensei ter reconhecido sua voz, Monsieur Culhane, — ela murmurou. — Eu não tinha certeza, sobre a música. Você não vai entrar? Sua cunhada está nos entretendo com sua maravilhosa virtuosidade. Tenho certeza de que vai ficar chateada se você não parar para falar com ela.— ela adicionou, mas percebeu a hesitação de Sean.

— Você é muito graciosa, madame. —Enquanto ele a seguia até a sala, ele notou que o guarda havia retomado sua habitual expressão rígida.

O fluxo adorável de música terminou em uma nota dissonante quando Catherine olhou para cima. O desânimo atravessou seus traços, depois se misturou rapidamente com a luz dourada brilhante que fluía das janelas atrás do piano quando ela se levantou para cumprimentar o irlandês.

Por um momento, seu vestido de renda cor de manteiga, com um pequeno babado enfiando no pescoço baixo e nas mangas, parecia parte da luz do sol. Um buquê de seda creme com um único botão de rosa combinando rodeava sua garganta esbelta.

— Você me assustou, — ela disse levemente, enquanto amaldiçoava silenciosamente o malicioso capricho de Josephine. — Mas que surpresa maravilhosa. Você vai se juntar a nós para o cacau? Se você não ficar, vamos começar a fofocar novamente. Conhecemos os pecados de todos, assim como os nossos. —Ela estendeu a mão friamente, mas quando Sean roçou seus lábios contra ela, sua máscara cuidadosamente colocada como a dela própria, quase perdeu sua compostura duramente conquistada. O desejo de tocar o cabelo dele era tão intenso que ela se sentia fraca. Que bonito ele parecia em seu terno

cinza, quão alto e charmoso. Ela bebeu-o com os olhos enquanto trocavam comentários triviais e Josephine apresentou-o às outras damas, que estremeciam como pombos empoleirados com um lobo no meio deles até que ele preguiçosamente as encantou em uma onda de entusiasmo fascinado.

Quão fácil ele fazia as mulheres se dobrarem para ele, pensou Catherine com uma pontada de ciúme. Enquanto ela o observava se sentar em uma cadeira frágil e saborear o cacau, que ele detestava, sentiu uma onda de ternura por ele e uma onda menos amistosa de pura possessividade.

Josephine lançou-lhe um olhar malicioso. Catherine brincou preguiçosamente com um fio de cabelo e deu à mulher um olhar. Mas quando Sean se despediu meia hora depois, ela murchava como se o brilho da manhã tivesse ido com ele, e Josephine não pôde resistir a uma provocação.

— Talvez devêssemos convidar Monsieur Culhane com mais frequência. Ele parece fazer você ganhar vida.

— Ele tem esse efeito em todas as mulheres que conhece, — retrucou Catherine docemente. — Você pode querer remover o seu rouge; tem um brilho sem ele hoje.

De mau humor, Sean deixou os testes de foguetes na Polytechnique. O desconforto que sentira durante a entrevista com Napoleão fora radicalmente intensificado pela visão de Catherine tão intimamente ligada a Josephine. Napoleão deve vê-la regularmente. Como um homem poderia ajudar, mas a queria quando ela parecia crescer mais bonita a cada dia que passava? A gravidez fez a pele dela florescer e seus olhos brilhavam com uma espera silenciosa que o encheu de admiração. O desânimo austero em seu rosto em sua visita incomodou-o, mas seu ligeiro tremor de culpa o perturbou ainda mais: aquilo e o minúsculo botão de rosa branco no pescoço dela. Visões de rosas brancas com aromas avassaladores encheram sua mente, e a lembrança do comentário de Madame Amauri de que Catherine não permitiria rosas brancas em seu quarto.

O pedido de desculpas do tenente Tourney foi breve e Culhane aceitou-o brevemente, prolongando a humilhação do jovem mais do que o necessário. Napoleão enviara vários oficiais para acompanhar o tenente, o que aumentava seu embaraço. De agora em diante, poucos militares estariam ansiosos para desafiar o irlandês ao custo de suas comissões — e seu orgulho — no mínimo. Infelizmente, a tática de Napoleão também agitou o ressentimento.

Depois disso, Culhane foi visto com várias dançarinas e uma atriz ou duas, e Josephine balançou a cabeça.

— Realmente, tornou-se chique aparecer com o seu cunhado. No menos para as mulheres de uma certa reputação, — acrescentou ela maliciosamente enquanto pegava sua xícara de chá.

— A maioria das mulheres célebres tem uma certa reputação, se alguém acredita em fofoca, — Catherine disse calmamente, determinada a não deixar Josephine detectar sua mágoa, embora ela mesma tivesse pedido a Moora que levasse Sean para baixo.

— Sim, eu ousou dizer que você atraiu alguns rumores.

— Eu não saberia. Até agora, ninguém foi rude o suficiente para repeti-las na minha cara. — Catherine provou seu próprio chá. Estavam sozinhas no pequeno e ensolarado salão que ficava ao lado do quarto de Josephine, onde se revezavam lendo Villon uma para a outra.

— Seu cunhado não teve tanta sorte, — disse a crioula enquanto servia mais chá. — Todos os tipos de pessoas foram rudes com ele. Afinal, ele lutou dois duelos em menos de dois meses e foi desafiado para um terceiro. Bonaparte está bastante irritado.

Catherine ficou branca.

— Ele está duelando?

— Você deve ser a única pessoa em Paris que não ouviu falar!

— O primeiro foi sobre a amante negra de um dos oficiais do quadro do seu marido. Os dois lutaram apenas horas depois do seu casamento.

Raoul olhou friamente para a esposa enquanto ela olhava para ele, tensa de fúria. Ela o abordara no momento em que ele retornara de Longchamps. Agora eles estavam trancados sozinhos e sua acusação imediata o incomodava.

— Eu não sou responsável pelos pecadilhos do seu rufião de estimação.

— Javet era um dos seus oficiais, — disse ela com firmeza. — Por que você não interveio?

— Culhane o desafiou. O que você esperava que eu fizesse? — Seus olhos se estreitaram maliciosamente. — Se você ouviu falar sobre essa luta, você deve ter ouvido falar sobre Irenée também.

— Irenée?

— A amante africana de Javet e não finja que você não sabe. Isso é o que come em você, não é? Bem, agora ele está ocupado com uma prostituta indochinesa e sua procuradora. Eu tive a indochinesa. Ao lado dela, você é tão excitante quanto um trapo molhado!

— Não critique muito meu pelo encharcado, — ela disse. — É tudo o que liga você à sua próxima promoção.

Com cautela, ele a olhou.

— Você não faria nada estúpido?

— Claro que não, — ela respondeu friamente. — O que quer que Sean faça, tenho meu filho a considerar.

Raoul sentiu uma onda de esperança. Talvez o irlandês pudesse ser desalojado de seu coração, afinal. Ele serviu dois copos de xerez e depois entregou um para ela.

— Não, obrigada.

— Pegue. — Ele pressionou o copo nos dedos dela. — É bom para você. Ordens do médico, lembra? — Ele se inclinou contra a lareira. — É tolice para nós brigarmos por Culhane. Há coisas que você não sabe sobre ele.

— Mesmo? — Ela ignorou o vinho.

— Você sabe o que aconteceu com ele naquela prisão?

— Ele foi torturado.

— Você já se perguntou por que ele não foi torturado até a morte?

— Se você o tivesse visto depois de jogá-lo nu na neve para morrer, você saberia como essa pergunta é estúpida para mim.

— Seu precioso amante se tornou o sodomita dos guardas da prisão para salvar seu pescoço, apenas por uma vez ele subestimou seu apelo. O coronel se cansou dele.

— De fato?

Raoul deveria ter sido avisado por sua falta de surpresa, mas ele atribuiu isso ao controle dela.

— Aparentemente, Culhane não pode esquecer sua experiência na prisão. Ele ainda tem mulheres, é claro, mas um de seus amantes é um jovem, Gil Lachaise.

— Isso seria... um capricho de sua natureza ser responsável por alguns dos outros duelos? Quero dizer, as pessoas devem estar falando...

Amauri saltou com a sugestão.

— Eu até ouvi Murat falar disso. Tenho certeza que todos já ouviram falar...

— Graças a você, petite, — ela murmurou ameaçadoramente.

— Eu? — Amauri parecia genuinamente surpreso. — Como você pode me culpar? Culhane e Lachaise são vistos em todos os lugares juntos. Não parece tão estranho que Culhane seja visto com tantas mulheres, mas apenas um homem?

— Não é nada estranho, depois do que você fez com ele, você está se esgueirando! — ela sussurrou, todo seu comportamento mudando para a de uma tigresa circulando sua presa. — Só há um lugar onde uma mentira imunda poderia ter começado. — Olhos como fogo congelado, Catherine avançou para o marido. — Sean quase foi espancado até a morte naquela prisão porque não

quis se submeter. Ele foi baleado tentando escapar de ser destruído em uma sela.

Deliberadamente, ela jogou o xerez no rosto de Amauri e quebrou o copo. A taça quebrada apontou irregularmente para ele.

Seus olhos se estreitaram.

— Você está louca?

— Não, — disse ela sem rodeios, — mas eu tenho sido. E eu matei antes também. Meu próprio marido, na verdade. Ele não morreu heroicamente. Ele era tão cruel, quanto desagradável, tão egoísta quanto você. E se eu fosse te matar, — ela continuou suavemente, — digo, alguma noite, quando você rastejasse na minha cama, todos pensaria que eu enlouqueci de novo. E, eu ficaria feliz em passar meus dias em um hospício relembrando o prazer de cortar sua garganta.

O rosto de Amauri ficou cinza.

— Não esqueça que posso prendê-lo, — ele resmungou com voz rouca, — e aquela prostituta também.

Inesperadamente, ela sorriu.

— Vá em frente. O que você nos deu para viver, afinal?

— Você está louca!

Ela riu quase alegremente e jogou a taça no fogo, onde se estilhaçou; então ela se virou e sussurrou: — Apenas mantenha suas portas trancadas, marido.

CAPÍTULO 29

O RATO DE VENEZA

Culhane prestou pouca atenção ao magro e escuro estranho que o observava lutar, mas notou a falta de concentração de seu oponente. Ele pressionou Lavalier com mais força para forçar sua atenção, mas o francês recuou e finalmente deu um aceno irritado de mão.

— Suffit, suffit. Isso é tudo por hoje.

Sean baixou a lamina.

— Qual é o problema?

O estranho sorriu levemente e se afastou para se juntar a três policiais que estavam no canto. Ele disse alguma coisa, usando uma mão expressivamente. Com uma risada baixa, os homens deslizaram olhares na direção de Culhane.

Lavalier olhou para eles com desagrado agudo.

— O que há de errado? — o irlandês repetiu em voz baixa. — Quem é ele?

O Gascon enfiou a folha na prateleira e tirou a máscara.

— Antônio Neri. Já ouviu falar dele?

— Eu deveria? — Sean colocou seu equipamento.

— Pegue seu casaco e venha comigo, — disse Lavalier abruptamente.

— Se importa se eu perguntar para onde estamos indo?

— Eu preciso de uma bebida. Eu sugiro que você tenha uma também.

Lavalier brincou com o copo e olhou para as profundezas. Embalandando sua própria bebida, Sean esperou pacientemente, examinando os outros ocupantes do café sujo de Pascal. Pascal era o lugar favorito de Lavalier.

— Merde. — Lavalier derrubou a maior parte de seu copo. Ele acenou para o proprietário trazer outro. — Você está em apuros, ami, — ele anunciou sombriamente. Sean sorriu fracamente. — Não, não como antes. Neri é um veneziano. Um profissional. Ele foi chamado para matar alguém e acho que é você.

— Assim?

— Então, ele é bom; alguns dizem o melhor. Ele também é muito caro. Eles devem ter pagado uma nota para trazê-lo.

— Os militares

— Eles não têm permissão para lutar com você; isso os humilha.

— Muito ruim. Além disso, se ele me desafiar, Fouché estará sobre ele como um tiro.

— Neri nunca desafia. Ele não é bobo. Você vai ser o único a desafiá-lo.

Os dois homens ficaram momentaneamente em silêncio enquanto Pascal, o proprietário, trouxe a bebida de Lavalier. Deu um olhar de desaprovação para o copo cheio de Sean e foi embora.

— Eu não vou desafiá-lo, — Sean disse suavemente para Lavalier. — Eu não vou parar na prisão.

— Oh, você vai lutar com ele. Ele vai encontrar uma maneira de fazer isso.

— Vou usar meu sorriso mais atraente quando ele me insultar. — A amarga referência aos rumores pervertidos sobre ele envergonhava Lavalier, e o irlandês lamentou sua observação. — Olha, ele pode me chamar de qualquer coisa que ele gostar. Eu tenho uma pele dura.

— E a sua cunhada? Ela tem uma pele dura também?

Culhane enrijeceu.

— Entende? — Lavalier murmurou, depois encolheu os ombros. — Talvez ele não se atreva a envolvê-la. Napoleão ouviria sobre isso.

Os olhos de Culhane se estreitaram.

— Por que Napoleão deveria se importar com Kit quando Josephine é chamada de prostituta pelo mundo inteiro?

Lavalier olhou para ele impassível.

— Josephine está protegida por sua posição. Nenhum abuso de sua reputação pode derrubá-la a menos que Napoleão a deixe. — Gascon continuou como se Sean ainda não estivesse olhando para ele. — Neri é um excelente estilista, mas ele pode reverter para as táticas da sarjeta. Cuidado com os pés dele. Ele também usa veneno na sua lâmina.

— Por que Napoleão deveria se importar com Kit? — repetiu o irlandês suavemente.

— O amante atual de Josephine às vezes fofoca. Ele disse que a lady tem medo da comtesse. E ela não tem medo das sombras.

Sean olhou fixamente para algum ponto entre a orelha de Lavalier e o infinito.

— Então o bastardo a vendeu...

— Sean, se você for por Amauri, Napoleão vai te jogar na prisão até você apodrecer. Você não terá utilidade nem para ela nem para a criança.

— Eu vou buscá-lo. Se não hoje, então outro dia mesmo que eu tenha que cortar sua garganta em um beco.

No dia seguinte, ao voltar da esgrima, Sean mal tinha aberto a porta quando

ela se abriu do lado de dentro. Agachou-se em direção à sua faca enquanto a porta se movia para dentro. O rosto assustado de Mei Lih em sua abertura não fez nada para dissipar sua prontidão para atacar.

— Meu senhor, você deve vir depressa! Seu amigo foi ferido!

Moora impacientemente empurrou Mei Lih para o lado.

— Gil Lachaise foi insultado em uma briga enquanto saía da École Militaire. Era Neri. —Então ela acrescentou sem jeito: — Ele acusou Gil de ser seu amante.

Com o rosto contorcido, ele se virou.

Mei Lih gritou atrás dele: — Não vá desarmado! Volte!

Antonio Neri estava jantando no Justine's com três policiais em uma sala privada. Belo como um El Greco, ele manteve-se cortesmente, seus companheiros também se levantando, enquanto Culhane e Lavalier foram conduzidos ao quarto por um garçom. Neri era um pouco mais jovem que Sean, uma cabeça menos alta e menos ombros, mas ele era tão alerta quanto um furão.

—Buona sera, signori —, disse ele facilmente, curvando um dedo para o garçom para se demorar. — Você vai se juntar a nós? A vitela é particularmente boa hoje à noite.

— Obrigado, não, — retrucou o irlandês, — mas você deve aproveitá-lo antes que esfrie. Não há motivo para arruinar sua última refeição.

Neri acenou para o garçom.

— Você está me desafiando, signore? —ele murmurou depois que a porta se fechou.

— Você não me deixa muita escolha. Monsieur Lavalier vai atuar como meu segundo.

— Estou a sua conveniência.

— Será que o pátio atrás do Convento das Ursulinas à meia-noite combina com você?

— Admiravelmente. —Ele gesticulou para o homem à sua direita. — O coronel La Rousse será meu segundo. Os capitães Marquand e Rossiers observarão, se você não se importar. Você pode, é claro, convidar seus próprios amigos, se desejar. Eu sugiro rapieiras. — Seus olhos se voltaram para a arma parcialmente escondida pelo manto de Lavalier. — Ah, sim. Eu vejo que você antecipou a minha escolha. —Ele se curvou ligeiramente. — Até a meia-noite, signori.

O pátio das Ursulinas, normalmente deserto à meia-noite, parecia uma

feira. A notícia do duelo passou como um incêndio e os policiais cercaram a corte. Entre eles estavam mulheres de máscaras e capas com capuz. Tochas em suportes ao longo das colunatas de pedra arqueadas e lampiões entre os espectadores davam luz esporádica. Mais lampiões balançavam como vagalumes por jardins parecidos com parques, que faziam fronteira com as entradas da corte, enquanto os últimos recém-chegados percorriam o caminho de antigas árvores floridas e canteiros de flores.

Os lábios de Lavalier se curvaram em desgosto enquanto ele olhava para a multidão. Uma das mulheres trouxe seus óculos de ópera.

— Voyeurs. Eles acham uma matança melhor entretenimento do que a Opera Buffa.

Encostado a uma coluna, com os braços cruzados sobre o peito, sua alta companhia olhava para o espaço como se não percebesse a multidão sombria, seus murmúrios e risadas se elevavam no ar úmido da noite. O aroma de limão e lilás vinha do jardim, seus perfumes inebriantes incongruentes com as paredes sombrias. A arcada alinhava os três lados da quadra de tijolos; o quarto lado, ao longo do jardim, era cercado por ferragens ornamentais com um portão do Carrousel ocupado isoladamente pela construção do novo Rue de Rivoli e Rue de Castiglione, o tribunal, usados durante séculos para resolver assuntos de honra, oferecendo pouco perigo de interrupção oficial.

Um murmúrio de antecipação percorreu a multidão quando quatro silhuetas encapuzadas passaram pelo portão rangente da cerca de ferro; a figura na frente gesticulou graciosamente para a multidão, depois caminhou para o centro do pátio e virou-se ligeiramente para encarar o homem alto e imóvel nas sombras. Culhane se afastou da parede, tirou o casaco e o colete. Lavalier entregou-lhe o florete e depois seguiu-o para encontrar Neri, que agora estava preparado da mesma forma, o segundo ao seu lado.

O Coronel La Rousse fez uma oferta obrigatória aos dissidentes para reconsiderar honrosamente sua intenção de entrar em combate. A oferta foi educadamente recusada pelos dois homens. Os duelistas assumiram suas posições, braços elegantemente arqueados como mestres de esgrima em exibição. A ilusão foi rapidamente quebrada. Com a rapidez dos chocalhos se preparando para atacar, eles se separaram, soltando-se com um sinistro deslizamento de aço, enquanto cada um tentava, sem sucesso, prender a guarda do outro. Camisas brancas esculpidas à luz de tochas, elas circulavam com cautela, mal interagindo, brincando com as pontas das lâminas umas das outras, contadores minúsculos e aparas de toque de penas. Neri desenrolou-se em um ataque borrado, foi defendido e ripostado com a mesma rapidez e habilidade.

Muito rapidamente, Neri viu que o irlandês era tão mortal quanto ele. Nem

seu pulso nem sua cautela cediam. Ele teria que ser levado pela astúcia. Um impulso bem-sucedido e seu florete deixaria seu fardo leve de veneno oleoso no corpo de seu oponente; em minutos o irlandês vacilaria. A morte era inevitável, mas muito antes do veneno tê-lo morto, a vítima atordoada iria cair pela espada de seu oponente e parecer morrer de suas feridas.

O irlandês atacou. Neri reagiu e recuou ligeiramente, respondendo ao impulso seguinte com uma resposta, foi contra-atacado. Ele respondeu em remise. O irlandês defendeu-se, depois soltou-se inesperadamente, atacou com impaciência, com um zumbido de aço. Caindo para trás, Neri defendeu o ataque, investiu, mas no momento em que tentou um ataque, Culhane desengatou e em uma fração de segundo espetou-o no bíceps.

Um murmúrio desapontado subiu entre os observadores. Eles não esperavam que o irlandês tirasse o primeiro sangue. Nem Neri, e seu sorriso confiante se tornou sombrio.

Ignorando a picada em seu braço, Neri atacou com a concentração calculada de uma serpente deslizando atrás de um mangusto. O aço cuspiu fogo enquanto pressionava Culhane de volta para a extremidade escura do pátio, forçando seu oponente a confiar em sua silhueta iluminada para distinguir seus movimentos, enquanto Culhane ainda estava iluminado. Sean não viu com clareza o cachêe poussée³⁵ feito por Neri, e o italiano soltou uma gargalhada triunfante quando seu ponto passou pelo lado de Sean. A multidão gritou com aplausos suaves, mas quando Neri retirou sua espada com muita facilidade, ele percebeu seu erro. Culhane deslizou sob sua guarda para espetar sua coxa. Neri xingou quando ele cortou para baixo para bater o ponto afastado. Sentira falta do corpo do irlandês e rasgou a camisa já solta.

Neri, sabendo que cada momento era precioso, tentou todos os truques que aprendera em um beco sem saída. Ele começou a trabalhar de perto, pressionando, atraindo seu oponente para tentar por ele, usando seu corpo como um acrobata, tentando tropeçar ou chutar no corpo a corpo, usando a guarda da espada para tentar golpes violentos com aço. Mas Culhane era igualmente rápido e implacável. Eludindo um joelho em sua virilha com a habilidade de um gato, ele enfiou a guarda no diafragma do veneziano e dirigiu o calcanhar para o dorso de Neri, perdendo-o por pouco quando o italiano saltou para trás. Ele avançou rapidamente, pegando Sean desprevenido; mas o irlandês não só conseguiu recuar, em vez disso, aparecendo com força e, de repente, eles estavam entrelaçados, com os músculos tensos, o maxilar contra a mandíbula. Seus dentes brilhando à luz das tochas, Neri riu e recuou como seu oponente. Quando se separaram, Sean cortou o rosto de Neri. A multidão ficou em silêncio.

De repente, um sinal pré-arranjado percorreu alguns dos oficiais. Seus lampiões se abriram com um ruído de escudos que distraíam e Neri, com a vantagem das tochas, se voltou. Os culpados aplaudiram quando Sean, incapaz de afastar toda a força do ataque, cambaleou para trás, uma mancha escura no ombro dele. Então, enquanto a atenção de Neri se concentrava na matança, sua lâmina acidentalmente roçou a coroa do florete de Sean. Momentaneamente assustado, ele ficou desprevenido apenas o tempo suficiente para Sean responder, depois derrubou a lâmina do centro da ação. Sean se soltou e se lançou. Sua lâmina atravessou o peito do italiano.

O assassino pareceu surpreso, depois caiu nos joelhos quando Culhane libertou seu florete. Os lábios de Neri se apertaram, depois sorriram retorcidos pelo sangue.

— A morte cansou-se finalmente de seu amante complacente, mas não creio que ela seja mais fiel a você. — Ele ofegou e sangue escorria do canto da boca.

Sean olhou além do ombro para os homens que avançavam na escuridão. Ele ergueu o sabre para a garganta de Neri.

— Diga a eles, Neri. — Sua língua estava inchada. — Diga a eles que você mentiu sobre Gil Lachaise.

O sorriso de Neri ficou zombeteiro.

— Não tenho nada para me retratar, signore. Aquele que respira de dor, respira a verdade. — Com um grunhido, Culhane cortou sua garganta. Neri se adiantou caindo na calçada.

Com um brilho de um ladrão, a silhueta que avançava mais próxima puxou seu sabre, depois outro relampejou das sombras e outro. Sean se preparou, tentando separar sua mente do pulsar do ombro, tentando evitar que o chão ondulasse como um mar de tijolos. Gritos de — assassinato! — ecoou pelas paredes.

Os oficiais foram jogados em confusão.

— Temos que sair daqui!

— Não, mate ele!

Uma voz mais estridente rosnou: — Ele lutou bem apesar de suas malditas fraudes! Deixe-o em paz. Onde está sua preciosa honra agora? Saia daqui e pegue o que restou dela com vocês! — Era Lavalier, sua espada desembainhada.

A multidão se moveu, as mulheres se encolhendo em direção às saídas, pedindo que seus acompanhantes fossem com elas. Algumas das forças militares, chocadas com a quebra do código, juntaram-se à Lavalier; outros ficaram de pé, inseguros, enquanto os líderes davam uma gargalhada.

Lavalier olhou com raiva.

— Com todo esse barulho, a polícia virá. Vocês querem isso? Vão! Somente

suas consciências saberão o que vocês fizeram aqui esta noite!

Marquand pegou a manga de La Rousse.

— Venha. Olhe para o bastardo. Neri o envenenou. Ele está acabado, de qualquer maneira. Vamos, vamos!

Lavalier se virou para ver Culhane caindo devagar em um joelho, a cabeça balançando quando o florete escorregou dos dedos frouxos.

A multidão silenciou.

— Ele está acordando, — Lavalier murmurou enquanto seu próprio médico, doutor Mariot, limpava a ferida do irlandês. Os lábios e pálpebras de Sean estavam levemente inchados e azulados, a respiração ofegante enquanto ele se mexia.

O irlandês tentou se concentrar.

— Onde... o que está acontecendo?

Mariot olhou em seus olhos.

— Dilatada como um gato em uma caverna.

Lavalier mergulhou um pano em água fria e enxugou o rosto pálido do amigo.

— Você está na casa do meu irmão. Este é Louis. — Um homem magro, mais velho que Lavalier, mas com os mesmos olhos astutos, assentiu. Culhane tentou levantar a cabeça, mas uma dor surda passou por ele e se deixou cair no travesseiro. Seu corpo, longo demais para a cama, inclinou-se sobre ele com o pé esquerdo projetando-se entre as barras de latão. Seu ombro latejava de maneira doentia e ele praguejou baixinho enquanto o médico segurava vigorosamente o nó da atadura em seu ombro.

Lavalier colocou a mão em seu braço.

— Calma. Você foi envenenado, mas vai ficar bem. Descanse agora.

CAPÍTULO 30

VÉU DO ENGANO

Vozes iradas penetravam no sono drogado e agitado que Catherine havia sucumbido depois que Raoul a sedara durante a noite. Ela impacientemente jogou a mão sobre os olhos para apagar a luz, desejando que quem estivesse gritando fosse embora, então captou um traço de sotaque na voz mais alta. Seus olhos se abriram.

— Moora? — Ela lutou para uma posição vertical, depois, distraidamente, passou a mão pela testa enquanto as terríveis lembranças da noite anterior voltavam. Soltando as cobertas, ela levantou o corpo espesso da cama e tropeçou em direção à porta para abri-la. — Moora?

Ao pé da escada, Moora parou no meio da confusão, o guarda-sol empunhado sob o nariz indignado de Antoinette.

Antoinette virou-se para sua ama.

— Eu disse... lady... você não estava recebendo, madame. O general deu ordens estritas...

— Mas eu estou recebendo, Antoinette, — disse Catherine com um esforço. — Por favor, pegue o guarda-sol de Mademoiselle Alexandrovna. Vou chamá-la se quisermos alguma coisa.

Antoinette hesitou.

— Madame, você tem certeza de que se sente capaz de ter visitas? Você não está bem.

Olhando para a jovem abatida que se apoiava no batente da porta do quarto como se fosse a única coisa que a mantinha em pé, Moora sentiu-se inclinada a concordar com a serva.

— Obrigado pela sua preocupação, Antoinette, — disse Catherine calmamente, recolhida agora que sua cabeça estava começando a clarear, — mas eu gostaria de falar com minha amiga.

Segurando o guarda-sol rigidamente como um bastão de marechal enquanto andava até a cozinha, Antoinette se perguntou como uma imitação de torta russa poderia ser uma íntima amiga de sua ama.

Moora subiu os degraus. Em seu vestido de musselina lilás, ela poderia ter sido uma náíade Botticelli, exceto por seu chapéu de palha enfeitado com violetas.

— Que linda você está hoje, — disse Catherine suavemente, sua voz em algum lugar fora de si mesma. Que ironia para uma garota usar um gorro de primavera e violetas para ser uma mensageira da morte.

— Eu queria ser a primeira a chegar até você, — disse Moora lentamente, — mas vejo que você já sabe. — Ela parou do lado de fora da porta.

— Raoul me disse — disse Catherine, com os olhos dilatados pelo láudano. — Deve ter sido um entretenimento, como uma isca de urso. As pessoas foram vê-lo morrer. — Seus olhos ficaram mais escuros, assustadoramente desorientados. — Só que era menos do que um show o que eles esperavam. Ele tinha sido envenenado, sabe. — Ela olhou aturdida para a garota irlandesa. — Mas você sabe de tudo isso. Que idiotice a minha. Você veio me dizer que ele está morto. — Ela pegou o braço de Moora, sussurrando em voz baixa: — Onde ele está? Onde o levaram?

— Oh, Deus, — Moora respirou. Ela deslizou o braço ao redor da amiga, firmemente a puxou de volta para o quarto e fechou a porta. Como uma sonâmbula, Catherine não protestou quando a irlandesa ajudou-a a ir para a cama e vigorosamente esfregou suas mãos geladas. — Me escute. Sean está seguro, você está ouvindo? Vivo e seguro.

Os olhos de Catherine ficaram enormes e seus lábios tremeram.

— Não. Não minta. — Ela começou a soluçar impotente. — Eu não aguento mais. Eu ouvi...

— Eu posso imaginar o que você ouviu, não graças ao seu marido, — disse Moora com raiva, — e é verdade, lembre-se, mas ele não vai morrer. A ferida é um pouco mais do que um arranhão desagradável. — Ela sorriu para a expressão nos olhos de Catherine. — Abençoado coração irlandês.

Catherine caiu contra seu ombro.

— Oh Deus misericordioso.

Moora lhe deu um tapinha nas costas.

— Ele foi levado para um lugar seguro para se esconder até que o reboliço morra.

— Eu preciso vê-lo.

Moora sacudiu a cabeça.

— Você pode ser seguida. O corpo de Neri não será encontrado por algum tempo, — disse ela em uma voz que continha uma nota de prazer sombrio, — mas a notícia do duelo está correndo. Napoleão já pode saber. Fouché será obrigado a colocar um homem atrás de você para localizar Sean.

Uma triste resolução preencheu os olhos de Catherine.

— Não pode haver espera, Moora. Sean deve sair de Paris agora. Você vai marcar uma reunião.

Na manhã seguinte, Catherine, dizendo a seu cocheiro para retornar em uma hora, dispensou seu carruagem em frente a Notre Dame. Lentamente, caminhou até Saint Chapelle e subiu ao andar superior da capela. Quando ela entrou no seu interior, ela parou, ofuscada por um espectro de luz. Cercados por janelas preciosas, arcos chamejavam de finos talos dourados que sustentavam um teto azul-escuro coberto de estrelas douradas. Para Catherine, a pequena capela tinha a intimidade de uma caixa de joias. Que essa arte sublime se elevou dos horrores apocalípticos da Idade Média a assombrou. Sua sobrevivência parecia ser uma promessa de esperança, pois representava o melhor da fé do homem e a grandeza de seu coração. Catherine se benzeu. Que olho para o teatro que Moora havia desenvolvido, ela pensou com triste ironia ao procurar por Sean. Moora estava ajoelhada nas pedras perto de uma velha, a única outra pessoa na capela. Então Catherine viu Sean caminhar lentamente em direção a ela das sombras do outro lado da nave, a luz distorcendo sua alta silhueta. Embora ela tivesse se preparado para o que estava por vir, ela não poderia se preparar para o traiçoeiro salto de seu coração. Então ele estava muito perto, invadindo sua frágil parede de controle, e as palavras que ela planejava cuidadosamente entalaram em sua garganta. Ele estava pálido, e seus olhos, Deus, ela mal podia suportar olhar para eles, mal podia suportar falar as terríveis palavras que cortariam sua ligação para sempre.

De fato, ela se vestira com infinito cuidado, como se estivesse se preparando para a execução. O vestido de seda coral e o xale transparente que envolvia seu rosto fizeram seus olhos e pele ganharem vida, simulando um rubor de saúde e bem-estar.

Sean perdeu sua capacidade de falar também. Ele estava com medo pela primeira vez desde a prisão. Não por qualquer duelo, mesmo aquele com Neri, se ele realmente sentisse medo, mas agora ele estava indefeso contra o golpe mortal que ele sentia que estava chegando. Quando isso aconteceu, foi tão rápido e limpo que ele ficou dormente.

— Sean, eu quero que você saia de Paris em uma hora. Você nunca deve voltar. — Catherine queria gritar com a dor refletida que se formava em seus olhos. Ela queria enterrar seu rosto contra ela, abraçá-lo e gritar seu amor eterno, mas ela não podia. Ele deveria ir pensando que ela é uma mulher ciumenta e rabugenta, pois certamente ele atribui seu banimento aos rumores de seus assuntos.

— E se eu escolher não ir? — A frase veio como um murmúrio moribundo.

— Você não tem escolha. — Sua voz estava fria de desespero. — Quando Napoleão descobrir sobre o seu último duelo, talvez eu não possa ajudá-lo.

— Que ato em particular você realizou para obter esse pequeno favor, — ele sussurrou com voz rouca. — Ele prefere o estilo grego? — Ela deu um pequeno grito e recuou. Ele pegou o pulso dela. — E quanto ao meu filho? Você também me nega ele?

— Por favor, — ela sussurrou, — você está me machucando.

Ele deixou cair o pulso dela como se fosse um ferro quente.

— Machucar você? Você me acha um bloco de pedra que você pode cortar ao capricho? — Ele se contorceu em uma chama irrefletida de amargura. — Perdoe-me, madame. Minha falta de consideração deve ter incomodado sua posição com seu amante. Eu irei. Eu vou e serei amaldiçoado para você!

Deus querido, não assim. Eu não posso deixar ele sair se sentindo traído. Ela pegou a manga dele, depois murmurou como uma oração fervorosa: — Eu te amo com todo o meu coração, com toda a minha alma, e com toda a minha mente. Acredito que sei algo do que você sofreu para ficar perto de mim; mas você está me matando. Cada vez que ouço que você duelou, eu morro um pouco mais. Mesmo que Napoleão não o prenda, ele olhará para o outro lado quando os líderes contratarem mais assassinos. Eles não se incomodarão em lutar contra você agora; vão atirar em você pelas costas ou cortar sua garganta. — Ela colocou as mãos nos ouvidos lembrando, o triunfo de Raoul. — Veneno. Querido Deus.

Ele se virou lentamente enquanto ela falava e a pegou, enterrando a cabeça no pescoço dela.

— Não. Não lembre. Apenas lembre-se do tempo que estivemos na Irlanda antes que Liam viesse. Não vamos nos separar agora.

A velha ficou olhando até que Moora a encarou com tanta força que se levantou laboriosamente e deixou a capela com raiva.

Os braços de Sean se apertaram.

— Se eu soubesse que você estaria segura...

— Eu não estou em perigo. Raoul e eu chegamos a um acordo; cada um sabe onde fica o outro. Napoleão está planejando transferi-lo para a Espanha indefinidamente.

— E Napoleão, uma vez que ele tenha você para si mesmo?

— Uma vez que Raoul se for, não terei nenhuma razão para ceder a Napoleão. Vou me retirar para o Convento de Santa Teresa perto de Saint Jean de Luz, onde minha mãe recebeu sua educação. Quando nosso filho tiver idade suficiente, eu o enviarei para você.

— Você desistiria dele?

— Um convento não é lugar para um menino.

— Um convento não é lugar para você.

— Querido, eu tenho uma necessidade de paz que só Deus pode me dar agora. — Ela ansiosamente olhou para ele. — Você está bem o suficiente para andar?

— Com sorte, estarei do outro lado da fronteira em dois ou três dias. — Havia muito e ainda assim nada mais a dizer.

Ela colocou as mãos nos dois lados do rosto dele.

— Deus te proteja e te dê paz, meu amor.

— Oh, Deus, Kit, — ele chorou baixinho quando sua cabeça desceu. Seus lábios esmagaram os dela como se ele tentasse tirar sua alma de seu corpo para levar com ele. Seus dedos ficaram presos no cabelo dele e ela soluçou contra a boca dele enquanto se agarrava a ele; então ele se arrancou de seus braços e se afastou para a escada, seu passo se acelerando. De repente, sem olhar para trás, ele se foi. Ela ficou parada, muda e imóvel sob o peso de uma terrível premonição de desastre. Ela estendeu a mão e deu um passo vacilante atrás dele, depois outro, sussurrando seu nome; depois o peso negro foi pressionado e ela ouviu o distante grito de alarme de Moora desaparecer no nada.

Quando Catherine ouviu a porta da frente bater no andar de baixo, sua mão se deslizou para dentro do bolso de seu roupão de cetim branco e seus dedos se curvaram ao redor do aperto da minúscula pistola que ela havia tirado da coleção de armas de Raoul. Ela recusara a oferta de Moora de ficar com ela e, finalmente, com relutância, a jovem irlandesa pegara as joias celtas por segurança e partira. Agora Catherine desejava com todo seu coração Moora ter ficado, quando Raoul entrou em seu quarto, com o rosto tenso.

— Guillaume te seguiu até Sainte Chapelle, — ele disse com firmeza. — Seu divino irlandês ressuscita dos mortos com muita frequência. Onde ele está?

— Eu não lhe direi nada, Raoul. — Ela sacou a arma. — Agora saia.

Ele deu um passo cauteloso em direção a ela.

— Se você puxar o gatilho, você vai morrer por isso.

— A perspectiva de viver com você é menos palatável.

— Você condenaria seu filho também? — ele respondeu com suspeita.

— A sentença não pode ser realizada até depois do nascimento. O bebê irá para um lugar seguro. — Ela sorriu. — Dê outro passo e torne isso mais fácil para mim.

Ele virou-se.

— Eu vou encontrar Culhane em breve. Eu conheço seus esconderijos. — Ele continuou e ela ouviu a porta da frente bater. Ainda segurando a arma, ela foi até a porta do quarto para chamar sua serva. Ela deve encontrar um esconderijo na cidade. Quando Raoul descobrisse que Sean tinha ido embora,

ele seria mais perigoso do que nunca. Quando ela entrou no corredor, o pensamento surgiu de sua mente quando seu pulso foi preso e a arma arrancada de sua mão. Um golpe estalou no rosto dela.

— Raoul! —Ela deu um grito. — Antoinette! Me ajude!

Ele agarrou o cabelo dela e cortou a respiração com um antebraço trancado em sua garganta.

— Diga-me, sua puta, ou eu vou tirar isso de você!

Seu pé se levantou bateu em seu peito do pé; o calcanhar não era pesado o suficiente para fazê-lo perder completamente o controle, mas a dor o assustou. Ela se afastou e correu em direção aos degraus.

— Antoinette!

Ele pegou o braço dela, girou-a ao redor, em seguida, bateu nela de novo e de novo, sibilando: — Diga-me onde ele está, maldita!

— Não. —Ela agarrou-o, tentando proteger a cabeça, até que ela perdeu o equilíbrio e caiu no chão. Ela se enrolou desesperadamente quando viu o pé dele voltar para chutá-la.

— Mon Dieu, Général!

Raoul se virou para ver os olhos horrorizados de Antoinette olhando para ele. Com uma testemunha, o jogo acabou. Ele se debruçou sobre sua esposa gemendo e murmurou: — Eu vou matar Culhane assim como seu pirralho! Você não terá nada! —Ele desceu os degraus e empurrou Antoinette para a biblioteca em busca de pistolas antes de sair correndo pela porta. Catherine mal o ouviu ir embora. A primeira contração rasgou-a, mesmo quando Antoinette se ajoelhou ao lado da sua cabeça.

Os três policiais vasculhando os aposentos de Culhane ficaram atentos quando o ministro da Polícia Fouché entrou na sala, um tenente da polícia atrás dele.

— E então, senhores. Moulin, você tem alguma coisa para relatar?

— Não, senhor. Não encontramos nada pessoal em seus pertences: nenhuma carta, nenhum endereço, nem dinheiro.

— Um homem de hábitos notavelmente puros. —Fouché andou devagar pela sala. — Tem que haver alguma coisa. Mesmo que Culhane esteja vivo, ele não teria arriscado voltar aqui depois de sua luta com o veneziano. —Fouché espalhou os papéis na escrivaninha. — Isso não é mais uma questão de apreender... duelista, senhores, mas um espião. Eu quero este lugar desmontado, até mesmo as tábuas do assoalho. Se você encontrar algo imediatamente, eu estarei às 15 na Ile de la Fraternité.

Mei Lih agarrou a mão de Culhane e arrastou-o para a casa de Madeleine com uma força surpreendente. Ela olhou para a rua escura e fechou a porta rapidamente.

— O ministro Fouché acabou de sair. Ele tinha apenas um homem com ele; caso contrário, tenho certeza de que ele teria deixado um vigia na casa.

— Napoleão ouviu sobre o duelo com rapidez suficiente.

— Não é o duelo com o qual ele se importa agora. Fouché tem um mandado para sua prisão como espião!

O irlandês xingou em voz baixa. Isso significava que seus desenhos haviam caído nas mãos erradas e seu mensageiro provavelmente estava morto.

A voz zangada de Madeleine desceu do andar de cima enquanto ela apontava uma pistola contra o peito dele.

— Eu não te agradeço por isso, Culhane. Como ousa vender meu país enquanto desfruta da minha hospitalidade!

— Eu não traí a França, Leine; só Napoleão, — ele disparou friamente. — O Terror não era nada comparado ao sangue que a França vai derramar por aquele idiota valente. Você sabe que ele não dá a mínima para a República. Você está mais irritada do que patriótica.

Lágrimas de raiva raiavam o kohl em volta dos olhos dela.

— Oh, você é um canalha! Você é um porco! Você... — Ela atirou a arma para ele e saiu em um turbilhão de seda preta.

Culhane olhou para a marca que a arma havia feito no papel de parede e subiu as escadas. Ele silenciosamente subiu atrás de Madeleine enquanto ela derramava absinto com as mãos trêmulas. Suas mãos familiares se fecharam em seus ombros e ela xingou, começando a balançar a garrafa. Instantaneamente, seu aperto deslizou pelo braço dela até o pulso dela.

— Largue isso, Leine. Eu não vou machucar você.

— Vá para o inferno!

— Diretamente, senhora, se é isso que você quer. — Ele beijou seu pescoço. — Eu farei qualquer coisa que você quiser se você me ajudar, até mesmo me render à polícia.

— O que! — Ela girou. — Do que você está falando? Saia daqui!

— Não até que Kit esteja segura, — ele disse categoricamente. — Fouché pode criar um caso desagradável contra ela agora. Ele tem pedaços e fragmentos que ele pode distorcer para parecer uma conspiração de Bourbon; empilhado em cima de sua associação com um espião conhecido, a evidência é mais que suficiente. — Suas mãos apertaram os ombros de Madeleine. — Juro pela minha vida que ela é inocente, Leine. Ela não tem amor por Napoleão, mas não quer mais os Bourbons na França do que você, e ela não sabe nada sobre o meu

trabalho aqui.

— O que diabos você espera que eu faça com ela?

— Esconda-a até que o bebê nasça e ela possa viajar.

— Escondê-la? — Madeleine levantou as mãos. — Onde? Debaixo da cama?

— Você sobreviveu ao terror, Leine. Eu sei que você tem um lugar, — ele bajulou suavemente. — Vou mantê-la coberta de diamantes para o resto da sua vida.

Ela olhou para ele com hostilidade e começou a andar nervosamente, finalmente parou e soltou.

— Você se casaria comigo?

— Se você quiser, — ele disse lentamente.

— Você a ama tanto assim?

— Ela é minha irmã. — Ele não sabia nada melhor do que contar a ela toda a verdade.

Ela piscou, a surpresa incongruente em seu rosto cansado.

— Que diabos você está dizendo! — Ela varreu um rápido olhar dele para Mei Lih e de volta e seus lábios se apertaram. — Você nunca mencionou uma irmã.

— Você nunca mencionou um filho. — Seus olhos seguraram os dela niveladamente. — Pense, Leine. Se fôssemos amantes, eu teria deixado ela se casar com Amauri?

A tensão foi abruptamente interrompida por uma batida violenta na porta do andar de baixo e todos eles congelaram. Com os lábios carmin, uma mancha no rosto esbranquiçado, Madeleine empurrou o irlandês para o quarto dela.

— Lá dentro. Depressa!

Examinando rapidamente o jardim escuro abaixo e a polícia, Sean abriu a janela do quarto. Quando ele arremessou uma perna no peitoril, ouviu uma voz estranha de mulher gritar histericamente: — Madame, você precisa ajudar! Ele pode voltar! Não sei o que fazer!

Então a voz de Madeleine, agudamente lançada.

— Controle-se, Antoinette! Você não faz sentido algum. Do que você está falando?

— O general bateu em Madame Amauri. O bebê está vindo agora! Ninguém está com ela e ele pode voltar! — Ela ofegou no meio do soluço quando Sean bateu na sala, seu rosto terrível. — Monseieur Culhane!

Sean voltou-se para Madeleine.

— Leine? — ele implorou roucamente, desesperadamente. Ela hesitou, depois assentiu e ele se foi.

A porta da frente da mansão Amauri estava destrancada e Sean, com a pistola puxada, entrou no vestíbulo. Velas bruxuleantes em candelabros de parede projetavam sombras inquietas que faziam as salas parecerem mais misteriosamente desertas. Silenciosamente, ele subiu a escada, imaginando que porta tentar; então um grito fraco disse a ele.

Catherine estava deitada em sua cama, os cabelos úmidos de suor se espalhavam sobre os travesseiros, o rosto contorcido, a barriga inchada como uma protuberância sob as mãos enquanto ela pressionava, ofegando entre as dores. De repente, os dentes dela cerraram e ela tentou entrar em si mesma, depois ficou mole, ofegante. Enquanto Sean se aproximava dela, sua mão distante surgia com uma pistola, mesmo quando sua cabeça girou, os olhos determinados, apenas para se alargar em horror.

— Oh, Deus... por que você ainda está aqui? — Ela lutou para afastá-lo quando seus braços se fecharam ao redor dela. — Não! Fuja! Fuja, ou tudo terá sido para nada! — Começando a soluçar com frustração, ela ineficazmente bateu em seu peito enquanto seus braços a apertavam.

Ele a segurou até que ela se acalmou, seus lábios roçando suas têmporas e bochechas.

— Quieta pequena. Eu vou, mas primeiro eu vou levá-la para um lugar seguro.

— Não há nenhum lugar para se esconder. Não há tempo. — Um espasmo roubou as palavras e ela virou o rosto, ofegando: — Demasiado depressa... está a chegar... muito depressa.

Rapidamente, ele envolveu os cobertores em volta dela e a pegou em seus braços. Ele deixara a carruagem de Madeleine no estábulo nos fundos da casa. Depositando Catherine nas profundidades da carruagem, ele puxou os cobertores sobre ela. Quando ela encostou a cabeça no ombro dele, ele instou os cavalos, rezando para que Fouché ainda não tivesse enviado um guarda para Madeleine. Manteve-se nas ruas escuras e labirínticas, levando-a a um ritmo perigoso que fazia os cubos das rodas centrarem-se contra a pedra enquanto a carruagem deslizava em torno de cantos de edifícios que se projetavam como dentes mal posicionados. Tenso, ele contou os minutos entre as dores de Catherine. Ela não fez nenhum som; só o enrijecimento do corpo dela indicava os espasmos. Nesse ritmo, o bebê chegaria em uma ou duas horas. Não vendo nenhum vagabundo suspeito no número 15, dirigiu a carruagem até o estábulo de Madeleine, depois tirou Catherine da carruagem e dirigiu-se para a porta dos fundos de Madeleine.

Mei Lih não demonstrou curiosidade sobre a mulher cujos cabelos caíam negros e compridos como os dela, sobre o braço de Culhane, enquanto ele a

levava para o corredor; mas no andar de cima, Madeleine examinou a inglesa como um falcão.

Catherine, através de ondas de dor, estava apenas vagamente ciente da mulher extremamente bonita que liderou o caminho para uma despensa adjacente à sala de estar do andar de cima. Um manequim vestido em meio a uma confusão de desordem roçou o cotovelo de Sean enquanto ele se abaixava no teto baixo e inclinado. Madeleine torceu a maçaneta de um grande armário. Ele se balançou para trás com um rangido. Dentro havia uma pequena alcova com um catre preparado com pesadas camadas de linho. Catherine de repente gritou e apertou o rosto contra o ombro de Sean.

— Rapidamente, coloque-a no chão. — Madeleine empurrou os cobertores para o lado quando Sean pôs a mulher que se contorcia na cama. — Mei Lih, veja se a água está fervendo.

Catherine agarrou as mãos de Sean quando a contração se tornou mais violenta. Quando passou, ela ofegou: — Vá. Pelo amor de Deus, vá. Raoul está procurando por você. Ele tem uma arma. Por favor...

Madeleine tocou no braço dele.

— Ela está certa. Você não pode fazer mais nada aqui. Vá, arraste aquele grande bode preto de seu cavalo para fora do meu jardim e o monte.

— Estou indo, — ele respondeu distraidamente, mas não se moveu, apenas afastou o cabelo úmido do rosto de Catherine e gentilmente borrou o sangue que escorria do canto de sua boca onde Amauri a atingiu. Seus olhos brilhantes à luz das velas eram poças escuras de tormento enquanto se trancavam em sua despedida, seus lábios comprimidos enquanto ela lutava para conter outro grito. Ele beijou a mão dela, em seguida, pressionou uma pequena figura na palma da sua mão.

— Segure-se nisso, pequenina. É um presente para a criança. Beije-o por mim.

— Vá com Deus, — ela sussurrou. Seus olhos azuis lhe contaram o resto enquanto Madeleine arrastava firmemente seu ombro. Enquanto seguia a francesa de volta à sala de estar, Sean olhou para trás uma vez mais para ver Catherine olhando cegamente para ele, agarrando-se, como se fosse um crucifixo, ao macaquinho que ele havia esculpido.

Em vez de ir embora, Sean pegou uma garrafa de conhaque na sala de estar de Madeleine e tomou um longo gole para aliviar a dor em seu ombro. Mei Lih, tendo notado a ligeira mancha de sangue em sua camisa enquanto carregava Catherine escada acima, colocou um lençol de linho sob a camisa e prendeu-o sob o curativo enquanto se apoiava no aparador. Madeleine olhou-o

sombriamente.

— Você não vai sair de Paris, vai?

Ele olhou para ela enquanto Mei Lih trabalhava.

— Não até que eu alivie Kit de uma barganha ruim.

— Você fez uma barganha comigo também, lembra? —ela devolveu duramente. — Você não é bom para mim morto. Se você for atrás de Amauri está tudo desfeito.

Ele sorriu fracamente.

— Você sabe qual o seu problema, Leine? Você não tem fé nos homens. —Seus olhos ficaram escuros quando um grito abafado veio do outro quarto. — Vá até ela, Madeleine, — ele disse suavemente. — Eu tenho que cumprir uma promessa para mim primeiro, depois vou cumprir a sua.

Amauri e Fourquet se esgueiraram sorrateiramente pelo jardim de Madeleine em direção à casa. A lua lançava uma luz incômoda através das folhas de pera, que brotavam e agitavam o estábulo e o jardim. Das sombras vinha uma torrente de aromas, espinheiro, violas e prímulas, salsa e cebolinha. E um som incongruente de mastigar. Uma enorme forma negra aninhava a forragem onde a sombra da parede do jardim obscurecia sua presença. Um arrepio no pescoço de Raoul o alertou a se virar, com a pistola puxada, para encarar uma figura agachada, um raio prateado de luar ao longo do cano da arma perto de seu centro.

— Perseguindo gatos de rua, general?

Raoul ficou momentaneamente sem fala. Finalmente, ele disse cuidadosamente: — Eu vim para oferecer uma maneira de resolver nossas diferenças.

— Há mais de um caminho?

— Eu vejo que estamos de acordo. As pistolas servirão para você?

— Qualquer coisa que você goste.

— Emile e eu vamos encontrá-lo no jardim da minha mãe diretamente. Você vai concordar que pode ser estranho para Madeleine se um de nós fosse baleado aqui. —Tão cautelosos quanto os lobos em retirada, eles se separaram.

Raoul chegou à mansão à frente de Sean. Sua mãe não era simpática.

— Bonne chance, mon fils. Ouvi dizer que ele é um excelente atirador.

— Eu posso me controlar, madame. Tudo que eu peço é que você esteja presente. Napoleão deve estar satisfeito por não termos participado da intriga de Culhane.

Seus dedos bateram levemente em sua caixa de cigarrilha.

— Muito bem. Espere no jardim. Eu vou me juntar a você diretamente.

As terras por trás da mansão Amauri estavam iluminadas com o luar sob castanhas maciças. Entre eles e o Faubourg Sainte Germaine, com seu tráfego leve e noturno de carruagens pontilhadas de lampiões, as janelas da casa brilhavam em prata.

— O luar parece brilhante o suficiente para ficar sem lampiões, senhores, — observou a baronne, com os cabelos brancos esculpidos, o vestido refletindo a luz fria nas dobras. — Não vejo necessidade de chamar a atenção dos servos para este caso. — Ela olhou para o homem alto e moreno que silenciosamente esperava quando Fourquet carregou as pistolas. — Você não tem seu segundo, senhor?

— Não, madame.

— Eu vou ser suficiente? — Ela continuou implacavelmente enquanto Raoul e Fourquet a olhavam. — Eu não estou preparada para apoiar sua defesa, mas os segundos servem essencialmente como testemunhas, não é?

— Eu ficaria honrado, Baronne.

— Posso perguntar sua queixa contra meu filho, monsieur?

— Há mais de uma, Baronne; a maioria delas, eu acredito que você saiba. Mais recentemente, ele brutalmente espancou minha cunhada e tentou abortar seu filho.

O rosto da baronesa ficou cinzento.

— Eu entendo. Como ela está, monsieur?

— Ela está em um lugar seguro, madame, mas a criança está chegando agora mesmo. Pode ser natimorto.

Seus lábios tremiam ligeiramente.

— Estou profundamente arrependida. — Então, recusando-se a olhar para o filho, ela recuou e ordenou friamente: — Prossigam, senhores.

Fourquet ofereceu as pistolas, primeiro para Raoul e depois para Culhane. O irlandês balançou a cabeça.

— Eu usarei minha própria arma.

O médico começou a protestar, mas Amauri o dispensou de lado.

— Não importa. Vamos continuar com isso.

Quando Fourquet se afastou com o estojo da pistola, a baronne estendeu a mão.

— Você pode me dar a arma restante, doutor. Eu fui chamada aqui para garantir a justiça dessa luta, não é?

Os dois homens tomaram seus lugares, de costas um para o outro, as armas levantadas, depois andaram em direções opostas, enquanto Fourquet contava. Aos doze, ele ordenou que se virassem, depois mirassem. Na ordem —

Fogo, — Amauri apertou o gatilho um pouco mais rápido que Culhane, mas em vez de ficar de pé, o irlandês se afastou e atirou em seu oponente entre seus olhos incrédulos e horrorizados. Mesmo quando Fourquet empunhou a arma com um grito de — Seu porco imundo! — Culhane tirou a faca da manga e a colocou na garganta do homem. Ele se endireitou e virou-se, sem surpresa ao encontrar a baronesa de rosto branco apontando a arma que ele havia rejeitado para o seu coração.

— Você não é nenhum cavalheiro, Monsieur Culhane!

— Não, madame, mas também não foi seu filho. Você pode atirar, mas eu aposto que você não vai me abater, qualquer que seja sua habilidade.

— Você está dizendo que esta arma foi adulterada?

— Meu palpite é que Raoul não estava mais disposto a perder do que eu.

— Você apostou sua vida nesse palpite, monsieur. — Ela atirou e a arma empurrou ligeiramente para o lado, falhando.

— Fourquet desbastou a bala, — disse ele em voz baixa.

Ela jogou a arma no estojo e tirou uma pequena pistola do xale enrolado em seu braço.

— Parece que eu seria forçada a matar Raoul se você não tivesse feito. — Seu queixo levantou e ele vislumbrou um brilho de lágrimas em seu rosto. — Obrigada por me aliviar dessa obrigação.

— Você desfruta dessa honra com seu filho coisa que eu não tenho, madame. Sinto muito que a virtude tenha sido tão mal recompensada.

— Honra frequentemente cobre fraqueza... — Ela se virou para olhar para o filho. — E aí está a minha.

Madeleine tirou uma mecha de cabelo do rosto com um antebraço suado e murmurou: — Cristo, isso é trabalho duro. Empurre, garota, empurre!

Seus dentes afundaram no boneco de macaco, Catherine se esticou contra as mãos de Mei Lih. A guarda de Fouché havia chegado. Entediado de vagar pela rua, ele fumava um charuto no jardim.

De repente, Mei Lih disse com urgência: — Aqui vem! Vejo a cabeça!

Catherine ficou aturdida ao ver as mulheres curvadas sobre ela em algum lugar além das barreiras da dor, mas ela conhecera uma dor pior depois do acidente na Irlanda e, ferozmente, ela se debateu, sabendo que era mais forte que essa dor. As poderosas apreensões finais a agarraram e ela sentiu a última onda de agonia enquanto seu corpo expelia seu fardo.

Madeleine levantou a mão, com as mãos ensanguentadas, a seda preta enrolada nos cotovelos. O bebê estava em silêncio, uma minúscula forma rosa brilhando com sangue e revestimento protetor do útero. Exausta demais para

levantar a cabeça, Catherine olhou para ele em crescente pânico. Mei Lih, que assistiu a muitos partos no pavilhão de Saigon, bateu de repente na criança nas nádegas. Uma tosse gorgolejante, depois um berro furioso de volume surpreendente respondeu à indignidade e os olhos de Catherine se iluminaram. Madeleine entregou o bebê para Mei Lih banhar.

— Ele é um Culhane!

Um mês se passou antes que Sean soubesse que ele tinha um filho. Sob um nome falso, ele havia escrito a Madeleine da Bélgica, depois uma nota cuidadosamente redigida para Catherine por intermédio de seu agente em Hamburgo. A resposta de Catherine fez seu coração disparar. Ele passou o dia em um iole alugado na costa perto de Bruxelas, ficando bêbado com o capitão e cantando sobre sereias de mar com cabelos negros e selvagens.

Logo, Catherine e suas hospedeiras sentiram uma camaradagem contra o mundo. Ela sabia o papel que tinham desempenhado na vida de Sean, mas a inquietação e o ciúme foram subjugados. Mei Lih informou-a em particular que, desestimar Madeleine da impressão de que Sean era seu irmão, seria imprudente. Por outro lado, sabendo que Catherine poderia mostrar uma aversão à francesa, Mei Lih não lhe disse nada sobre a associação de Madeleine com Amauri e nem da barganha de casamento com Culhane.

Madeleine achava que a atração de Sean por sua irmã era apenas mais um dos seus aspectos imprevisíveis. Ela tinha certeza de que ele não iria tão longe quanto incesto, até três meses depois, quando pegou os primeiros sinais de esmeralda nos olhos do bebê. Sabendo que o irmão de Sean era loiro de olhos azuis, ela sentiu a fúria começar a subir. Ela abrigara a puta incestuosa do bastardo! Até mesmo a encorajou a ficar porque as intensas investigações de Fouché tornavam perigoso ir embora, embora a polícia tivesse ido à casa duas vezes e levado Mei Lih uma vez para interrogatório. Madeleine corroborara com a história de Mei Lih de que ambas tinham trabalhado com Amauri e que Mei Lih teria sido devolvida à Antime se ela tivesse traído sua empregadora. A menção de Antime havia mudado a maré; as mulheres não se incomodaram desde então.

Maldito bastardo! Ela chorou rouca, desleixada. A raiva enojada ainda estava em seus olhos quando as outras mulheres, ouvindo-a chorando, entraram na sala.

— Esse é o bastardo dele, — ela ralou, quase sufocando, então mais estridente: — Esse é o pirralho do seu irmão, sua cadela mentirosa!

O bebê, assustado com o barulho, começou a chorar. Catherine, protetora,

pegou-o.

— Nunca mais chame meu filho de bastardo de novo! Nunca! Sean e eu não sabíamos do nosso parentesco quando Brendan foi concebido, mas não sentimos muito.

— Você está mentindo! Assim como ele fez, aquele espião furtivo! Ele prometeu se casar comigo se eu salvasse sua pele! Isso não é uma piada? Depois de trinta e sete anos e o pior que a vida poderia fazer, eu confiei nele como uma inocente camponesa!

Enquanto Brendan gritava, Catherine olhou para ela.

— Que espionagem?

— Não me diga que você não sabia que ele estava dando segredos militares franceses para o inimigo! —O profundo alívio no rosto da outra mulher fez Madeleine entrar em frenesi. — Saia! Leve seu pirralho e vá! Eu deveria te entregar. —Sua voz se acalmou ameaçadoramente. — Eu vou entregá-la.

— Não, madame, — interrompeu a oriental, — pois então Monsieur Fouché saberá que você escondeu Madame d'Amauri. Você é cúmplice.

O rosto de Madeleine foi drenado.

— Vá... saia.

Catherine saiu da sala para pegar seus pertences. Mei Lih a seguiu.

— Onde você irá?

— Eu tenho uma amiga com a trupe russa de balé.

CAPÍTULO 31

ASAS

Através de uma campina que varria o chão, cansado, caminhava um homem coberto de poeira, conduzindo um cavalo preto mancando. Sean tinha todos os ossos doloridos e a pata frontal esquerda de Mephisto estava inchado. Da Áustria até Saint Jean de Luz, perto da fronteira entre Gascon e a Espanha, era um longo caminho; cada milha parecia impressa em seu traseiro. Além do prado, brilhava o golfo da Biscaia. À frente estendiam-se edifícios cobertos com telha de terracota. Wisteria e lilac esgueiravam-se nas paredes brancas que silenciavam a malva sob a sombra frondosa.

Ele amarrou Mephisto do lado de fora de um portão de ferro ornamental. Além disso, havia um pátio forrado de mimosas com uma fonte. Ele puxou a corda da campainha.

Uma freira de manto branco apareceu, seu véu de asas brancas lembrando-o de uma gaivota em voo.

— Deus esteja com você, monsieur. Como podemos ajudá-lo? — Ela olhou com desprezo para o homem sujo e abatido que parecia o mensageiro do diabo.

— Eu sou Sean Culhane, estou aqui para ver a condessa de Vigny, — disse ele. — Monseigneur Messier me escreveu.

A freira recuperou a compostura: — Um momento, por favor. — Ela desapareceu e Sean se perguntou quantos anos ela tinha. A reclusão deixara seu rosto livre de linhas de dificuldades mundanas. Kit ficaria estranhamente linda muito depois da juventude ter ido embora? Por quatro anos, ela se enterrou neste lugar.

A irmã voltou.

— Você pode entrar, Monsieur Culhane. A Reverenda Madre vai se juntar a você.

Depois que ela saiu de novo, ele jogou água no rosto da fonte, depois o limpou na manga da jaqueta. Enquanto ele passava os dedos pelos cabelos emaranhados, ele sentiu que não estava mais sozinho. Uma mulher alta observou-o impassível.

— Eu sou madre Jeanne Vincente. Temos o prazer de ver que você teve uma jornada segura, Monsieur Culhane. Podemos oferecer-lhe refresco?

— Eu ficaria grato, Reverenda Madre, mas depois, talvez?

— Sim, claro. Você está naturalmente ansioso para ver a condessa e seu filho. Por favor. — Sua mão apareceu sob suas mangas, com graça inesperada de uma moldura tão estranha, indicou que ele deveria segui-la. Ela não tinha sorrido e, enquanto ele a seguia, Sean se perguntou se aqueles olhos sem cor tinham perdido alguma coisa em sua avaliação de sua aparência surrada.

De fato, Jeanne Vincente o avaliara completamente, desde suas botas de cavalaria enlameadas até o rosto magro e protegido, com maçãs do rosto selvagens cortadas acima do queixo não barbeado e a cicatriz desbotada que se arrastava pelos cabelos esfarrapados. Acima de tudo, notara o conjunto amargo da boca e os frios olhos demoníacos, sua estranha e espessa beleza de pestanejar, inesperado em um rosto tão duro e ameaçador. No entanto, sua voz não mostrava nada de sua consternação ao sentir sua profunda hostilidade e desespero em contraste com a característica feliz e despreocupada que ele havia criado.

— Por sorte, monsenhor Messier está jantando comigo hoje, monsieur. Ele está muito ansioso para vê-lo. Talvez em uma hora posso levar Catherine ao meu escritório?

— Claro, Reverenda Madre. — Ao passarem por um labirinto de arcadas, Sean notou que não encontraram freiras; ele deduziu que ela o havia levado a um caminho especial. A Reverenda Madre abriu um segundo portão da grade para uma arcada que cercava terrenos verdes irregulares, passarelas descascadas e árvores frutíferas retorcidas. Sob as árvores, existiam begônias rosadas, brancas e sempre-vivas, misturadas com escarlata contra o caládmium salpicado de tinta.

— Este é o nosso pátio central. A condessa passa muito do seu tempo aqui quando não está trabalhando no hospital. — Ela examinou o jardim, depois apontou, mas Sean já havia visto Catherine apesar do chapéu do noviciado. Ela fez uma pausa para limpar a testa enquanto se ajoelhava entre as violas amarelas.

Quando Jeanne Vincente viu o olhar nos olhos do irlandês, ela não estava mais perturbada por sua aparência severa. Quando Catherine olhou para cima, como se tivesse sido tocada pela mão dele, a Reverenda Madre não teve nenhuma dúvida. Os olhos de Catherine se arregalaram para queimar um caminho azul e derretido para o homem moreno que caminhava na direção dela como se fosse atraído por sua chama consumidora; então ela estava em pé e correndo para fechar a última distância entre eles. Lentamente, ele abriu os braços para recebê-la, depois enterrou a cabeça no pescoço dela e segurou-a como se ela fosse parte de sua carne. A Reverenda Madre se afastou, dolorosamente lembrando-se das profundezas do amor e da paixão humana que ela renunciara. Ela não achava que poderia suportar vê-los se beijando.

Quando os lábios de Sean se ergueram por fim dos dela, Catherine sentiu que ele havia tomado fôlego, estando ela muito longe, com o saque faminto daquele longo beijo. Quase cega por lágrimas de alegria, ela sussurrou: — Oh, meu Deus, obrigado por responder a todas as minhas orações...

Ele a beijou novamente, sabendo que não deveria, mas incapaz de se conter. A doce insanidade varreu os dois, tornando-os conscientes apenas um do outro em um delírio de necessidade e resposta. Então, vagamente, Sean sentiu que insistentemente algo batia na parte de trás de sua perna e, relutante, desistiu de sua voraz atenção a Catherine para olhar para um moleque de cabelos de fuligem. Uma pequena mandíbula teimosa se projetava e olhos verdes brilhavam.

— É um pecado beijar as freiras!

Catherine inclinou-se para tocar o queixo do filho.

— Você me beija, não é, Brendan? Seus beijos não são pecaminosos.

— Eu estou autorizado!

— Todos os beijos que você quiser. Por que você acha que não é?

— Você me ama. — As pequenas sobrancelhas se encontraram. — Você não o ama! — Então, desconfiado: — Você ama?

Catherine se inclinou.

— Você existe porque ele e eu nos amamos. Ele é seu pai, Brendan.

O menino de quatro anos olhou para Sean com cautela.

— Onde está sua roupa preta?

Os lábios de Culhane se contorceram.

— Eu não sou padre, rapaz.

— Então como você entrou aqui? — perseguiu o menino astuciosamente.

— Porque ele é especial e é seu pai, querido, — Catherine disse a ele. — Lembra-se de Sean, o O'Neill sobre o qual eu contei histórias?

Brendan imaginou um modelo de sete pés de altura em uma batina com dragonas e uma espada flamejante como a de São Miguel. Seu pai montaria um enorme garanhão negro no céu e navegava em navios sozinho e andava sobre a água se eles afundassem.

— Você não parece um herói, — ele disse lentamente. — Os generais têm botões de ouro.

— Eu trouxe algo para você. — Sean enfiou a mão no bolso para tirar um punhado de ouro e latão, tudo o que restava de sua carreira militar.

Brendan tocou timidamente uma dragona e depois um botão.

— Eles são reais, não são? Você lutou em batalhas reais também?

A fascinação extasiada no rosto de Sean alterou-se sutilmente e Catherine segurou sua mão com força. Por um momento, vislumbrou os campos crivados

de fumaça de Austerlitz, cobertos por carcaças abatidas, algumas não reconhecíveis como humanas.

— Sim, rapazinho. Algumas.

Os olhos do garoto eram deslumbrantes e ofuscantes. Cristo, seu filho tinha cílios longos como os de uma menina. Sorte que ele tinha uma mandíbula quadrada como uma pequena mula ou ele seria bonito demais até para se olhar.

— Você vai me contar uma história de batalha... senhor? — Os padres, os únicos homens na vida de Brendan, nunca foram abordados como “senhor”, e o menino lutou para se ajustar a dizê-lo.

— Algum dia, quando elas forem para você mais do que histórias. — Sean ansiava por abraçar o menino, mas sabia que nenhum filho dele toleraria tal presunção de um estranho.

O menino examinou os botões, depois olhou para cima, impressionado.

— Posso mostrar uma para a irmã Marie Angelique?

Catherine apertou a mão de Sean.

— Claro.

Ele a abraçou, selecionou o mais brilhante e saiu correndo, depois parou e se virou, tentando demonstrar dignidade.

— Obrigado, senhor. — Ele decolou novamente.

— Quem é Marie Angelique?

— Uma amiga. — Catherine deu-lhe um sorriso misterioso. — Não há necessidade de se preocupar. As irmãs não vão te trair.

Ela se levantou, puxando-o com ela.

— O que você acha do seu filho?

Ele lhe disse e ela jogou a cabeça para trás e riu, não como uma freira.

— Sua imagem cuspida, meu querido. Provavelmente, seu avô pensava o mesmo de você. — Sean ficou vermelho e ela riu.

— Bem, pelo menos ele é um O'Neill. Ele sabe o que é dele e pretende mantê-lo. — Sean sorriu de repente. — Você não precisa de um convento, Kit; o cão de guarda do rapaz é o suficiente.

Ela se inclinou para pegar sua cesta de trabalho.

— Eu tenho estado contente aqui, Sean.

— Sem um homem? Como você poderia ser?

Ela se endireitou.

— Não seja cruel. Eu queria você. Eu sempre vou querer você. É minha maldição encontrar minha bênção, mas eu não posso ter você e é isso.

— Eu só quero que você seja feliz, Kit, — disse ele lentamente. — Você é?

— Meu trabalho no hospital me deu profunda satisfação. Não é o paraíso na terra que eu conheci com você, mas sim—ela olhou diretamente para ele.—

Estou feliz. Pelo menos eu estarei agora que você está seguro. Você não vai voltar para o exército, vai?

— Eu não poderia, nem se eu quisesse, — ele respondeu com um sorriso torto. — Eu abandonei.

— Oh, Sean! Eles também estarão atrás de você.

— Não importa. A Áustria será derrotada. Você acabou de me salvar de outra causa perdida, isso é tudo.

— Eu?

— Você não sabia que o monsenhor Messier tinha me escrito?

— Não, — ela disse, subitamente tensa. — Eu não sabia que você viria até que eu o vi. O que ele disse?

— Não muito. Espero que ele nos ilumine em alguns minutos. Vai nos relatar como crianças obedientes no escritório... —Ele fez uma careta. — Depois de termos nossa reunião casta.

Sua amargura a esfaqueou e ela tocou sua manga.

— Você não deve pensar mais nisso, Sean. Nossas vidas correm em caminhos muito diferentes agora. Leve Brendan para a América e comece de novo.

Sean começou a andar sem rumo.

— Ele mal me conhece. Como se pode esperar que ele aceite a perda de sua casa e mãe?

— Ele deve ir, Sean. Você viu sua visão distorcida do mundo.

— Inferno, ele acha que eu sou um herói sangrento, — ele protestou. — Sou um açougueiro profissional.

— Você é mais homem e herói do que ele jamais encontrará sonhando! Você pode conhecer o meu orgulho de você ser o pai dele?

Ele queria acreditar, mas encontrou-se apenas grato por sua fé teimosa.

— Fique orgulhoso de nós dois, Kit, pois não tenho mais um pedaço de orgulho, exceto no menino.

Brendan apareceu liderando uma magra freira pela mão. Sean xingou baixinho quando a garota se aproximou o suficiente para reconhecer.

— Mei Lih.

— Meu senhor, estou muito feliz em vê-lo bem. —Ela sorriu e se curvou.

Brendan saltou impaciente.

— Ele não é Jesus, irmã, apenas meu pai!

Os olhos de Marie Angelique dançaram quando Sean riu com tristeza.

— Da boca das crianças... Talvez possamos conversar mais tarde, mas o monsenhor Messier está esperando agora para ver Kit e eu. Não devemos demorar mais de uma hora.

— Claro. Vamos fazer um piquenique, não vamos, Brendan? — Marie Angelique olhou para o rapaz que olhava para cima, fascinado pela barba do pai.

— O que é um piquenique?

— Algo especialmente bom, querido. — Catherine beijou-o. — Corra e ajude a irmã a preparar tudo.

O garoto a olhou incerto.

— Você vai estar aqui quando voltarmos?

— Sim, querido, — Catherine respondeu desigualmente, imaginando se ele havia percebido alguma coisa. — Seu pai e eu vamos conversar um pouco com Monseigneur.

Marie Angelique levou o menino embora. Sean começou a falar e Catherine pôs a mão no peito dele.

— Não diga nada, meu amor. Estou em guerra comigo mesma há quatro anos e meu coração está dolorido.

Messier levantou-se ao cumprimentar Sean por trás de uma mesa na pequena sala forrada de livros. Janelas arqueadas abriam-se no pátio, as vidraças sombreadas por ramos de lilás. Um cantar ocasional de pássaros era ouvido.

— Eu queria conhecê-lo há muito tempo, Monsieur Culhane, — disse Messier. — Catherine me contou muito sobre você.

Aposto que sim, Sean pensou ironicamente. A confissão de Catherine deve ter sido a história mais viva que ele já ouviu em anos.

— Eu sou grato a você, Monseigneur, por fazer amizade com ela.

— Catherine é uma jovem encantadora, mas eu tenho um interesse maior do que amizade; em vez disso, digamos, uma obrigação.

O prelado de cabelos grisalhos indicou que deviam sentar-se, depois retomou a cadeira de espaldar alto da Madre Superiora e enfiou-se numa elegante reflexão.

— Muitos anos atrás, contra o meu melhor julgamento, eu casei Elise de Vigny com John Enderly. Agora, eu percebo os desastres que a união gerou. Quando você chegou aqui, Catherine, eu perguntei sobre o seu passado, mas tive pouca sorte. Seu desejo de entrar na Igreja e ceder à sua herança, me deu uma ideia. A maior parte da minha investigação foi bloqueada pelo padre Patrick Ryan na Irlanda e sua recusa em contribuir com informações que pudessem esclarecer seu caso.

Ele sorriu.

— Devo confessar uma certa duplicidade. Escrevi novamente ao padre Ryan e impliquei que Catherine Culhane planejava deixar sua propriedade para a Igreja e certos funcionários do Vaticano aceitariam gentilmente se ele pudesse

ajudar a desvendar as dificuldades relativas às reivindicações à propriedade de Shelan. Até agora como o padre Ryan sabe, você, Catherine, é a última herdeira sobrevivente dessas propriedades, e você, monsieur Culhane, está morto. — Suas mãos finas se apertaram. — Quanto ao último, eu não o iluminei. Solicitei uma cópia do testamento e codicilo, que infelizmente ele já não possuía. Aparentemente, Liam Culhane tomou o único exemplar; mas, agora ansioso para servir a sua Igreja, Padre Ryan sugeriu que Brendan Culhane poderia ter confiado uma cópia a outro sacerdote como medida de segurança, com a Irlanda estando frequentemente em tumulto, católicos perseguidos e seus registros destruídos. Ele mencionou vários possíveis clérigos e, eventualmente, tracei uma cópia do testamento ao arcebispo de Londonderry. Eu tenho aqui. — Ele indicou um maço de papéis. — É como você descreveu para mim, Catherine, exceto por uma parte vital, que eu vou ler agora.

Ele encontrou a página.

— Sua mãe, Monsieur Culhane, ficou convencida de que seu marido e Elise Enderly eram amantes.

Ele começou a ler.

— Megan jurou vingar-se com o que poderia me machucar mais. Meu querido amigo, Lockland Fitzhugh, tinha sido apaixonado por ela durante anos, mas certo de que sua honra nunca permitiria uma aventura sórdida contra mim, Megan e eu continuamos nossa estreita amizade com ele. Ela o seduziu, não posso culpá-lo, eu, uma vez fui enfeitiçado por ela, o perdoei livremente, como quem perdoa a si mesmo. Não havia dúvida de que Sean não era meu filho. Agora eu a perdoo, mas queria um filho como aquele garoto orgulhoso e fogoso demais.

— Quando você voltou, para Shelan, Sean, eu tive sua presença, mas nunca tive seu coração. Na minha opinião, você é meu filho. Espero que um dia você aceite essa indulgência.

— Continua a partir daí na mesma veia que o outro ponto.

Os jovens boquiabertos olhavam para o padre como se ele fosse algum goblin enviado para atormentá-los ainda mais.

— Algo está errado. — Sean murmurou com voz rouca. — A outra vontade estava na escrita de Brendan; conheço sua mão. Estive procurando por uma falsificação.

— O outro testamento provavelmente era autêntico, na maioria das vezes. Eu nunca vi, então eu só posso supor, mas eu acho que a divisão de páginas se prestou a falsificação parcial. Seu irmão era um artista. Ele provavelmente apostou em seu ser muito chocada com a revelação para pensar com clareza. Ele não permitiu que você mantivesse o codicilo por muito tempo, não é?

— Não, — o irlandês disse entorpecido.

— E, afinal de contas, ele parecia ter tanto a perder quanto você por tal documento. Mas, como vê, você não é parente de Catherine. — O jesuíta entregou o documento através da mesa. — Aqui, veja o que você pensa.

Sean passou por cada página, e então finalmente olhou para Catherine, que estava sentada paralisada com uma espécie de horror em seus olhos.

— Kit, — ele sussurrou, — foi tudo por nada.

Seus olhos se fecharam.

— Quando Liam estava morrendo, ele disse: Você é... minha. Não dele. Apenas... minha. Nós pensamos que ele era possessivo até no amargo fim, mas talvez ele estivesse tentando dizer a verdade.

— Uma coisa que vocês devem saber, — interveio Messier. — Minha investigação foi muito assistida pelo duque d'Artois.

Ambas as cabeças escuras se levantaram e ele sorriu.

— Eu presumi que ele tinha atribuído agentes para proteger Catherine após o incidente na prisão irlandesa. Ele ficou mais aliviado ao ouvir que você estava espionando contra Napoleão, Monsieur Culhane, que corrigiu a impressão de que Catherine tinha traído sua confiança.

— Ele ofereceu uma consciência culpada como sua razão para me ajudar. Ele ordenou a execução de Enderly depois da aparente deserção de Catherine, mas outra pessoa interceptou Enderly a caminho de Edimburgo a convite do duque — um convite ao assassinato. Os homens contratado para realizar a matança encontraram Enderly decapitado na estrada.

— Amin, — sussurrou Catherine. — Ele deve tê-lo montado no escuro. Eu o vi comendo morangos a galope.

Sean sacudiu a cabeça, ainda atordoado.

— Não posso acreditar que Artois nos ajudaria. Ele quer Catherine para si mesmo.

— O duque conhece bem as privações do exílio e do desapontamento. É tão estranho que ele queira poupar alguém que ele ama do mesmo destino?

Uma hora depois, estavam diante do monsenhor Messier no altar da capela. Ordenadamente abotoado e escovado, Sean tomou um banho rápido e fez a barba e deu uma limpeza nas botas. Sobre o cabelo trançado, Catherine usava uma delicada guirlanda de mignonettes e margaridas que Marie Angelique tecera para tapar o véu branco de noiva. Em suas mãos havia um pequeno buquê de rosas. Marie Angelique, a Madre Superiora e Brendan eram os únicos observadores visíveis; outras se escondiam atrás de uma tela no coro, cantando como a voz de um rouxinol ao entardecer. Os olhos de Catherine brilharam

quando Sean repetiu seus votos. Seus olhos encontraram os dela e ele quase caiu em silêncio. Atrás de seu véu nublado, seu rosto primoroso estava luminoso.

Mais tarde, enquanto caminhavam sozinhos pelos jardins do convento, Sean sentiu paz, mas um suspense sutil, como se ainda não estivesse certo de despertar de um pesadelo. Acima do telhado do convento, as escamas nubladas de um céu se curvavam contra o sol poente como peixes maciços e ardentes. A cruz simples do convento se levantava contra o sol. Um sorriso brilhava contra a boca do irlandês.

Se Você é um pescador de homens, Você é tão teimoso quanto eu. Você esperou até que a luta saísse de mim, então aliviou a linha. Se Você recuperou minha alma através dessa mulher, eu vou seguir cada dia com ela com minha vida, minha alma, só nunca deixe que ela pare de me amar...

— O que é, querido? — Catherine olhou para ele com preocupação. Seu aperto havia quase deixado dolorosa a sua mão.

— Eu estava rezando, suponho. — Seus lábios procuraram os dela como se fossem crianças provando a inocência de um primeiro beijo.

Um longo dia depois, Sean riu suavemente.

— Nosso filho não vai abandonar seu lugar debaixo de seus cobertores tão facilmente todas as noites. Uma noite com Mei Lih é uma irresistível tentação para qualquer homem, mas de manhã ele saberá que foi enganado.

— Ele não é o único que vai saber que foi enganado. — Catherine o puxou impiedosamente na direção do quarto dela.

— Tem certeza de que essa pressa é boa, senhora?

Sua esposa desacelerou para um amontoado de passos enlouquecedores, com os olhos levemente abatidos. Ele a pegou em seus braços.

— Sem mais disparates, mulher. Você está prestes a se tornar uma esposa respeitável e consertar seus maus caminhos.

— Meus maus caminhos? — Ela levantou uma sobrancelha zombadora.

Ele sorriu.

— Adequadamente combinados, não somos?

Eles chegaram ao final do edifício, mas nada era além de mais jardim.

— Onde está esse seu quarto, afinal? — Catherine deu-lhe um sorriso felino. — Ande logo com isto, madame! Eu estou fervendo! — ele exigiu em sua melhor voz de general. Encarando o escarlate, ela apontou apressadamente para a porta mais próxima do ombro largo do esposo.

Quando ele chutou a porta, ela deu um puxão no cabelo dele.

— Que vergonha, chocar as irmãs assim!

— Eu teria dado a elas um choque mais rude se você persistisse no jogo—

Ele parou.

Catherine seguiu seu olhar até uma pequena mesa decorada com damasco branco, velas acesas e uma tigela de marguerites. O guisado fumegante e o melhor champanhe de Messier estavam prontos...

— Quão cuidadosos, — disse Catherine em voz baixa.

— Essas freiras são como leprechauns, — Sean murmurou enquanto relutantemente abaixava a esposa. — Nunca as vê. As coisas só aparecem.

— Você não está com fome?

— Faminto. — Ele olhou melancolicamente para a cama.

Ela riu e puxou a mão dele.

— Venha. Você vai precisar da sua força! Eu provavelmente não vou deixar você dormir a noite toda!

— Ah, com certeza você é capaz de satisfazer minhas exigências? — Com um sorriso perverso, ele sentou e mordeu o pescoço dela.

Ela deu um pequeno grito. Ele deslizou languidamente em sua cadeira e com um olhar sonolento derramou vinho. Seus olhos se arregalaram de desgosto.

— Você não está tão cansado assim, está?

Ele ergueu o copo, os olhos sonolentos.

— Eu farei o meu melhor para não cochilar em um momento inoportuno, madame.

Mordendo o lábio, ela franziu a testa para ele, em seguida, pegou o brilho amarelado em seus olhos e começou a rir suavemente.

— Seu mentiroso! O desejo transforma seus olhos exatamente na sombra que eles são agora...

— Eu vejo que vou ter que ter cuidado com você, senhora. Se eu escondo tão mal minhas paixões, ficarei impotente contra suas artimanhas. — Sua voz ficou rouca e seus olhos nublaram quando ele tocou seu copo no dela. — No entanto, eu estaria perdido, porque desejo você, até a loucura.

O crepúsculo desapareceu na escuridão, a luz das velas tocando em seus rostos imóveis, e as últimas gotas de bebida nas taças de vinho. Sean levou uma vela a um nicho de parede ao lado da cama e tirou as botas. Quando ele se virou, Catherine estava esperando. Desabotoou a camisa para beijar a pele quente até que ele ficou tenso de desejo. Ela tirou a camisa, depois desabotoou as calças e as colocou sobre os quadris estreitos e a barriga lisa para mostrar a beleza dura de seu corpo.

Quando estava nu, Sean tirou o véu e a guirlanda de Catherine, depois soltou a massa escura e pesada de seu cabelo até que ele caiu em um fluxo através de seus dedos até a cintura. Puxando uma margarida da guirlanda, ele enfiou no cabelo dela. O perfume de sua pele encheu suas narinas

quando ele tirou seu vestido de seus ombros, em seguida, procurou sua garganta com os lábios e a orgulhosa elevação de seus seios. A cabeça de Catherine caiu para trás e ela suspirou, cheia de saudade. O roupão deslizou para o chão e a doçura de sua carne fez com que os sentidos de Sean se recuperassem de alegria e desejo.

— Jesus, eu sonhei com seu corpo. Eu achava que nenhuma mulher poderia ser tão bonita quanto o sonho. Que pobres coisas são os sonhos!

Então por cima do ombro dela, ele viu as luzes e levou-a para a janela. O jardim noturno estava repleto de velas, halos irradiando-se de nuvens luminosas de flores. Vendo as lágrimas brilharem nos olhos de Catherine, Sean a envolveu em seus braços enquanto ele dizia roucamente: — Acho que entendi agora o que sua vida aqui significava para você. Você sente muito?

Ela olhou para ele.

— Eu choro de felicidade, amado, e porque tenho mais amor do que posso suportar.

Com os lábios e as mãos, ela fez amor com ele, descendo por seu corpo magro, redescobrimdo cada côncavo liso e escuro até que ela se ajoelhou diante dele e contemplou sua masculinidade orgulhosa. O peito de Sean subiu e desceu mais depressa quando a dor ardente e doce em seu núcleo se transformou em chamas puras e violentas. Com um gemido abafado, ele se balançou e levantou seu cabelo para banhar sua boca de seda.

— Kit... Doce Deus. — Ele sentiu como se estivesse perdido em um sonho impossível que o drenou de todas as suas noites de saudade frustrada. Catherine pressionou a bochecha contra a curva graciosa de seu longo corpo e entrelaçou os braços sobre os quadris dele, a maciez de seus pelos era uma nuvem quente. Silenciosamente, ele acariciou o cabelo dela e levantou-a, deixando o pulso latejando de sangue em seu corpo lento, sua respiração agitada.

Seu batimento cardíaco era o único som na escuridão. Ele sentiu o sangue subir em suas veias e a poderosa promessa de sua própria força vital. Ele estava vivo e era um homem. Sean escorregou para baixo no abraço de Catherine e envolveu-a como uma flor, provando sua própria potência em seiva de sua boca.

Como se seus membros estivessem pesados, Catherine mal percebeu quando Sean a levou para a cama e se deitou ao lado dela, mas quando seus lábios e mãos começaram a doce e lenta exploração de seu corpo, ela se abriu para ele como uma fruta exuberante e madura. O desejo se concentrou em um brilho solar entre suas coxas, e quando sua boca a procurou ali, seus quadris ondularam em mudo e primitiva necessidade até que ela gritou, queimando, implorando.

Por fim, Sean cobriu o corpo dela com o seu. Com um gemido suave, ela

enterrou o rosto contra o pescoço dele. Ele se preparou para uma batida do coração; então, sem urgência, ele consumou sua união, lentamente se entregando a ela. Ele recuou e surgiu nela como o mar em uma tempestade crescente de fogo, arqueando e curvando-se incessantemente sobre ela para derrubá-la em profundidades escuras, apenas para erguê-la em picos cada vez mais altos de paixão até que ela se tornasse parte irrevogável dele, parte da loucura e selvageria dele. Então, sentiu-se atirada ao sol em folhas de espumas reluzente, para cair em um milhão de gotas de fogo despedaçado através do éter amortecedor no mar circundante. Profundo, escuro e silencioso, seu verde amarelado suavizava-se com a luz dourada do sol como os olhos de Sean, tão perto que seus cílios pesados quase roçavam os dela. Atordoada, ela sentiu como se seu coração fosse explodir de amor por ele.

— Esposa, — ele murmurou maravilhado. — Mãe do meu filho. — Seus lábios roçaram os dela. — Meu pequeno amor.

Ela tocou seus lábios.

— Meu marido. A vida do meu coração.

Eles se deitaram, a cabeça dele no seio dela enquanto ela acariciava o cabelo dele. Em instantes, ele adormeceu, esgotado em sua longa jornada. Depois que a última vela do jardim se queimou, Catherine ficou acordada, ouvindo a batida do coração de Sean e repetindo-a com uma oração.

O sol estava alto quando Sean abriu um olho, jogou uma longa perna por cima da mulher e, sem dizer uma palavra, começou a fazer amor com ela, lânguida e completamente. Ela estava corada com satisfação e vergonha quando ele finalmente sorriu para ela, seus olhos verdes em fissuras de diversão sonolenta, mas ela estava muito feliz em fazer sua carranca se convencer.

— Satisfeito consigo mesmo, não é, não é? Você não podia esperar até que estivéssemos longe daqui para me fazer soar como uma gata presa em um telhado?

Seu sorriso se alargou perversamente.

— Teme que as boas irmãs percebam o que estão perdendo? — Ele beliscou seu estômago e ela gritou e puxou seu cabelo.

— Sua presunção confunde a imaginação! Por que, suponho que você até imagina que elas formarão uma fila na porta por seus favores!

— Por que não, quando você está tão obviamente sem reclamar?

— Oh! — Seus olhos brilharam e ela lutou para se libertar dele. Rindo, ele torceu-a facilmente de volta sob ele e com diversão, em seguida, com um olhar distinto, assistiu-a frustrada se contorcendo. Seus lábios se separaram em um suave “O” quando ele separou suas coxas. — Você trapaceou.

Ele se deslizou nela como uma espada em seda, seus lábios pairando em um sussurro logo acima do dela.

— Sempre que você tiver o suficiente, eu sou seu para comandar.

Seus golpes possessivamente se aprofundaram, varrendo sua vontade, e ela gemeu de prazer e irritação. Então, com um sorriso doce e vingativo, ela revidou com uma habilidade especial até que seu controle se desintegrou.

Bem acordado agora, ele olhou para ela.

— Onde você aprendeu aquilo?

Ela girou um cacho de pele no peito dele.

— De sua pequena flor do Oriente. Você acha que falamos de nada além de fraldas em Paris, suas amantes e eu? — Sua voz baixou para um ronronar de seda. — Raro é o homem que pode deixar três mulheres confinadas em uma casa por meses, sem nada em comum, mas falando em amor, e evitando que se mutilem em carne moída. Não que você mereça qualquer crédito por isso, querido. — Ela bateu no nariz dele e rolou para longe, balançando as pernas para o lado da cama. — As mulheres em sua vida são apenas maravilhosamente tolerantes, isso é tudo. — Ela estava quase em pé quando ele a arrastou para baixo novamente, rindo enquanto ela lutava com ele meio brincalhona, meio a sério, depois se dissolveu em risos indefesos. — Sean, eu tenho que tomar banho. Sinto o cheiro de uma cabra!

— O perfume combina com uma gambá arrogante que mantém o nariz, — beliscou uma nádega — e sua cauda no ar.

Ela gritou e esmurrou, mas inevitavelmente se viu de volta onde tudo havia começado, deitada de costas com ele empurrando suas coxas para o lado com um brilho diabólico de dentes brancos e uma facilidade que tanto a enfurecia quanto a seduzia.

A intenção de Sean foi desviada por uma batida súbita e insistente na porta. Seu movimento de pantera da cama para a faca foi interrompido quando a batida se repetiu na altura do joelho, e o irlandês se endireitou com alívio e exasperação.

Catherine riu baixinho.

— Você vai atender a porta, papai, ou eu vou?

— Pode também resolver isso agora, — seu marido murmurou. Puxando uma toalha de uma prateleira perto do lavatório, ele dobrou seu comprimento minúsculo ao redor de sua cintura meio magra e abriu a porta.

Os olhos verdes familiares se arregalaram, depois se voltaram para o dele e um pequeno pé chutou sua canela. Sean pegou o filho no meio de outro chute, jogou o menino no quadril e o deixou gritar ao fechar a porta.

— Você não é meu pai! Você não deveria estar aqui! Vá embora ou eu vou

te matar! —O menino lutou violentamente até ver a mãe, coberta até as axilas, na cama que haviam compartilhado, e ficou paralisado ao perceber que aquele estranho estivera na cama, nu, com a mãe e ela não se importara.

Antes que ele tivesse tempo de começar a gritar com ela, o estranho jogou-o na cama e berrou: — Fale baixo! Quer você goste ou não, sou seu pai e é melhor você começar a se acostumar com isso, porque eu vou estar por perto a partir de agora!

Olhos esmeralda brilhavam em rebeldia.

— Eu não vou! Eu te odeio!

— Vá em frente, me odeie, e eu continuarei amando você. De onde você acha que vem sua maldita teimosia? —A mandíbula de Sean quase tocou o queixo de seu filho enquanto eles olhavam um para o outro.

O irlandês, foi o primeiro para romper o impasse, agachou-se.

— Eu vou lhe dizer uma coisa. A tarefa de um pai e marido é amar, proteger e sustentar sua família, e até agora, você teve que tomar o meu lugar. Você fez muito bem e eu estou orgulhoso de você, mas como nunca mais posso ser um menino — por mais que eu goste — você ainda não é um homem, por mais que você queira.

— Você ama sua mãe, mas eu a amei primeiro. Ela pertence a você, mas primeiro ela pertenceu a mim. E você tem dormido em sua cama, mas eu dormi lá muito antes de você nascer.

Brendan ansiava por olhar para a mãe em busca de tranquilidade, mas era orgulhoso demais e estava com muito medo. Talvez ela não o quisesse agora que aquele homem tinha vindo. Por que ela não dizia alguma coisa?

Sean conhecia o medo que passava pela cabeça de seu filho, mas também sabia que precisavam chegar a um entendimento claro.

— Só porque você e eu tomamos nossos devidos lugares em sua vida não muda o modo como sua mãe nos ama.

Catherine tocou o ombro do filho.

— Seu pai está lhe dizendo a verdade, querido, e acredite em mim, ele te ama tanto quanto eu.

Brendan se virou, desconfiado, para olhá-la.

— Ele vai dormir na nossa cama com a gente?

— Os pais dormem juntos, querido, — ela disse suavemente. — Os filhos têm suas próprias camas. —Seus olhos se encheram de lágrimas, embora ele tentasse lutar contra elas na presença de outro macho.

— Isso não significa que você não pode se juntar a nós quando for convidado, — disse Sean.

Brendan observou a mão da mãe em Sean.

— Você quer mamãe. Você não me quer.

— Seu pai já foi tão ferido que queria morrer, Brendan — murmurou Catherine,— mas ele lutou para viver, numa batalha mais terrível do que qualquer outra que você sonhou, porque ele queria tanto ver você.

O garoto ficou sentado, rígido e desconfortável.

— Você se importaria de ir para a cama conosco por um tempo? — Catherine sugeriu. — Eu percebo que tudo isso é repentino e você pode querer falar um pouco.

— Não, — disse Brendan, franzindo o nariz e começando a escorregar da cama. — Você está toda fedorenta.

Uma mão gentil, mas firme em seu ombro parou seu deslize.

— Você não foi devidamente dispensado ainda.

O menino corou.

— Posso ir, senhor?

— Sim.

Depois que a porta se fechou, Sean olhou para Catherine.

— Ele se ressentia tanto quanto eu me senti de seu homônimo. Eu nunca mudei.

Ela pegou o rosto dele nas mãos e o beijou.

— Graças a você, seu filho é apenas um garotinho assustado. Ele nunca conheceu os horrores que você enfrentou. Você foi forçado a se tornar um homem quando conheceu Brendan pai. — Ela sorriu. — Além disso, você não se ressentiu de Brendan por te chutar para fora da cama de sua mãe, mas foi ela quem saiu da dele. — Seus olhos se arregalaram com ferocidade falsa. — E ninguém vai me tirar da sua, mesmo o nosso filho.

— Estou surpreso que você não tenha ficado do lado dele quando eu estava gritando com ele.

— Você estava do lado dele. Como eu poderia?

— Eu te amo, — ele disse com voz rouca.

— Isso é bom, — ela murmurou. — Agora pare de se preocupar e me lembre o quanto.

Enquanto a lua se elevava sobre os campos, Brendan estava tenso de excitação por sua primeira aventura real fora dos muros do convento e um pouco assustado, especialmente depois de ver a pistola e o sabre no cinto de seu pai e sua mãe em uma túnica e calças orientais. Ela carregava uma pistola como a do pai dele. Ele deveria ter uma também? Mas não, depois que seu pai abraçou a irmã Marie Angélique bem debaixo do nariz da Reverenda Madre, seus pais o levaram aos cavalos: o enorme deve ser o famoso Mephisto. Seu coração bateu.

Então, incrivelmente, seu pai o colocou nas costas do grande cavalo. Ele agarrou o pomo quando a cabeça do negro serpenteou ao redor.

O irlandês manteve um braço ao redor do filho e acariciou o nariz do cavalo.

— Calma rapaz. — O negro acariciou a mão do mestre. Sean deu a Brendan um pedaço de açúcar. — Alimente-o e ele será seu amigo. Estenda a mão.

Brendan olhou Mephisto e trêmulo estendeu a palma da mão. Quando os dentes grandes se mostraram brevemente em um beliscão no doce, ele fechou os olhos com força.

— Muito bem. Você pode acariciá-lo agora. O menino acariciou desajeitadamente, depois olhou para o pai.

— Você vai montá-lo comigo?

— Não, ele tem um machimbo dolorido. Ele não será capaz de carregar um homem por mais alguns dias. Eu vou caminhar ao lado enquanto se acostumam um com o outro.

Enquanto Sean empurrava Mephisto para uma caminhada, Brendan olhava fixamente para sua casa em retirada.

— Onde estamos indo? — ele perguntou tremulamente.

— Para o mar e um navio. Ele está esperando em um canal escondido.

— Um navio pirata? — respirou o menino.

— Alguns a chamariam assim.

Brendan esqueceu seu nervosismo e cutucou com insistência: — Você me deixará navegar?

— Sim, mas a princípio, você aprenderá em um barco com o dobro de tempo que aprender a cavalgar em Mephisto.

Pouco depois, Brendan assentiu com cada passo do cavalo pelos campos iluminados pela lua e vinhedos cercados por bosques. Ele começou a deslizar pela sela para os braços de Sean.

Catherine pegou as rédeas de Mephisto enquanto Sean colocava o menino à sua frente no azalão.

No sono, o corpo pequeno estava quente e relaxado contra ele e, timidamente, ele tocou o cabelo do menino. A boca parecia familiar: talvez a de William Fitzhugh. Seus próprios lábios já tiveram essa sensibilidade fina? Que bastardo cauteloso, de sangue frio, ele tinha sido. Ele sabia agora como Brendan Culhane e Lockland Fitzhugh deviam ter se sentido, esperando por uma resposta que nunca chegara. Fitzhugh era o melhor homem que conhecera ao lado de Brendan. Ele sorriu, lembrando-se da indominabilidade de Fitzhugh; talvez sua própria teimosia não tenha se originado da estirpe de O'Neill, afinal de contas. Se ele pudesse apenas esperar pelo respeito de seu filho, ele tentaria

ganhá-lo e nunca permitiria que o garoto visse sua dor.

Então Catherine bagunçou seus cabelos, seu rosto luminoso com algo mais do que a luz do luar.

— Eu te amo com todo o meu ser, — ela disse calmamente, — mas estou feliz que meu amor não seja mais suficiente para você. — Ela se inclinou e tocou seus lábios, assim como os do filho, depois os beijou tão docemente que sua tristeza passou.

Abruptamente, o momento foi quebrado por um som fraco vindo de um bosque de árvores à frente. Ambos controlaram seus cavalos.

— Lá está de novo. Um grande, — Catherine sussurrou.

— Provavelmente é a lavagem de ondas contra o casco da Sylvie. Eu verei. Leve Brendan. — Sean deu-lhe o menino. — Se você ouvir um tiro, deixe Mephisto e o alazão irem, então corra como o inferno. Nós temos um filho agora. Promete.

— Eu prometo.

Como um fantasma ao luar, ele partiu em seu cavalo. Ela esperou, fria até os ossos, apesar do ar ameno da noite. Apertou os braços em Brendan e das rédeas enquanto fazia uma prece silenciosa: — Agora não, Deus. Não quando ele tem a chance de ser feliz.

Brendan se mexeu.

— Onde está o papai?

— Ele está certificando-se de que o navio está esperando.

— Você está com medo de que ele não volte?

— Você está?

Sonolento, ele considerou.

— Não se eu disser a Deus que eu gosto dele. Ele não é tão mau quanto parece.

E seu coração não é a cidadela teimosa, meu doce, sua mãe silenciosamente notou como ele calmamente voltou a dormir. Então, Sean estava levantando Brendan...

— A Sylvie está esperando e pronta para levantar âncora. Entregue-me o freio de Mephisto. Nós amarraremos os outros.

Momentos depois, com Mephisto fazendo barulho na prancha atrás deles, eles embarcaram na escuna. Seus decks e tintas cintilavam sob os mastros com armadilhas que subiam pelas sombras negras das árvores que pairavam sobre o riacho. Homens moviam-se rapidamente nos conveses. Depois de apresentar Catherine ao espantado capitão Shannon, Sean levou Brendan e ela para sua cabine.

— O bisavô de Brendan não podia entrar em uma escuna sem ficar verde,

— ele falou. — Vamos torcer para que ele não tenha herdado esse hábito. — Ele mordeu a orelha dela e ela gritou. — Provavelmente ele é um moleque brincalhão. Como vou lidar com um primeiro oficial tão apaixonado por minha mulher que ele pode ordenar colocar a minha própria cabeça ao mar como âncora?

— Oh? O senhor Shannon me pareceu bastante sensato. — Catherine ignorou o olhar cético do marido.

A carpintaria branca da cabana foi construída por postes envernizados de mogno e acessórios de latão. Vigias estavam abertas para o ar noturno do riacho. Catherine ouviu a água bater no casco e um roce rítmico dos remos.

— Nós já estamos nos movendo.

— Sim, um escaler está nos levando para fora do riacho. — Sean amarrou uma rede nas engrenagens, depois acrescentou cobertores e enfiou o filho nela. — Ele tem um brinquedo?

Catherine tirou o macaco surrado de Brendan da funda improvisada no ombro dela.

— Algumas das marcas dos dentes são minhas quando ele estava nascendo; as outras são de sua dentição. Ainda é seu brinquedo favorito, embora ele durma com isso porque é mais macio. — Ela tirou um coelho de pelúcia sujo.

Sean encaixou o coelho no braço de Brendan e depois passou o polegar pelas marcas de dentes no macaco. Ele puxou Catherine para seus braços e segurou-a com força.

— Eu tenho que ir para o topo. Durma um pouco. Volto assim que puder.

Ela hesitou.

— Eu suponho que mulheres não são permitidas no tombadilho.

— É meu tombadilho superior. — Ele a beijou levemente, então completamente até que ela estava toda macia em seus braços. — Isso é para manter seu pó seco.

Seus dedos roçaram sua virilha e ele recuperou o fôlego.

— Isso é para mantê-lo preparado para o fogo, — ela murmurou.

Enquanto subia ao tombadilho, Sylvie saiu mansamente do riacho. A costa rochosa da França se espalhava em ambos os lados da popa, a prata derretida do mar abaixo de uma névoa lunar que desvanecia as estrelas. A noite dificilmente era primordial para iludir as patrulhas costeiras. O escaler afrouxou ao lado, descarregou e foi transportado a bordo.

Shannon saudou.

— Ela é toda sua, senhor.

— Obrigado, senhor Shannon. — De olho nas velas, Sean girou a roda e ditou ordens ao primeiro imediato. O homem decolou para retransmitir

silenciosamente o número e a ordem das velas. Em silêncio virtual, as velas subiram em cabrestantes fortemente engordurados, com um ruído surdo e depois estalaram. A Sylvie se encolheu ao vento, borrifando-se sobre seus arcos.

— Sob toda a vela, ela deve ser ainda mais rápida que a Megan! — Catherine respirou admirada em seu ombro.

— Ela tem que ser rápida. Nós não carregamos armas para lutar uma batalha campal.

Dois homens, cada um com um telescópio amarrado ao ombro, subiram correndo os mastros. Enquanto os vigias examinavam o horizonte em busca de navios, Sean e Shannon conferiram as mudanças de maré nos baixios locais, ajustando os cálculos pelas sondagens de profundidade suavemente ditadas por um marinheiro — empoleirado no gurupés. Finalmente os campos estavam limpos, e Shannon relaxou um pouco quando Sean sinalizou para que todas as velas fossem colocadas. Uma vez que os cardumes traiçoeiros foram passados, a tripulação voltou a rotina enquanto, acima deles, os mastros com suas minúsculas cabines para humanos cravavam a lua minguante. Por fim, a costa da França se fundiu no rastro cintilante atrás deles. Ao leme, Sean enrolou Catherine na curva de seus braços.

— Agora que você tem o amor de sua lady, — Catherine brincou, — eu me pergunto como você vai me controlar. O convento não foi uma cura; eu ainda sou indisciplinada.

— Eu quero ser sincero, madame. A única maneira de um homem sensato ter paz com uma mulher independente é amá-la e estar pronto para pegar seus calções emprestados quando os seus caírem.

— Ah você! — Ela tentou se contorcer dos braços dele; então seus lábios começaram a se curvar em um lento e apreciativo sorriso. — Beije-me, seu imbecil arrogante, enquanto eu furto seu cinto também.

Fim

NOTAS

[1]Pantaletas são roupas de baixo cobrindo as pernas usadas por mulheres, meninas e meninos muito jovens no início a meados do século XIX.

[2]Ondina ou ondim é um espírito da natureza que vive em rios, lagos e mares. São elementais da água. É uma espécie de sereia ou tágide, um gênio do amor, uma figura da imaginação poética. As ondinas aparecem em obras como "A Ondina do Lago", de Teófilo Braga ou nas poesias de Louis de Camões

[3] Animal - deitado com o corpo apoiado nas pernas e a cabeça erguida.

[4] Pés descalços e Índio.

[5]As banshee provêm da família das fadas, e é a forma mais obscura delas. As banshees eram como seres que previam a morte, seu grito poderia ser ouvido a quilômetros de distância, e poderia estourar até mesmo um crânio. As banshees resumidamente eram consideradas mensageiras da morte, algo sobrenatural.

[6]Figura mitológica do folclore da Irlanda, o leprechaun é apresentado como um diminuto homem, medindo 30 a 50 cm de altura, sempre ocupado a trabalhar num único pé de sapato no meio das folhas de um arbusto ou "sob uma folha de labaga.

[7]je ne peux pas. Je t'en pris...Eu não posso. Eu te levo ...

[8]Lh... acendeu C'est tout Ça va ma intenani – lê está tudo bem não foi intencional.

[9] Planta bulbosa de flores vermelhas.

[10]Drumlin , colina oval ou alongada que se acredita ter sido formada pelo movimento aerodinâmico das camadas de gelo glacial através dos detritos de rochas , ouaté . O nome é derivado da palavra gaélica druim ("colina arredondada" ou "monte") e apareceu pela primeira vez em 1833.

[11]Dogcart - uma charrete puxada por cavalos, de duas rodas, com assentos cruzados para trás, originalmente incorporando uma caixa sob o assento para os cães dos esportistas.

[12] Mãe-mãe em gaélico.

[13] Whig e Tory – partidos políticos.

[14] Novos ricos.

[15] Objetos de arte.

[16] Da – pai.

[17] ri eireanne – O rei da Irlanda.

[18] Pão duro seco ou biscoito, especialmente como rações para marinheiros.

[19] Saúde.

[20] Que deusa cruel.

[21] Condessa.

[22] Não é isso?

[23] É maravilhoso.

[24] Que cinismo, é uma pena.

[25] Como quiser, senhorita. Em guarda.

[26] Uma dança francesa.

[27] Regalo – um acessório de pele para as mão parecendo um puf.

[28] Longarina - (poste), ao longo do pé de uma frente e para trás manipuladas vela , que melhora muito o controlo do ângulo e da forma da vela.

[29] uma corda em um veleiro que leva para baixo e para trás a partir da parte superior ou superior de um mastro.

O comprimento de âncora de 7,5 m de comprimento é composto por uma viga de caixa central de 10 m de largura e 9 m de profundidade, que abriga ancoradouros para os atrasos.

[30] Ma pauvre petite – Minha pequena pobrezinha.

[31] peau de soie – tecido de seda brilhante com refinado acabamento.

[32] Pantaletas são roupas de baixo cobrindo as pernas usadas por mulheres, meninas e meninos muito jovens no início a meados do século XIX. Pantalettes originou na França no início do século 19, e rapidamente se espalhou para a Grã-Bretanha e Améric

[33] Madame o senhor está aqui.

[34] Porco assado.

[35] cachée poussée – impulso escondido.